

CONN IGGULDEN
CHARLAINE HARRIS
DIANA GABALDON
GLEN COOK
PATRICIA BRIGGS
S.M. STIRLING
& GRANDES AUTORES

GEORGE R.R. MARTIN

APRESENTA OS AUTORES BEST-SELLERS DO NEW YORK TIMES EM

RUAS ESTRANHAS

UMA COLETÂNEA DE 16 HISTÓRIAS DE FANTASIA URBANA

COEDITADA POR
GARDNER DOZOIS





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Ficha Técnica

Copyright © 2011 by George R.R. Martin e Gardner Dozois

Copyright © 2012 desta edição Casa da Palavra

Publicado sob acordo com a Berkley Publishing Group, uma empresa da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Coordenador do selo Fantasy

Raphael Draccon

Editora de textos

Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente

Marina Boscato Bigarella

Copidesque

Adriana Alves

Barcímio Amaral

Simone Campos

Suelen Lopes

Revisão

Natalia Klussmann

Capa e projeto gráfico

Rico Bacellar

Foto de capa

Kentaro Kanamoto

www.kentarokanamoto.com

www.dustthefilm.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R822

Ruas estranhas / editado por George R.R. Martin e Gardner Dozois ; tradução Alexandre Martins. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

Tradução de: Down these strange streets

ISBN 9788577343225

1. Ficção fantástica americana. I. Martin, George R. R., 1948-. II. Dozois, Gardner R. III. Martins, Alexandre

12-2148. CDD: 813

CDU: 821.134.3(81)-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 1001, Centro

Rio de Janeiro RJ 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461 divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

*Para nosso amigo Jack Dann, que
percorreu ele mesmo algumas ruas
bastante estranhas*

O bastardo

Há hoje um garoto novo nas prateleiras das livrarias. Com maior frequência, ele pode ser encontrado nos fundos, na seção de ficção científica e fantasia, caminhando com certa insolência entre as histórias épicas, as *space operas*, as narrativas de espada e feitiçaria e as distopias ciberpunk. Algumas vezes dá um passo à frente para passar um tempo com os best-sellers. Eles o chamam de “fantasia urbana”, e nos últimos anos tem sido o gênero mais quente do mercado editorial.

O termo “fantasia urbana” não é novo, verdade seja dita. Houve outro gênero com esse nome nos anos 1980; parecia envolver sobretudo elfos tocando em bandas de rock e pilotando motocicletas por paisagens urbanas – geralmente Minneapolis ou Toronto, cidades muito legais.

A nova fantasia urbana pode ter algum parentesco com aquela variedade dos anos 1980, mas nesse caso o parentesco é distante, pois o garoto novo é um bastardo. Ele mora em ruas muito mais miseráveis e sujas do que aquelas que seu primo percorria, em Nova York, Chicago, Los Angeles e cidades sem nome onde o sangue escorre pelas sarjetas e os gritos na noite abafam a música. Talvez ainda haja alguns elfos na área, mas nesse caso eles provavelmente são viciados em apostas de corrida de cavalos, cocaína ou drogas mais fortes, ou talvez sejam elfas prostitutas exploradas por um lobisomem cafetão. Esses seres sanguinários estão por toda parte, embora na verdade sejam os vampiros que mandam na cidade. E não se esqueça de zumbis, espíritos, demônios, feiticeiras e feiticeiros, incubos e súcubos e todas as outras nojentas e repulsivas criaturas da noite. (E pior, aquelas que não fazem ruído algum.)

Tente ser policial em uma cidade assim.

Tente ser detetive particular.

A fantasia urbana de hoje é fruto de dois gêneros mais antigos. O horror é a mãe que o pariu. (E, por favor, é horror; não me venha com uma baboseira do tipo “fantasia soturna”, essa não passa de uma tentativa pobre de revestir de respeitabilidade o crânio sorridente de um gênero cujas raízes remontam aos melodramas e ao teatro Grand Guignol.) Os vampiros, lobisomens, fantasmas e

demônios que percorrem os becos da fantasia urbana de hoje surgiram nos guetos do horror, tendo recebido forma e voz de Bram Stoker, Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft e da geração de escritores que seguiu seus passos distorcidos e deformados.

O pai da fantasia urbana de hoje é a história de mistério. E não qualquer tipo de história de mistério. Não faz parte da herança a história de identificação confortável, em que velhinhas descobrem quem matou o vigário na sacristia sem usar qualquer arma além de um lenço rendado. Não, estamos falando de *noir*, estamos falando de coisas fortes, cruas e sujas. Os ancestrais de Harry Dresden, Anita Blake, Rachel Morgan, Mercy Thompson, Jayné Heller e o restante daquele bando durão de caçadores de demônios e matadores de vampiros que habitam os becos e travessas da fantasia urbana podem ser encontrados em Sam Spade, Lew Archer, Travis McGee, Mike Hammer e Race Williams. E, claro, Philip Marlowe, o icônico detetive particular de Raymond Chandler.

Em seu ensaio clássico na *Atlantic Monthly*, “The simple art of murder”, Chandler escreveu: “Por essas ruas ignóbeis tem de seguir um homem que não é ele mesmo ignóbil, que não é corrompido nem tem medo. O detetive tem de ser um homem completo e um homem comum, mas ainda assim, um homem incomum.”

Os heróis e heroínas da fantasia urbana se encaixam perfeitamente na receita de Chandler. Embora eu suponha que até o próprio Marlowe ficaria surpreso com como alguns deles podem ser incomuns. Ou talvez não.

Verdade seja dita, o investigador particular de Chandler e Hammett e seus sucessores têm mais em comum com os vampiros e lobisomens da ficção de horror que com a maioria das investigações particulares da vida real. Enquanto seus equivalentes ficcionais estão solucionando assassinatos, desmontando tramas e caminhando por bairros ruins onde nem mesmo os policiais ousam entrar, os detetives particulares da vida real passam os dias documentando adultérios para advogados de divórcios vulgares, lidando com segurança empresarial, espionagem industrial e investigando fraudes em seguros. Os escritores de fantasia urbana estão dando um passo além. Sam Spade tem mais em comum com Harry Dresden do que qualquer um deles tem com as pessoas que você encontra relacionadas na seção “Investigadores particulares” das páginas amarelas.

Raymond Chandler também escreveu: “O detetive particular da ficção é uma criação fantástica que age e fala como um homem real. Ele pode ser totalmente realista em todos os sentidos, menos um, o de que na vida como a conhecemos

um homem assim não seria um detetive particular.”

Os heróis da fantasia urbana saem do mistério policial, enquanto os vilões, monstros e antagonistas têm suas raízes no horror clássico. Mas é a combinação que dá sabor a esse gênero. A ficção de horror é mergulhada em escuridão e medo, ambientada em um hostil universo lovecraftiano impossível de os homens compreenderem, um mundo onde, como sugeriu Poe, no final, a morte tem o domínio de tudo. Mas a ficção de detetive, mesmo do tipo sinistro, duro, calejado, tem a ver com racionalidade; o mundo pode ser negro, mas o detetive é o portador da luz, um agente da ordem e, claro, da justiça.

Você pensaria que esses dois nunca poderiam se encontrar. Mas os bastardos conseguem quebrar todas as regras, e isso é metade de seu encanto. O convencional não se aplica nas histórias deste livro.

Pense, por exemplo, em um caso em que um corpo é encontrado com todo o sangue drenado.

Se o leitor se depara com essa situação em um romance de horror, sabe imediatamente que há um vampiro se escondendo em algum lugar. Os policiais podem ou não compreender isso, dependendo do mundo no qual a história é ambientada, mas o leitor conhece a resposta: o livro tem HORROR escrito na lombada.

Mas se o leitor se depara com situação idêntica em um romance de mistério, bem, ele sabe que definitivamente não é um vampiro, não importa o que pareça. Algum assassino psicopata que se acha um vampiro é o mais longe que irá qualquer romance de mistério “realista”.

Nos dois casos, as expectativas do gênero definem e moldam nossa experiência de leitura e colore o modo como entendemos os acontecimentos da história.

É apenas quando o bastardo sobe ao palco que há verdadeira incerteza. Agora estamos lidando com uma forma híbrida: parte fantasia, parte mistério. Todas as convenções têm de ser questionadas. De repente o enigma é novamente um enigma. Talvez seja um vampiro, talvez um psicopata, talvez nada disso, talvez ambos, talvez algo totalmente diferente. Melhor continuar lendo para descobrir.

“Melhor continuar lendo para descobrir” são as palavras mais doces que qualquer escritor pode ouvir.

Claro que os escritores de fantasia urbana de hoje não são de modo algum os primeiros a cruzar a história clássica de detetive particular com fantasia e horror. O próprio Poe fez isso, com aqueles assassinatos na rua Morgue. Arthur Conan Doyle confrontou Sherlock Holmes com o *Cão dos Baskerville*. E embora, no

final, o cão não se mostre mais sobrenatural que Lassie, todo o *frisson* da história vem da possibilidade de que ele seja algo muito mais soturno e assustador.

E há Robert A. Heinlein, o mais improvável de todos os escritores de fantasia urbana. Mas o que mais pensar de minha história preferida de Heinlein, *The unpleasant profession of Jonathan Hoag*, em que o tímido Hoag contrata um casal de detetives para investigar o que ele encontra sob as unhas toda manhã quando acorda? É sangue ou... outra coisa?

(Não vou estragar a história contando a vocês.)

Essa é a parte boa deste bastardo. As ruas pelas quais ele anda são tão sinistras quanto aquelas que Spade e Marlowe percorreram, porém consideravelmente mais estranhas. E podem levá-lo a qualquer parte. Como o livro que você tem em mãos mostrará.

Meu cúmplice Gardner Dozois e eu não nos limitamos a um único gênero ao selecionar essas 16 histórias. Em vez disso buscamos escritores de fantasia urbana, romances de mistério, policiais... e alguns dos maiores nomes da fantasia urbana contemporânea. Tudo o que pedimos a eles foi que o conto envolvesse um detetive particular e um caso com um tom fantástico, fosse real ou... nem tanto. Seja você fã de ficção de mistério, fantasia urbana, horror ou ficção científica, encontrará alguns de seus escritores preferidos nas páginas a seguir. E outros escritores dos quais talvez nunca tenha ouvido falar, e que achamos que apreciará tanto quanto. Então, venha percorrer estas ruas estranhas conosco e vejamos onde elas terminam.

George R.R. Martin

Morte por Dahlia

CHARLAINE HARRIS

Frequentedora da lista de mais vendidos do *New York Times*, Charlaïne Harris é autora da popular série Sookie Stackhouse, sobre as aventuras de uma garçõete telepata em uma pequena cidade do sul dos Estados Unidos; série que inclui *Dead until dark*, *Living dead in Dallas*, *Club dead*, *Dead to the world* e sete outros. Os romances de Sookie também foram adaptados para uma popular produção da HBO chamada *True Blood*. Para satisfazer a curiosidade dos fãs, Harris editou um guia da série Sookie, *The Sookie Stackhouse companion*. Harris também é autora da série paranormal em quatro volumes Harper Connelly (*Grave sight*, *Grave surprise* e dois outros), bem como de duas séries de mistério, Aurora Teagarden, em oito volumes (composta de *Real murders*, *A fool and his honey*, *Last scene alive* e cinco outros, recentemente reunidos em *The aurora teagarden mysteries omnibus 1* e *The aurora teagarden omnibus 2*), e a série em cinco volumes Lily Bard (composta de *Shakespeare's landlord*, *Shakespeare's champion* e três outros, recentemente reunidos em *The Lily Bard omnibus*), bem como dos romances isolados *Sweet and deadly* e *A secret rage*. Ela também organizou as antologias *Crimes by moonlight*, e, com Toni L. P. Kelner, *Many bloody returns*, *Wolfsbane and mistletoe*, *Death's excellent vacation* e *Home improvement: undead edition*. Seu romance mais recente é um novo da série Sookie Stackhouse, *Dead reckoning*.

Aqui ela nos leva, na companhia da poderosa vampira Dahlia Lynley-Chivers, a uma grande festa de várias criaturas da noite na qual os festejos se tornam um pouco mais violentos e mortais do que até mesmo Dahlia poderia imaginar.

Dahlia Lynley-Chivers havia sido uma mulher de altura mediana em sua época. Sua época passara havia séculos e nos Estados Unidos modernos ela era considerada uma mulher bastante baixa. Como Dahlia era uma vampira e conhecida como lutadora maldosa, mesmo entre aqueles como ela, costumava

ser tratada com respeito apesar de sua carência de centímetros e sua constituição delicada.

– Você tem o rosto de uma rosa – disse seu possível doador de sangue, um belo humano corpulento na casa dos 20 anos. – Veja, minha pequena dama, vou me agachar para que você me alcance. Quer subir num banquinho? – continuou, rindo, definitivamente como a hiena Hardy.

Se seu comentário divertido sobre a altura de Dahlia não tivesse sido precedido por um elogio, ela teria quebrado suas costelas e o deixado seco. Mas Dahlia gostava de elogios. Ele, porém, teria de suportar algumas consequências pela pretensão.

Dahlia lançou ao jovem um olhar tão feroz que ele ficou quase tão branco quanto a própria Dahlia. Depois, ela deu um explícito passo para a esquerda abordar o doador desocupado seguinte, uma suburbana loura não muito mais alta que Dahlia. A mulher abriu os braços para receber a vampira, como se isso fosse um encontro, não uma refeição. Se Dahlia respirasse, teria suspirado.

Contudo, Dahlia estava com fome e já havia sido seletiva demais. O pescoço da mulher estava na altura certa e ela se encontrava inteiramente disposta, já que era registrada na agência de doadores. Dahlia mordeu. A mulher se contorceu quando as presas penetraram a pele, então Dahlia, por consideração, lambeu um pouco a ferida para anestesiar a área. Sugou com força, e a mulher se contorceu de modo diferente. Dahlia era uma consumidora educada, na maioria das vezes.

Os braços da loura apertaram Dahlia com força surpreendente e uma parte dos cabelos grossos, ondulados e escuros de Dahlia que cascadeavam quase até a cintura foram agarrados. A loura puxou ligeiramente os cabelos da vampira, mas não estava tentando afastar Dahlia, de modo algum.

Com sua idade, Dahlia não precisava beber muito de uma só vez (ou talvez de uma só mordida fosse uma frase mais adequada). Após alguns poucos goles prazerosos, a vampira estava satisfeita. Dahlia não queria ser egoísta, e consumira tão pouco que seria seguro a mulher doar novamente ali.

Dahlia deu uma última lambida e quando o ar tocou as marcas de furos no pescoço da mulher, seu coagulante natural entrou em ação quase instantaneamente. A loura pareceu desapontada por o encontro ter terminado e tentou segurar Dahlia. Com um sorriso duro, ela se afastou com um pouco mais de determinação. A doadora se virou para o vampiro seguinte na fila, que era Cedric. Ela teria de parar depois disso; a maioria das pessoas que gosta de ser mordida para se registrar na agência de doadores simplesmente não era inteligente sobre quando parar.

– Você poderia ter sido mais simpática – censurou Taffy, a melhor amiga de Dahlia. – Teria feito algum mal dizer à mortal como era boa?

Dahlia ignoraria qualquer outro que se arriscasse a dar conselhos daquela forma, mas Taffy era 200 anos mais nova que Dahlia. Elas eram as vampiras mais velhas do ninho e sua amizade sobrevivera a muitas provações.

Taffy havia sido praticamente uma amazona quando viva, e continuava uma mulher impressionante. Tinha 1,67m e muitas curvas. Seus cabelos claros explodiam em uma auréola emaranhada ao redor da cabeça e desciam abaixo dos ombros. O marido de Taffy, Don, era uma das provações a que haviam sobrevivido, e era em função das preferências de Don que Taffy usava maquiagem pesada e roupas justas. Ele achava que dava uma aparência imponente.

Don era um lobisomem. Seus gostos eram, na melhor das hipóteses, duvidosos.

Taffy acenou para Don, que estava na mesa do bufê. Lobisomens sempre tinham fome, e podiam beber álcool indefinidamente e depois comer novamente. Uma festa com comida e bebida liberadas era o paraíso para Don e seu novo executor, Bernie. Os dois lobisomens estavam aproveitando ao máximo, já que a política exigia que estivessem no ninho dos vampiros para celebrar a ascensão de Joaquin.

Dahlia percebeu Don e Bernie lançando olhares de desprezo para o grupo de doadores de sangue. Os lobisomens achavam que os humanos dispostos a dar sangue a vampiros eram da pior categoria. Qualquer lobisomem de respeito preferiria ter seu pelo raspado. Dahlia tinha certeza de que Don não se importaria de dar um gole a Taffy na intimidade. Pelo menos ela esperava que esse fosse o caso. Durante o breve casamento de Dahlia com o executor anterior, seu ex-marido não era avesso a um lanchinho.

Os demônios e meios-demônios estavam reunidos em um canto e caíram na gargalhada após uma fêmea muito magra ter dito algo. Dahlia procurou um meio-demônio rato de computador, a quem conhecia melhor que os outros. Com uma excitação de prazer, identificou a pele avermelhada e os cachos castanhos de Melponeu no meio do grupo. Seus olhos se encontraram. O meio-demônio e Dahlia trocaram sorrisos. Eles haviam passado noites memoráveis juntos no quarto de Dahlia no andar inferior da mansão. O brilho nos olhos claros de Melponeu disse a Dahlia que o demônio não se incomodaria de repetir a dose.

No final das contas, ela poderia extrair um pouco de prazer daquela noite tediosa.

Algumas criaturas que Dahlia não conhecia estavam espalhadas na multidão. Nenhuma fada, claro; os vampiros matavam de amor as fadas, literalmente. Mas estavam presentes outras criaturas, e uma feiticeira. Joaquin tinha fama de liberal, fizera a lista de convidados da festa e a apresentara a Lakeisha, que mantinha o cargo de assistente-executiva do xerife. Lakeisha não gostara de alguns dos nomes, mas obedecera sem comentários. Todos os vampiros estavam agindo com calma e cuidado até conhecer o caráter do novo líder. Como vivera sozinho fora do ninho até sua nomeação como xerife, Joaquin era um tipo desconhecido.

Enquanto Taffy pegava Dahlia pelo braço para levá-la até Don no bufê, Dahlia disse:

– Não estou me divertindo, embora devesse.

– Por que não? – perguntou Taffy. – Os humanos logo irão embora e poderemos ser nós mesmos. Não se pode dizer que foi inesperado. Cedric está cada vez mais fazendo as coisas a seu modo. Ele é preguiçoso, descuidado. Todo dia de colete. Tão datado. Não consegue sequer fingir ser deste século.

Como todos os vampiros de sucesso, Dahlia sabia que o segredo para sobreviver séculos era adaptação. E a adaptação mais óbvia era seguir as tendências em roupas e linguagem. Isso havia sido essencial quando vampiros existiam em segredo, para que pudessem se fundir à multidão tempo suficiente para abater sua presa. Vampiros eram uma presença cada vez mais comum nos negócios e na política, mas eles descobriram que a sociedade ainda os aceitava mais facilmente se imitassem americanos modernos. Também era verdade que velhos hábitos se tornavam difíceis de eliminar. Havia apenas seis anos que os mortos-vivos tinham se revelado, e para vampiros isso era menos que um piscar de olhos.

– Eu sabia que Cedric precisava ser substituído – disse Dahlia. – Não conheço bem Joaquin, e talvez esteja preocupada em como irá comandar, como será viver no ninho com ele aqui. Mas pelo menos teve uma ascensão bastante convencional.

– Foi dentro do padrão – concordou Taffy. – Logo os convidados terão ido embora e poderemos nos divertir. Estou satisfeita com os primeiros passos de Joaquin. A mansão está bonita, mais bonita do que no meu casamento.

Taffy bateu com a ponta da bota no piso de madeira recém-encerado. A sala de recepção, que era grande e cheia de móveis de couro escuros e tapetes espalhados, ficava nos fundos da mansão, voltada para o jardim. Taffy se casara naquele jardim em uma noite memorável. Embora o clima estivesse frio, a fonte

funcionava no pátio pouco iluminado do lado de fora das portas duplas. As luzes não precisavam brilhar; vampiros têm excelente visão noturna.

Dahlia sentia orgulho de a mansão, que abrigava o ninho de vampiros de Rhodes e era o quartel-general da área para todos os vampiros, estar encerada e reluzente, limpa e decorada. Contudo, o orgulho de Dahlia tinha um toque nostálgico. Embora durante décadas todos tivessem tentado convencer o velho xerife, Cedric, a colocar novos carpetes e a modernizar os banheiros, ela descobriu que sentia falta das antigas peças. Também sentia falta do antigo xerife. Talvez ele pudesse ser considerado uma peça ultrapassada.

– Vou falar com Cedric – anunciou Dahlia.

– Não é uma atitude inteligente, cara – alertou Taffy. Ela sempre tentava usar gírias atuais, embora algumas vezes errasse por cinco anos... ou dez.

– Eu sei.

O novo xerife certamente estava de olho para ver quem procuraria Cedric; mas Dahlia não tinha medo de Joaquin, embora o visse com certo respeito por seu estilo indireto. O afastamento de Cedric havia sido conduzido com uma espécie de elegância impiedosa. Cedric, ocupado com o que achava que seria seu cargo confortável para sempre, fora tolamente despreocupado e desatento.

– Encontro você mais tarde – disse a Taffy. – Talvez pare para trocar uma palavrinha com Melponeus.

– Brincando com fogo – comentou Taffy, dando um largo sorriso.

– Sim, fizemos isso da última vez.

Mesmo meios-demônios podiam produzir bolas de fogo. A lembrança provocou um sorriso em Dahlia, enquanto se aproximava do antigo xerife.

– Cedric – disse, inclinando a cabeça ligeiramente. Nem mesmo Dahlia ousava provocar Joaquin parecendo prestar homenagem a Cedric.

– Dahlia – respondeu ele, a voz carregada de melancolia. – Está vendo como o pavão se exhibe?

Joaquin, no centro de um grupo de vampiros, estava vestido para matar. Obviamente se sentia o rei do mundo na noite de sua ascensão. Tinha em sua mão magra e escura um cálice de Royalty (uma mistura do sangue de vários nobres europeus, que conseguiam manter abertos seus castelos em ruínas com o dinheiro que ganhavam furando as próprias veias). Sua artista preferida, Jennifer Lopez, tocava ao fundo. Ele vestia um terno cinza-escuro muito elegante com camisa de seda cinza-clara, e sua gravata carmim tinha um broche de pérola antigo. Ao redor de Joaquin se exibia Glenda, uma vampira dos anos 1920 que nunca havia sido a irmã de ninho preferida de Dahlia.

– Você poderia aprender um pouco disso, Cedric – observou ela. Cedric vestia calças castanho-amareladas e uma camisa de linho branca com colete florido, sua combinação preferida. Tinha muitas réplicas quase iguais das três peças penduradas em seu armário.

Cedric ignorou o comentário.

– Glenda parece bem – disse ele.

No passado, de tempos em tempos, Glenda ia ao quarto de Cedric, mais para manter o xerife calmo que por qualquer grande afeto. Dahlia com frequência vira os dois colhendo rosas no jardim da mansão à noite. Ambos haviam sido ardorosos cultivadores de rosas em vida, ou pelo menos Glenda dissera ter sido.

Glenda, que não tinha mais de 90 anos, de fato parecia muito tentadora naquela noite em um fino vestido de seda azul sem mangas, e absolutamente nada por baixo. Alisava a camisa de Joaquin com o ar de alguém que sabia o que havia sob a seda. Dahlia reconheceu ter certo apreço pela inteligência de Glenda.

– Você sabe que ela é um lixo – disse a Cedric.

– Mas um lixo delicioso.

Após jogar a cabeça para o lado e tirar do caminho seus longos cabelos claros, Cedric tomou um gole da garrafa de Red Stuff, uma marca barata de sangue sintético que os vampiros bebiam para fingir que não precisavam do produto real. Era pura pretensão; Dahlia vira Cedric se aproximar de um doador.

Red Stuff era muito diferente de Royalty em cálice de cristal. O bigode de Cedric se curvou para baixo e mesmo as flores e trepadeiras douradas da estampa do colete pareceram murchas.

Tendo servido a seu propósito, os doadores humanos estavam sendo conduzidos para fora da grande sala de recepção por um jovem vampiro sorridente. Eles seriam levados à cozinha, fariam um lanche, poderiam se recuperar de sua doação e, depois, seriam devolvidos ao ponto de encontro. Descobriu-se que esse era o método mais eficiente de lidar com os humanos enviados pela agência. Se não fossem conduzidos a cada passo, demonstravam uma tendência perturbadora a se esconder na mansão, para poder doar repetidamente. Alguns vampiros não tinham força de vontade suficiente para resistir, e então... Havia doadores mortos e uma indesejada atenção da polícia.

O único doador a ficar na sala foi o jovem que irritara Dahlia. Parecia estar fazendo o mesmo com Don, marido de Taffy, líder da matilha de Rhodes. Isso provava sua estupidez. Dahlia se virou novamente para Cedric.

– Você vai continuar no ninho? – perguntou. Estava muito curiosa. Caso se visse na posição de Cedric, faria as malas no segundo em que o rei escolhesse

Joaquin.

– Vou achar um apartamento em algum lugar mais cedo ou mais tarde – disse Cedric com indiferença, e Dahlia achou que isso ilustrava com perfeição as falhas dele como líder.

Embora tivesse sido um xerife dinâmico em seu auge, Cedric gradualmente se tornara lento. E essa era a forma mais gentil de definir. Indolência e insuficiência, contaminando as determinações e decisões de Cedric ao longo das décadas, haviam sido sua ruína. Não fora surpresa para ninguém, além dele mesmo, que tivesse sido desafiado e afastado. Para os vampiros mais novos, a única surpresa fora ele ter sido escolhido para o cargo.

– A situação não irá mudar – disse Dahlia. Cedric seria motivo de escárnio se mantendo melancolicamente na mansão durante o reinado de Joaquin. – Estou certa de que você poupou dinheiro durante seu período no cargo – acrescentou, para encorajá-lo. Afinal, todos os vampiros que viviam no ninho contribuíam para a conta bancária do xerife, assim como os outros vampiros de Rhodes que preferiam viver sozinhos.

– Não tanto quanto você imagina – argumentou Cedric, e Dahlia não conseguiu reprimir um pequeno gesto de irritação. Sua simpatia em relação ao ex-xerife se esgotara. Ela se desculpou.

– Melponeus pediu para falar comigo – mentiu.

Cedric a dispensou com um gesto de mão que era um fantasma de sua antiga graça.

Enquanto Dahlia cruzava o carpete na direção do grupo de demônios, em nada atrapalhada por seus saltos muito altos, olhou para trás e viu Cedric abrindo a porta do *hall* que levava à cozinha. Ele entrou acompanhado de Taffy e Don. Glenda chamou “Taffy!” e foi atrás deles.

Então Dahlia parou na frente de Melponeus, com os demônios amigos dele abrindo caminho rapidamente. Embora, por natureza, Dahlia fosse uma mulher direta, também era inacreditavelmente consciente de sua própria dignidade e não se incomodou com a malícia nos sorrisos que os amigos do demônio lançavam para ela. O próprio Melponeus certamente sabia disso. Após uma conversa muito rápida, ele levou Dahlia para uma área vazia.

– Peço desculpas por meus amigos – disse ele instantaneamente. Dahlia forçou seu rostinho rígido a relaxar e parecer um pouco mais receptivo. – Eles veem uma mulher adorável como você e não conseguem controlar suas reações.

– Você aparentemente consegue – rebateu Dahlia, apenas para constranger Melponeus. Ele a conhecia melhor do que ela imaginava, pois após um instante

de explicação confusa, riu. Eles tiveram alguns momentos ótimos com preliminares verbais, depois dançaram.

– Talvez mais tarde... – começou Melponeus, e foi interrompido por um grito.

Gritos não eram algo incomum no ninho dos vampiros, mas como aquele foi dado no meio de uma ocasião social importante, atraiu atenção total. Todas as cabeças se viraram para o lado leste, na direção da ala ocupada pela cozinha.

– Não se mexam – determinou Joaquin para deter a multidão que avançava em direção ao tumulto. De certa forma, para surpresa de Dahlia, todos o obedeceram. Ela achou isso interessante.

Ainda mais interessante foi o fato de que Joaquin vasculhou a multidão antes de seus olhos encontrarem os dela.

– Dahlia – disse –, leve Katamori com você e descubra o que aconteceu.

Katamori havia sido uma espécie de policial, dois séculos antes.

Dahlia teve de se esforçar para manter uma expressão neutra.

– Sim, xerife – respondeu, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Matsuda Katamori, um vampiro que tinha um apartamento perto de Little Japan. Katamori, que parecia tão surpreso quanto Dahlia por ter sido escolhido, deslizou para o lado dela imediatamente. Foram até a porta que levava à cozinha da mansão.

Não era um espaço amplo, e o carpete havia sido colocado para abafar os sons, não para embelezar. Os dois vampiros estavam alertas enquanto percorriam silenciosamente a passagem para a cozinha. A porta de vaivém estava aberta.

Quando a mansão havia sido erguida no começo dos anos 1900, o construtor não podia imaginar que a cozinha seria usada por quem não comia. O piso de cerâmica branca e os enormes utensílios haviam sido preservados, e até mesmo atualizados uma ou duas vezes no século anterior. Quando Cedric comprara a mansão por uma pechincha (havia encanto envolvido), deixara a cozinha como se ainda fosse necessária para preparar um banquete. Normalmente as peças de aço inoxidável brilhavam sob as luzes suspensas do teto alto.

Naquele momento o aço inoxidável estava coberto de vermelho. O cheiro de sangue era opressivo.

De onde estavam, pouco depois da porta, Dahlia e Katamori não podiam ver o corpo por causa da comprida mesa de madeira colocada no centro do aposento, mas sem dúvida havia um corpo ali. A única coisa viva na cozinha era um dos meios-demônios, uma garota magricela que Dahlia nunca vira. A garota estava de pé absolutamente imóvel, muito perto do cadáver, se a avaliação de Dahlia estava correta, com as mãos erguidas no ar. Esperta.

Dahlia gostou do cheiro de sangue, mas preferia seu sangue fresco e de uma fonte viva, como todos os vampiros, exceto alguns raros perversos. Depois que o sangue deixava o corpo vivo por mais de dois minutos perdia muito de seu aroma provocante, pelo menos para o olfato de Dahlia. Pela delicada contração nas narinas de Katamori, ele pensava da mesma forma.

Os pés da garota estavam ocultos pela velha mesa de madeira, originalmente projetada para as refeições dos empregados e a preparação de comida. O cheiro do sangue, no entanto, emanava do espaço ao redor dela, e o vermelho alcançava o forno e a geladeira reluzentes na parede do lado sul. Ela estava de pé exatamente em frente à geladeira.

A meio-demônio abriu a boca para falar, mas Dahlia ergueu a mão. A garota fechou a boca no mesmo instante.

– Parte desse sangue é seu? – perguntou Dahlia.

A garota balançou a cabeça negativamente.

Dahlia e Katamori se entreolharam. Dahlia não precisava erguer muito os olhos para encontrar os dele. Ele esperou instruções. Ela era a vampira sênior. Gostou muito desse reconhecimento silencioso. Dahlia disse:

– Eu vou pela direita, você pega a esquerda.

Ela não conhecia muito sobre Katamori, porém sabia que sua reputação de combatente era quase tão formidável quanto a dela mesma.

Sem uma palavra, o vampiro japonês começou a contornar o lado norte da mesa, com olhos, ouvidos e nariz atentos. A parede norte tinha janelas enormes, naquele momento estavam negras. O efeito era desagradável, como se a noite observasse a cena na cozinha, mas Dahlia não seria distraída por qualquer perturbação noturna. Ela era a coisa assustadora.

Começou a contornar a mesa pelo lado sul. Os fornos e fogões, uma mesa de preparação de aço inoxidável com potes e panelas em uma prateleira inferior, e uma geladeira industrial e um freezer tomavam a parede. Alguns passos revelaram a cena do crime. A garota meio-demônio estava em pé absolutamente imóvel no limite da poça de sangue que escorrera da vítima. Dahlia capturou o quadro geral e depois começou a prestar atenção nos detalhes.

O cadáver era do jovem que a irritara, o doador humano que vira pela última vez falando com Don. A traqueia do homem havia sido arrancada. Dahlia vira coisas muito piores em sua longa existência, no entanto ficou irritada com o desperdício de sangue.

A meio-demônio não tinha uma gota de sangue a não ser nos sapatos, que eram Converse vermelhos de cano longo, um pouco mais escuros junto às solas

de borracha. Dahlia ergueu suas delicadas sobrancelhas negras e olhou para o outro lado do aposento.

– Katamori? – chamou.

– Muitas pessoas passaram – respondeu ele.

Pela resposta lacônica Dahlia entendeu que ele não encontrara nada tangível do seu lado do aposento, mas que farejara complexas trilhas de cheiros. Isso fazia sentido. O lado norte da cozinha era o caminho natural a pegar para chegar à porta no extremo oposto do cômodo comprido, que levava a uma antessala com cabides para roupas de inverno e de jardinagem. Do outro lado da antessala, uma porta mais pesada se abria para a ampla plataforma que marcava o fim da rampa de serviço. Todos os humanos que haviam ido à mansão para doar no começo da noite entraram e saíram por aquela porta.

– Por favor, fique onde está por um instante – disse Dahlia à meio-demônio, que balançou a cabeça em uma série de anuências secas. Como a poça de sangue e o corpo ocupavam todo o piso entre os equipamentos e a mesa, Dahlia curvou os joelhos e pulou sobre o móvel, aterrisando levemente sobre os saltos enormes do outro lado.

Encontrou Katamori no final da mesa e olharam juntos para o corpo. Havia uma série de pegadas ensanguentadas se afastando do cadáver, pegadas grandes demais para serem da meio-demônio. Aquela trilha levava à primeira porta de saída, a porta para a antessala. Eles a examinaram juntos. Não havia digitais ensanguentadas na maçaneta nem nas vidraças. Dahlia se curvou para cheirar a maçaneta, depois deu de ombros.

– Uma mão ensanguentada a tocou, mas isso não nos diz nada – disse ela, abrindo a porta. Katamori ficou tenso, pronto para tudo.

A antessala estava vazia.

Os dois vampiros entraram no espaço apertado. O chão era coberto por um tapete de borracha e havia bancos dos dois lados. Sob eles eram guardados alguns pares de botas, alguns dos quais estavam lá havia 40 anos. Alguns casacos pendiam dos cabides acima dos bancos. Pelo menos um deles estava ali havia duas décadas, um casaco preto bem-feito com uma grande gola de pele.

– Não acho que alguém voltará para pegar isto – disse Katamori, empurrando o casaco com o dedo. Uma nuvem de pó se ergueu. Dahlia percebeu que a maioria dos cabides estava igualmente coberta de poeira. Apenas dois deles estavam suficientemente reluzentes para indicar terem sido usados recentemente.

A maçaneta da sólida porta que levava para fora parecia intocada a olho nu, e quando Dahlia se curvou para cheirá-la notou apenas um indício de sangue, um

traço um pouco mais fraco que aquele na maçaneta interna.

– Saiu por aqui – disse ela a Katamori. – Vamos terminar a cozinha, depois fazemos um relatório.

Eles voltaram para a cozinha.

– Há cheiro de vampiro aqui, muito recente – anunciou Dahlia.

– Além do meio-demônio, estou sentindo humanos, um lobisomem e pelo menos dois vampiros.

Lobisomens. Dahlia retorceu a boca. Mas antes de tudo ela tinha de interrogar a única criatura viva no aposento.

– Demônio – disse ela. – Explique-se.

Quando Dahlia teve tempo de prestar atenção nos trajes da garota, arregalou os olhos. A criatura magricela tinha cabelos curtos pintados de verde-limão brilhante. Os tênis vermelhos eram uma bela contradição com a minissaia lilás e o colete de pelica forrado de lã.

– Sou Diantha – informou a garota. Depois começou a pronunciar uma longa frase, quase parecia um idioma desconhecido.

– Pare – disse Katamori. – Ou terei de matá-la.

Diantha parou no meio de uma palavra, a boca aberta. Dahlia podia ver como os dentes da meio-demônio eram afiados e como pareciam encher sua boca pequena. Katamori estaria com uma bela briga nas mãos e Dahlia se flagrou torcendo para que não se chegasse a tanto.

– Diantha, sou Dahlia. Nossos nomes são parecidos, não? – disse ela. Havia um ou dois séculos que não tentava acalmar alguém e soou estranho. – Você precisa falar de modo que a entendamos. Talvez você se acalme mais facilmente se dissermos que sabemos que você não fez isso.

– Sabemos?

Katamori entendia a razão, mas queria que Dahlia a anunciasse.

– Não há sangue nela, a não ser nos sapatos – disse, sem se preocupar em baixar a voz. Os olhos brilhantes de Diantha estavam tão fixos nela que sabia que a garota podia ler seus lábios.

– SoumessageirademeutioemLouisiana – disse Diantha. Ela não parecia precisar respirar ao falar, mas pelo menos dessa vez falou mais devagar, mais lenta que a velocidade da luz, para que os vampiros a entendessem.

– Você veio à festa da ascensão porque...

– Os demônios de Rhodes foram convidados, eu ia passar a noite depois de trazer...

O resto da frase se fundiu em um ruído incompreensível.

– Mais devagar – disse Dahlia, se preocupando com que ela entendesse.

Diantha suspirou ruidosamente, soando tão irritada quanto a adolescente que parecia ser.

– Como eu iria passar a noite aqui, me convidaram para vir com eles – disse, colocando um espaço quase palpável entre cada palavra. – Não tinha mais nada para fazer.

– Você saiu de Louisiana a negócios e veio à mansão com os demônios de Rhodes que foram convidados.

Diantha concordou, seu cabelo verde sacudindo quase comicamente. Se Dahlia não tivesse visto demônios lutando antes, teria dado risada.

– Como veio parar na cozinha? – perguntou Katamori.

Durante a conversa entre Dahlia e Diantha ele contornara a mesa para ficar atrás de Diantha. Ela se voltara ligeiramente de modo a ficar de olho nos dois vampiros, já que estava presa entre eles. A despeito da garantia de Dahlia, a meio-demônio não gostava nada da situação em que se encontrava. Seus joelhos se curvaram e os punhos se cerraram, prontos para um desafio.

Mas quando falou a voz era bem firme.

– Eu estava indo à geladeira – disse Diantha, ainda se esforçando para falar lentamente. – O Sprite acabou e achei que não haveria problema ver se havia mais na geladeira. Eucheireiosangue...

Dahlia ergueu a mão em censura e Diantha desacelerou.

– Eu gritei porque senti o cheiro do sangue assim que entrei.

– Não antes?

A maioria dos sobrenaturais tinha um olfato bastante aguçado.

– O cheiro de vampiro anestesiou meu nariz – explicou Diantha.

Aquilo fazia sentido para Dahlia. Embora o cheiro de vampiro fosse naturalmente delicioso para ela, haviam dito várias vezes que era opressivo para outros sobrenaturais.

– O sangue ainda corria quando você entrou?

Os fios mais densos saídos de artérias rasgadas mal se moviam sobre a superfície brilhante dos equipamentos, e as gotas que haviam sido lançadas longe quando a garganta fora cortada começavam a secar nas beiradas.

– Pouco – respondeu Diantha.

– Havia mais alguém aqui? – perguntou Katamori.

Diantha balançou a cabeça negativamente.

Os dois vampiros se entreolharam, sobrancelhas erguidas. Dahlia não conseguia pensar em mais nada para perguntar. Evidentemente Katamori

também não.

– Diantha, mais um segundo e você poderá se mover.

Dahlia e Katamori se aproximaram dos dois lados do corpo.

– Certo – disse Dahlia. – Afasto-se do sangue. Tire os sapatos e deixe-os aí.

A meio-demônio seguiu as instruções de Dahlia ao pé da letra. Subiu na mesa de madeira para descalçar os canos longos. Colocou os calçados manchados lado a lado no chão.

– Vouofico? – perguntou, parecendo muito mais contente por não estar tão perto do corpo. Demônios não costumavam comer pessoas, e a proximidade com o corpo não era agradável para ela.

– Acho que você pode sair – disse Dahlia após pensar um momento. – Mas não vá embora.

– Vouvoltarparaafesta – disse a garota, e fez isso.

Concordando silenciosamente, os dois vampiros se concentraram na tarefa. Com excelente visão e olfato, não precisavam de lentes de aumento ou lanternas para ajudar a analisar o que viam.

– Os doadores humanos vieram à cozinha, comeram e beberam – começou Katamori. – Um vampiro os pastoreou.

– Como sempre – disse Dahlia com ar distante. – E é com ele que temos de falar, pois de alguma forma este humano ficou para trás, ou se escondeu. Obviamente o pastor deveria ter percebido.

– Um lobisomem veio aqui, provavelmente após a morte. Talvez mais de um – continuou Katamori. Ele estava agachado perto do chão e olhou para cima na direção de Dahlia, os olhos escuros atentos. Seus cabelos negros caíram para frente quando se curvou para examinar o piso, e ele os jogou por sobre o ombro.

– Não discordo – disse Dahlia, se esforçando para parecer neutra. Qualquer problema que envolvesse os lobisomens envolveria Taffy. – Acho que devemos contar a Joaquin que o pastor precisa vir aqui agora, ou assim que voltar.

Katamori respondeu que sim, mas de forma distante. Dahlia foi até a porta de vaivém. Como era de se esperar, uma das amigas de Joaquin, uma morena delicada chamada Rachel, aguardava no saguão. Dahlia explicou do que precisava e Rachel saiu apressada. Cedric proibira o uso de telefones na mansão, e Joaquin ainda não suspendera a regra, embora Dahlia tivesse ouvido dizer que o faria.

Em dois minutos, Gerhard, o pastor da noite, cruzou o saguão a passos largos para se juntar à Dahlia. Pelo modo como andava, ela podia dizer que estava com raiva, embora sorrisse. Aquele sorriso perpétuo brilhava tão duro quanto os

cabelos curtos cor de milho de Gerhard, que reluziam sob a luz como seda. Vivia em Rhodes havia 50 anos, mas ele e Dahlia nunca se tornaram amigos.

Dahlia não tinha muitos amigos. E gostava disso.

– O que quer saber? – perguntou Gerhard. Seu sotaque alemão era forte, apesar dos muitos anos nos Estados Unidos.

– Fale sobre a escolta dos humanos para fora daqui – disse Dahlia. – Como você deixou este para trás?

Gerhard ficou rígido.

– Está dizendo que fui negligente em meus deveres?

– Estou tentando descobrir o que aconteceu – respondeu Dahlia, sem muita paciência. – O modo como você cumpre suas obrigações não é problema meu, mas de Joaquin. O homem está aqui. Não deveria estar. Como isso aconteceu?

Gerhard foi obrigado a responder.

– Reuni os humanos para partir. Fomos para a cozinha. Eu segui os procedimentos mostrando a eles a comida e a bebida. Após 10 minutos, disse a eles que era hora de partir. Conteí enquanto saíamos, e o número estava correto.

– Mas aqui está ele – disse Katamori, se erguendo de sua posição agachada junto ao corpo. – Portanto, sua contagem foi incorreta, você está mentindo ou um humano a mais tomou o lugar dele. Qual sua explicação?

– Não tenho nenhuma – respondeu Gerhard em uma voz tão rígida que parecia engomada.

– Procure Joaquin e diga isso a ele – falou Dahlia, sem um grama de simpatia.

– Tudo bem – concordou Gerhard, ainda mais na defensiva. – Este homem e eu fizemos um acordo. Eu o deixei aqui porque quando voltasse passaríamos algum tempo juntos.

– Embora ele já houvesse doado esta noite – argumentou Dahlia.

– O nome dele era Arthur Allthorp. Eu estive com ele antes – disse Gerhard. – Ele podia suportar muita... Doação. Adorava.

– Um viciado em presas – constatou Katamori. Viciados em presas, seguidores radicais de vampiros, eram famosos por ignorar limites.

Gerhard concordou abruptamente.

Nem Dahlia nem Katamori comentaram o fato de que inicialmente Gerhard mentira para eles. Sabiam, assim como Gerhard, que ele pagaria por isso.

– Ele era minha fraqueza – disse Gerhard com violência. – Fico contente por estar morto.

Essa repentina confissão de paixão chocou Dahlia e desgostou Katamori, que deixou que Gerhard lesse isso em seu rosto. Gerhard deu meia-volta para sair da

cozinha, mas Dahlia disse:

– A que horas você saiu com os humanos? Havia alguém aqui com o homem Arthur quando você levou os outros embora?

Gerhard pensou por um segundo.

– Mandeí que entrassem nas vans às dez da noite, horário marcado pela agência que os mandou. Não havia ninguém aqui. Mas pude ouvir pessoas vindo pelo saguão enquanto esperava que os outros doadores saíssem. Tenho certeza de que uma delas era Taffy.

Dahlia teria dito algo desagradável caso estivesse sozinha. Mas teve consciência do rápido olhar de Katamori para o lado. Todos na festa sabiam que Dahlia e Taffy eram amigas, apesar do infeliz casamento de Taffy. O breve matrimônio da própria Dahlia com um lobisomem havia sido perdoado, já que durara tão pouco. Mas Taffy apresentava todos os sinais de fidelidade a Don, e até mesmo parecia que eles eram felizes assim, para espanto dos outros vampiros de Rhodes.

– Temos de encontrar Taffy e Don e fazer várias perguntas a eles – disse ela. – Gerhard, você pediria isso a Joaquin?

Gerhard concordou e passou intempestivamente pela porta, empurrando-a com tanta força que ela ficou balançando de forma irritante.

Dahlia voltou a atenção novamente para o jorro de sangue e o sangue empoçado no piso, ainda molhado.

– Pela minha experiência – disse ela a Katamori –, demora mais de uma hora para o sangue começar a secar. Considerando-se a viscosidade e a baixa temperatura do aposento, acredito que o corpo permaneceu aqui por pelo menos 30 minutos, mais ou menos.

Katamori concordou. Ambos eram especialistas em sangue. Ergueram os olhos para o relógio na parede da cozinha. Marcava 22h45.

– Se Gerhard saiu com os humanos às dez horas... Digamos que tenha demorado cinco minutos para encorajá-los a colocar os pratos na pia e levá-los pela porta... Então esse Arthur foi deixado às 22h05 ou 22h10. Eu conversei com Cedric, depois dancei com Melponeus.

Dahlia estava tentando descobrir quando o grito interrompera a festa.

– Nós ouvimos Diantha às 22h30 – disse Katamori. Com alguma surpresa, Dahlia viu que ele usava um relógio, um acessório incomum para um vampiro.

– E viemos para cá um minuto e meio depois disso. Investigamos durante talvez vinte minutos. Então, alguém entrou na cozinha entre 22h10 e 22h25, sem muita margem de tempo.

– E esse Arthur morreu ao ter sua garganta rasgada – disse Katamori.
– Sim. Embora pudesse ter sido asfixiado antes disso. É difícil dizer.
– Está ali – disse Katamori, apontando para um repugnante monte de pele e osso semiescondido sob uma cadeira.

Dahlia se agachou para olhar o material descartado.

– Está tão destroçado que ainda não posso dizer se foi asfixiado. Esse tecido foi jogado fora, não consumido.

Katamori fez uma careta de desgosto.

Dahlia disse:

– Estava pensando no traço de lobisomem e em tudo o que isso significa.

Lobisomens comem carne humana, pelo menos quando na forma de lobo.

– Acha que vimos tudo o que há para ver, farejamos tudo o que há para farejar? – perguntou Katamori, cuidadosamente deixando de lado a questão do lobisomem.

– Vamos examinar os bolsos do humano – sugeriu Dahlia, e Katamori se agachou do outro lado do corpo. Dahlia tinha dedos rápidos e leves, e foi cuidadosa. Encontrou enfiada em um bolso na lateral do corpo uma folha dobrada do escritório de doação com um ponto de encontro e o horário marcado para a doação daquela noite. Como Gerhard dissera, os doadores seriam apanhados às oito da noite e devolvidos ao ponto de encontro às dez.

Dahlia ficou pensando se Gerhard dissera a Arthur para se certificar de ser incluído na lista de doadores. Não podia ser coincidência que o viciado predileto de Gerhard fosse incluído no grupo de doadores. Nos quatro anos anteriores, se tornara um hábito que anfitriões de festas para as quais vampiros haviam sido convidados contratassem doadores de um escritório de doação registrado, para ter a certeza de que todos os lanches humanos oferecidos haviam sido examinados em busca de doenças no sangue e psicoses. Havia uma doença que os vampiros podiam contrair dos humanos (Sino-Aids), e os doadores eram investigados em busca de motivos ocultos desde que um doador em Memphis levava uma arma e abria fogo contra os convidados reunidos.

Dahlia abriu a carteira de Arthur Allthorp em busca de seu cartão de doador, que tinha sete perfurações. O cartão era furado sempre que a agência o enviava. Após Dahlia ter virado o corpo para examinar os bolsos da calça, Katamori revistou as pernas de Arthur. Para surpresa deles, encontrou uma faca em uma bainha de tornozelo. A ineficiência de Gerhard deixara de ser uma colina e se tornara uma montanha.

Após se entreolharem em concordância silenciosa, os dois se levantaram,

tendo conseguido todas as informações do corpo. Olharam ao redor da enorme cozinha em busca de algo que pudessem ter esquecido. O negror continuava a espreitá-los através das grandes janelas. O sangue permanecia umidamente agarrado às superfícies de aço inoxidável. Arthur Allthorp, viciado em presas, continuava morto.

Após Katamori ter trancado a porta da rua, ele e Dahlia saíram da cozinha. Rachel retomara seu posto no saguão e Dahlia pediu que vigiasse a porta de vaivém.

– Não deixe ninguém entrar na cozinha até termos certeza de que não precisamos mais dela – disse. – Ninguém poderá entrar pelo lado de fora.

Rachel assentiu, a expressão tensa. Ela ainda estava se testando como vampira e Dahlia teve certeza de que a moça resistiria a qualquer um que quisesse ver o corpo.

Na sala de recepção, Joaquin tomara seu lugar na cadeira que, semelhante a um trono, era reservada ao xerife. O clima festivo se transformara em apreensão desconfortável. Os convidados circulavam ansiosos. Os demônios e meios-demônios haviam formado um grupo coeso em um canto, com Diantha no centro, e os elementais (uma oréade, um raro espírito da água e um elfo) se agrupavam junto deles.

Bernie Feldman, executor de Don, olhava para as portas duplas com inconfundível preocupação. Estava de pé de modo estranho, como se sentindo dores no estômago. Dahlia seguiu seu olhar. Taffy e Don se aproximavam, obviamente desgrehados. Taffy levava os sapatos na mão livre. A outra segurava a de Don, e os dois olhavam um para o outro com o que Dahlia só podia descrever como olhos ternos.

– Lamentável – murmurou ela, e Katamori olhou para o casal feliz.

– Eles passaram pela cozinha – disse ele. – Teremos de interrogá-los.

– Melhor fazer um relatório a Joaquin primeiro.

Os dois vampiros se colocaram diante de seu novo líder. Dahlia curvou a cabeça até um ângulo cuidadosamente calibrado. A cabeça de Katamori foi talvez um centímetro mais baixo que a dela. Joaquin aceitou o gesto e esperou o relatório. Ele parecia ficar melhor na cadeira do que Cedric. Joaquin era alto e magro, com cabelos escuros finos e grandes olhos castanhos. O novo xerife não era vampiro há tanto tempo quanto Dahlia (apenas dois dos vampiros de Rhodes eram tão antigos), mas nem sempre os cargos eram dos mais velhos.

Glenda estava jogada sobre o encosto do assento do xerife como se ser a nova parceira de trepadas de Joaquin desse a ela um status especial. Dahlia olhou a

vampira sem qualquer expressão. Sua antipatia por Glenda passou de vaga a específica.

– O que descobriram? – perguntou Joaquin, dando aos dois investigadores toda a sua atenção.

Dahlia ficou satisfeita com o sinal de respeito.

– O humano se chamava Arthur Allthorp. Era um brinquedinho de Gerhard – disse Dahlia, localizando o vampiro louro, que tentava parecer estoico, mas só conseguia ser soturno. – Gerhard permitiu que Arthur Allthorp permanecesse na cozinha enquanto levava os outros doadores de volta ao ponto de encontro. Vejo que ele já lhe contou isso.

Gerhard estava ladeado por Troy e Hazel, os vampiros que Joaquin escolhera como seus disciplinadores.

– Ademais – disse Katamori –, encontrei uma faca presa ao tornozelo do humano.

Outro prego no caixão de Gerhard, talvez literalmente.

– Ele morreu muito rapidamente quando sua garganta foi rasgada – relatou Dahlia. – Sabemos que morreu em 15 minutos, com margem de erro de um ou dois minutos, entre 22h10 e 22h25.

Katamori completou:

– Passaram pela cozinha perto da hora da morte os doadores humanos, Gerhard, mais um ou dois vampiros que não posso identificar e pelo menos um lobisomem.

Todos os olhos se voltaram para Don e Bernie, que sussurrava furiosamente no ouvido de Don. Don parecia chocado e soturno. Taffy era o único vampiro perto deles e segurava o braço do marido. Ele dava tapinhas em sua mão para demonstrar que apreciava o apoio. Bernie estava do outro lado de Don e tinha uma expressão que Dahlia já vira antes. Ela dizia: “Estou pronto para morrer, mas preferiria não.”

– Não fará qualquer diferença para você, Joaquin, mas não fiz isso – disse Don com sua voz grave. – Não consigo imaginar por que teria algum motivo para matar o pobre infeliz, embora o motivo não o interesse.

Se Dahlia tivesse tido uma oportunidade, poderia ter advertido Don de que aquele não era momento para sarcasmo.

– Don e eu passamos pela cozinha – disse Taffy. – Mas íamos na direção do jardim para conversar.

– Sobre o que era a conversa? – perguntou Glenda.

– Você estava bem atrás de nós, então provavelmente já sabe. Mas não

respondo a você – disse Taffy, e a luz da batalha brilhou em seus olhos.

– Qualquer vampiro que passe tempo com um lobisomem se degrada e não tem status no ninho – rebateu Glenda, se empertigando e se afastando um passo da cadeira do xerife.

Dahlia ficou alerta instantaneamente. Caso deixasse Taffy pegar Glenda, Don iria se envolver e toda a situação se complicaria desnecessariamente. Quando Glenda deu outro passo na direção de Taffy, Dahlia estava pronta. Pulou e bateu com toda força, e Glenda voou pelo ar com seu belo vestido justo rodopiando ao redor, enquanto Dahlia pousava graciosamente e girava para ter certeza de que Glenda estava fora de combate. O estalo das costelas de Glenda pôde ser ouvido quando ela bateu na parede e escorregou para o carpete, sangrando e gemendo.

Joaquin não se moveu, mas seus olhos queimavam. De suas posições, ao lado de Gerhard, Troy e Hazel rosnaram. Houve um longo momento tenso, com todos os olhos sobre Dahlia.

– Desculpe minha punição prévia à Glenda, Joaquin – disse ela calmamente. – Agi sem sua permissão, mas fiquei furiosa com a presunção. Ela não tem direito de fazer tal pronunciamento com você sentado diante de nós. Apenas você tem o direito de determinar quem pertence a nossa comunidade, quem não. Glenda demonstrou um desrespeito imperdoável.

Joaquin piscou.

– Interpretação interessante das palavras de Glenda – disse.

Ninguém foi ajudar a vampira caída. Possivelmente todos temiam que Dahlia os considerasse inimigos caso o fizessem.

– Ela foi presunçosa – disse Joaquin após pensar um momento, e a sala relaxou. Dahlia podia dizer que mais de um vampiro teria gostado de vê-la causar ainda mais danos à Glenda, mas deixara clara sua posição e interrompera a acusação da vampira.

Joaquin continuou:

– Sabem quais foram os outros vampiros que passaram pela cozinha no momento fundamental?

– Um deles foi Cedric – respondeu ela. – Conheço o cheiro bem demais para confundir. E testemunhei Glenda seguindo Taffy, Don, Bernie e Cedric para fora da sala, mas não tenho certeza se entrou na cozinha.

As sobrelhas grossas de Joaquin se ergueram de surpresa. Olhou para seu antecessor.

– Eu atravessei a cozinha – disse Cedric, apoiado na parede. – Estava nos calcanhares de Taffy e seu lobisomem, mas Glenda saiu antes de mim, não

depois. Eu queria falar com ela.

– Por quê? – perguntou Joaquin. Ele olhou para Cedric, cujo colete de estampa azul estava amassado acima da barriga. Mesmo as botas de Cedric estavam gastas, enquanto os mocassins de Joaquin reluziam como espelhos. O contraste não podia ser mais agressivo: Cedric, o velho bagre, Joaquin, a barracuda esguia.

Na lateral da sala, Glenda gemeu enquanto ficava de joelhos para se levantar. Muito discretamente, outro vampiro se adiantou para permitir que ela bebesse dele. Dahlia percebeu que ele parecia o mais neutro possível, como se seu braço simplesmente estivesse no lugar certo na frente da boca de Glenda para que tomasse um gole curativo. Até mesmo manteve os olhos baixos para que Glenda não os visse. Dahlia sorriu por dentro. Era bom ser temida.

– Por quê? – disse Cedric. – Porque eu queria sair, e esperava que ela caminhasse comigo, pelos velhos tempos. Porque, caso você não tenha pensado nisso, esta é uma noite muito desconfortável para mim e eu precisava de amizade.

Os demônios pareceram se divertir, os lobisomens ficaram constrangidos e os vampiros desviaram os olhos. Uma admissão explícita de fraqueza não era o estilo dos vampiros. Apenas Dahlia parecia amável.

Joaquin perguntou:

– Taffy, o que aconteceu no jardim?

Taffy curvou a cabeça para o xerife.

– Claro que responderei se meu xerife pergunta – disse com graça, reforçando o ponto destacado por Dahlia. – Conversamos com Bernie, o executor de meu marido, sobre sua falta de gentileza com um dos demônios.

Ela anuiu na direção de Dahlia, e continuou:

– Bernie foi... deselegante o bastante... ao debochar de seus padrões de fala. Don sentiu a necessidade de ensinar a Bernie uma lição de diplomacia. Como pode ver, Don foi claro.

Agora que o perigo havia passado, Bernie voltara a adotar sua posição curvada. Estava claramente desconfortável. Balançou a cabeça em reconhecimento, se empertigou e fez uma expressão de dor.

– Meu líder me corrigiu – disse.

– Enquanto estávamos no jardim – continuou Taffy –, nos lembramos de que ali tinha sido o local de nosso casamento, e festejamos do modo adequado.

Ela deu um sorriso refulgente para Joaquin, contente por ter formulado de modo tão diplomático. Taffy nunca havia sido sutil.

Don sorriu para ela e colocou o braço sobre seus ombros.

– Tivemos uma grande celebração nos arbustos – disse ele. – Mesmo estando mais frio que a teta de uma bruxa.

A única bruxa presente abriu a boca para protestar, mas Dahlia virou a cabeça rapidamente e olhou para a mulher de modo significativo. A boca da bruxa se fechou na mesma hora.

– Mas nada disso oferece qualquer prova de que o humano não morreu em suas mãos – disse Joaquin com a voz mais razoável possível.

– Não temos uma gota de sangue sobre nós, xerife – argumentou Taffy, esticando os braços e os oferecendo para inspeção. – Quando Don deu a aula de etiqueta a Bernie, não rasgou sua pele. Meu marido sabe que o cheiro de sangue é forte para a sensibilidade dos vampiros.

– O assassino estaria sujo de sangue? – Joaquin perguntou a Dahlia. – Você viu o ferimento.

– Passo para Katamori – disse Dahlia. – É bem sabido que Taffy e eu somos amigas.

– Um vampiro se movendo em alta velocidade, um vampiro que tivesse matado assim muitas vezes, poderia ser capaz de evitar o sangue – disse Katamori. – Qualquer outro precisaria mudar de roupa.

Ele caminhou até o casal e o examinou com muito cuidado.

– Não vejo nem farejo sangue em Taffy e Don.

Os ombros de Dahlia talvez tenham relaxado um mínimo.

Gerhard disse rapidamente:

– Eu cheiro a sangue porque tomei um pouco de um doador esta noite.

Foi a vez de Dahlia trabalhar, e ela examinou Gerhard dos pés à cabeça. Depois se empertigou para falar a Joaquin.

– Ele tem traços de cheiro de sangue, e uma pequena gota no colarinho, mas nada fora do comum.

– Você pode me examinar, Katamori – ordenou Cedric, embora ninguém houvesse sugerido isso.

Katamori olhou para Joaquin, não recebeu nenhum sinal e foi até Cedric. Examinou-o com cuidado. Dahlia sabia que Katamori nunca gostara de Cedric.

– Não consigo encontrar nada nas roupas de Cedric, embora ele cheire levemente a sangue – disse Katamori.

Cedric deu de ombros.

– Eu usei os doadores – disse.

Houve uma batida na porta da frente da mansão.

Dahlia olhou para o relógio na parede, apenas como precaução. Eram 23h15.

Arthur Allthorp estava morto havia aproximadamente uma hora. O porteiro da noite, um vampiro jovem chamado Melvin, entrou tão rapidamente na sala de recepção que deslizou pelo piso de tacos.

– A polícia está aqui, xerife – anunciou a Joaquin. – Dizem que foram informados sobre a existência de um corpo no recinto.

– O quanto conseguirá atrasá-los? – perguntou em seguida Joaquin.

– Dez minutos – respondeu Melvin.

– Vamos precisar deles – disse Joaquin. – Vá.

Melvin começou a cruzar lentamente a passagem em arco de volta para a porta. Estava olhando para o relógio.

– Katamori e eu nos livraremos do corpo – disse Dahlia, e saiu célere com Katamori. Quando passaram por Rachel, ainda de guarda junto à porta de vaivém, Dahlia disse: – Equipe de limpeza, agora mesmo!

Rachel se moveu com tanta velocidade que quase não foi possível vê-la sair, e Dahlia a ouviu chamar alguns nomes na sala de recepção.

Não era a primeira vez em que era preciso sumir rapidamente com um corpo da mansão.

Enquanto Katamori destrancava a porta da antessala, Dahlia pegou uma antiga toalha de mesa no armário. Juntos, os dois vampiros enrolaram o corpo no linho amarelo para evitar gotas. Dahlia segurou os pés e Katamori ergueu os ombros. Estavam carregando o corpo para fora enquanto a equipe de limpeza passava pela porta de vaivém. Convenientemente, todo material de limpeza era guardado na cozinha, e enquanto Katamori e Dahlia levavam seu fardo pela antessala até a porta da rua, ela viu os vampiros que estavam de serviço irem até os armários para pegar alvejante e abrindo torneiras nas pias enquanto outros apanhavam os esfregões.

O homem morto era alto e pesado. Como Katamori e Dahlia não tinham alturas muito diferentes, podiam dividir o peso igualmente, e eram ambos imensamente fortes, de modo que o peso de Arthur Allthorp não era um problema. Seu volume era. Eles carregaram o corpo através do jardim até a enorme fonte sóbria que jorrava no meio de um lago com água até a altura do joelho. A estátua no meio da fonte era de uma mulher em traje esvoaçante. Segurava um jarro inclinado, do qual caía água. Eles colocaram o corpo ao lado da fonte, distante da casa. Dahlia subiu na beirada larga da fonte e se esticou desajeitadamente para pegar uma chave nas dobras da roupa da estátua. Não estava na dobra habitual e ela ficou muito surpresa por um instante até sentir a beirada de metal na dobra seguinte. Todos os vampiros da casa conheciam a

localização da chave e uma ou duas vezes ela havia sido colocada no lugar errado. Com uma enorme sensação de alívio, Dahlia desceu, um pouco molhada pela experiência.

Ela agachou para enfiar a chave na fechadura de um grande painel na base da fonte. O painel parecia projetado para dar acesso aos canos e ao mecanismo, mas os vampiros o haviam projetado para outra função. Embora aquele corpo fosse um pouco maior que os anteriores que haviam sido escondidos ali, e embora o buraco estivesse parcialmente obstruído, eles tinham de fazer com que desse certo. Dahlia chegou a rastejar para dentro do espaço de modo a puxar o corpo, enquanto Katamori permanecia do lado de fora para empurrar as pernas. Depois Dahlia precisou rastejar sobre o corpo, ficando ainda mais amassada e um pouco suja nesse processo.

Àquela altura, ela e Katamori podiam ouvir a polícia entrando na mansão.

– Não posso ser vista assim – disse Dahlia incomodada, olhando para o vestido.

– Então tire-o – disse Katamori, segurando aberto o painel de manutenção. – Tenho uma ideia.

Quando a polícia saiu para vasculhar o jardim encontrou Katamori e Dahlia brincando inteiramente nus na piscina. A visão os paralisou. Não apenas era outono e gelado, mas no jardim banhado pela lua Dahlia era branca como mármore.

– Totalmente – disse um dos policiais, impressionado. – E ele é só um pouco mais escuro.

– Vocês precisavam falar conosco? – perguntou Dahlia, como se acabasse de percebê-los ali. Katamori, atrás, a envolveu com os braços.

– Espero que não – disse ele. – Temos outras coisas a fazer.

– O frio não o afetou muito – murmurou o Policial Dois. Ele tentava desviar a atenção dos vampiros, mas continuava disparando olhares na direção deles. Dahlia podia sentir o corpo de Katamori tremendo de diversão. Os humanos eram muito bobos em relação à nudez.

– Não, não, tudo bem com vocês. Nenhum corpo nesse lago? – perguntou o Policial Um, dando um largo sorriso.

– Apenas os nossos – disse Dahlia, tentando ronronar. Pareceu crível.

– Provavelmente um trote – disse o Policial Um. – Desculpem ter interrompido sua noite. Teríamos chegado aqui 20 minutos antes se não houvesse um acidente na nossa rampa de saída.

Isso era interessante, mas eles tinham de continuar interpretando.

– Vocês não estão atrapalhando nada – disse Katamori, inclinando a cabeça para beijar o pescoço de Dahlia.

– Vamos olhar nos arbustos – disse o Policial Dois, scandalizado, e os dois policiais vasculharam as trilhas e olharam nos arbustos, tentando não acompanhar a atividade na água da fonte enquanto verificavam todos os lugares onde um corpo podia ser escondido.

Exceto o único lugar no qual ele estava.

Mas trabalharam lentamente, porque continuavam se virando para olhar para Dahlia e Katamori, cuja brincadeira passava de calorosa para ardente e fervente.

– Meu Deus – disse o Policial Um. – Eles realmente...

– Você sabia que eles podiam se mover tão rápido? – murmurou o Policial Dois. – Os peitos dela sacodem como maracas!

No momento em que os dois marcharam de volta para as portas duplas da mansão, os dois vampiros estavam na beirada da fonte, as pernas de Katamori penduradas sobre a porta de manutenção, enquanto Dahlia se sentava em seu colo. Ambos pareciam satisfeitos e murmuravam um com o outro de modo amoroso.

Dahlia estava dizendo:

– Estou renovada. Uma boa ideia, Katamori.

– Gostei disso. Espero que possamos repetir. Mesmo aqui fora. Talvez sem uma plateia da próxima vez. Havia quantos policiais lá dentro assistindo?

– Pelo menos cinco, além dos dois aqui fora. Você viu o que eu encontrei no esconderijo?

– Vi sim. Joaquin vai ficar contente conosco. Os humanos certamente partirão logo. Acho que fizemos um excelente trabalho distraindo-os. Obrigado.

– O prazer foi todo meu – disse Dahlia com sinceridade.

Em meia hora o próprio Joaquin foi ao jardim para dizer a eles que a polícia partira. Ficou apenas um pouco chocado ao encontrá-los ainda nus.

– Fico contente de terem desfrutado da companhia um do outro – observou. – Tiveram alguma dificuldade para esconder o corpo?

– Deixe-me mostrar o que encontramos sob a fonte quando a abrimos – disse Dahlia, reabrindo o painel para tirar um fardo de roupas. Não eram dela ou de Katamori. Ela sacudiu as peças e as segurou para que Joaquin visse. Ele ficou um longo momento em silêncio.

– Bem – concluiu. – Tudo resolvido, então. Levem-nas quando tiverem se arrumado. Mais tarde mandarei Troy e Hazel se livrarem definitivamente do corpo. Lamento todo esse incidente.

Para Dahlia, o novo xerife pareceu sincero. Ele se virou e entrou na mansão.

Os dois vestiram suas roupas, embora Dahlia detestasse recolocar um vestido sujo. Havia sido um risco deixar as roupas empilhadas junto à fonte, mas fora o toque certo. Katamori e Dahlia examinaram um ao outro para confirmar que estavam bem. Ela enfiou um pouco mais a camisa dele, ajeitando-a, e ele afivelou seus sapatos de saltos muito altos. Seguiram Joaquin de volta, passando pelas portas duplas brilhantemente iluminadas.

A multidão diminuíra.

– Onde estão os demônios? – Dahlia perguntou a Taffy, sentada ao lado de Don em um sofá de dois lugares.

– Saíram depois da polícia – disse Taffy, passando os dedos pela sua enorme cabeleira. – Foram espertos de partir enquanto ainda estava bom.

– Não há nenhum mal nisso – disse Dahlia à amiga –, Diantha era a única envolvida e sabemos que ela não fez isso.

– Melponeus pareceu lamentar partir sem vê-la novamente – acrescentou Taffy com malícia. – Ele deu uma espiada pela janela quando a polícia pareceu muito interessada no jardim. Acho que isso despertou algumas lembranças de que gostou muito.

– Você pegou o demônio? – perguntou Katamori, intrigado.

– Sim – disse Dahlia. – O calor e a textura da pele tornaram a experiência muito interessante. Nada comparado a você, claro.

Dahlia sabia ser educada quando era importante.

Joaquin e seus guarda-costas esperavam que Dahlia e Katamori apresentassem as descobertas. Todos os vampiros de Rhodes se reuniram quando eles entraram. Joaquin, que voltara a ocupar seu lugar na enorme cadeira, esperava impassível pelo relatório. Cedric continuava a beber Red Stuff e parecia ainda mais infeliz, e Glenda, completamente curada, olhou furiosa para Dahlia. Mas eles se juntaram aos outros no grupo. Até mesmo Don e seu executor se levantaram para se reunir à multidão quando Taffy o fez.

– Aquela foi uma excelente estratégia para distrair a polícia – disse Joaquin. – Agora nos conte o que descobriram.

– Encontramos uma trouxa de roupas ensanguentadas escondidas na base da fonte – disse Dahlia, e uma excitação percorreu a multidão. – Se não tivéssemos de esconder o corpo, se ninguém tivesse chamado a polícia, poderíamos não encontrá-la nunca. Como o assassino de Arthur Allthorp foi quem chamou a polícia esperando colocar o ninho em apuros, pode-se dizer que ele deu um tiro no próprio pé.

Joaquin ergueu a trouxa ensanguentada. O cheiro era realmente forte e os lábios superiores dos lobisomens se ergueram em um esgar de desgosto. Até mesmo lobisomens gostavam de seu sangue fresco. Joaquin, com certa dose de dramaticidade, esticou os trajes, um a um.

– Cedric, acredito que sejam seus – anunciou.

– Isso não é verdade – disse Cedric calmamente. Ele passou uma mão pelo peito. – Alguém está querendo me incriminar. Eu estou vestindo estes a noite toda.

– Não exatamente – retrucou Dahlia. – As flores de seu colete eram douradas no começo da noite. Depois da morte do humano as flores eram azuis.

Ela estava quase triste de ter de dizer as palavras, mas o despeito de Cedric quase condenara todo o ninho a horas na delegacia, dias de ataques na imprensa e o fim do regime de Joaquin antes mesmo de começar.

– As roupas que você veste agora são aquelas que usa quando faz jardinagem, as roupas que deixa penduradas num gancho do lado de fora. Inclusive as botas.

Todos baixaram os olhos para as botas sujas. Certamente não eram calçados que alguém escolheria para usar em uma recepção, nem mesmo Cedric.

Por um segundo o medo passou por seus olhos azuis. Apenas por um segundo. Cedric então atacou Dahlia, um guincho selvagem saindo de seus lábios.

Ela esperava por isso havia dois segundos. Deu um passo para a esquerda mais rapidamente que o olho podia acompanhar, agarrou o braço direito de Cedric quando este passou, torceu-o para cima em um ângulo dolorido e, quando Cedric gritou, ela agarrou sua cabeça e lhe torceu o pescoço.

A cabeça de Cedric foi arrancada.

Houve silêncio por um momento.

– Lamento – disse ela a Joaquin. – Eu não pretendia decapitá-lo. A confusão...

– Ele irá virar poeira, e pegaremos o aspirador de pó – disse Joaquin com algo bastante parecido com calma. Antes de sua ascensão a xerife, Joaquin trabalhara com eliminação de corpos, recordou Dahlia. – Caso a sujeira não saia do tapete, compraremos outro.

Aquilo era algo que Cedric nunca teria dito, e Dahlia brilhou.

– Obrigada, xerife. Ele quase me surpreendeu – respondeu, e mal acreditando nas palavras que saíam de sua boca. Talvez ela fosse sentir mais falta de Cedric do que imaginava.

– Quando os humanos atacam a polícia para levar um tiro, chamam a isso de “suicídio por policial” – explicou Katamori, se curvando à sua nova amiga. Depois acrescentou em um galanteio: – Chamaremos a isso de “Morte por

Dahlia”.

A sombra que sangra

JOE R. LANSDALE

A música pode ter encantos que acalmam as feras, mas como aprende o azarado detetive particular da história tensa que se segue, ela também pode ter encantos que abrem portas, incluindo portas para lugares aonde ninguém deveria ir.

O prolífico escritor do Texas Joe R. Lansdale ganhou os prêmios Edgar, British Fantasy, American Horror, American Mystery, International Crime Writers e oito Bram Stoker. Embora talvez seja mais conhecido por histórias policiais e de terror como *The nightrunners*, *Bubba ho-tep*, *The bottoms*, *The god of the razor* e *The drive-in*, também escreve as populares séries de mistério de Hap Collins e Leonard Pine – *Savage season*, *Mucho mojo*, *The two-bear mambo*, *Bad chili*, *Rumble tumble*, *Captains outrageous* –, romances de faroeste, como *Texas night rider* e *Blooddance*, e romances inclassificáveis, como *Zeppelins west*, *The magic wagon* e *Flaming london*. Entre seus outros romances estão *Dead in the west*, *The big blow*, *Sunset and sawdust*, *Act of love*, *Freezer burn*, *Waltz of shadows*, *The drive-in 2: not just one of them sequels* e *Leather maiden*. Também escreveu romances para séries como *Batman* e *Tarzan*. Seus muitos contos apareceram nas coletâneas *By bizarre hands*; *Tight little stitches in a dead man's back*; *The shadows Kith and Kin*; *The long ones*; *Stories by mama Lansdale's youngest boy*; *Bestsellers guaranteed*; *On the far side of the cadillac desert with the dead folks*; *Electric gumbo*; *Writer of the purple rage*; *A fist full of stories*; *Bumper crop*; *The good, the bad and the indifferent*; *For a few stories more*; *Mad dog summer: and other stories*; *The king and other stories*; e *High cotton: selected stories of Joe R. Lansdale*. Ele organizou as antologias *The best of the west*, *Retro pulp tales*, *Son of retro pulp tales* (com o filho, Keith Lansdale), *Razored saddles* (com Pat LoBrutto), *Dark at heart: all new tales of dark suspense* (com a esposa, Karen Lansdale), *The horror hall of fame: the stoker winners* e a antologia em tributo a Robert E. Howard *Cross plains universe* (com Scott A. Cupp). Uma antologia em homenagem à obra de Lansdale é *Lords of the*

razor. Seus livros mais recentes são uma nova coleção: *Deadman's road*; uma antologia, *Flaming zeppelins: the adventures of ned the Seal*, e, como organizador, uma nova antologia, *Crucified dreams*. Ele mora com a família em Nacogdoches, Texas.

Eu estava no Blue Light Joint naquela noite, terminando de comer costelas e escutando blues, quando entrou Alma May. Ela também parecia bem. Trajava um vestido que se encaixava nela da forma que um vestido deve se encaixar em toda mulher do mundo. Usava um pequeno chapéu achatado inclinado para um lado, como um prato desequilibrado na palma da mão de um garçom. Os saltos altos que calçava faziam as pernas parecerem firmes e belas.

A luz do ambiente não era muito boa, um dos atrativos do lugar. Isso, algumas vezes, ajuda um homem ou uma mulher a seguir em frente de um modo que a luz do dia não permite, mas eu conhecia Alma May o bastante para saber que a luz não importava. Ela ficaria bem vestindo um saco de batatas e um chapéu de papel.

Havia algo em seu rosto que me mostrou imediatamente sua preocupação, que as coisas não iam bem. Olhava para a esquerda e para a direita, como se estivesse numa cidade grande tentando atravessar uma rua movimentada sem ser atingida por um carro.

Peguei minha garrafa de cerveja, levantei-me da mesa e fui até ela.

Então soube por que estava olhando ao redor daquele jeito. Ela disse:

– Estava procurando você, Richard.

O modo como me olhou apagou o sorriso do meu rosto.

– Algo errado, Alma May?

– Talvez. Não sei. Mas preciso conversar. Achei que lhe encontraria aqui, e estava pensando se gostaria de ir lá para casa.

– Quando?

– Agora.

– Certo.

– Mas não comece a ter ideias – disse. – Não é como nos velhos tempos. Preciso de sua ajuda e tenho de saber se posso contar com você.

– Bem, eu até gosto das ideias que costumávamos ter, mas tudo bem, somos amigos. Legal.

– Esperava que você dissesse isso.

– Está de carro?

Ela balançou a cabeça negativamente.

- Não. Um amigo me trouxe.
- Eu pensei: “Amigo?” Claro.
- Então tudo bem – disse. – Vamos embora.

Acho que você poderia dizer que é uma vergonha Alma May ganhar seu dinheiro vendendo o corpo, mas quando você paga pelo corpo e é um de seus clientes satisfeitos, pensa diferente. Pelo menos na hora. Depois se sente culpado. Talvez como se tivesse mijado na Mona Lisa. Porque aquela gata era uma bela morena que deveria conseguir mais que mil programas, ter dinheiro para comprar comida e fazer café pela manhã. Ela merecia algo bom. Deveria ter se casado com um homem com emprego fixo que agisse certo com ela.

Mas isso não tinha acontecido. Eu e ela tivemos alguma coisa um dia, e não eram apenas negócios, dinheiro trocando de mãos depois que ela fez eu me sentir bem. Não, era mais que isso, mas não encontramos uma solução. Ela estava na vida e não sabia como sair. E quanto a merecer algo melhor, não seria eu. O que eu tinha eram dois belos ternos, alguns sapatos bicolores, um chapéu e uma arma, uma calibre .45 automática, como as que haviam sido usadas na guerra alguns anos antes.

Alma May também se jogara um pouco nas drogas, e embora tivesse se livrado, isso a afundara. Do modo como eu imaginava, ela nunca iria sair daquele buraco, e não tinha mais a ver com bagulho. Tinha a ver com tempo. Você consegue uma porta aberta em dado momento e se não se arrasta por ela, ela se fecha. Eu sei, minha porta se fechou há algum tempo. Isso me deixava maluco o tempo todo.

Estávamos no meu Chevrolet, um carro com seis anos, modelo 48. Eu o reformara um pouco de cada vez: novos pneus, para-brisas, belos revestimentos de banco e assim por diante. Era reluzente e especial.

Estávamos seguindo, em um ritmo bom pela rodovia, as luzes disparando sobre o concreto, fazendo a chuva recente nas trilhas brilhar como os joelhos de calças velhas.

- Para que você precisa de mim? – perguntei.
- É um pouco complicado – respondeu ela.
- Por que eu?
- Não sei... Você sempre foi bom comigo e um dia tivemos uma coisa.
- Tivemos – eu disse.
- O que aconteceu com aquilo?
- Eu dei de ombros.

- Deixou de funcionar.
- Foi mesmo, não é? De vez em quando desejo que não tivesse deixado.
- De vez em quando eu desejo muitas coisas – rebati.

Ela recostou no banco, abriu a bolsa, tirou um cigarro e o acendeu, depois abriu a janela. Lembrou-se de que eu não gostava de fumaça de cigarro. Nunca gostei de tabaco. Tira seu fôlego, fede e também deixa seu hálito ruim. Eu odiava quando impregnava nas minhas roupas.

– Você é o único a quem eu poderia contar isso – disse. – O único que me escutaria sem pensar que enfiei uma agulha no braço. Entende o que estou dizendo?

- Claro que entendo, gata.
- Eu pareço ter estado mal?
- Não. Você parece bem. Quero dizer, está falando umas coisas estranhas, mas não como se estivesse maluca.
- Bêbada?
- Não. Como se tivesse tido um pesadelo e quisesse contar a alguém.
- É por aí – disse ela. – Não exatamente, mas muito mais do que uma agulha, uísque ou vinho.

A casa de Alma May fica na periferia da cidade. Foi a única coisa que conseguiu na vida, e não é ruim. Não é uma mansão. É pequena, mas arrumada e clara durante dia, pintada de amarelo-canário com detalhes em azul escuro. Não fica mal à luz da lua.

Alma May não tinha um cafetão. Não precisava de um. Era bastante conhecida na cidade. Tinha sua clientela. Todos eles eram de confiança, me disse uma vez. Um terço era de sujeitos brancos do outro lado dos trilhos, o lado certo de Tyler Town. Além deles, ela tinha uma mãe morta, um pai desaparecido e um irmão, Tootie, que gostava de viajar, tocar blues e entornar uma garrafa. Estava sempre precisando de alguma coisa e Alma May, apesar de seus próprios demônios, sempre conseguia que ele tivesse.

Esse foi outro motivo para que eu e ela nos afastássemos. Aquele irmão era um homem crescido que vivia com a mãe e deixava que ela cuidasse dele. Quando a mãe morreu, ele meio que desmoronou. Alma May assumiu o papel da mãe, cuidando de Tootie com uísque e biscoitos, até mesmo comprando um violão. Ele vivia do dinheiro dos programas dela e não se incomodava nem um pouco. Eu não gostava dele. Mas uma coisa eu digo. Aquele garoto sabia tocar blues.

Quando tínhamos entrado ela soltou o chapéu dos cabelos e o lançou através

da sala até uma cadeira.

– Quer uma bebida? – perguntou.

– Não vou recusar, desde que não seja fraca demais, e veja se não coloca em um copo sujo.

Ela sorriu. Eu acompanhei do corredor da sala enquanto ela ia e pegava uma garrafa embaixo da pia da cozinha, me mostrando como aquele vestido apertava seu traseiro quando ela se curvava. Tirou copos de uma prateleira, serviu e me levou um puro. Bebemos um pouco, ainda de pé, apoiados no umbral da porta entre a sala e a cozinha. Finalmente nos sentamos no sofá. Ela se acomodou no extremo oposto, apenas para garantir que eu me lembrasse do por que de estarmos ali. Disse:

– É o Tootie.

Eu virei a bebida bem rápido e disse:

– Estou indo.

Quando passei pelo sofá, ela agarrou minha mão.

– Não seja assim, querido.

– Agora eu sou querido – retruquei.

– Me escute, amor. Por favor. Você não me deve nada, mas pode fingir que sim?

– Inferno – praguejei, e me sentei no sofá.

Ela se moveu e disse:

– Quero que escute.

– Tudo bem.

– Para começar, não tenho como pagar. A não ser, talvez, em mercadoria.

– Assim não – respondi. – Eu e você fazemos isso, não é negócio. Chame de um favor.

Eu dou uma de detetive de vez em quando para gente que conheço, gente que me recomenda a outros. Eu não tenho licença. Negros não conseguem uma licença para porra nenhuma nesta cidade. Mas eu era bastante bom no que fazia. Apreendi do modo difícil. E nem tudo era legalizado. Acho que sou uma espécie de detetive particular. Só que sou realmente particular. Tão particular que seria mais um detetive secreto.

– A melhor coisa a fazer é escutar isto – ela disse. – Dispensa algumas explicações.

Havia um pequeno toca-discos em uma mesa junto à janela, uma pilha de discos. Ela foi até lá, abriu o aparelho e ligou. O disco que ela queria já estava lá. Ergueu a agulha, colocou na posição, recuou e olhou para mim.

Ela estava muito bem. Olhei e pensei que deveria ter ficado com ela, com ou sem irmão. Ela era capaz de derreter manteiga a três metros de distância do modo como estava.

Então a música começou a tocar.

Era a voz de Tootie. Eu reconheci no mesmo instante. Eu o havia escutado muitas vezes. Como disse, ele não era muito como pessoa, disposto a qualquer coisa para poder ficar de bobeira e tocar violão, deslizar um canivete pelas cordas para produzir o som perfeito, mas era bom no blues; isso não havia como negar.

Sua voz era alta e solitária, e o modo como ele tocava o violão, era difícil imaginar como produzia aqueles sons.

– Você me trouxe aqui para ouvir discos? – perguntei.

Ela balançou a cabeça negativamente. Levantou a agulha, parou o disco e o tirou. Havia outro em uma pequena capa de papel, ela o pegou e colocou, baixando a agulha.

– Agora escute isto.

Nas primeiras notas eu podia dizer que era Tootie, mas então houve uma espécie de mudança na música, que ficou tão estranha que senti um arrepio na nuca. Então Tootie começou a cantar e os pelos nas costas das minhas mãos e nos braços se arrepiaram. O ar na sala ficou denso e as luzes baixas, e sombras se arrastaram para fora dos cantos e se sentaram no sofá comigo. Não estou brincando sobre isso. De repente a sala estava cheia delas, e eu podia ouvir algo que soava como um pássaro preso no teto, batendo as asas rapidamente e com força, procurando uma saída.

Então a música mudou novamente e era como se eu tivesse sido jogado em um poço, uma longa queda, e então era se como aquelas sombras estivessem se retorcendo ao redor de mim em um charco de água suja. A sala fedia a algo podre. O violão não soava mais como um violão e a voz de Tootie não era mais uma voz. Era como alguém arrastando uma navalha sobre concreto enquanto tentava cantar com uma garganta cheia de vidro. Havia algo dentro da música; algo que esguichava, corria, grasnava e delirava, algo perturbador, como uma cobra em uma luva de cetim.

– Desligue – pedi.

Mas Alma já havia feito isso.

Ela disse:

– É só até onde eu consegui chegar. É quando eu consigo me mover e desligar. Parece que fica mais poderoso quanto mais toca. Eu não quero ouvir o resto. Não

sei se consigo suportar. Como isso é possível, Richard? Como pode ser assim apenas com sons?

Eu realmente estava me sentindo fraco, como se acabasse de sair de uma gripe e alguém tivesse me espancado. Perguntei:

– Mais poderoso? O que quer dizer?

– Não é o que você acha? Não é como soa? Como se estivesse ficando mais forte?

Eu consenti.

– É.

– E a sala...

– As sombras? – cortei. – Não foi minha imaginação?

– Não – disse ela. – Só que cada vez que ouço é um pouco diferente. As notas ficam mais escuras, o violão dá acordes, eles fazem algo dentro de mim, e cada vez é algo diferente e algo mais profundo. Não sei se isso faz com que me sinta bem ou me sinta mal, mas certamente faz com que sinta.

– É – balbuciei, porque não consegui encontrar nada mais para dizer.

– Tootie me mandou esse disco. Enviou um bilhete dizendo: “Toque quando precisar”. Era o que dizia. Tudo o que dizia. O que isso significa?

– Não sei, mas fico pensando por que, para começar, Tootie mandou isso para você. Por que iria querer que você escutasse algo que a deixa quase doente... E como, afinal, ele conseguiu fazer isso, quero dizer, fazer esse tipo de som?

Ela balançou a cabeça.

– Não sei. Algum dia eu vou tocar tudo.

– Eu não faria isso – eu disse.

– Por quê?

– Você ouviu. Imagino que fique pior. Não entendo, mas sei que não gosto.

– É – disse ela, colocando o disco de volta no envelope de papel. – Sei. Mas é muito estranho. Nunca ouvi nada assim.

– E não quero ouvir nada como isso novamente.

– Ainda assim você fica pensando.

– O que penso é o que estava pensando antes. Por que ele mandaria esta merda para você?

– Acho que ele tem orgulho. Não existe nada como isso. É... original.

– Reconheço que sim. Então, o que você quer de mim?

– Quero que encontre Tootie.

– Por quê?

– Porque não sei se ele está bem. Acho que precisa de ajuda. Quero dizer,

isso... Isso me faz pensar que está em algum lugar onde não deveria.

– E ainda assim você quer tocar essa coisa inteira – eu disse.

– O que sei é que não gosto disso. Não gosto de Tootie estar ligado a isso, e não sei por quê. Richard, quero que você o encontre.

– De onde veio o disco?

Ela pegou a capa e me deu. Eu podia ver através da pequena rodela no envelope onde o selo do disco deveria estar. Nada além do disco. O pacote em si era como papel de embalagem de carne. Estava sujo.

Eu disse:

– Acho que ele pagou a algum lugar para poder gravar. A questão é, qual lugar? Você tem o endereço de onde isso veio?

– Tenho.

Ela saiu, pegou um grande envelope de papelão e me deu.

– Chegou nisso.

Eu olhei para o texto na frente. Tinha como endereço do remetente The Hotel Champion. Ela me mostrou o bilhete. Era uma folha de papel timbrado realmente barato escrito The Hotel Champion, com um número de telefone e um endereço em Dallas. O papel parecia velho e estava desbotado pelo sol.

– Eu liguei para eles – disse ela –, mas não sabiam nada sobre ele. Nunca ouviram falar. Eu poderia procurar pessoalmente, mas... Estou com um pouco de medo. Além disso, você sabe, eu tenho clientes e preciso pagar a casa.

Não gostei de ouvir aquilo, sabendo que tipo de clientes eram e como ela iria ganhar o dinheiro. Disse:

– Certo. O que você quer que eu faça?

– Que o encontre.

– E então?

– Traga-o para casa.

– E se ele não quiser voltar?

– Já vi você trabalhar, trazê-lo de volta para mim. Apenas não perca a paciência.

Eu revirei o disco em minhas mãos. Disse:

– Vou dar uma olhada. Não prometo nada além disso. Se ele quiser voltar, eu o trago de volta. Se não quiser, posso estar inclinado a quebrar sua perna e trazê-lo de volta. Você sabe que não gosto dele.

– Sei. Mas não o machuque.

– Se ele vier sem problemas eu faço isso. Caso contrário, o deixarei lá, voltarei e lhe direi onde e como ele está. Que tal assim?

– É bom o bastante – respondeu ela. – Descubra o que é tudo isso. Isso me assustou, Richard.

– São apenas sons ruins – disse. – Tootie provavelmente estava doidão com alguma coisa quando gravou isso, na hora achou que era bom e mandou para você por achar que era a coisa mais legal desde Robert Johnson.

– Quem?

– Deixe para lá. Mas imagino que, quando o barato passou, ele provavelmente sequer se lembrou de ter colocado isso no correio.

– Não me diga que você já tinha ouvido algo como isso. Que escutar isso não o fez sentir como se sua pele estivesse sendo arrancada de seus ossos, que uma parte disso fazia você querer afundar na escuridão e aprender a gostar. Diga que não foi assim. Diga que não foi como entrar na frente de um carro, os faróis no seu rosto, e você só querendo sair dali, embora morresse de medo e soubesse que era o diabo ou algo ainda pior ao volante. Diga que não sentiu algo assim.

Eu não podia negar. Então não disse nada. Apenas fiquei ali, suando frio, o som daquela música ainda reverberando em meus ossos, fervendo meu sangue.

– Vamos fazer assim – propus. – Eu farei isso, mas você tem de me dar uma fotografia de Tootie, caso tenha uma, e o disco, para não tocá-lo mais.

Ela ficou algum tempo me estudando.

– Eu odeio aquela coisa – disse ela, apontando com a cabeça para o disco nas minhas mãos –, mas de alguma forma me sinto ligada a ela. É como se me livrar dela fosse me livrar de um pedaço de mim.

– O acordo é esse.

– Tudo bem – concordou ela –, pode levar, mas leve agora.

Seguindo sozinho no Chevrolet, a lua alta e brilhante, eu só conseguia pensar naquela música, ou no que quer que fosse aquele som. Estava cravado em minha cabeça como um machado. Eu coloquei o disco no banco ao meu lado, tinha em mãos o bilhete de Tootie, o envelope e a fotografia que Alma May me dera.

Parte de mim queria voltar até Alma May e dizer a ela que não, muito obrigado. Eis seu disco de volta. Mas outra parte de mim, a parte idiota, queria saber onde, como e por que aquele disco havia sido gravado. A curiosidade pega todos nós.

Até onde eu moro é uma subida instável de três andares. Há escadas do lado de fora e elas param em cada patamar. Eu vivia no último.

Tentava não me apoiar com muita força no corrimão quando subia, porque ele estava prestes a despençar. Destranquei minha porta, acendi a luz e vi as baratas

correrem em busca de proteção.

Pousei o disco e peguei uma cerveja na caixa de gelo. Bem, na verdade era elétrica. Uma geladeira. Mas eu cresci com caixas de gelo, de modo que era difícil parar de chamar assim. Peguei o disco novamente e me sentei.

Sentado em minha velha poltrona com o estofamento saindo como um saco de algodão furado, segurando o disco de novo, olhando para o envelope marrom e sujo, notei que os sulcos eram escuros e tinham uma aparência ressecada, como se algo houvesse sido derramado ali e secado. Tentei determinar se isso tinha alguma relação com aquele som maluco. Será que algo nos sulcos podia produzir aquele tipo de ruído? Não parecia provável.

Pensei em colocar o disco para tocar, escutar novamente, mas não tive estômago para isso. O fato de tê-lo na mão me deixava desconfortável. Era como segurar uma bomba prestes a explodir.

Eu pensara nele como uma cobra. Alma May pensara nele como um carro atropelador dirigido pelo diabo. E naquele momento pensava nele como uma bomba. Era uma sensação estranha para ser produzida por um disco de vinil com ranhuras.

Cedo na manhã seguinte, com a .45 no porta-luvas, uma navalha no bolso do casaco e o disco no banco da frente ao meu lado, parti na direção de Dallas e do Hotel Champion.

Cheguei à Grande D por volta de meio-dia, parei num café na periferia, onde havia pessoas de cor, e entrei num lugar onde uma cozinheira gorda com rosto bonito e um corpo cheirando bem me preparou um hambúrguer, se sentou e flertou comigo enquanto eu o comia. Tudo bem. Eu gosto de mulheres e gosto que elas flertem. Se elas pararem de fazer isso é melhor deitar e morrer.

Enquanto flertávamos eu perguntei a ela sobre o Hotel Champion, se ela sabia onde ficava. Eu tinha o nome da rua, claro, mas precisava de indicações melhores.

– Ah, sim, docinho, eu sei onde fica, e você não vai querer ficar lá. É bem no meio da área de cor, e não na parte boa, é o que estou querendo lhe dizer, e não interessa se você é marrom como uma castanha. Há um pessoal lá que o cortará, colocará seu sangue em um copo de papel, o misturará com uísque e beberá. Você é bonito demais para ficar todo cortado. Há lugares melhores para ficar do outro lado.

Eu deixei que ela me desse alguns nomes de hotéis, como se realmente fosse ficar em um ou outro, paguei, deixando uma boa gorjeta para ela, e saí de lá.

A região da cidade onde ficava o Hotel Champion era tão nojenta quanto a

dama dissera. Havia pessoas vagabundeando nas ruas, encostadas nas esquinas e lixo por toda parte. Não era exatamente um lugar do qual se orgulhar.

Encontrei o Hotel Champion e estacionei na frente. Havia dois sujeitos na rua de olho no meu carro. Um era magricelo. Outro era grande. Vestiam belos chapéus e sapatos, como se tivessem empregos. Mas se tivessem não estariam de bobeira no meio do dia de olho no meu Chevrolet.

Eu tirei a .45 do porta-luvas e a enfiei na cintura, nas costas. Ela ficaria escondida pelo casaco.

Saltei e dei uma espiada no hotel. Tinha boa aparência caso você fosse cego de um olho e não conseguisse ver com o outro.

Não havia porteiro e a porta estava pendurada na dobradiça. Do lado de dentro, vi uma escadaria empoeirada à esquerda e uma porta arranhada à direita.

Havia uma escrivaninha na minha frente, preso a ela estava um vidro que ia até o teto. Nele havia um pequeno buraco junto ao balcão com um anteparo de madeira por trás. O vidro continha sujeira de mosquitos e, atrás dele, um homem empoleirado em um banco, como um sapo em uma ninfeia. Ele era gordo e de cor, e tinha lã azul de cobertor nos cabelos. Eu não considerei como adornos. Era apenas um filho da puta nojento.

Eu pude sentir o cheiro dele quando moveu o anteparo de madeira. Um fedor de axila, roupa de baixo nojenta e dentes podres. Pude sentir cheiros de comida velha saindo de algum lugar nos fundos. Pés e rabos de porco fervidos que poderiam ser bons quando o porco os perdeu, mas que no momento eram apenas um fedor rançoso. Também havia cheiro de mijo de gato.

Eu disse:

– Ei, cara, estou procurando alguém.

– Se você quer uma mulher tem de trazer a sua – respondeu o homem. – Mas posso dar a você um ou dois números de telefone. Claro, não garanto que elas sejam limpas.

– Não. Estou procurando alguém que ficou aqui. O nome dele é Tootie Johnson.

– Não conheço nenhum Tootie Johnson.

Era a mesma história que Alma May tinha ouvido.

– Bom, tudo bem, você conhece este sujeito? – perguntei, pegando a fotografia e a colocando contra o vidro.

– Bem, ele poderia se parecer com alguém com um quarto aqui. Não registramos e não falamos muitos nomes.

– Não? Um lugar de classe como esse?

– Eu disse que ele poderia parecer com alguém que eu vi. Não disse que definitivamente era.

– Uma indireta para dinheiro?

– Uma indireta de que não estou muito certo – respondeu.

Eu suspirei, guardei a fotografia no casaco, saquei a carteira e peguei uma nota de cinco dólares.

O homem-sapo se via como uma espécie de figurão gorduroso.

– Isso? Cinco dólares por informação de primeira?

Eu fiz uma cena lenta e cuidadosa de colocar os cinco de volta na carteira.

– Então você não tem nada – disse eu.

Ele se inclinou para trás em seu banco, juntou os dedos roliços e os pousou na barriga redonda.

– E você também não consegue nada, idiota.

Eu fui até a porta à minha direita e girei a maçaneta. Trancada. Recuei um passo e chutei com tanta força que senti a vibração até o alto da cabeça. A porta girou nas dobradiças, batendo na parede. Soou como alguém disparando um tiro.

Eu entrei e fui para trás da escrivaninha, agarrei o homem-sapo pela camisa e dei um tapa forte o bastante para ele cair do banco. Eu o chutei na perna e ele gritou. Peguei o banco e bati no peito dele, depois arremessei o banco pela passagem que levava a uma cozinha. Ouvi algo se quebrar lá dentro um gato guinchou.

– Eu fico maluco facilmente – disse.

– Que inferno, estou vendo – rebateu ele, erguendo uma das mãos para se proteger. – Fica calmo, cara. Você me machucou.

– A ideia era essa.

A expressão no rosto dele me fez sentir pena. Eu também me senti um idiota. Mas isso não me impediria de bater nele novamente se não respondesse à minha pergunta. Quando fico perturbado, não sou razoável.

– Onde ele está?

– Eu ainda recebo os cinco dólares?

– Não, agora você recebe minha gratidão – respondi. – Quer perder isso?

– Não. Não quero.

– Então não fica de brincadeira. Onde ele está, sapo gordo?

– Está no quarto 52, quinto andar.

– Chave extra?

Ele apontou com a cabeça para uma fileira delas. As chaves estavam penduradas em pregos e todas tinham pequenas placas de madeira nos anéis.

Havia números pintados nas placas. Eu encontrei uma com o número 52 e a peguei.

– Melhor que não esteja me sacaneando – eu disse.

– Não estou. Ele está lá. Não sai nunca. Está lá há uma semana. Faz uns barulhos lá. Não gosto disso. Dirijo um lugar respeitável.

– É, muito legal aqui. E é melhor não estar me enganando.

– Não estou. Juro.

– Bom. E eu vou dar um conselho. Tome um banho. E tire essa merda do seu cabelo. E seus dentes não parecem muito bons. Arranque-os. E dê um tiro naquele maldito gato, ou pelo menos arrume um lugar para ele mijar que não seja a cozinha. Fede como um banheiro.

Eu contornei a escrivania, saí para o *hall* e subi as escadas apressadamente.

Cruzei rapidamente o corredor do quinto andar. Era revestido com um linóleo branco com detalhes dourados; rangia quando eu andava. No final do corredor havia uma janela e também uma escadaria. O quarto 52 ficava em frente a ela.

Ouvi movimento no final das escadas. Tinha uma ideia do que era. Nesse momento dois dos garotos que eu vira na rua surgiram no alto das escadas, com seus belos chapéus e tudo mais, sorrindo.

Um deles tinha mais ou menos o tamanho de um Cadillac, com um dente de ouro que reluzia quando ele sorria. O sujeito atrás dele era magricela e mantinha a mão no bolso.

Eu disse:

– Ora, se não é o esquadrão de cafetões.

– Você é engraçado, crioulo – disse o grandão.

– É, bem, aproveite o espetáculo agora. Vou me mudar para outro palco.

– Pode apostar nisso – disse o grandão.

– O bundão atrás do vidro lá embaixo não está pagando a vocês o bastante para arrumar confusão comigo.

– Algumas vezes fazemos isso só para passar o tédio.

– É mesmo?

– Hã-hã – disse o magricela.

Foi então que eu vi o sujeito magro sacar uma navalha do bolso. Eu também tinha uma, mas navalhadas são nojentas. Ele a deixou fechada.

O grandão com o dente de ouro flexionou os dedos e cerrou o punho. Isso me fez pensar que ele não tinha arma ou navalha; ou talvez apenas gostasse de bater nas pessoas. Sei que gostava.

Eles então foram em minha direção e o magricela a abriu a navalha. Eu saquei a .45 de sob o casaco e disse:

– Melhor você colocar isso de volta no bolso, guarde para fazer a barba.

– Ah, eu vou fazer um pouco agora.

Eu apontei a .45 para ele.

O grandão provocou:

– É uma arma para dois homens.

– É, mas eu sou bem rápido com ela – respondi. – E, francamente, sei que um de vocês vai acabar morto. Eu só ainda não sei qual.

– Tudo bem, então – disse o grandão, sorrindo. – Isso é o bastante.

Ele olhou para o magricela com a navalha. O magricela recolocou-a no bolso do casaco e eles se viraram e desceram as escadas.

Eu fiquei escutando. Podia ouvi-los descendo, mas de repente pararam. Assim como tinha imaginado.

Depois pude ouvir os idiotas subindo apressados. Não eram nem um pouco furtivos como achavam ser. O grandão foi o primeiro a aparecer; saiu correndo da escadaria até o patamar. Eu bati com a coronha da .45 atrás da cabeça dele, bem onde o crânio termina. Ele deu uma espécie de pulo de sapo, cruzou o corredor desequilibrado e bateu com a cabeça na parede, caindo e ficando ali como se desde o início seu objetivo fosse um pulinho e um cochilo.

Então o outro estava lá, e com a navalha. Ele a exibiu, e viu a .45 na minha mão.

– O que você acha que esta arma está fazendo? Está de férias? – perguntei.

Eu o chutei na virilha com tanta força que ele largou a navalha e caiu de joelhos. Eu guardei a .45 e disse:

– Quer um pouco, cara?

Ele se levantou e foi para cima de mim. Eu o acertei com uma direita e o joguei pela janela atrás dele. Pedacos de vidro se espalharam pelo corredor.

Fui até lá e olhei para baixo. Estava caído na saída de incêndio, a cabeça apoiada na grade. Olhou diretamente para mim.

– Você é maluco, idiota. E se não houvesse saída de incêndio?

– Você teria cravado a bunda nos tijolos. Ainda pode.

Ele levantou rapidamente e desceu correndo a escada de incêndio, como um esquilo. Eu o acompanhei até que chegasse ao chão e saísse mancando pelo beco entre latas de lixo viradas e um cachorro fuçando.

Apanhei a navalha e a coloquei no bolso junto com a que eu já tinha, depois andei e chutei o grandão na cabeça apenas porque podia.

Bati na porta. Ninguém respondeu. Eu podia ouvir sons do lado de dentro. Eram parecidos com os que havia escutado naquele disco, mas não inteiramente, e eram baixos, como se soando a distância.

Ninguém respondeu à minha batida, então enfiei a chave na porta e abri, entrando imediatamente.

Quase perdi o fôlego quando fiz isso.

O ar no quarto era denso e fedia a mofo, podridão e coisas há muito mortas. Fazia aquela mistura de pés de porco fervidos, urina de gato e o escroto de dentes podres lá embaixo cheirar como perfume.

Tootie estava deitado de costas na cama. Os olhos fechados. Ele normalmente era um sujeito vestido nos trinquês, mas sua camisa estava amassada, suja e suada no pescoço e nas axilas. As calças também estavam nojentas. Calçava sapatos, mas sem meias. Parecia que alguém o havia incendiado e depois apagado as chamas com um pedaço de pau. O rosto era cadavérico, ele havia perdido muito peso e estava tão magro sob as roupas quanto um esqueleto.

Havia manchas de sangue no ponto em que as mãos pousavam no lençol. O violão estava junto à cama e havia pilhas e mais pilhas de cadernos de composição no chão. Dois deles estavam abertos e cheios de escritos. Que inferno, eu nem sabia que Tootie podia escrever.

A parede do lado oposto estava marcada com tinta preta e vermelha; havia todo tipo de notas musicais gravadas nela, juntamente com símbolos que eu nunca vira antes; rabiscos, círculos e desenhos de bonequinhos. Duas latas de tinta abertas, vermelha e preta, estavam no chão juntamente com pincéis empilhados nelas. Havia tinta derramada no chão, formando bolhas secas. O violão estava coberto de manchas de sangue.

Um toca-discos ligado em uma mesinha de cabeceira tocava aquela música estranha. Eu fui até lá imediatamente, levantei a agulha e a coloquei de lado. E vou dizer uma coisa, simplesmente atravessar o quarto para pegar o toca-discos foi como vadear lama com os tornozelos amarrados. Parecia que quanto mais perto da vitrola eu chegava, mais alto ela tocava e pior eu me sentia. Minha cabeça latejava. Meu coração batia acelerado.

Quando tinha tirado a agulha e desligado a música, fui até Tootie e o toquei. Ele não se mexeu, mas pude ver seu peito subindo e descendo. A não ser pelas mãos, não parecia ferido. Dormia profundamente. Peguei a mão direita, a virei e olhei para a palma. Os dedos tinham cortes profundos, como se alguém tivesse passado uma navalha ali. Imediatamente imaginei que era de tocar violão. Ocorreu-me que para conseguir aqueles sons ele realmente teve de cravar os

dedos nas cordas. E pela aparência do quarto, estava fazendo isso sem parar até pouco antes.

Eu o sacudi. Seus olhos tremeram e finalmente se abriram. Estavam vermelhos e com olheiras.

Quando ele me viu ficou assustado e os olhos reviraram como naqueles jogos de criança em que você tem de jogar as bolas de gude nos buracos. Depois de um momento pararam e ele disse:

– Ricky?

Era outra razão pela qual eu o odiava. Eu não gostava de ser chamado de Ricky.

– Olá, idiota. Sua irmã está morrendo de preocupação – disse eu.

– A música – falou. – Coloque a música novamente.

– Você chama isso de música?

Ele respirou fundo e rolou para fora da cama, quase me jogando de lado. Então eu o vi ter um espasmo, como se tivesse visto um caminhão indo diretamente na sua direção. Eu me virei. E desejei que fosse um caminhão.

Vou tentar dizer o que eu vi. Não apenas vi, mas senti. Estava no ar que respirávamos, penetrando em meu peito como ratos vestindo casacos de arame farpado. A parede, na qual Tootie pintara e desenhara todo aquele lixo, sacudia.

Então, não era mais uma parede. Era um corredor comprido, escuro como o pecado original. Havia algo se movendo ali, algo que coleava e deslizava e fazia sons estalados como um velho bêbado ansioso prestes a tomar a próxima bebida. Surgiram estrelas, estrelas gordurosas que não me lembravam de nada que eu já vira no céu noturno; uma lua da cor do olho sangrando de um peixe estava em segundo plano e lançava uma luz sobre algo que se movia na nossa direção.

– Jesus Cristo – eu disse.

– Não. Não é ele – disse Tootie.

Tootie deu um pulo até o toca-discos, pegou a agulha e o ligou. Saiu aquele som corroído que eu ouvira com Alma May e eu soube que o que ouvira quando entrara no quarto havia sido o final daquele mesmo disco, a parte que não havia escutado antes.

A música guinchava e uivava. Eu me curvei e vomitei. Caí na cama, tentei me levantar, mas minhas pernas eram como velhos limpadores de cachimbo. Aquela gravação arrancara a essência de mim. E então eu vi.

Não há descrição que realmente sirva. Era... uma coisa. Inteiramente envolta em sombra com bocas, tentáculos espasmódicos e pernas de centopeia sobre

cascos barulhentos. Uma cabeça em forma de bulbo coberta de olhos vermelhos e amarelos que pareciam se arrastar. Ao redor, sombras rodopiavam como água. Tinha um bico. Bem, bicos.

A coisa estava saindo diretamente da parede. Tentáculos se lançavam em minha direção. Um me tocou na bochecha. Era como ser escaldado com gordura quente. Uma sombra se soltou da coisa, caiu nas tábuas corridas do quarto, ficou vermelha e correu pelo piso como um jorro de sangue. Insetos e larvas se contorciam na sombra que sangrava e a gravação chegou a um ponto tão alto e desgraçadamente estranho que eu trinquei os dentes, senti como se minhas entranhas estivessem sendo torcidas como roupa molhada. E então desmaiei.

Quando acordei, a música ainda tocava. Tootie estava curvado sobre mim.

– Aquele som – eu disse.

– Você se acostuma, mas a coisa não consegue – disse Tootie. – Ou talvez consiga, mas não ainda.

Eu olhei para a parede. Não havia corredor. Era apenas uma parede coberta de desenhos pintados e manchas de sangue.

– E se a música para? – perguntei.

– Eu adormeço – respondeu Tootie. – O disco para de tocar, ela começa a vir.

Por um momento não soube o que dizer. Finalmente me levantei do chão e sentei na cama. Senti minha bochecha onde o tentáculo acertara. Latejava, e pude sentir bolhas. Eu também tinha um galo na cabeça no ponto em que caíra.

– Quase pegou você – disse Tootie. – Acho que pode ir embora e aquilo não irá atrás de você. Eu não consigo. Se eu saio, ela me segue. Até finalmente me encontrar. Acho que aqui é um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Eu estava olhando para ele, escutando, mas não entendia porra nenhuma.

A gravação acabou. Tootie recomeçou. Eu olhei para a parede. Mesmo aquele breve momento sem som me assustou. Não queria ver aquela coisa novamente. Não queria sequer pensar nela.

– Eu não dormia havia dias, até agora – disse Tootie, se sentando na cama. – Se você não tivesse entrado, ela teria me apanhado e levado embora, levado minha alma. Mas você pode partir. A vigilância é minha, não sua... Estou sempre em alguma merda, não é, Ricky?

– Isso é verdade.

– Mas esse é o fim. Eu tenho de me levantar e ser homem pelo menos uma vez. Preciso lutar contra essa coisa e tudo o que eu tenho é a música. Como disse, você pode ir embora.

Eu balancei a cabeça.

– Alma May me mandou. Eu disse que o levaria de volta.

Foi a vez de Tootie balançar a cabeça.

– Não, eu não vou. Não fiz nada além de atrapalhar a vida da minha irmã. Não vou fazer isso.

– Primeira coisa responsável que já o ouvi dizer – falei.

– Vá embora – ordenou Tootie. – Me deixe. Posso cuidar de mim mesmo.

– Se você não morrer de fome ou apagar por falta de sono ou necessidade de água, ficará bem.

Tootie sorriu para mim.

– É. As únicas coisas com que tenho de me preocupar. Espero que seja uma dessas que me mate. Porque se aquilo vier atrás de mim... Bem, não quero nem pensar.

– Mantenha o disco tocando. Vou pegar algo para comer e beber, um pouco de café. Acha que consegue ficar acordado por uma meia hora?

– Consigo, mas você vai voltar?

– Vou voltar – confirmei.

No corredor, eu vi que o grandão havia partido. Desci as escadas.

Quando retornei, Tootie havia limpado o vômito e examinava os cadernos. Sentara-se no chão, com eles empilhados ao redor. Estava a uns 15 cm do toca-discos. De tempos em tempos, esticava a mão e recomeçava.

Assim que entrei no quarto e o som da gravação cresceu ao redor de mim, eu fiquei enjoado. Eu tinha ido a um café pé-sujo da rua após ter trocado um pneu vazio. Um dos garotos que me fizera passar por maus momentos provavelmente o furara. Minha aposta era o filho da puta sortudo que caíra na saída de incêndio.

Além do pneu, havia meia dúzia de arranhões compridos na pintura do lado do passageiro e meu para-brisas havia sido partido. Voltei do café, estacionei o que restava do meu carro atrás do hotel, um pouco mais abaixo, e caminhei um quarteirão. O carro parecia tão ruim no momento que talvez ninguém quisesse roubá-lo.

Coloquei um dos sacos abertos no chão, perto de Tootie.

– Os dois hambúrgueres são seus – disse. – Trouxe café para nós dois.

Peguei um copo grande cheio de café e dei a ele, peguei o outro para mim. Eu me sentei na cama e bebi. Nada tinha gosto bom naquele quarto com aquele cheiro e aquele som. Mas Tootie comeu como um lobo. Engoliu os hambúrgueres e o café como se fossem ar.

Quando terminou o segundo hambúrguer, recomeçou o disco, depois apoiou as costas na cama.

– Com ou sem café – disse –, não sei quanto tempo consigo ficar acordado.

– Então o que você tem de fazer é manter o disco tocando? – perguntei.

– É.

– Deite na cama, durma algumas horas. Eu mantenho o disco tocando. Quando estiver descansado você me explica essa coisa e então pensamos em algo.

– Não há nada em que pensar – disse ele. – Mas Deus do céu, eu vou aceitar o conselho sobre o sono.

Ele se arrastou para a cama e apagou imediatamente.

Eu recomecei o disco.

Depois me levantei, desamarrei os sapatos de Tootie e os tirei. Inferno, gostando dele ou não, ele era irmão de Alma May. E outra coisa: não desejaria aquela coisa atrás da parede ao meu pior inimigo.

Eu me sentei no chão onde Tootie havia sentado e continuei recomeçando o disco enquanto tentava entender as coisas, o que não era fácil com aquela música tocando. De tempos em tempos levantava e andava pelo quarto, depois acabava de novo no chão junto ao toca-discos, onde podia alcançá-lo facilmente.

Entre as mudanças, examinei os cadernos de composição. Estavam cheios de notas musicais misturadas a rabiscos como os na parede. Era difícil se concentrar com aquele som horrendo. Era como se o ar estivesse cheio de cobras e navalhas. Eu tinha a sensação de que a música empurrava algo atrás daquela parede. Também tinha a sensação de que havia algo do outro lado, empurrando de volta.

Estava escuro quando Tootie acordou. Ele dormira durante dez horas e eu estava exausto de tanta repetição de disco, daquele som horrível. Tinha dor de cabeça de examinar aqueles cadernos e não sabia mais sobre eles do que quando começara.

Saí e comprei mais café, trouxe de volta e nos sentamos na cama, com ele recomeçando o disco de tempos em tempos, ambos bebendo.

Eu disse:

– Tem certeza de que não pode simplesmente ir embora?

Eu estava evitando a verdadeira pergunta por algum motivo. Tipo: que inferno é esta coisa e o que está acontecendo? Talvez tivesse medo da resposta.

– Você viu aquela coisa. Certo, eu posso ir embora. E posso correr. Mas para

onde quer que eu vá, ela vai me encontrar. Então, em algum momento eu terei de encará-la. Algumas vezes faço o mesmo som gravado com o violão, dou um descanso ao disco. A coisa que eu mais temo é o disco desgastar.

Apontei para os cadernos no chão.

– O que é isso tudo?

– São minhas anotações. Meus escritos. Eu vim para cá escrever algumas letras, alguns blues.

– Essas não são letras, são notas.

– Eu sei – disse ele.

– Você não teve formação musical. Você apenas toca.

– Por causa da gravação eu posso ler música e posso escrever coisas que não fazem nenhum sentido para mim a não ser quando estou escrevendo, quando estou escutando aquela música. Todas aquelas marcações são notas musicais, e as outras marcas são outros tipos de notas, notas para sons que eu não conseguia produzir até alguns dias atrás. Mas agora minha cabeça está cheia dos sons e dessas marcas e de todo tipo de coisa, e a única forma que tenho de descansar é escrevendo. Eu escrevi na parede porque achei que as marcas, as próprias notas, poderiam segurar a coisa para que eu pudesse correr. Não funcionou.

– Nenhuma dessas marcas faz sentido para mim – eu disse.

– Certo – respondeu Tootie. – Essa é a melhor forma que eu tenho de explicar algo que não tem explicação. Alguns garotos do blues me contaram que uma vez foram a um lugar no lado sul chamado Cross Road Records. É uma pequena loja de gravação. Ela tem todo tipo de coisas e um grande cara de cor com um grande sorriso branco e olhos vermelhos trabalha lá. Eles disseram que tinham visto o lugar, dado uma espiada e até mesmo ouvido o som de Robert Johnson saindo de um toca-discos no balcão. Havia um cara grande sentado atrás do balcão e acenou para eles, mas o lugar parecia suspeito, então não entraram.

“Mas você me conhece. Aquele me pareceu exatamente o lugar aonde eu queria ir. Então fui. É onde a South Street cruza uma rua chamada Way South.

“Eu entro lá e sou o único na loja. Há discos por toda parte, em caixas, deitados sobre mesas. Alguns têm selos, outros não. Estou olhando, tentando descobrir alguma coisa e esse sujeito grande com o sorriso vai até mim e começa a falar. Seu hálito rescendia a traseiro sujo e seu rosto não parecia de pele preta, mas rocha preta.

“Ele disse: ‘Sei o que você está procurando’. Esticou a mão para uma caixa e tirou um disco sem selo. A caixa inteira não tinha selo. Acho que ele só está me provocando, tentando vender algo. Estou pronto para ir embora, porque ele está

começando a me dar arrepios. O modo como ele se move não é natural, sabe? É como se houvesse algo errado com seus pés, mas ele é capaz de se mover, e rápido. Como se fizesse isso enquanto você pisca.

“Ele se afasta e coloca o disco para tocar, e era Robert Johnson. Eu juro, era ele. Não era alguém tocando como ele. Era ele. E eis a questão. Não era alguma música que já tivesse ouvido. E achava que tinha ouvido todas as músicas que ele colocara no vinil.”

Tootie bebeu um pouco do café. Olhou para a parede por um instante, depois recolocou o disco.

Eu disse:

– Vamos trocar de lugar e eu recoloco. Você bebe e fala. Conte tudo.

Fizemos isso e Tootie continuou:

– Bem, uma coisa leva a outra, ele começa a me elogiar, e eu finalmente pergunto quanto o disco custa. Ele olha para mim e diz: “Para você, basta me dar um pouco de alma do blues. E quando você voltar comprará algo com um pouco mais até tudo terminar e eu receber. Porque você vai voltar.”

“Imaginei que estava falando de tocar violão para ele, porque eu havia contado que tocava, enquanto ele estava falando. Disse que estava com o violão no quarto que alugava, estava a pé e demoraria o dia inteiro para pegar meu violão e voltar, então eu tinha de recusar o negócio. Além disso, estava quase sem dinheiro. Eu deveria tocar em um lugar naquela noite, mas no momento tinha talvez três dólares e algumas moedas no bolso. Pagara o aluguel da semana toda deste quarto e estava aqui havia apenas dois dias. Digo tudo isso e ele diz: ‘Ah, tudo bem. Sei que você sabe tocar. Sei ver essas coisas. Eu quero dizer que se me der uma gota de sangue e uma promessa, pode ficar com o disco’. Nesse momento comecei a sair, porque estava pensando, esse sujeito é completamente maluco, mas eu queria o disco. Então disse a ele que claro, daria uma gota de sangue. Não vou mentir, Ricky, eu estava pensando em agarrar o disco e sair correndo com ele. Eu queria muito. Então, uma gota de sangue não significava nada.

“Ele pegou uma agulha de toca-discos atrás do balcão e furou meu dedo com ela, de repente, enquanto eu ainda tentava entender como chegara tão rápido até mim, ele segura minha mão e deixa o sangue pingar no disco. Ele penetra nos sulcos.

“Ele diz: ‘Agora você me promete que sua alma tocadora de blues é minha quando você morrer’.

“Eu achei que era só papo, sabe, então disse que podia ficar com ela. Ele diz:

‘Quando você escutar, será capaz de tocar. E quando tocar, quando for realmente bom, ele começará a vir, como um rato enfiando o focinho em carne morta. Começará a vir’.

“O que virá?, eu perguntei. Do que você está falando?

“Ele diz: ‘Você saberá’.

“No instante seguinte, ele está junto à porta, abre e sorri para mim, e eu juro, por um momento achei que podia ver através dele. Podia ver o crânio e os ossos. Eu estava com o disco na mão, estava saindo, e assim que fiz isso ele fechou a porta e eu ouvi a fechadura sendo trancada.

“Meu primeiro pensamento foi: tenho de tirar esse sangue dos sulcos do disco, porque aquele maluco acabou de me dar uma gravação perdida de Robert Johnson por nada. Eu peguei um lenço, tirei o disco do envelope e comecei a limpar. O sangue não saiu. Estava nos sulcos, sabe.

“Eu voltei para o meu quarto aqui e tentei colocar um pouco de água quente no sangue dos sulcos, mas ainda assim não saiu. Estava enlouquecido, imaginando que o disco não iria tocar porque o sangue havia endurecido nos sulcos. Eu o coloquei e pensei que talvez a agulha arrancasse a coisa, mas assim que estava no toca-discos e foi tocado pela agulha, soou exatamente da mesma forma que na loja. Eu me sentei na cama e fiquei escutando três ou quatro vezes, depois peguei meu violão e tentei reproduzir o que estava sendo tocado, sabendo que não conseguiria, pois o som não era eletrificado, soava como era. Mas essa foi a coisa. Eu consegui. Eu consegui tocar. E podia ver as notas na minha cabeça e minha cabeça se encheu delas. Eu saí, comprei esses cadernos e coloquei tudo no papel para minha cabeça não explodir, porque sempre que eu ouvia o disco e tentava tocar, as notas começavam a pular no meu crânio.”

Enquanto ele falava, eu fiquei recolocando o disco.

– Esqueci tudo sobre o trabalho daquela noite – disse Tootie. – Fiquei sentado aqui até de manhã, tocando. Ao meio-dia eu soava exatamente como o disco. No final da tarde eu comecei a me sentir meio enjoado. Não consigo explicar, mas sentia como se houvesse alguma coisa tentando atravessar outra coisa, e isso me assustou e senti um nó nas tripas.

“Não sei explicar melhor que isso. Foi uma sensação muito forte. Então, enquanto tocava, a parede ali começou a se abrir do modo como você viu e aquela coisa apareceu. Foi só uma espiada. Mas estava ali. Em toda a sua terrível glória.

“Eu parei de tocar e a parede voltou para o lugar e fechou. Eu pensei: ‘Cara, eu preciso comer, cochilar ou alguma outra coisa’. Fiz isso. Depois peguei o violão

novamente. Tocava como um louco e comecei a me desviar da canção, acrescentando coisas aqui e ali. Mas não era como se as coisas saíssem de mim. Era como se estivesse tendo ajuda de algum lugar.

“Finalmente, com meus dedos sangrando, com câibras e dores, e minha voz rouca de tanto cantar, eu parei. Mas ainda queria ouvir, então coloquei o disco. E não era mais a mesma coisa. Era Johnson, mas as palavras eram estranhas, era um idioma desconhecido. Soava mais como uma espécie de cântico, então soube que Johnson estava naquele disco, tão certo como eu estava neste quarto, e que aquele cântico e aquela execução estavam abrindo um buraco na parede para aquela coisa. Era como o sujeito havia dito. Era como um rato enfiando o focinho em carne vermelha e parecia que eu era a carne. Quando coloquei o disco para tocar novamente a voz não era de Johnson. Era minha.

“Eu fiquei farto, então peguei o disco e o levei de volta à loja. O lugar era o mesmo de antes, e como antes. Eu era o único ali. Ele olhou para mim, se aproximou e disse: ‘Você já quer desfazer o acordo. Posso ver. Todos querem. Mas isso não vai acontecer’.

“Eu olhei como se fosse pular sobre ele e espancá-lo, mas ele olhou de volta e eu fiquei fraco como um gatinho.

“Ele sorriu para mim, tirou outro disco da mesma caixa, pegou o que eu dera a ele, guardou e disse: ‘Você fez um acordo, mas por uma provinha da sua alma eu deixarei que fique com este. Veja, você já abriu o caminho. Agora aquele rato vai atacar aquela carne. Não precisa mais de disco ou de você tocar para que isso aconteça. Agora o rato tem de comer, não importa o que você faça’.

“Quando disse isso, ele pegou minha mão e olhou meus dedos cortados de tanto tocar, e riu tão alto que tudo da loja tremeu, depois apertou meus dedos até eles começarem a sangrar.

“Uma prova da minha alma? Eu perguntei.

“Então ele enfiou o disco na minha mão, e quero morrer se estiver mentindo, colocou a língua para fora, e era comprida como uma cobra velha e negra, como um buraco no chão, e me lambeu no pescoço. Depois de provar ele sorriu e estremeceu, como se acabasse de beber algo refrescante.”

Tootie parou para abrir a camisa e baixá-la um pouco. Havia um ponto no meio do pescoço que alguém parecia ter lixado.

– ‘Uma prova’, ele diz, então enfia o disco na minha mão, que está sangrando por ele ter apertado meus dedos. Depois me lembro de estar olhando para o disco, e é grosso, então eu toco e são dois discos um sobre o outro. Ele diz: ‘Vou dar esse extra porque seu gosto é bom, e talvez você consiga descansar um

pouco mais assim se tiver um toca-discos automático. Reconheça que eu sou um velho generoso e gentil’.

“Não havia nada a fazer a não ser pegar os discos e vir para cá. Eu não tinha intenção de colocá-los para tocar. Eu quase os joguei fora. Mas então aquela coisa na parede, seja lá o que for, estava começando a surgir. O buraco ficava cada vez maior, e eu podia ver mais dela, e aquela sombra vermelha estava escorrendo pelo chão. Pensei em correr, mas não queria deixar aquilo solto, e no fundo sabia que não importava para onde eu fosse, ela iria atrás de mim.

“Comecei a tocar o disco para me defender. Em pouco tempo estava tocando no violão. Quando ficava suficientemente assustado, bastante certo de que a coisa estava atravessando, eu tocava com mais força e o buraco se fechava e aquela coisa voltava para o lugar de onde vinha. Por algum tempo.

“Mas imaginei que precisava ter alguma garantia. Entenda, eu toquei os dois discos e eram a mesma coisa, era a minha voz, e eu nunca tinha gravado nem ouvido aquelas músicas antes. Então soube o que havia naquelas notas que tinha escrito, o que chegara até mim fora a contra-música daquela que eu tocara primeiro. Não sei se era apenas uma brincadeira que o sujeito da loja de discos estava fazendo comigo, mas sabia que era alguma mágica. Ele havia me dado uma canção para deixá-la entrar e me dera outra canção para detê-la. Tenho certeza de que ele achava isso divertido.

“Eu achei que estava controlando a coisa, então peguei aquela outra cópia, fui até os correios e a mandei para Alma, para o caso de algo me acontecer. Acho que pensei que era uma defesa para ela, mas outra parte era orgulho do que eu havia feito. Do que era capaz de fazer. Eu era capaz de tocar qualquer coisa, sem sequer precisar pensar. Blues comum era automático. Qualquer coisa naquele violão era fácil, mesmo coisas que você não deveria ser capaz de tocar nele. Agora entendo que não era eu. Era alguma coisa lá fora.

“Mas quando voltei do correio trouxe tinta e pincéis, pensando em escrever as notas e tudo mais na parede. Fiz isso e estava pronto para arrumar as malas e viajar mais um pouco, exibindo minhas novas habilidades, quando de repente a coisa começou a forçar. Tinha ficado mais forte por eu ter tocado aqueles sons. Coloquei o disco para tocar e basicamente estou fazendo isso desde então.

“Era tudo o jogo daquele cara dos discos, sabe. Comecei a imaginar que ele era o diabo ou algo parecido. Ele me fez jogar um jogo para manter aquela coisa do lado de fora e para ficar com a minha alma. Mas era um jogo de três minutos, ou seis se eu tivesse ficado com o segundo disco e deixado no automático. Se eu tocasse o violão, podia passar do final do disco para o começo dele, tocando

repetidamente. Mas isso me esgotou. Eu finalmente comecei a tocar o disco sem parar. E estou fazendo isso há dias.

“O gordo lá de baixo subiu para cobrar o aluguel, mas assim que usou sua chave e abriu a porta, ouviu aquela música e foi embora. Então aqui estou eu, ainda tocando, sem mais nada a fazer senão continuar a tocar, ou ter minha alma sugada por aquela coisa e entregue ao homem da loja de discos.”

Tootie tomou conta do disco e eu fui até onde ele disse que a loja ficava, com a ideia de dar um chute no traseiro do sujeito ou colocar uma .45 na sua cabeça. Eu encontrei a South Street, mas não a Way South. A outra rua que deveria ser a Way South se chamava Back Water. Também não havia loja, apenas um prédio vazio destrancado. Abri a porta e entrei. Havia poeira por toda parte e eu podia identificar onde tinha havido mesas, por causa das marcas das pernas na poeira. Mas se houve alguém ou alguma coisa ali, isso foi há muito tempo.

Voltei para o hotel e quando cheguei lá Tootie estava quase dormindo. O disco girava no prato sem produzir qualquer som. Olhei para a parede e pude ver o bico daquela coisa mastigando. Coloquei o disco para tocar e dessa vez quando ele chegou ao fim a coisa ainda estava mastigando. Toquei outra vez, e mais uma, e a coisa finalmente foi embora. Estava ficando mais forte.

Acordei Tootie e disse:

– Sabe, temos de descobrir se essa coisa consegue ser mais rápida que meu Chevrolet envenenado.

– É inútil – disse Tootie.

– Então não temos nada a perder – retruquei.

Nós agarramos o disco e o violão dele, descemos as escadas e estávamos na rua antes que você pudesse estalar os dedos. Quando passamos pelo sapo gordo, ele me viu, levantou rapidamente, foi para a cozinha e fechou a porta. Se eu tivesse tempo teria dado um chute no seu traseiro por uma questão de princípios.

Quando chegamos onde eu havia estacionado o carro, ele estava com os quatro pneus arriados, as janelas laterais haviam sido quebradas e a antena, arrancada. O disco que Alma May me dera ainda estava lá, sobre o banco. Eu o peguei e coloquei sobre o outro em minha mão. Era tudo o que podia fazer.

Quanto ao carro, seria capaz de levar aquele Chevrolet de volta para o leste do Texas tanto quanto era capaz de voar de volta em uma folha de jornal molhada.

Então comecei a sentir aquele cheiro. Aquele que havia no quarto. Olhei para o céu. O sol estava meio enevoadado. Meio verde. O ar ao redor de nós tremia, como se estivesse com medo. Estava pesado, como um cobertor. Eu agarrei

Tootie pelo braço e o puxei pela rua. Vi junto ao meio-fio um carro que eu podia usar, um Ford V-8. Chutei a janela traseira, me estiquei e soltei a trava.

Deslizei para o banco atrás do volante. Tootie subiu do lado do carona. Eu me curvei e mexi em alguns fios sob o painel com os dedos e minha navalha e fiz uma ligação direta. O motor roncou e saímos de lá.

Isso não fazia nenhum sentido, mas enquanto seguíamos, ficava escuro atrás de nós. Era como uma grande massa de pudim de chocolate rolando atrás de nós. Estrelas brilhavam nela. Pareciam mais olhos do que estrelas. Havia um pedaço de lua ligeiramente coberta pelo que parecia um fungo vermelho.

Eu dirigi aquele Ford o mais rápido possível. A agulha do velocímetro marcava 110 km/h. Não via nenhum carro na rodovia. Nenhum patrulheiro, nenhuma velha a caminho do supermercado. Para onde tinha ido todo mundo? A rodovia subia e descia como se tentasse sair de sob nós.

Resumindo, eu dirigi rápido e duro e parei uma vez para colocar gasolina, fazendo o homem encher rapidamente. Dei a ele uma nota que valia mais do que a gasolina, ele sorriu para mim e saímos cantando pneu. Não acho que ele conseguia ver o que nós víamos, o céu escuro com aquela coisa nele. Era como se você tivesse de ouvir a música para ver que a coisa existia, ou para que tivesse algum efeito na sua vida. Para ele, estava tudo claro e a vida era boa.

Quando cheguei ao leste do Texas saía fumaça do capô do Ford roubado. Descemos uma colina, a luz do dia brilhava na nossa frente e atrás a escuridão se aproximava; ela se dividia, criando uma espécie de corredor, e havia a coisa com bico, aquela... O que quer que fosse. Estava maior que antes e abria caminho pelo céu noturno como uma doninha passando sob uma cerca. Eu tentei me convencer de que aquilo estava apenas na minha cabeça, mas não fiquei suficientemente convencido para parar e descobrir.

Cheguei ao sopé da colina, vendo a estrada que levava até Alma May. Não sei por que sentia que ir para lá importava, mas era algo que estava na minha cabeça. Chegar até Alma May, cumprir meu trato, levar seu irmão para casa. Claro que eu não achava realmente que aquela coisa iria ou podia nos seguir.

Foi então que o motor do carro quebrou em uma explosão que fez o capô amassar com o impacto dos pistons.

O carro morreu e encostou na estrada que levava à casa de Alma May. Podíamos ver a casa à luz do dia. Mas mesmo essa luz diminuía enquanto a noite atrás de nós se aproximava.

Eu abri a porta do carro, peguei os discos no banco de trás e gritei para Tootie

começar a correr. Ele agarrou o violão e um instante depois estávamos ambos correndo para a casa de Alma May.

Olhando para trás, vi que havia Lua e também estrelas, mas principalmente aquela coisa, cheia de olhos e coberta de feridas, tentáculos e coisas que não consigo sequer descrever. Era como se alguém tivesse jogado animais, peixes, insetos, bicos e todo tipo de doença em uma tigela e misturado com uma batedeira.

Quando chegamos à casa de Alma May eu bati na porta. Ela abriu, mostrando um rosto que me dizia que eu batera com força demais, mas então olhou por sobre meu ombro e ficou pálida, quase como se sua pele fosse branca. Ela havia ouvido a música, então também podia ver.

Eu bati a porta atrás de nós e fui diretamente até o toca-discos. Alma May fazia todo tipo de perguntas, gritando. Primeiramente para mim, depois para Tootie. Eu disse a ela para calar a boca. Arranquei um dos discos do envelope, coloquei no prato, ergui a agulha e... a energia acabou e tudo ficou escuro. Não havia como tocar nada naquele toca-discos. Do lado de fora, o mundo era iluminado por aquela Lua vermelho-sangue.

A porta se abriu. Tentáculos entraram e derrubaram uma mesinha. Algumas bugigangas caíram e quebraram no chão. Por maior que o monstro fosse, ele estava se esgueirando para dentro, partindo o umbral da porta; a madeira quebrando soava como alguém estalando chicotes com as duas mãos.

Eu e Alma May recuamos, sem nem mesmo pensar. A sombra vermelha, brilhante como uma fogueira, se afastou do monstro e começou a escorrer pelo chão, insetos e vermes se retorcendo nela.

Mas não na nossa direção.

Estava escorrendo suavemente como um vazamento de óleo na direção do lado oposto da sala. Eu então entendi. Queria encerrar o acordo que Tootie havia feito com o dono da loja de discos. Tootie dissera o tempo todo, mas só então eu realmente entendi. Ela não queria nada comigo e Alma.

Ela tinha vindo atrás da alma de Tootie.

Houve um som tão agudo que levei as mãos aos ouvidos e Alma May caiu no chão. Era o violão de Tootie. Ele o batera com tanta força que parecia eletrificado. A pulsação daquele acorde deixou minhas pernas bambas. Era cem vezes mais alto que o disco. Era inacreditável, e além da capacidade humana. Mas era Tootie.

A sombra vermelha parou e rolou para trás como uma língua.

O violão seguia seus passos. A coisa na entrada recuou ligeiramente, e então

Tootie gritou:

– Venha me pegar. Venha. Deixe-os em paz.

Eu olhei e sob o brilho leve do luar vermelho através da janela eu vi a sombra de Tootie erguer aquele violão acima da cabeça pelo pescoço, e ele desceu, batendo com força no chão com uma explosão de madeira e cordas retesadas.

A sombra que sangra então avançou rapidamente. Cruzou o piso e foi até Tootie. Ele gritou. Gritou como alguém que tem a carne queimada lentamente. Então a besta passou pela porta como se disparada de um canhão.

Tentáculos esticados, um milhão de pés se remexendo e aqueles bicos se lançaram, atacando Tootie como um cão selvagem rasgando uma boneca de pano. Sangue se espalhou por toda a sala. Era como um enorme morango explodindo.

Então aconteceu outra coisa. Uma névoa azul subiu do chão, do que restara de Tootie, e por um átimo vi o rosto de dele naquela névoa azul; o rosto deu um sorriso sem dentes, não exibindo nada além de um buraco negro onde houvera uma boca. Então, como alguém cheirando o vapor de uma sopa, a névoa azul foi sugada pelos bicos daquela coisa e Tootie e sua alma chegaram ao fim.

A coisa virou a cabeça e olhou para nós. Fez um barulho como o de mil rochas e automóveis quebrados rolando de um penhasco feito de cascalho e vidro, e começou a recuar para a porta. Saiu fazendo um som parecido com o de uma toalha molhada sendo estalada. A sombra que sangra correu pelo chão atrás dela, ansiosa para chegar, um cachorrinho querendo recompensa.

A porta bateu quando a coisa e sua sombra saíram e o ar ficou limpo e a sala brilhou.

Eu olhei para onde Tootie estivera.

Nada.

Nem um osso.

Nem uma gota de sangue.

Levantei a cortina e olhei para fora.

Era de manhã.

Nenhuma nuvem no céu.

O Sol parecia o Sol.

Pássaros cantavam.

O ar tinha o cheiro limpo do hálito de um recém-nascido.

Eu me virei para Alma May. Ela estava se levantando lentamente de onde caíra.

– Ela só queria saber dele – disse eu, com um sentimento por Tootie muito

diferente daquele de antes. – Ele se entregou a ela. Para salvar você, acho.

Alma correu para os meus braços e eu a abracei com força. Após um momento, a soltei. Peguei os discos e os juntei. Eu ia quebrá-los no joelho. Mas não tive oportunidade. Eles ficaram molhados em minha mão, dissolveram-se, caíram no chão e escorreram pelas tábuas do piso como água negra.

Coração faminto

SIMON R. GREEN

O best-seller das listas do *New York Times* Simon R. Green é o autor da série em 11 volumes *Nightside*, sobre paranormalidade, que leva um intrépido investigador particular ao “coração negro de Londres, onde são sempre três horas da manhã” e monstros e criaturas mitológicas e lendárias se encontram e se unem, e às vezes o contratam para algum trabalho perigoso. Entre os livros de *Nightside* estão *Something from the nightside*, *Agents of light and darkness*, *Hex and the city*, *Hell to pay* e sete outros. Green também escreveu séries de fantasia como a sequência de sete volumes *Hawk and Fisher* (*No haven for the guilty*, *Devil take the hindmost*, *The god killer* e quatro outros) e a sequência em três volumes *Forest Kingdom* (*Blue moon rising*, *Blood and honor*, *Down among the Dead men*), séries de ficção científica como a sequência *Deathstalker*, em cinco volumes (*Deathstalker: being the first part of the life and times of Owen Deathstalker*, *Deathstalker war* e três outros), a sequência derivada em três volumes *Deathstalker Legacy* (*Deathstalker legacy*, *Deathstalker return* e *Deathstalker coda*), e séries de contos de fantasia/espionagem como a sequência em cinco volumes *Secret Histories* (*The man with the golden torc*, *Daemons are forever*, *The spy who haunted me*, *From hell with love* e *For heaven’s eyes only*). Também escreveu romances isolados como *Shadows fall* e *Drinking midnight wine*, e iniciou uma nova série sobre paranormalidade, *Ghost Finders*, com *Ghost of a chance* e seu livro mais recente, *Ghost of a smile*.

Aqui, o detetive particular John Taylor, muito acostumado a lidar com fantasmas, magos e espíritos em *Nightside*, pega seu caso mais estranho, o de uma bruxa que perdeu seu coração e o quer de volta.

A cidade de Londres tem um coração oculto; um lugar escuro e secreto onde deuses e monstros lutam nos becos, onde prodígios e maravilhas custam pouco, onde tudo e todos estão à venda e onde todos os seus sonhos podem se realizar. Especialmente aqueles dos quais você acorda gritando. Na *Nightside* de Londres

está sempre escuro, são sempre três horas da manhã, a hora que testa as almas dos homens... E as descobre carentes.

Eu estava bebendo conhaque de absinto no bar mais antigo do mundo quando a *femme fatale* entrou. O bar estava tranquilo, pelo menos o mais tranquilo que costuma ficar. Um grupo de espíritos femininos saído de uma despedida de solteiro se embebedava com Mother's Ruin e reclamava da qualidade dos canapés. Espíritos só querem se divertir. Uma dupla de *Neandertais* havia tomado tantos coquetéis de frutas que estava quase evoluindo diante dos meus olhos. E quatro emissários da Escuridão Exterior jogavam *bridge* a dinheiro e enganavam uns aos outros. Uma noite como as outras no Strangefellows; até ela entrar.

Ela passou entre as mesas com passos largos e a cabeça erguida, como se fosse dona do lugar, ou pelo menos como se planejasse uma tomada de controle hostil. Parou diante da minha mesa, me deu um grande sorriso e me deixou examiná-la. Uma loura platinada alta e magra, menos de 20 anos, pretinho básico, grandes olhos, grande sorriso, muita maquiagem. Suficientemente atraente, de uma forma intimidadora. Uma rosa inglesa com uma boa seleção de espinhos. Ela se apresentou com uma voz levemente ofegante e se sentou na minha frente sem esperar convite. Tentou sorrir mais uma vez para mim. Provavelmente teria funcionado com qualquer outro.

– Você é John Taylor, investigador particular – disse ela de maneira ríspida. – Sou Holly Wylde, e sou uma bruxa. Meu ex roubou meu coração. Quero que você o encontre e o traga de volta para mim.

Não foi a coisa mais estranha que já me pediram para encontrar, mas me senti obrigado a erguer uma sobrancelha.

– Estou sendo literal – disse ela. – Todas as bruxas aprendem a remover seus corações e os mantêm guardados em segurança em local reservado, para que ninguém consiga nos matar completamente. Desde que o coração esteja em segurança sempre podemos voltar. Sei que não é muito honesto, mas se eu acreditasse em coisas como jogo limpo não teria me tornado uma bruxa. Meu ex, maldita seja sua alma doentia, costumava ser meu mentor. Me ensinou tudo o que sei sobre magia. Gideon Brooks, talvez conheça?

– Não – respondi. – O que é incomum. Conheço todos os figurões de Nightside, quem realmente manda no mundo da magia; mas não o conheço.

Ela deu de ombros belamente.

– No que diz respeito a conhecimento proibido, Gideon é a razão pela qual

muito dele é proibido. Um homem muito poderoso, muito perigoso, discreto. De qualquer forma, achei que estávamos nos dando otimamente. Mas quando decidi que já havia aprendido o suficiente para deixar Gideon e me virar sozinha, ele se tornou possessivo. Achei que éramos apenas mentor e aluna, com algumas vantagens, mas de repente ele estava em cima de mim, declarando seu amor eterno e dizendo como não podia viver sem mim. Bem, eu fiquei chocada, senhor Taylor. Não gosto de envolvimento emocional. Não neste estágio da minha carreira. Tentei ser elegante em relação a isso, mas não há muitas formas que uma garota possa dizer “Não!” em uma voz alta e firme. Depois de algum tempo ele se acalmou, pediu desculpas e disse que apenas se preocupava comigo. O que era bastante justo. Mas então me convenceu a entregar a ele meu coração, para que pudesse lhe dar proteção especial, para que eu ficasse segura enquanto cuidava de mim sozinha. E, como uma tola, acreditei nele. Ele está com meu coração, senhor Taylor, e não quer devolvê-lo. E quem tem o coração de uma bruxa sempre terá poder sobre ela. Nunca ficarei livre dele.

Ela finalmente parou para tomar fôlego e me deu o grande sorriso novamente, acompanhado pelos grandes olhos e um suspiro fundo para exhibir o colo. Dei a ela meu próprio sorriso, não mais sincero que o dela. Apesar de toda sua honestidade natural e seu sotaque de escola para moças, Holly era tão falsa quanto os princípios de um banqueiro. O tempo todo que passou falando comigo seus olhos percorreram o bar inteiro, sem quase olhar para mim e nunca fazendo contato visual por mais de alguns segundos. O que é um sinal bastante confiável de que alguém está mentindo para você. Mas tudo bem, estou acostumado com clientes mentindo para mim, ou pelo menos sendo econômicos com a verdade. Meu trabalho é encontrar aquilo que o cliente pede. A verdade torna o trabalho mais fácil, mas posso prescindir dela se for necessário.

– Que tipo de bruxa é você, Holly? Negra, branca, *wicca* ou da casa de chocolate?

Ela me concedeu uma piscadela alegre.

– Eu nunca me permito ser limitada pelas percepções dos outros. Sou apenas um espírito livre, senhor Taylor, ou pelo menos era, até conhecer Gideon Brooks. Um homem nojento. Diga que irá me ajudar. Por favor.

– Vou ajudá-la – disse. – Por mil libras ao dia, mais despesas. E não alegue pobreza. O vestido que está usando custa mais do que o ganho em um ano. E não me obrigue a falar dos sapatos.

Ela sequer piscou. Apenas jogou um envelope na mesa na minha frente. Quando eu abri, mil libras em dinheiro olharam de volta. Dei a Holly meu

sorriso mais profissional e fiz o envelope desaparecer no meu casaco. Nunca coloque tentações no caminho de outras pessoas, especialmente em um bar como o Strangefellows, onde eles roubarão suas obturações caso adormeça de boca aberta. Holly se inclinou sobre a mesa para me dar o que achou ser um olhar sério.

– Dizem que você tem um dom especial para encontrar coisas, senhor Taylor; um olho interior mágico que pode Ver onde tudo está. Mas isso não o ajudará a encontrar meu coração. Gideon o colocou dentro de uma caixa protetora especial de jacarandá chamada Repouso do Coração. Ninguém consegue penetrar a magia que cerca aquela caixa; apenas Gideon pode abri-la. E você também não conseguirá encontrá-lo ou sua casa. Gideon vive em sua própria dimensão particular que só entra em contato com nosso mundo quando ele quer. Eu só o via quando ele deixava a casa aparecer, em vários lugares por toda Nightside. E não o vejo desde que roubou meu coração.

Ela me olhou diretamente nos olhos enquanto dizia isso, então aceitei grande parte como verdade provisória.

Ela se inclinou para trás na cadeira e me deu aquele grande sorriso de novo. Realmente era impressionante. Ela devia ter passado muito tempo treinando na frente do espelho.

– Eu sei: encontrar um coração desaparecido e um homem desaparecido em uma casa desaparecida. Mas se fosse fácil encontrá-lo eu não precisaria do senhor, não é mesmo, senhor Taylor?

Ela se ergueu para partir. Tão absolutamente calma e composta quanto quando chegou, a despeito de sua fascinante história triste.

– Como eu a encontro? – perguntei.

– Não encontra, senhor Taylor. Eu o encontro. Adeusinho.

Ela balançou os dedos para mim em um adeus elegante e partiu, dando passos largos com as costas retas, ignorando o ambiente como se ele não a merecesse. O que provavelmente era verdade. O Strangefellows não é exatamente de elite e você não conseguiria fazê-lo se erguer com um chicote e uma cadeira. Fiquei bebendo meu conhaque de absinto por um momento e depois fui até o bar de mogno para ter uma palavrinha com o dono, *bartender* e antigo pé no saco do Strangefellows, Alex Morrisey. Alex só veste preto porque ninguém inventou uma cor mais escura, e ele poderia disputar a medalha de depressão nas Olimpíadas, com uma menção honrosa em angústia existencial. Começou a perder o cabelo com 20 e poucos anos, e não consigo deixar de pensar que há uma ligação. No momento ele provocava os salgadinhos do bar com uma vareta

para ver se ainda havia vida neles.

Um punhado de espíritos cercava o bar: formas semitransparentes cambiantes que se fundiam e se separavam umas das outras, como se drenando as memórias de antigos vinhos de garrafas há muito vazias. Apenas Alex conseguia vender a mesma garrafa de vinho várias vezes. Eu fiz o sinal de extremamente aborrecido para os espíritos e eles se afastaram, soturnos, do bar para que eu e Alex pudéssemos conversar em particular.

– Gideon Brooks – disse Alex pensativo depois que dei a ele os detalhes necessários. Ele limpou um copo com a mesma toalha que usara para limpar bebida derramada do balcão, para ter tempo de pensar. – Não é um dos figurões, mas você sabe disso tão bem quanto eu. Claro que os realmente poderosos gostam de ficar fora de vista e abaixo do radar. Mas a caixa de jacarandá, Repouso do Coração... Esse nome me lembra alguma coisa. Alguma espécie de objeto de coleção inestimável, do tipo que vale tanto que raramente é comprado ou vendido, com maior frequência recolhido dos dedos mortos de seu dono anterior.

– Objetos de coleção – completei – sempre causam mais problemas do que valem. E Nightside está repleta dessas lojinhas de magia que vendem absolutamente tudo sem fazer perguntas, e certamente sem dar garantia. Por qual maldito lugar eu deveria começar?

Alex sorriu e colocou um panfleto barato na minha frente. OBJETOS DE COLEÇÃO PASSADOS E FUTUROS, anunciavam as feias letras maiúsculas. Eu deveria saber. Todo tipo de objetos raros e estranhos aparece em Nightside, do passado, do futuro e de qualquer uma das terras alternativas. Os restos e os destroços do mundo invisível. E sendo Nightside, sempre há alguém disposto a lucrar com eles. O espetáculo itinerante Objetos de Coleção Passados e Futuros oferecia a maior seleção possível de *memorabilia* mágica e esquisitices em geral. Alguém saberia sobre a caixa de jacarandá. Eu anotei o endereço e ergui os olhos para ver Alex sorrindo para mim.

– Você sabe com quem tem de falar – disse ele. – A Rainha de Copas. Deve estar lá, e sabe tudo o que há para saber sobre objetos relacionados a coração. A própria Big Bad Betty... Tenho certeza de que ficará feliz em vê-lo novamente.

– Não – disse eu. – A única coisa boa que aquela mulher me ensinou foi a não misturar bebidas.

– Achava que davam um belo casal.

– Quer levar um tapa?

Eu saí do Strangefellows e segui pelas estreitas ruas molhadas de chuva de Nightside. A noite estava cheia de gente e algumas decididamente não eram gente, todas em busca de coisas que eram ruins para elas. Néons quentes queimavam de todos os lados e música suave saía pelas portas abertas daquele tipo de boate que nunca fecha; onde você pode calçar os sapatos vermelhos e dançar até sangrar. Cheiros exóticos de diferentes culinárias, agentes de portas abertas anunciando emoções tão exóticas que sequer têm um nome educado e, claro, as filhas da penumbra, patrulhando todas as esquinas; amor para vender, ou algo muito parecido com isso. Você nunca está muito distante do céu ou do inferno em Nightside, embora eles com frequência sejam o mesmo lugar, sob nova direção.

Eu estava indo para o velho Market Hall, onde fora montada a Objetos de Coleção Passados e Futuros, quando alguém abriu caminho e se apresentou a mim. Estava vestido como um motoqueiro dos anos 1950: todo em couro preto reluzente, correntes de aço escovado, boné de couro pontudo e uma pose de Brando quase convincente. Não podia ter mais de 16 ou 17 anos, com rosto branco como cadáver e lábios finos descorados. Os olhos eram escuros, o olhar, fundo e maligno. Ele entrou exatamente no meu passo, as mãos enfiadas fundo nos bolsos da jaqueta de couro.

– O nome é Gunboy – anunciou ele em um tom calmo, sereno e monótono, sem sequer olhar para mim. – O senhor Sweetman quer falar com você. Agora.

– Todas as linhas estão ocupadas – disse eu. – Ligo depois.

– Quando o senhor Sweetman quer falar com alguém, as pessoas falam com ele.

– Que bom para o senhor Sweetman. Mas quando eu não quero falar com as pessoas, tenho uma tendência a empurrá-las para fora da calçada para que brinquem com o trânsito.

Gunboy tirou uma das mãos do bolso da jaqueta e apontou para mim, os dedos em posição, como a arma imaginária de uma criança. Deixou que eu desse uma boa olhada e depois apontou o único dedo esticado para uma fileira de bulbos de néon brilhantes sobre a porta de uma franquia de Long Pigge. Sua mão quase não se mexeu, mas os bulbos explodiram um a um, centelhas voando pelo ar noturno. Um homem grande em um sobretudo branco sujo de sangue veio correndo se queixar, deu uma olhada em Gunboy e voltou rapidamente. Gunboy soprou fumaça imaginária do dedo e então o enfiou de maneira descontraída em minhas costelas. Ele não estava sorrindo e seu olhar escuro era quente e convincente.

– Armas conceituais – explicou, os lábios mal se movendo. – Balas conceituais. Reais porque eu acredito que são. O poder vem de mim, assim como os corpos mortos. Venha comigo ou farei buracos de verdade em você.

Eu o avaliei atentamente. Ao longo dos anos eu desenvolvera vários truques úteis e de fato bastante discretos para lidar com armas apontadas na minha direção, mas todos eles dependiam de haver algum tipo de arma real com a qual lidar. Então dei a Gunboy meu melhor sorriso de *não estou nem um pouco intimidado* e permiti que ele me levasse ao seu mestre. Gunboy foi gentil o bastante ao recolocar a mão no bolso enquanto caminhávamos juntos. Não estou certo de que meu orgulho teria sobrevivido a algo diferente.

O senhor Sweetman por acaso estava hospedado no Hotel des Heures, um estabelecimento muito elegante e caro, onde todos os quartos tinham o tempo individualmente codificado. Fique quanto tempo quiser no seu quarto e nenhum momento terá passado quando você sair novamente. O máximo em garantia de privacidade, desde que você mantenha a porta trancada. Você poderia passar a vida inteira em um desses quartos, mas não me perguntem como eles lidam com o serviço de quarto.

Gunboy me conduziu até o aposento certo, deu uma batida especial na porta, esperou que fosse aberta e me empurrou para dentro. O único dedo me apertando nas costas era suficiente para me manter andando. O senhor Sweetman esperava por nós. Um cavalheiro grego muito grande em um cafetã branco impecável, ele se ergueu pesadamente de uma cadeira estofada e consentiu de maneira descontraída para mim. A cabeça era raspada, ele usava maquiagem escura nos olhos, sorriu apenas rapidamente ao indicar que deveria tomar a cadeira em frente. Ambos nos sentamos, olhando um para o outro com curiosidade explícita. Gunboy permaneceu à porta, as mãos de novo nos bolsos da jaqueta, olhando para nada em especial.

– Senhor Taylor – começou Sweetman em uma voz alta e alegre. – Uma honra, meu caro senhor, eu lhe asseguro. Nós nos deparamos com tantas lendas vivas em Nightside que é sempre um prazer encontrar algo real. Sou Elias Sweetman, um homem de grandes apetites, sempre com fome de mais. Você e eu, senhor, temos negócios a discutir. Para vantagem mútua, espero. Pode falar com sinceridade aqui, senhor Taylor; Gunboy garantirá que não sejamos interrompidos.

Gunboy me lançou um rápido olhar, a fim de indicar que era melhor que eu me comportasse, depois se apoiou novamente na porta. Seus olhos imediatamente se

voltaram para outra coisa, como se pensasse no que quer que adolescentes que matam por prazer pensam. Eu teria de fazer algo em relação a Gunboy, por causa do meu orgulho. Sorri de modo relaxado para Sweetman enquanto ele ajeitava as dobras de seu cafetã para ter o máximo de conforto. Parecia ser um homem que gostava de confortos. Ele sorriu para mim como um tio simpático capaz de nos cobrir de presentes caso tivesse vontade.

– Sua reputação o precede, senhor Taylor, de fato é verdade, então não percamos tempo. Você está atualmente em busca de certo prêmio no qual tenho um especial interesse; a caixa, senhor Taylor, a caixa de jacarandá. Ela teve muitos nomes, claro, algo inevitável para um tesouro que passou por tantas mãos ao longo dos séculos, mas acredito que possa conhecê-lo como Repouso do Coração.

– Conheço o nome – disse, tomando o cuidado de não me comprometer.

Ele deu uma risada aguda.

– Admiro um homem que joga com as cartas junto ao peito, de fato admiro, senhor Taylor. Mas não há necessidade de timidez aqui. Eu cacei a caixa de jacarandá por muitos anos, em muitas terras e muitos mundos, disputando com colecionadores igualmente sérios pelo caminho, mas agora... A caixa veio para Nightside. Então estamos todos aqui. Sim... Devo perguntar, senhor Taylor: qual é exatamente seu interesse na caixa?

Não vi nenhum bom motivo para esconder a verdade, então dei a ele a versão resumida do que Holly havia me contado, omitindo apenas seu nome. Quando terminei, Sweetman deu sua risada latida novamente.

– Seja lá o que for que a caixa venha a conter, senhor Taylor, posso assegurá-lo de que não é o coração de alguma bruxinha sem importância. Não, não... A caixa contém a fonte de um grande poder. O coração de um grande homem, talvez até mesmo de um deus... Alguns dizem que a caixa contém o coração preservado do grande deus antigo Lud, a pedra fundamental original de Londres. Outros dizem que contém o coração desaparecido daquele terrível feiticeiro antigo, Merlin Satanspawn. Ou talvez o coração de Nikola Tesla, o santo alquebrado e amargo da ciência do século XX. Ninguém sabe ao certo. Apenas que a caixa contém um poder pelo qual vale morrer. Ou matar... Certamente a caixa se tornou tão famosa que é um objeto de coleção em si, qualquer que seja o seu conteúdo.

– Então – conclui –, uma fonte de riqueza e possivelmente poder. Não espanta que tantas pessoas a queiram.

– Passada de mão em mão ao longo dos anos, ganhando sangue e lendas no caminho, senhor Taylor. Inestimável porque não há dinheiro suficiente no mundo

para comprá-la. Você precisa ser homem o bastante para tomá-la e ficar com ela.

Ele estava inclinado para a frente, lambendo os lábios, os olhos brilhando. Estava tão perto daquilo que perseguira por tanto tempo que quase podia sentir o gosto, e apenas sua necessidade de ter certeza de saber tudo o que eu sabia o impedia de usar métodos de interrogatório mais duros. E como ele não tinha como saber quão pouco eu sabia, tomei o cuidado de reclinar na cadeira e me esticar relaxadamente.

– O que você acha que há na caixa de jacarandá? – questionei.

Ele se recostou na cadeira e me estudou cuidadosamente, deixando o tempo passar antes de responder.

– Tenho bons motivos para crer que a caixa contém o coração de William Shakespeare, senhor Taylor. O coração da própria Inglaterra, dizem alguns.

– E o que faria com algo assim quando tomasse posse?

Sweetman deu um largo sorriso.

– Pretendo comê-lo, senhor Taylor. Apenas as experiências gastronômicas mais raras e refinadas conseguem despertar meu paladar desgastado atualmente, e essa iguaria em particular pode se revelar muito prazerosa... O senhor tem um dom para encontrar coisas. Encontre a caixa para mim. Seja lá quanto a bruxinha estiver pagando, eu dobro a oferta.

– Lamento. Mas tenho de ser fiel a meus clientes.

– Mesmo quando eles mentem para você?

– Talvez especialmente nesse caso.

Eu me levantei para partir e Sweetman imediatamente gesticulou para Gunboy à porta. Ele se empertigou enquanto eu me aproximava e sacou a mão da jaqueta de couro. Eu tirei uma das mãos do bolso do meu sobretudo, abri o saco de pimenta grossa que sempre levo comigo e joguei tudo no rosto dele. Ele recuou a cabeça assustado, mas já era tarde demais. Espirrou violentamente, enquanto lágrimas chocadas lhe escorriam pelo rosto, saindo dos olhos apertados. Balançou o dedo de um lado para outro, mas isso não me preocupou. Com o nariz e os olhos cheios de pimenta, não havia como Gunboy se concentrar o bastante para manifestar suas armas conceituais. Nunca saía de casa sem temperos. São nossos amigos. Passei facilmente pelo choroso Gunboy e abri a porta. Arrisquei olhar para trás, apenas para o caso de Sweetman ter suas próprias armas escondidas, mas ele perdera todo interesse em mim. Estava com o braço sobre os ombros trêmulos de Gunboy e o consolava como a uma criança. Ou quase como a uma criança.

Eu fechei a porta silenciosamente atrás de mim e saí do Hotel des Heures. Pelo

menos não havia perdido tempo.

O velho Market Hall é um grande galpão aberto e o espetáculo itinerante Objetos de Coleção Passados e Futuros o ocupava de uma ponta a outra com centenas de barracas, grandes e pequenas, oferecendo mais *memorabilia* rara e incomum em um só lugar do que a mente humana era capaz de acomodar com conforto. Eu percorri os corredores, olhando, descontraído, para uma barraca ou outra, tomando o cuidado de não demonstrar interesse demais em nada. Não que houvesse algo excepcional em oferta. Um velho vídeo Betamax de Elvis no papel de Capitão Marvel em um filme *Shazam!* de 1969, de algum outro mundo. Um dos caixões de Drácula, com direito à terra da cova original e um certificado de autenticidade. A cabeça mumificada de Alfredo Garcia, com um cheiro forte de condimentos mexicanos. E o espelho de Dorian Gray.

Eu finalmente cheguei à barraca da Rainha de Copas, como se apenas estivesse indo por acaso naquela direção. Big Bad Betty cuidava de tudo sozinha, como de costume: grande como a vida e duas vezes mais imponente. Com 1,80 m de altura e de constituição forte, ela vestia um traje de cigana estilizado, com direito a uma peruca de cachos escuros compridos obviamente falsa e um monte infernal de braceletes barulhentos subindo pelos braços carnudos. Os dedos de suas mãos grandes estavam cobertos de anéis de metal suficientes para serem considerados socos-ingleses, e ela parecia não hesitar em usá-los. Era bastante atraente, de uma forma grande, escura e até mesmo morena. Dei a ela meu sorriso mais simpático e sua expressão sinistra não mudou em nada.

Fingi examinar o conteúdo de sua barraca tencionando dar a ela tempo suficiente para se dar conta de que a cara feia não seria suficiente para me mandar embora. Big Bad Betty gostava de se apresentar como Rainha de Copas porque se especializara em objetos relacionados ao coração. No momento estava oferecendo o coração cuidadosamente preservado de Giacomo Casanova (maior do que se poderia esperar), um frasco do sangue do coração de Varney, o Vampiro, e um baralho de cartas que um dia pertencera a Lewis Carroll, com todas as copas pintadas com sangue seco. Nada especial.

– Você tem muita coragem de dar as caras aqui, John Taylor – disse Betty finalmente.

– Apenas dando uma olhada – respondi descontraidamente. – Gosto de ver as ofertas.

– Eu contratei você para encontrar meu marido desaparecido!

– Eu o encontrei. Não é culpa minha se ele teve a memória apagada e não lembrava mais de você. E não é de modo algum culpa minha que ele tenha tido a memória apagada de modo a garantir que não conseguiria se lembrar de você. Talvez devesse ter tentado terapia de casal...

Ela franziu o cenho para mim.

– Você nunca me procurou depois. Nem uma só vez.

– Não foi para isso que você me contratou.

– O que quer aqui, Taylor? Já que quanto mais cedo você sair da minha frente, melhor.

– O que você pode me dizer sobre a caixa de jacarandá chamada por alguns de Repouso do Coração?

Ela não conseguiria resistir. Adora exibir seu conhecimento e ninguém sabe mais sobre corações do que a Rainha de Copas.

– A caixa tem séculos, supostamente criada na França pré-revolucionária para conter o sofrimento de um amante com o coração partido. Ele colocou tudo na caixa, para se livrar disso. Daí o nome, Repouso do Coração. Muito francês. Mas há outras histórias. De que aquilo que a caixa contém foi mudando ao longo dos séculos. Algo... mais sombrio. Faminto. Transformando a caixa no recipiente perfeito para todos os tipos de corações mágicos e significativos. Motivo pelo qual a caixa tem tantos outros nomes. Destruidor de Corações, Coração Faminto, Coração Negro; você escolhe. Pelo que sei, ninguém ousou abrir a caixa em anos. Qualquer colecionador com dois neurônios funcionando se mantém bem longe dela. Agora, compre alguma coisa ou desapareça.

Eu assenti educadamente e me afastei da barraca o mais rápido possível sem chegar a correr. Conseguira tudo de que precisava com Betty, mas ainda precisaria de alguma ajuda especializada para encontrar Gideon Brooks, sua casa itinerante e a caixa de jacarandá. Então me concentrei e acionei meu dom especial. Meu olho interior se abriu lentamente, meu terceiro olho, meu olho particular; e olhei ao redor do Market Hall com minha visão elevada, buscando o que precisava. Uma chave que destrancaria uma porta dimensional. Algo brilhou a pouca distância, cintilando em branco quente com significado místico. Percorri rapidamente os corredores e finalmente parei diante de uma barraca que oferecia apenas chaves, de todas as formas e tamanhos. Chaves mestras para abrir qualquer porta, chaves de prata abençoadas para revelar segredos ocultos, chaves de ferro sólidas para desfazer feitiços de castidade. Chaves são símbolos muito antigos e podem desfazer muitas mágicas simbólicas.

Uma chave se destacou entre as filas de chaves penduradas, brilhando muito

forte apenas para meu olho interior. Uma chave de latão simples, marcada com glifos pré-humanos. Eu vira aquele tipo antes, em certos livros muito controlados. Era uma chave de convocação, capaz não apenas de abrir qualquer porta, mas de trazer a porta até você. Exatamente do que eu precisava. Infelizmente, a chave não tinha uma etiqueta de preço. E em um lugar como aquele, isso só podia significar que se você tinha de perguntar o preço era porque não podia pagar. Então usei meu dom para encontrar o único momento em que a atenção do dono da barraca estava voltada para outra coisa e simplesmente estiquei a mão, peguei a chave e saí andando.

Poderia devolvê-la mais tarde, quando tivesse terminado. Quando encontrasse o tempo. O dono da barraca realmente deveria ter investido em alguns feitiços de segurança minimamente decentes.

Eu estava seguindo descontraidamente para a saída mais próxima, a chave enfiada em meu bolso interno, quando Holly Wylde saiu de repente do meio da multidão para bloquear minha passagem. Ela sorriu para mim com expressão de vitória.

– Tive a sensação de que você estaria aqui. E aqui está! Não está contente de me ver de novo?

– Não sei – respondi. – Prefiro que meus clientes me digam a verdade, sempre que possível.

– Eu não menti exatamente – disse ela, fazendo beicinho. – Certo, sim, há muito sobre a caixa de jacarandá que não contei a você, mas estava bastante certa de que descobriria sozinho assim que comesse a procurar. Afinal, eu não queria assustá-lo; e quero muito meu coração de volta. Não sei o que farei sem ele.

Suspirei. Era difícil ficar furioso com ela. Embora provavelmente valesse o esforço.

– Por que Gideon Brooks colocou seu coração em uma caixa tão preciosa e importante?

– Porque era a única coisa que ele sabia que eu não conseguiria penetrar – explicou ela com naturalidade.

– E a única coisa que deseja é seu coração de volta? – questionei. – Não se importa com a caixa importante e inestimável?

– Bem – respondeu ela –, se por acaso ela caísse em nossas mãos seria um belo bônus. Não é verdade?

– Você está piscando para mim novamente. Pare.

- Desculpe. É a força do hábito.
- Outras pessoas estão procurando a caixa – disse, mudando para o que eu achei que seria um terreno mais seguro. Contei a ela sobre Sweetman e Gunboy e ela bateu o pezinho e disse algumas palavrinhas feias.
- O gordo e seu brinquedinho; sabia que eles estavam farejando, mas não que estavam tão perto. Temos de chegar a Gideon antes deles. Eles só se importam com a caixa. Não ligariam para o meu pobre coraçãozinho.
- Sweetman pareceu muito seguro de que a caixa contém um coração muito famoso ou importante – argumentei.
- Pode ser. Quem sabe? – Holly deu de ombros relaxadamente. – Quem sabe quantos corações terminaram dentro daquela caixa ao longo dos anos? Eu só me interessei pelo meu. Aliás, o que você está fazendo aqui? Um lugar tão vagabundo cheio de lixo e *kitsch*. Posso sentir minha credibilidade desaparecendo simplesmente por estar aqui.
- Eu adquiri um brinquedinho útil que trará a porta de Gideon diretamente para nós.
- Ela guinchou de excitação e fez uma dancinha alegre na minha frente.
- Isso! Isso! Eu sabia que você não iria me decepcionar.
- Eu conto tudo a meus clientes – afirmei, de modo direto. – Tem certeza de que não há mais nada que deveria me contar?
- Acho que não – disse Holly Wylde, os olhos grandes tomados por uma inocência nada convincente.

Saímos juntos do Market Hall e encontrei um lugar razoavelmente calmo e silencioso para usar meu dom novamente. Disparei minha visão da cabeça para o céu noturno, salpicado de mais estrelas que o mundo exterior já sonhou, então olhei para baixo, para as ruas de Nightside girando lentamente abaixo de mim. Podia ver ao redor os clarões sutis e as chamas ocasionais de feitos mágicos, e as radiações e detonações mais claramente dramáticas de cientistas loucos brincando. Gigantescas formas indistintas subiam e desciam as ruas, passando através de prédios como se não estivessem lá; apenas o antigo Povo Medonho, cuidando de seus negócios desconhecidos. Todo tipo de tráfego rugia pelas ruas, carregando todo tipo de bens e pessoas e nunca parando. E alguns prédios simplesmente desapareciam de vista, indo e vindo, substituídos por outros prédios em suas viagens inescrutáveis.

Todos sabem que um alvo móvel é mais difícil de se atingir.

Em meu próprio corpo eu segurava a chave de convocação firmemente na mão

e concentrava meu dom através dela; e imediatamente um prédio específico se projetou com significado excepcional, enquanto a chave se fechava na porta especial que eu precisava encontrar. O prédio saltava por Nightside, aparecendo e desaparecendo de forma, a princípio, aleatória; mas como um peixe na ponta da linha, agora que eu tinha a chave de convocação. Cacei Gideon Brooks por Nightside, permanecendo perto, não importando quantas vezes ele tentasse me despistar, minha mente disparando de forma impossivelmente rápida de um local para outro, invisível e indetectável, até Gideon Brooks finalmente desistir e sua casa assentar em um lugar e ficar ali. Ela se materializou bem na minha frente, apresentando uma porta banal, e se enfiou entre dois estabelecimentos perfeitamente respeitáveis, que bastante a contragosto se deslocaram para abrir espaço. Eu voltei para minha cabeça e afrouxei o aperto na chave de convocação. A porta diante de mim não parecia nada ameaçadora, mas mesmo assim verifiquei com minha visão, só para garantir. Mágicas de proteção pesadas rastejavam sobre a porta e zumbiam e cintilavam no ar ao redor do prédio.

Eu ergui a chave, murmurei as devidas palavras de ativação e destranquei todas as proteções, uma a uma. Demorou um pouco. Holly deu gritinhos excitados e bateu palmas com as mãozinhas.

Foi quando Sweetman e Gunboy apareceram. Simplesmente estavam lá de repente, descendo a rua na nossa direção, Sweetman em seu grande cafetã branco, deslizando como um navio com velas desfraldadas. Gunboy andando insolente ao seu lado, como um cão de ataque com guia curta. Holly sibilou com a visão deles, como um gato ofendido, e se colocou rapidamente atrás de mim. Desliguei cuidadosamente minha visão para poder me concentrar na questão imediata.

– Meu caro senhor Taylor – disse Sweetman, parando na minha frente. – Muito bem, senhor, de fato, muito bem! Sabia que podia confiar no senhor para rastrear Gideon Brooks, mas devo dizer que nunca pensei que também seria capaz de fazer sua casa muito especial aterrissar. Não deveria estar tão surpreso de me ver, meu bom amigo, de fato não deveria. O querido Gunboy e eu o estamos seguindo desde que deixou o hotel.

– Não estão, não – rebati secamente. – Eu teria notado.

– Bem, não seguindo pessoalmente – concordou Sweetman. – Tomei a liberdade de colocar um pequeno, mas muito potente, aparelho de rastreamento no bolso de seu casaco enquanto estava preocupado com o pobre Gunboy. O querido rapaz foi responsável por essa maravilhosa distração.

Eu olhei para Gunboy.

– E como você se sente de ser usado assim?

Ele tirou uma das mãos do bolso e apontou para mim.

– Eu faço o que o senhor Sweetman diz. Assim como você.

– Você vai deixar ele falar assim com você? – resmungou Holly, atrás de mim.

– Enquanto ele estiver apontando aquela arma conceitual, sim. – respondi. – Senhor Sweetman, se bem entendo, e estou inteiramente preparado para ouvir que não entendo, o caso é o seguinte: o senhor quer a caixa de jacarandá e o coração muito importante que acredita que ela contém. Acredito que não esteja interessado no coração desta jovem dama, também dentro da caixa?

Sweetman inclinou sua grande cabeça de modo ponderado.

– Sem ofensa, jovem, mas não tenho interesse em seu coração em qualquer circunstância.

– Para alguém que não queria ofender, devo dizer que chegou bastante perto – comentou Holly.

– Considerando que todos queremos coisas diferentes de Gideon Brooks – me apressei em dizer –, não precisamos atacar uns aos outros. Podemos trabalhar juntos para obter a caixa e então pegar dela o que cada um deseja.

– Você está maluco? – Holly saiu apressadamente de detrás de mim para poder me olhar melhor. – Desistir da caixa?

– Você me contratou para encontrar seu coração roubado – respondi. – Ou agora está dizendo que a caixa é mais importante?

– Não. O coração é tudo – argumentou Holly, depois olhando para Gunboy. – Poderíamos ter um pouco de poder de fogo de verdade se vamos atacar Gideon Brooks.

Gunboy olhou para Sweetman, depois colocou a mão no bolso.

– Não fique emburrado, garoto – disse Sweetman. – Não é nada atraente.

Eu sorri para todos.

– Adoro quando se consegue um acordo.

Então todos nos viramos rapidamente enquanto a porta diante de nós se abria sozinha. Fiquei um pouco desapontado por não poder exhibir o que era capaz de fazer com meu dom e a chave de convocação. Ficamos olhando para a porta aberta por um bom tempo, mas nada ameaçador surgiu, e além dela só havia escuridão impenetrável. Nós nos entreolhamos, então liderei a investida, no mínimo porque não confiava em que nenhum dos outros reagisse de forma responsável a algo inesperado. Sweetman e Gunboy foram atrás de mim, com Holly fechando a fila.

Atrás da porta havia um corredor simples pouco iluminado, sem qualquer armadilha mágica evidente. Poderia ser uma casa qualquer, em um lugar qualquer. A porta se fechou silenciosamente atrás de nós assim que entramos. Nós quatro praticamente lotamos o corredor estreito. Uma porta à nossa esquerda se abriu lentamente e eu segui para a sala adjacente. Quando em dúvida, aja com confiança. A sala era aberta e com luz quente, sem móveis ou decoração, apenas tábuas corridas nuas e um homem de meia-idade de aparência comum vestido de modo despretensioso, sentado em uma cadeira, cercado por um grande pentagrama queimado diretamente no piso. Segurava nas mãos uma caixa de madeira simples, com talvez 30 cm de comprimento e 15 cm de largura.

As linhas do pentagrama se incendiaram de repente quando Sweetman se aproximou delas e ele parou. As linhas brilhavam com uma forte luz azulada, alimentada por energias sobrenaturais. Sweetman recuou cautelosamente e gesticulou para Gunboy, que sorriu devagar enquanto tirava as duas mãos dos bolsos da jaqueta. E então parou, olhou de forma quase desprezível para Sweetman e guardou as mãos de novo. Aparentemente, armas conceituais não eram páreo para mágicas mais antigas e estabelecidas.

Olhei para Holly. Ela fitava Gideon sem piscar, mas não consegui ler a expressão em seu rosto. Não parecia com raiva nem com medo; apenas inteiramente concentrada na caixa nas mãos dele.

– Você é uma bruxa – disse eu a ela em voz baixa. – Não pode fazer alguma coisa?

Ela de repente franziu o cenho de raiva enquanto olhava para Gideon. Poderia ser apenas o cenho, mas já não parecia bonita.

– Se pudesse quebrar as proteções dele não precisaria de sua ajuda.

– Você nunca gostou de depender de outras pessoas – disse o homem na cadeira, de forma simpática. – E realmente não conseguia suportar alguém com poder sobre você, mesmo tendo o procurado para aprender magia. Você foi a melhor aluna que já tive, minha querida, até ficar impaciente e tentar roubar meus segredos. E quando isso falhou, você teve de ir buscar poder em todo tipo de lugar inadequado.

Ele olhou para mim.

– O que quer que ela tenha lhe dito, não se pode confiar. Ela dirá qualquer coisa, fará qualquer coisa para conseguir o que quer. Dormiu com demônios para que eles lhe ensinassem magias que eu não quis, roubou livros de magia e objetos de poder e teria roubado meu coração... se eu não tivesse tomado precauções.

– Ninguém me diz o que fazer – advertiu Holly. – Com seu coração nas mãos você teria me ensinado tudo o que eu queria. E quanto aos demônios, cada um deles foi melhor na cama que você.

Mulheres sempre jogam sujo.

– Eu mantive minha casa em movimento para você não poder me encontrar – explicou Gideon. – Deveria saber que você procuraria o infame John Taylor, o homem que consegue encontrar qualquer coisa. O que ela lhe disse, senhor Taylor, quando não estava lhe dando seu belo sorriso?

– Disse que você roubou seu coração. E o colocou na caixa de jacarandá.

– Ah, Holly – ironizou Gideon, até mesmo dando um risinho rápido. – É o meu coração na caixa, senhor Taylor. Eu o coloquei aqui após ela tentar roubá-lo. Porque não conseguia suportar a ideia de alguém ter controle sobre ela.

– Então... você não tem qualquer sentimento por ela? – perguntei, apenas para ter certeza.

– Ah! Eu deveria saber que seriam coisas do coração, por assim dizer. Por isso você está aqui, Holly?

– Você nunca me amou! – gritou Holly, bem na frente dele, no limite do pentagrama, os dois punhos cerrados. – Eu fiz tudo certo e ainda assim você nunca me amou!

– Você nunca amou ninguém – respondeu Gideon, calmamente. – Sempre amou o poder. Eu fui apenas seu mentor.

Holly se virou para mim de repente.

– Você acredita em mim, não é, John? Vá pegar a caixa para mim. Então poderemos fazer com ele o que quisermos!

– Lamento. Mas eu acreditei em você, Holly. Você me contratou para encontrar a caixa de jacarandá. Bem, ali está ela.

– Foi ela quem espalhou que eu tinha a caixa – explicou Gideon. – Para que homens ambiciosos de toda parte a procurassem e ela pudesse jogá-los contra mim. Só para o caso de você não funcionar, senhor Taylor. Qual é a sensação de ser usado?

Eu dei de ombros.

– Faz parte do trabalho.

Gideon Brooks voltou a atenção para Sweetman e Gunboy.

– Na verdade não passa de uma simples caixa de guardados, sabe. Talvez um pouco mais famosa que a maioria. Ela pode ter contido alguns itens importantes ou significativos em algum momento, mas o único coração que contém agora é o meu. E Holly não pode pegá-lo.

A rápida risada canina de Sweetman teve ainda menos humor que de costume.

– Meu caro senhor, não espera realmente que acredite nisso, não é? Eu segui a caixa por cidades desconhecidas e ruas cobertas de sangue, ela será minha. Gunboy, aponte suas mãos maravilhosas para o senhor Taylor e a bruxinha. Agora, senhor Brooks, desista da caixa ou tudo o que meu jovem parceiro entusiasmado fizer a esses dois jovens será sua responsabilidade.

Holly olhou para Gunboy e depois para Gideon.

– Você não vai realmente permitir que ele me machuque, não é, docinho? Você disse que fui a melhor aluna que já teve...

– Tive alunas antes de você – desprezou Gideon. – E haverá outras. Embora espere da próxima vez escolher com mais sabedoria. Ainda gosto bastante de você, Holly, contra todo o meu bom-senso. Mas não o bastante para arriscar meu coração.

– E quanto a mim? – perguntei.

– O que tem você? – rebateu Gideon.

– Bastante justo – respondi.

– Ah, ótimo – concluiu Holly, animada. – Plano B.

Ela deu seu sorriso mais encantador para Gunboy e respirou fundo.

Sweetman riu.

– Acredite em mim, jovem, você não tem absolutamente nada que o querido Gunboy deseje.

– Mas ele tem algo que eu desejo – disse Holly. – Eu desejo seu coração.

Ela fez um repentino gesto de agarrar com a mão esticada e Gunboy deu um grito agudo enquanto curvava as costas e seu peito explodia. Sua jaqueta de couro preta se rasgou e a carne nua sob ela se abriu enquanto o coração desgrudava do abrigo ósseo e cruzava o ar para pousar na mão de Holly, que o aguardava. Sangue grosso escorreu por seus dedos enquanto o coração continuava a bater. A bela boca rosada de Holly fez uma rápida careta de desgosto e então ela fechou a mão com uma força repentina, esmagando o coração. Gunboy caiu no chão e ficou imóvel, os olhos ainda horrorizados, seu peito uma ruína ensanguentada. Sweetman soltou um único grito de dor e perda absolutas e se ajoelhou ao lado de Gunboy para embalar o corpo morto em seus enormes braços. Sangue encharcou seu cafetã branco enquanto ele ninava Gunboy para frente e para trás, como a uma criança dormindo. Lágrimas silenciosas corriam pelo rosto de Sweetman.

– Então esse é o tipo de bruxa que você é – disse eu a Holly.

Ela largou o coração esmagado no chão e lambeu o sangue de seus dedos

brancos. Sorriu docemente para mim.

– Sou o tipo de bruxa que você não quer desapontar. Eu disse a você que Gideon lidava com conhecimento proibido e que eu era uma boa ouvinte. Agora, seja um bom menino e pegue a caixa para mim. Você pode descobrir um modo de superar as defesas de Gideon. É o que você faz.

– Sim. Mas há um limite para o que eu faço.

Ela me deu um frio olhar de avaliação e eu o sustentei, sem recuar. Nunca permita que vejam medo em seus olhos.

– Comprei seus serviços por mil libras ao dia – recordou Holly. – E o dia ainda não acabou.

– Encontrei a caixa para você – respondi. – Não é culpa minha que seu coração não esteja nela. Mas depois de toda minha investigação eu provavelmente sei mais sobre a caixa do que você. Ela foi feita originalmente para conter toda dor e horror do coração partido de um homem. E isso ainda está lá; preso dentro da caixa há séculos, ficando mais forte e mais frustrado. Está sozinho há tanto tempo que deve estar com muita fome de companhia. Você pode conhecer a caixa como Repouso do Coração, e talvez ela originalmente fosse isso, mas tem outro nome agora. Coração Faminto.

Eu elevei meu dom, encontrei o caminho para passar pelas proteções de Gideon e usei meu dom e a chave para destrancar a caixa de jacarandá. A tampa se abriu e o Coração Faminto dentro dela se esticou, agarrou Holly e a puxou para dentro num piscar de olhos. Também poderia ter me levado se Gideon não tivesse imediatamente fechado a tampa. Nós nos olhamos, a sala ficou repentinamente silenciosa.

– Ela queria meu coração – disse Gideon. – Agora pode tê-lo como companhia... Para sempre.

Sweetman ergueu os olhos, ainda embalando Gunboy morto.

– O que... O que realmente há dentro da caixa?

– A matéria da qual são feitos os gritos – respondi.

Estige e pedras

STEVEN SAYLOR

O sucesso de vendas Steven Saylor é uma das estrelas mais brilhantes do subgênero mistério histórico, juntamente com autores como Lindsey Davis, John Maddox Roberts e o falecido Ellis Peters. É autor da longa série Roma Sub Rosa, que conta as aventuras de Gordianus, o Localizador, um detetive de uma Roma Antiga realisticamente recriada, em romances como *Roman blood*, *Arms of nemesis*, *Catilina's riddle*, *The Venus throw*, *A murder on the appian way*, *Rubicon*, *Last seen in massilia*, *A mist of prophecies* e *The judgment of Caesar*. Os feitos de Gordianus em contos foram reunidos em *The house of vestals: the investigations of Gordianus the finder* e *A gladiator dies only once: the further investigations of Gordianus the finder*. Entre os outros livros de Saylor estão *A twist at the end*, *Have you seen Dawn?* e um enorme romance histórico sem Gordianus, *Roma: the novel of ancient Rome*. Suas obras mais recentes são um romance de Gordianus, *The triumph of Caesar*, e o segundo grande volume da sequência de Roma, *Empire: the novel of imperial Rome*. Ele mora em Berkeley, Califórnia.

Com o conto de suspense que se segue, *Estige e pedras*, ele introduz toda uma nova série de histórias que levará um Gordianus adolescente a visitar as Sete Maravilhas do mundo; seu companheiro de viagem é o idoso poeta grego Antípatro de Sidon. As histórias das Sete Maravilhas se passam entre 92 e 90 a.C., dessa forma funcionando como introdução ao primeiro romance da série Roma Sub Rosa, *Roman blood*, ambientado em 80 a.C.. Aqui, se aventurando bem além do mundo de Roma e Grécia, Gordianus e Antípatro descobrem que a fabulosa cidade de Babilônia é um mero fantasma de sua antiga glória, assombrada e ameaçada por seu passado devasso.

– Na Babilônia não veremos uma, mas duas das Grandes Maravilhas do mundo – disse Antípatro. – Ou pelo menos devemos ver o que resta delas.

Havíamos passado a noite em uma pequena estalagem empoeirada ao lado do

rio Eufrates. Meu companheiro de viagem estava quieto e emburrado desde o momento em que saíra da cama naquela manhã, viajar é duro para homens velhos, mas à medida que chegávamos mais perto de Babilônia, viajando rumo ao sul pela antiga estrada que seguia o rio, seu humor melhorou e ele pouco a pouco ficou mais animado.

O dono da estalagem nos contara que a antiga cidade ficava a poucas horas de distância, mesmo levando em conta o lento avanço dos burros que montávamos, e por toda a manhã uma mancha sugeria que uma cidade se ergueia à nossa frente no horizonte, lentamente se tornando mais pronunciada. A terra entre os rios Tigre e Eufrates, e por quilômetros ao redor, é inteiramente plana, sem sequer haver morros baixos interrompendo a vista. Em uma planície tão vasta e indistinta, poder-se-ia pensar que era possível ver até o fim, mas as ondas de calor que subiam da terra distorciam a visão, de modo que objetos próximos e distantes ganhavam uma aparência indefinida, até mesmo sobrenatural. Uma torre distante se revelava uma palmeira; uma pilha de corpos estranhamente imóveis – mortos? – de repente se transformava em um monte de cascalho, aparentemente colocado ali por quem fazia a manutenção da estrada.

Durante mais de uma hora eu tentei entender o que era um grupo que viajava rumo norte e parecia se aproximar de nós na estrada. As ondas de calor vibrante ora pareciam ampliar o grupo, ora torná-lo menor, depois desaparecendo, então reaparecendo. Inicialmente achei ser uma companhia de homens armados, pois pensei ter visto a luz do sol refletindo em suas armas. Depois decidi que via apenas um homem a cavalo, talvez usando um capacete ou uma armadura que refletia um brilho azulado. Depois a pessoa, ou pessoas, ou o que fosse que se aproximava de nós, desapareceu no piscar de um olho e senti um arrepio, pensando se estaríamos prestes a encontrar uma companhia de fantasmas.

Finalmente encontramos nossos colegas viajantes na estrada. O grupo se compunha de vários guardas armados e duas pequenas carroças puxadas por burros e com pilhas altas de tijolos, mas não como quaisquer outros tijolos que eu tivesse visto antes. Eram grandes e de formas variadas, a maioria com 900 cm², cobertos na face externa com um acabamento impressionante, alguns amarelos, alguns azuis, outros misturados. Não eram recentes – beiradas desiguais e pedaços de massa grudados indicavam que haviam sido soltos de alguma estrutura existente –, mas a não ser por um pouco de poeira, o revestimento colorido cintilava com um brilho de joia.

Antípatro ficou muito excitado.

– Poderá ser? – murmurou. – Tijolos das famosas muralhas de Babilônia!

O velho poeta desmontou desajeitadamente e se arrastou até a carroça mais próxima, onde esticou a mão para tocar um dos tijolos, passando as pontas dos dedos pelo revestimento azul cintilante.

O condutor inicialmente fez objeções e chamou um dos guardas armados, que desembainhou sua espada e avançou. Depois o condutor riu, vendo os olhos brilhantes de encanto de Antípatro, e dispensou o guarda. Falando com Antípatro, o condutor disse algo em um idioma que não reconheci. Aparentemente Antípatro também não, pois olhou para o homem com olhos apertados e disse:

– Falaarr gregoo?

Era minha primeira visita a uma terra onde a maioria da população conversava em idiomas que não latim e grego. Antípatro tinha alguma noção da língua parta, mas eu notara que ele preferia falar com os nativos em um grego ruim, como se de alguma forma isso fosse mais compreensível a eles que o grego impecável que meu companheiro normalmente falava.

– Sim, falo grego, um pouco – respondeu o condutor, aproximando o polegar do indicador.

– Você vem de Babilônia, não?

Antípatro também tendia a elevar sua voz ao falar com os nativos, como se fossem surdos.

– De Babilônia, sim.

– Qual distância? – perguntou Antípatro, se entregando a uma elaborada linguagem de sinais para deixar claro o que queria dizer.

– Babilônia, daqui? Ah, duas horas. Talvez três – emendou o condutor, olhando para nossos burros de aparência cansada.

Antípatro olhou na direção da mancha no horizonte, que decididamente ficara maior, mas ainda não revelava muralhas altas. Ele suspirou.

– Começo a temer, Gordianus, que não reste mais nada das famosas muralhas de Babilônia. Certamente, se fossem tão grandes quanto diz a lenda, e se ainda houvesse ruínas, veríamos algo delas a esta altura.

– Tijolos vêm das velhas muralhas, sim – explicou o condutor, entendendo apenas um pouco do comentário de Antípatro e apontando para sua carga. – Meu vizinho acha, enterrado atrás da casa dele. Muito raro. Muito valioso. Ele vende para mercador rico de Ctesiphon. Agora meu vizinho é homem rico.

– Bonitos, não são, Gordianus? – observou Antípatro, passando a palma da mão sobre uma superfície revestida e depois levantando o tijolo para olhar o fundo. – Por Zeus, este tem marcado o nome de Nabucodonosor! Deve datar do

seu reinado.

Por um momento pensei que Antípatro estava prestes a versejar – criar poemas extemporâneos era sua especialidade –, mas seus pensamentos ganharam um cunho mais prático.

– Esses tijolos valeriam uma fortuna em Roma. Meu patrono Quinto Lutácio Catulo tem alguns, que exhibe como espécimes em seu jardim. Acho que pagou mais por aqueles cinco ou seis tijolos babilônicos do que por todas as estátuas de sua casa juntas. Ah, bem, vamos continuar.

Antípatro deu ao condutor uma moeda pelo tempo perdido, depois retomamos nosso lento avanço constante na direção da mancha cintilante no horizonte.

Eu pigarreei.

– O que torna aqueles velhos tijolos tão valiosos? E por que os babilônios construíram suas muralhas de tijolos, para começar? Achava que qualquer boa muralha de cidade deveria ser feita de pedra.

O olhar que Antípatro lançou na minha direção me fez sentir ter 9 anos de idade, em vez de 19.

– Olhe ao seu redor, Gordianus. Está vendo alguma pedra? Não há uma pedreira em quilômetros. Esta parte do mundo é inteiramente carente do tipo de pedra adequado para construir templos e outros prédios, muito menos muralhas que se estendem por quilômetros e são largas o bastante para carruagens poderem circular por cima delas. Não, a não ser alguns poucos templos decorados com calcário e betume importados por um preço alto, a cidade de Nabucodonosor foi construída de tijolos. Eles eram feitos de argila misturada com palha picada fina, depois comprimida em moldes e endurecida ao fogo. De forma impressionante, esses tijolos são quase tão fortes quanto pedra e na antiga linguagem caldeia a palavra para tijolo e pedra é a mesma. Eles não podem ser esculpidos como pedra, claro, mas podem ser decorados com revestimentos coloridos que nunca desbotam.

– Então as famosas muralhas de Babilônia foram construídas por... – disse, hesitando no nome difícil.

– Pelo rei Nabucodonosor – completou Antípatro, tomando o cuidado de pronunciar claramente, como fez ao falar com o carroceiro. – A cidade de Babilônia propriamente dita foi fundada, pelo menos segundo a lenda, por uma rainha assíria chamada Semíramis, que viveu na época de Homero. Mas foi um rei muito posterior, da dinastia dos caldeus, que levou a Babilônia ao auge de sua glória. Seu nome era Nabucodonosor e reinou há 500 anos. Ele reconstruiu toda a cidade seguindo um projeto em grade, com grandes avenidas retas, muito

diferente do caos a que você está acostumado em Roma, Gordianus, e decorou a cidade com templos magníficos em homenagem aos deuses babilônios, principalmente Marduk e Ishtar. Ergueu um enorme complexo de templos chamado *Etemenanki*, a Fundação de Céu e Terra, na forma de um enorme zigurate de sete andares; alguns dizem que o zigurate rivaliza com as pirâmides do Egito em tamanho e deveria ser ele mesmo uma das Sete Maravilhas. Para encanto de sua rainha meda, que sentia saudade das florestas montanhosas e dos campos floridos de sua terra natal distante, Nabucodonosor construiu os jardins suspensos, um paraíso encarapitado, como um ninho de pássaro, bem acima da terra. E cercou toda a cidade com uma muralha de 22 m de altura e nove de largura, larga o bastante para duas carruagens passando em direções opostas. As muralhas eram reforçadas por parapeitos com ameias e torres que se erguiam a mais de 30 m, e toda a extensão era decorada com padronagens e imagens em azul e amarelo, de modo que a distância a Babilônia de Nabucodonosor cintilava como ornamentos de lápis-lazúli em uma corrente de ouro.

Ele olhou incerto para o horizonte. A mancha continuava a crescer, mas parecia mais um bolo de lama que uma joia; embora eu achasse que começava a ver um enorme objeto se erguendo acima da mancha e brilhando em várias cores. Seria o zigurate?

– O que aconteceu ao império de Nabucodonosor? – perguntei. – O que aconteceu às suas muralhas?

– Impérios surgem, impérios desmoronam, até mesmo o império de Roma, algum dia...

Não era a primeira vez que Antípatro expressava desprezo pelo poder imperial de Roma, mas mesmo ali, longe da influência de Roma, dizia tais palavras em voz baixa.

– Assim como os assírios caíram perante os caldeus, os caldeus caíram perante os persas. Cem anos após a morte de Nabucodonosor, a Babilônia se revoltou contra Xerxes, o mesmo monarca persa que imaginou poder conquistar tolamente a Grécia. Xerxes teve mais sucesso com a Babilônia; saqueou a cidade e seus templos e alguns dizem que demoliu as grandes muralhas, destruindo-as de tal forma que praticamente não restou qualquer traço, apenas uma montoeira de tijolos esmaltados cobiçados por colecionadores de todo o mundo. Cem anos depois, quando Alexandre avançou sobre a cidade, os babilônios não ofereceram resistência e saíram para recebê-lo, então talvez de fato não tivessem muralhas adequadas para defendê-los. Dizem que Alexandre pretendia devolver Babilônia à sua antiga glória e fazer dela a capital do mundo, mas morreu ali aos 32 anos.

Seu sucessor construiu uma nova cidade nas proximidades, no Tigre, e a batizou com seu nome; a nova capital, Selêucia, ficou com o que restava de riqueza e poder em Babilônia e a antiga cidade foi esquecida, a não ser pelos acadêmicos e sábios que acorreram para lá, atraídos pelos aluguéis baratos, e por astrólogos, que teriam considerado o zigurate a plataforma ideal para olhar estrelas.

– Então devemos encontrar astrólogos na Babilônia? – perguntei.

– Sem dúvida. A astrologia teve origem com os caldeus. A ciência ainda é novidade em Roma, eu sei, mas tem ganhado popularidade entre os gregos desde que um sacerdote babilônio de Marduk chamado Berossus abriu uma escola de astrologia na ilha de Cós, nos tempos de Alexandre.

Seguimos em silêncio por algum tempo. Tive certeza que o ponto mais alto da mancha que continuava a crescer de fato devia ser o zigurate multicolorido, dominando o perfil de Babilônia. Também conseguia identificar algo que parecia ser uma muralha, mas não parecia ser muito alta e tinha uma cor marrom avermelhada, como se feita de tijolos comuns, não de lápis-lazúli e ouro cintilantes.

– E quanto aos jardins suspensos que Nabucodonosor construiu para sua esposa? – indaguei. – Ainda existem?

– Logo veremos nós mesmos – respondeu Antípatro.

Finalmente as muralhas de Babilônia se ergueram diante de nós. Eu podia ver que Antípatro estava profundamente desapontado.

– Ah, bem, eu estava preparado para isso – disse com um suspiro enquanto cruzávamos um fosso seco e passávamos pelo portão.

Se a tivéssemos encontrado em qualquer outro lugar, a muralha seria razoavelmente impressionante; ela se erguia talvez 9 m e se estendia até onde eu podia ver ao longo da margem do Eufrates. Mas era feita de tijolos comuns marrom-avermelhados. Aquela muralha certamente não era uma das Maravilhas do mundo.

Passamos por um mercado animado, repleto de cheiros exóticos e personagens coloridos; o lugar transpirava um agradável encanto provinciano, mas eu não senti a inconfundível excitação de estar em uma das grandes cidades do mundo, como Roma ou Éfeso.

Então, à nossa frente, eu vi o portão de Ishtar.

Na época eu não sabia como chamar aquilo; só sabia que meu queixo caiu de repente e meu coração acelerou. A luz do sol brilhante refletia nos azulejos multicoloridos, animando as imagens fascinantes de animais impressionantes:

magníficos auroques com chifres, leões rugindo e dragões aterrorizantes. Outros padrões eram mais abstratos, sugerindo joias e flores, mas em escala gigantesca. O azul predominava e havia tantos tons quanto se podia ver no mar ao longo de um dia, do cerúleo do meio-dia ao índigo da meia-noite. Também havia muitos tons de amarelo e dourado e bordas feitas de um verde espetacular. Os parapeitos que se erguiam acima de nós eram endentados em um padrão que encantava o olho. Mas o portão era apenas um fragmento, isolado; a muralha se estendia por apenas uma pequena distância dos dois lados e terminava abruptamente.

Um grupo de nativos, vendo nosso espanto, correu na nossa direção e disputou nossa atenção. Finalmente Antípatro anuiu para um que parecia falar melhor o grego.

– O que é isso? – perguntou Antípatro.

– A grande muralha! – declarou o homem, que tinha uma barba desgrenhada e perdera vários dentes.

– Mas não pode ser apenas isso! – protestou Antípatro.

– Tudo o que resta – disse o homem. – Quando Xerxes derrubou as muralhas de Nabucodonosor deixou este portão, para mostrar quão grandiosa era a muralha que ele destruiu. É chamado de portão de Ishtar, em glória à deusa.

Ele estendeu a palma da mão, onde Antípatro devidamente colocou uma moeda.

– Pense nisso, Gordianus – sussurrou Antípatro. – O próprio Alexandre cavalcou por esse portão quando entrou na cidade em triunfo.

– Não espanta que quisesse fazer sua capital aqui – comentei, olhando para cima enquanto passávamos pelo arco imponente. – Nunca vi nada como isto. É verdadeiramente magnífico.

– Imagine muitos portões assim, ligados por uma muralha não menos magnífica que se estendia por quilômetros – disse Antípatro, balançando a cabeça. – E tudo desaparecido, exceto por isto.

Enquanto avançávamos, o homem nos seguiu.

– Eu mostro tudo a vocês – ofereceu. – Mostro os jardins suspensos, sim?

Antípatro brilhou. Haveria alguma chance de que os famosos jardins ainda existissem, tantos séculos após o tempo de Nabucodonosor e sua rainha meda?

– Não longe, não longe! – prometeu o homem, abrindo caminho.

Eu perguntei a ele seu nome.

– Dario, como o grande rei persa – respondeu sorrindo, exibindo os dentes remanescentes.

Passamos por uma pracinha deteriorada onde mercadores ofereciam

bugigangas baratas – auroques, leões e dragões em miniatura – aos turistas, que eram muitos, pois não éramos os únicos viajantes a ir à Babilônia naquele dia em busca das famosas Maravilhas. Depois de um labirinto de becos poeirentos e sinuosos – aquela certamente não era a cidade geométrica projetada por Nabucodonosor –, finalmente chegamos aos pés de uma grande pilha de ruínas. Provavelmente aquela estrutura chegava ao céu, ou um dia chegara, antes que o tempo ou o homem a demolissem, então de certa forma lembrava uma montanha, mesmo que pequena.

Dario pediu que desmontássemos e o seguíssemos. Antes que pudéssemos avançar, outro sujeito insistiu em que pagássemos pelo privilégio; também prometeu cuidar de nossos burros. Antípatro deu ao porteiro a moeda pedida e Dario nos conduziu a uma escadaria com entulho dos dois lados que levava a uma série de pequenos patamares. Alguém colocara vários vasos de plantas pelo caminho, e em alguns dos patamares árvores esguias e arbustos de aparência sedenta cresciam no entulho. O efeito dilapidado era mais triste que espetacular. Finalmente chegamos a uma área aberta perto do cume, onde colunas quebradas e tijolos partidos no piso eram evidências do que um dia havia sido um terraço magnífico, agora sombreado por tamareiras e perfumado por pequenos limoeiros e laranjeiras. As folhas de uma oliveira de galhos retorcidos cintilavam em prata e verde à brisa.

– Não exatamente a floresta da montanha que Nabucodonosor construiu – murmurou Antípatro, recuperando o fôlego depois da subida. Após a ascensão íngreme eu mesmo me sentia um pouco tonto.

– Como eles regam todas essas plantas? – perguntei.

– Ah, você é sábio, meu jovem amigo – declarou nosso guia. – Você percebe o segredo dos jardins suspensos. Venha, veja.

Dario nos levou a uma abertura próxima, com moldura de tijolos, que dava para uma passagem que descia em ângulo. Vinha da passagem mal iluminada em nossa direção um homem com uma barra sobre os ombros e um balde de água em cada extremidade. Bufando e coberto de suor, o carregador ainda assim deu um sorriso cansado ao sair para a luz e passar se arrastando por nós.

– Bom que estejamos perto do rio se os homens têm de carregar água subindo este túnel o dia inteiro – disse eu.

Antípatro ergueu as sobrancelhas.

– Ah, mas houve um tempo, Gordianus, em que este túnel deveria conter o mecanismo que trazia um fluxo constante de água para os jardins – disse, apontando para vários pedaços de metal misteriosos presos na superfície do

túnel. – Onesícrito, que viu estes jardins no tempo de Alexandre, fala de um aparato como um parafuso gigante que erguia um enorme volume de água enquanto girava. Aparentemente não resta nada daquele mecanismo impressionante, mas o túnel continua aqui, levando, podemos presumir, a uma cisterna alimentada pelo rio. Sem o parafuso de irrigação os cidadãos trabalhadores de Babilônia têm de recorrer ao esforço de seus próprios corpos para manter viva alguma lembrança do jardim, talvez por orgulho cívico, e para o benefício de visitantes pagantes como nós.

Eu assenti, incerto. Os jardins suspensos podiam ter sido magníficos um dia, mas as ruínas decrépitas mal podiam se comparar com as outras maravilhas do mundo que vimos em nossa viagem.

Então fui alguns passos além da abertura do túnel, até um ponto que oferecia uma vista livre do zigurate.

As muralhas de Babilônia haviam sido derrubadas. Os jardins suspensos estavam em ruínas. Mas o grande zigurate resistia, se erguendo como uma montanha no meio da cidade amarronzada. Um dia cada um dos sete andares recuados havia sido de uma cor diferente. Quase todo trabalho decorativo fora retirado (por Xerxes ao saquear a cidade e por ladrões posteriores), e as paredes de tijolos haviam começado a desmoronar, mas restava o suficiente da fachada original para indicar como o zigurate deveria parecer. O primeiro andar, mais largo, era de tijolos vermelhos, mas o seguinte havia sido de um branco ofuscante (revestido com calcário e betume importados, soube depois), o terceiro, de azulejos azuis iridescentes, o seguinte, em uma profusão e padrões em amarelo e verde, e assim por diante. Nos dias de Nabucodonosor o efeito devia ser sobrenatural. Notei em meio à perfeição danificada do zigurate pequenos pontos aqui e ali. Apenas quando vi esses pontos se movendo – na verdade eram homens – me dei conta da verdadeira escala do zigurate. A coisa era ainda maior do que havia imaginado.

O sol finalmente começava a se pôr, lançando seus raios baixos sobre a cidade poeirenta e banhando o zigurate com uma luz alaranjada. Os babilônios o chamavam de *Etemenanki*, a Fundação de Céu e Terra. Na verdade, a mim parecia que algo tão enorme e estranho dificilmente poderia ter sido criado por mãos humanas.

Antípatro teve pensamentos semelhantes. De pé ao meu lado, ele versejou:

Que monstruoso ciclope construiu este enorme monte para a assíria Semíramis?

*Ou quais gigantes, filhos de Gaia, o ergueram em sete andares
Para arranhar as sete Plêiades?
Imóvel, inabalável, uma massa eterna,
Como o imponente monte Atos, ele pesa sobre a terra.*

Por mais cansado da viagem e tonto eu estivesse, percebi o erro de Antípatro.

– Você disse que Nabucodonosor construiu o zigurate, não Semíramis.

Ele me olhou novamente como se eu fosse uma criança.

– Licença poética, Gordianus. Semíramis tem métrica melhor e o nome é muito mais eufônico. Quem poderia compor um poema em torno de um nome tão desajeitado quanto Nabucodonosor?

Enquanto a escuridão chegava, Dario nos ajudou a encontrar alojamento para a noite. A pequena estalagem à qual nos guiou ficava perto do rio, garantiu, e embora pudéssemos sentir o cheiro do rio enquanto fazíamos uma refeição frugal de pão e tâmaras na sala coletiva, nosso quarto no andar de cima não tinha vista para ele. De fato, quando tentei abrir as janelas elas se chocaram contra uma região ofensiva da cidade que se estendia ao longo do rio.

– Amanhã vocês verão Etemenanki – insistiu Dario, que partilhara nossa refeição e nos seguira até o quarto. – A que horas os encontro?

– Amanhã descansaremos – disse Antípatro, desabando na cama estreita. – Você não se incomoda de dormir naquele tapete no chão, se importa Gordianus?

– Na verdade estava pensando em dar uma caminhada – disse.

Antípatro não respondeu; já estava roncando. Mas Dario balançou a cabeça vigorosamente.

– Não é seguro depois que escurece. Você fica dentro.

Eu franzi o cenho.

– Você garantiu a Antípatro que este era um bairro bom, sem assaltantes.

– Eu disse a verdade, não se preocupe com ladrões.

– Então qual é o perigo?

Dario fez uma expressão grave.

– Depois que escurece ela sai.

– Ela? De quem você está falando? Fale claramente.

– Já falei demais. Mas não saia até clarear. Então eu encontro vocês.

Ele desapareceu sem mais uma palavra.

Eu me joguei no chão e me reclinei no tapete, pensando que nunca conseguiria dormir com Antípatro roncando tão alto. Quando vi novamente, a luz do sol

passava pela janela aberta.

Quando descemos para o desjejum o sol já estava alto. Só havia mais um hóspede na sala comum. Seus trajes eram tão exóticos que quase gargalhei ao vê-lo. Os únicos astrólogos que eu vi fora no palco, em comédias, e aquele homem poderia ser um deles. Usava um chapéu amarelo alto que subia em camadas, semelhantes às do zigurate, e uma túnica azul-escuro decorada com imagens de estrelas e constelações costuradas em amarelo. Seus sapatos, incrustados de pedras semipreciosas, terminavam em espirais nos dedos. A barba preta comprida havia sido moldada, trançada e salpicada de pó amarelo, de modo que irradiava de seu maxilar como raios solares.

Antípatro convidou o estranho a se juntar a nós. Ele se apresentou como Mushezib, astrólogo da cidade de Ecbatana em visita a Babilônia. Havia viajado muito e seu grego era excelente, provavelmente melhor que o meu.

– Você veio ver o zigurate – especulou Antípatro.

– Ou o que resta dele – disse Mushezib. – Também há uma excelente escola de astrólogos aqui, onde espero conseguir um posto de professor. E vocês?

– Estamos aqui simplesmente para ver a cidade – disse Antípatro. – Mas não hoje. Estou cansado demais e todo meu corpo dói de montar ontem.

– Mas não podemos simplesmente passar o dia inteiro aqui dentro – argumentei. – Talvez haja algo interessante por perto.

– Fui informado de que há um pequeno templo de Ishtar rua acima – disse Mushezib. – Fica quase totalmente escondido atrás de um muro alto e aparentemente está em ruínas; foi profanado por Xerxes há muito tempo e nunca reconsagrado ou reconstruído. Imagino que não haja muito para ver.

– Mas você não pode ir lá – disse o dono da estalagem, que escutara e se juntara à conversa. Ele também parecia um personagem saído de uma comédia teatral. Era um sujeito grande com rosto redondo e sorriso fácil. Com seus ombros enormes e braços musculosos, parecia capaz de interromper uma briga e jogar os brigões na rua caso tal confusão acontecesse em sua taberna sonolenta.

– Quem proíbe? – perguntou o astrólogo.

O estalajadeiro deu de ombros.

– Ninguém proíbe. Um templo deserto pertence a ninguém e a todos, propriedade comum, dizem. Mas ninguém vai lá, por causa dela.

Minhas orelhas se levantaram.

– De quem está falando?

Considerando seu grego inadequado, o estalajadeiro se dirigiu ao astrólogo em

língua parta.

Mushezib fez uma expressão espantada.

– Nosso anfitrião diz que o templo é... assombrado.

– Assombrado? – reagi.

– Eu esqueci a palavra grega, mas acho que em latim é *lemur*, certo?

– Sim – murmurei. – Uma manifestação dos mortos que permanece na terra. Uma coisa que um dia foi mortal, mas não vive nem respira mais.

Não estando prontos ou sendo incapazes de cruzar o rio Estige até o reino dos mortos, os lêmures percorriam a terra, normalmente, mas nem sempre, aparecendo à noite.

– O estalajadeiro diz que há um lêmure neste templo próximo – disse Mushezib. – Uma mulher vestindo trapos mofados, com um rosto hediondo. As pessoas temem ir lá.

– Ela é perigosa? – perguntei.

Mushezib conversou com o estalajadeiro.

– Não apenas perigosa, mas mortal. Há algumas manhãs um homem que desaparecera na noite anterior foi encontrado morto nos degraus do templo, o pescoço quebrado. Agora eles trancam o portão, que antes nunca era trancado.

Essa era a ameaça noturna sobre a qual Dario me alertara, temendo até mesmo dizer o nome da coisa em voz alta.

– Mas certamente à luz do dia... – começou Antípatro.

– Não, não! – protestou a esposa do estalajadeiro, que se juntara a nós.

Era quase tão grande quanto o marido, mas tinha uma expressão raivosa – outro tipo adequado ao palco, pensei, a esposa irascível do estalajadeiro. Ela falava grego melhor que o marido e seu forte sotaque egípcio explicava as iguarias de Alexandria entre as comidas do desjejum.

– Fiquem longe do velho templo! – gritou ela. – Não vão lá! Vocês morrem se forem lá!

Seu marido pareceu achar esse surto grosseiro. Riu nervosamente e deu de ombros com as palmas da mão para cima, depois a chamou de lado, balançando a cabeça e sussurrando com ela. Se ele tentava acalmá-la, fracassou. Após uma breve discussão, ela lançou as mãos para o alto e saiu pisando duro.

– Deve ser muito perturbador ter um lêmure tão perto – murmurou Antípatro. – Ruim para os negócios, imagino. Acha que é por isso que há tão poucas pessoas na estalagem? Fico surpreso por nosso anfitrião até mesmo tocar no assunto. Bem, eu acabei o desjejum, então, se me desculpam, pretendo voltar a nosso quarto e passar o dia inteiro na cama. Ah, não fique tão deprimido,

Gordianus! Saia e explore a cidade sem mim.

Eu senti alguma apreensão de me aventurar sozinho em uma cidade tão exótica, mas não precisava me preocupar. No momento em que pisei na rua fui abordado por nosso guia do dia anterior.

– Onde está seu avô? – perguntou Dario.

Eu ri.

– Ele não é meu avô, apenas meu companheiro de viagem. Está cansado demais para sair.

– Ah, então eu mostrarei a cidade a você, hein? Só nós dois.

Eu franzi o cenho.

– Temo que não tenha muito dinheiro comigo, Dario.

Ele deu de ombros.

– O que é dinheiro? Ele vem e vai. Mas se eu mostrar a você o zigurate, você se lembrará a vida toda.

– Na verdade estou muito curioso sobre aquele templo de Ishtar aqui na rua.

Ele ficou pálido.

– Não, não, não. Não vamos lá.

– Podemos pelo menos passar por lá, não é? É por aqui?

Perto da estalagem havia uma estrutura dilapidada que um dia devia ter sido uma taberna concorrente, mas estava fechada e com tábuas presas; ela mesma parecia bastante assombrada. Logo depois dessa propriedade abandonada havia um muro de tijolos com um pequeno portão de madeira. O muro não era muito mais alto que minha cabeça; além dele eu podia ver o que restava do telhado do templo, que parecia ter desabado. Empurrei o portão e descobri que estava trancado. Passei os dedos sobre o muro, onde grande parte da massa entre os tijolos havia caído. As fissuras serviam como excelentes apoios para os pés. Recuei, estudando o muro para descobrir o lugar mais fácil para escalar.

Dario leu meus pensamentos. Agarrou meu braço.

– Não, não, não, jovem romano! Está louco?

– Vamos lá, Dario. O sol está brilhando. Nenhum lêmure ousaria mostrar a cara em um dia tão bonito. Só precisarei de um instante para pular o muro e dar uma olhada. Você pode ficar aqui e esperar por mim.

Mas Dario protestou com tanta veemência, gesticulando e se lamuriando em sua língua nativa, que desisti de meu projeto de ver o templo e concordei em seguir em frente.

Dario me mostrou o que chamou de Distrito Real, onde Semíramis e Nabucodonosor haviam construído seus palácios. Pelo que eu podia dizer, não

restava nada da grandiosidade que tanto impressionara Alexandre quando permaneceu na Babilônia. O complexo antes resplandecente, agora despido de toda decoração, parecia ter sido subdividido em habitações particulares e prédios de apartamentos abarrotados. Os terraços estavam tomados por lixo. Todo o bairro cheirava a peixe cozido, fraldas sujas e especiarias em demasia.

– Dizem que este é o quarto onde Alexandre morreu – disse Dario, apontando para uma janela aberta através da qual eu podia ouvir um casal discutindo e um bebê chorando. O balcão estava adornado com roupas penduradas para secar.

Se um dia houve uma praça aberta ao redor do grande zigurate, ela havia sido muito antes tomada por moradias precárias de tijolos e lama, de modo que nos deparamos com a estrutura alta assim que viramos uma esquina. O zigurate parecera mais misterioso quando eu o vi no dia anterior, a distância e sob a luz enganosa do pôr do sol. Visto de perto e à luz do dia, parecia não estar em melhor forma que o monte de entulho que havia sido um dia os jardins suspensos. As superfícies de cada andar eram bastante desiguais, fazendo com que vários dos muitos visitantes tropeçassem e caíssem. Trechos inteiros das amuradas se inclinavam para fora em ângulos estranhos, parecendo prestes a despencar a qualquer momento.

Dario insistiu para que subíssemos até o topo. Para isso tínhamos de contornar cada andar, pegar um amplo lance de escadas até o andar seguinte, circular e fazer a mesma coisa novamente. Eu percebi Dario parando frequentemente para passar os dedos sobre as paredes. Inicialmente pensei que estava admirando os poucos vestígios de cantaria decorativa ou tijolos esmaltados, mas então me dei conta de que forçava vários cacos e pedaços, vendo se algum se soltava. Quando viu a expressão em meu rosto, riu.

– Estou procurando lembranças, jovem romano – explicou. – Todos fazem isso. Alguma coisa de valor que pudesse ser removida facilmente e sem danos já foi retirada há muito. Mas de vez em quando você encontra um pedaço prestes a se soltar. Então você o leva. Todo mundo faz isso. Por que franziu o cenho para mim?

Eu estava imaginando os grandes templos de Roma sendo submetidos a tal tratamento indigno. Antípatro alegara que os antigos deuses desta terra eram basicamente os mesmos de gregos e romanos, apenas com nomes e aparências diferentes; Marduk era Júpiter, Ishtar era Vênus, e assim por diante. Roubar pedaços de uma estrutura sagrada que havia sido construída para a glória de Júpiter certamente era errado, mesmo que a estrutura estivesse danificada. Mas eu era um visitante, e não disse nada.

O caminho se tornou cada vez mais lotado à medida que subíamos, pois cada andar era menor que o anterior. Ao nosso redor havia viajantes em muitos trajes diferentes, falando em muitas línguas diferentes. Pelos trajes imaginei que um grupo era da Índia, e a julgar pelo tom de açafrão e os olhos amendoados, outro grupo tinha vindo de Sérica, a terra da seda. Também havia muitos astrólogos, alguns deles vestidos como Mushezib naquela manhã e outros em trajes ainda mais exóticos, como se tentassem superar uns aos outros com chapéus absurdamente altos, túnicas decoradas e barbas de formatos bizarros.

No sexto e penúltimo andar eu ouvi uma voz chamar meu nome, me virei e vi Mushezib.

O astrólogo me cumprimentou com a cabeça.

– Nos encontramos novamente.

– Aparentemente todo visitante de Babilônia está aqui hoje – comentei, empurrado por um grupo de homens com arranjos egípcios de cabeça. – Isso é uma fila?

Aparentemente era preciso entrar em fila para subir o lance final de degraus ao último andar; apenas quando certo número de visitantes saía, outros eram autorizados a subir. A fila continuava depois da curva.

Mushezib sorriu:

– Devemos subir? – perguntou.

– Não estou certo de que queira passar a próxima hora naquela fila. E não estou certo de ter dinheiro suficiente – acrescentei, pois vira que os organizadores da fila cobravam uma entrada.

– Isso não é necessário.

Dispensando Dario com um gesto, Mushezib me pegou pelo braço e levou até o começo da fila. Os organizadores da fila o cumprimentaram imediatamente, curvando as cabeças e recuando para nos deixar passar.

– Por que você merece tal privilégio? – perguntei.

– Meus trajes – explicou. – Astrólogos não ficam na fila com turistas para subir ao cume do Etemenanki.

Um vento quente e seco soprava constantemente no último andar. O sol brilhava sem criar sombras. A vista era ilimitada em todas as direções; eu podia ver abaixo de mim toda a cidade da Babilônia e ao norte e ao sul se estendia o curso sinuoso do Eufrates. Mais a leste podia ver o rio Tigre, com cidades cintilantes ao longo de suas margens, e no ponto mais distante se erguia uma cordilheira de montanhas com picos nevados.

Mushezib contemplou o horizonte e falou com voz sonhadora:

– Diz a lenda que quando Alexandre entrou na Babilônia e encontrou Etemenanki em condições lamentáveis deu ouro aos astrólogos e os encarregou de devolver o zigurate à sua antiga glória. “O trabalho precisa estar concluído no momento em que eu voltar da conquista da Índia”, disse e partiu. Quando retornou, alguns anos depois, viu que nada havia sido feito e convocou os astrólogos. “Por que o Etemenanki ainda está danificado?”, perguntou. E os astrólogos retrucaram: “Por que ainda não conquistou a Índia?”. Alexandre ficou furioso. Ordenou que toda a estrutura fosse demolida e o chão nivelado, para que pudesse construir um novo zigurate a partir do zero. Mas antes que isso acontecesse Alexandre ficou doente e morreu, e Etemenanki permaneceu como estava, uma montanha lentamente se transformando em pó.

Ele apontou para o centro do andar.

– Este espaço está vazio agora, mas no tempo de Nabucodonosor havia neste cume um pequeno templo. Dentro do templo não havia estátua nem qualquer outro ornamento, apenas um sofá gigantesco feito de ouro, com travesseiros e colchas de seda. Um sofá adequado para que nele se deitasse o rei dos deuses. Toda noite uma jovem virgem de boa família era escolhida pelos sacerdotes para subir sozinha até o topo do Etemenanki, entrar no templo e subir no sofá. Ali a virgem esperava que Marduk descesse do céu e passasse a noite com ela. Quando ela descia do zigurate na manhã seguinte os sacerdotes a examinavam. Se o hímen estivesse rompido, sabia-se que Marduk a considerara merecedora.

– E se ainda fosse virgem? – perguntei.

– Então era sabido que Marduk a rejeitara, para vergonha eterna da garota e de sua família – disse Mushezib, sorrindo. – Vejo que ergueu uma sobrancelha, Gordianus. Mas não é o mesmo com seu grande deus Júpiter? Ele não gosta de ter prazer com mortais?

– Sim, mas em todas as histórias que ouvi Júpiter escolhe suas próprias parceiras e as corteja um pouco antes de consumir. Elas não são colocadas em fila e entregues a ele por sacerdotes para serem defloradas, uma após a outra. Os templos de Júpiter são para adoração, não para encontros sexuais.

Mushezib balançou a cabeça.

– Vocês do ocidente sempre tiveram ideias diferentes sobre essas coisas. Lamentavelmente, para o bem ou para o mal, os hábitos gregos sempre triunfaram aqui na Babilônia, graças à influência de Alexandre e seus sucessores. Os velhos costumes já não são praticados como antes. Virgens já não sobem o zigurate para se deitar com Marduk e as mulheres já não vão aos templos de Ishtar para se entregar ao primeiro homem que pagar.

Ele viu minha reação e riu alto.

– Você realmente precisa ter mais controle sobre suas expressões, meu jovem. Vocês, romanos, se chocam muito facilmente, mais ainda que os gregos.

– Mas qual é esse costume do qual fala?

– No tempo de Nabucodonosor era obrigatório que toda mulher, pelo menos uma vez na vida, vestisse túnicas especiais e colocasse uma guirlanda especial na cabeça e depois fosse a um dos templos de Ishtar à noite e se sentasse em uma cadeira especial no sacrário. Ela tinha de permanecer ali até que um estranho entrasse e jogasse uma moeda de prata em seu colo. Ela era obrigada a entrar no templo com aquele homem, se deitar em um sofá e fazer amor. Nenhum homem capaz de pagar podia ser recusado. Todas as mulheres faziam isso, ricas e pobres, bonitas e feias, pela glória de Ishtar.

– E para o desfrute de qualquer homem com uma moeda – murmurei. – Imagino que as mulheres jovens e bonitas eram escolhidas imediatamente. Mas e se a mulher era tão feia que nenhum homem chegasse perto dela?

Mushezib assentiu.

– Sabia-se que isso acontecia. Há histórias de mulheres que tiveram de ficar muito tempo no recinto sagrado; meses ou mesmo anos. Claro que tal constrangimento criava vergonha para sua família. Nesse caso, mais cedo ou mais tarde, por uma troca de favores ou suborno explícito, alguém era induzido a ir, oferecer uma moeda à mulher e se deitar com ela. Ou, em último caso, um dos parentes do sexo masculino era escolhido para fazer o que tinha de ser feito. E a obrigação da mulher para com Ishtar finalmente era cumprida.

Eu balancei a cabeça.

– Você está certo, Mushezib; nós, romanos, pensamos nessas coisas de modo muito diferente.

– Não tenha tanta pressa em julgar os costumes dos outros, meu jovem amigo. A chamada natureza dissipada do povo babilônico foi sua salvação quando Alexandre entrou na cidade. Ele poderia ter destruído este lugar, como fizera com tantas outras cidades, mas quando as esposas e filhas da Babilônia se entregaram livremente a Alexandre e seus homens, os conquistadores não foram apenas aplacados, eles decidiram que Babilônia era a melhor cidade da terra.

Eu suspirei. De fato, de todos os lugares pelos quais viajara com Antípatro, aquela terra, seu povo e seus hábitos eram os mais estranhos para mim. De pé no alto da chamada Fundação de Céu e Terra, eu senti como era pequeno e quão vasto era o mundo ao redor de mim.

Mushezib reconheceu alguns colegas astrólogos ali perto e se desculpou, me

deixando sozinho. Eu permaneci mais um pouco no alto do zigurate, depois desci a escadaria para o andar inferior, onde Dario me aguardava.

Enquanto seguíamos para baixo, andar após andar, eu reproduzi para Dario minha conversa com Mushezib e perguntei o que ele sabia sobre o velho costume das mulheres se oferecerem nos templos de Ishtar.

– Ele pode ser astrólogo, mas Mushezib não sabe tudo – informou Dario.

– O que quer dizer?

– Ele disse que mais cedo ou mais tarde toda mulher satisfazia um homem no templo e era liberada de sua obrigação. Não é verdade.

– Certamente nenhuma mulher era mantida no templo esperando para sempre.

– Algumas mulheres não tinham família que as resgatasse. Ficavam sentadas lá, dia após dia, ano após ano, até se tornarem megeras desdentadas, sem qualquer chance de que um homem pagasse para se deitar com elas.

– O que acontecia com essas mulheres?

– O que você imagina? Elas finalmente morriam sem nunca deixar o terreno do templo, amaldiçoadas por Ishtar por decepcioná-la.

– Que história terrível!

De repente, tudo o que eu havia visto e ouvido naquele dia se relacionou em minha mente, e eu estremeci de temor.

– O templo de Ishtar em ruínas perto da estalagem e o lêmure que supostamente o assombra. Você acha que...

Dario concordou gravemente.

– Agora você entende. Imagine como ela deve ser amarga, ainda presa no lugar de sua vergonha e sofrimento. É de espantar que ela tenha matado um homem que ousou entrar no terreno há algumas noites?

– Vamos ver se eu entendi direito...

– Não, não fale mais disso! Vai atrair azar. Vamos falar de outra coisa. E quando voltarmos para a estalagem, não passaremos novamente pelo templo.

Minha curiosidade sobre o templo arruinado e sua residente sobrenatural aumentou ainda mais. Dario leu minha expressão.

– Não volte lá, jovem romano! – disse ele, quase gritando. – O que você acha que acontecerá se a velha megera vir um jovem viril como você, quase sem idade para ter barba? A visão de algo assim certamente a levará à loucura; ao assassinato.

Dario ficou tão agitado que mudei de assunto rapidamente.

Passamos o resto do dia caminhando por Babilônia e me vi cada vez mais desalentado. Todas as estruturas orgulhosas que um dia compuseram a grande

cidade estavam em ruínas ou haviam desaparecido inteiramente. Muitos dos cidadãos também estavam em ruínas. Eu nunca vira tantas pessoas afetadas por retardo mental ou deformações. Aparentemente, aqueles infelizes seguiam para Babilônia de modo a se valer das instituições da caridade mantidas pelos astrólogos e sábios, cujas academias eram a principal atividade econômica da cidade, juntamente com os bons negócios de turismo.

Finalmente, ao crepúsculo, tomamos nosso caminho de volta à estalagem, com Dario na frente. Percebi que nosso roteiro era ligeiramente diferente daquele que havíamos feito pela manhã. Dario deliberadamente evitava caminhar perto do templo arruinado de Ishtar. Para remunerá-lo por servir de guia o dia inteiro, eu não podia fazer menos que lhe oferecer um jantar, mas para minha surpresa Dario recusou e saiu apressado, dizendo que voltaria na manhã seguinte, quando Antípatro certamente estaria descansado e pronto para seu próprio passeio pela cidade. Será que Dario tinha medo até mesmo de ficar tão perto do velho templo após escurecer?

Assim que ele desapareceu de vista eu me afastei da entrada da estalagem e subi a rua, passando pelo prédio abandonado ao lado e chegando ao muro baixo que cercava o velho templo. Era aquela hora baça e sem cor quando as sombras ficam compridas e se fundem, engolindo os últimos vestígios de luz do crepúsculo.

Não foi tão fácil estudar o muro quanto havia sido mais cedo naquele dia, e o primeiro lugar que escolhi para subir se mostrou impossível. Mas em minha segunda tentativa encontrei uma série de apoios para os pés que me permitiram chegar até o alto.

Com os pés encaixados com segurança, apoiei os cotovelos no alto do muro e espiei. O templo de fato estava em ruínas, não restando muito do telhado e com buracos abertos nas paredes. Todos os azulejos decorativos e estátuas pareciam ter sido removidos. A parede do prédio abandonado ao lado e da muralha da cidade ao longo do rio cercavam o pátio junto ao templo, que estava mergulhado em sombras; tudo o que podia ver eram árvores secas e fragmentos de tijolos e piso de cerâmica. Mas à medida que meus olhos se ajustavam à obscuridade, pude notar em meio à bagunça uma fila de objetos à altura da cintura que pareciam os blocos cilíndricos de uma coluna. Ocorreu a mim que aquelas podiam ser cadeiras de encostos baixos escavadas em blocos de pedra sólidos, pesadas demais para que os saqueadores as levassem ou talvez as cadeiras cerimoniais deixadas ali porque...

Eu vi, sentada em uma das cadeiras, quase perdida nas sombras, uma silhueta

indefinida. Era impossível dizer se a figura me encarava ou se estava de costas para mim; até que a figura se levantou da cadeira e começou a caminhar muito lentamente na minha direção.

Meu coração acelerou. Eu só conseguia ouvir o sangue latejando em minha cabeça. O silêncio sobrenatural da figura que se aproximava me enervava.

Abri a boca. Por um longo momento nada saiu e então, com a voz trêmula e uma oitava acima, me ouvi dizer:

– Falaaarr gregoo?

A figura finalmente produziu um som, uma risada hedionda mais horrenda que ossos partidos sendo esmagados. Meu sangue gelou. A figura estendeu mãos que pareciam garras e jogou para trás a guirlanda mofada que obscurecia seu rosto.

Será que a coisa havia sido uma mulher um dia? Era revoltante olhar para aquilo, com cabelos como vermes e olhos que brilhavam como obsidiana. Sua carne pálida apodrecida estava coberta de verrugas. Dentes quebrados se projetavam do buraco negro de sua boca aberta. A coisa se aproximou de mim, enchendo minhas narinas com o fedor da putrefação. Seu cacarejar baixo de repente se transformou em um guincho.

Eu desci do muro apressado, desesperado para fugir. Um de meus pés escorregou do apoio e caí de costas.

Depois, só me lembro de recuperar os sentidos em uma cadeira na sala comum da estalagem.

– Gordianus, você está bem? – perguntou Antípatro, acima de mim. – O que lhe aconteceu? Foi atacado por ladrões?

– Não, eu caí...

– No meio da rua? Foi onde Mushezib disse tê-lo encontrado. Bom que ele estivesse passando ou você ainda estaria caído ali, à mercê de qualquer bandido que passasse.

Com olhos embaçados, eu vi o astrólogo de pé perto de mim. Mais ao fundo, outros hóspedes estavam reunidos. O estalajadeiro estava com eles, uma cabeça mais alta que todas as outras. Ele franziu o cenho e balançou a cabeça. Histórias de assaltantes eram ruins para os negócios.

– Ninguém me atacou, Antípatro. Eu simplesmente... caí.

Estava constrangido demais para confessar que tentara escalar o muro do templo.

– O sujeito deve ter batedeira. Comum entre romanos – comentou um dos hóspedes, erguendo o nariz. Isso pareceu satisfazer os outros, que recuaram e se

dispersaram.

Antípatro franziu o cenho.

– O que realmente aconteceu, Gordianus?

Mushezib também permaneceu ali. Não vi motivo para não contar a verdade a ambos.

– Estava curioso. Queria dar uma espiada no velho templo de Ishtar, então escalei o muro...

– Eu sabia! – disse Antípatro. Ele fez uma cara feia, depois ergueu uma sobrancelha. – E? O que você viu?

– Ruínas... Restam apenas ruínas. E...

– Continue – solicitou Antípatro. Ele e Mushezib se aproximaram.

– Eu vi o lêmure – sussurrei. – No pátio do templo. Ela caminhou na minha direção...

Mushezib fez um ruído de desdém.

– Gordianus, você não viu um lêmure.

– Como você sabe o que eu vi?

– Um homem jovem com grande imaginação, sozinho no escuro em uma cidade estranha, olhando para um pátio em ruínas, que segundo lhe contaram é assombrado por um lêmure. Não é difícil entender como você achou que viu tal coisa.

– Confio na evidência de meus olhos – disse, irritado. Minha cabeça começara a latejar. – Não acredita na existência dos lêmures?

– Não – declarou o astrólogo. – Os mecanismos das estrelas, que governam toda ação humana, não permitem aos mortos permanecer entre os vivos. É cientificamente impossível.

– Ah, aqui vemos em que ponto o observar estrelas caldeu entra em conflito com a religião grega, para não mencionar o senso comum – disse Antípatro, sempre pronto a se mostrar pedante, mesmo com seu jovem companheiro de viagem ainda semiconsciente após uma queda perigosa. – Assim como elas governam supremas os vivos, os deuses governam os mortos...

– Para quem acredita nesses deuses – argumentou Mushezib.

– Em vez disso, vocês, astrólogos, veneram estrelas! – disse Antípatro, lançando as mãos para o alto.

– Não veneramos as estrelas – respondeu Mushezib calmamente. – Nós as estudamos. Diferentemente de seus ditos deuses, os vastos mecanismos interligados do firmamento não se importam se os mortais suplicam a eles ou não. Eles não nos vigiam nem se preocupam com nosso comportamento; sua

ação é totalmente impessoal enquanto lançam seus raios de força invisível sobre a Terra. Assim como os corpos celestiais controlam as marés e as estações, também controlam os destinos da humanidade e de homens isolados. Os deuses, caso existam, podem ser mais poderosos que os homens, mas também são controlados pelas simpatias e antipatias das estrelas em conjunção.

– Que absurdo! – declarou Antípatro. – E chama isso de ciência?

Mushezib respirou fundo.

– Não vamos falar de questões sobre as quais nossas opiniões são tão divergentes. Nossa preocupação deve ser seu jovem amigo. Está se sentindo melhor, Gordianus?

– Estaria se vocês dois parassem de discutir.

Mushezib sorriu.

– Pelo seu bem, Gordianus, mudaremos de assunto – disse, a seguir olhando para o estalajadeiro, que servia outros hóspedes, e baixando a voz. – O que quer que tenha visto ou não visto, foi bom que tenha aplacado os medos dos outros hóspedes, sobre a presença de bandidos nas ruas, quero dizer. Nosso pobre anfitrião odeia essa conversa sobre bandidos e também sobre lêmures. Ele me contou que está negociando a compra do prédio vazio ao lado. Nesta época do ano que vem, ele espera ampliar seu negócio para ocupar os dois imóveis.

Antípatro estudou o punhado de hóspedes na sala.

– Não parece haver clientes o suficiente para encher esta sala, muito menos uma estalagem com o dobro do tamanho.

– Nosso anfitrião é otimista – disse Mushezib, dando de ombros. – Acho que é necessário ser otimista para viver na Babilônia.

Naquela noite tive um sono interrompido, perturbado por sonhos terríveis. Em dado momento acordei encharcado de suor. Achei ter ouvido um grito a distância; não um guincho como o do lêmure, mas o som de um homem gritando. Decidi que o som deveria fazer parte do meu pesadelo. Fechei os olhos e dormi pesadamente até o primeiro brilho do dia atravessar a janela e me despertar.

Quando Antípatro e eu descemos as escadas encontramos a sala comum totalmente deserta, a não ser por Dario, que esperava que aparecêssemos. Ele foi apressadamente até nós, os olhos arregalados de excitação.

– Venham ver, venham ver! – disse.

– O que está acontecendo? – perguntou Antípatro.

– Devem ver vocês mesmos. Algo terrível, no templo arruinado de Ishtar!

Nós o seguimos. Havia uma multidão razoável na rua. O portão no muro

estava aberto. As pessoas se revezavam para espiar, mas ninguém ousava entrar no pátio.

– O que, afinal, eles estão olhando? – murmurou Antípatro. Ele abriu caminho até a frente da multidão. Eu o segui, mas Dario ficou para trás.

– Ora, vejam! – sussurrou Antípatro, espiando pelo portão. Ele se colocou de lado para que eu pudesse ver melhor.

Pela manhã o pátio não parecia tão assustador quanto na noite anterior, mas ainda era um lugar lúgubre, com ervas daninhas entre os blocos quebrados do piso e o feio muro marrom-avermelhado se erguendo atrás. Eu vi mais claramente as cadeiras de pedra que encontrara na noite anterior – todas vazias –, e depois vi o corpo nos degraus do templo.

O rosto do homem estava virado para o outro lado, com o pescoço torcido em um ângulo estranho, mas ele vestia uma túnica azul familiar bordada com estrelas amarelas, sapatos de ponta espiralada nos pés. Seu chapéu em forma de zigurate caíra de sua cabeça e estava junto a ele no degrau de cima.

– É Mushezib? – sussurrei.

– Talvez seja outro astrólogo – disse Antípatro. Ele se virou para multidão atrás de nós. – É Mushezib ali? Alguém viu Mushezib esta manhã?

As pessoas balançaram as cabeças e murmuraram.

Eu tinha de descobrir. Passei pelo portão e cruzei o pátio. Ouvi atrás de mim engasgos e gritos dos outros, incluindo Dario, que berrou:

– Não, não, não, jovem romano! Volte!

Eu subi os degraus. O corpo estava caído de barriga para baixo, com os braços dobrados sob ele. Baixei os olhos e vi o rosto de Mushezib de perfil. Os olhos estavam arregalados. Os dentes expostos em uma careta. Do modo como seu pescoço estava torcido, não podia haver dúvida de que fora quebrado. Ajoelhei-me e sacudi a mão para espantar as moscas que haviam pousado em seus lábios e cílios.

Um brilho de luz do sol refletido bateu em meus olhos. Vinha de algo dentro de seu chapéu caído ali perto. Estiquei a mão e encontrei, escondido do lado de dentro, um pedaço de azulejo vitrificado não maior que a palma de minha mão. Havia pedaços de massa presos nas beiradas, mas fora isso estava em perfeitas condições; o acabamento era de um azul muito escuro, quase preto. Mushezib devia tê-lo tirado do zigurate no dia anterior, pensei, o arrancando de uma das paredes. O que Dario dissera? “Todo mundo faz isso”, incluindo astrólogos sem deus, aparentemente, embora Mushezib não tivesse se orgulhado de pegar a lembrança, já que achara adequado escondê-la dentro do chapéu.

Erguendo os olhos, vi uma imagem de Ishtar se erguendo acima de mim. Gravada em baixo relevo em um grande painel de argila cozida, colocado na parede da frente do templo, a imagem não havia sido visível a mim na noite anterior. Poderia ser ela realmente Vênus, como vista pelos olhos dos babilônios? Estava completamente nua, com quadris voluptuosos e seios enormes, mas a deusa me pareceu mais assustadora que atraente, com um estranho gorro cônico na cabeça, enormes asas dobradas atrás e pernas que terminavam em garras como as de uma gigantesca ave de rapina. Estava de pé sobre dois leões, os prendendo com as garras, e era ladeada por duas corujas enormes.

Ouvi uma voz atrás de mim – uma voz de mulher – dando o que parecia ser uma ordem, embora eu não pudesse entender o idioma. Eu me virei e vi que outros haviam entrado no pátio – um grupo de sacerdotes, a julgar pelas túnicas de linho pregueadas e os chapéus exóticos. Eram liderados por uma mulher que passara da primeira juventude, mas continuava impressionantemente bonita. Era quem havia falado. Ao vê-la meu queixo caiu, pois era a própria imagem de Ishtar, vestindo o mesmo gorro cônico, uma capa dourada feita para parecer asas dobradas e sapatos altos que a faziam andar com um passo estranho e lembravam garras. Inicialmente, piscando de espanto, pensei que estava tão nua quanto a imagem da deusa, mas então um raio de sol atravessou a túnica leve e quase transparente que mal continha seus seios e terminava no alto das coxas. Seus braços, cruzados sobre o peito, faziam mais para ocultar os seios do que a túnica. Levava em uma das mãos uma vara cerimonial de marfim e na outra um pequeno chicote.

A sacerdotisa avançou sem se deter. Eu recuei para abrir caminho para ela, escondendo o pequeno azulejo azul dentro de minha túnica ao fazê-lo.

Ela olhou para o corpo abaixo por um longo tempo, depois me examinou rapidamente dos pés à cabeça.

– Você não é babilônio – disse em um grego perfeito.

– Sou de Roma.

Ela inclinou a cabeça.

– Isso explica por que foi tolo o bastante de entrar neste pátio enquanto todos que sabem preferiram ficar para trás. Não se dá conta de que um espírito incomodado assombra este lugar?

– Na verdade... – comecei, e hesitei. Eu era um estrangeiro na Babilônia, e era apropriado que os estrangeiros ficassem de boca fechada. Então eu baixei os olhos para Mushezib. Moscas haviam pousado novamente em seu rosto. Elas

caminhavam sobre seus lábios e seus olhos abertos, que pareciam olhar para mim. – Eu vi a coisa com meus próprios olhos noite passada.

– Você a viu?

– O lêmure, é como chamamos tal criatura em latim. Eu subi até o alto daquele muro e vi o lêmure aqui no pátio. Era hedionda.

A sacerdotisa me olhou, reavaliando.

– Você fugiu, jovem?

– Não exatamente. Eu caí na rua e bati com a cabeça. Foi só o que vi dela.

– O que sabe sobre isto? – perguntou, apontando para o cadáver.

– Seu nome é Mushezib, de Ecbatana. Era outro hóspede da estalagem da rua.

– Por que ele veio aqui?

– Não sei.

– Foi ele quem quebrou a fechadura que colocamos no portão?

Eu dei de ombros e balancei a cabeça.

Ela se virou e se dirigiu à multidão que espiava pelo portão.

– Este templo arruinado já não é terreno sagrado. Ainda assim, o sacerdócio de Ishtar assumirá a responsabilidade pelo corpo deste homem até que seus parentes sejam localizados.

Ela acenou para os sacerdotes. Parecendo nervosos e relutantes, eles se curvaram para erguer o corpo e levá-lo embora.

A sacerdotisa me lançou um olhar curioso.

– Minha vida inteira eu ouvi falar do espírito inquieto que vive aqui; a história deve ter séculos. Alguns acreditam nela, outros não. Nunca a vi com meus próprios olhos. E nunca houve violência aqui até um homem ser morto há alguns dias. O homem morreu da mesma forma, com o pescoço quebrado, e foi encontrado no mesmo lugar. Duas mortes em questão de dias. O que poderia ter levado esse lêmure, como você o chama, a cometer assassinato? Tenho de consultar a deusa. Deve ser encontrada alguma forma de aplacar esse espírito inquieto antes que tal coisa aconteça novamente – disse, erguendo os olhos para o relevo de Ishtar, sua imagem especular, e depois os baixando novamente para mim. – Permita-me um conselho, jovem romano. Aproveite sua visita a Babilônia, mas não volte novamente a este local.

Ela se virou e acompanhou os sacerdotes que carregavam o corpo de Mushezib. Eu a segui, vendo sua capa em forma de asas cintilar ao sol da manhã. A capa era muito fina e flexível, capturando o perfil de suas nádegas em movimento. Assim que estávamos todos na rua o portão foi fechado e homens começaram a consertar a tranca quebrada. A sacerdotisa e sua comitiva partiram.

A multidão murmurante se dispersou aos poucos.

Antípatro quis ver o zigurate. Dario, ansioso para sair do templo assombrado, se ofereceu para mostrá-lo a ele e fui junto. A visita tomou grande parte do dia. Antípatro precisou descansar antes de passar a cada andar seguinte, e sem um astrólogo para nos acompanhar tivemos de esperar um bom tempo na fila para chegar a última plataforma.

De tempos em tempos, enquanto caminhávamos junto às enormes paredes danificadas, eu discretamente tirava o pequeno azulejo que pegara no chapéu de Mushezib. Estava curioso para descobrir de que ponto do zigurate ele o tirara. Mas embora houvesse vários pontos em que restavam pedaços de azulejo esmaltado, não consegui ver nenhum que parecesse exatamente igual ao profundo tom azul meia-noite do que tinha na palma da minha mão.

Uma ideia começou a se formar em minha cabeça e outras ideias começaram a girar em torno dela, assim como as estrelas giram em torno da Terra. Pensei, adequadamente, que no centro dessas ideias estava o astrólogo Mushezib e seu destino.

Enquanto percorríamos a cidade naquele dia, acompanhei meus companheiros mergulhado em uma nuvem tal que Antípatro temeu que ainda estivesse tonto do golpe na cabeça. Disse a ele para não se preocupar e expliquei que estava apenas pensando.

– Sonhando acordado com aquela sacerdotisa de Ishtar, aposto – disse Dario com uma risada.

– Na verdade, talvez eu precise vê-la novamente – respondi, pensativo.

– De fato! – concordou Dario, me dando um olhar malicioso e depois se oferecendo para mostrar o recinto sagrado onde a sacerdotisa morava. Tomei o cuidado de guardar a localização para conseguir descobrir o caminho de volta.

Só voltamos para a estalagem ao anoitecer. Eu queria dar outra espiada no templo arruinado, a despeito do alerta da sacerdotisa, mas tive medo de ir lá à noite. Ademais, duvidava que conseguisse encontrar o que estava procurando no escuro.

Acordei cedo na manhã seguinte. Enquanto Antípatro ainda roncava, eu me vesti e desci em silêncio as escadas. Passei pela porta aberta da cozinha junto à sala comum e vi, com algum alívio, que o estalajadeiro e sua esposa preparavam o desjejum.

Saí da estalagem sem fazer ruído e subi a rua apressado. O portão estava novamente trancado, mas encontrei o lugar onde havia escalado o muro antes.

Subi até o alto, hesitei por um momento, então passei para o outro lado e saltei no pátio.

A luz fraca da manhã lançava longas sombras. Senti um arrepio de medo. De tempos em tempos, em meio às sombras, imaginava ver um movimento e ficava sobressaltado. Mas estava determinado a fazer o que tinha ido fazer lá. Com o coração acelerado, percorri o pátio, prestando especial atenção à parede da taberna vazia e ao chão ao longo da parede do rio, procurando por qualquer ponto em que a terra pudesse ter sido revolvida recentemente. Não demorou para que encontrasse o local.

Ajoelhei em meio às ervas arrancadas e comecei a cavar.

O sol já se erguera bastante quando retornei à estalagem.

– Gordianus! Onde em Hades você esteve? – gritou Antípatro. Os outros hóspedes já haviam saído. Apenas Antípatro e Dario estavam na sala comum. – Eu estava terrivelmente preocupado com você...

Ele ficou em silêncio ao ver o grupo de homens armados que entrou na estalagem atrás de mim, seguidos pela sacerdotisa de Ishtar.

Alarmado pelo barulho de pés pesados, o estalajadeiro entrou apressado na sala. Seu rosto ficou branco.

– O que significa isto? – gritou.

Movendo-se rapidamente, alguns dos homens cercaram o estalajadeiro e seguraram seus braços fortes. Outros invadiram a cozinha. Um momento depois saíram arrastando para a sala a esposa do estalajadeiro, que gritava e amaldiçoava em egípcio.

Eu suspirei de alívio. Até aquele momento não estava absolutamente certo da acusação que fizera ao estalajadeiro e sua esposa, mas as expressões nos rostos deles me provaram sua culpa.

O resto do grupo armado se espalhou para uma busca nas instalações, começando pelos aposentos privados do estalajadeiro. Em poucos momentos um dos homens saiu com uma caixa de madeira pequena, mas decorada, que abriu para ser inspecionada pela sacerdotisa. Eu olhei por cima do ombro do homem. A caixa estava cheia de cosméticos, compostos e unguentos, mas as cores e texturas não eram do tipo comum; era o estojo de alguém que se disfarçava profissionalmente, um ator ou mímico de rua.

As mais famosas companhias de mímicos, como mesmo um romano sabia, vinham de Alexandria, assim como a esposa do estalajadeiro.

– Tire suas mãos disso, seu porco! – gritou ela, se livrando do guarda que a

segurava e correndo na direção do homem com a caixa. Ele empalideceu ao vê-la e recuou. Da mesma forma eu empalideci, pois mesmo sem a maquiagem horrenda o rosto do lêmure hediondo que eu vira no pátio do templo de repente estava diante de mim, e novamente ouvi o guincho que fizera meu sangue gelar.

Como um rinoceronte atacando, ela disparou na direção da sacerdotisa, que se manteve firme. Eu me preparei para o espetáculo do impacto; e então assisti enquanto a sacerdotisa erguia a vara cerimonial e a girava de lado com toda força, acertando a esposa do estalajadeiro diretamente no rosto. Dando um guincho que feriu meus tímpanos, a esposa do estalajadeiro tropeçou e caiu de lado, derrubando muitas pequenas mesas e cadeiras.

Os guardas se lançaram sobre ela e, após uma grande luta, a contiveram.

Um dos homens que revistava a estalagem entrou na sala, passando pelo tumulto para mostrar algo à sacerdotisa. Ele trazia nas mãos um exemplo adorável de azulejo esmaltado. A cor era azul meia-noite.

Olhando para o tumulto na sala comum, Antípatro se voltou para mim e piscou:

– Gordianus, por favor, explique!

Muito mais tarde naquele dia, na taberna de outro estabelecimento, pois a estalagem na qual estávamos se encontrava fechada, Antípatro, Dario e eu erguemos três copos cheios de cerveja babilônica e fizemos um brinde ao desaparecido Mushezib.

– Explique tudo novamente – disse Dario. Ele parecia incapaz de entender que o lêmure que assombrara o velho templo nunca havia sido um lêmure, tão forte era seu medo supersticioso do lugar.

Eu molhei a garganta com outro gole de cerveja e continuei.

– Em algum momento, não sabemos exatamente como ou quando, mas não há muito tempo, o estalajadeiro ou sua esposa começaram a cavar no terreno do templo em ruínas. Eles descobriram um conjunto até então desconhecido de antigos tijolos esmaltados, sem dúvida da muralha de Nabucodonosor que antes acompanhava o rio, mas demolida há muito, onde hoje fica uma nova muralha mais simples. Eles souberam imediatamente que aqueles tijolos deveriam valer uma fortuna. Mas a descoberta ficava localizada no recinto de um antigo templo; a terra propriamente dita é propriedade comum e não pode ser vendida, e qualquer artefato ou tesouro encontrado nela quase certamente pertence ao sacerdócio de Ishtar. O estalajadeiro claramente não tinha direito aos tijolos, mas pretendia colocar as mãos neles mesmo assim. Decidiu que a melhor maneira de

fazer isso era comprar a propriedade dilapidada adjacente ao templo, de onde ele e a esposa poderiam ter acesso ao pátio e aos tijolos enterrados sem serem observados. Mas a negociação para a compra do prédio estava demorando e o estalajadeiro temia que mais alguém fosse lá e encontrasse os tijolos enterrados. As antigas histórias sobre o lugar ser assombrado deram a ele um modo perfeito de espantar os outros. A esposa do estalajadeiro ficou com a missão de interpretar o lêmure. Como sabemos agora, na juventude ela integrou uma trupe de mímicos egípcios. Para começar, é uma mulher intimidadora; com a maquiagem certa e usando suas habilidades de atriz, era capaz de ser verdadeiramente aterrorizante, como eu mesmo pude comprovar. Mas o lêmure não espantou todo mundo; pelo menos um homem deve ter ousado entrar no pátio há algumas noites, talvez por pura curiosidade, e foi o primeiro a morrer.

– Foi a esposa do estalajadeiro quem quebrou o pescoço da primeira vítima? – perguntou Antípatro.

– Ela provavelmente tem força suficiente para isso e vimos do que ela é capaz quando furiosa, mas o marido confessou o assassinato. Aqueles braços musculosos são capazes de partir o pescoço de qualquer homem.

– E Mushezib? O que o astrólogo estava fazendo no pátio no meio da noite? – perguntou Dario.

– Acho que só depois que todos fomos para cama naquela noite os pensamentos de Mushezib o levaram à mesma conclusão que cheguei um dia depois. Ele não acreditava em um lêmure; o que, então, eu vira? Talvez alguém fingindo ser um lêmure, mas por quê? Mushezib quebrou a tranca do portão no meio da noite, entrou e começou a vasculhar. Até mesmo cavou um pouco e encontrou isto, que escondeu sob o chapéu – disse, exibindo o pequeno azulejo.

– Caso eu tivesse examinado suas mãos e a terra que devia estar em seus dedos teria me dado conta da verdade mais cedo, mas seus braços estavam dobrados sob o corpo e ele foi levado embora pelos sacerdotes antes que eu pudesse olhar mais de perto.

– Você estava olhando principalmente para a sacerdotisa de Ishtar, acho – disse Dario.

Eu pigarreei.

– De qualquer forma, o estalajadeiro deve ter se deparado com Mushezib no pátio. Houve uma luta. Ouvi Mushezib gritar, mas achei que era um sonho, e o estalajadeiro partiu seu pescoço. Assim como havia feito com a vítima anterior, deixou o corpo nos degraus do templo como um aviso, e ali encontramos o pobre Mushezib no dia seguinte. Apenas quando fomos ao zigurate e eu não consegui

encontrar nenhum azulejo que correspondesse ao que estava no chapéu de Mushezib, comecei a pensar que ele deveria tê-lo encontrado em outro lugar. Imaginei que poderia ter encontrado no terreno do velho templo e o restante da história se desenrolou em minha cabeça. No começo desta manhã, penetrei no pátio e descobri o lugar onde os tijolos estão enterrados. Também descobri uma abertura grosseira escondida na parede do prédio vazio junto ao templo. Fui imediatamente procurar a sacerdotisa de Ishtar para falar de minhas suspeitas. Ela reuniu homens armados e me seguiu de volta à estalagem. Junto com os azulejos que o estalajadeiro já havia desenterrado, os homens da sacerdotisa também encontraram uma passagem secreta que o estalajadeiro havia aberto entre seus aposentos e o prédio vazio ao lado, que, como eu havia descoberto, tinha seu próprio acesso escondido ao pátio do templo, também aberto pelo estalajadeiro. Era assim que ele e a esposa conseguiam entrar no pátio mesmo quando o portão foi trancado. Passando pelo prédio vazio, o suposto lêmure podia aparecer e desaparecer e o assassino conseguia surpreender suas vítimas e depois sumir, sem nunca pisar na rua.

– O que acontecerá com o estalajadeiro assassino e sua esposa monstruosa? – perguntou Antípatro.

– A sacerdotisa diz que eles devem pagar com a vida por seus crimes.

– E o que acontecerá com aqueles tijolos adoráveis? – perguntou Dario, os olhos brilhando com a ideia de tal butim.

– O sacerdócio de Ishtar os reclamou. Imagino que eles os estejam escavando neste momento – disse.

– Ruim que você não pudesse reivindicar os tijolos – suspirou Dario. – Sabe, detesto tocar nesses assuntos, mas desde o primeiro dia não recebi uma só moeda pelos muitos excelentes favores que prestei a meus novos amigos.

Eu ri.

– Não tema, Dario, você será remunerado por seus serviços! – disse, dando um tapinha na pesada bolsa de moedas em minha cintura. – Naquela tarde, depois da prisão do estalajadeiro e sua esposa, eu fui chamado de volta ao recinto sagrado de Ishtar para uma entrevista particular com a sacerdotisa. Ela louvou calorosamente minha perspicácia e insistiu para que eu aceitasse uma generosa recompensa.

Dario olhou para a bolsa de moedas e ergueu uma sobrancelha.

– Foi a única recompensa que ela lhe deu, jovem romano?

Antípatro também olhou para mim atentamente.

Meu rosto queimou. Será que estaria corado?

– Na verdade, não foi – disse, mas o que possa ter se passado entre mim e a sacerdotisa naquela tarde, escolhi não dizer.

Dor e sofrimento

S.M. STIRLING

Considerado por muitos o herdeiro natural do título de Rei do Romance Histórico Alternativo, que pertenceu a Harry Turtledove, o astro em ascensão da ficção científica S.M. Stirling é o autor da trilogia de best-sellers *Sea of time* (*Island in the sea of time*, *Against the tide of years*, *On the ocean of eternity*), na qual Nantucket se descola do tempo e é mandada de volta ao ano 1250, e da série *Draka* (incluindo *Marching through Georgia*, *Under the yoke*, *The stone dogs* e *Drakon*, mais uma antologia de histórias de *Draka* escritas por outros e organizada por Stirling, *Drakas!*), na qual conservadores fugindo da independência dos Estados Unidos criam uma sociedade militante na África do Sul e acabam conquistando a maior parte da Terra. Ele também produziu a série em cinco volumes *Fifth millennium* e a série *General*, em sete volumes (com David Drake), além de romances isolados como *Conquistador*, *The peshawar lancers* e *The sky people*. Stirling também escreveu livros em parceria com Raymond F. Feist, Jerry Pournelle, Holly Lisle, Shirley Meier, Karen Wehrstein e o ator de *Jornada nas estrelas* James Doohan, além de contribuir com as séries *Babylon 5*, *T2*, *Brainship*, *War world* e *Man-kzin war*. Seus contos foram reunidos em *Ice*, *Iron and gold*. A série pós-apocalíptica *Emberverse* (relacionada aos romances de *Island in the sea of time*), que figurou entre os mais vendidos do *New York Times*, consiste da trilogia *Dies the fire*, *The protector's war* e *Meeting at Corvallis*, e as sequências posteriores *The sunrise lands*, *The scourge of god*, *The sword of the lady*, *The high king of montival* e *The tears of the sun*. Ele também escreveu os romances *Lords of creation: the sky people* e *In the courts of the Crimson kings*. Seu trabalho mais recente, a série *Shadowspawn*, consiste de *A taint in the blood* e *The council of shadows*. Nascido na França e criado na Europa, África e Canadá, ele hoje mora em Santa Fe, Novo México.

Na história de suspense que se segue ele nos coloca na companhia de um policial comum que se descobre tentando lidar com um criminoso muito

incomum – de fato, com habilidades extraordinárias e aparentemente impossível de derrotar.

I

Sonho

Eric Salvador sempre soube que era um sonho; só não podia afetá-lo, sair dele ou fazer qualquer coisa a não ser assistir, cheirar, degustar e sentir um medo esmagador enquanto se desenrolava. Na realidade, nenhum carro blindado resistente a minas fora incinerado no fim da rua da aldeia junto à mesquita. Havia sido em outro lugar, naquele buraco na periferia de Kandahar que ele vira em sua primeira saída, e só estivera ali naquele único dia. Era uma composição de tudo o que era ruim, chegando ao próprio Grande Ruim.

“Duas outras coisas estão certas no dia”, pensou ele.

O modo como Olsen lançara no ar o pequeno avião de vigilância por controle remoto e o zumbido de seu motor enquanto subia para circular ao redor deles, e o adesivinho idiota de cara sorridente com presas que ele colara no nariz do avião de brinquedo de US\$ 35 mil do exército. Ele também tentara colocar minimísseis Hellfire de brinquedo sob as asas e Gunny quase o cobrira de porrada por causa disso. Do modo como o intérprete suava e seus olhos pulavam de um lado para outro, você ficava pensando se era apenas o calor, o medo generalizado ou se ele sabia de algo que não estava contando.

“Meu Deus, eu tive esse maldito pesadelo tantas vezes que estou começando a falar como um crítico de cinema.”

Smith sempre passava pela porta do complexo da mesma forma, do modo como havia sido. Procedimento padrão, os dois colados dos dois lados, Jackson explodindo o cadeado do portão com um tiro, *thump-bum*, as velhas tábuas retorcidas se virando para dentro no momento em que a bala mandava o cadeado enferrujado para o pátio, Smith seguindo adiante, seu M-4 enfiado no ombro e Jackson na sua cola.

A explosão sempre era silenciosa. Silenciosa, em câmera lenta, as chamas lambendo os fragmentos de madeira e os dois homens voando sem tempo suficiente para entender “Ai, merda, essa foi ruim” antes que a mão de um gigante o pegasse e o jogasse para trás até ele sentir o impacto e a dor.

Só que dessa vez foi diferente. Dessa vez algo saiu andando do fogo até onde ele estava caído, as pontas de suas costelas quebradas raspando sob o colete que

salvara sua vida.

A forma se torceu e sua maldade o fez querer gritar, expulsando a espuma ensanguentada de seus pulmões, mas os olhos brilharam amarelos; e a voz deslizou para dentro de seus ouvidos:

– Quem, então, é o garoto malvado?

Ele começou a afundar na terra empoeirada seca e ela fluía para sua boca, seu nariz e seus olhos, a poeira de muitas eras e impérios.

– Malvado!

– Meu Deus!

Ele ficou ofegando no escuro, sentindo o cheiro de seu próprio suor e esperando até ter certeza de que estava acordado — algumas vezes ele só sonhava que estava, então a coisa toda recomeçava na sua cabeça. Já estava apagando, detalhes se fragmentando como um raio de sol visto por uma gota d'água. Suas mãos procuraram o cigarro na mesa de cabeceira, mas ele se lembrou de que tinha parado.

– Durma de novo – disse a si mesmo. – De qualquer forma sonhar não é pior do que lembrar.

“Meu Deus.”

O corpo de bombeiros estava fechando as mangueiras; um vapor úmido sumia no alto da noite e água gelada pingava dos prédios contíguos, que haviam sido molhados para impedir que as chamas se espalhassem; havia uma parede branca do outro lado da rua. Era um inverno de deserto: gelado, seco, a luz da lua visível nos picos brancos do Sangres fluindo para o norte.

– E então, o que fez esse prédio queimar de cima a baixo? – Salvador perguntou à investigadora dos bombeiros.

– Foi criminoso – respondeu ao detetive. – E queimou de baixo para cima.

– Criminoso, então. Seria bom alguns detalhes, Alice – disse ele.

– Esse é o problema. Não consigo encontrar nenhuma razão pela qual devesse ter queimado. Nenhum dos indicadores habituais. Simplesmente aconteceu.

– E aconteceu muito bem.

Ele passou sob a fita amarela da polícia, um homem corpulento de uns 30 anos, com um bigode e uma barba por fazer, que recentemente ganhara uns quilos, não muitos, não o suficiente para esconder seus traços duros, com seus cabelos pretos grossos ainda no lugar. Havia uma cicatriz profunda em uma das bochechas morenas e ele a coçou com o polegar; doía um pouco de vez em quando no ponto em que o estilhaço da bomba caseira rachara seu osso. A

cicatriz entrava pelo bigode, deixando a boca meio torta.

– Uma coisa eu posso dizer – continuou a investigadora. – Essa coisa foi quente.

– Compostos acelerantes pesados? Não sinto cheiro de nada.

– Certo, de gasolina ou diesel você normalmente sente o cheiro. Ainda não posso provar; talvez com o trabalho no laboratório... mas eu diria que sim. Nunca vi nada como isto. Era como se quisesse queimar. Não há sinal de ter começado em um ponto e se espalhado. Tudo capaz de se combinar com oxigênio simplesmente acendeu ao mesmo tempo, *vushh*. Os talheres derreteram e isso é muito mais quente do que um incêndio doméstico típico.

O prédio era um pequeno sobrado com dois apartamentos, um em cima, outro embaixo. Não ficava longe da Canyon Road e das galerias e era próximo de Acequia Madre, o antigo canal de irrigação, significando que havia sido bastante caro. Mas não perto o suficiente para ser adobe de verdade, o que em Santa Fe significava velho e caro. Estuque marrom ao estilo pseudopueblo espanhol originalmente sobre uma estrutura, como praticamente tudo na cidade que obedecia ao código de obras.

Alice já havia trabalhado com ele antes. Era um pouco mais velha – metade dos 30 – e sempre parecia cansada, os cabelos louros curtos e despenteados. Ele gostava da total atenção dela aos detalhes, não importando o quanto tivesse de trabalhar duro.

– Santa Fe, onde prestígio é uma casa de lama em uma estrada de terra – citou ela. – De modo que provavelmente não é um golpe do seguro. Não há dinheiro bastante.

– É. Eu também não poderia ter bancado isso. Quando ainda estava de pé. Deve ter queimado feito a cabeça de um fósforo.

Não restara suficiente para dar mais detalhes. O que havia era um cheiro forte de cinzas molhadas onde escombros enegrecidos cobriam a castigada base de concreto das fundações. Ele piscou novamente. Aquele cheiro e o modo como as balas haviam mastigado o tijolo de argila abaixo da janela, jogando fragmentos de adobe no seu rosto. A forma como seu blindado havia sido atingido, o medo enquanto ele se obrigara a passar sobre o umbral e apontar o M-4, pousando o ponto vermelho, o instante em que o *mouj* o olhou com olhos arregalados imediatamente antes da rajada cortar seu corpo em uma fila de pontos pretos e vermelhos e fazê-lo dançar como um boneco articulado...

– Eric? – chamou Alice, arrancando-o da lembrança.

– Desculpe – disse. – Pensamento longe.

Ela o poupou de qualquer simpatia ofensiva e ele anuiu em silenciosa gratidão, ainda se sentindo um pouco abalado. “Tenho de parar com isso. Eu posso ter *flashbacks* depois.”

– Deixe-me ver os resultados quando você os tiver – disse ele.

“Claro, quando eu estava na pilha de pedras eu disse que iria lidar com isso depois, quando não atrapalhasse a missão. Isto é depois, imagino.”

– Eu mando para o seu notepad – disse Alice. – Agora tenho de ir colher mais umas amostras.

Ele se virou. Cesar Martinez estava conversando com a família Lopez, sem as três crianças, que ficaram com algum vizinho ou parente; o casal estava sentado em um dos carros de emergência e haviam ganhado copos de isopor com café. Seu nariz se agradou do cheiro, embora o que ele realmente quisesse fosse um drinque. Ou um cigarro. Ele reprimiu as duas vontades e prestou atenção na voz gentil, calma e simpática do parceiro. Ele era uma pessoa habilidosa, haveria de ir longe; ele era bom em fazer com que as pessoas quisessem ajudá-lo, acalmando-as, nunca interrompendo o que tinham a dizer.

– Eu ia entrar novamente. Eles tinham ido embora e eu ia entrar novamente, então...

Cesar fez um ruído simpático.

– Vocês estavam jantando quando o homem os obrigou a sair de casa?

– Comida chinesa para viagem. Do Chow’s – disse a esposa. O marido tomou a palavra.

– E esse homem entrou. Ele tinha uma arma... como uma escopeta, mas menor, como uma pistola – disse Anthony Lopez. – Ainda parecia muito grande. Assim como ele.

Ele deu um risinho e a opinião que Salvador tinha dele melhorou. Nunca era fácil para os civis quando a realidade invadia daquela forma o que eles acreditavam ser suas vidas.

– Como pode dizer que era uma escopeta?

– Dois canos. Pareciam túneis.

– E o homem?

– Mais velho que eu, 50, 60, cabelo grisalho curto, mas se movia rápido. Tinha olhos azuis, uma pele meio que bronzeada, mas dava para dizer que era branco.

– Anglo, mas queimado.

– Isso. E todo vestido de preto, couro preto. E só gritou para nós: “Vão, vão, vão, saiam, corram, continuem correndo.” Nós fizemos isso.

– Exatamente a coisa certa a fazer – disse Cesar.

– Mas eu ia voltar. E aí queimou tudo... – sussurrou ele. – Se eu tivesse...

“Você estaria morto”, pensou Salvador. “Por outro lado, se o cara não tivesse botado todo mundo para fora, todos estariam mortos. Há alguma coisa estranha aqui. Incendiários não se importam com quem se machuca e certamente não se arriscam a ser apanhados para alertar as pessoas.”

A Sra. Lopez falou novamente.

– Havia um homem mais novo do lado de fora quando saímos correndo. Ele não fez nada. Simplesmente ficou em pé, ali, com as mãos no ar. Quase como se estivesse doidão ou algo assim. E tinha uma van ou picape lá.

Ela apontou para a parede do complexo do outro lado da rua onde havia estado sua casa. Salvador fez uma anotação para ver se podiam achar marcas de pneus.

– Quando estávamos do outro lado da rua o homem mais novo meio que desmaiou. O mais velho, o de preto, com a arma, o ajudou a entrar na van, não o carregando, mas quase, meio que arrastando e colocando ele no banco de trás. Depois eles foram embora.

Cesar tocou no notepad e abriu o programa de retrato falado.

– O homem mais novo se parecia com esse? – começou, e pacientemente os conduziu pelo processo de ajuste.

Salvador ficou olhando, como sempre fascinado, vendo a imagem mudar, se metamorfoseando e mudando lentamente e então se transformando em algo que apenas um especialista poderia distinguir de uma fotografia de uma pessoa viva. Ele sabia que antigamente era preciso usar um desenhista para isso, mas agora tudo era automático. O programa até mesmo comparava o resultado final com bases de dados usando um subsistema de reconhecimento facial. Quando eles tinham dado toda a ajuda que podiam, Cesar continuou.

– Obrigado, obrigado aos dois. Talvez precisemos falar com vocês de novo mais tarde.

Ele suspirou, se virou e se apoiou na extremidade da van, olhando para o aparelho em sua mão. Salvador o estimulou:

– As histórias batiam?

– É, *jefe*. Desde o começo, não era apenas escutar o outro e editar a memória.

Ele tocou na tela.

– Certo, sequência: quando a Sra. Lopez chegou em casa com as crianças, por volta das cinco da tarde, o carro de Ellen Tarnowski, a inquilina do andar de cima, estava lá. O Sr. Lopez, o marido, chegou em casa pouco depois e também percebeu isso. Porque normalmente ela ainda não voltou do trabalho a essa hora.

– São amigos dela?

– Conhecem de conversar, apenas superficialmente. Disseram que era boa pessoa, mas não tinham muito em comum.

O detetive sênior resmungou e olhou para o seu aparelho, buscando informações; o Sr. e a Sra. Lopez eram funcionário público de nível intermediário e especialista em higiene bucal, respectivamente. Ellen Tarnowski...

– Trabalha na Hans & Demarcio Galleries. Certo, artista. Deus sabe que já temos demais deles por aqui.

Havia umas trezentas galerias em Santa Fe e todos os restaurantes e lanchonetes de tacos tinham obras de arte originais à venda penduradas nas paredes. Metade dos garçons e caixas da cidade era de aspirantes a artistas de um tipo ou outro, feito os pretensos atores em L.A. Ele olhava para ela, uma foto de algum site ou talvez do departamento de trânsito: loura, 20 e poucos anos, lábios vermelhos grossos, nariz reto e pequeno, malares saltados, grandes olhos azuis. Alguma coisa nos olhos, uma expressão estranha. Meio que assustada. A figura abaixo...

– Jesus.

– Exatamente o que eu disse. De qualquer forma, ela desceu pouco depois do Sr. Lopez chegar. A Sra. Lopez olhou pela janela da cozinha e a notou, porque ela estava usando...

Ele verificou suas anotações novamente.

– ...um vestido de seda branco justo e um xale. Ela sabia que era o melhor vestido de festa da Tarnowski por uma conversa que haviam tido meses antes. Havia outra mulher com ela. Mais ou menos da idade de Tarnowski, porém mais baixa, magra, morena ou bronzeada, cabelos escuros compridos, olhos escuros...

– Realmente chama a atenção nesta cidade.

– *Si*, mas se ela fosse circular com *la Tarnowski*, chamaria, sim! Também tenho um retrato falado dela, apesar de menos definido. A Sra. Lopez disse que as roupas pareciam muito caras e que ela estava com um colar de tanzanita.

– Que porra é tanzanita?

“A outra coisa que temos às centenas são joalherias.”

– Que nem safira, só que mais cara. Veja a cara dela.

Ele mostrou uma imagem. O rosto era triangular, levemente sorridente, emoldurado por cabelos pretos lisos. Também atraente, mas...

– Lembra aquele *mink* que eu segurei um dia. Bonito, mas mordida como o diabo. Levei três pontos e uma antitetânica.

– Por algum motivo não acho que ela seja latina – disse ele em voz alta e seus

dedos acariciaram a leve cicatriz na base do polegar direito.

– É, eu também, mas não sei dizer por quê. Vamos colocar lado a lado com o retrato do homem que eles viram parado do lado de fora quando o tal chupa-cabras armado os mandou sair correndo. O que ele jogou no banco de trás depois.

As sobrancelhas de Salvador se ergueram quando as imagens apareceram juntas.

– Será que eles têm certeza de que não é a mesma pessoa? É um equívoco fácil de se cometer no escuro, com as roupas certas.

Seu parceiro anuiu; era mesmo surpreendente, em certas circunstâncias.

– Parece bastante com a Morena Misteriosa, não? Mas era um cara, certamente. Usando uma jaqueta de zíper escura aberta com uma camiseta por baixo. A Sra. Lopez disse que ele parecia em boa forma. Não inchado, mas alguém que malha bastante. Olhou melhor para ele que para a mulher; ficaram perto. Por falar nisso, não há nada nas bases de dados sobre nenhum deles, mas veja isto:

Seus dedos se moveram na tela e as duas imagens se moverem até ficarem sobrepostas. Ele então apertou uma caixa de funções.

– Certo, a maquininha diz que são parentes – disse Salvador. – Eu poderia chegar a essa conclusão.

– Mas você poderia dizer que era uma probabilidade de 93%?

– Claro. Eu simplesmente digo: é uma probabilidade de 93%. Ou na antiga linguagem humana, *certainemente*. Certo, de volta para o que a Mulher Misteriosa estava fazendo mais cedo. Ela e Tarnowski entraram no carro de Tarnowski e saíram por volta de cinco e meia, alguns minutos antes?

– A Mulher Misteriosa estava dirigindo. Tarnowski parecia abalada – disse Cesar, consultando suas anotações. – É, a Sra. Lopez disse que Tarnowski parecia que ia cair, talvez enjoada, e a outra a ajudou a entrar no carro.

– Já são duas pessoas que precisaram de ajuda para entrar em carros. Aí tem coisa.

– Então, duas horas e meia depois alguém entra correndo, exibindo uma escopeta de cano serrado, enquanto o irmão ou primo da Mulher Misteriosa fica em pé do lado de fora ignorando tudo e falando sozinho em uma língua estranha...

– Língua estranha?

– Eles só ouviram algumas palavras. Não era inglês, nem espanhol, nem nada que eles reconhecessem. Ele fala uma língua estranha, cai, o chupa-cabras

armado dá uma mãozinha, eles vão embora e então o lugar simplesmente pega fogo alguns minutos depois.

Salvador suspirou e levantou o colarinho do casaco; tinha escurecido e estava frio.

– Preciso de uma bebida. Mas mande um alerta sobre Ellen Tarnowski e verifique o nome nos serviços municipais e hospitais em todo estado. Também o gringo velho com a escopeta serrada; use o protocolo de reconhecimento facial para câmeras de vigilância. Podemos apanhá-lo por uma acusação de colocar pessoas em risco, invasão, ameaça, suspeita de incêndio criminoso, mau-hálito, qualquer coisa.

– Si, e jogar lixo na rua. Mulher Misteriosa e Homem Misterioso também?

– É, porque não? Vamos pôr o mundo na cola deles e depois pedimos desculpas.

Ele se sentou e começou a apertar a tela repetidas vezes. A primeira coisa no dia seguinte seria rastrear a vida de Tarnowski. Até o momento ninguém havia morrido e ele gostaria que continuasse assim. O empregador dela seria um bom ponto de partida.

II

“Um dos prazeres da vida do policial”, pensou Salvador no dia seguinte, desejando ter tomado mais Tylenol no café da manhã. “Você conhece todo tipo de gente. A maioria detesta você. *Así es la vida*. Pelo menos ela provavelmente não vai me explodir com uma bomba feita de fertilizante.”

Giselle Demarcio estava na casa dos 50, com uma aparência esticada, seca, atemporal e um leve sotaque da Costa Leste, vestida em um estilo Santa Fe meio descompensado, com joias de prata, blusa e saia de babados.

“Espécie de versão fashionista do que minha bisavó vestia em casa”, pensou Salvador cinicamente; sua família, pelo menos o lado espanhol, estava em Santa Fe desde o século XVII. “Tudo que é velho fica novo se você aguardar o suficiente. Anglos ricos saltam do ônibus e vão morar em adobes embonecados enquanto você acaba num trailer na Airport Road.”

Ela tinha uma marca branca no dedo onde havia estado uma aliança e casava perfeitamente com a decoração afetada branco sobre branco da Hans & Demarcio Gallerie. Ele percebeu que não fora convidado ao escritório dela; aquela era uma sala de recepção semipública. Pelo menos a arte nas paredes era

algo que ele conseguia entender – quadros reais de coisas reais. Também não era a arte *cowboy-pueblo-western* que muitos lugares da Canyon Road exibiam, em sua maioria coisas com aparência velha. Havia um cheiro muito discreto de madeira de pinheiro queimando em uma lareira kiva. A coisa toda berrava “dinheiro”. Passara-se muito tempo desde que a Canyon Road atraísse artistas porque os aluguéis eram baratos.

“Santa Fe, a cidade onde dez mil pessoas podem comprar o estado e cinquenta mil não podem pagar o almoço”, pensou ele.

– Gostaria de um café, detetive? – ofereceu Demarcio.

“Espere um pouco”, pensou Salvador. “Ela, na verdade, não é hostil. Está assustada por algum motivo. Não por minha causa, mas está muito assustada e disfarçando bem.”

– Obrigado – agradeceu, pegando a xícara. – Muita gentileza.

Era um café excelente, especialmente se comparado com o que ele bebia em casa ou na delegacia, com um sabor refinado, forte, lembrando nozes. Ele desfrutou e esperou. A maioria das pessoas não suporta o silêncio. Ele afeta seus nervos e elas acabam falando alguma coisa para preencher o vazio. Salvador havia aprendido paciência e silêncio em uma escola muito dura.

– Estou preocupada com Ellen – disse a mulher mais velha de repente.

O detetive fez um ruído simpático.

– A Sra. Tarnowski trabalha para você? – perguntou.

– Trabalha. Ela é minha assistente mesmo não tendo aparecido esta manhã; é compreensível, com o incêndio e tudo mais. Não é uma secretária, ela é formada em história da arte pela NYU e eu a estava levando para o lado das aquisições. Eu... ela é uma garota doce, mas se meteu em alguma coisa, não é?

– Me diga a senhora, dona Demarcio – retrucou Salvador.

– Eu nunca gostei do namorado dela. Ela o conheceu jogando tênis no clube de campo há mais ou menos um ano e eles, bem, foi um furacão. Ele me deu uma sensação estranha. Depois a irmã dele apareceu...

Salvador piscou. A irmã... a mulher que estava com Tarnowski?

– Namorado? – perguntou.

– Adrian Brézé.

– Ah – disse Salvador.

Enquanto falava ele digitava o nome no teclado virtual de seu notepad, depois teclou a função de busca especial. Havia muito ele dominara o truque de ler uma tela e prestar atenção em alguém ao mesmo tempo.

– Isso é interessante. Teria uma fotografia dele?

Era interessante o fato de Salvador não ter uma fotografia; nem qualquer outra coisa. Normalmente naquela época você se afogava em informações sobre qualquer um. Não havia nada ali a não ser ossos descarnados: um número de seguro social, um número de passaporte e um endereço longe, bem longe, a oeste da cidade. Fora do condado de Santa Fe, na verdade. Uma busca rápida no Google Earth mostrou uma casa grande em uma montanha baixa ou morro alto, no sopé do Sangres, sem nada por perto em quilômetros.

“Nem mesmo uma fotografia do passaporte junto com o número. Alguém gosta de privacidade”, pensou ele, olhando para o endereço. “Então: ei, será que você... não, ninguém consegue fugir da rede.”

Demarcio hesitou, depois tirou uma fotografia emoldurada de uma gaveta. O vidro da moldura estava quebrado, como se alguém a tivesse jogado em uma parede.

– Ela me disse que ia terminar com ele. Não aguentava mais a distância emocional e as mentiras. Então não veio trabalhar ontem.

– Então ela sumiu no dia anterior ao incêndio – disse Salvador, olhando para a fotografia. – Ela não telefonou? Simplesmente sumiu?

– Nada. Não é o estilo dela. Ela é a pessoa mais confiável que já trabalhou para mim.

A foto sob o vidro quebrado mostrava um homem jovial, embora a um exame mais atento ele fosse provavelmente da idade de Salvador. Ou quem sabe em algum ponto entre 25 e 35 anos. Cabelos escuros um pouco mais compridos do que estava na moda naqueles dias, um rosto de aparência vagamente mediterrânea. Bonito, mas talvez um pouco demais.

“Andrógino, essa é a palavra. Mas também há algo de perigoso nele.”

– Ele... – começou Demarcio, franzindo o cenho. – Sabe, eu o encontrei umas 12 vezes e a ouvi falando muito sobre ele, e na verdade não tenho muito a dizer. Ele é rico... muito rico, acho. Aparentemente é dinheiro antigo, mas é impressão, não informação. Ele também não contou nada a Ellen sobre isso, a não ser besteiras vagas sobre “investimentos”. Americano de nascença, mas tem um sotaque leve, francês, acho, o que combina com o nome. Sei que ele fala francês, italiano e espanhol... E também alemão. Não sei dizer de onde vem o dinheiro, se ele fez faculdade e nem onde, nem, bem, nada.

Salvador olhou para a foto. Discretamente, abriu o retrato falado no notepad. A semelhança com a reconstrução do homem que a família Lopez vira de pé, imóvel, do lado de fora da casa pouco antes do incêndio era inegável. Ele escaneou a foto com o notepad e o programa deu um resultado positivo quando

fez a comparação.

– Você diria que este é Adrian Brézé? – perguntou, mostrando a ela a tela.

– Definitivamente – respondeu.

– E esta é a irmã dele? – perguntou, passando para o retrato da mulher que os Lopez haviam visto mais cedo com Ellen Tarnowski.

– Bem...

A imagem não era tão definida; eles só haviam visto o rosto de passagem, e através de uma janela.

– Sim, diria que sim. É uma semelhança impressionante, não? Como gêmeos, só que teriam de ser fraternos.

– Já viu este homem?

Dessa vez o retrato era do homem mais velho com a arma que expulsara os Lopez de casa... e provavelmente salvara suas vidas, considerando a velocidade com que o imóvel foi destruído.

– Não, não posso dizer que sim. Ele é parecido com muita gente que já vi, mas isso não me faz lembrar imediatamente de ninguém.

Salvador grunhiu; de fato era um anglo de aparência muito genérica. De imediato ele teria dito texano ou alguma espécie de sulista; havia algo nos malares que lembrava um caipira escocês-irlandês e o rosto comprido em um crânio comprido, mas mesmo isso era apenas um palpite. O Exército era infestado daquele tipo.

– Acha que o Sr. Brézé seria capaz de, hum, atos violentos?

Ela pensou por um longo tempo, baixando o olhar para os dedos. Quando o ergueu novamente, o alarme dele soou mais uma vez.

– Acho que ele é capaz de qualquer coisa. Absolutamente qualquer coisa.

– Temperamento ruim?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Sempre foi um cavalheiro perfeito. Mas eu podia sentir isso.

“O que ajudaria muito no tribunal.”

– A senhora viu a Sra. Tarnowski depois naquela noite?

Demarcio corou.

– Sim, com a Sra. Brézé... Adrienne Brézé. Em La Casa Sena; estavam jantando em uma mesa perto da minha.

Era um restaurante caro na Palace, perto da plaza, em um velho prédio de adobe reformado que fora construído como a casa de cidade de um fazendeiro. Não era de modo algum o mais caro da cidade, mas chegava perto.

– Não falou com elas?

– Não. Elas, hum, não pareciam querer companhia – disse, erguendo os olhos e corando levemente. – Pareciam meio preocupadas.

“Ah”, pensou Salvador. “Aquele meio preocupadas. Esse é um caso de incêndio criminoso ou um filme ruim? A irmã a pega depois do rompimento com o irmão, então o irmão queima a casa? De onde vem esse tipo de gente? Elas pulam das telas de TV ou os roteiristas as conhecem e usam como material para os roteiros?”

– Conhecia Adrienne Brézé socialmente?

– Não. Nunca a vira antes. Sequer sabia que Adrian tinha uma irmã.

– Então como sabia o nome da mulher? – perguntou.

Um olhar exasperado.

– Eu perguntei ao *maître d’hotel* do La Casa Sena, é claro! Sou cliente habitual. Assim como Adrian.

Ele escondeu um sorriso. “Acho a Sra. Demarcio uma dama simpática. Está preocupada com a Tarnowski. Mas também acho que é uma fofoqueira de marca maior.”

– Obrigado, Sra. Demarcio.

– Bem, você não vai me contar nada?

Ele suspirou. Normalmente não fazia isso, mas ele precisava cativar aquela fonte.

– Estamos investigando as circunstâncias do incêndio no apartamento da Sra. Tarnowski e tentando descobrir onde ela está.

Os olhos dela se apertaram ligeiramente; aquilo significava “Achamos que alguém tocou fogo”, sem chegar a dizê-lo.

– E seu desaparecimento?

– Ah, sim. Não há razão para supor que não tenha sido simplesmente uma mudança repentina...

– E nenhuma razão para supor que foi. Eu falei com a família Lopez e apareceu um homem armado.

Ele suspirou. Santa Fe era uma cidade pequena.

– Verdade. Colocamos toda a polícia de Santa Fe, Albuquerque e a polícia estadual atrás dele. Aqui está meu cartão.

Ele o deslizou pela mesa baixa.

– Por favor, me avise imediatamente caso a Sra. Tarnowski entre em contato ou caso receba alguma outra informação.

Cesar se encontrou com Salvador do lado de fora. Os dois caminharam até o final da Canyon e viraram à direita, atravessando a ponte sobre o pequeno e

ressequido rio Santa Fe com sua faixa de grama e álamos. Aquilo levou à Palace, a norte da catedral, seu corpo de arenito avermelhado se destacando do adobe e do estuque dos imóveis vizinhos. Salvador enfiou os punhos nos bolsos da jaqueta de pele de ovelha, parando apenas para mostrar o dedo médio para uma Mercedes que cruzou o sinal amarelo e quase os atingiu. Pouco depois, uma lata velha barulhenta com a porta fechada com arame fez a mesma coisa.

– Isso é esquisito – reclamou ele, depois de atualizar o parceiro. – Mas pelo menos temos nomes para acompanhar os retratos. Adrian e Adrienne Brézé.

– Está uma foda, amigo – disse Cesar alegremente. – Porque as bases de dados ainda não nos deram nada, embora tenhamos os nomes. Eles não têm endereços de e-mail, não têm contas bancárias... Você repassou?

— Sim, para a local, a estadual, FBI, Insegurança Interna, quer dizer: os espões. Pode demorar um pouco, eles colocaram referências cruzadas em todo o sistema.

– Não deveria levar tanto tempo para conseguir alguma coisa. Todo mundo deixa pegadas. A questão, meu amigo, é se devíamos estar tratando isto como um caso de incêndio criminoso ou uma espécie de sequestro? Tipo namorado desprezado queima a casa e a leva?

– Meio cedo para isso.

Cesar sorriu e mostrou em seu notepad a foto de um Prius velho mas conservado.

– Carro abandonado na Palace, multado e rebocado há mais ou menos uma hora. Registrado em nome de...

– Ellen Tarnowski.

– Então talvez não seja cedo demais.

O notepad de Salvador apitou.

– Parece brincadeira. Dê uma olhada.

A imagem era das câmeras de segurança do Albuquerque Sunport, o aeroporto da maior cidade a uma hora de carro na direção sul: o programa de reconhecimento facial tinha identificado.

– Certo, é Brézé o nosso suspeito com a arma. Ainda com o traje de couro preto. Nove e meia para São Francisco, na noite passada, apareceram e o pedido flagrou. Espere um minuto.

Ele teclou na tela.

– Puta que pariu.

– O que está errado?

– Eles não têm passagens. Olhe.

– Podem estar no nome de outra pessoa.
– Não, segundo o registro havia dois lugares vazios na primeira classe. Mas veja, quando foram autorizados a decolar, registraram todos os assentos da primeira classe como ocupados. Mas não há nomes para esses dois. O que não deveria ser possível. Viola três leis e vinte regulamentos.

Cesar bufou, frustrado.

– *Mierda*, por um segundo eu pensei que conseguiríamos o nome do Sr. Escopeta. E na outra ponta?

– Voo chegou ao Internacional de São Francisco... Nada nas câmeras de vigilância e elas deveriam ter flagrado.

O homem mais novo sorriu.

– Talvez tenham saltado no meio da viagem, *sí*?

– É, a 12 mil metros. Pelo menos podemos abandonar a teoria do sequestro, Cesar. Mas a Tarnowski continua desaparecida, mesmo que o namorado não a tenha apanhado. Ou eu imagino que ele tenha uma terceira pessoa a prendendo.

– Certo, temos a última localização dela em Santa Fe. Aqui.

O prédio onde ficavam La Casa Sena e várias lojas sofisticadas era basicamente do século XIX, construído em adobe com decoração de tijolos cozidos, organizado em torno de um pátio com piscina e um enorme álamo. Originalmente tinha 33 aposentos de moradia-trabalho-depósito-quase-fortaleza que configurava uma muralha defensiva cega de 1,20 m de espessura voltada para fora, com o objetivo de afastar apaches, bandidos, rebeldes e coletores de impostos, fossem eles mexicanos ou gringos. Agora havia uma butique de vinhos, várias lojas vendendo joias caras e objetos espalhafatosos, com o restaurante ocupando dois lados do retângulo.

Havia mesas de ferro sob os álamos, vazias nessa época do ano; os canteiros também estavam secos e marrons. Uma caixa de vidro perto da entrada cobria o poço original que fornecia água ao complexo. Ele deu uma olhada no cardápio colocado junto à porta; ainda não estavam abertos para almoço.

– Já comeu aí? – perguntou ele.

– Vinte e cinco pratos por um sanduíche de presunto? – disse Cesar, olhando os preços. – Está *loco*?

– Eu jantei aqui uma vez. Num aniversário, o último antes de Julia se divorciar de mim. A comida de fato era muito boa.

– Jesus, se o almoço é assim, quanto custa um jantar para dois?

– Mais ou menos o preço de uma viagem a Paris – disse Salvador, sorrindo e lendo as letras pequenas. – E o sanduíche de presunto tem *aioli* de chili verde,

ciabatta, gouda envelhecido do Wisconsin...

– Continua sendo US\$ 25 pela porra de um sanduíche de presunto. Quer dizer, um misto quente. Não me importa se a manteiga é feita com o leite da Virgem.

– Posso ajudá-los? – perguntou uma jovem de gravata-borboleta, abrindo a porta. – O almoço só começa às...

Eles exibiram os distintivos.

– O gerente, por favor?

Isso acelerou as coisas.

– Sou o Sr. Tortensen...

Depois das apresentações o gerente os conduziu a seu escritório, embora Salvador sentisse como se o conteúdo de sua carteira houvesse desaparecido simplesmente por cruzar o umbral da porta e penetrar no ambiente claro ao estilo Taos. Mesmo o escritório era estiloso. O gerente, preocupado, tinha cabelos castanhos, estava na casa dos 30, era esquelético de tão magro e ficava lambendo os lábios.

– O que posso fazer pelos senhores, policiais? – perguntou.

Salvador reclinou na cadeira. Ele sabia que podia ser intimidador para alguns. Sobretudo para pessoas que tinham vidas ocultas. Ele não precisava fazer nada em especial, mesmo se fossem pessoas que conscientemente pensassem nele como algo que raspariam dos sapatos em um dia quente.

– O senhor teve dois clientes no jantar de ontem – disse. – De um pouco depois de cinco e meia até sete e meia. Ellen Tarnowski e Adrienne Brézé. Gostaria de alguns detalhes.

O homem ficou um pouco surpreso, depois sua boca ficou rígida.

– Sinto muito, mas a privacidade de nossos clientes...

Cesar cortou suavemente.

– A casa da Sra. Tarnowski pegou fogo na noite passada e há suspeita de incêndio criminoso. Seu carro foi encontrado e rebocado de uma vaga perto daqui. Temos confirmação independente de que ela esteve aqui ontem e ela está desaparecida, sendo este o último lugar em que foi vista.

Salvador anuiu.

– Então, apreciaríamos muito sua cooperação nesta investigação de incêndio criminoso e possível sequestro.

O gerente se assustou; afora gritar terrorismo, aquela era a melhor forma possível de chamar sua atenção.

– Vou dar alguns telefonemas – disse, pegando o aparelho.

Cesar trabalhava em seu notepad. Salvador cruzara os braços sobre o peito e se

divertia vendo o gerente suar enquanto tentava retornar à sua rotina. Pessoas entravam para falar com o Sr. Tortensen sobre compras e coisas que provavelmente faziam todo sentido. Finalmente, um homem de aparência exausta com 20 e poucos anos entrou; era bonito em sua magreza, mas não parecia nada acostumado a acordar cedo. Com o que, de fato, trabalhando à noite como garçom, não devia estar.

– Ah, este é Joseph Morales, policial – disse Tortensen. – Ele ficou com a A17... a mesa delas... na noite passada.

Maricón, pensou Salvador – clinicamente eles não o incomodavam. Conheceu um que era um artista com um lançador de mísseis Javelin. Ele conseguia lançar um foguete através de uma fenda, o que dava uma boa piada suja.

– Prazer em conhecê-los – disse Morales aos policiais com desonestidade transparente, mas que pelo menos tentou esconder. – Como posso ajudá-los?

O gerente do restaurante começou a falar e Salvador ergueu a mão.

– Estamos interessados em duas pessoas de uma de suas mesas da noite passada.

Ele ergueu seu notepad com o rosto de Tarnowski.

O garçom riu; foi quase um riso nervoso.

– Ah, elas. Sim, me lembro bem delas. Elas pediram; bem, a Sra. Brézé pediu...

Ele desfiou uma relação de coisas, a maioria das quais Salvador nunca tinha ouvido falar. Ele ergueu a mão.

– A quanto isso chegou?

– Com os vinhos? Cerca de... dois mil e quinhentos.

O gerente estava trabalhando em seu computador e assentiu, confirmando. Cesar fez um ruído leve que provavelmente começou como um resmungo agoniado, transitou por indignação e enfim foi reprimido com um apertar de boca.

– Gorjeta?

– Muito generosa. Setecentos.

Do lado de fora Cesar balançou a cabeça.

– Setecentos de gorjeta? E você jantou lá?

– Eu estava começando a ficar preocupado com Julia, queria mostrar a ela que eu pensava em outras coisas além do trabalho. Não funcionou. Três semanas depois ela me disse que eu estava tão distante morando aqui quanto estivera quando me mandaram para Kandahar.

– Ai!

- É, interessante, não? Qual a próxima parada?
- Vamos descobrir se alguém por perto viu a van que Adrian Brézé e o Homem Misterioso de Couro estavam usando depois de saírem do local do incêndio.
- Salvador riu.
- E eu vou voltar e colocar a papelada em ordem. Não gostaria que isso fosse um programa de TV?
- Para podermos trabalhar em apenas um caso de cada vez? *Sí*, essa ideia passou pela minha cabeça.

III

- Certo – disse Cesar duas semanas depois. – Adivinhe? Uma coisa engraçada no caso Brézé.
- Me conte algo engraçado. Me faria bem.
- Salvador deu um gole no café amargo e olhou pela janela para um pinheiro doente com seiva escorrendo dos galhos; eles estavam tendo outra infestação de besouros, o que acontecia a cada década ou duas. A lenha para o fogo logo ficaria barata; ele poderia pegar sua picape nos fins de semana e ganhar uma carga em troca do trabalho de cortar e transportar.
- A perspectiva era muito mais divertida do que o caso no qual estava trabalhando no momento.
- “Homem espanca mulher, mulher chama polícia, mulher presta queixa, mulher muda de ideia, casal processa polícia. Por que eu não fui ser vendedor de apólices de seguro?”, pensei.
- A coisa engraçada é a análise de DNA do vômito que eu encontrei na caçamba de lixo atrás da Whole Foods – disse Cesar.
- Quem disse que a vida de policial não é divertida? Revirar caçambas de lixo em busca de vômito?
- *Sí, jefe*. Um belo emprego limpo de colarinho branco, exatamente o que minha mãe tinha em mente para seu futuro filho quando atravessou o rio para que eu nascesse em solo americano. Seja como for, há sangue no vômito.
- Lembro de você ter dito isso. O funcionário disse que era o vômito de Adrian Brézé, certo?
- Certo, ele o viu vomitar nos fundos daquela van, achou que estava bêbado. Estou bastante certo de que Brézé pagou algo a ele para esquecer isso; ele suou

bastante antes de falar e tive de apelar para a coisa do sequestro e incêndio criminoso. Ele também viu o sangue.

– Então ele tem úlcera. Até mesmo os ricos têm. Como isso nos ajuda?

Cesar coçou o bigode e Salvador conscientemente se impediu de fazer o mesmo.

– Não estou certo se ajuda. Mas é engraçado. Porque o DNA do vômito não é o mesmo DNA do sangue. Na verdade o DNA do sangue está na lista da Cruz Vermelha. Um de seus doadores, uma tal de Shirley Whitworth, doou naquele lugar perto da Rodeo e de Camino Carlos Rey. Parece ter desaparecido do sistema deles. Eles não quiseram nem conversar a respeito. Vamos ter de trabalhar nisso.

Salvador resmungou.

– Vamos esclarecer isso. O vômito é de Brézé...

– Presumivelmente. Cromossomos masculinos nos fluidos corporais. Mas não há Brézé na base de dados de DNA.

– Isso não surpreende; eles só a criaram há dois anos e isso só significa que ele não é doador, não foi preso nem entrou em um hospital ou coisa assim. Mas o sangue definitivamente é de um doador da Cruz Vermelha?

– Sí. Então, engraçado, não?

– Engraçado em um sentido doentio, não engraçado rá-rá-rá. Porque tinha de estar no estômago dele, certo?

Ambos riram.

– Que bom sabermos que ele sai à luz do dia, não? – disse Cesar.

– É, e que ele não cintila. Eu me sentiria um idiota caçando um criminoso que parecesse um globo espelhado ambulante... Mas se ele de fato o bebeu... Talvez alguma espécie de culto?

– Então não me espanta que tenha vomitado – disse Cesar, ainda rindo. – Seria como beber água salgada, sabe? Sangue é água salgada, água do mar. Minha mãe usava água salgada e mostarda para induzir vômito caso eu tivesse comido mais do que devia.

Salvador podia sentir seu cérebro começando a se mover, as coisas se ligando sob a fadiga de meia dúzia de casos que não estavam indo a lugar nenhum. Então seu telefone tocou. Quando desligou, estava com o cenho franzido.

– Qual a novidade?

– O chefe quer nos ver, e agora.

O escritório do chefe não era muito maior que o seu; Santa Fe era uma cidade pequena, ainda com bem menos de 100 mil pessoas. A sala ficava em um canto,

segundo andar, e tinha janelas maiores. O chefe também tinha três estrelas no colarinho do uniforme; ainda assim ele não ganhava nem de longe tanto quanto, digamos, Giselle Demarcio. Por outro lado, seu dinheiro também não vinha de São Francisco, L.A. e Nova York.

Cesar respirava rápido e Salvador sentiu seus olhos se estreitando. Também havia dois ternos esperando por eles, além do chefe. Literalmente ternos, elegantes, uma mulher e um homem, ela negra e ele anglo. Ambos definitivamente de fora do estado; ele colocaria a mulher negra no FBI se tivesse de apostar e o homem mais jovem como alguma espécie de espião, mas não de escritório. Ex-militar de algum tipo, mas não aposentado.

“Possivelmente do Exército da Virginia do Norte, também conhecido como Waffen-CIA.”

– Sentem-se – disse o chefe.

Ele era tão local quanto Salvador e ainda mais que Cesar, e poderia ser o primo mais velho de Salvador – de fato, eles eram parentes distantes. Naquele instante ele estava agindo como se nunca tivesse visto nenhum dos dois detetives antes, seu rosto parecendo algo esculpido em madeira na Canyon Road.

O homem de terno falou.

– Estão trabalhando em um caso envolvendo a família Brézé?

– Sim – disse Salvador. – Chefe, quem são essas pessoas?

– Você não precisa saber – disse a mulher em tom neutro. De alguma forma ela dava a impressão de usar óculos escuros sem precisar usá-los. Acrescentou mais suavemente: – Você não quer saber.

– Eles são da Segurança Interna – disse o chefe.

– A Segurança Interna está interessada em triângulos amorosos bizarros? – perguntou Salvador com ceticismo. – Além disso, Segurança Interna é como pessoa, é algo genérico. Vocês são FBI, Companhia, NSA, o quê?

– Você não precisa saber. O que precisa saber é que estamos cuidando disso – disse o homem.

“Espere um minuto”, pensou Salvador. “Ele está com medo. Controlando bem, ele é um verdadeiro durão, se é que eu já conheci um, e, bem, eu fui um. Mas ele está com medo.”

O que o fez começar a pensar, com algum desconforto, que talvez ele devesse estar com medo. O homem era alguém que ele mesmo poderia ser se as coisas tivessem sido um pouco diferentes com aquela bomba caseira.

– Cuidando disso como? – perguntou Salvador, encarando o olhar pálido dele.

– Colocamos o nosso melhor pessoal nisso.

– Deus do céu... – começou ele.

– Eric, esqueça. Imediatamente — disse o chefe.

“Ele também está com medo.”

– Ei, chefe, sem problema – cortou Cesar. – Não é como se não tivéssemos trabalho suficiente. Certo, esquecer, questão de segurança nacional, não preciso saber, certo?

Os dois ternos se entreolharam e depois fitaram Salvador. Ele anuiu.

– Certo – disse ele. – Eu não nasci ontem. A curiosidade matou o gato, não é? E a não ser que eu não queira que minhas últimas palavras sejam miau, ah, merda...

– Você não tem ideia – disse a mulher, olhando através dele. – Absolutamente nenhuma.

Depois voltou os olhos para ele.

– Vamos ser claros. Não houve incêndio. Não existe algo como uma família Brézé. E vocês nunca ouviram falar deles. Em especial, vocês nunca fizeram quaisquer registros ou fichas de nada relativo a eles. Isso será verificado.

– Certamente – disse ele, sorrindo. – Verificar o quê? Sobre quem?

Salvador esperou até eles estarem de volta ao escritório antes de começar a praguejar; inglês, espanhol e um pouco de pashtun, que era a melhor linguagem ofensiva que ele sabia, embora alguns conhecidos dissessem que o árabe era melhor.

– Vamos almoçar – propôs Cesar, piscando.

“É”, pensou Salvador. “Tenho de lembrar que qualquer coisa pode ser um grampo atualmente.”

– Eu bem podia comer um burrito.

Mal saíram, Cesar começou.

– Quando você quer começar a xeretar, *jefe*?

Salvador bufou e girou a cabeça, massageando a nuca com a mão esticada. Os músculos ali sob sua mão pareciam varas de ferro trançadas e ele pressionou a corrente de prata com o crucifixo pendurada no pescoço.

– Então agora é um lance de terroristas eurolixo, é? – perguntou.

– É. Terroristas vampiros eurolixo. Talvez Osama os tenha mordido – disse Cesar, ainda sorrindo.

– Ou vice-versa.

– Que merda será tudo isso? – perguntou Cesar, mais sério.

– Nossas chances de arrancar isso daquelas pessoas...

– São nulas.

Cesar ergueu os olhos para o céu azul sem nuvens.

– Talvez esses Brézés sejam apenas tão ricos que podem esconder qualquer coisa de que não gostem. Diga que sou cínico...

– Não – disse Salvador, balançando a cabeça. – Não se consegue isso apenas com dinheiro. Não com aquele pessoal, os espiões. É preciso ter influência política. Quem quer que fossem, eles eram federais, e não burocratas de escritório. Eles não vão contar nada a nenhum caipira feito nós. O chefe não sabia mais do que nós; estava apenas recebendo ordens.

– Tem certeza?

– Eu o conheço há muito tempo.

– Então... – disse Cesar.

Ele se apoiou em uma parede.

– Quanto tempo quer deixar esfriar antes de começarmos a xeretar, violando nossa promessa solene?

– Uns dois meses – informou Salvador. – Para começar, coloque todos os dados em um cartão de memória, faça algumas cópias e me dê uma. Limpe seu notebook e qualquer coisa que tenha no escritório. Nada disso tem ligação com qualquer outra coisa.

Cesar sorriu.

– Gosto do modo como você pensa, *jefe*.

Sonho.

A sensação de medo piorou quando as chamas atravessaram a porta e ele foi jogado para trás e ficou caído indefeso. Dessa vez ele pôde ver a figura que caminhou através do fogo.

Era uma mulher, jovem, nua, seu rosto bonito de boneca com olhos amendoados, cabelo no alto da cabeça em um penteado elaborado que parecia asiático. Se ele visse uma foto assim, ficaria com tesão. Em vez disso, se sentiu como se unhas gigantescas estivessem raspando quadros-negros por todo o universo. Como se ele pudesse correr sem parar e houvesse um fedor que não era físico, e ele vomitou, desamparado.

– Quem é o menino mau? – ronronou ela.

Então ela se ajoelhou junto ao corpo de Johnson, só que não era mais Johnson, era Cesar e ele também estava nu. Eles rolaram na poeira, acasalando como cachorros, mas Cesar estava gritando. Quando ela ergueu a cabeça, sangue cobria sua boca e pingava do queixo, e escorria da garganta de Cesar. Pontos amarelos cintilaram em seus olhos castanho-escuros.

– Eu adoro homens corajosos – disse ela. – Eles são deliciosos.

– Meu Deus!

Dessa vez havia cigarros sob sua mão ansiosa. Ele derrubou o isqueiro duas vezes. O carvão escuro brilhou como olhos quando ele inalou a fumaça. Salvador tateou em busca do interruptor e se sentou com os pés no chão. Inalou a fumaça para os pulmões novamente, tossiu, inalou de novo. Após algum tempo suas mãos pararam de tremer e ele conferiu o relógio. Eram apenas três da manhã, significando que ele havia dormido pouco menos de duas horas. O ar em seu quarto cheirava a fechado, a despeito da brisa quente que chacoalhava as venezianas contra a moldura da janela. O suor em suas costas e laterais esfriava.

Ele olhou para o telefone.

– Não vou ligar. Cesar atura muita coisa, mas ele não está dormindo sozinho. Não posso dizer a ele que tive um pesad...

O telefone tocou. Ele atendeu.

– *Jefe?*

– Tem outra pessoa neste endereço?

– Venha para cá. Estou com algo que você tem de ver.

Salvador sabia que alguma coisa estava errada. Ele podia sentir um arrepio na nuca. A casa estava totalmente escura, a não ser pela luz do poste, o que era muito estranho mesmo às três e meia, já que Cesar acabara de lhe telefonar. O novo importado chinês do seu parceiro estava estacionado na rampa; o piso entre a rua e a casa era de cascalho, com ervas daninhas nascendo aqui e ali. O bairro estava totalmente silencioso e o céu, estrelado. Um gato passou, olhou para ele com olhos que se transformaram em espelhos verdes por um instante, depois seguiu. Nada mais se mexia.

– Merda – disse sem emitir um som e sacou sua Glock 22, o polegar movendo a trava para desativá-la.

Depois tocou na porta. Ela se abriu para dentro. Ele cruzou o corredor, instintivamente mantendo o cano para cima e enfiando o ombro no ângulo entre a porta do quarto e a parede. Então o cheiro chegou a ele. Baixou os olhos. Parecia preto à luz fraca, mas a viscosidade sob seu pé era inconfundível.

– Bem, isso é incomum – disse o chefe.

A equipe de peritos circulava pela sala. A maioria deles tinha mais de uma função; a polícia de Santa Fe não seguia hierarquias elaboradas.

Salvador sentiu um surto de raiva e engoliu-o automaticamente. Não ajudaria em nada... e ele já dissera a mesma coisa a outros. Era o que se fazia, pois ajudava a lidar com o que se estava vendo. Normalmente.

Cecile estava na cama. Normalmente corpos não têm muita expressão, mas eles também não costumam estar arqueados em um espasmo galvânico que nunca irá acabar. Eles teriam de quebrar seus ossos para colocá-la em um saco de corpos. A expressão em seu rosto não era parecida com nada que já tivesse visto. Ele lambeu os lábios, sentindo o sal do suor.

Cesar estava nu, caído de barriga para baixo entre a cama e a janela. Sua pistola estava na mão direita; as cápsulas vazias de 14 balas cobriam o piso ao redor dele. A maioria estava no sangue que coagulava, vermelho-escuro com manchas marrons. A mão esquerda segurava uma faca, não uma faca de combate, mas um talher de mesa. Havia um caco de vidro cuja base era do tamanho da mão de um homem enfiado na sua garganta, a ponta se projetando atrás do pescoço.

– É assassinato seguido de suicídio – disse o chefe em voz baixa.

A afirmação perturbou Salvador. O chefe não olhava para ele.

– É exatamente o que é, Eric.

“Ele não me chama pelo primeiro nome com frequência”.

– Provavelmente é o que as provas vão demonstrar, senhor – acrescentou Salvador.

“Eu já vi amigos morrer antes. Eu não sentei e chorei. Fiz meu trabalho. Posso fazer isso agora.”

Ele também não sentira essa raiva. Ele matara todo *mouj* que conseguira enquanto estava na pilha de pedras, e havia sido um bom número redondo, mas normalmente ele não os odiava. Uma espécie de desgosto amargo na maior parte do tempo; ele realmente não pensara neles como sendo pessoais o suficiente para odiar.

“Isto é extremamente pessoal.”

– Chefe.

Era alguém do esquadrão de peritos. Deu a volta na poça de sangue para falar com eles.

– Pegamos algo no peitoral da janela, saindo. Meio estranho. A que hora você disse que chegou, Salvador?

– Três e meia. Meia hora depois... de Cesar ligar para mim.

A noite do lado de fora ainda estava escura, mas havia uma falta de vigor, uma imobilidade que anunciava o amanhecer.

Salvador balançou a cabeça, perplexo. O homem ergueu seu notebook. A mancha que ele registrara na projeção era uma pegada. A pegada de uma pata.

– Notou algum cachorro? Ou algo assim?

– Não – disse, desanimado. – Só um gato.

– Bem, não é dele.

A pegada era grande demais para um gato doméstico.

– Provavelmente apenas algum bicho atraído pelo cheiro.

– Hora da morte?

– Recente, mas difícil de estabelecer em uma noite quente como esta. Tudo é compatível com algum momento entre a hora em que você recebeu o telefonema e a hora que chegou aqui.

O chefe colocou a mão em seu braço e o chamou para fora. Ele procurou nos bolsos do casaco, tirou um cigarro e o acendeu.

– Você sabe que não pode participar desta investigação, Eric – disse o homem mais velho. – Vá para casa. Durma um pouco. Abrace uma garrafa e durma um pouco se precisar. Tire dois dias de folga.

Salvador anuiu, arremessou o cigarro no cascalho do pátio da frente e caminhou diretamente para seu carro. Manobrou com muito, muito cuidado e dirigiu com igual cuidado até a St. Francis, no cruzamento com a Rodeo e o acesso à I-25. Só então ele estacionou em um complexo abandonado de prédios baixos, provavelmente concebido para abrigar consultórios ou imobiliárias e construído por algum otimista maluco nos anos 1900 ou começo dos 1910.

– Certo, Cesar, fale comigo – disse ele em voz alta e enfiou o cartão de memória que pegara no seu notebook; ninguém iria notar, tendo deixado seus sapatos na poça de sangue. – Tomara que isso não seja sua declaração de imposto. Me diga como apanhar o *cabrón*.

A tela acendeu, apenas um arquivo, e era de vídeo. Salvador tocou com o dedo.

Visão. Três e dez no contador do canto inferior direito. Cesar falava, suando muito, vestido num roupão de banho, mas com sua Glock diante dele, ao alcance da câmera; o cenário era sua mistura de escritório doméstico com sala de TV, alumiado apenas por uma pequena luminária.

– Estou gravando isto antes que você chegue, *jefe*, porque estou com uma sensação muito ruim sobre isso. Eu estava na internet hoje e recebi uma pergunta do laboratório de análises de Quantico para o qual mandamos o vômito e o sangue, sabe? Eles diziam que havia algumas anomalias interessantes, perguntaram se eu queria mais informações sobre o tal Brézé e anexaram o

arquivo. Parecia um arquivo legítimo, era grande o bastante.

A imagem de Cesar lambeu os lábios; Salvador podia ver isso, mas sua mente superpôs a aparência dele com metade do rosto deitado numa poça do próprio sangue.

– Certo, foi idiota. Eu deveria ter perguntado a eles quem?, ou simplesmente ligado o bloqueador de spam. Mas não estávamos chegando a lugar nenhum, vigiar a maldita casa de Adrian Brézé era uma tentativa desesperada, então eu baixei. Eis o que eu recebi, repetido muitas vezes.

Apareceram letras, um parágrafo em negrito:

Você está muito fodido você está muito fodido você está muito fodido você está mu

– Eu...

– Cesar!

Um grito, uma voz de mulher, aguda e desesperada. E então:

– Não... não... por favor, não...

Depois apenas gritos. Cesar agarrou a pistola e correu. Salvador também o ouviu gritar quando os tiros começaram. Depois mais ruídos, por um longo tempo. Depois outro rosto na tela.

Era a mulher que ele vira no sonho; ele sabia, embora seu rosto fosse uma folha líquida de vermelho fosco. Apenas as pintas amarelas em seus olhos brilhavam, e então seus dentes ficaram muito brancos quando ela os lambeu.

– Você está muito fodido – ronronou ela e a tela ficou negra.

A estrada para a casa de Adrian Brézé era 16 quilômetros ao norte na I-25, e depois leste. A rodovia vazia se estendia noite adentro, ar fresco entrando pelas janelas abertas junto com o zunido dos pneus. Ele rumava para a morte – mas talvez fosse aprender algo. Talvez o mundo voltasse a fazer sentido.

“Mas desde quando ele fez algum sentido? Tenho 32 anos de idade, solteiro, sem filhos e meu melhor amigo acabou de morrer porque eu não consegui descobrir o que estava acontecendo. A única coisa em que já fui bom foi em matar pessoas e assustá-las. Cesar tinha o dobro dos meus miolos e agora está morto, e a mulher dele também.”

Leste, depois norte de novo em uma estrada de terra. O Sangres baixo no horizonte à luz de três quartos de Lua. Aquilo e as estrelas eram a única luz e o último posto de gasolina ficou para trás, apenas umas poucas estrelas junto ao horizonte indicavam casas. A estrada fazia curvas, se contorcendo na noite

escura como breu, e então descia íngreme para a esquerda, 30 metros quase verticais; era a beirada do planalto. Ele se obrigou a parar quando as rodas derraparam e um jorro de cascalho se projetou e então desapareceu. Ele apertou as mãos no volante.

– Eu estou tentando me matar? – murmurou. E depois: – Não. Ainda não. Tenho de descobrir o que tudo isto significa.

Então saltou e caminhou o último trecho da estrada. Os cheiros da noite eram fortes, o dos arbustos de ipês, a resina forte dos pinheiros sangrando. Cascalho rangia sob seus pés – havia quase seis meses desde que Adrian Brézé desaparecera e a faxineira vinha apenas uma vez por mês. A casa em si era construída bem na beirada do penhasco; a curva final da estrada permitia-lhe olhar para o abismo, para suas paredes de pedra. A porta alta revestida de cobre se abriu ao seu toque e algumas luzes suaves se acenderam sob o teto de metal alto.

“É, como eu esperava”, pensou.

Toda a parede oposta era de vidro, bem na beira do penhasco. Ele descia em projeções rochosas e fendas empalidecidas pelo luar, até a superfície suave do semideserto se estender a leste até onde a vista alcançava. Havia duas pinturas nas paredes, antigas e belas.

– Por que achei que poderia descobrir alguma coisa aqui? – perguntei em voz alta.

“Talvez um passarinho tenha lhe contado.”

A voz pareceu vir de trás dele. Ele girou. Nada. Olhou de novo... E a mulher estava lá. Um surto de alegria assustada tomou conta dele. Não era um sonho, nem pixels. Era uma pessoa de verdade diante dele. Havia até mesmo uma cicatriz de apêndice.

Ele ergueu a Glock na posição determinada, mão esquerda sob a direita.

Crack. Crack.

As balas de 10 milímetros penetraram em sua barriga e ela se dobrou para trás.

Crack.

Duas no centro do corpo, uma na cabeça; a última fez sua cabeça girar num redemoinho de cabelos negros compridos e um jato de sangue, e a bala atravessou o vidro atrás dela. Ele sentiu seus dentes à mostra enquanto caminhava até ela. Os olhos com pontos dourados já começavam a ficar vítreos.

Então a cabeça se levantou.

– Aaaaah, isso dói – disse ela. – Isso pode ser até gostoso, sabe? Para começar. Depois é minha vez de machucar você. Gosta disso, gato?

Salvador saltou para trás, quase caiu ao esbarrar em uma mesa de vidro trabalhado com tampo de malaquita, então se colocou em uma posição de tiro, agachado.

Crack. Crack. Crack.

Dez tiros. Cinco acertos. Cinco outros acertaram a grande vidraça atrás, estilhaçando-a, depois derrubando-a numa chuva de fragmentos leitosos.

– Uuuui, uuuui, mas que bruto – disse a coisa, rindo enquanto avançava para ele.

Uma mão se esticou na direção de seu pescoço. Depois recuou enquanto ela sibilava.

– Nós realmente temos de fazer algo a respeito dessas correntes de prata. Será que podemos fazer as pessoas acreditarem que causa câncer?

Ela tocou no sangue na lateral da cabeça e enfiou os dedos na boca por um momento, a língua se contorcendo ao redor deles.

– Hummm, delícia! Mas você quer arrancar essa corrente idiota, não é... Isso mesmo...

Os olhos cresceram, os pontos amarelos se juntaram como gotas de ouro derretido, escorrendo para dois lagos de fogo. Profundos, profundos, arrastando-o para um redemoinho...

Ela gritou: dor e fúria. Grandes asas de 3 metros bateram atrás dela enquanto as presas eram recolhidas e o bico curvado se cravava no pescoço dela. O leopardo da neve rolou repetidamente...

– Leopardo?

Suas patas atacando em um borrão de velocidade e garras. A águia desceu do ar se tornando uma enorme coisa castanha e os grandes felinos rolaram de um lado para outro guinchando e atacando e pulando um na direção do pescoço do outro enquanto móveis eram esmagados e vidro quebrado estalava sob seu peso. Então o homem estava em pé, de costas para Salvador, cada músculo de seu corpo magro se projetando como ondas de estática enquanto os polegares dele se cravavam na garganta dela. Ela dava o mesmo rosnado bestial enquanto recuava com um joelho contra o peito dele e suas mãos empurrando para cima seus antebraços...

CRACK!

Muito mais alto dessa vez. O impacto duplo e o crânio dela começou a se deformar sob a enorme energia cinética, e então um brilho e ela havia desaparecido. Sangue caiu no chão, com um cheiro forte, azedo, de ferro e sal. O homem caiu sobre um joelho por um segundo, ofegante, depois se levantou e se

virou.

– Você é Adrian Brézé – disse ele, tentando fazer sua cabeça voltar a funcionar.

A arma subiu, quase por vontade própria. O moreno esguio apontou um dedo para ele.

– Não. Nem pense nisso. Foi um dia difícil.

Ele olhou por sobre seu ombro; o primeiro descoramento do céu noturno mostrava que a alvorada estava próxima e ele estremeceu um pouco.

– É melhor eu me tornar corpóreo. Já volto, detetive Salvador.

Salvador baixou os olhos para a pistola. “Por que não, cacete?”, pensou, e começou a levar a arma à boca. “É mais seguro. Apenas amadores tentam atirar nas próprias cabeças...”

– Não faria isso se fosse você.

– Por que não me mata? Por que não me mata? – gritou ele. – Por que você simplesmente não me mata, porra?

– Por isso eles não matam você, porra – disse o homem. – Posso contar, caso queira saber.

– Você é um deles.

Brézé era leve, um pouco menos que estatura mediana, pele morena clara, cabelos escuros e olhos castanhos com pontos dourados.

– Você é Adrian Brézé!

– Sim.

Salvador inspirou, prendeu a respiração, expirou.

– Certo, saquei: eu devo acreditar que você é um monstro bom.

– Ah, ele é um excelente monstro, acredite em mim. Mas todo meu.

Salvador sobressaltou-se com a outra voz, baixou os olhos para a pistola, depois a largou na mesa na qual estava sentado. Uma caixa de cobre se abriu, cheia de cigarros finos. Ele pegou um e acendeu; alguma parte distante de si estava orgulhosa por suas mãos não tremerem. A segunda voz pertencia a uma mulher. Alta, loura, vestindo roupas e botas escuras de montaria, com um gorro de tricô na cabeça e um rifle repousando nos braços – ele o reconheceu, uma grande peça britânica de atirador de elite, visor de distância, corpo de liga aeronáutica.

– Você é... Ellen Tarnowski.

– Tecnicamente, Ellen Brézé agora. Não, não sou um deles. Você não pega isso sendo mordido.

Um repentino sorriso encantador.

- E acredite em mim, eu sei! Nem mesmo se casando com um.
- Tenho a sensação de que você mudou.
- Eu tive de... ahn... subir uns dois níveis em agressividade, digamos.
- Você a matou.

Seus olhos voltaram à poça de sangue; não havia um corpo.

- Ah, sim.

Seus olhos eram grandes e azul-turquesa; por um momento eles revelaram uma ardente satisfação.

- Há um corpo, provavelmente muito distante, mas está vazio agora.
- Aquela... aquela não era a irmã dele, era?
- Não. Aquela era Michiko. É uma amiga da irmã. Uma espécie de pretensa Amante da Escuridão Final.

Brézé estava de volta. Ele estava vestido, com o mesmo tipo de roupa; um paletó leve cobria um coldre de ombro com uma faca com o cabo voltado para baixo de um lado e uma Glock do outro.

– Tudo bem – disse Salvador, dando um trago no cigarro. – Explique. Sei que na verdade eu estou em algum lugar tomando drogas pesadas, uivando para a Lua.

Por alguma razão isso fez Adrian Brézé sorrir.

– Eu sou um *shadowspawn*... É como nós basicamente nos chamamos. Mas... Bem, eu tento não ser um monstro. É complicado. Você pode escolher aprender ou pode escolher esquecer. Se você esquece, pode criar uma nova vida. Se você aprende, isso provavelmente o matará; mas pelo menos você sabe por que está lutando, *mon ami*.

– Se você me oferecer um comprimido azul e um comprimido vermelho, eu te mato!

O casal riu.

- Na verdade são duas fichas. Faça sua escolha.
- Conhecimento e você pode tentar ser a guerrilha. Ignorância e terá uma vida longa.

Salvador olhou para a guimba do cigarro. Então a lançou com precisão no sangue; ela chiou até se apagar.

- Como se fosse mesmo uma escolha?

Sempre a mesma velha história

CARRIE VAUGHN

Sucesso de vendas, Carrie Vaughn é autora de uma série extremamente popular de romances que narram as aventuras de Kitty Norville, uma personalidade do rádio que por acaso também é uma lobisomem e tem um programa na madrugada dando conselhos para criaturas sobrenaturais. Entre os livros Kitty estão *Kitty and the midnight hour*, *Kitty goes to Washington*, *Kitty takes a holiday*, *Kitty and the silver bullet*, *Kitty and the dead man's hand*, *Kitty raises hell* e *Kitty's house of horrors*. Os contos de Vaughn apareceram nas revistas *Jim baen's universe*, *Asimov's science fiction*, *Subterranean*, *Wild cards: inside straight*, *Realms of fantasy*, *Paradox*, *Strange horizons*, *Weird tales* e *All-star zeppelin adventure stories*, entre outras. Seus livros mais recentes são *Steel*, sua segunda experiência na área jovem; *After the golden age*, e dois romances Kitty: *Kitty goes to war* e *Kitty's big trouble*. Ela mora no Colorado.

Aqui, ela nos leva ao mundo de Kitty para mostrar de forma emocionante como você não abandona velhos amigos, mesmo – ou talvez especialmente – sendo imortal.

Rick acordou ao pôr do sol e encontrou esperando por ele uma mensagem telefônica de uma velha amiga. Helen soava infeliz, mas não dava detalhes. Não disse sequer que estava com medo e precisava de ajuda, mas o tom baixo da voz a fazia parecer como se estivesse sendo seguida. Ele agarrou seu casaco, subiu para os fundos da loja onde havia estacionado seu BMW prata e foi ao seu encontro.

A noite de verão estava agradável, comum. O centro de Denver resplandecia. A seus olhos, os arranha-céus pareciam cogumelos reluzentes; haviam brotado muito rapidamente, esmagando tudo que havia antes. Apenas nos quarenta anos anteriores, mais ou menos, Denver começara a abandonar sua imagem de cidade de vaqueiros para se tornar outra metrópole típica. Ele às vezes sentia saudade da cidade de vaqueiros, embora ainda pudesse ter vislumbres dela. A Union Station

resistia, o Capitólio estadual, claro, e as mansões vitorianas dos bairros próximos. Fazendo um esforço, conseguia se lembrar delas em seus dias de glória. Um pouco do ânimo da época do *boom* da mineração persistia. Era o motivo pelo qual Rick ficava.

Helen morava alguns quilômetros ao sul, na malha de ruas ao redor da Universidade de Denver, em uma casa não tão velha ou grande quanto aquelas mansões vitorianas, mas ainda antiga no contexto do resto da cidade. Ela vivia ali desde os anos 1950, quando Rick comprara o lugar para ela. Já naquela época Denver estava crescendo muito. A cidade era uma colagem em mutação constante, seus marcos surgindo e desaparecendo, os pontos em torno dos quais ele circulava mudando sutilmente ao longo das décadas.

Pontos como Helen.

Ele estacionou na rua em frente a casa, um imóvel quadrado de um andar, azul-claro com detalhes brancos, venezianas emoldurando as janelas, uma varanda na frente e vasos pendurados com petúnias multicoloridas. As luzes estavam apagadas.

Ele permaneceu por um momento na calçada de concreto em frente e deixou que seus sentidos mais que humanos perscrutassem: visão, audição e paladar. A rua, o gramado, a própria casa estavam tranquilos. Os vizinhos assistiam à TV. A um quarteirão, um senhor caminhava com um cachorro de grande porte. Tudo muito normal, exceto que a casa diante dele estava silenciosa. Não havia nada vivo dentro dela – ele teria sentido o cheiro de sangue, ouvido as batidas do coração.

Quando ele e Helen ficaram amigos, ele sabia que esse dia chegaria. Esse dia sempre chegava. Mas as circunstâncias ali não eram naturais. Ele subiu a escada até a porta da frente, que estava destrancada. Entrou cuidadosamente, contornando os pontos no piso de madeira de lei que rangiam, chegando ao tapete da sala de estar. Nada – mobília, fotografias, estante de livros, pequeno piano de armário no canto – estava fora do lugar. A mesa de café modernista, o abajur cônico junto a uma poltrona pesada, lírios de seda no vaso de cristal bisotado. Eram objetos decorativos de uma senhora – deslocados, anacrônicos, aparentemente preservados. Mas para Rick era apenas Helen, do jeito como ela sempre fora.

Com os passos abafados pelo tapete, ele avançou para a cozinha nos fundos. Encontrou-a lá, caída no piso de linóleo. Morta havia muito – ele sabia pela pele fria e o cheiro de sangue seco no piso.

De pé no umbral da porta ele conseguiu descobrir o que acontecera. Ela estava

sentada à mesa de fórmica, tomando uma xícara de chá. A xícara e o pires estavam lá, intactos, juntamente com uma tigela de cubos de açúcar. Devia ter pousado a xícara antes de cair. Quando caiu, havia sido com violência, derrubando a cadeira. Ela se arrastara alguns centímetros, não muito. Devia ter quebrado o quadril ou a perna na queda – algo previsível na sua idade. Havia gotas de sangue nas costas de seu vestido de seda azul, partindo de um buraco escuro do tamanho de uma moeda de dez centavos. Inspirando fundo, ele conseguiu sentir o cheiro de pólvora. Ela havia sido baleada pelas costas e morrerá.

Depois da vida que tivera, morrer daquele jeito.

Então era isso. Uma amizade de mais de sessenta anos chegara ao fim. Hora de dizer adeus, lamentar e seguir em frente. Ele fizera isso antes – até mesmo com frequência. Poderia assumir uma postura filosófica. O rumo natural dos acontecimentos e tudo mais. Mas aquilo era diferente e ele não a abandonaria, mesmo não importando mais. Ele faria a coisa certa – a coisa humana.

Tirou o celular do bolso do casaco e teclou 911.

– Alô. Quero comunicar um assassinato.

Ela cruzou a porta e todos os homens ali a olharam; o sorriso vermelho pintado, a saia azul ondeando em torno de pernas perfeitas. Ela não pareceu perceber, caminhou diretamente até o bar e se sentou em um banco.

– Uísque duplo, com gelo – pediu.

Rick colocou de lado o trapo que estava usando para limpar a superfície e se inclinou diante dela.

– Parece estar festejando alguma coisa.

– Isso mesmo. Você vai me ajudar ou vai continuar me paquerando?

Sorrindo, ele pegou um copo baixo e serviu um duplo, com choro.

– Tenho de perguntar – disse Rick, retornando ao bar diante dela, desfrutando do fato de todos os outros homens no Murray's o olharem com inveja. – Qual é a celebração?

– Você tem de perguntar, não é mesmo? Eu apenas não tenho certeza se devo contar.

– É que eu não costumo ver uma dama entrar aqui sozinha com vontade de comemorar.

O Murray's era um lugar de operários, um pardieiro pelos padrões de East Colfax; o bairro estava ficando decadente, com empresas e moradores fugindo para o centro, deixando para trás todos que não tinham nenhum outro lugar para

ir. Rick vira esse tipo de coisa acontecer bastante; reconhecia os sinais. Murray, o dono do estabelecimento, não estava perdendo dinheiro, mas não tinha nenhum extra para investir na casa. O verniz do piso de madeira de lei estava gasto, os móveis tinham mais de uma década. Cerveja e destilados baratos era a norma, e ele ainda tinha cartazes de bônus de guerra um ano e meio depois da vitória sobre o Japão. Ou talvez ele gostasse demais das *pin-ups* Betty Grable que colocara em cima de alguns deles para retirá-los.

Corando, a mulher baixou os olhos, o que lhe disse algo sobre ela. O levantar de ombros foi muito mais tímido do que o modo ousado como ela entrara ali.

– Consegui um emprego – disse.

– Parabéns.

– Você não vai me dizer que uma garota legal como eu deveria encontrar um bom homem, se casar, sossegar e deixar minha mãe orgulhosa?

– Não.

– Que bom – disse, sorrindo e mordendo o lábio.

Um recém-chegado de terno limpo foi até o bar, pousou o chapéu e jogou duas notas na madeira envernizada. Rick meneou a cabeça e foi pegar o pedido. O trabalho foi constante depois disso e Rick serviu segundas e terceiras rodadas para os homens que saíam do trabalho e ficavam por ali. Novos clientes chegaram para saideiras depois do jantar. Rick fez tudo, pegando cervejas e servindo destilados, sorrindo educadamente quando os homens mais velhos o chamavam de “filho” e “garoto”.

Ele não precisava do emprego. Apenas gostava de ficar perto de gente de vez em quando. Ele havia trabalhado em bares antes – bares, *saloons*, tavernas – aqui e ali, por quase duzentos anos.

Ele esperara que a mulher terminasse rapidamente e saísse novamente, mas ela ficou tomando o drinque como se saboreando o momento, querendo passar algum tempo com a multidão. Evitando a solidão. Rick entendia.

Quando um homem magro e corado que talvez tivesse bebido um pouco demais avançou até o bar e se arrastou na direção dela, como um gato à espreita, Rick não ficou surpreso. Ele esperou, prestando atenção nos sinais dela. Ela podia estar ali para festejar, mas poderia estar em busca de mais e ele não iria interferir. Mas o homem falou – oferecendo a ela outro drinque – e a mulher balançou a cabeça. Quando ele insistiu, ela virou o corpo, dando as costas. Ele então colocou uma das mãos no ombro dela e a outra sob o bar, em sua perna. Ela a empurrou.

Foi quando Rick se colocou na frente dos dois. Eles hesitaram no meio do

gesto, piscando para ele.

– Senhor, está na hora de ir, não é mesmo? – disse Rick.

– Isso não é da sua conta – retrucou o bêbado.

– Se a dama quer ser deixada em paz, você deveria deixá-la em paz.

Ele fixou os olhos nos olhos do homem e fez força, apenas um pouco. Colocou um alerta na voz, usou um tom meio sutil, de modo a haver poder nas palavras. Se o olhar do homem ficasse enevoado, a maioria das testemunhas atribuiria isso ao álcool.

O homem apontou e abriu a boca como se fosse falar, mas Rick colocou um pouco mais de concentração no olhar e o bêbado piscou, confuso.

– Vá embora agora – ordenou Rick.

O homem anuiu fracamente, enfiou o chapéu na cabeça e cambaleou até a porta.

A mulher observou a saída dele, depois se voltou para Rick, um sorriso curioso.

– Aquilo foi impressionante. Como fez isso?

– Quando você trabalha tempo suficiente em um bar, desenvolve um jeito com as pessoas.

– Então você é *barman* há muito tempo?

Rick apenas sorriu.

– Obrigada por cuidar de mim – disse ela.

– Sem problema.

– Eu não vim mesmo em busca de um encontro. Eu só queria o drinque.

– Eu sei.

– Mas eu não diria não. A um encontro. Sair para jantar, um filme ou algo assim. Se o cara certo convidasse.

Então Rick convidou. Seu nome era Helen.

Rick respondeu às perguntas do policial que atendeu ao chamado, depois se sentou na poltrona da sala de estar para esperar a chegada do detetive. Demorou uns 45 minutos. Nesse meio-tempo, policiais e investigadores entraram e saíram da casa, que a cada instante parecia menos de Helen.

Quando a detetive entrou, Rick se levantou para cumprimentá-la. A mulher tinha estatura e peso médios, parecia preocupada, sempre olhando, absorvendo o cenário. Seus cabelos escuros estavam presos em um rabo de cavalo curto; ela usava terninho escuro com camisa branca. Estava vestida para não chamar atenção, mas seu ar de autoridade fazia com que se destacasse.

Ela o viu e franziu o cenho.

– Droga. Você.

– Detetive Hardin – respondeu, divertido com a infelicidade dela ao vê-lo.

Jessi Hardin apontou para ele.

– Espere aqui.

Ele se sentou novamente e a viu seguir para a cozinha.

Meia hora depois os legistas entraram com uma maca e Hardin retornou à sala. Puxou uma cadeira de encosto alto e a colocou na frente dele.

– Esperava ver marcas de mordida no pescoço dela.

– Eu não teria telefonado caso tivesse feito isso – rebateu ele.

– Mas você encontrou o corpo?

– Sim.

– E o que estava fazendo aqui? – perguntou, tirando um bloco pequeno e caneta do bolso do casaco, exatamente como na TV.

– Helen e eu éramos velhos amigos.

A caneta parou acima da página.

– O que isso significa?

Ele pensara que seria uma mudança agradável não ter de evitar a questão, não precisar inventar uma explicação razoável para saber o que sabia, contornar a verdade de que conhecera Helen quase a vida inteira, embora parecesse ter apenas 30 anos de idade. Hardin sabia o que ele era. Mas aquelas meias-verdades que sempre usava para se explicar eram mais difíceis de abandonar do que esperara.

A qualquer outro detetive ele teria dito que Helen era uma amiga de seu avô que ele visitava de tempos em tempos e ajudava nos consertos da casa. Mas a detetive Hardin não acreditaria nisso.

– Nós nos conhecemos em 1947 e continuamos amigos.

Hardin apertou os olhos.

– Então, apenas para esclarecer, em 1947 ela tinha o quê, 20? Vinte e cinco? E você era... Exatamente como é agora?

– Sim.

– E continuou amigo dela esse tempo todo.

– Você parece achar isso estranho.

– Apenas não é o que eu espero ao ouvir as lendas.

Ela sem dúvida estava construindo um quadro na cabeça: Rick e Helen, de 25 anos de idade, teriam sido um casal e tanto. Mas Rick e a Helen de 90 anos?

– Talvez você devesse se limitar às perguntas habituais – disse Rick.

– Certo. Conte o que você encontrou quando chegou aqui. Isso foi a que horas?

Ele lhe contou, explicando como encontrara as luzes apagadas e o lugar aparentemente abandonado. Como soubera imediatamente que havia algo errado, então não ficara surpreso ao encontrá-la na cozinha.

– Ela me telefonou mais cedo hoje. Eu não estava disponível, mas ela deixou uma mensagem. Soava preocupada, porém não disse por quê. Eu vim assim que pude.

– Então ela sabia que havia algo errado. Esperava que algo acontecesse.

– Acho que sim.

– Tem alguma ideia de por que alguém iria querer matar uma mulher idosa como ela?

– Sim – respondeu ele. – Tenho sim.

Certa noite ela fora ao bar, durante seu turno. Não haviam marcado nada, então ele ficou surpreso, e depois preocupado. Sem fôlego, os olhos rosados, ela correu até ele, se jogando no bar, agarrando-o como se pudesse cair sem o apoio. Estivera chorando.

Ele pegou suas mãos e as apertou.

– O que há de errado?

– Ah, Rick! Estou muito encrencada. Ele vai me matar, estou morta, estou...

– Helen! Calma. Respire fundo. Qual o problema?

Ela respirou um pouco, se acalmando. Se empertigando e apertando as mãos de Rick, ela conseguiu falar.

– Preciso de algum lugar para me esconder. Preciso sumir de vista por algum tempo.

Ela poderia ter vários tipos de problema. Um parente da cidade pequena poderia ter localizado a fugitiva e querer levá-la de volta para casa. Ou ela poderia ser algo muito diferente da garota ingênua de cidade pequena que dizia ser. No instante em que a conheceu ele soube que escondia algo; ela nunca falava sobre seu passado.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Eu conto tudo a você, mas, por favor, me ajude a me esconder.

Ele contornou o bar, colocou o braço ao redor dela e a conduziu até a sala dos fundos. Havia um depósito cheio de engradados de madeira, alguns vazios, esperando para serem levados embora, outros cheios de garrafas de cerveja e destilados. Apenas Rick e Murray iam ali quando o lugar estava aberto. Ele

encontrou um engradado vazio resistente, o virou de cabeça para baixo, tirou a poeira e disse a ela para se sentar.

– Posso fechar em meia hora e então você me conta o que há de errado. Certo?

Assentindo, ela esfregou o nariz com um lenço.

– Quer alguma coisa? – ele perguntou. – Uma garrafa de refrigerante? Uma dose de uísque?

– Não, não, estou bem por hora. Obrigada.

De volta ao salão, ele deixou seus sentidos se expandirem, tocando cada pequeno ruído, cada cheiro, cada fonte de luz e o modo como ela se movimentava ao redor de cada sombra. Cada pulsação, uma dúzia delas, chacoalhava em sua consciência, uma cacofonia, como pedras rolando em uma lata. Despertou uma grande fome nele; um conhecimento latente de que podia destruir todos ali, se alimentar deles, se saciar deles antes que soubessem o que havia acontecido.

Ele já havia se alimentado aquela noite, sempre se alimentava antes do trabalho, era a única forma pela qual conseguia suportar. Isso tornava as pulsações que compunham a estática de fundo irrelevantes.

Não havia ninguém ali ansioso, preocupado, procurando, se comportando de modo diferente do que seria de se esperar de pessoas sentadas em um bar meia hora antes de fechar. A maioria sorria, alguns estavam bêbados, todos calmos.

Aquilo mudou dez minutos depois, quando um homem corpulento vestindo um terno comum e um chapéu-panamá gasto passou pela porta e examinou cada rosto. Rick o ignorou e esperou. Inevitavelmente ele foi até o bar. Seu coração estava acelerado e o suor molhava suas axilas e os cabelos.

– Em que posso ajudar? – perguntou Rick.

– Viu entrar uma moça, mais ou menos desta altura, cabelos castanhos, com um vestido azul? – Quis saber o homem. Ele levava uma pistola em um coldre sob o paletó.

Alguns dos clientes haviam se virado para olhar. Rick estava certo de que todos tinham visto Helen entrar. Esperavam para ver como ele responderia.

– Não – respondeu. – Não a vi. É o tipo de garota que entraria sozinha em um lugar como este?

– É. Acho que é.

– Já estamos fechando. Duvido que viesse tão tarde. Mas fique à vontade para esperar.

– Vou fazer isso.

– Quer alguma coisa?

– Água tônica.

Rick serviu a bebida e pegou suas moedas. O sujeito não deu gorjeta.

Os clientes foram saindo à medida que a hora de fechar se aproximava, e o homem corpulento continuava vigiando a porta. Deixava a mão direita livre e o paletó aberto, com fácil acesso ao coldre. E se ele visse Helen passar pela porta atiraria nela ali mesmo? Seria assim tão maluco?

Rick ficou pensando no que Helen teria feito.

Quando só havia os dois no bar, Rick disse:

– Tenho de fechar agora, senhor. Lamento que sua garota não esteja aqui.

– Ela não é minha garota.

– Bem. Seja quem for, não está aqui. O senhor tem de ir.

O homem olhou para ele.

– Onde esteve na guerra, garoto?

– 4-F – disse Rick.

Ele estava acostumado ao olhar que o homem fez. 4-F: dispensa médica. Rick parecia ser um homem em boa forma e apto no auge da vida. Devia ter enganado muito bem a diretoria de convocação para ser deixado de fora e isso fazia dele um mentiroso, além de um covarde. Deixou que as suposições se dissipassem; ele viveria mais que elas todas.

– Se não se importa que eu pergunte... – começou o sujeito.

– Sou alérgico à luz do sol – Era a desculpa que ele usara durante toda a guerra.

– Ahn. Nunca tinha ouvido falar nisso...

Rick deu de ombros como resposta.

– Sabe onde estive? Infantaria. Na Itália. Fui atingido duas vezes, garoto. Mas dei mais do que recebi. Sou muito mais duro do que pareço.

– Não duvido, senhor.

O sujeito não estava bêbado, cheirava a suor, roupas sujas e loção após barba, mas não a álcool. No entanto, poderia ser um pouco maluco. Parecia estar esperando que Rick comesse uma briga.

– Caso eu veja a moça, quer que diga que está procurando por ela? – perguntou Rick.

– Não. Tenho certeza de que ela não esteve por aqui – disse, deslizando para fora do banco e enfiando o chapéu ainda mais firmemente na cabeça. – Cuide-se, garoto.

– Igualmente, senhor.

Ele finalmente partiu e Rick trancou a porta.

Não teria ficado surpreso caso voltasse ao depósito e descobrisse que Helen fugira, por alguma razão. Mas ela ainda estava lá, sentada no engradado no canto, os joelhos colados no peito, se abraçando.

– Apareceu alguém procurando por você – disse Rick.

Ela se contorceu, estremeceu, ele entrara silenciosamente demais. Ainda assim, ela parecia alguém que era perseguida por um homem armado.

– Quem era? Qual a aparência? – perguntou, e Rick o descreveu.

Seu olhar ficou angustiado, desesperado.

– É Blake. Não sei o que fazer – disse, fungando, limpando o nariz e recomeçando a chorar. – Ele vai me matar se me encontrar, ele vai me matar.

– Caso não se incomode em tomar café amargo, podemos terminar o que há no bule enquanto você me conta tudo sobre isso – disse, colocando persuasão na voz para acalmá-la. – Não posso ajudar se não souber o que há de errado.

– Não quero envolver você, Rick.

– Então por que veio para cá?

Ela não teve resposta para isso.

Ele lhe serviu uma xícara de café, colocou-a em suas mãos e esperou que começasse.

– Eu consegui um trabalho, certo? Um bom emprego, paga bem. Mas algumas vezes... bem. Eu faço entregas. Não devo perguntar o que há nos pacotes, apenas vou aonde me mandam e não faço perguntas.

– Você me disse que conseguira um emprego de datilógrafa.

– O que eu deveria fazer, contar a verdade?

– Não, você está certa. Não era da minha conta. Continue.

– Há uma garagem em Champa...

– Bairro perigoso.

– Eu nunca tive problema. Normalmente só entro, coloco o pacote na prateleira e saio. Hoje eu ouvi tiros. Eu me viro e vejo Blake. Ele tinha acabado de atirar em Mikey, o cara da garagem que recebe os pacotes, e dois outros caras. Está segurando a arma, ainda soltando fumaça. Atirou neles. Eu não sabia o que fazer; há uma porta nos fundos, então eu corri para lá e ele me viu, sei que ele me viu...

Ele se agachou ao lado dela, pegou a xícara de café e apertou suas mãos; estavam geladas. Ele não tinha muito calor para ajudar a aquecê-las.

– Agora ele quer acabar com as pontas soltas – disse Rick.

– Tudo culpa do maldito horário; se eu tivesse chegado cinco minutos antes estaria tudo bem, não teria visto nada.

Rick poderia contrariá-la: ela ainda estaria trabalhando como entregadora para algum sindicato do crime.

– Já pensou em procurar a polícia? Eles provavelmente poderiam protegê-la. Se conseguirem trancar Blake você não teria com o que se preocupar;

– Você acha mesmo que funciona assim? Não posso ir à polícia. Eles me prenderiam tão rápido quanto o prenderiam.

– Então saia da cidade – disse Rick.

– Ir para onde? Fazer o quê? Com que dinheiro?

– Eu posso lhe dar o dinheiro – ofereceu Rick.

– Do seu salário de *barman*? Isso me levaria até onde, Colorado Springs? Não, Rick, não vou pedir seu dinheiro.

Ele se abaixou para esconder um sorriso. Pobre garota, achando que era a única com grandes segredos.

– Mas você vai me pedir um lugar para se esconder.

– Desculpe. Eu simplesmente não sabia para onde ir, não tenho mais nenhum amigo aqui. E agora eu o meti nisso e se Blake descobrir, também virá atrás de você.

– Helen, não se preocupe. Vamos arrumar uma solução.

Ele apertou as mãos dela, tentando transmitir alguma calma. Ela não tinha mais nenhum amigo ali, nisso ele acreditava.

– Você provavelmente me odeia agora.

Ele deu de ombros.

– Isso não seria muito útil.

Ela inclinou a cabeça, num gesto de curiosidade.

– Você é diferente, sabia disso?

– É, sei. Veja, conheço um lugar onde Blake decididamente não a encontrará. Pode ficar lá uns dois dias. Talvez isso tenha acabado. Talvez eles apanhem Blake. Nesse meio-tempo, você pode fazer planos. Parece bom?

– Obrigada, Rick. Obrigada.

– Não há de quê.

Um dos policiais uniformizados entrou na sala de estar para dar a Hardin um café em copo de papel. Rick recusou quando lhe ofereceram um.

– Então ela tinha um passado criminoso – disse Hardin. – Ela cumpriu pena?

– Não – respondeu Rick. – Era uma entregadora, uma mensageira. Nada mais sério que isso.

– Prostituição?

– Não, acho que não. – Estava certo de que saberia se fosse o caso, mas não

podia dizer honestamente o que ela havia feito antes de conhecê-la. – Sei que ela viu muitas coisas que provavelmente não deveria ter visto. Testemunhou em um julgamento de assassinato.

– Você disse que isso foi há mais de sessenta anos. Certamente alguém que quisesse se livrar de uma testemunha morreu há muito – disse a detetive.

– Você apenas perguntou se eu sabia por que alguém iria querer matá-la. É tudo em que consigo pensar. Ela não tinha muitas propriedades, nem família para quem deixá-las, mesmo se tivesse. Mas sei que há sessenta anos algumas pessoas tinham motivo para querê-la morta.

– Apenas um vampiro acharia razoável buscar motivos de sessenta anos para um assassinato.

Ele realmente não havia pensado nisso dessa forma, mas ela tinha razão.

– Mais perguntas, detetive?

– O que ela fez desde então? Imagino que não tenha continuado a trabalhar como mensageira.

– Ela se aposentou. Trabalhou em varejo. Aposentou-se há uns quinze anos. Levou uma vida calma.

– E disse que não tinha família? Nunca se casou, teve filhos?

– Não, nunca. Acho que seu testamento me colocou como executor. Posso começar a fazer os arranjos.

Ela pousou a caneta novamente.

– Acha que ela era solitária?

– Não sei, detetive. Ela nunca me contou.

Ele pensou que devia ser, pelo menos parte do tempo.

– Bem, vou ver o que consigo nos registros policiais, mas não estou certa de que tenhamos alguma coisa remontando a tanto tempo atrás. Você se lembra de alguma coisa do julgamento de assassinato no qual ela testemunhou?

– Foi em 1947 – disse ele. – O homem contra quem ela testemunhou foi Charles Blake. Ele pegou perpétua.

Ela balançou a cabeça.

– Isso ainda me incomoda. E imagino que vá me dizer que se lembra disso como se fosse ontem?

Rick fez que não.

– Não. Até mesmo eu sei que foi há muito tempo.

De fato, ele teve de pensar um pouco para se lembrar de como era a Helen daquele tempo – jovem, frívola, cabelos cacheados, vestidos apertados no corpo. Quando pensava em Helen, via a mulher idosa que se tornara. Ele sequer tinha

sentimentos fortes sobre a mudança – simplesmente era o que acontecia. Seus amigos mortais envelheciam e morriam. Ele preferia isso a quando morriam antes.

Muitos da sua espécie não se importavam, mas Rick ainda gostava de estar no mundo, de se movimentar como uma parte dele. De conhecer pessoas como Helen. Mesmo que isso significasse dizer adeus com maior frequência.

O olhar de Hardin ficou pensativo.

– Se eu fosse imortal iria dar a volta ao mundo. Finalmente aprenderia francês.

Rick deu um risinho; ele nunca aprendera francês.

– Pois vampiros tendem a ficar no mesmo lugar. Ver o mundo girar em torno deles.

– Então você está por aqui há quinhentos anos?

– Não aqui em Denver. Mas aqui no oeste? Sim. E vi algumas coisas impressionantes.

– Muitos assassinatos? – perguntou ela.

– Alguns.

Ela pensou nele um bom tempo, sem dúvida refletindo sobre mais perguntas. No final, apenas balançou a cabeça.

– Ligarei caso precise de mais informações.

– Claro que sim.

Ela deu um sorriso de deboche.

A polícia estava começando a lacrar a casa como uma cena de crime. Marcadores amarelos eram colocados nas provas, identificando pontos na cozinha: a xícara de chá, a mesa, pontos no piso, o balcão. Uma fita amarela, balançando à brisa leve, decorava a varanda da frente. Hora de Rick partir, portanto. Agora e para sempre. Ele parou e deu uma última olhada na sala de estar. Então, partiu.

Ele dirigiu, inicialmente sem destino, apenas querendo pensar. Então seguiu para os velhos bairros, o bar em Colfax e a garagem em Champa. As sombras do que haviam sido eram visíveis; o perfil de uma fachada, pintada doze vezes nos anos que se sucediam. Meio século de arranha-céus, complexos de escritórios e lofts elegantes haviam se erguido e tombado ao redor deles. As ruas se alargaram, as calçadas melhoraram, os sinais haviam mudado. Os carros haviam mudado, as roupas que as pessoas vestiam haviam mudado, embora àquela hora ele só visse alguns rapazes fumando cigarros na frente de uma boate. Nenhum deles usava chapéu.

Se Charles Blake ainda vivesse, estaria na prisão. Será que tinha parentes? Um

cúmplice com o qual houvesse feito um plano de vingança? Rick iria telefonar para o departamento correcional, convencê-los a dar informações sobre Blake. Apenas para amarrar aquela ponta solta e encerrar a história de Helen em sua cabeça.

Ou ele poderia deixar a detetive Hardin fazer seu trabalho. Hardin estava certa, e a vida criminosa de Helen, sessenta anos antes, provavelmente não tinha nada a ver com sua morte. Poderia ter sido um tiroteio accidental. Alguma gangue errando o alvo do atentado. Qualquer coisa era possível, absolutamente qualquer coisa. Hardin não precisava de sua ajuda para descobrir.

Hora de esquecer Helen.

Ele a levou até Arturo.

Arturo era o mestre vampiro de Denver, significando que ele fazia as regras e qualquer vampiro que desejasse viver em seu território tinha de seguir essas regras. E Rick as seguia, na maior parte do tempo. Ele não concordava em viver sob o teto de Arturo como um de seus 12 seguidores. Rick cuidava de si, vivia como queria, não chamava atenção e não desafiava abertamente a autoridade de Arturo, então Arturo deixava que tivesse autonomia. Muitos dos outros vampiros achavam Rick excêntrico – mesmo para um vampiro – e ele não se incomodava com isso. Nesse meio-tempo a casa de Arturo era o único lugar da cidade em que Blake jamais encontraria Helen.

Arturo era dono de um prédio de tijolos baixo e largo a leste do centro. O térreo era ocupado por uma loja de móveis com negócios esporádicos, mas seu verdadeiro trabalho era desviar a atenção do porão. Embaixo, longe de janelas e luz do sol, os vampiros da cidade viviam e tocavam seu pequeno império.

Ele caminhou com Helen os 12 quarteirões do bar de Murray até a loja de móveis, o braço protetor sobre seus ombros. Ela se aninhou em seu corpo, olhando para os lados, temerosa. Blake nunca os encontraria, não do modo como ele se mexia, lançando sombras, a colocando sob sua influência. Mas ela não sabia disso.

Nos fundos da loja de móveis, uma escada de concreto levava para baixo, sob o nível da rua, até uma porta comum. Rick bateu.

– Blake não a encontrará aqui – disse.

– Confio em você – respondeu ela. Ainda olhava para a escada, como se esperasse que Blake aparecesse com a arma na mão.

O que ele realmente deveria fazer seria colocá-la em um trem de volta para qualquer que fosse a cidade de onde saíra. Dizer a ela para arrumar um bom

marido e se aquietar. Em vez disso, a levava para lá, e ela confiava nele.

A porta se abriu e Rick encarou o porteiro de então, uma jovem em um tubinho de seda dez anos desatualizado, mas não que ela notasse. Estelle não havia estado ao nível da rua a maior parte desse tempo.

Helen ficou olhando. Para ela, Estelle pareceria uma garota vestindo as roupas de que a mãe não gostava mais, a saia longa demais e o decote alto demais.

– Olá, Estelle. Eu só preciso de um quarto por duas noites.

– Arturo está esperando você? – perguntou ela, olhando Helen de cima a baixo, provavelmente tirando conclusões.

– Não. Mas não acho que ele se importaria. Você se importa?

Fazendo beicinho, ela abriu a porta e os deixou entrar.

O corredor interno era acarpetado e fracamente iluminado por duas lâmpadas com cobertura.

– Ele está no lugar de sempre? – perguntou Rick por sobre o ombro.

– Claro. Está até de bom humor.

Helen olhou para ele esperando uma explicação. Ele apenas a conduziu, cruzando a passagem no final do corredor, para uma sala ampla.

O lugar tinha a atmosfera de um saguão da virada do século, íntimo e quente, denso, com cores abafadas e tecidos ricos, tapetes persas e tapeçarias de parede de veludo. Um dos 12 acólitos de Arturo, Ângelo, um jovem esquentado, estava fumando, objetivamente puxando ar para seus pulmões e o soprando – respirando por nenhum outro motivo que não fumar. Não era como se o tabaco tivesse qualquer efeito sobre ele. Talvez gostasse de ver a fumaça. Ou talvez fosse apenas o hábito. Ele só tinha 100 anos de idade.

A maioria dos vampiros de Arturo era jovem aos olhos de Rick. Mas praticamente todo mundo era.

Saciados com o sangue humano que os mantinha vivos, eles provavelmente estariam discutindo as aventuras da noite. Seu último modo de caçar era encontrar um jantar elegante, penetrar, hipnotizar o grupo inteiro e então tirar uma provinha de todos. Eles não matavam nem transformavam ninguém, o que chamaria muita atenção, e o grupo acordava de manhã achando que tivera uma noite maravilhosa, embora estranha. Rick algumas vezes sugerira a Arturo abrir um restaurante ou clube e deixar a festa ir até ele.

Arturo – na opinião de todos esplêndido, com cabelos dourados penteados para trás de um rosto quadrado – estava em uma poltrona estofada, pernas jogadas sobre um dos braços. Olhou para Rick e ergueu a sobrancelha de surpresa.

– O que o trouxe até nós, Ricardo?

Os 12 vampiros, homens e mulheres, se empertigaram, fitando Helen como uma matilha de lobos.

– Ela precisa de um lugar para ficar – disse Rick. – Está sob minha proteção.

– Ricardo? – Helen sussurrou para ele, e ele a silenciou.

– Gostaria apenas de usar o quarto vazio por duas noites, se não houver problema.

O jovem, que parecia estar na casa dos 20 anos, um pouco mais moço do que Rick aparentava, ponderou, tamborilando com o dedo no queixo.

– Certamente. Por que não?

– Obrigado.

Com o braço ainda nos ombros dela, virou Helen para o corredor, onde abriu a primeira porta à direita e a conduziu para dentro.

– Rick? O que é este lugar, alguma espécie de pensão? – indagou Helen.

– Algo assim.

– Quem são essas pessoas todas?

O quarto estava totalmente escuro. Helen engoliu em seco quando ele fechou a porta atrás dela.

– Rick?

Ele não precisava ver para encontrar a luminária de chão no canto e acendê-la. O quarto tinha uma cama de casal com uma pilha de travesseiros e um edredom de seda, um armário de carvalho, a luminária e não muito mais. O lugar servia para dormir durante o dia e guardar roupas. Um tapete sobre o piso de madeira de lei abafava passos.

Helen ficou olhando.

– É um bordel. Você me trouxe para um bordel.

Se ele a contrariasse, teria de explicar, algo que preferia evitar.

– Você se incomoda? Eu poderia encontrar outro lugar – disse.

Ela hesitou antes de balançar a cabeça e dizer:

– Não. Tudo bem. Desde que não seja um dos de Blake.

– Não é.

Ela retesou um pouco mais os ombros, como que se preparando.

– Acho que talvez esteja pronta para aquele drinque que me ofereceu mais cedo.

– Terei de voltar à sala para pegar. Você se importa de esperar aqui?

– Ficarei bem – respondeu ela, dando um sorriso corajoso.

Ele saiu do quarto e Arturo esperava por ele no corredor, apoiado na parede,

braços cruzados.

– Ricardo.

– Arturo – respondeu.

– Você a trouxe aqui para escondê-la. Por quê?

– Ela está em apuros.

– Que tipo de apuros?

– O tipo objetivo. Metida com as pessoas erradas.

– Garota de cidade pequena tentando ganhar a vida na cidade grande?

– Algo assim.

– Humm. Encantador. Bem, sempre fico feliz de fazer uma boa ação para uma garota bonita. Mas agora você me deve um favor, certo?

Rick baixou o olhar para esconder um sorriso. Ele lidava com Arturo deixando-o pensar que estava no comando.

– É como normalmente funciona, sim.

– Excelente.

– Suponho que o gabinete de bebidas esteja incluído no favor?

– Como? Você agora tem de embebedar suas garotas? – perguntou Arturo com espanto fingido.

– Obrigado, Arturo – disse Rick, passando por ele e indo para a sala.

Ele voltou ao quarto com uma coqueteleira com gelo e uma garrafa de uísque. Helen estava na cama. Tirara o casaco e o colocara no guarda-roupas, jogara os sapatos em um canto e estava tirando as meias. Rick começou a se desculpar e a sair do quarto novamente quando ela o chamou.

– Desculpe, só queria ficar à vontade, já que vou passar algum tempo aqui – disse ela.

Ele colocou o copo no roupeiro e serviu um dedo.

– Ricardo, não é? – disse ela. – Você é mexicano? Porque não parece mexicano.

– Espanhol – disse ele. – Pelo menos se você recuar muito.

– Espanhol, é? Que romântico.

Ele deu o uísque a ela, que o bebeu, sorrindo para ele por cima do copo.

– Você só trouxe um copo. Não quer um pouco?

– Estou bem – respondeu.

– Quer se sentar aqui comigo?

Aquele era um momento decisivo. Ele estivera em um número suficiente de situações como aquela para reconhecer.

– Helen, não a trouxe aqui para tirar proveito.

– A despeito da cama e de isso ser um bordel? – disse, o sorriso se tornando malicioso.

– Você realmente ficará em segurança aqui – argumentou ele, embora seus protestos comessem a soar débeis. Verdade seja dita, ele queria se sentar junto a ela e seus lábios ficaram corados com o desejo de pressionar sua pele.

Retocara o batom enquanto ele estava fora. O botão de cima de sua blusa estava solto, a barra da saia repousava sobre os joelhos e as pernas estavam nuas. Ela pensava que o estava seduzindo. Mas assim que ele se sentasse naquela cama ela não estaria no controle da situação. Ela não sabia disso. E se ele fizesse certo, nunca saberia. Então. Qual era mesmo a coisa certa a fazer?

Ela acabou com o uísque e deu um tapinha na cama ao seu lado – bem ao seu lado – e ele se sentou. Colocou o braço sobre a cabeceira atrás dela e ela recostou-se nele.

– Não conheço muitos caras legais com o trabalho que faço. Você é um cara legal, Rick.

– Se você diz.

– É, eu digo.

Apertando sua mão na bochecha dele, ela o levou para perto e beijou sua boca. Ela estava ansiosa, insistente. Quem era ele para negar a ela. Tinha gosto de uísque e calor, viva e adorável. Tomou o copo de sua mão e o pousou no chão, depois voltou para beijá-la, envolvendo-a com os braços, prendendo-a. Ela tateava os botões de sua blusa.

O fogo que crescera nele em resposta não era sexual. Era fome. Uma fome visceral, primal, persistente, como se não comesse havia séculos. Seu único alimento, seu único alívio possível, estava sob a pele dela. Se deixasse aquele monstro sair, ele penetraria nela, lançando-a sobre a cama, nadando em suas entranhas para melhor se alimentar de seu sangue.

Havia um modo melhor.

Ele trabalhou lenta e cuidadosamente, beijando sua boca e seu maxilar, sugando sua orelha enquanto ela engasgava, depois descendo pelo pescoço, acompanhando uma clavícula, abrindo sua blusa botão a botão, colocando de lado o sutiã para ter acesso a um seio perfeito. Ela se contorceu, levando as mãos atrás para soltar toda a peça. Quando ele conhecera pela primeira vez o sutiã moderno, pensara que era muito mais fácil que um corpete. Mas a peça íntima tinha idiossincrasias. E como sempre acontecia ao soltar corpetes, dava a ambos uma oportunidade de rir.

Ela se levantou o suficiente para agarrar sua camisa e ele a ajudou a tirá-la e

jogá-la de lado. Depois, mais uma vez, ele a apertou na cama e assumiu o controle, tirando as roupas dela – cinta e ligas eram outras peças dos trajes modernos que ele ainda estava conhecendo – e deslizando suas mãos frias por cada centímetro ardente dela, beijando enquanto avançava. Apenas depois de ela ter o orgasmo ele pegou o que precisava, com uma pequena e cuidadosa mordida em sua garganta.

Seu sangue era êxtase.

Seu coração, excitado e disparado, bombeou um jorro forte para ele. Poderia tê-la drenado em instantes, mas tomou apenas alguns goles. Não o suficiente para satisfazer plenamente, mas o bastante para mantê-lo vivo por mais dois dias. Os vampiros havia muito aprenderam isso – como era muito mais eficiente mantê-los vivos e produzindo. E como era muito melhor persuadi-los a dá-lo, em vez de derramá-lo.

Ele lambeu a ferida, estimulando o sangue a coagular. Ela ficara mole e sua respiração desacelerara. Se colocando sobre ela, virou seu rosto para olhar diretamente. Os olhos dela estavam arregalados, pupilas dilatadas. O cenho estava franzido, a expressão ao mesmo tempo espantada e confusa. Talvez até magoada. Sustentando o olhar, se concentrou nela, no interior dela, e falou suavemente.

– Você não vai se lembrar disso. Vai se lembrar do êxtase e de nada mais. Sou apenas um homem, apenas um amante, e você não se lembrará de nada mais. Certo?

Ela anuiu lentamente. Sua expressão preocupada e as rugas ao redor dos olhos foram desaparecendo.

– Bom, Helen. Lembre-se do que é bom, esqueça o resto. Agora, durma. Durma até que eu a acorde novamente.

Os olhos dela se fecharam e ela suspirou.

Já quase amanhecia. O quarto não tinha janelas, mas ele podia sentir isso. O brilho quente e saciado que vinha depois de se alimentar juntou-se à letargia da luz do dia. Ele estava seguro e calmo, então deixou a manhã arrastá-lo até ficar inconsciente, ainda segurando a mão dela.

Na noite seguinte, Rick encontrou uma mensagem da detetive Hardin esperando por ele. Telefonou imediatamente.

– Alô, Rick – disse ela. – Você tem sobrenome?

– Descobriu alguma coisa, detetive? – retrucou.

– É. Charles Blake? Eu investiguei. Não apenas ainda está vivo como saiu sob

condicional há quatro meses.

O ar pareceu se imobilizar por um instante e os sons se apagaram enquanto ele recolhia sua consciência para um espaço apertado ao seu redor. O telefone, o que Hardin acabara de contar, o que isso o fizera sentir. Frio, contraído, as mãos apertando, um rugido de predador tentando cruzar seus lábios.

Ele respirou fundo duas vezes para se acalmar e conseguir falar com a detetive.

– Acha que ele a matou?

– Acho que contratou alguém para fazê-lo. Ele pode ter ficado com crédito de favores na prisão e os usou ao sair. Era um sujeito adorável, pelo que pude saber. Não posso dar muitos detalhes, mas a cena do crime praticamente não tem evidências, o que indica alguém com experiência. A porta dos fundos estava destrancada. Acharmos que ele pode ter ido vê-la mais cedo naquele dia. Deve ter sido quando ela telefonou para você.

Quão mesquinho, quão ordinário era guardar rancor por tanto tempo. Quão vampiresco. E também, quão humano. Aquele rancor pode muito bem ter mantido Blake vivo esse tempo todo.

– Como você está? – perguntou ela. – Isso deve ser um choque para você.

Soou como algo dito a um parente de vítima. Ele sorriu ao pensar que em seguida ela lhe indicaria um especialista em dor.

– Estou bem, detetive. Não foi um choque. Eu estava esperando por isso há sessenta anos. Quanto a Blake? Sabe onde ele está? Você o prendeu?

– Temo que não possa discutir mais sobre uma investigação em andamento. Achei apenas que você gostaria de saber sobre Blake.

– Obrigado. Apreciei muito.

Ambos desligaram e ele pensou. Poderia encontrar Blake. Ele seria um velho, um ancião. Não teria muito pelo que viver tendo passado a maior parte da vida na prisão. Havia conseguido sua vingança e Rick não achava que ele perderia muito tempo tentando sair da cidade ou se escondendo. E agora aquela era a cidade de Rick.

A detetive Hardin ainda não prendera Blake porque estava montando o caso, buscando evidências, conseguindo mandados. Rick tinha toda confiança em que ela faria o máximo possível e que por intermédio dela a justiça seria feita.

Nesse caso ele não estava interessado em esperar.

Após matar Arturo e o substituir como mestre de Denver, Rick transformara o esconderijo. O salão se tornara um escritório, com sofás funcionais e uma mesa de café e uma escrivaninha e estantes de trabalho. Ele caminhou ao redor da

mesa e pensou. Blake teria um oficial de condicional que saberia onde estava. O homem poderia até estar morando em alguma espécie de casa de passagem para ex-condenados. Após tanto tempo na prisão era duvidoso que ainda tivesse família ou amigos. Não tinha mais para onde ir. E caso estivesse certo sobre o estado mental de Blake, o homem não estaria sequer se escondendo.

Ele folheou um livro-caixa e encontrou um nome incluído pouco antes. Uma mulher que comandara uma rede de prostituição nos anos 1970, com chantagem incluída. Ela cumprira sua pena, conhecia o sistema e devia um favor a ele.

– Olá, Carol. É Rick. Preciso saber quem é o oficial de condicional de um criminoso recém-libertado.

Caiu a noite. Rick despertou.

Helen se virara de lado e aninhara-se junto a ele, as mãos em seu braço. Parecia doce e vulnerável.

Ele se inclinou e soprou em seu ouvido.

– Acorde, Helen.

Os olhos dela se abriram. Afastando-se dele, ela se sentou com a expressão surpresa, como se tentasse se lembrar de onde estava e de como chegara ali. Suas roupas estavam penduradas nela, abertas, e o cabelo embaraçado.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela o olhou nos olhos, séria.

– Colocou alguma coisa na minha bebida?

– Não.

Ela se examinou, pegando as roupas, fechando botões e passando os dedos pelos cabelos. Disse ironicamente:

– Você nem chegou a tirar as calças, tirou?

Ele retribuiu o sorriso dela.

– Não se incomode. Desde que você esteja bem.

– É, estou bem. Mais que bem. Você é uma peça, Rick, sabia disso?

– O toalete fica no corredor, logo em frente.

– Que horas são?

– Acaba de anoitecer. Estou prestes a ir ao Murray's para ver se Blake aparece. Você deve ficar aqui.

Ela se encolheu à menção de Blake, deixando cair os ombros e segurando os próprios braços. Ele alisou seus cabelos para trás e deu um beijo delicado em sua testa.

– Estarei segura aqui? – perguntou.

– Sim. Garanto.

– O que acontece se Blake aparecer? O que você poderia fazer? Rick, se ele o machucar por minha causa...

– Eu ficarei bem, Helen.

Ele se lavou, encontrou uma camisa limpa, penteou os cabelos e saiu do esconderijo.

De fato, Blake apareceu no bar naquela noite. Rick permaneceu no posto junto às chopeiras e viu-o examinar o salão antes de escolher um assento perto do bar.

– Um bourbon – murmurou. Rick serviu-o e empurrou o copo baixo.

Franzindo o cenho, Blake virou o copo de uma só vez. Após algum tempo, quando ficou claro que Helen não iria aparecer, ele se voltou para Rick, que não teve dificuldade em fingir não perceber. Apoiado sobre o cotovelo, Blake abriu o paletó para exhibir a arma no coldre de ombro.

– E então? Ela apareceu? – perguntou o homem.

– Quem? A garota?

– Você sabe de quem estou falando.

– Posso perguntar por que está procurando por ela?

– Quero apenas falar com ela. Podemos chegar a um acordo. Você sabe onde ela está se escondendo, não é?

– Senhor, realmente não posso ajudá-lo.

Blake apertou os olhos, fitando-o de cima a baixo, avaliando, e Rick sabia no que ele estava pensando. Estava pensando que olhava para um inútil, um covarde, um jovem que fugira da guerra, que seria fácil de derrotar em uma luta. Blake estava pensando que só precisaria botar a arma na cara dele e quebrar seu nariz que ele o levaria diretamente até Helen, porque nenhuma piranha valia tanto.

Rick sorriu, sabendo que isso o deixaria louco. Blake franziu o cenho com raiva e saiu.

Rick tinha o resto da noite mapeado. Sabia o que aconteceria a seguir, como seria, uma espécie de teatro urbano, previsível, mas por algum motivo satisfatório. Foi feito o último pedido. Ele se preparou para fechar. Após trancar as portas, colocou as cadeiras sobre as mesas, deu uma rápida limpada no piso e passou o pano no bar, apagou todas as luzes e saiu pelos fundos, onde Blake o aguardava.

Blake se projetou das sombras com um gancho de direita, obviamente pretendendo nocautear Rick em um segundo e impedi-lo de saber o que estava acontecendo.

Rick saiu do caminho. Blake tropeçou e Rick girou, agarrando a camisa de Blake, desequilibrando-o ainda mais e jogando-o de cabeça na parede. O homem escorregou para o chão, os braços desesperados por apoio, roçando em Rick, na parede, em tudo. A ação demorou menos de um segundo, Blake não teve chance de perceber que seu gancho de direita falhara. Deve ter pensado que o mundo virara de pernas para o ar.

Torcendo o braço de Blake para trás, Rick o arrastou por uns 4 metros pela calçada do beco de trás. A articulação do ombro saiu do lugar; Blake berrou. Com uma torção do mesmo braço machucado Rick virou Blake com o rosto para cima; arranhões ensanguentados cobriam o maxilar e as bochechas. Pulando em cima dele, Rick o prendeu, segurando-o mais com força do que com peso, Blake era o homem maior. Ele aproximou o rosto para cheirar o fluido rico e doce que vazava dele. Rick podia drenar o homem até a morte.

Uma luz banhou o beco, cegando até mesmo Rick, que protegeu os olhos com um braço levantado. Apertando os olhos, ele precisou de um momento para entender o que acontecia: um carro de polícia entrara no beco.

– Os dois! Parem! – gritou um homem no banco do motorista.

Rick se levantou e ergueu as mãos. Ao seu lado, Blake ainda estava tentando se recuperar, esfregando o corte no rosto, balançando a cabeça como uma criatura de caverna saindo para espaço aberto.

O policial tinha um parceiro, que deixou rapidamente o lado do carona e foi até eles, cassetete nas mãos. Empurrou o rosto de Rick para a parede e o revistou.

– O que é isto? Dois bêbados brigando?

Rick não falou nem reagiu. Poderia ter se libertado, apagado o policial e desaparecido nas sombras. Mas esperou, curioso.

– O que descobriu aí? – perguntou o motorista.

– Dois bêbados. Vamos levá-los?

– Espere um minuto, aquele cara no chão. É Charles Blake?

O policial agarrou Blake pelo colarinho e o arrastou para a luz.

– Tá bom, traga os dois.

Rick foi no banco de trás do carro de polícia ao lado de Blake, tentando decidir se deveria se divertir ou ficar preocupado. Ainda faltavam algumas horas para o amanhecer. Tinha tempo de ver o que aconteceria. Blake estava curvado, respirando pesado, espiando Rick de vez em quando com ódio nos olhos.

Em uma hora Rick estava sentado em uma sala de interrogatório vazia e úmida, falando com um detetive à paisana, um sujeito chamado Simpson. Ele

acendeu um cigarro e ofereceu um a Rick, que recusou.

Ele disse.

– Você foi flagrado brigando com Charles Blake atrás do Murray's.

– Certo – confirmou Rick.

– Quer me dizer por quê?

Rick reclinou e cruzou os braços.

– Eu esperava ser jogado na cela dos bêbados quando cheguei aqui, mas você está interessado em Blake. Posso perguntar por quê?

– O que sabe sobre ele?

– Ele está incomodando uma garota que eu conheço.

– Sua garota?

Rick deu de ombros e o detetive bateu a cinza no chão.

– Por isso estava batendo nele? Acho que não posso culpá-lo por isso.

– Blake é perigoso?

– Você acha que ele é?

– Sim – disse Rick.

O detetive o estudou, mas Rick não revelou muito. Caso precisasse, poderia olhar nos olhos do homem e convencê-lo a deixá-lo ir. Certamente chegaria a isso caso ainda estivesse ali perto do amanhecer.

O detetive finalmente disse:

– Você está certo. Ele é o principal suspeito em um caso de assassinato. Sabe mais alguma coisa sobre ele que queira contar?

Isso deu a Rick uma ideia.

– Talvez conheça alguém que possa ajudá-los.

– Se eu deixá-lo ir; sei como isso funciona.

– Sou *barman* do Murray's; não vou desaparecer.

– E quão boa é essa informação?

– Vale esperar, acho.

– Quer saber? Você é um pouco cauteloso demais para um *barman*. É só o que faz?

Rick deu um risinho.

– No momento, sim.

– Preciso de evidências contra Blake para mantê-lo preso e afastado da sua namorada. Pode me ajudar?

– Passe no Murray's amanhã à noite e terá uma resposta.

O detetive o soltou.

Rick sabia que seria seguido, pelo menos por um tempo. Ele retornou a Arturo

fazendo um desvio e conseguiu desaparecer, pelo menos do ponto de vista de seu perseguidor.

Helen esperava por ele no salão, sentada com Arturo em um pequeno sofá de veludo borgonha. Rick procurou se acalmar e não saltou instantaneamente para se colocar entre os dois. Ela estava sorrindo e Arturo não fazia nada além de falar.

– Ricardo! Esperava que você não voltasse e tivesse deixado Helen aqui conosco.

Helen deu uma risadinha. Segurava um copo vazio. Eles provavelmente estavam nisso havia horas.

– Obrigado por distraí-la para mim – disse Rick.

– O prazer foi meu. De verdade.

– Helen, precisamos conversar – disse Rick, apontando para a porta do quarto.

– Seu amigo é encantador, Rick – disse ela.

– Sei, ele é. Vamos.

Ela se levantou devagar do sofá. Olhando por sobre o ombro, acenou com os dedinhos para ele, e Arturo respondeu com um sorriso indulgente. Rick colocou um braço sobre seu ombro e a conduziu para o quarto seguro.

– Não fique com raiva – pediu ela. – Precisei perguntar a ele se havia um telefone.

– Para quem precisava telefonar?

– A polícia – disse, baixando os olhos. – Não queria que você se machucasse, então liguei para a polícia e disse que poderia haver problemas no Murray's.

E houve problemas, e a polícia aparecera.

– Eu quase havia me livrado do Blake quando a polícia chegou – disse.

Ela empalideceu.

– O que houve?

– Ele está na cadeia agora, mas não vai ficar lá a não ser que eles consigam provas de que cometeu aqueles assassinatos. Sabem que foi ele, mas não têm provas.

Ela andou de um lado para outro em frente à cama. Seus ombros ficaram tensos e ela se envolveu com os braços.

– Acho que você deveria falar com eles, Helen. Pode testemunhar, Blake irá para a prisão e não poderá incomodá-la novamente. Você ficará em segurança.

– Não posso fazer isso, Rick. Não posso dizer nada. Ele vai me matar, ele vai...

– Não se estiver na prisão.

– Mas e se ele sair? A primeira coisa que fará será ir atrás de mim.

– Eu o mato antes – disse Rick.

– Rick, não. Não quero que você se meta em problemas por minha causa. Nem mesmo sei por que está cuidando de mim, você mal me conhece...

– Estou fazendo porque posso – disse ele. – Mas se você for à polícia, eles vão cuidar de Blake.

Ela se aproximou, se apertando a ele, passando os braços ao redor dele e pousando a cabeça em seu peito. De novo. Ela estava tão perto, ele conseguia ouvir o sangue correndo por suas veias perto da superfície. Ela estava corada e muito quente. Ele esfregou o rosto em seus cabelos, pegando aquele calor.

– Helen – disse ele com algo semelhante a desespero.

– Qual o problema? – perguntou ela.

– Eu não sou... o homem certo para você. Isso é perigoso...

– Por quê? – perguntou, se afastando. – O que há com você? É muito gentil, mas não tem medo de Blake, e fica dizendo que devo ter medo de você. O que não está me contando?

A resposta para aquela pergunta era longa demais. Ele a afastou para poder ver seu rosto, tocar a pele macia de seu maxilar, então traçar a pulsação em seu pescoço. Ele deveria colocá-la para dormir e fazê-la esquecer de tudo. Nunca deveria ter saído com ela naquele primeiro encontro. E a vida era longa demais para aquele tipo de arrependimento. Não importa quão imortal você é, ainda precisa de amigos.

– Você já leu *Drácula*? – perguntou Rick.

– Como, tipo Bela Lugosi?

– Não exatamente. Mas sim.

– Sim, há muito tempo. Gostei mais do filme.

– Vampiros existem. Eles são reais.

Ela riu.

– Como?

Ele pegou a mão dela e a colocou no seu peito, onde seu coração morto jazia inerte.

– O que você sente?

O sorriso dela murchou. Ela moveu a mão, apertando o peito dele, as costelas se cravando em sua palma. Olhou para ele.

– O que devo dizer? Que você é maluco?

– Deite-se e fique parada – ele ordenou.

– Como?

Ele a sentou na cama, empilhou os travesseiros e a forçou a se reclinar sobre

eles. Ele a beijou e ela correspondeu, entusiasmada, embora confusa. Sentindo seu cheiro, seu calor, o toque do seu sangue, ele permitiu que seu apetite crescesse.

Dando um último beijo no pescoço, ele ergueu a mão dela e esticou o braço diante de si. Sem hipnotismo dessa vez, sem apagar a lembrança. Que ela visse o que ele era. Levou os lábios ao cotovelo, mais beijos, lentos e ternos, acompanhando as veias com a língua. Ela gemeu.

Ele sugou o pulso, puxando sangue para a superfície.

– Rick? O que você está fazendo? Rick?

– Eu mandei ficar parada.

Ele a empurrou novamente até o travesseiro e voltou sua atenção para o pulso.

Finalmente mordeu e ela respirou fundo. Mas ficou parada.

Seu sangue não estava tão doce quanto poderia, estava assustada demais. Mas ainda era doce, ela não entrou em pânico, e quando ele lambeu o ferimento para fechá-lo e olhou para ela, seu olhar estava límpido. Inseguro, mas límpido. Ele ficou aliviado. Dobrou os braços dela sobre a barriga, envolvendo-a em um abraço, a cabeça aninhada em seu ombro. Ela desmontou contra ele.

– Não entendo – sussurrou.

– Não espero que entenda. Mas confia que cuidarei de você caso Blake fique livre?

Ela assentiu. Rick beijou-a e esperou que adormecesse.

Rick a levou ao Murray's no dia seguinte e o detetive Simpson esperava por eles. As mãos dela tremiam, porém Rick ficou ao seu lado. Helen manteve a postura e falou claramente. Simpson prometeu que não seria acusada pelos pequenos crimes que cometera, em troca de seu testemunho. O caso contra Blake foi a julgamento e Helen foi a principal testemunha da promotoria. Blake foi condenado e seria trancafiado por muito tempo. Rick estava certo de que nunca mais veria o sujeito.

Ele só precisava investigar um pouco, uma visita ao oficial da condicional, um pouco de obscurecimento e bajulação, uma olhada funda nos olhos de um informante, para descobrir em qual casa de passagem Blake estava, a leste do centro. Dirigiu para lá com uma intensidade objetiva. Ele não costumava estar errado naquela época, mas estivera errado com relação a Blake e falhara com Helen. Uma pequena vingança não compensaria isso. Contudo poderia ajudar a aproximar a balança da posição certa. A casa ficava afastada da rua, arruinada e iluminada, e externamente não dava qualquer sinal do que era. Rick ficou

pensando se os vizinhos saberiam. Estacionou o carro junto ao meio-fio, enfiou as mãos nos bolsos e seguiu para a porta da frente.

A casa se projetou contra ele; seus passos desaceleraram. O lugar era protegido, não tinha certeza que seria, considerando sua natureza e o fato de que as pessoas estavam sempre entrando e saindo. Isso fazia dela uma instituição pública ou um lar? Mas ali estava a resposta: era um lar. Ele não podia entrar sem ser convidado. No momento em que chegou à porta da frente a força era um muro invisível; ele quase podia pressionar as mãos sobre ela, mas não ultrapassá-la.

Bem, ele teria de tentar um blefe normal e banal, não é mesmo?

Rick bateu na porta. Uma sombra passou pelo visor e uma voz perguntou:

– Quem é? O que deseja?

– Meu nome é Rick. Sou um velho amigo de Charles Blake e soube que ele estava aqui. Posso vê-lo?

– Sabe que horas são?

– Sim, desculpe-me por isso. Acabei de sair do trabalho. *Barman*.

– Só um minuto. Vou chamá-lo.

– Importa-se se eu entrar?

Após um breve momento cauteloso, a fechadura foi destrancada e a porta se abriu. Um homem ranzinza na casa dos 40 anos se colocou de lado e segurou a porta.

– Entre.

Rick entrou.

A sala de estar era gasta e triste, com móveis e carpetes corroídos, paredes sujas e um ar embolorado. Um quadro expunha regulamentos, avisos, anúncios de emprego, alertas. O clima era institucional, mas aquele devia ser o primeiro lar de verdade que alguns daqueles homens haviam conhecido. De fato era uma casa de passagem.

– Fique aqui – disse o homem, sumindo por um corredor nos fundos.

Rick esperou, as mãos nos bolsos.

O porteiro voltou após uma longa espera, o que teriam sido muitas batidas de seu coração, caso ele ainda batesse. Atrás dele seguia um senhor muito idoso, puxando atrás de si um carrinho com um pequeno tanque de oxigênio. Tubos o ligavam ao nariz e cada respiração era um chiado. Afora isso, ele murchara. Estava menor do que na última vez em que Rick o vira, gasto e emaciado, a pele feito massa escorrendo de uma moldura curva. Vestindo camiseta e jeans gastos e desbotados, ele parecia triste, abatido. O franzir de cenho ainda existia, Rick

reconheceu aquela parte dele.

O velho o viu e parou. Eles eram dois fantasmas olhando um para o outro em lados opostos da sala.

– Olá, Blake – disse Rick.

– Quem é você? Neto dele?

Rick se voltou para o porteiro de meia-idade e o fitou até atrair o olhar do homem.

– O senhor se importaria de nos deixar a sós um minuto? – perguntou, inserindo uma força silenciosa na sugestão. O homem retornou ao corredor.

– Bill... Bill! Volte!

A voz de lixa de Blake se transformou em tosse.

– Não sou neto dele – disse Rick.

– O que é isso?

– Fale sobre Helen, Blake.

Ele tossiu uma risada, como se achasse que era uma piada. Rick se limitou a olhar para ele. Não precisava colocar força alguma nisso. Sua postura era suficiente. O queixo de Blake tremeu.

– O que tem ela? Hein? O que tem ela?

Rick agarrou o tubo pendurado no peito de Blake e puxou, tirando-o do rosto. Blake tropeçou para trás, a boca aberta revelando dentaduras mal ajustadas se soltando. Agarrando a camiseta de Blake com as duas mãos, Rick o empurrou até a parede, batendo, batendo novamente, escutando o estalo de osso se partindo.

– Você achou que ninguém saberia – Rick sussurrou para ele, face a face. – Achou que ninguém se lembraria.

Blake gaguejou, se debatendo fracamente, sem eficácia.

A porta da frente se abriu com violência.

– Pare!

Rick reconheceu os passos, as vozes e os sons de suas respirações. A detetive Hardin avançou, ladeada por dois policiais uniformizados. Rick olhou por sobre os ombros, ela apontava uma arma para ele. Não que fizesse diferença. Ele colocou os punhos na garganta de Blake.

Blake estava morrendo sob seu aperto. Rick não teria de flexionar um músculo para matá-lo. Ele sequer sentia necessidade de tomar o sangue daquele homem, seria frio, viscoso, sem sabor. Rick o cuspiria de volta. Poderia fazer tudo isso com Hardin olhando, porque afinal de contas, o que a detetive realmente faria?

– Rick! Afaste-se dele!

Hardin remexeu no bolso do casaco e sacou uma cruz, uma versão simples, duas barras de prata lisa soldadas juntas. À prova de vampiros. Rick sorriu.

Blake teria de saber que não ficaria impune ao assassinando Helen. O que pensara? O que quisera, afinal? Rick olhou para ele: os olhos arregalados ficando amarelos, o rosto murcho, marcado de varíola e coalhado de capilares rompidos. Ele esperara ver um desejo de morte ali, um fatalismo determinado. Mas Blake estava com medo. Rick o aterrorizara. O homem, com o corpo desmoronando, não desejava morrer.

Isso fez Rick desejar ainda mais estrangulá-lo. Para justificar o terror do homem. Mas soltou Blake e recuou, deixando-o aos cuidados de Hardin.

O velho caiu de joelhos, virando o cilindro de oxigênio. Ele ergueu as mãos diante de si, cruzadas e trêmulas.

– Ele está morto! Morto! Tem de estar morto! Tem de estar! – disse, soluçando.

Talvez deixá-lo de joelhos e chorando na frente da polícia fosse vingança suficiente.

Rick, as mãos erguidas, afastou-se da linha de tiro.

– Poderia tê-la poupado da burocracia, detetive.

– Você simplesmente teria me obrigado a lidar com outra burocracia. O que afinal você achou que estava fazendo?

Os uniformizados tiveram de levantar Blake e praticamente arrastá-lo para fora. Não se preocuparam com algemas. Blake não parecia saber o que estava acontecendo. A boca se movia, a respiração chiava, as pernas tropeçavam.

– Imagino que tenha conseguido suas evidências – disse Rick.

– Encontramos o pistoleiro e ele falou. Blake o contratou.

De fato, ele não parecia apertar um gatilho fazia muito tempo.

– Só isso?

– O que mais você quer?

– Eu queria ter chegado aqui cinco minutos mais cedo.

Não que isso realmente fizesse diferença. Tudo desapareceu das lembranças ao redor dele.

– Tenho de pedir que saia do local – disse ela. Não apontava para ele, mas não guardara a arma. – Não imagine que eu não o prenderei por alguma coisa, porque prenderei. Eu vou encontrar alguma coisa.

Rick desistiu.

– Tenha uma boa noite, detetive.

Ele voltou ao seu carro e deixou o local, marcando o fim de mais um capítulo.

Rick não pudera ir ao julgamento, mas se encontrara com Helen toda noite para discutir os acontecimentos. Ela foi ao Murray's, chorando de alívio e esfregando os olhos com o lenço, para anunciar o veredicto de culpado. Ele saiu mais cedo e a levou até sua casa, um apartamento de porão em Capitol Hill. Com Blake trancado ele se sentia seguro em levá-la ali. Rick era dono do prédio, alugava a parte de cima por intermédio de uma imobiliária e podia bloquear as janelas do porão sem atrair atenção. A decoração era simples: cama, uma poltrona, gaveteiro, um rádio e uma cozinha sem uso.

Eles se deitaram na cama, os braços dele ao redor dela, segurando-a junto de si, enquanto ela se aninhava. Conversaram sobre o futuro, que sempre era um tema estranho para ele. Dessa vez, Helen decidira procurar um trabalho antiquado, querendo uma vida normal.

– Mas não sei o que fazer com você – disse ela, esticando o pescoço para olhar para ele.

Ele já estivera naquela situação, deitado com uma mulher de quem gostava, que com um pouco de reflexão e esforço ele poderia amar, a não ser pelo fato de que o que teriam nunca seria totalmente mútuo ou equivalente. E ele ainda não sabia o que dizer. *Eu poderia me alimentar de você pelo resto da sua vida e você acabaria com... nada.*

Ele disse:

– Caso queira, eu posso desaparecer e você nunca me verá novamente. Talvez seja melhor assim.

– Não quero isso. Mas gostaria... – disse, e seu rosto ficou vincado, o cenho franzido ao refletir. – Mas você nunca me levará em uma viagem, ficará para assistir ao sol nascer comigo, me pedirá em casamento nem nada, não é mesmo?

Ele balançou a cabeça.

– Já dei a você tudo o que podia.

A não ser uma coisa. Mas ele não contara que poderia contaminá-la, torná-la igual a ele, que também ela poderia viver para sempre e nunca ver o nascer do sol. E não contaria.

– É o suficiente – disse ela, abraçando-o. – Pelo menos por enquanto.

A dama grita

CONN IGGULDEN

O romancista histórico Conn Iggulden é autor da série sucesso de vendas *O imperador – The gates of Rome, The death of kings, The field of swords e The gods of war* –, que detalha a vida de Júlio César, e da série *Conqueror – Wolf of the plains, Lords of the bow, Bones of the hills e Empire of silver* –, sobre a vida de Gêngis Khan. Também é coautor dos sucessos de não ficção *The dangerous book for boys e The dangerous book of heroes*, bem como de *Tollins: explosive tales for children*. Seu livro mais recente, escrito com Lizzy Duncan, é *Tollins 2: dynamite tales*.

Na história exuberante que se segue, ele nos coloca na estrada com um vigarista barato que encontra uma nova profissão – caçador de fantasmas –, mas descobre que alguns fantasmas são mais difíceis de caçar que outros.

Suponho que eu me veja como dono de um pequeno negócio, oferecendo um serviço necessário. Sou apenas um entre cem milhões de pessoas que pagam as contas com os talentos que Deus lhes deu. Não botei um nome elegante no que faço. Não sou mágico de palco, e para ser honesto, o tipo de clientes que tenho não se impressiona com esse tipo de coisa. Se eu me chamasse Além-Vida Ltda., ou algo assim, meu carro não andaria mais rápido. Não aquele carro. Faço parte da essência dos Estados Unidos, meu amigo. De qualquer forma, dos quatro de nós eu sou o único que recebe um salário, de modo que meus custos são muito baixos.

Eu comecei a escrever isto para registrar alguns anos esparsos, mas não estou muito interessado em passar adiante minhas pérolas de sabedoria. Não para que outra pessoa possa xeretar o meu lixo diariamente. Se eu tivesse filhos não recomendaria isso como opção profissional, sabe? Estava tudo bem no começo, quando eu só lia os obituários e batia em portas. Todos querem dizer algumas últimas palavras aos que acabaram de partir. Caso esteja interessado, a primeira escolha era “Desculpe”, seguida de perto por “Deveria ter dito mais como o amava”, e minha preferida, que sempre era alguma variação de “Você está

feliz?”. Não, minha cara viúva enlutada ainda com o cabelo engomado do funeral, ele está morto, é claro que não está feliz. Tenho de admitir que na época eu não tinha ideia se ele estava feliz ou não. Atualmente sei um pouco mais, mas chegarei a isso. Apenas costumava garantir a ela que o pobre Brian estava bem, que sentia sua falta e que estava ansioso para vê-la no céu. Se fizesse direito, também conseguia uns bons acertos. Claro, já que estou no assunto, vou contar. Acerto é quando você consegue um detalhe que eles imaginam que você não teria como saber. “Ele diz que se lembra daqueles dias nas Maldivas, isso significa alguma coisa para você?” É um momento delicioso e você nunca se cansa de ver o último traço de ceticismo desaparecer do rosto deles. Bastam duas boas afirmações genéricas e um pouco de pesquisa.

Talvez eu tenha algum conhecimento que mereça ser passado adiante, já que P.T. Barnum deu fama a essas afirmações, mas tudo começou com um palestrante chamado Forer, nos anos 1840. Eu posso citá-la de cor, então lá vai:

“Você tem grande necessidade de que os outros gostem de você e o admirem. Você tem a tendência a ser crítico em relação a si mesmo. Embora tenha algumas fraquezas de personalidade, em geral consegue compensá-las. Em certos momentos tem dúvidas sérias sobre se tomou a decisão correta ou fez a coisa certa.” E assim por diante. Entendeu? Isso se aplica a todos. Junte algumas dessas a um pouco de pesquisa pessoal e pode fazer uma leitura fria de que eles se lembrarão para sempre.

Eles nunca acham que eu poderia fazer algum trabalho antes de bater na porta. A internet é boa para isso, embora os meus preferidos sejam os velhos microfilmes encontrados em bibliotecas. Registros de jornais são úteis, mas o grande prêmio costuma estar em registros de tribunais e listas de eleitores. É tudo público. Atualmente, metade das pessoas sobre as quais eu leio ainda é a turma do Google e dos microfilmes – velhos demais para ter ouvido falar de Facebook. O restante é sopa no mel. O Facebook não elimina uma página antes de mais ou menos uma semana após uma morte, e a política de privacidade deles é, bem, a diferença entre eu marcar pontos ou não, na maioria das vezes. Você ficaria espantado com o que é possível descobrir em dez minutos.

Você só precisará de um acerto e é a única coisa de que se lembrarão quando você tiver ido embora. Você está na casa deles, lendo feito um louco, absorvendo cada detalhe. Com as senhoras você pede para ir ao banheiro e verifica os remédios. Eu tive uma adorável no começo, quando achei uma coleção de frascos de insulina e pacotes de agulhas. Eu verifiquei o nome dela nas caixas fechadas, então tudo o que precisei dizer foi: “John pede para lembrar-se das

suas injeções”, e ela desmoronou, chorando como se nunca fosse parar. Quando terminou, eu tinha conseguido belos duzentos em uma hora, incluindo a viagem. Acho que foi quando me dei conta de que na verdade não precisava voltar a trabalhar. Podia fazer isso em tempo integral.

Não funcionou exatamente como eu gostaria, não de início. O pagamento daquele dia foi mais do que voltei a ver novamente em um mês tentando, mas eu tinha de aprender o negócio e ganhava o suficiente para continuar. Podia fazer a pesquisa nas bibliotecas locais, o que não me custava nada.

Bem, esta história não está saindo do modo como eu esperava. Já que afinal pareço estar repassando meus anos de sabedoria, vou contar o melhor e deixar que você avalie se seu trabalho é tão divertido quanto o meu. Pronto? Essa é a parte boa. Se você trabalha para uma lanchonete, nunca morrerá de fome. Se você visita viúvas, consegue um volume surpreendente de sexo pós-funeral. Não há maior afrodisíaco do que o luto. Posso dizer por experiência própria que o melhor é o terceiro dia, quando todos os parentes finalmente pediram uns aos outros para deixá-la sofrer em paz, significando na verdade que eles queriam retomar as próprias vidas.

Posso dizer quais são as melhores assim que elas abrem a porta, algumas vezes apenas lendo o obituário. Marido grande e forte morto precocemente, filhos morando em outro estado. Essas garotas são como panelas de pressão, toda aquela emoção em estado bruto esperando para explodir. Vou dizer uma coisa, depois de um tempo, simplesmente ver a palavra *câncer* mexia com meu sangue. Nada é melhor do que um longo período de seca. Abençoados sejam por tentar, mas caras com câncer não são grande coisa na cama.

Tudo deu errado, ou deu certo, ou mudou meu mundo, como queira chamar, quando eu conheci a Dama. Ainda não sei o nome dela, e se ela sabe falar, nunca faz isso comigo. Normalmente é uma maldição eu ter de lidar com mulheres todo dia. São elas que não costumam se importar de achar uma nota de cinquenta na bolsa por algumas palavras e minha voz mais suave. Não posso dizer que não as entendo, como um bêbado em um bar que você talvez conheça. Eu as entendo. Eu apenas não gosto tanto assim delas. Elas não pensam como nós, sabe? Se não fosse pelo dinheiro e pelo sexo, acho que nem falaria com elas. Loucas, todas elas sem exceção. Eu fui criado por uma mãe rigorosa e talvez ela tenha me feito a cabeça contra todas, sabe-se lá. Um homem pode escrever poesia ou mandar flores para elas, mas isso não dura muito depois que ele já marcou o gol, dura? Casamento é apenas garantir que aquilo esteja por perto quando você sentir vontade e talvez construir um ninho quente para seus filhos.

Você vai se odiar por admitir, mas você sabe que o velho Jack Garner está falando a verdade. E não, claro que não é meu verdadeiro nome. Bem, eu o usei a vida inteira, mas não foi aquele com o qual nasci.

Da Dama, tudo o que consigo é ela soprando em meus ouvidos, como o vento. Na verdade isso se revelou surpreendentemente útil, mas eu chego lá. Olha, você tem de me deixar contar a história do meu jeito, porra.

Naquele tempo eu costumava anunciar. Ainda faço isso às vezes, embora os preços tenham aumentado e haja muita concorrência. Se a bolsa cai, meu negócio cresce, não sei por quê. Ah, você provavelmente pensou em tubarões se alimentando em tempos difíceis, mas do modo como vejo, eu distribuo muita boa vontade quando as pessoas realmente necessitam. Sou um filantropo e, sim, sei o que isso significa. Normalmente as deixo sorrindo. Chorando também, mas na maioria dos casos, sorrindo entre as lágrimas.

Meu método de começar com o jornal local e conferir as mortes bancava gasolina, roupas e pagava o celular. Mas de vez em quando, talvez quando começava em uma área nova, eu colocava dois anúncios nos jornais locais. Não faz sentido comprar espaço em uma revista especializada, então é melhor economizar alguns dólares. Elas estão cheias de falsos profissionais – bem, óbvio –, mas os clientes que você quer não têm *Spirit World* enfiada em suas belas caixas de correio, sabe?

Eu recebi o tipo de telefonema que me deixa excitado. Não tinha como dizer a idade pelo telefone, e havia um sotaque, não sabia dizer qual. Achei que talvez fosse holandês, então estava imaginando algum tipo grande, com cara de *strudel* de maçã, talvez com cachos louros, apenas me divertindo com imagens na cabeça enquanto conversávamos. Peguei meus mapas e coloquei o telefone no peito enquanto sorria. Penacook, New Hampshire, algum lugar esquecido por Deus no meio de Merrimack County. Belos nomes e não exatamente uma parte do mundo que eu conhecesse bem. Disse que eram mais de 600 km e teria de cancelar outro trabalho para ir até ela. Eu a estava sondando quanto a dinheiro, sabe? Mas ela era boa, apesar de todas as vogais engraçadas. Dei um preço e ela apenas fez uma pausa breve e concordou. Sem negociar, que era exatamente o tipo de cliente de que eu mais gostava.

Depois disso, tudo ficou um pouco estranho. Perguntei a ela quem queria que eu alcançasse do outro lado e ela disse que não, desejava se livrar de um espírito. Disse que não estava nem um pouco interessada no que ele tinha a dizer, apenas o queria fora da sua casa.

Eu quase disse a ela para procurar os Caça-Fantasmas e desliguei o telefone.

Juro, se ela já não tivesse concordado com uma taxa pelo combustível da viagem que era absurda, teria feito isso. Talvez estivesse meio sem dinheiro naquela semana, não lembro, mas disse que estaria lá em dois dias e ela estalou a língua, bufou e só então concordou, como se não tivesse sido ela quem telefonara. Elas não pensam como nós. Não são lógicas. Eu tinha a ideia de que com aquela não haveria nem mesmo muito choro no meu ombro. Também estava certo, mas sou um paranormal *bona fide*. Deveria estar certo de vez em quando. Percebeu o latim? Autodidata, mas ainda sou muito melhor que você.

Penacook é uma daquelas adoráveis cidades operárias, duzentos anos de idade e orgulhosa disso. Há um rio, algumas igrejas com torres altas e um belo e antigo memorial da Guerra Civil, como em mil outros lugares. Eu não chego perto de igrejas, embora você possa pensar que basicamente estamos no mesmo negócio, não é mesmo? Tudo diz respeito a dar um pouco de esperança. Encontrei o endereço na Fisher Street e aluguei um quarto no hotel mais barato que encontrei para poder vestir o terno preto e passar algumas horas. O que eu faço não funciona tão bem à luz brilhante do sol. O final da tarde é melhor, com as sombras de projetando. Pela minha experiência isso os deixa um pouquinho mais crédulos.

Posso dizer que fiquei desapontado quando a Sra. Weathers abriu a porta. Era alta, mais alta que eu, mas não havia sinais de cachos louros e ela era magra e ossuda. Seus cabelos eram quase brancos e ela os esticava tanto para trás que isso devia ter eliminado anos de seu rosto. Examinou a rua dos dois lados como se constrangida de ser vista abrindo a porta para mim, então me fez entrar apressadamente.

Isso não é de modo algum o melhor da história, sabe, não mesmo. Eu sempre me perco nos detalhes quando penso na primeira vez em que vi a Dama. Ainda me lembro do modo como a porta fechou e ainda me espanto com o tipo de porta à prova de som que a Sra. Weathers possuía, porque o silêncio se fez intenso. Eu me senti como se tivesse sido enrolado em lã, como se os tapetes grossos absorvessem todo o ruído, ao ponto de querer falar apenas para ter certeza de que conseguia. Lembro de que havia um relógio antigo tão alto quanto a mulher, porém o pêndulo não se moveu naquele momento nem em qualquer outro. Talvez você chame isso de bom gosto, mas eu chamo de coisa de rico e minha glândula do dinheiro começou a se contrair um pouco.

Ela preparou chá e nem preciso dizer que veio numa porcelana fina, certo? Xícaras tão delicadas que tive medo de quebrar uma só de segurar. Estava lendo tudo, me preparando para o discurso, mas ela não parecia minhas clientes

habituais. Nada de olhos vermelhos, mãos trêmulas, nada além daquele olhar azul direto me assistindo tomar um gole de Assam importado.

Aparentemente a Sra. Weathers morava na casa havia apenas dois meses. Eu já sabia que ela havia sido professora. Vira a foto emoldurada, com uma versão mais jovem dela de saia comprida, adultos na frente, crianças sorridentes atrás. É o tipo de detalhe que percebo, mas deixei que ela me contasse que se aposentara e morava sozinha. Pareceu relutar em dizer o motivo pelo qual eu estava lá, então a pressionei um pouco, pousando a mão em seu braço, um toque rápido, enquanto perguntava. Engraçado como isso costuma funcionar. É como uma espécie de detonador.

Estava ocupado revisando mentalmente minha remuneração quando ela enfim começou a me falar sobre o espírito que queria ver partir. Anuí quando falou sobre sonhos com gritos, do tipo que todos temos. Afinal, era como se ela tivesse lido *Spirit World*, como se tivesse um exemplar no seu guarda-roupas com uma lista de fantasmas. Brisas frias em um quarto fechado – confere. Sussurros em seu ouvido – confere. Sentimentos difusos de medo – confere. Eu estava começando a pensar que ela não tinha imaginação, sabe? Quando disse que era mais forte no porão eu me levantei como se estivesse excitado e pedi para ver. Imaginei que precisaria de uma hora batendo nas paredes lá embaixo, depois talvez queimar algumas penas e cantar minha poderosa antiga convocação dos espíritos arapahoe: “Eyelie Miggeymou, Miggeymou, Miggeymou. Eyelie Miggeymou, Plutotoo”, ou “Gosto do Mickey Mouse e também do Pluto”, se você conhece bem os seus cânticos. Anunciaria que o lugar estava liberado, limpo de espíritos malévolos, cobraria... talvez US\$ 400 além das despesas e seguiria meu caminho. A coisa engraçada era que eu acreditava que iria funcionar. Não é difícil expulsar algo que só existe na imaginação de alguém, desde que a pessoa acredite em você. Eu realmente não tinha ideia de que havia espíritos de verdade.

Depois daquele dia imaginei que a Dama queria deixar aquela casa. Só Deus sabe por que ela se interessou por mim. Só o que ela tinha de fazer era ficar imóvel enquanto eu fazia uma cena, e então eu teria partido, distante de suas vidas para sempre.

Não estava nada escuro lá embaixo. Era um belo porão moderno, todo pintado de branco, com um pouco de infiltração em um dos cantos. Lembro-me de um leve cheiro de umidade no ar e pensei em esporos. Não havia muito mais a fazer com a Sra. Weathers me observando. Afora alguns móveis velhos, um rolo de mangueira de jardim e algumas caixas, era o lugar menos assombrado que se

podia imaginar, mais escritório abandonado que porta para o além.

Ainda assim, eu levo as verdinhas bastante a sério. Passei quase uma hora tocando cada parede, notando a massa recente, passando os dedos por cada rachadura. Essas inspirações simplesmente me acontecem às vezes. Descobri que você tem de lhes dar algum tipo de ritual. Não pode simplesmente se postar no meio do cômodo e resmungar em línguas.

Eu quase tive um ataque cardíaco quando a Dama soprou em meu ouvido a primeira vez. O porão era fechado, com apenas uma fenda como janela ao nível do chão, pequena até mesmo para que os meninos da vizinhança passassem. Não havia nenhuma chance de uma brisa e aquilo não tinha sido um sopro suave que eu pudesse dizer que havia imaginado. Era exatamente como alguém soprando com força em minha orelha e me fazendo dar um pulo. Devo dizer que dei um gritinho, mas quando me virei para a Sra. Weathers ela estava do outro lado, simplesmente sorrindo do seu jeito amargo.

– É o tipo de coisa com o qual tenho de viver, Sr. Garner – disse ela, meio que vitoriosa. – Então, ficaria contente se parasse com sua tolice e simplesmente tirasse a coisa da minha casa. Se é que consegue.

Eu me impedi de dizer que ela deveria ficar muito feliz se alguém quisesse soprar na sua orelha com aquela idade. Estava incomodado com o que acontecera.

– Seiscentos, mais despesas – disse finalmente. Essa aproximação dos mil dólares era mais do que eu já havia pedido em toda a carreira. Ela curvou os lábios para mim e pude ver dentes amarelos.

– Muito bem, Sr. Garner, mas quero resultados.

– E eu preciso de alguma privacidade. Terá o que deseja, não se preocupe com isso.

Aquilo era eu tentando ganhar tempo. Não ajudou nada sentir outro sopro na orelha enquanto falava. Eu a esfreguei e aquela piranha velha me olhou como se soubesse exatamente o que estava acontecendo. E provavelmente sabia. Eu a vi subir as escadas e fiquei sozinho naquele porão jovial, belamente iluminado e nada assustador.

– Certo – disse. Meu coração estava acelerado e eu me sentia um perfeito idiota. – Se há alguém aqui, se eu não estiver apenas desperdiçando uma noite tão bonita, duvido soprar na porra da minha orelha outra vez.

Bem, ela o fez. Quase molhei as calças. Você não estava lá, então não me diga que não foi assustador. Eu meio que avancei na mesma direção e dei dois passos. Ela soprou em minha orelha direita e me virei nessa direção, braços agitados

como se estivesse em uma nuvem de vespas. Eu não devia estar parecendo muito digno, mas não havia ninguém me vendo.

Eu me vi perto da parede mais distante e sempre que me virava para a sala sentia a cócega, como se ela quisesse que eu ficasse onde estava. Não sei exatamente quando comecei a chamá-la de Dama, aliás. Minha primeira esposa costumava soprar minha orelha e talvez isso tenha me lembrado daquilo.

E fiquei lá olhando para a tinta e a massa por algum tempo, o peito arfando como se tivesse corrido. Você simplesmente não entende como a coisa toda foi uma surpresa. Ah, eu já falava com os mortos havia anos, anuindo sabiamente e repassando qualquer mensagem vaga de boa vontade que o cliente quisesse ouvir. Realmente sentir um, não, interagir com um, bem, era perturbador, e estou falando sério.

Circulei pela sala, claro. Não me limitei a ficar de pé onde ela queria. Mas toda vez ela me conduzia de volta ao mesmo ponto, me virando para a esquerda ou para a direita ou soprando em minha nuca para que avançasse. Eu meio que me entreguei ao jogo por algum tempo e se você não acredita em mim é só porque não sabe como aquilo era excitante. Todas as vezes eu terminava na mesma área de massa pintada, nova e reluzente. Podia sentir a leve pressão em meu cabelo me empurrando para frente, como se ela quisesse que eu atravessasse a maldita parede.

– Não consigo fazer isso – disse eu em voz alta. – Não consegue ver que há uma parede aqui?

Lembro-me de ter pensado em passagens secretas, talvez uma velha masmorra onde encontraria seus ossos emparedados. Eu li muito sobre o tema, como pode ver. Confesso que comecei a ficar interessado, mas achei que a Sra. Weathers poderia se recusar a pagar caso eu abrisse um grande buraco em sua parede, então a chamei até ali.

Eu estava absolutamente profissional novamente, solene e preocupado.

– Eu a sinto com muito mais força nesta parede – disse, passando as mãos por ela. – Há algo atrás? Como outro aposento?

Weathers deu de ombros, mas pela primeira vez pareceu perturbada.

– Não sei. Os antigos donos podem ter levantado uma parede.

Eu podia dizer que ela tinha lido alguns dos mesmos livros de suspense. Ela então passou a mão pelo cabelo, exatamente como se sentisse uma mosca pousando. Pela primeira vez eu senti pena da vaca velha.

– Vou precisar de um martelo de ponta redonda, o maior que tiver.

Ela mordeu o lábio de preocupação, mas finalmente concordou e saiu para

pegar um. Eu sentia a pressão constante em minha cabeça enquanto encarava a parede e comecei a me dar conta de como seria irritante viver com uma coisa como aquela. Não irritante para valer US\$ 600, não para mim, mas a Weathers parecia poder gastar isso sem perder o sono.

Quando ela voltou com o martelo eu ataquei com toda força, martelando aquele revestimento de gesso até ele cair e eu realmente achar os tijolos por trás. É engraçado, eu teria feito muito menos dano se tivesse usado mais os olhos. Demorei um pouco para perceber que havia dois tijolos que não combinavam com os outros. Estivera pensando em quartos secretos, no tesouro de Al Capone, sei lá mais o quê. Foi só quando encontrei plástico e terra atrás de meu buraco que recuei, suando. Revestimento contra umidade não é tão sinistro e fiquei com a sensação desagradável de que havia apenas suado para justificar a conta. Então dei uma olhada melhor naqueles tijolos. Com todas as marteladas, eles já estavam soltos o bastante para serem puxados.

Percebi que a Weathers ainda estava de pé nas escadas, como se temesse entrar no aposento. Podia sentir seu olhar enquanto eu tirava os tijolos e os colocava no chão. Ainda não sei o que esperava encontrar, mas no final foi quase uma decepção. Não havia muito espaço, apenas o suficiente para enfiar a mão. Era o tipo de esconderijo secreto que uma criança podia descobrir e depois esquecer. Eu costumava ter algo semelhante na casa de minha mãe, embaixo das velhas tábuas do piso.

Havia no espaço um cacho de cabelos castanhos enrolado em forma de anel, amarrado com uma fita vermelha que parecia ter sido comida por algum inseto. Eu o trouxe para a luz e o ar ao redor de mim mudou. É difícil descrever, mas foi um pouco como um avião descendo em um aeroporto. Seus ouvidos tampam e de repente você não consegue ouvir direito. Enquanto fiquei parado ali, olhando para o cacho de cabelo, apertei o nariz e soprei, mas não fez qualquer diferença. Eu sabia que havia encontrado a coisa de verdade, que o espírito estava atrelado ao cabelo.

– É uma relíquia – eu disse a Weathers atrás de mim.

Minha voz soou estranha, ainda abafada como se estivéssemos nos aproximando do aeroporto O'Hare e descendo rápido. Apertei o nariz novamente, soprando com força para clarear a cabeça. Mais uma vez não funcionou e eu comecei a me sentir um pouco engasgado. Bem, havia um modo de acabar com aquilo.

Enfiei a mão no bolso da calça e tirei meu isqueiro. Como estou escrevendo minha própria história, acho que poderia dizer que era um Zippo realmente legal,

mas na verdade era o mais barato isqueiro que existia. Lembro que minha mão tremia enquanto eu tentava pressionar a pedra, e quando ele deu a faísca e acendeu, o ar mudou novamente, quase estalou, a ponto de quase me deixar sem ar. Não houve vento, mas de repente não estávamos descendo em Chicago em meio a um nevoeiro denso, estávamos apenas de pé em um porão olhando fixamente para um isqueiro.

Eu levei a chama até o cacho de cabelos e, sem qualquer aviso, ela apagou. Senti o sopro em meus dedos, mas acendi novamente de qualquer modo, apenas para ver aquilo acontecer. A chama surgiu e depois desapareceu quando a Dama a soprou.

Fiquei ali por algum tempo, pensando um pouco mais intensamente do que de hábito. Ela queria que eu encontrasse o cacho de cabelo com sua fitinha roída, mas não queria ser libertada. Como disse antes, não sei exatamente por que ela me escolheu, mas sempre tive o charme dos Garner; pelo menos minha mãe costumava dizer que tinha. Embora nunca dissesse isso no bom sentido.

Levei aquela coisa para fora da casa como se fosse uma granada armada, parando apenas para aceitar o pagamento em dinheiro que a velha Weathers tirou de uma lata na cozinha. Cacete, como eu havia merecido aquele dinheiro. Nem mesmo coloquei o anel de cabelo no bolso, mas sim o segurei à minha frente até meu braço ficar rígido. Não senti qualquer sopro na nuca então, nem até estar na Fisher Street e me afastando.

Não sei explicar exatamente por que fiz as coisas que fiz naquele dia. Teria sido fácil jogar o cacho de cabelos no esgoto ou, melhor ainda, no rio, para que fosse levado até o mar. Talvez, se estivesse com medo, tivesse feito isso, mas você tem de entender que aquela era a obra da minha vida. Finalmente tinha uma prova de que não estava perdendo completamente meu tempo. Nunca aleguei ser um bom homem, mas também nunca quis ser uma fraude completa. Eu me sentia como se tivesse encontrado minha Pedra de Roseta, a chave que destrancaria tudo para mim. Era até verdade, de certo modo.

Fiquei mais dois dias em Penacook e comprei a caixa que hoje levo comigo. É uma coisinha de latão revestida de madrepérola mais ou menos do tamanho de um baralho. O cacho de cabelos ficou comigo e desde então, bem, acho que fiquei assombrado.

A Dama ficou quieta por alguns dias depois disso. Vou poupá-lo dos detalhes de como tentei que ela se apresentasse – uma vez para um jornalista e outra vez em um bar, quando já tinha bebido demais. Ela ficou na caixa, e então, só para me irritar, soprou em minhas orelhas o caminho todo até em casa até eu ficar

batendo na própria cabeça de frustração. Eu tinha dinheiro suficiente para viver e passei esse tempo pensando. E se todo fantasma tivesse sua ligação com o mundo, como o cacho de cabelos da Dama? Demorei algum tempo, mas após mais ou menos uma semana eu me vi em Franklin County, Massachusetts. Parei novamente para colocar anúncios nos jornais locais. Pela primeira vez em anos mudei o texto e vendi meus serviços como: “Caçador de fantasmas – Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta.” Não era mau que tivesse ganhado mais dinheiro com a Sra. Weathers que nos seis trabalhos anteriores juntos. Sequer resmunguei do preço por palavra que cobraram. Havia ouro naquelas montanhas.

Não me incomodo de dizer que os primeiros meses foram um pesadelo. Não que não recebesse telefonemas; eu recebia. Até pensei em comprar outro celular para trabalhar, por estar sendo tão solicitado. O problema é que as casas que visitei não tinham nada mais sobrenatural do que ratos atrás das paredes. Ainda assim aprendi o serviço e montei uma caixa de ferramentas que um carpinteiro teria aprovado. Conseguia desmontar uma sala em uma hora e acho que os bons construtores e pintores de Massachusetts devem ter pensado que era Natal com todo o trabalho extra que dei a eles. Encontrei canos velhos gargarejando, ninhos de ratos, um pássaro preso em uma chaminé, todo tipo de coisa, mas a Dama permaneceu quieta. Do lado de fora ela ainda fazia cócegas em minha cabeça de vez em quando, apenas para me mostrar que estava ali, mas nas casas ficava tão calada quanto um túmulo.

O dinheiro acabou e por um tempo fui obrigado a retornar ao trabalho antigo, apenas para continuar a publicar anúncios e pagar a gasolina. Ela não gostou daquilo. Eu podia sentir o hálito dela em meu rosto, me empurrando sempre que ia fazer minhas leituras, até que fui obrigado a deixar a caixa no quarto do motel.

Tudo mudou naquele inverno, após uma nevasca pesada. Recebi um telefonema graças aos meus anúncios em Hunter, embora isso significasse dirigir até uma cidade chamada Montague, a uns 65 km de onde estava. Não tinha dinheiro para correntes de pneus e foi difícil prosseguir, talvez quatro horas me arrastando com os limpadores ligados e os faróis refletindo na neve que caía. Uma porção daqueles caminhões grandes ficava passando em disparada, me deixando nervoso.

Eu tinha minhas ferramentas e a caixa da Dama e talvez estivesse imaginando, mas havia uma sensação empolgante quando apertei a campainha de uma velha casa enorme na Treadle Road, ao sul da Main Street. Uma moça asiática abriu a porta e eu sorri para ela, pensando que empregados eram sinal de um bom dia de trabalho. Também senti aquela leve pressão na nuca, me empurrando para dentro

da casa, acompanhando-a.

Eu estivera errado antes, mas não daquela vez. Fui levado a uma verdadeira biblioteca, com livros do chão ao teto. O homem que finalmente foi me receber era jovem para ter um lugar como aquele. Fiquei pensando se o havia herdado ou se seria um corretor poderoso ou algo assim. Seu desconforto era visível o tempo todo que conversei comigo e eu não conseguia lê-lo muito bem. Descobri que havia sido a esposa quem me telefonara, porém ela estava viajando. Dava para ver que ele preferiria ter me expulsado da casa, mas a neve continuava a cair e imaginei que a esposa não era o tipo de mulher que você contrariaria. Conheci algumas como ela.

Ele me levou ao andar de cima, sem parar quieto um só instante, como se não conseguisse manter as mãos imóveis. Não me ofereceu uma bebida nem nada e dava para ver que iria ficar em cima de mim para garantir que não roubasse nada. Mas não me importei, porque a Dama estava me empurrando o tempo todo, como se soubesse que havia algo bom no alto daquela escada.

A escada dava para um patamar com seis ou sete portas. Para minha surpresa e meu interesse crescente, ele teve de destrancar todas antes que eu pudesse entrar. Ele viu meu olhar e fez uma careta.

– Está sempre frio aí, mesmo com o aquecedor ligado. Não acho que tenham colocado isolamento suficiente quando a casa foi construída.

Limitei-me a sorrir educadamente e ele fez a careta novamente, me deixando entrar.

Estava frio. Não gelado, porém mais frio que o restante da casa. Pude sentir imediatamente a Dama me soprando, mas não queria que parecesse fácil.

– Minha taxa habitual é de US\$ 600 por esse tipo de trabalho – disse. Ele me olhou como se tivesse mordido um limão ao ouvir isso, mas eu simplesmente sustentei o olhar.

– Você deveria saber que não acredito em nada disso – falou, como se marcasse um ponto.

Esperei que ele pensasse bem na esposa e em como ela ficaria com raiva por ele ter me dispensado. Mas o fato era que eu teria feito o serviço grátis naquele momento só para ver se funcionaria. Ainda assim, esperei até que ele concordasse.

– Em dinheiro – acrescentei. Ele quase rosnou para mim.

– Claro – respondeu.

Eu o deixei sozinho. A questão era que eu teria me esforçado para irritar um homem como aquele, talvez até mesmo assustá-lo um pouco, porém estava

ansioso para começar e sentia a Dama me empurrando cada vez mais para dentro do aposento.

Demorou uns cinco minutos, talvez menos. Depois disso aprendi a não fazer tão rápido. A Dama me guiou até o lugar certo e eu usei uma serra de mão para cortar uma tábua do piso e o dente de um martelo para erguer a parte certa. Encontrei um pedaço de osso no meio da poeira, negro de fuligem.

– Já houve algum incêndio aqui? – perguntei por sobre o ombro. Ele estava olhando horrorizado para o estrago que eu fizera, mas assentiu.

– Sim, na época do meu avô – disse. Teria sido um bom acerto, exatamente o tipo de coisa que não esperavam que você soubesse, embora houvesse saído em todos os jornais locais na época.

– E alguém morreu naquele incêndio, neste quarto – indaguei.

Não era sequer uma pergunta e ele ficou boquiaberto quando eu trouxe o osso à luz. Era apenas um pedaço e não tinha como dizer de que parte do corpo saíra. Talvez do tornozelo, não sei. Mas era suficiente para manter o espírito preso no mesmo lugar. Podia sentir a temperatura caindo, embora não houvesse nada especial, como gelo na janela. Não era um espírito poderoso. Esses eu iria encontrar depois.

Eu tirei o osso da casa e ele me pagou em dinheiro, com todas as caras feias e *finesses* devidamente eliminadas de seus modos. Ele tinha uma expressão de espanto nos olhos quando subiu para verificar o aposento e o encontrou cálido. Eu estava com o osso no bolso e parecia ter um inverno ao redor de mim. Vi o homem estremecer quando pegou minha mão e a apertou vigorosamente.

– Vou destruí-lo – prometi. E fiz isso. Na época eu não estava pronto para ficar com outro inquilino e um espírito que só te dá frio não tinha utilidade para mim.

Não sei o que ele disse à esposa, mas a moça tinha contatos e há muitas casas velhas em Massachusetts. Passei mais seis meses lá e tive uma avalanche de trabalho. Houve os alarmes falsos habituais, claro, mas a Dama me ajudou com os de verdade e eu estava indo bem. Aumentei o preço para as casas grandes e pela primeira vez em minha vida ganhei dinheiro de verdade, suficiente para trocar a transmissão do carro. Até pensei em alugar uma casa por um tempo, mas sou mais feliz me deslocando, sempre fui. Claro que no passado constantemente há lembranças ruins das quais fugir. Passei meu aniversário de 50 anos em um motel e até mesmo comprei para mim um maldito bolo com velas. A Dama as soprou e eu bebi um bom uísque.

Encontrei Geronimo na metade do meu segundo ano. Sei o que você vai dizer e concordo. Por que aquele velho curandeiro apache iria assombrar uma mansão

abandonada na Carolina do Norte? Meu honesto palpite é que, quem quer que fosse na verdade, apenas gostava de se chamar de algo diferente. Não sei se era um corretor de Nova York que pulou de uma janela ou apenas um condutor de gado dos anos 1930. Sei que é poderoso e isso é o que importa. Foi o que me arrastou mais de 300 km para o Sul quando ouvi falar daquela casa velha, caindo aos pedaços e sem ninguém que ousasse morar lá em meio século.

Ele era forte o bastante para falar comigo. Talvez trabalhar com a Dama tenha me deixado sensível, não sei, mas consigo ouvir o sussurro do velho e entender talvez um quarto do que ele diz. A Dama e eu encontramos sua relíquia do modo habitual, mas essa foi a única coisa usual. Eu me acostumara a pensar nos espíritos como coisas fracas – uma sala levemente fria não é *O iluminado*, se é que você me entende. Geronimo podia invocar uma tempestade e encontramos sua relíquia enquanto livros e poeira rodopiavam ao nosso redor. Tive de usar uma velha porta do porão para proteger minha cabeça enquanto desenterrávamos seus ossos. Acho que ele deve ter sido assassinado, já que não permitem que você enterre seus entes queridos no jardim, nem mesmo na Carolina do Norte.

Desenterrei tudo e levei para a fornalha no porão. Demorei um dia para fazê-la funcionar novamente, com quatro viagens a uma loja de ferramentas a fim de pegar material, mas você precisa de uma temperatura alta para reduzir ossos a cinzas. Não pode simplesmente jogar gasolina e esperar. Eu estava com o último pedaço nas mãos, um pedaço de osso amarelo quebrado, quando a Dama soprou meu rosto. A casa ficara muito quieta desde que eu começara a queimar e podia sentir a tensão, o modo como o ar fica antes de uma tempestade.

Eu aprendera a confiar na Dama e pus aquele velho osso em minha caixinha e o levei comigo. Talvez ela tenha conversado com ele. Talvez contado sobre a emoção nas curvas da estrada e ele tenha ido junto. Ora, talvez um fantasma se sinta solitário em uma casa abandonada, não sei. Eu não precisava muito dele, ou pelo menos era o que achava na época. A Dama era minha localizadora e eu estava fazendo meu nome. Havia até mesmo emissoras de TV me farejando, mas eu não queria meu rosto sendo exibido pelo país. Há algumas pessoas que ficariam muito satisfeitas ao vê-lo e nunca mais quero encontrá-las novamente, jamais.

Quando comecei este registro disse que éramos quatro. O último a se juntar à família era quase tão forte quanto Geronimo. Você não acredita como ele conseguia jogar as coisas longe. Foi em um casarão antigo na Geórgia que o encontrei, tomado por tanto lixo verde que parecia prestes a afundar no terreno pantanoso. Mais de uma vez, quase caí piso adentro. As paredes estavam

pichadas e havia latas de cerveja espalhadas por todo o térreo e até mesmo algumas marcas de fogueira com as quais garotos haviam tentado queimar o lugar. Acho que estava úmido demais para queimar.

Eu começara a procurar sua relíquia e ele foi até mim em um redemoinho, soprando a sujeira de um século de abandono em meu rosto. Fiquei momentaneamente cego e apenas com a Dama me guiando consegui sair para a luz do sol. Contudo, sou um profissional e não foi tão difícil comprar óculos de proteção e um macacão para a segunda viagem. Acabou que não precisei deles. Cheguei à cozinha e quando o vento começou eu abri minha caixinha.

– Conheça os meninos – disse.

Bem, o tal vento parou imediatamente. Eu os imaginei se cheirando como cachorros.

– Posso levá-lo a lugares que de outra forma você nunca veria – disse em voz alta. Foi assim que acrescentei à minha caixinha um velho medalhão de ouro com um cacho de namorada. Nunca consegui ouvi-lo, mas Geronimo me disse que seu nome era Thomas, então sempre o chamei assim.

Nós percorremos o país juntos por cerca de três anos. Nunca encontrei outro como Tom ou Geronimo, e se tinha o menor problema, apenas abria a caixa e o ar ficava realmente pesado enquanto eles cuidavam de tudo. Não sei exatamente como dar uma surra em um fantasma, mas os garotos pareciam adorar quando tinham uma oportunidade. Eu poderia ter continuado com isso para sempre, até o outono de 2004, quando finalmente conheci Erwin Trommler. Ele meio que é o motivo pelo qual comecei este registro, de modo que se você andou divagando enquanto eu lhe concedia minha valiosa sabedoria, talvez seja hora de se ajeitar e tomar um gole do café frio.

Eu trabalhava na Costa Leste havia alguns anos e estava pensando em seguir no rumo oeste, talvez até Memphis. Tinha a ideia de que alguém com meus talentos deveria visitar Graceland, sabe. Se você não entendeu imediatamente, nunca entenderá, então esqueça.

Antes de ir recebi uma chamada de Long Branch, Nova Jersey, bem no litoral. Ela se identificou como Sra. Gorski, de modo que eu sabia que seria feia. Não que ainda fizesse aquilo. Eliminar o lixo fantasma não parece deixá-las ligadas em você do modo como falar com os mortos deixa. Eu avaliei a distância e pensei, sim, podia fazer aquele trabalho e então seguir para o oeste para chegar a Graceland no outono.

Ela estava esperando por mim de pé no degrau quando entrei em sua rua. Na verdade não tinha uma aparência tão ruim. Cabelos escuros e modos formais,

talvez um pouco mais cheia do que eu gosto em uma mulher, mas não demais. Eu a identifiquei e estacionei, pegando minha caixa no banco da frente. Sei que eles podiam viajar no porta-malas, mas de algum modo isso me parecia desrespeitoso.

Quando estávamos todos do lado de dentro eu olhei ao redor, satisfeito ao ver os sinais de dinheiro de verdade. Eu tenho um olho bastante bom para antiguidades e havia algumas belas peças ali. Também era um bom bairro. Não que eu não ajudasse pessoas pobres, apenas tinha de ganhar a vida e pessoas pobres não pagam tão bem. Então estava relaxando um pouco enquanto me sentava em um sofá que devia ter custado mais que meu carro.

– Fale sobre seu pai – pedi.

Eu na época tinha uma prática fixa, principalmente para lhes dar a sensação de dinheiro bem empregado. Eu sentia a Dama respirando no meu pescoço, portanto sabia que aquele era de verdade. Conversar com os clientes não me ajudava a encontrar relíquias mais rapidamente, mas acho que se não fizesse isso seria o homem mais solitário da Terra.

Mas você tem de entender que o pai dela, Erwin, havia morrido poucos dias antes. Se tivesse sido um tipo diferente de chamado e ela fosse mais agradável ao olhar, poderia ter sido uma tarde divertida para mim. Como disse, não faço mais isso, mas não via nenhuma dor nela. Ela simplesmente se sentou ali e falou, no entanto, o tempo todo eu tinha a sensação de que não estava me dando nada. Que inferno, talvez eu seja paranormal. Ela me disse o nome dele e que viera de Ellis Island muito tempo atrás. Tinha cerca de 90 anos quando morreu. Eu via que ela não gostava nada de falar sobre ele. Então pressionei para conseguir mais detalhes, com meu galo de curiosidade coçando loucamente.

– Eu sinto o espírito dele na casa – disse ela. – As coisas se mexem e ouço ruídos, não apenas em pesadelos. Se você voltar à noite também vai sentir. Ninguém consegue morar aqui até ele partir. É tudo o que você precisa saber.

– Madame, não tente me ensinar meu trabalho – pedi. – Se disser que preciso saber mais, é porque preciso. Mas eu posso ir embora e talvez a senhora encontre outro tolo, não sei. Mas vou lhe dizer que não há ninguém que possa fazer o que faço. Se realmente quer que ele parta, precisa ser honesta comigo.

Ela olhou para mim por um bom tempo e senti uma excitação, como se estivesse à beira de algo.

– Eu nasci aqui, Sr. Garner. Mas meu pai veio da Alemanha.

– Bem, as pessoas precisam vir de algum lugar – disse eu. Minha própria avó veio por Ellis, trazendo a filhinha com ela. Fiquei pensando por um momento se

elas teriam ficado na fila com o jovem Erwin Gorski.

– Ele chegou em 1944. Seu verdadeiro nome antes era Erwin Trommler. Alegava ser polonês e falava o idioma fluentemente. Ele se escondeu nos Estados Unidos.

Ela hesitou novamente e tive uma espécie de premonição, nem tanto algo paranormal, mais como um enjoo no estômago.

– Conte tudo – falei suavemente, estendendo a mão para tocar seu braço. – Preciso saber.

Havia lágrimas em seus olhos, apenas um brilho, como se eu estivesse vendo seu coração se rasgar.

– Ele trabalhou em Bergen-Belsen por três anos, Sr. Garner. Não sei exatamente o que fez lá, mas ganhou dinheiro suficiente para conseguir papéis falsos e fugir antes do fim.

Belsen. Eu sabia mais sobre aquilo do que ela. Os britânicos encontraram milhares de corpos mortos naquele lugar, deixados para apodrecer no chão. Aqueles encontrados vivos estão em algumas das fotografias mais horrendas que você verá na vida. Esqueletos vivos com olhos mortiços, os poucos que sobreviveram. Bebês, mulheres, pilhas de crianças. Se há alguma coisa pela qual Deus cobrará da humanidade, algo do que nos envergonhar no dia do Julgamento, será o campo de concentração de Belsen.

– Meu pai era um homem frio, Sr. Garner. Ele nunca falou sobre seu passado. Apenas após sua morte vasculhei seus papéis.

Ela estremeceu e pensei comigo mesmo que não queria ver o que havia encontrado. Não naquele momento e nem nunca. Algumas coisas se cravam tão fundo em sua mente que você jamais consegue arrancá-las.

– O senhor voltará esta noite, Sr. Garner? Não dormi aqui desde que ele morreu, mas ainda o sinto. Eu o quero longe. Quero que esteja devidamente morto.

Eu concordei, pensando que teria de fazer planos para aquele caso.

– Você fica fora da casa – disse eu. – Voltarei quando estiver escuro.

Justiça seja feita, ela não recuou à ideia de me dar a chave de uma casa cheia de antiguidades. Acho que vira algo em meus olhos enquanto eu escutava. Confiava em mim e eu quase me esquecera de como isso era bom.

Fiquei de pé diante daquele velho lugar enquanto o sol se punha e me senti um pouco como um exterminador chamado para matar baratas. Tinha minhas ferramentas, óculos de proteção e meu macacão. Imagino que parecesse um exterminador. Também estava com minha caixinha de latão, com a Dama,

Geronimo e Thom. A Dama estava me empurrando, com aquele hálito na nuca que não parava, portanto sabia que estava tão ansiosa quanto eu.

Abri a porta e a fechei suavemente atrás de mim. Estivera em casas suficientes o longo dos anos para saber que aquele fantasma estava com raiva mesmo. Bem, por mim tudo bem. Eu também estava com bastante raiva.

Fiquei parado no saguão de entrada à luz do luar e sorri para mim mesmo ao sentir o ar correr e ficar sólido. Eu conheço o toque da Dama e não era ela. Talvez devesse ter ficado em pânico com a sensação de dedos frios tocando meu rosto, mas não fiquei. Eu realmente queria que ele estivesse ali. Queria que ele lutasse comigo.

– Estou chamando você, Erwin Trommler – disse em voz alta. – Apareça e veja o que tenho para você.

Eu achava que Geronimo e Thom eram fortes, mas nada me preparara para a sensação de dedos apertando minha garganta. Jogar coisas é quase fortuito, mas aquele ali tinha controle e força. Comecei a engasgar e, embora eu tenha movimentado as mãos diante do rosto, não havia nada para agarrar.

Abri a caixa. Na verdade não preciso, acho, mas isso funciona para mim e para eles. Acho que eles gostam de se lançar sobre um espírito que se acha durão. O sufocamento parou na hora e eu tossi e ofeguei, esfregando a garganta.

– Ataquem – disse.

Foi como estar no centro de uma explosão. Toda maldita coisa na casa quebrou como se tivesse sido atingida por um terremoto e o ar se encheu de cacos afiados. Não fosse pelos óculos acho que teria ficado cego. Eu lhe digo que nunca havia visto uma luta como aquela e pela primeira vez tive dúvidas se Geronimo e Thom podiam dar conta daquele.

Eles se agrediram através de paredes, de modo que eu podia ver grandes buracos surgindo do nada. O barulho era inacreditável e mal consegui um momento para pensar em se estaria vendo luzes girando do lado de fora antes que terminasse. A casa era isolada das outras na rua, mas não tinha ideia de como iria explicar isso aos policiais caso aparecessem. Começou a cair massa do teto e até mesmo as luminárias foram arrancadas. Eu cambaleei atrás deles e em alguns momentos pude ver formas e sombras fracas rosnando e lutando na poeira. Meus três fantasmas o contiveram por um tempo, porém ele se levantou e jogou Geronimo do outro lado da sala. O ar estava denso, ventos soprando como se estivéssemos em um penhasco.

Comecei a temer que fosse forte demais para todos nós, mas à luz da lua vi a Dama. Ela não era mais que uma vespa, como um pedaço de gaze arrastado de

um lado para o outro, no entanto se aproximou dele quando Geronimo foi derrubado e então eu a ouvi gritar pela primeira vez. Eu nem sabia que ela podia gritar. Deus, nunca mais quero ouvir aquilo.

Caí de joelhos, tal era a dor. Meus dentes vibravam, meu crânio zumbia e eu achava que ia vomitar. Torci para que Erwin Trommler estivesse levando a pior. Como a luta continuava, deixei meu almoço cair sobre o carpete, embora não fosse possível vê-lo naquele momento, com a poeira cobrindo tudo. Ainda vomitava em seco quando o barulho parou e o silêncio foi tão completo que achei ter ficado surdo. Então ouvi um carro passando do lado de fora e me levantei. Estava um pouco trêmulo, mas sorria. A Dama gritava, quem diria? Ela encurralara aquele velho espírito em um canto e eu sentia Geronimo e Thom se colocando acima dele, como se o desafiassem a se levantar e tentar novamente.

Olhei ao redor da ruína e senti alguma pena da filha, mas não demais. Ainda tinha trabalho a fazer e quase chorei quando senti a Dama respirando em meu pescoço de novo. Erwin Trommler não ousou se mexer enquanto procurávamos sua relíquia. Eu esperava cabelo ou algo assim. Em vez disso ela me ajudou a encontrar alguns velhos dentes em uma caixa no sótão. Eles tinham ouro e acho que foi por isso que ele os guardou quando caíram. Isso me fez pensar nos dentes de ouro que os nazistas arrancavam dos judeus nos campos e passei algum tempo chorando antes de descer. Não me envergonho disso.

Era por volta de meia-noite e ainda restava trabalho a fazer. Poderia ter queimado os dentes, mas tive algumas horas para pensar e comprar algumas coisas. Não queria destruir aquela relíquia. Queria que ela durasse mil anos, tanto quanto ele um dia pensara que seu Terceiro Reich duraria. Então enchi um pequeno pote de plástico com resina clara e os coloquei dentro. Fumei alguns cigarros enquanto ela endurecia, até parecer uma coisa pré-histórica presa em âmbar, sabe?

Depois disso peguei uma fina folha de chumbo e enrolei ao redor, dobrando o metal com os polegares. Não ficou bonito, mas tinha um belo peso em minha mão.

Eu me senti tolo trancando aquela porta atrás de mim, depois de todo o estrago que havíamos feito. A casa precisaria ser desmanchada e todos os aposentos daquele andar reconstruídos, mas eu estava satisfeito. O luar iluminou o caminho enquanto eu dirigi até o mar. Havia fretado um pequeno barco naquela tarde e embora não soubesse nada sobre barcos, imaginei que não seria muito difícil levá-lo até águas profundas e jogar aquele bloco de chumbo pela amurada, onde ele afundaria para a escuridão eterna. Queria que ele sufocasse por toda

eternidade.

Disse que não nasci com este nome. Minha mãe era rígida, mas talvez fosse assim por ter visto coisas que ninguém deveria ver. Ainda me lembro dos números azuis desbotados no seu braço. Ela nunca falara sobre isso e se passaram anos antes que eu soubesse o que era e porque ela não usava mangas curtas nem no verão. Quando eu ainda era bebê ela trocara meu nome de Jacob Grossman para Jack Garner. Como muitos antes, ela recomeçara a vida no Novo Mundo. Deixara muito para trás, porém aquelas marcas azuis nunca saíram.

Fiquei de pé naquele barquinho segurando a caixa de chumbo sobre águas profundas. Mesmo ali, com as luzes da cidade cintilando a distância, podia sentir a luta que eles tinham de travar para mantê-lo imóvel. Ah, ele lutara, e como lutara. Espero que o tenham machucado enquanto o dominavam. Eu soltei a relíquia e ela desapareceu no negror. Senti como se um peso houvesse sido retirado de mim, um que eu sequer sabia que carregava. Era uma sensação boa e fiquei ali vendo o sol nascer.

Gostaria de dizer que me aposentei depois, mas não fiz isso. Apenas fui para Memphis.

Hellbender

LAURIE R. KING

Eis um exame fascinante de um futuro não tão distante em que, infelizmente, a intolerância não é coisa do passado.

Sucesso de vendas do *New York Times* e ganhadora do prêmio Edgar®, Laurie R. King é a autora da série de romances em 11 volumes Mary Russell, uma das mais bem-sucedidas homenagens modernas a Sherlock Holmes, contando as aventuras de uma jovem que conhece um Holmes aposentado vivendo como apicultor em Sussex; ela se torna sua aprendiz, parceira e, finalmente, esposa. Entre os romances Mary Russell estão *The beekeeper's apprentice*, *A monstrous regiment of women*, *The game*, *The language of bees* e sete outros. Além disso, King é autora da série de cinco romances de detetive modernos Kate Martinelli, consistindo de *A grave talent*, *To play the fool*, *With child*, *Night work* e *The art of detection*, e dos romances de único volume *A darker place*, *Keeping watch*, *Califia's daughters*, *Touchstone* e *Folly*, esse último ganhador do prêmio Macavity. Seu livro mais recente é *Pirate king*, romance da série Mary Russell.

Eu olhei por cima da escrivadinha para minha nova cliente, pensando no que diria se eu pegasse a garrafa e lhe oferecesse um drinque.

Talvez fosse um pouco cedo naquela manhã. Talvez um pouco puritana.

– Senhorita Savoy, eu...

– Senhora.

A linda fungada que ela deu na verdade não combinava com a secura da correção, mas deixei passar e voltei os olhos para a folha de papel. Havia oito nomes nela. Ao lado de cada um, uma data, remontando oito meses. As primeiras sete linhas eram digitadas, saídas de uma impressora. A última, e sua data, duas semanas antes, eram manuscritas.

– Sra. Savoy, tenho de dizer que não estou realmente certo do que está me pedindo para fazer. Qual dessas pessoas quer que eu encontre?

– Todas!

Com isso ergui meus olhos para os dela. Eram grandes e azuis, e com lágrimas suficientes para transmitir a mensagem, mas não o bastante para ameaçar a maquiagem. A cor tinha de ser algum tipo de lente, pensei – embora fosse possível jurar que os cabelos eram naturalmente louros.

Fato interessante: as pessoas do tipo dela simplesmente não nasciam loiras.

– Não trabalho com processos coletivos, Sra. Savoy, e esses muitos nomes me manterão ocupado por semanas. E se começássemos por um deles e víssemos até onde podemos ir?

Eu podia notar pelas roupas que ela não tinha o tipo de dinheiro sobre o qual estávamos falando – seus sapatos e casaco haviam custado uma boa soma um dia, mas isso havia sido muitas lavagens antes.

– Bem, então seria Harry. Ele foi o último a partir; o último do qual tenho conhecimento; mas o que eu conhecia havia mais tempo.

E, ela poderia ter dito, era o mais importante.

– Certo, comece por ele.

– Bem, ele desapareceu há duas semanas. Eu deveria...

– Fale um pouco sobre Harry, para começar. Há quanto tempo o conhece?

– Basicamente minha vida inteira – disse ela, soando surpresa. – Harry é meu irmão. Harry Savoy.

– Hã-hã – resmunguei, um ruído que tentei fazer parecer neutro, mas que saiu um tanto incrédulo.

– Não, verdade. Fomos ambos adotados, com um ano de diferença.

Eu fiz o ruído novamente, embora dessa vez tenha injetado um pouco mais de compreensão. Eu sabia o tipo de pessoa que adotava mais de um do tipo daquela mulher: você provavelmente também. Quer você os chame de bem-intencionados, santos ou apenas iludidos, normalmente são muito religiosos. O que é engraçado, considerando que aqueles que prefeririam eliminar totalmente o tipo dela também se dizem religiosos.

De qualquer modo.

– Eu tinha 2 anos quando fui adotada, mas Harry tinha quase 5. Eu nunca soube exatamente como havia sido sua vida anterior, a não ser que havia sido dura. Para começar, ele era mais... Quero dizer, você pode dizer que eu...

– É.

Embora seja verdade, muita gente poderia não saber no caso dela, e certamente não de imediato. Ainda assim, eu soube no instante em que entrou. Maquiagem e cirurgia podem esconder a superfície, mas há uma espécie de flexibilidade geral que simplesmente se destaca quando você sabe para o que está olhando. E

quando você não sabe... Bem, digamos apenas que muitas do tipo dessa garota ganham a vida como se movem.

– Harry era mais óbvio do que eu. Ele tinha até pequenas linhas em que suas guelras quase apareciam. E como vivia em um bairro violento, esteve sujeito a muita dor.

Eu assenti, mantendo o rosto neutro.

– Uma assistente social o tirou da família depois do segundo braço quebrado. Mamãe e papai ouviram falar nele e primeiramente o abrigaram, depois o adotaram. Então Harry foi meu irmão mais velho desde quando eu tinha 3 anos. Harry é brilhante, brilhante mesmo, mas decidiu cedo que não iria suportar mais cretinice de ninguém. Quando adolescente, ele se meteu em muitas brigas, embora depois de ter crescido os garotos tivessem parado de provocá-lo tanto. No entanto ele se recusou a fazer qualquer concessão, nunca fez tratamento algum, sequer quis fazer A Cirurgia. Ah – exclamou ela, com um belo rubor subindo por suas faces. – Eu não quis, quero dizer, não pretendia... jamais criticaria o que os outros escolhem fazer.

Minha bebida parecia cada vez mais apetitosa. Poderia ajudar com a sala, que de repente parecia um pouco fria.

– E quem criticaria? – concordei, dando de ombros levemente para mostrar como estava desinteressado.

Uma pequena ruga de preocupação surgiu entre aqueles lindos olhinhos.

– Mas... quero dizer, você também é um, não?

– Um o quê?

Uma coisa idiota a dizer, mas ela me apanhara de surpresa. Muito tempo se passara desde que alguém me descobria tão rápido. A maioria das pessoas me considera um cara jovem com um pequeno problema de pele. Eu até mesmo aperfeiçoei um caminhar rígido que fazia meus calcanhares produzirem choques até o pescoço e dava dores nas costas, mas ajudava a disfarçar.

– Um de nós. Um... SalaMan.

Eu nasci na segunda década do milênio. Ah, eu primeiro passei alguns anos em um congelador, depois muitos anos mais em um limbo legal antes do caso finalmente atravessar todos os tribunais para me dar uma certidão de nascimento, mas a concepção mesmo se deu quando aquele aluno cretino de faculdade metido a espertinho remexeu num pouco de DNA para ver o que aconteceria e considero que a concepção foi quando eu comecei.

Quando Elizabeth Savoy foi ao meu escritório naquela manhã de terça-feira eu

respirava havia 31 anos, embora parecesse ter apenas 20. E algumas vezes me sentia com 50.

Fato interessante: as pessoas não sabem quantos de nós existem. Ah, você pode pensar que sabe, e pode apostar que o Tio Sam sabe, mas não foram necessárias muitas bombas e conflitos para que até o governo entendesse que amenizar as coisas poderia ser uma ideia inteligente. Assim que os supremos tribunais tomaram a decisão relativa à nossa condição humana, os federais estavam a postos, e praticamente tudo sobre nós desapareceu: números, características, identidades. Eventualmente há até mesmo boatos na internet dizendo que não passamos de um mito, o que para mim não é problema.

No que diz respeito ao governo, o único momento em que somos minimamente diferentes de qualquer outro cidadão é quando escolhemos ser. Desde o início eles juraram que estabeleceram os registros de modo que nem mesmo eles sabem quem somos a não ser que escolhamos procurá-los. O que foi difícil de acreditar, mas pelo menos eles mantiveram as mãos longe de nós. Todos receberam conselhos; todos sabem que é uma boa ideia levar qualquer problema médico a um dos especialistas deles em vez de ficar imaginando se o médico comum sabe o que está vendo; todos têm ciência da oferta permanente de dinheiro, abrigo e proteção vitalícios caso seja o que queremos. E caso contrário, bem, ganhamos um aperto de mão e votos de boa sorte, que é mais do que a maioria dos outros cidadãos tem.

Fiquei pensando em como minha cliente me encontrara. Não posso dizer que tenha uma placa do lado de fora anunciando “Investigações SalaMan”.

Aproximadamente um quarto dos meus genes vem de uma espécie chamada *Hellbender*, um bicharoco que é quase tão feio quanto a maioria do seu tipo (embora pelo menos o nome seja legal; e se nosso DNA viesse de “filhotes da lama” ou, Deus nos ajude, salamandras “vazadoras”?). Aquele estudante lunático Joey Handle tinha de ser um gênio, pois ele ajustou, equilibrou e brincou de Deus com o material de *Cryptobranchus alleganiensis* e *Homo sapiens* para criar para si mesmo uma raça de Outros, de um modo que ninguém mais conseguiu até hoje.

Ou, pelo menos, fez isso para provar a si mesmo que conseguia. Ninguém sabe se ele pretendia esquentar todos os seus embriões congelados e ver se eles se remexiam ou apenas jogar a todos nós no sanitário e dar a descarga. Suspeito da segunda opção. Mas antes que o menino-prodígio pudesse decidir, os seguidores loucos do reverendo Tommy Bostitch tomaram o laboratório, sem saber realmente o que havia ali além de um grande pecado. Foi quando nos

encontraram e de repente enfiaram em seus pequenos cérebros bem-intencionados que Deus queria que eles nos dessem a vida.

Os homens do reverendo Tommy já eram ruins, mas e as mulheres que estavam sob sua lábia? Quão maluca você tem de ser para oferecer seu útero para ser fertilizado com o que você sabia que seria um monstro? Malucos religiosos simplesmente me tiram do sério. Embora eu deva a eles minha existência.

Mamãe foi uma das sortudas, digamos assim. Para começar, eu sobrevivi, o que a maioria dos Filhos de Handle não conseguiu. Ela não era uma das seguidoras diretas do reverendo Tommy, portanto não morreu com as outras no ataque de alguns anos depois. E para completar, eu parecia o suficiente com um bebê humano para que as pessoas não gritassem e saíssem correndo quando me viam. Mas ela se ofereceu para receber um implante apenas uma vez. E deve ter me culpado pelo divórcio. De qualquer forma, nosso relacionamento não era exatamente terno. Acho que deve ser difícil para um mamífero puro se sentir muito maternal com um bebê que é um pouco frio e talvez meio viscoso. Como minha cliente disse, alguns de nós são mais óbvios que outros.

Contudo, por alguma razão, a primeira rodada de implantes não interrompeu totalmente o programa de nascimentos. Caso contrário, haveria muito menos de nós e todos teríamos a mesma idade.

Cerca de um ano depois do roubo dos embriões, os primeiros de nós nasceram. Aproximadamente um mês depois disso o governo descobriu que estava acontecendo alguma coisa estranha. E a partir de então... Bem, quando eu tinha 18 anos os tribunais haviam decidido que eu era um cidadão.

Depois de algum esforço e cirurgia, eu conseguia disfarçar. Podia até mesmo dormir com mulheres sem que elas surtassem, já que havia feito o que minha cliente delicadamente chamou de A Cirurgia (embora eu ainda fosse estéril, como todos os outros). E nos oito anos desde que pendurara minha placa de investigador particular, só tivera outro cliente SalaMan, e ele chegara à minha porta por acaso.

Então, como você pode imaginar, eu não estava exatamente feliz com a Sra. Savoy.

Abri a gaveta da minha escrivaninha e tirei a garrafa e dois copos pequenos, enchendo ambos até em cima. Virei o meu e o enchi novamente. Para minha surpresa, a Sra. Savoy pegou o dela e tomou metade sem piscar.

Talvez não fosse tão pudica quanto parecia.

– Certo, então seu irmão Harry sumiu – disse, nos levando de volta ao assunto.
– Você prestou queixa de desaparecimento?

– Sim, embora a polícia não estivesse interessada.

– Eles disseram que ele é crescido, pode ir embora se quiser.

Minha licença significava que eu tinha de prestar atenção nas regras do que um investigador particular podia ou não fazer. Tinha um parceiro na polícia, mas não gostava de pedir favores demais a Frank.

– Você diz que seu irmão é um sujeito que não se interessa nada em disfarçar. Acha que isso está ligado ao desaparecimento dele?

– É de se pensar – disse ela.

Eu tinha de concordar; a cada ano, mais ou menos, havia novas manchetes sobre um SalaMan que incomodou um saláfobo e foi espancado, ou pior.

– É, o ativismo pode ser um passatempo perigoso. O que ele estava fazendo quando desapareceu?

– Ele tinha uma amiga, uma mulher que...

– Uma amiga ou uma amiga íntima? – perguntei, interrompendo.

– Acho que era sério, porém não tenho certeza. Só vi Eileen duas vezes, mas gostei muito dela. E há umas seis semanas ela simplesmente sumiu. Mandou uma mensagem de texto, sequer telefonou, para dizer que não podia suportar e estava indo para casa. Quando ele foi ao apartamento dela a maioria das coisas estava lá, mas não ela. Estava convencido de que alguma coisa acontecera. Estava tentando encontrá-la. O nome dela está na lista, bem acima do dele. E agora ele também está sumido.

O nome de Harry era o escrito à mão no fim da lista impressa.

– Quem são os outros?

– Não estou totalmente certa, mas acho que são pessoas como nós.

Eu gostaria que ela parasse de colocar a coisa dessa forma.

– Encontrei esse papel na gaveta da escrivaninha de Harry há dois dias. Estava por cima, então acho que podia ser algo no que ele estava trabalhando, uma reunião, um artigo ou algo assim. E reconheci dois dos nomes, além do de Eileen, claro. Imogen e Barbara foram minhas colegas de escola. Então tentei encontrá-las para descobrir se Harry entrara em contato. No entanto também estavam desaparecidas. Ambas.

Eu tinha de concordar que as chances de coincidência eram muito pequenas.

Então peguei o cheque dela e fui trabalhar.

Harry, o irmão, tinha um apartamento de terceiro andar em uma área dilapidada

da cidade, perto da água, um endereço que por si só me deixaria desconfiado dele. E quando entrei, usando a chave que a irmã me dera, tive certeza. O ar era tão úmido que a pintura das paredes estava descascando e era possível sentir o cheiro do mofo, apesar dos exaustores. O que me dizia que Harry tinha o tipo de pele que precisava estar úmida. A umidade era uma das razões pelas quais tantos do tipo dele – certo, do meu tipo – viviam em São Francisco. O que por sua vez era uma das razões pelas quais eu vivia em Oakland, onde, sendo mais seco e mais quente, as pessoas não ficavam automaticamente pensando se você era Um Deles.

Fiquei parado no pequeno dois quartos arrumado, escutando o zumbido baixo das duas máquinas adversárias – uma para deixar o ar úmido, a outra para combater os efeitos da umidade – e esperei que o lugar me contasse algo sobre Harry. Ele era um sujeito ordeiro, isso eu podia ver. Gostava de pisos nus e móveis simples e cores nas paredes. Não muitos livros, mas livros não gostam de umidade, então isso não era exatamente incomum.

Mais interessante, o lugar havia sido vasculhado. Tão cuidadosamente que você não teria percebido a não ser que tivesse feito muitas buscas cuidadosas pessoalmente. E mesmo eu não teria percebido se o sol não estivesse alto ou se Harry gostasse um pouco menos de luz do sol.

Isso me fez parar um momento. Mas no final das contas eu estava ali com a autorização da irmã do dono e certamente minha presença seria registrada em alguma câmera do bairro. Então fui em frente com minha busca, ficando de olho em grampos, mas ou o sujeito que vasculhara o lugar era melhor em plantar equipamentos de vigilância do que era em colocar os vasos de volta sobre superfícies empoeiradas, ou não havia nada.

O irmão da minha cliente gostava de umidade, mas também gostava de luz, o que era incomum, considerando a sensibilidade dos olhos da maioria dos SalaMen. Suas paredes eram pintadas de branco reluzente, as lâmpadas nas luminárias eram fortes e as cortinas finas nas janelas eram projetadas para impedir a entrada de olhos, não de claridade. Indo para a cozinha vi que era um cozinheiro, com um punhado de panelas ao estilo asiático e especiarias, mais facas do que já vira fora de um bistrô francês e uma máquina de expresso do tamanho de um carro compacto. Os prazos de validade em sua geladeira não ajudavam a indicar sua partida, embora eu não visse nada que já estivesse vencido.

E sua disposição de abraçar o lado anfíbio de sua ascendência não chegava ao paladar, você não acreditaria nas coisas que alguns do tipo dele, do nosso,

tentavam colocar em seus pratos.

Ou talvez acredite.

Seu closet tinha uma mala. O banheiro tinha escova de dentes, barbeador elétrico e uma bolsa de viagem em uma gaveta. O pequeno armário embutido perto da porta da rua tinha um sobretudo, uma capa de chuva e um casaco de couro e os únicos cabides vazios estavam semicultos pelos ocupados. Tudo isso sugeria que quando Harry saía, não esperava ficar muito tempo fora.

Apertei dois botões na máquina de expresso, levei a xícara com a poça densa e negra resultante até a escrivaninha de Harry e me sentei para ver as gavetas.

A primeira coisa que vi foi uma caixa de balas. Estava junto a uma lata de óleo e um pano de limpeza. A caixa estava pela metade. Eu me levantei e fui procurar em todos os lugares prováveis para se esconder uma arma: mesa de cabeceira, atrás do toalete, na lata de farinha. Nenhuma arma.

Fiquei pensando em se ele tinha porte. Não era fácil conseguir portes aqui na Califórnia.

Minha colherada de expresso esfriara, então apertei os botões novamente e deixei o xarope poderoso pingar na xícara, depois retornei à escrivaninha.

Quatro xícaras mais tarde meus nervos estavam à toda e eu sabia mais algumas coisas sobre Harry Savoy. Sua irmã me contara que ele era uma espécie de artista gráfico especializado em desenho arquitetônico e que trabalhava em casa. O aposento que usava como escritório era mais seco que o restante, provavelmente por causa do equipamento. Eu fora lá após ter arrancado o que podia de sua escrivaninha e encontrara um computador de mesa com uma base de desenho de primeira categoria, uma tela gigantesca num suporte de parede e uma impressora com papel de um metro de largura. Não toquei na maioria das coisas, embora tenha ligado o computador tempo suficiente para ver que a maioria dos arquivos era protegida por senha. O que estava além das minhas habilidades pessoais, embora tivesse um amigo que poderia me ajudar caso fosse necessário.

Seus arquivos em papel me disseram que ele ganhara um bom dinheiro e investira uma parte. Seu equipamento me dizia que a maioria dos seus amigos estava na rede, por intermédio da WeWeb, embora ele também tivesse uma página no Facebook. Fechei o computador sem entrar em nenhum deles e fiquei um minuto sentado, olhando para a meia dúzia de fotos emolduradas na parede acima da escrivaninha.

Harry tinha boa aparência. Minha cliente não mencionara isso, talvez não fosse coisa que uma irmã percebesse, mas as fotos em grupo tinham uma pessoa em comum, um sujeito com um olhar escuro e intenso que, imaginei, chamaria

muita atenção, mesmo sem a flexibilidade que estou certo de que tinha quando se movia. Arma, boa aparência, dinheiro: talvez não precisasse procurar além da vida pessoal do velho Harry para encontrar um motivo.

Mas eu o faria. No mínimo porque tinha de merecer o cheque que estava em meu bolso. Anotei seus números de telefone a partir das contas e fiz cópias dos extratos dos meses anteriores dos cartões de crédito que usava. Ele tinha uma caderneta de endereços, uma coisa velha dilapidada que funcionava como backup do telefone dele, mas anotei alguns dos endereços que pareciam mais recentes.

Não achei laptop, tablet nem o telefone.

Mas fiz uma descoberta muito interessante, escondida em um lugar tão inteligente que quase não percebi, dentro da ventilação do aquecedor, sob uma lateral falsa que parecia exatamente como as outras três. Eu tirei e me sentei no chão para examinar: um envelope de 22 x 30 cm com impressões e recortes, 19 no total, que fizeram meu cérebro rodopiar por um momento até uma vizinha me dizer que devia ser um bom momento para partir. Levando o envelope comigo.

No final das contas eu talvez precisasse dar uma olhada nos outros nomes daquela lista.

Quando finalmente cruzei minha própria porta da frente, tarde daquela noite, fiquei em pé no escuro por um longo tempo, me esforçando para ouvir acima das batidas do meu coração. Idiotice ter deixado minha arma no cofre. Idiotice, idiotice deixar que os hábitos paranoicos enferrujassem.

Depois de um longo tempo meus olhos não revelaram nenhum movimento. Nenhum invasor atirou em mim, me esfaqueou nem esbofeteou e não ouvi nada fora de minha pele. Quando forcei minha mão a acender a luz, a única coisa que olhou para mim foi meu reflexo perturbado no espelho. Bom que eu não tivesse uma arma na mão, disse a mim mesmo, ou teria aberto um buraco na parede.

Mas só porque não havia ninguém esperando por mim (e ninguém no banheiro nem no closet), isso não significava que eu estivesse seguro. Em noventa segundos eu estava com minha arma, meu chapéu, minha reserva de dinheiro de emergência, uma camisa limpa e saía pela porta.

Deixei meu carro onde o estacionara e fui a pé.

O que garantia minha segurança; agora era a vez da minha cliente. Sempre soa mal quando um investigador particular perde um cliente. E, de qualquer modo, ela provavelmente iria estar me devendo muito quando eu tivesse terminado.

Ela estava dormindo, claro, já que faltava pouco para as duas da manhã. Ou pelo menos eu esperava que estivesse apenas dormindo. Sua casinha em Sausalito (outro lugar com ar úmido e postura de tolerância) estava às escuras, como as de todos os vizinhos, então dei um jeito na fechadura da frente e entrei, se batesse alto o bastante para acordá-la, também acordaria os vizinhos, sem falar em alertar alguém inamistoso que estivesse escutando. O gato quase me causou um ataque do coração, um lampejo de movimento quase ultravioleta seguido por um ruído de tapa no aposento ao lado e estive talvez a meio micron de colocar o gatilho em funcionamento antes de meu cérebro traduzir o movimento e gritar para que parasse. Reduzi a pressão, um pouco trêmulo: sorte minha que ela não tinha um rottweiler.

Respirei um pouco, farejando qualquer sinal de morte, sangue e terror, mas a casa cheirava bem, a comida e flores. Como ela, de fato. E apenas como ela, o que sugeria que vivia sozinha.

Eu então pigarreei e comecei a falar em voz baixa.

– Sra. Savoy? Elizabeth? É Mike Heller, o investigador que contratou. Elizabeth, por favor, se estiver aqui eu preciso que acorde. É Mike Heller e eu descobri algumas coisas que me levam a pensar que não está segura aqui. Lamento invadir dessa forma, mas foi preciso. Ahn, Sra. Savoy? Está aí? É o Mike...

As luzes se acenderam de repente, ofuscando meus olhos adaptados à escuridão. Minha mão direita teve outro espasmo e eu pisquei com força.

– Sr. Heller? O que está fazendo aqui?

Eu soltei o ar. Teria de ir para algum lugar bem tranquilo no final daquele maldito caso. Supondo que ainda estivesse vivo, claro. Deixei a arma baixar para o lado do corpo, mas não a guardei.

– Sra. Savoy, temo que possa estar em perigo. Preciso que coloque algumas coisas em uma bolsa e venha comigo.

– O quê, agora? Que horas são, aliás?

– Hora de partir, se quiser viver.

O movimento no umbral escuro se transformou em uma figura vestindo pijamas justos. Seus cabelos apontavam em todas as direções, o rosto não tinha maquiagem e ela apresentava uma marca de travesseiro vermelha em uma das faces. Estava absolutamente fantástica.

– É Harry, não é? O que descobriu?

– Eu vou sair daqui em dois minutos, com ou sem você. Posso falar sobre Harry depois, quando tiver certeza de que está em segurança. Você vem ou não?

- Não posso... Como você... Você invadiu minha casa!
- Não podia ter certeza de que não estava sendo vigiada. Ainda não posso ter.
- Saia!

Recuei um passo na direção da porta.

– Se é o que deseja, eu vou embora. Mas não poderei mantê-la em segurança se não estiver comigo.

– Não posso simplesmente ir embora. De qualquer forma, tenho de estar no trabalho daqui a pouco!

– Avise que está doente. Sra. Savoy, eu realmente gostaria que confiasse em mim. Juro, sinceramente não está segura aqui.

Eu sentia os segundos correndo no relógio, mas fazer o quê? Nocauteá-la e levá-la embora? Eu só podia tentar parecer sincero e esperar que ela se convencesse.

O modo como o fez me abalou mais do que qualquer coisa que havia acontecido naquelas 24 horas tumultuadas. Ela olhou para a arma balançando na ponta do meu braço, então ondulou através da sala naqueles pijamas justos até ficar na minha frente, com seus olhos de aparência humana. Depois estendeu as duas mãos para puxar meu rosto até o dela e me beijou.

Fato interessante: o imprevisível na combinação genética é a distribuição das características de cada lado. As salamandras têm muito DNA em suas células – provavelmente a razão pela qual se combinam facilmente com outros – , mas muito poucos de nós saíram das barrigas de aluguel com aparência de réptil (pelo menos muito poucos dos que viveram). E apenas um punhado de nós tem rabos, manchas ou quatro dedos em vez de cinco. E embora eu tenha ouvido falar do pobre infeliz cujo rabo insiste em se regenerar depois da cirurgia, nunca acreditei que qualquer um de nós pudesse projetar as línguas ou transpirar veneno pela pele.

Mas sem dúvida, muitos de nós fazemos coisas diferentes do *Homo sapiens* habitual.

Um grande efeito colateral daquela vitória na Suprema Corte foi que temos tanto direito quanto qualquer um de manter distância das mãos dos cientistas (motivo pelo qual algumas vezes se vê anúncios na WeWeb ou no Facebook implorando por voluntários SalaMen). A ciência nos vê com um anseio que beira a lascívia. Oferece quantias consideráveis para que participemos de estudos, depois alegremente escreve ensaios eruditos sobre todas as nossas estranhezas, de feromônios e órgãos sexuais internos (sendo a ciência tão fascinada com nossos órgãos pré-Cirurgia quanto os tabloides) à capacidade de estender o

espectro visível até o ultravioleta. Qualquer um de nós que prove ter perdido uma cicatriz ou regenerado um dedo e não se importe em passar o resto da vida sob um microscópio nunca mais terá de trabalhar um dia que seja.

Mas uma coisa sobre a qual nunca li na literatura acadêmica, provavelmente porque os cientistas nunca pensaram em perguntar, são as estranhas utilidades das membranas mucosas de alguns Salamens.

Elizabeth Savoy não estava me beijando, estava provando a verdade em mim. Ela demorou um tempo e certamente ambos desfrutamos daquilo, mas sabíamos o que ela estava fazendo. E sabíamos o gosto que ela sentiu.

Sem uma palavra, ela voltou ao quarto. Ouvi uma gaveta ser aberta.

Eu apaguei a luz do teto que ela havia acendido com alguma espécie de controle remoto e fui para o aposento onde o gato havia desaparecido. A luz externa de um vizinho delineava os armários de cozinha e eu os abri até encontrar um saco de ração, que coloquei no chão com a parte de cima aberta. Peguei uma tigela grande e a enchi de água, e coloquei ao lado do saco. Com as responsabilidades felinas de minha cliente cumpridas, pressionei meu rosto nas janelas, estudando as possibilidades. Pensando se o que encontrara na casa de Eileen Jacobs era apenas o café de Harry fazendo efeito em meus nervos. Mas achava que não.

Já haviam se passado mais que os dois minutos que dera a ela, mas menos de três quando ouvi a descarga do banheiro e pés calçados cruzando o aposento. Minha cliente pegou um casaco no armário embutido junto à porta, vestiu-o e pegou a pequena bolsa.

– Está trazendo todo o dinheiro que tem? – perguntei. – Remédios necessários, óculos, identidade?

– Dinheiro, algumas joias, minha carteira de motorista e passaporte. Nada de comprimidos ou óculos.

– Desligue o telefone celular. Melhor, tire a bateria.

Ela sacou um cartão plástico de aparência cara, abriu a parte de trás e jogou a bateria e a máquina então inerte de volta na bolsa.

Saímos pela porta dos fundos, contornando o pequeno jardim, passando pelo portão e subindo a escada caracol que se afastava da água até o lugar onde eu deixara a motocicleta que pegara emprestada de um amigo em Berkeley sem ele saber. Sobre duas rodas, e depois quatro, eu levei minha cliente para fora da baía, fazendo retornos, seguindo da forma mais invisível que sabia, dando toda atenção ao espelho retrovisor e fornecendo apenas as informações necessárias para mantê-la comigo. Finalmente, no final daquela tarde, paramos em um motel

de beira de estrada em Sacramento, nos registrando como marido e mulher, em um quarto com duas camas.

Ela se virou para mim no instante em que a porta se fechou.

– Certo, você passou o dia inteiro me embromando porque precisava se concentrar em nossos perseguidores. Agora finalmente estamos aqui, seguros o bastante para você responder uma ou duas malditas perguntas?

– Sim – eu disse, – mas...

– Ai, meu Deus!

– Olhe, Elizabeth. Estou cansado e nervoso. Até você parece prestes a pisotear um cachorrinho. Vá tomar uma chuveirada, eu arrumo alguma comida, tomaremos um drinque e depois disso conversaremos quanto tempo você quiser.

Ela me dispensou com um gesto, mas foi suficientemente honesta consigo mesma para admitir que o apelo do chuveiro superava sua impaciência.

Telefonei para um restaurante chinês próximo que fazia entregas e disse ao sujeito que daria uma boa gorjeta se ele pegasse seis cervejas geladas e alguma coisa de chocolate para mulher no caminho. A comida e a bebida chegaram quando minha cliente terminava seu longo banho; paguei a ele em dinheiro, mantendo a cabeça baixa para o caso de alguém lá fora estar mostrando uma foto do meu rosto. Quando ela saiu do banheiro eu entrei; enquanto fechava a porta ouvi o barulho de uma cerveja sendo destampada.

Tenho de admitir: passei a maior parte da minha vida fingindo ignorar a rigidez de minha pele e a secura de lixa do ar, mas algumas vezes não consigo evitar de me refestelar na delícia que é a água. Aquela foi uma delas.

Eu estava seco apenas pela metade quando a ouvi chamar meu nome em uma voz que me fez sair de lá com a arma em uma mão e as pontas da toalha na outra.

Ela olhava para a TV, ligada no noticiário das seis. O jovem repórter estava de pé diante de um lugar que eu inicialmente não reconheci, e apenas em parte porque só o vira à noite. A principal razão era que a casa que havia ali não existia mais.

– ...ligou para 911, mas quando os carros conseguiram subir as colinas estreitas desta comunidade de artistas e boêmios a casa já estava tomada pelas chamas. A vizinha Alison Stanford descreve a cena.

A vizinha Alison Stanford era uma japonesa baixa de uns 60 anos, vestindo roupas artísticas e com uma expressão excitada. Ela descreveu honestamente como acordara com as sirenes, vira as chamas se projetando da rua (ela realmente usou essa expressão) e agora esperava para ver se a mulher simpática

que morava ali sobrevivera.

– Eu encontrei o gato dela em meu pátio – disse a Sra. Stanford. – Demorou um pouco para que ele me deixasse chegar perto, mas o peguei e o levei para dentro. Espero que a dona esteja bem.

A Sra. Stanford parecia mais excitada com o flerte com a fama do que preocupada com a segurança da vizinha. Eu voltei ao banheiro para trocar a toalha pelas minhas calças e acrescentar uma camisa limpa, depois saí e tirei o controle remoto da mão apertada de minha cliente, pressionando o botão de desligar. Fez-se o silêncio.

Elizabeth deu um suspiro trêmulo, depois ergueu seus olhos para os meus.

– Harry está morto, não está?

– Ainda não sei. Descobrir o que aconteceu vem em segundo em minha lista de coisas a fazer. A primeira é mantê-la viva.

– Mas por que alguém iria querer me matar?

– A casa do seu irmão foi vasculhada. Também a de Eileen – disse, dando a ela o envelope de impressões. – Harry escondeu isto muito bem.

Ela tirou as páginas, 14 impressões e três recortes de jornal, todos eles notícias do país inteiro. Não demorou para compreender o sentido, já que todas as matérias seguiam o mesmo padrão. Alguém morrera, ou desaparecera, ou desaparecera e depois fora encontrado morto.

Quatro dos nomes estavam na lista que minha cliente me dera em meu escritório na manhã anterior.

As matérias variavam de pequenas colunas até metade da primeira página de um jornal de cidade pequena. Ela leu três, a seguir trechos das cinco outras e depois apenas passou os olhos pelo restante. No fim, dobrou-os e olhou para mim. Parecia perdida e assustada. O que era bom.

– Todos eles são... nós, não é?

– SalaMen? Difícil ter certeza, mas acho que sim.

Apenas duas matérias diziam isso claramente, mas três outras definiam as vítimas como “reclusas” (significando nervosas quanto a convidar pessoas às suas casas) e cinco delas tinham citações sobre a beleza pouco convencional da pessoa desaparecida ou morta: aquele apelo sinuoso fazendo o trabalho subliminar.

– Mas tantos? Como a polícia pode não saber?

Essa era a verdadeira questão. Eu podia entender que a polícia não percebesse, já que qualquer base de dados de crimes precisa de algum ponto de similaridade para deflagrar um alerta e aquelas eram apenas oito pessoas não relacionadas, de

todo o país, que haviam desaparecido. A única coisa que as ligava, se Harry e a irmã estivessem certos, era sua composição genética. E se os próprios federais dessem o alerta estariam admitindo que sua política de distanciamento da comunidade SalaMan não era tão completa quanto diziam.

Não seria a primeira vez que um órgão governamental tomava partido a sangue frio da própria proteção como se fosse mais importante que preocupações humanitárias. Especialmente quando boa parte da população não nos considerava exatamente humanos.

Minha cliente fungou. Eu olhei e a vi olhando baixo para sua cerveja, uma lágrima correndo pela face.

– Pelo menos meu gato está bem – disse.

Com isso me dei conta de que segurava o gargalo da minha cerveja com tanta força que meus dedos estavam dormentes. Estava furioso, mais furioso que me sentira em muitos anos. Se os federais podiam ter impedido isso e não o fizeram, se os federais ficaram parados enquanto Elizabeth Savoy entrava em uma listinha suja de saláfobos...

Eu pousei a garrafa e dei à minha cliente uma caixa de comida chinesa.

– Coma – ordenei, e me sentei para fazer o mesmo.

Quando ambos havíamos relaxado um pouco eu disse:

– Certo. Conte de novo como você conhece as pessoas na lista de Harry.

– Como eu disse, só conheço Eileen e Harry. Duas outras, Imogen e Barbara, foram minhas colegas de faculdade, embora não as visse havia anos. E agora que estou pensando, o sujeito chamado Hal Andrews, Imogen namorou um cara chamado Hal algum tempo, e o nome dele podia ser Andrews, embora não tenha certeza. E o sujeito chamado Benny? Bem, lembro vagamente de Harry mencionar alguém com aquele nome na época em que morou em L.A. Os outros não me dizem nada.

– Você manteve contato com pessoas da faculdade?

– Ah, perdemos contato umas com as outras durante muito tempo, mas então elas entraram para o grupo de Harry no WeWeb e voltamos a nos falar.

– Fale sobre o grupo de Harry no WeWeb.

– Se você acha que algum grupo de intolerantes nos transformou em alvo por causa disso, não acredito. Harry era, é, muito cuidadoso. Qualquer um interessado em ingressar tem de esperar por um encontro pessoal. Ele precisa ter certeza. Não, seria realmente difícil penetrar nesse grupo.

Eu peguei mais uns bocados de carne *kung pao* fria, refletindo que penetrar em um grupo não era exatamente o que eu tinha em mente.

Eu podia sentir em meu bolso as duas impressões que tirara do envelope de Harry antes de dá-lo à sua irmã.

Eram ambas páginas da rede social WeWeb. Uma pertencia a Eileen Jacobs e acompanhava uma discussão sobre um filme no qual estava trabalhando, fazendo cenografia. A outra pertencia a um sujeito chamado Bill Mayer, que postava principalmente sobre um time de baseball de crianças que eu acho que ele treinava.

Mas o motivo pelo qual eu as tirara do envelope antes de dá-las à minha cliente e a razão pela qual pensava ser o motivo de estarem na coleção secreta de Harry, não eram os bate-papos dos membros do WeWeb. Eram os anúncios nas duas barras laterais. O primeiro, da página de Bill Mayer, datando do outono anterior, dizia:

SALAMAN? US\$500 POR HORA POR SUA PARTICIPAÇÃO EM UM ESTUDO. FÁCIL, RÁPIDO, NÃO INVASIVO, PARTICULAR, VOCÊ PODE AJUDAR OUTROS E GANHAR DINHEIRO RÁPIDO.

O anúncio terminava com um link de endereço de contato. A segunda página, retirada da página de Eileen de dois meses antes, tinha a mesma redação, com exceção de uma coisa.

O pagamento oferecido havia sido multiplicado por dez, para CINCO mil dólares.

Eu dei outra cerveja à minha cliente, depois o chocolate. Após algum tempo as pálpebras dela se fecharam no alívio do sono. Eu a cobri, joguei as caixas vazias na lata de lixo e me estiquei na cama ao lado.

– Obrigada, Mike – disse ela, a voz grogue.

– De nada, querida. Ei, me diga uma coisa?

– Ahn?

– Como você me achou? Quando foi ao meu escritório?

– Eu o vi em um bar há uns seis meses. A pessoa com quem eu estava apontou para você e disse que era investigador particular. Uma olhada e eu soube.

– Demorou esse tempo todo para conseguir uma desculpa para me contratar, hein?

– Ahn – murmurou, e um minuto depois estava roncando no travesseiro.

O beijo que ela me dera não tinha nada a ver com romance. Eu sabia disso. Ainda assim, não consegui me livrar da lembrança dele em minha boca enquanto

estava deitado ali, olhando para o teto, a dois castos metros dela.

No dia seguinte, meu primeiro trabalho era deixar minha cliente em algum lugar seguro. Precisei de vinte minutos dirigindo em círculos antes de encontrar aquela espécie ameaçada de extinção, o telefone público, mas assim que fiz a ligação em poucas horas um dos dois caras a quem confio minha vida apareceu e a levou embora. Ela não queria ir, mas acabou cedendo.

Passo dois, um computador público.

Sou um grande admirador de bibliotecas: informação, conforto e segurança, tudo no mesmo lugar. E ao longo dos anos as associações de bibliotecas brigaram muito pelo direito à privacidade, o que as torna mais seguras contra enxeridos que qualquer cibercafé. Aquela biblioteca tinha até mesmo um café anexo, o que era bom, já que o que eu estava fazendo não seria rápido.

Mas antes do lugar fechar naquela noite um anúncio apareceu na lateral da nova página reluzente da WeWeb do meu SalaMan inventado, Julio Rogers. Julio era novo na WeWeb por razões não reveladas, mas insinuadas (Estive fora, se entendem o que quero dizer...), e escrevia pessimamente, tinha uma raiva mal disfarçada e um considerável interesse nos direitos dos SalaMen.

O algoritmo de direcionamento capturara as referências de Julio a SalaMen e enviara a ele uma oferta de dinheiro RÁPIDO, DISCRETO, PARTICULAR.

A oferta de Julio subira para US\$ 7.500. O que podia significar ou que eles haviam recebido um ótimo financiamento ou que estavam ficando desesperados. Qualquer das alternativas estava ótimo para mim. Estava ótimo também para Julio, que enviou um e-mail para o endereço.

Dormi em um motel diferente naquela noite e sonhei com olhos azuis.

Na manhã seguinte fui à outra biblioteca, entrei na página de Julio e recostei-me com um sorriso no rosto.

Obrigado por seu interesse no SalaMan Research Enterprises (SRE). Se você tem ascendência SalaMan, seja bem-vindo. Nossos pesquisadores pertencem à Universidade da Califórnia, a Stanford, Yale e outras faculdades de medicina e são experientes na proteção dos direitos à privacidade. Nosso projeto tem como objetivo atender às necessidades de saúde específicas da comunidade SalaMan, e nos estágios iniciais demanda apenas um questionário de 15 minutos e um simples exame de sangue. Caso esteja interessado em saber mais sobre nosso trabalho e como pode nos ajudar, fazemos encontros abertos em todo o país, pelos quais você será remunerado, sem assumir o compromisso de continuar

participando.

(ATENÇÃO, POR FAVOR: O DNA dos candidatos será testado imediatamente na chegada, antes de qualquer pagamento. Falsos candidatos serão denunciados à WeWeb.)

O e-mail padronizado era assinado por um homem com um monte de letras salpicadas depois do nome, e a relação de reuniões abertas incluía – surpresa! – uma às duas horas da tarde de sábado, dois dias depois, em um grande hotel de negócios a menos de 50 km da biblioteca na qual Julio estivera trabalhando.

Julio enviou sua aceitação da oferta, depois desligou e saiu da biblioteca apressado, para nunca mais voltar.

Passei o resto daquele dia e a maior parte da sexta-feira indo de uma biblioteca para outra, colocando muitos quilômetros entre elas, enquanto tentava reproduzir a pesquisa de Harry sobre as pessoas cujos nomes terminaram em seu envelope.

Na tarde de sábado eu estava no hotel de negócios ansioso pelo encontro de informações da SRE, pensando se eles pretendiam sacar uma arma primeiro ou simplesmente preferiam tranquilizantes.

Eu não conseguira colocar uma câmera na sala de reunião, mas aquela que escondera atrás do arranjo de flores do saguão funcionou bem. Às 13h30 de sábado, três homens passaram pelo saguão, os rostos bem nítidos na câmera, as alturas registradas por uma máquina que eu colocara em uma moldura de quadro na parede. Dois deles eram claramente capangas; o outro, o chefe. Um dos grandalhões carregava um quadro de avisos em um tripé, que colocou virado para o outro lado, embora tenha visto quando ele se movia que era a espécie de apresentação empresarial com que você espera topar quando vai a um encontro aberto. O outro sujeito levava uma caixa de papelão, certamente cheia de formulários e equipamentos sem sentido que tranquilizariam um otário e o fariam atravessar as portas.

Naquele dia o único otário, aparentemente, era Julio. Cujo último ato nesta vida foi enviar um e-mail às 14h04 dizendo que lamentava, mas mudara de ideia, talvez em outra ocasião...

Às 14h12 os três saíram, parecendo consideravelmente menos amistosos do que quando entraram. Um carregava a caixa de papelão, com as coisas enfiadas de qualquer jeito. Eles se afastaram do meu campo de visão e então o chefe apontou para trás com o polegar e o outro grandalhão deu meia-volta para pegar o cartaz no tripé. Se eu estivesse de pé atrás das flores, no lugar de minha

câmera, ele teria esmagado o cartaz sobre a minha cabeça.

Às 14h14 os três homens saíram pelas portas laterais do hotel, jogaram sua carga na mala de um carro preto reluzente e partiram. Eu apertei o botão de enviar no laptop no qual estava vendo tudo aquilo, joguei-o no banco do carona e engrenei meu carro.

Fato interessante: policiais prestam mais atenção quando você envia a eles evidências rastreáveis do que quando você diz ser um crime em andamento. Telefonemas podem ser sobre qualquer coisa, cartas enviadas pelos correios podem desaparecer, mas quando você diz que está mandando para eles um arquivo eletrônico, e manda, isso deixa uma trilha que eles hesitam em ignorar totalmente.

O e-mail com o vídeo anexado era para Frank, meu policial... Bem, talvez não amigo, mas havíamos trabalhado juntos duas vezes e bebido juntos mais algumas. Eu achava Frank legal e sabia que ele era honesto, mas também queria ter alguma garantia. Nenhum policial quer entrar em um tribunal contra um advogado que tem evidências de um assassinato que a polícia poderia ter impedido.

O meu, por exemplo.

Eu os segui, ficando bem para trás graças ao pequeno ponto na tela do GPS. Enquanto eles esperavam por Julio eu tive bastante tempo para enfiar um rastreador embaixo do para-lama. A tecnologia não é ótima?

Mas não tão ótima quando as pessoas que você está seguindo trocam de carro e deixam seu ponto esperto parado no mesmo lugar até a bateria do transmissor acabar. Que foi o que eu achei que estava acontecendo quando eles avançaram 8 km e pararam em um café.

Tive sorte. Os dois capangas pegaram seu equipamento na mala e entraram em um segundo carro, mas meu alvo preto reluzente saiu imediatamente do estacionamento, deu sinal para a direita e em dois minutos estava na autoestrada, direção norte.

Após duas horas que havíamos deixado a autoestrada para trás, com o tráfego na estrada secundária tão escasso que eu não ousava me aproximar mais do que 800 m, e o sujeito parecia pretender dirigir até Nevada sem sequer uma pausa para o café. Eu, por outro lado, bocejava quase de quebrar o maxilar, minha bexiga passara de desconfortável para um pedido de atenção urgente e o ponto rosa em minha tela me deixara em um transe de estupidez.

Só percebi que ele parara de andar quando já estava perto demais para qualquer coisa que não passar em disparada por ele.

O motorista – ainda de paletó e gravata – estava entrando de novo no carro após destrancar um portão ao lado da estrada. Ele olhou para mim, vendo apenas um carro empoeirado cujo motorista entediado esfregava os olhos. Pelo retrovisor, eu o vi avançar pela estrada vicinal, sair, retornar e fechar o portão. Meu pé não saiu do pedal até ele ter desaparecido atrás de uma curva, momento em que parei no acostamento e desliguei o motor.

Eu apanhei a mochila no banco e forcei minhas pernas rígidas e minha bexiga desesperada a subir a elevação próxima até a nuvem de poeira do carro, antes reluzente, ficar à vista. Fiquei de olho nele por dois minutos e quando minhas mãos ficaram livres e minha bexiga contente, peguei os binóculos na mochila. Bem a tempo de ver o carro desaparecer atrás das colinas baixas.

Eu não esperava conseguir conexão tão distante da civilização e estava certo. Contudo, escrevi um e-mail no laptop, apertei enviar, fechei a tampa e tranquei a coisa na mala. Se eu não conseguisse voltar, alguém o acabaria encontrando, e quando fosse ligado, Frank saberia por onde eu andara pela última vez.

Enfiei na mochila algumas coisas que achei que poderia precisar e então segui pela estrada na direção do carro preto.

Para uma estrada de terra no meio do nada, aquela tinha um volume de trânsito surpreendente. Quando a noite caiu eu já já vira passar três veículos: uma van branca, entregando algumas caixas e sacos de alimentos e depois partindo, um pequeno jipe vermelho dirigido em alta velocidade por um homem magro de cabelos brancos e, uma hora depois, ao crepúsculo, o carro preto de saída.

O destino deles era um prédio largo de concreto de um só andar com teto de aço azul desbotado. As duas únicas janelas ladeavam a porta da frente, embora ao contornar o local eu tenha encontrado outras duas portas, uma nos fundos e outra no lado oeste. As três portas eram de aço e pareciam sólidas. Não sabia se as fechaduras eram igualmente boas até pôr as mãos nelas.

As duas janelas eram vedadas por dentro, venezianas na esquerda e cortinas na direita. As venezianas ficaram escuras por volta das dez da noite; as cortinas desapareceram de vista por volta de onze e meia.

Uma hora da manhã eu saí das árvores voltadas para a porta oeste. Não conseguia ver câmeras de segurança e embora a luz acima da porta estivesse acesa, uma rápida batida com um galho mudou isso.

Levei algum tempo, mesmo com minha ferramenta ilegal de invasão de primeira linha. Quando a fechadura finalmente cedeu, prometi escrever uma carta pessoal de agradecimento ao sujeito que inventara a coisa.

Saquei minha arma e segui adiante. Antes de ter acabado de entrar soube que havia SalaMen ali dentro. O ar estava úmido e fedia a medo e sofrimento.

Deixei a porta se fechar silenciosamente e saí à procura deles. Saí à procura da – tá certo, droga – minha gente.

A *hellbender* não é uma salamandra que passa a vida sob o solo, então seus olhos não são tão sensíveis quanto os de outras. Ainda assim eu não tinha dificuldade em identificar as formas do corredor e das portas, algumas das quais estavam abertas. E não fiquei surpreso ao encontrar uma levando a escadas, já que imaginara que poderia haver tanto prédio abaixo do solo quanto havia acima dele.

Não era um prédio novo, embora em algum momento no ano anterior, aproximadamente, as paredes tivessem recebido uma demão de tinta e o linóleo tivesse sido esfregado. Não dava para dizer o que o prédio poderia ter sido na encarnação anterior, naquele lugar provavelmente não devia ser nada legal.

Também não era agora. Aquele anúncio na WeWeb prometia dinheiro fácil, mas o que os SalaMen que responderam a ele conseguiram não foi dinheiro, e não havia nada de fácil nele. Minha recente maratona pelas bibliotecas, rastreando os nomes de Harry, me dera algumas coisas que eles tinham em comum além da estrutura genética.

Para começar, um número impressionante deles tinha problemas financeiros. Dois haviam perdido os empregos, outros tinham problemas com hipotecas, divórcio ou filhos para sustentar (filhos adotados, mas ainda assim suas famílias). E pelo que eu podia ver sem entrar no computador da casa de Harry, todos pertenciam ao grupo de Harry na WeWeb. Todos eles estavam na WeWeb – o que em si não significava nada, pois a maior parte do país estava na WeWeb –, mas cada um nos nomes da lista de Harry tinha uma página em que trechos não podiam ser vistos.

Caso a irmã dele estivesse certa, seria difícil penetrar no grupo. Contudo, eu não tinha dúvida de que uma pessoa inteligente e paciente podia se sair com um anúncio dirigido a consumidores de uma marca de loção tonificante para a pele do SalaMen, eleitores de certos candidatos ou qualquer de uma centena de outras possibilidades e mandar o anúncio para eles.

E quando os pobres desgraçados respondiam, acabavam ali.

Uma instalação de pesquisa.

No pé de um lance da escada de metal havia uma porta. Estava fechada, mas o fedor que saía dela encheu meus olhos d'água. Respirei fundo e passei por ela.

Outro corredor comprido, com portas de aço dos dois lados. Cada porta tinha

uma pequena janela com grades. Olhos cintilavam detrás de algumas das barras.

Eu cuidei da câmara acima da porta, depois avancei até a primeira porta e murmurei:

– Há guardas aqui embaixo?

– Quem... quem é você? – perguntou uma voz masculina, hesitante.

– Responda!

– Guardas? Não, mas há uma câmer...

– Onde estão as chaves?

– Chaves?

Ele ficou confuso ou assustado com a pergunta. Ocorreu-me que seus carcereiros poderiam ter pregado peças nele, que temia que essa fosse uma delas. Mas eu não tinha tempo para fazer cafuné na cabeça dele.

– Eu vim tirar todos vocês daqui, mas preciso de ajuda. A irmã de Harry me mandou – tentei.

– Lizzie?

Pelo espanto dele eu poderia muito bem ter dito Jesus e a Virgem Maria.

– As chaves, homem!

– A mesma chave para todas, em um prendedor perto da porta – disse rapidamente.

Pulei na direção da porta, achei a chave simples e a enfiei na porta dele. Achei que poderia precisar arrastá-lo para fora, mas ele saiu sozinho. Joguei a chave na direção dele.

– Solte os outros – comecei a dizer, mas a chave caiu no chão. Eu a apanhei, amaldiçoando sua falta de jeito. Ele então ergueu as mãos para que eu visse.

As mãos pareciam estranhas sob a luz fraca, mais como cotos. E com horror crescente eu vi que eram cotos. Ele não tinha dedos, dedo algum.

– Experiência de regeneração – disse, com uma voz tão travada que não soava humana.

Minha pele de repente pareceu ser de um número menor. Eu engoli seco e fui abrir a porta seguinte.

Havia onze prisioneiros naquele porão. Faltava algo em todos eles. Uma mulher tinha dedos de 2,5 cm de comprimento. Só Deus sabe quantos meses ela passara ali. Outra mulher tinha um rosto que mesmo no escuro eu podia ver que era bonito, não fosse pelos olhos destruídos...

Um homem magro cuja barba era loura ou grisalha passou por mim para abraçar a mulher cega, que se encolheu e depois gritou “Bill!” e se jogou sobre ele.

– Silêncio! – ordenei, a seguir sussurrando para Bill: – Leve-a para porta, vamos subir imediatamente.

Eu abri as duas últimas celas, mas um dos prisioneiros não saiu. Quando entrei entendi por quê.

Não sei quanto tempo fiquei parado ali, dividido entre abandonar uma pessoa que iria nos atrasar perigosamente e a impossibilidade de deixar alguém naquele lugar terrível. Mas acabei tomando consciência de alguém ao meu lado. Era o primeiro homem que havia libertado.

Eu perguntei:

– Você é Harry?

– Isso. E você?

– Mike Heller. Sua irmã me contratou. Você encontrou sua garota aqui? Eileen?

– Ela morreu.

– Ah. Lamento.

– Antes que eu chegasse aqui. Quer que eu a carregue? – perguntou, apontando para a garota no catre.

– Você consegue?

– Com certeza vou tentar.

Ele só estava ali havia duas semanas, então tinha muito mais reservas do que alguns dos outros. Ajudei a colocá-la nas costas dele, e embora tenha feito um ruído quando sua mão raspou no joelho dela, ele passou os braços sobre suas pernas e se virou para a porta.

Onze deles – não, doze de nós – reunidos junto à porta. Eu ergui a arma e sussurrei:

– Há escadas para cima e depois um corredor. Sigam para a esquerda por uns 10 m, e no final fica a porta de saída. Fiquem colados na parede do corredor para que eu tenha uma visão clara. Saindo da porta e seguindo em um ângulo de duas horas chegarão mais rápido às árvores. Subam e desçam a colina, meu carro está na estrada com uma chave em uma caixa de metal perto da roda do motorista. Se formos descobertos, eu seguro os desgraçados aqui e vocês fogem o mais rápido possível. Não se preocupem comigo, apenas vão. E quando chegarem mais perto da cidade, peguem meu laptop na mala e liguem. O último e-mail que ele enviar vai dar a vocês um contato seguro no departamento de polícia. Diga a ele para mandar alguém para cá, rápido. Agora, prontos?

Pelo menos seis deles começaram a falar, com perguntas ou protestos, mas Harry os interrompeu.

– Não há tempo para isso. Vamos fazer como ele diz.

E fizeram. Com minha arma abrindo caminho, eu subi as escadas, estremecendo com todos os rangidos e gemidos do grupo atrás de mim. No alto eu os fiz parar sem ruído e abri a porta, novamente colocando a arma para fora antes, depois meu nariz.

Ninguém ali.

Saí para o corredor e eles foram atrás de mim, mancando e tropeçando. Eu me mantive à direita, tentando olhar para os dois lados ao mesmo tempo, meu coração na garganta. Quero dizer, já estivera em situações difíceis antes, até mesmo havia sido baleado, mas com 11 inocentes às minhas costas? Aquilo era totalmente diferente.

A maldita porta rangeu quando a abri. Não sei por que isso não acontecera na entrada, mas talvez agora eu estivesse um pouco mais impaciente. De qualquer forma, ela rangeu e então eles estavam passando por mim e entrando na escuridão, gritinhos de descrença e prazer, surpresa por estar escuro, estremecimento com doses de ar limpo com cheiro de noite.

Então as luzes se acenderam.

– Fugam! – gritei. Harry foi o último, com a mulher nas costas, e hesitou: – Vai, tire dela daqui!

Eu o empurrei para a noite e então me estiquei para bater a porta, deixando-o do lado de fora. Deixando-me do lado de dentro.

Pulei na direção da porta lateral mais próxima, que estava fechada, mas não trancada. Alguma espécie de escritório, sem janelas, óbvio, agradável e escuro. Deixei a porta entreaberta, apertando o ouvido contra ela, e uns três segundos depois ouvi vozes.

– ...como a porta de fora.

Um homem, a voz aguda, por natureza ou pela tensão.

–Vou verificar.

O homem soava como alguém grande, pela voz grave e mais arrastada; mais jovem, talvez. Ouvi passos se aproximando; soavam pesados; minha mão ficou pronta na arma.

– Não a porta – disse o primeiro. – Lá embaixo antes, então saberemos se algum deles está solto.

Os passos pararam; uma porta se abriu e eu ouvi um par de pés descendo a escada de metal. O homem mais velho ficou no alto, mas a voz era absolutamente clara:

– Fugiram! Todos eles!

Os xingamentos do homem mais velho se afastaram pelo corredor, até serem abafados pela barulheira do parceiro subindo as escadas de aço. Quando ele chegou ao alto, gritou:

– Quer que eu vá atrás deles?

– Pegue uma escopeta e acorde Andrew e Mannie – ordenou, em voz mais baixa. – Sabia que devíamos ter um cachorro.

Fiquei contente pelo cachorro, não tão contente pela escopeta. Eu me virei para encaixar o olho na fresta da porta e a abri levemente até conseguir ver costas largas se afastando de mim. Minhas pernas coçaram com vontade de pular na direção da porta, mas fiquei imóvel.

Se eu estivesse do lado de fora poderia impedi-los de sair por aquela porta, mas havia duas outras, e em pouquíssimo tempo eles me cercariam. Do lado de fora eu estaria mais seguro, mas os outros não.

Ah, cacete, admita: eu batera a porta para obrigar Harry e o restante a correr.

Batera a porta porque queria descer pelas gargantas daqueles animais e rasgá-los de dentro para fora.

De fato, embora não estivesse pensando claramente quando fiz minha escolha, não havia sido inteiramente idiota. Havia uma boa chance de aqueles caras partirem para a porta imediatamente, permitindo que eu os pegasse, ou ao menos os detivesse. Eu trouxera balas suficientes para manter a ação durante algum tempo.

E por um minuto pareceu que ficaria tudo bem. Um grupo de homens apareceu na extremidade oposta do corredor, circulando e gritando uns com os outros. Então eles vieram na minha direção.

Esperei, contando as cabeças: quatro. Era difícil dizer exatamente onde eles estavam em relação à porta da frente do prédio, mas eu pude ver o bastante para saber quando passaram pela porta para a escada da prisão. Esperei alguns segundos, então abri a porta o suficiente para enfiar a arma por ela.

Eu esperava que a voz mais velha, o sujeito no comando, fosse o primeiro, mas imaginei que provavelmente era o homem que eu vira no jipe vermelho, e certamente seus cabelos brancos mal podiam ser vistos atrás de vários ombros. O grandalhão, cujas costas eu vira, estava na frente, segurando uma escopeta. Os dois outros sujeitos, ambos com a expressão amassada de quem fora arrancado da cama, pareciam pessoas que passavam os dias em um laboratório torturando ratos, mais à vontade com bisturis e microscópios que com as armas que levavam.

Não importa. Todos eram alvos.

Abri fogo. O grandalhão me viu uma fração de segundo antes do dedo apertar e se lançou por uma passagem. Achei que o havia acertado, mas quem caiu foi um dos cientistas atrás. O cara de cabelos brancos e o assistente magricelo à esquerda desapareceram por outras portas.

Uma escopeta disparou, respingando o corredor, mas não atravessando minha porta de madeira. Houve muitos gritos e xingamentos e finalmente uma ordem seca da primeira voz que eu ouvira. Silêncio. Então:

– Quem está aí?

– Adivinhe – respondi.

– Qual de vocês?

– Ah, eu sou um pesadelo inteiramente novo para você.

Silêncio novamente.

– Não sei o que você quer, rapaz, mas...

– O que eu quero? Quero que vocês morram, com muita dor.

Silêncio, dessa vez mais demorado.

– Bem – disse ele afinal. – Você provavelmente compreende que não desejamos satisfazê-lo.

– Pena.

– Afora nos matar, por que veio?

– Porque você é um monstro e monstros precisam ser mortos.

Não sei por que disse aquilo. Provavelmente porque não importava o que eu dissesse. Quanto mais ele falasse, mais longe seus ratos de laboratório poderiam chegar.

– E você é nosso herói moderno, resgatando as criaturas?

– Eles são gente. Diferentemente de você.

– Eles são recursos valiosos, cuja herança única pode salvar inúmeras vidas. Pense em todos os soldados cujos membros poderiam ser recuperados, os cegos que poderiam ver, os...

– É, e como os médicos e dentistas de Hitler aprenderam coisas nos campos de concentração. Isso justifica Dachau e Buchenwald? E se o colocarmos em um laboratório e o desmontarmos para ver se encontramos uma cura para o mal?

Meu Deus, pensei; se eu ficar mais um pouco aqui começarei a cantar *Kumbaya*.

Ele respondeu, a voz triste e paternalista.

– Vejo que sua cabeça está feita. Mas lamento que seus amiguinhos o tenham abandonado aqui.

– Escolha minha.

– E agora você está preso.

– É o que você pensa?

– Ah, muito bem. Andrew, prepare-se para acertar nosso visitante assim que ele colocar a cabeça para fora daquela porta. Jonah, você está no lado cego do corredor: quando eu der o sinal.

Minha arma disparou seis vezes. O primeiro acertou o piso junto ao cano da arma de Andrew e o fez recuar; Os demais atingiram as quatro lâmpadas do teto, deixando duas na extremidade oposta.

Coloquei outro pente e arrisquei levar o olho à abertura, mas ninguém se movia.

– Isso – disse eu. – Agora está bem escuro, do jeito que as criaturas gostam.

– Ahn, chefe – perguntou Andrew. – O que fazemos agora?

– Ah, pelo amor de Deus – respondeu o chefe. Ele soou aborrecido, mais que qualquer coisa, o que me deixou nervoso. Eu me esforcei para ouvir, mas não consegui descobrir o que ele fazia; até sua voz surgir novamente, falando. Em um telefone.

– Mannie? Aqui é o Dr. Curtis. Temos um invasor, com uma arma. Ele está no escritório junto à porta oeste, a primeira sala à esquerda. Se abrir a porta, você e Jack podem ficar na escuridão e atirar rapidamente. Não tem como errar. Mas tome cuidado, pois estamos no corredor. Quanto tempo? Certo. Sim, não vamos a lugar algum, mas nosso invasor também não.

Aquilo criava um quadro inteiramente diferente.

Suspirei e estiquei a mão para a mochila.

Quando estava pronto, olhei para a passagem de Andrew. Eu não o considerava um homem paciente, e de fato, após um minuto a ponta de sua escopeta apareceu na moldura da porta. Eu a deixei sair 10 cm e então atirei, na porta dele e nas duas outras, por garantia. E assim que todos recuaram para seus buracos, saí para o corredor e arremessei.

Os xingamentos de Andrew quase abafaram o primeiro som de vidro quebrando. Mas minha segunda garrafa, apontada para 3 m além no corredor, fez um barulho inconfundível, assim como a terceira.

O Dr. Curtis foi o primeiro a entender o que aquilo significava. Eu o sentia olhando para o corredor escuro, fitando o líquido e o vidro quebrado, e então ele deve ter sentido o cheiro.

Ele esperou apenas o bastante para ver que todas as garrafas haviam pousado no lado mais distante de sua porta, tempo suficiente para imaginar o que eu tinha em mente, o suficiente para fazer a escolha entre uma bala perdida e queimar até

a morte. O velho saiu de sua porta tão rápido que eu quase não estava pronto.

Quase.

O isqueiro em minha mão ganhou vida, o trapo no alto da minha última garrafa se acendeu e eu a lancei no corredor. Antes que a garrafa atingisse a parede, o corredor explodiu em uma parede de chamas.

O médico gritou enquanto tentava correr e teria conseguido abrir a porta se eu não tivesse disparado dois tiros naquela direção. Uma forma um pouco mais sólida entre as chamas tombou, e embora eu tivesse de bater minha própria porta, pude ouvi-lo gritar por algum tempo antes de ficar imóvel. Alguns minutos depois os outros também pararam.

E algum tempo depois, também eu.

Exceto que...

Se eu morri, quem está contando esta história?

Fato interessante, um último: alguns dos mitos sobre salamandras são mais ou menos verdade.

A sala queimava ao meu redor, meus cabelos e roupas enrugavam e queimavam, as vigas acima gemiam e queimavam. Os bombeiros chegaram, entraram no inferno com suas mangueiras e encontraram cinco pessoas mortas. Ou foi o que pensaram.

Então uma delas se mexeu.

Diz o mito que uma salamandra pode apagar o fogo com a fria umidade de seu corpo. Aristóteles acreditava nisso, assim como alguns dos outros gregos antigos. Absurdo, claro, como até mesmo Plínio apontou – mas, estranhamente, não totalmente.

Eu perdi meus dedos, três dedos do pé, minha voz e a maior parte da pele. Um homem normal teria morrido. Eles me mantiveram em coma por semanas. Minha aparência perturbou enfermeiras por meses.

Mas isso foi há um ano.

No momento em que estava em condições de ser interrogado, na verdade não havia mais perguntas. Eles mandaram Frank para o interrogatório, embora ele não tivesse nada a ver com o caso além de repassar o que eu enviara a ele. Não sei, talvez eu os tenha deixado nervosos.

De qualquer modo, Frank me contou muito mais do que perguntou.

Eu soube dos escândalos e das manchetes, claro, quando você está no hospital eles deixam a televisão ligada o tempo todo. Então meio que ouvi vagamente sobre as batidas policiais e as mudanças governamentais; escutei os discursos

escandalizados, os boatos delirantes e as emissoras de notícias concorrentes. Mesmo enrolado em meu cobertor de dor e drogas, estava consciente das mudanças na opinião pública que transformaram todo SalaMan em um herói.

A WeWeb foi fechada, após nove em cada dez usuários cancelarem suas páginas, embora a WeWeb não tivesse feito nada a não ser vender os anúncios.

Foi apresentada ao Congresso uma proposta de lei para proibir anúncios dirigidos, embora ninguém achasse que poderia ser aprovada.

O que se esperava que fosse aprovada era uma série de propostas modificando o modo como a ciência era praticada. Laboratórios por todo o país foram fechados ou sofreram batidas por causa das ligações que o Dr. Curtis estabelecera com o crime organizado. Nada atrai mais as pessoas para manchetes que um Mengele moderno: cientista de alto nível contrata capangas para sequestrar a matéria-prima de suas experiências; capangas vão às casas das vítimas para conseguir mais matéria-prima; capangas provocam incêndios para dissuadir enxeridos.

E não há nada que faça advogados babar mais que um caso ligando universidades, órgãos do governo, crime organizado e pessoas esquisitas, em sua maioria bonitas, como os SalaMen. Vai fazer o Julgamento de Nuremberg parecer fichinha.

E quer saber o que mais me impressiona nisso tudo? Que o Tio Sam na verdade tenha feito exatamente o que disse que faria: trancar os arquivos dos SalaMen e garantir que ninguém soubesse quem éramos. O que teria sido uma coisa boa e justa, exceto por fazer com que, quando começamos a desaparecer, o FBI não percebesse, já que não havia motivo para relacionar os desaparecimentos. A polícia não percebeu porque as vítimas eram muito dispersas. A imprensa não percebeu porque, mesmo que tivesse ouvido, quem acreditaria? Ninguém acreditou a não ser Harry Savoy, e Harry era paranoico demais para confiar no FBI, na polícia ou na imprensa.

Eu? Fiquei fora de tudo. Tive de fechar meu escritório, embora pudesse me manter ocupado mil horas por semana se estivesse em condições de trabalhar. Estou pensando em, quando reabrir, talvez me identificar como SalaMan Investigações. Talvez até tente trabalhar para meu próprio povo por algum tempo.

Mas quando seria isso? Bem, noite passada, quando Lizzie e eu estávamos... bem, quando estávamos ocupados com coisas que gente casada faz, ela disse “Ai!” e se sentou, esfregando as costelas. Quando afastou a mão ambos vimos uma protuberância vermelha na lateral de sua pele clara. Eu coloquei os cotos

dos meus dedos sob a luz e os estudei.

Certamente em meio ao tecido cicatrizado havia uma pequena protuberância dura. Parecia muito com uma unha de bebê.

Ladrões de sombra

Uma história de Garrett, detetive particular (DP)

GLEN COOK

Glen Cook é o autor best-seller de mais de quarenta livros. Talvez seja mais conhecido pelos livros da série Black Company, que incluem *The black company*, *Shadows linger*, *The white rose*, *The silver spike*, *Shadow games*, *Dreams of steel*, *Bleak seasons*, *She is the darkness*, *Water sleeps* e *Soldiers live*, detalhando as aventuras de um grupo de mercenários durões em um sujo mundo de fantasia. Também é autor da longa série Garrett, DP, que inclui *Sweet silver blues*, *Bitter gold heart*, *Cold copper tears* e mais dez títulos, uma fusão de fantasia e mistério com os estranhos casos de um detetive particular que trabalha em ruas perigosas dos dois lados da linha entre nosso mundo e o mundo sobrenatural. Cook também é autor da série de ficção científica *Starfishers*, bem como da série em oito volumes *Dread empires*, da série em três volumes *Darkwar* e da recente *Instrumentalities of the night*, bem como de nove romances avulsos, como *The heirs of Babylon* e *The dragon never sleeps*. Seus livros mais recentes são *Passage at arms*, um novo romance *Starfishers*; *A fortress in shadow*, romance *Dread empires*; *Surrender to the will of the night*, romance *Instrumentalities of the night*, e dois novos romances Garrett, DP: *Cruel zinc melodies* e *Gilded latten bones*. Cook mora em St. Louis, Missouri.

Na história cheia de ação que se segue, Garrett descobre que quando o problema bate à sua porta, às vezes é melhor não atender.

Eu estava semiadormecido no armário de vassouras que chamo de escritório. Alguém martelava a porta da frente. Estranho que fizessem isso. Eu não passava muito tempo em casa.

Na época estava me escondendo da loucura que se abate sobre os recém-casados. Meus futuros sogros me enlouqueciam o tempo todo.

Eu comecei a me desenredar da escrivania e da cadeira.

O velho Dean, meu cozinheiro e faxineiro, passou por minha porta. Era

comprido, magro, levemente curvado, grisalho e tinha quase 80 anos, mas era vigoroso.

– Eu atendo, Sr. Garrett. Estou esperando uma entrega.

Aquele era um entregador impaciente. Estava gritando. Estava esmurrando. Eu não entendia uma palavra. Aquela porta era resistente.

Dean não usou o olho mágico. Supôs que o barulho vinha de quem esperava. Abriu.

Todo tipo de tumulto entrou. Dean guinchou. Uma voz mais grave e perturbada gritou algo sobre sair do maldito caminho!

Eu comecei a me mover, agarrando um cassetete de carvalho na passagem. Aquela belezinha tinha um quilo de chumbo na ponta.

Mais vozes agressivas se juntaram ao tumulto.

Eu cheguei rapidamente ao saguão, mas minha assistente ratazana, Pular Singe, saíra de sua sala mais rapidamente ainda. Com 1,50 m, ela era alta para sua tribo. Sua bela pele castanha brilhava. Ela se agachou um pouco mais do que o habitual. Sua cauda chicoteava como a de um gato com raiva, mas ela disparou uma besta de mão, sua arma medieval, com tanta calma como se estivesse praticando arremessos sozinha. Sua flecha acertou a testa de uma coisa cujos ancestrais todos haviam se casado com indivíduos feios. Era de um tom repugnante de verde-oliva, largo como um troll e tinha o rosto encantador de um ogro. O cheiro era pior do que a aparência. Ele ocupou metade do corredor. Sua testa parecia sólida como a de um troll, mas Singe não se impressionou com isso.

Que tipo de brinquedo ela havia encontrado desta vez?

Ela saiu do meu caminho, os bigodes se agitando.

O feioso verde-oliva acabou desabando. Dois de seus amigos apareceram logo atrás dele. Alguém tentava segurar a vítima de Singe, que caíra sobre Dean e o estava esmagando. O sujeito ainda respirava, mas não por muito tempo. Sangrava por todos os lados.

Eu segurei as mãos, tentando arrastá-lo. Ossos esmagados. Em algum ponto abaixo daquilo tudo Dean gemeu dolorosamente. Dei um tapa no vilão, entre seus olhos de cobra amarelos. Ele caiu de joelhos após me acertar com um soco que me arremessou até a porta da cozinha de Dean. Singe gritou de seu escritório:

– Esperava que você fosse aguentar mais.

Fêmeas.

Fixei o olhar enquanto voltava para a briga. Singe estava instalando um equipamento que ampliaria sua pequena besta, que aparentemente tinha força

para fazer uma flecha de aço atravessar paredes de alvenaria.

Um feioso estava determinado a levar o homem grande para casa com ele. O outro avançava na direção de uma caixa de madeira que o tal sujeito havia derrubado. Eu garanti que meus pés estivessem firmes e me lancei.

Engasguei. O cara em cima de Dean, embora respirando, começara a apodrecer.

Minha parceira parou de sonhar acordada e finalmente entrou na briga.

Um feioso reagiu botando pra fora o que tinha no estômago. Ele agarrou a vítima de Singe pelo tornozelo e saiu. Espanquei o parceiro dele até que ele largasse a caixa, então pisei no aliado que seu parceiro desistira de arrastar enquanto passava pela porta. A despeito da flecha na testa, ele ainda gemia.

Com a generosa ajuda de uma parede, comecei minha perseguição, mas a encerrei recostado na grade do patamar.

Singe movimentou-se a meu lado, exalando ódio. Apontou sua arma. A flecha atravessou o ombro de uma criatura. O impacto o fez girar e o jogou no chão.

– Opa! Esse cretino é forte! Acho que torci o pulso.

Ela acompanhou os feiosos subindo a Macunado Street.

– Vou recarregar e podemos ir atrás deles.

Além de sua genialidade com números e finanças, Pular Singe é a melhor rastreadora de TunFaire.

– O Homem Morto não controla aqueles caras.

– Você está certo. Isso não é bom.

Singe olhou para a massa fedorenta que cobria Dean. O homem grande deixara de parecer um ser humano.

Nada mortal se decompunha tão rapidamente.

– Tenho certeza de que o Homem Morto nos contará tudo sobre isso.

O que era um teste sutil para descobrir se minha parceira estava prestando atenção.

Uma lourinha olhava para nós do outro lado da rua, tão imóvel que não parecia respirar. Agarrava as alças de uma pequena bolsa amarela na frente do corpo. Usava um chapéu azul que era alguma coisa entre uma boina e um chapéu de chef. Seus cabelos desciam até logo acima dos ombros, corte reto. Uma pequena franja saía de sob o chapéu. Vestia um casaco pesado feito de grandes retalhos em vários tons de vermelho, dourado e marrom. A bainha chegava aos joelhos. Muito ousado aquilo, já que suas pernas estavam nuas. Os olhos eram grandes, azuis e solenes. Ela me encarou rapidamente, depois se virou e subiu a colina lentamente, a passo de tartaruga, sem mover as mãos. Achei que tinha entre 9 e

11 anos.

Singe disse:

– Ela não tem cheiro.

Nem qualquer presença, a não ser aos nossos olhos. Muito artificial.

Aquele era meu parceiro, o Homem Morto.

Uma voz sonolenta disse:

– Eu também a vejo. Vou segui-la.

Penny Dreadful, humana, garota, adolescente (uma combinação terrível), mascote do Homem Morto e último membro daquele grupo estranho, decidira sair da cama e descobrir o que estava acontecendo.

Enquanto Penny passava por nós, Singe virou na minha direção com um rosto inexpressivo que era expressivo demais. Eu não tinha moral para reclamar de alguém estar na cama, já que normalmente é necessária a intervenção divina para me arrancar dela antes do meio-dia.

Penny tem 14 anos, é tímida perto de mim, mas impetuosa com todos os outros. Havia sido a última sacerdotisa de uma seita campestre excêntrica. Ela mora conosco porque uma vez a abrigamos para sua proteção e ela nunca se preocupou em ir embora. O Homem Morto gosta de sua mente inquisitiva.

– Vamos dar um jeito nesta bagunça antes de qualquer coisa. Penny, arrume a cama no meu escritório. Vamos colocar Dean lá.

Ela resmungou. É o que adolescentes fazem quando os mandam fazer alguma coisa. Toda vida é uma imposição. Mas ela obedeceu. Gostava de Dean.

Singe disse:

– Vamos fechar a porta antes que haja um segundo ataque.

Ela ajudou a arrastar o invasor ferido. A porta não precisava de grandes consertos. Os danos eram apenas superficiais. Fiquei contente.

Dean e a vítima de Singe eram menos encorajadores. Dean estava inconsciente e coberto de eca. Temia que ele tivesse ferimentos internos.

–Vou trazer o Dr. Harmer em alguns minutos.

Não é necessário, meu parceiro transmitiu a mensagem através de telepatia.

Eu me ergui, confuso, embora não fosse a primeira vez que minha soleira recebesse um bando de idiotas violentos. Estava confuso porque meu companheiro telepata estava confuso. Ele estava confuso porque não conseguira descobrir o que os agressores pretendiam.

Houve uma batida na porta.

A cabeça de Singe virou rapidamente. Ela me empurrou para fora do caminho, olhou pelo olho-mágico, por garantia, e depois abriu a porta para seu meio-

irmão, o rato gângster John Stretch. Atrás dele se erguia seu lugar-tenente, Dollar Dan Justice, o maior rato da cidade. Com 1,57 m . Mais ratos capangas esperavam na rua.

Stretch disse:

– Ouvimos falar que houve confusão.

Seus bigodes remexiam enquanto ele farejava o caso. Ele se vestia espalhafatosamente, com uma camisa amarela, calças listradas de vermelho e branco e botas pretas de cano alto. Já Dollar Dan se vestia simplesmente como sujeira.

Singe tagarelou.

Stretch deu um tapinha no ombro dela.

– Feriu dois deles? Com flechas envenenadas? Não? Que pena. O que podemos fazer?

O Homem Morto pediu que alguém levasse uma mensagem ao Dr. Harmer. E será que alguém poderia rastrear os que fugiram? O ferido deixara uma abundante trilha de sangue.

– Eu gostaria de ajuda para transportar Dean. E especialistas em limpeza para dar um jeito nesta bagunça – falei, me referindo aos restos apodrecidos.

Stretch disse:

– Espero que minhas mulheres consigam suportar isso.

O que dizia muito sobre o fedor. Os ratos consideram fragrâncias adoráveis a maioria dos cheiros de que não gosto.

Dollar Dan ficou tomando conta enquanto seu chefe e eu jogávamos conversa fora. A multidão na rua se dispersou. Um rato desceu a colina para chamar o médico. O bando mais nojento foi na outra direção sem perguntar o que deveria fazer caso apanhasse alguém. Dois deles farejaram ao redor do ponto de onde a loura estivera espiando. Não conseguiram identificar o cheiro.

Singe disse:

– Vou resolver aquilo assim que terminarmos aqui.

Seu meio-irmão não discutiu, então eu também não. Ele disse:

– Vou pedir a Dollar Dan para ir junto. Ninguém cuidará melhor de você, Singe. – E acrescentou quando ela olhou feio para ele: – Então, me deixe ser egoísta.

Garrett. Por favor, me dê aquela caixa.

– Caixa? Que caixa?

A caixa que pode ser a razão de todo o tumulto.

– Ah! Aquela caixa.

Aquele pedaço de arte em cerejeira, coberto de gosma, estava junto à parede ao lado do apoio de guarda-chuvas.

– Está nojenta.

Tente evitar a sujeira.

– Bosta. Isso não é bom. Acho que teremos de refazer o piso.

Eu fui apressadamente à cozinha, enchi um balde de água, peguei panos de chão e voltei para o saguão. Encontrei irmão e irmã rato em um debate acalorado sobre Dollar Dan. Eu disse:

– Singe, deixe que eles cuidem de você. Não vai machucar. Não é sinal de fraqueza. E deixará seu irmão, Dan e eu felizes.

Ela me olhou com irritação, mas parou de discutir.

Não seja um idiota, Garrett.

– Como?

Eu tenho uma fama de ser mestre em dar respostas engenhosas.

Não abra a caixa!

Ah! Tá! Talvez os demônios estivessem dispostos a matar por ela. Devia conter algo muito especial. Quem sabe algo perigoso.

– Certo. Estava distraído. Pensando em por que ainda não tivemos notícias dos sinalizadores.

É verdade.

Os cabeças-vermelhas, os sinalizadores, a Guarda Civil, se lançavam sobre qualquer tumulto como um gato sobre um bando de ratos.

Pode acreditar que logo saberemos deles. Nesse meio-tempo, por favor, traga a caixa para que eu possa fazer um exame mais detalhado.

Singe disse:

– Coloque em algum lugar que não os faça pensar que ela possa ter alguma relação com o ataque.

Sim. Claro.

– Vou começar a rastrear antes que cheguem aqui. Do contrário, talvez não consiga sair.

Bem pensado. Os cabeças-vermelhas, e pior ainda os Especiais, podem ser inoportunos e perturbadores.

Stretch disse:

– Esconda sua arma. Se eles virem aquilo prenderão todo mundo.

Certamente. Nossos protetores não querem que sejamos capazes de revidar.

Singe e Dollar Dan, com Penny atrás, partiram antes da chegada da Guarda

Civil. Não gostei que Penny tivesse ido, mas o Homem Morto a apoiou. Eu não podia discutir com ele.

Stretch e eu fizemos chá, demos uma olhada em Dean e esperamos. Eu perguntei:

- Como você chegou tão rapidamente?
- Estamos sempre de olho.
- É mesmo?
- Dollar Dan fica de olho, na maior parte do tempo. Se não for ele, sempre tem alguém.
- Ele está desperdiçando a emoção.
- Você sabe. Eu sei. Até mesmo Dan sabe. Mas não vou me meter nisso.
- Provavelmente é melhor não.
- Então Dan estava vigiando quando você apareceu, o que era um sinal claro de que algo estava prestes a acontecer.
- Ei!
- Alguma coisa acontece quando você não está aqui?
- Puramente circunstancial.
- Não. Puramente Singe. Ela, com razão, se limita a projetos sem risco, como procurar animais de estimação perdidos e esposas desaparecidas. Ela não se envolve com mortos-vivos, deuses enfurecidos ou feiticeiros malucos até você aparecer.

Ele podia ter alguma razão no raciocínio. Mas eu não saio em busca de aberrações. Os bizarros é que vêm à minha procura.

A Guarda está aqui e o Dr. Harmer se aproxima.

– E lá vai você – disse o rato. – Você escolheu um médico de família chamado Harmer.

- Eu não. Singe o escolheu porque ele também trata de ratos.
- Vou esperar na cozinha enquanto você lida com a Guarda.
- Obrigado.

Os agentes da lei ficariam demasiadamente intrigados com a presença de um grande chefe criminoso.

Seja educado.

Eu me encaminhava para a porta.

- Sempre sou educado.

Você é sempre teimoso.

- Eles é que começam.

Eu não lido bem com autoridade. A Guarda Civil é devotadamente autoritária

ao extremo.

Eu o espancarei se for rude.

Uau! Soou como minha mãe quando eu tinha 8 anos.

Havia dois apitadores no patamar e um pelotão na rua. Os capangas ratos de Stretch tinham sumido.

O Dr. Harmer estava acabando de saltar de seu belo veículo vermelho. A motorista, sua exuberante esposa meio-elfo, ficou, para o caso de alguém tentar levá-lo mesmo em meio a todos os cabeças-vermelhas.

– Tenente Scithe. Como está? Como vai a esposa? Perdeu peso?

– Eu estava levando uma bela vida tediosa em um bairro tranquilo. E então você desceu a Colina.

Scithe era um homem alto e magro de péssimo humor, além de tudo em um uniforme azul mal ajustado. Não falou sobre a esposa. Não perguntou sobre minha noiva.

Minha maldita vida inteira foi assim. Alguma coisa acontece, seja lá o que for, e a culpa é do filho mais velho de Mamãe Garrett.

Meu parceiro me deu um tapa mental na cabeça antes que eu abrisse a boca.

O Dr. Harmer passou pela multidão. Era um sujeito magro e escuro com olhos castanhos divertidos, dentes artificialmente brancos e um cavanhaque diabólico.

– O que houve?

– Dean está em meu escritório. Ele ficou esmagado embaixo dessa coisa e de um sujeito ainda maior que se transformou naquele monte de gosma.

A pilha estava ficando menor. Uma parte evaporava. Outra parte escorria pelo piso, onde poderia se acumular na adega e fazer a casa feder para sempre.

O médico bufou.

– Vou ver Dean primeiro.

Ele seguiu pelo corredor, tomando cuidado onde pisava.

Scithe disse:

– Deveríamos ter chegado antes. Se eu soubesse que você estava de volta teria colocado alguém de vigilância. E teria pedido instruções especiais a Al-Khar.

Al-Khar era o quartel-general da Guarda.

O Homem Morto colocou uma mão mental em meu ombro.

– O diretor disse que não precisávamos dos Especiais.

Ah, ótimo. A polícia secreta iria me deixar em paz. Por ora. Eles são muito gentis.

– Que atencioso.

O Homem Morto apertou, com alguma força.

Scithe perguntou:

– Então, qual é a história?

– A de sempre, a de sempre.

– Significando que você alega não saber de nada.

– Não exatamente.

Eu contei o que havia acontecido, cada detalhe, deixando de lado apenas a caixa de cerejeira, a artilharia de Singe e Stretch, que provavelmente estava devorando tudo em minha despensa enquanto esperava.

Scithe se agachou ao lado da coisa com a flecha na testa.

– Ainda respira aqui – disse, dando um tapinha no encaixe da flecha. – Eu gostaria de mais luz.

O sinalizador que entrara com ele disse:

– O camburão acabou de chegar, chefe. Vou pegar uma lanterna.

Uma grande caixa marrom havia parado atrás do veículo do médico. Tinha coroas, chaves, laços e várias outras coisas pintadas para proclamar que era propriedade da Guarda Civil, sustentada por subsídio real.

Scithe perguntou:

– Alguma teoria, Garrett?

– Apenas o óbvio. Ele provavelmente queria ver o Homem Morto. Alguém achou que ele não deveria.

– Eles conseguiram o que queriam. O que o Homem Morto acha?

O Homem Morto está frustrado. Ele não conseguiu penetrar na mente de nenhum dos atacantes. Nem mesmo daquele ferido e inconsciente.

– Mais ou menos – respondi. Basicamente muito mais.

Scithe disse:

– Vejo ogo, troll e pedaços de outras raças.

– Trolls e ogros não se misturam.

Scithe deu de ombros.

– Vejo o que vejo. Alguém surrou todos os seus ancestrais por cinco gerações com um bastão enorme. Ele caiu em um barril de feiura e o bebeu até o final.

Às vezes, trolls cruzam com gigantes pigmeus. Contudo, uma explicação mais provável envolveria pesquisadores inescrupulosos e experiências ilegais.

As três linhagens de ratos existem por causa de antiga feitiçaria experimental.

Aquela coisa era pior do que assassinato. Você pode se safar com assassinato se conseguir provar que o filho da puta precisava ser morto.

O homem de Scithe voltou. Sua lanterna lançava uma luz branca azulada

ofuscante. Scithe usou pauzinhos chineses para espetar, empurrar, sondar e vasculhar dentro de bolsos. Não apareceu nada útil. Ele passou para a pilha fedorenta.

– Verifique isso.

Ele ergueu o que parecia ser uma bala de 5cm x 8mm de diâmetro, pontuda em uma das extremidades. Tinha quatro canais no sentido do comprimento, começando logo atrás da ogiva. Os canais continham traços marrons.

– Um projétil?

– Talvez. Decididamente maligno. Mas lançado como?

Ninguém sabia também por quem ou por quê.

A entrega que Dean esperava chegou.

Eu saí.

Jerry, o sujeito da cerveja, parara na frente do carro do médico. Estava puxando papo com a deliciosa Sra. Harmer. Ele me notou, disse algo a dois cabeças-vermelhas, que o cumprimentavam por ele conhecer a bela dama bem o bastante para bater papo, e os convenceu a se exibirem se oferecendo para ajudá-lo a carregar caixas.

Eles levaram três caixas de louras suadas. Jerry apontou para a multidão do lado de fora e para a bagunça no corredor.

– Você voltou.

– O que significa isso? Deixe para lá. Simplesmente coloque junto à porta da cozinha.

Não quero que ninguém veja Stretch.

– Elas ficam melhor quando mantidas geladas.

– Então as coloque com o Homem Morto.

Jerry e seus ajudantes contornaram com as pontas dos pés a bagunça e entraram nos domínios do Homem Morto. Eu disse:

– Em qualquer lugar, desde que não atrapalhe a passagem.

Dei uma espiada na caixa de cerejeira na prateleira que guardava lembranças de antigos casos.

– Para que elas servem, aliás?

– Dean queria testar algumas variedades para sua recepção.

– Bem. Aquele velho idiota furtivo.

Um sinalizador apontou.

– Esse é ele?

Estava pálido como papel.

Meu parceiro é um não humano defunto de 250 kg permanentemente instalado

em uma cadeira de carvalho feita sob medida. A primeira coisa que você percebe, depois do seu volume, é sua semelhança com um filhote de mamute com uma tromba anã e um quarto do comprimento esperado.

A maioria dos visitantes não olha atentamente. Eles ficam petrificados pelo fato de que ele é capaz de ler mentes.

Um dos cabeças-vermelhas segurou o apito na corrente ao redor do pescoço. O talismã não ajudou.

– Frio demais aqui, irmãos.

Ele bateu em retirada. Seu parceiro saiu nos seus calcanhares.

Jerry não ficou para trás.

O Homem Morto é um Loghyr. Eles são extremamente raros e relutantes em desistir do fantasma. Esse está procrastinando desde que foi assassinado há mais de quatrocentos anos.

O Dr. Harmer tentou sair de cheiro. O tipo no corredor não reagiu. Scithe finalmente conseguiu um caminhão plataforma para levá-lo ao quartel-general da Guarda depois que Harmer colocara um curativo na testa dele. A flecha ficou onde estava.

Scithe partiu com a promessa de partilhar informações, que não valia muito. Jerry deixou um recibo. Coloquei-o na escrivaninha de Singe, junto com a conta do Dr. Harmer.

O médico também foi embora, deixando Dean sedado.

Avisei a Stretch que poderia sair.

Ratas especialistas em limpeza apareceram rapidamente. Elas estavam esperando com os sinalizadores. Nem comentaram a bagunça. Enrolaram os rostos com tecidos úmidos e jogaram no ar fétido algo que cheirava como o ardor de pimenta. Usaram ferramentas de jardinagem para colocar gosma em baldes que fecharam cuidadosamente antes de mandar que fossem esvaziados no rio. Evitaram contato com a gosma.

Stretch e eu visitamos o Homem Morto.

– Frio demais aqui – reclamou o rato.

– Culpa de Singe. Ela diz que quanto mais frio o deixarmos, mais tempo ele irá durar. E ele não sente nada.

– Estou certo de que ela sabe do que está falando.

– Ela sabe tudo sobre tudo. Então, o que há nessa preciosa caixa?

Ar.

– Como? Nada? Um cara morreu e dois ficaram feridos por causa dela.

É uma réplica. A caixa de verdade está em algum outro lugar.

– Como você descobriu isso?

Com grande esforço e teimosa determinação, raciocinando a partir do pouco que arranquei da criatura que o tenente Scithe levou embora.

O Homem Morto gosta de suas sacadas.

– Então foi um belo trabalho.

As damas estão retornando. Aparentemente tinham conseguido apenas parte do que desejavam.

Eu as deixei entrar. Penny passou rapidamente por mim e as mulheres da limpeza. Singe se juntou a mim no frio.

– Ouvi dizer que teve sorte – disse eu, apontando um polegar para o Homem Morto.

– Os deuses sorriram. Levemente. Não havia rastro da garota. Isso significa feitiçaria. Nós seguimos a criatura ferida. Aquelas coisas não estavam com ela. Nós estávamos fazendo a ronda quando a vimos sair de Benbow.

Benbow é uma velha estalagem à sombra da Colina, usada por pessoas de fora da cidade que têm negócios com os feiticeiros que infestam aquele bairro.

– Mandeí Penny lá dentro. Ela jogou um charme e descobriu que se desencontrou de sua amiga Kelly, que agora se chama Eliza. Eliza divide uma suíte no terceiro andar com a tia, Srta. Grünstrasse. Chegaram a TunFaire ontem.

Penny se juntou a nós.

– Tinha de ver como Dean estava.

– O médico diz que vai ficar bem. Algo a acrescentar?

– O gerente é um sujeitinho que parece um esquilo. Ele me deixou falar com as pessoas. Eliza veio de Liefmold. Há alguma coisa errada nela. Ela não fala. A tia tem um sotaque forte. Foi quando o esquilo sacou que eu na verdade não era amiga delas. Ele mandou alguém para o andar de cima, possivelmente para avisá-las, então sumi.

O Homem Morto me tocou de leve para que eu entendesse que não precisava saber como ela encantara a equipe do Benbow. Ele não queria que eu desse uma de pai.

– Fingi não conhecer Singe ou Dollar Dan quando saí, para que eles vissem se alguém me seguia.

– Bem pensado.

Singe disse:

– Um garoto da cozinha tentou. Dollar Dan o assustou tanto que ele se molhou.

– Então ele não é inútil.

Singe olhou com raiva. Ela não está pronta para admitir isso. E Penny...

Ahá! O interesse do garoto da cozinha não havia sido ideia do empregador.

Venham aqui. Todos vocês.

O Homem Morto é capaz de despertar lembranças que você nem sabe que tem. Ele coloca suas muitas mentes para trabalhar farejando várias trilhas distintas e amarra tudo de forma impressionante.

Não há nada além do óbvio. Nossa vítima, Recide Skedrin, despertou o interesse de pelo menos dois grupos e o suficiente para envolvê-los em assassinato. É provável que ele também fosse uma tentativa de desviar o assunto.

Como ele sabia tudo aquilo de repente?

Penny, por favor, cuide de Dean enquanto ele se recupera. Garrett e Singe ajudarão no que for necessário.

Alguém esquecera quem era o chefe.

Vá abrir a porta, Garrett.

O homem no umbral era baixo, flácido e nervoso. Tinha grandes olhos de cachorro castanhos e úmidos. Parecia um sujeito que havia tido uma vida inteira de infelicidade. Suas roupas eram gastas e datadas, elegantes para vinte anos antes. Ficou assustado com meu aparecimento.

Ele estava tentando decidir se devia bater. Ele guinchou.

– Quem é você?

Tinha uma voz feminina preguiçosa e um sotaque tão forte que era preciso esforçar-se muito para entender.

Para o escritório de Singe, por favor.

O sujeito não sabia sobre o Homem Morto, que demonstrava um prazer perverso. Deveria ser fácil chegar àquela convulsão.

– Por que você está acampado em minha soleira, sujeitinho?

– Ahn...

Ele devia ser a fonte das inesperadas informações do Homem Morto.

Pensou por alguns segundos se deveria usar as mentiras que havia ensaiado. Enquanto ele montava sua estratégia, Singe organizava os papéis para fazer anotações. Estava se divertindo.

Não me importo que mintam. O Homem Morto pode invadir suas mentes enquanto eles exercitam a imaginação.

Nosso visitante perguntou:

– Com quem estou falando?

Ele veio sem saber?

– O nome é Garrett. O ex-fuzileiro de olhos azuis mais bonito que você já conheceu. Esta casa é minha. Tem certeza de que veio ao lugar certo?

Ele tem. Pois acredita ser onde pode encontrar o que procura.

– Sr. Garrett, eu represento o Conselho de Ryzna.

Ele falava karentino como se estivesse com a boca cheia de pudim. Para minha sorte eu tinha um parceiro que podia me dizer não apenas o que o homem queria que eu soubesse, mas também o que ele estava pensando.

Ele percebeu recentemente que é responsável por si mesmo. Consequentemente, ficou ambicioso.

O sujeitinho bateu os calcanhares e se curvou levemente, um hábito que eles têm naquele lado do mundo.

– Rock Truck Rose Purple, às suas ordens, senhor.

Isso foi o que eu ouvi. Dei de ombros. Já ouvira nomes mais estranhos. Ele se assegurou de que eu soubesse que seu pai era importante no antigo país. Sua família explorava as massas havia séculos.

Escutei. Se o silêncio durasse bastante ele poderia querer preenchê-lo com algo interessante.

– Recide Skedrin veio vê-lo.

Ele pronunciou *Rai-ci-dei scai-drene*. Típico dos venagetas.

Aquele que morreu.

Eu sabia isso. Sou um observador treinado.

– Não conheço o nome.

– Isso não me surpreende. Ele não era ninguém. Oficial de marinha em um cargueiro fretado que navega entre TunFaire e Liefmold. Uma jovem maligna, Ingra Mah, recentemente falecida, o seduziu e o convenceu a contrabandear um tesouro nacional de Ryzna, de Liefmold para cá. Ela esperava leiloar o objeto em sua Colina.

Bem. Isso seria uma brincadeira de feiticeiro, provavelmente com grande apelo sexual. Do contrário as pessoas não estariam morrendo.

Ele está dizendo a verdade e o seu raciocínio faz sentido. Mas toda a história também tem um componente político. O Homem Morto acrescentou algumas imagens que havia recolhido.

Eu teria de descobrir o nome do homem depois. Eles não os juntavam da mesma forma que nós, no Sul. Soava como se ele tivesse traduzido. Também podia haver um cargo misturado.

O homenzinho sacou um punhal e disse:

– Estou procurando...

Singe interrompeu:

– Francamente, Sr. Rock! Que maus modos!

Ele pareceu surpreso ao vê-la. O Homem Morto o cegara.

Eu peguei o punhal, tomando o cuidado de não tocar na lâmina. Ela tinha faixas de várias cores, mas nenhuma obviamente de sangue seco.

Foi animado. O Homem Morto não se revelou. Singe não deixou sua mesa. Rock guinchou quando eu o coloquei em uma cadeira. Ficou emburrado e massageou o pulso torcido. Os olhos lacrimejavam.

– Chega disso. Por que está nos assombrando?

– Estou aqui em nome do Conselho para recuperar a Sombra.

– A Sombra.

Era possível identificar a importância sem ajuda do Homem Morto.

– O que sabe sobre Ryzna, Sr. Garrett?

– É uma cidade de Venageta com péssima reputação.

– Senhor! Ryzna é um venageta por compulsão, apenas porque alguém permitiu a entrada de sitiante na cidade sob a cobertura de um brilhante dia de sol, sem nuvens, ao meio-dia, enquanto todos os homens de verdade estavam...

Ele tagarelou uma história com mais de cem anos de existência.

Seus ancestrais foram os traidores. Os venagetas não conseguiram recompensá-los satisfatoriamente. Eles identificam uma oportunidade de virar o jogo com o roubo dessa Sombra.

Certo. Nunca deixei que o fato de não saber o que está acontecendo me impedisse de ir em frente.

– O que é essa coisa de Sombra? E por que procurar por ela aqui?

Será que afinal haveria alguma chance de haver alguma coisa naquela caixa?

Não. Isso seria algo tão poderoso que qualquer um de nós sentiria. A caixa verdadeira é revestida de ferro, chumbo e prata. A Sombra é a soma das almas dos feiticeiros de Ryzna que partiram. O poder deles combinado, sem as personalidades. Sua importância para Ryzna e o Sr. Rock é mesquinha. A ambição é usá-la para controlar Ryzna. Mas o ladrão morto se deu conta de que poderia ser uma ferramenta poderosa para qualquer feiticeiro em qualquer lugar.

Ela mesma devia carecer de talentos mágicos. Estaria ocupada tentando conquistar o mundo se tivesse algum talento.

Exatamente. O Sr. Rock está interessado nas possibilidades da Sombra.

Então. Recapitulando. Um socialista independente decidiu redistribuir a riqueza roubando a Sombra de Ryzna. Rock foi convocado para levá-la de volta por ser considerado burro demais para tentar ficar com ela. Mas ele tem fingido. Decidiu que ninguém merece usar aquele brinquedo mais do que o velho e doce Rock Truck Rose Purple, ele mesmo.

Rock não era meu tipo de gente, mas seguramente era um tipo que eu encontrava muito.

– A Sombra é... Não. Para você não importa o que é. O que importa é que pertence ao povo de Ryzna e temos de recuperá-la. Pago-lhe 4 mil nobres de prata se você a achar e me devolver.

Isso chamou minha atenção. E Singe teria sorrido se os ratos conseguissem sorrir.

Eu disse:

– Isso é bom.

Quatro mil seriam convenientes.

– Isso é muito bom.

Ele, então, começou a agir estupidamente, como se eu tivesse esquecido por que a ladra original enviou seu saqueador para TunFaire.

– A Sombra não serve a ninguém fora do Conselho de Ryzna.

Não é verdade nem mesmo em Ryzna. Os venagetas tomaram Ryzna com Sombra até que um guarda descuidado, jovem demais para pensar por conta própria, deixasse Ingra chegar a ela.

Ingra Mah parecia ser um talento. Uma pena ter deixado alguém ir atrás dela.

– Vamos ser claros, Sr. Rock. O que deseja? Não temos sua Sombra. Mas podemos procurá-la. É o que fazemos aqui.

– Recide lhe trouxe uma caixa.

– Estava vazia. E ele não viveu o suficiente para explicar.

As criaturas perseguindo o Sr. Recide eram cúmplices do Sr. Rock. Eram cinco, escolhidos pelo Conselho de Ryzna para ajudá-lo, mas também para mantê-lo na linha. Eles não foram responsáveis pela morte do Sr. Recide.

Cinco. Dois feridos. Um deles no xilindró. Guardiões de Rock e consortes. Bom saber. E a ladra original? Estaria mesmo morta? Teria sido esperta o bastante para apagar seu rastro simulando a própria morte?

– Por estranho que pareça, acredito no senhor, Sr. Garrett.

Ao mesmo tempo, Ossos Velhos percebeu: *Ele acredita que ela está morta.* E mandou uma imagem da mente do homenzinho.

Ingra Mah fora atrás de Recide Skedrin. Rock chegara ao local pouco depois.

O Homem Morto me assegurou que embora Rock fosse um vilão autêntico e capaz de tudo, não era o responsável.

Rock continuou.

– Recide e o mestre do seu barco também trabalhavam como transportadores de bens duvidosos.

– Eram contrabandistas.

– Colocando de forma objetiva, sim.

– Por que vir à minha casa?

– Só posso imaginar, Sr. Garrett. Ou ele foi orientado a fazê-lo antes de deixar Liefmold ou ao chegar fez algumas perguntas e achou que você atendia às necessidades. Minhas investigações sugerem que o senhor tem contatos importantes na Colina. Por outro lado, e é assim que vejo, ele pode ter simplesmente querido deixar uma trilha falsa enquanto o mestre do seu barco levava a verdadeira Sombra para outro lugar.

– Digamos que eu encontre sua coisa. Como recebo meus 4 mil?

– Estou hospedado no Falcon's Roost. Pode me procurar lá.

Ugh. O Roost é um buraco horrendo não distante do Benbow. Você não precisa empurrar as piranhas e os vigaristas para entrar, mas a clientela é composta, sobretudo, de parasitas da sociedade que fazem trabalhos sujos para aqueles que reluzem na Colina.

Um homem com mais de 4 mil poderia conseguir algo melhor.

Rock indicou seu punhal, que estava na beirada da mesa de Singe.

– Posso?

– Fique à vontade.

Ele pegou a lâmina, passou por mim como se fosse embora, então se virou e disse:

– Vou procurar...

Penny o acertou por trás com um jarro.

– O jantar está pronto, pessoal.

Eu disse a ela:

– Deixe os pulsos um pouco mais soltos. Não quero que acabe com uma torção grave.

Ela olhou para mim com cara feia, mas se juntou a Singe para me ajudar a revistar os bolsos de Rock. Não achamos nada, então o colocamos no patamar do lado de fora, sem o punhal.

Ela se tornou mais um troféu na mesma prateleira em que está a caixa de cerejeira.

Depois nos reunimos na cozinha.

Eu me sentei novamente à mesa do escritório. Singe perguntou:

– Quem estava à porta?

– Scithe. Achou que deveríamos saber que o prisioneiro morreu sem falar. E ficou muito tempo pensando em como um invasor de domicílio terminou com uma flecha na testa.

– Bom homem. Tem noção de justiça. Está surpreso por aquela coisa ter morrido?

– Ele teve sorte de durar tanto.

Penny perguntou:

– E agora? Que tal retornarmos ao Benbow? Depois que Dan assustou Bottle...

– Você sabe o nome dele?

– Era bonitinho.

– Já não tenho o bastante com que me preocupar?

Singe deu um risinho. Penny ignorou o comportamento paternal irritante.

– Que tal a sopa, velho?

Um pouco picante.

– Excelente. Você prestou atenção quando Dean ensinou como fazer.

– Obrigada.

Ela conseguia soar ranzinza mesmo parecendo satisfeita.

Singe disse:

– Minha vez de atender. – E se afastou da mesa.

Penny resmungou:

– É perturbador o modo como ela ouve e cheira coisas.

Singe retornou com uma carta lacrada com o logotipo do Benbow.

– Foi a criança loura. Ainda muito pouco cheiro.

Nem qualquer presença identificável. Embora eu me sinta desconfortável. Tonto. Quase nauseado.

A carta era endereçada a **Sr. Garrett** em caligrafia destacada.

– O que ela disse?

– Nada. Entregou isso e partiu. Ela não pode ser humana.

Eu mastiguei um pouco de ar, pensando.

– Havia um cheiro de argila? Algo assim?

– Não. Mas vou refletir sobre as implicações.

– O que é isso? – perguntou Penny, sendo a única que não podia ler por sobre meu ombro.

– Um pedido para me encontrar com uma Srta. Grünstrasse para uma ceia e

uma garrafa de TunFaire Gold.

Que era a melhor bebida da cidade.

– Tenho tempo para me arrumar? – perguntou Penny.

Eu não expliquei que o convite era apenas para mim.

Penny, este é um daqueles momentos em que você deve deixar Garrett e Singe ajudarem-na.

Haveria uma revolução ali. Ou talvez uma contrarrevolução.

O marinheiro Recide Skedrin havia sido sócio minoritário em um barco que, segundo boatos, fazia contrabando. Seu barco e a tripulação mereciam uma olhada. Mas:

– Eu fui honesto demais com Scithe. Ele terá Especiais de olho em cada sombra no cais.

Seu compromisso no Benbow é algo mais imediato. O tenente Scithe logo começará a vasculhar os estabelecimentos públicos.

Estávamos prestes a sair, com Penny discretamente equipada. De repente ela decidiu subir.

Singe já lidou com a questão do cais.

Ela disse:

– Meu irmão deixou que eu mandasse Dollar Dan. Dan não será notado lá.

Um rato nas docas? Dificilmente. Passaria despercebido.

– Prontos? Penny! Vamos!

Descubra por que as pessoas se sentem à vontade para cometer homicídio dentro de nossa casa.

– Eu só vim aqui para relaxar!

Singe abriu a porta, mas não saiu.

Chovia. Forte.

Penny desceu as escadas correndo com guarda-chuvas, chapéus e capas.

O Benbow estava ali havia séculos. Ele me lembrava de uma pequena avó de bochechas vermelhas, como a minha. Era quente, cheirava a fumaça de madeira de lei, anos de culinária em que alguém gostava especialmente de alho. Havia se tornado confortável. Era um bom lugar, eventualmente perturbado pelos maus hábitos de alguma pessoa.

Do lado direito de quem vinha da rua ficava a sala de jantar, nada grande, naquele momento vazia. A maioria dos hóspedes preferia fazer as refeições no quarto. Do lado esquerdo havia um conjunto de velhos sofás e cadeiras macios e

confortáveis e mesinhas laterais gastas. Três homens velhos ocupavam três lados de uma mesa. Enquanto dois jogavam xadrez, o terceiro resmungava conselhos não solicitados. Não havia bar. A gerência preferia não atrair clientes da rua.

A escada para os quartos dos hóspedes ficava bem na frente, vigiada por um homenzinho de aparência pretensiosa com incisivos de roedor. Só tinha cabelos nas laterais. Sua aparência pedia que ele fosse chamado de Coelho ou Esquilo.

Ele se ergueu do lado de uma pequena mesa abarrotada, engolindo em seco quando Penny saiu da sala de jantar.

Sua voz era um guincho alto.

Penny não prestou atenção.

Coelho começou a gaguejar. Depois identificou o que Singe era. A gagueira desapareceu.

Eu apresentei meu convite.

– Ah. Claro. Não esperava – disse ele, lançando um olhar desesperado para Penny, depois outro para Singe. Doeu nele dizer: – Por favor, venham comigo.

Há muito preconceito contra ratos.

A Srta. Grünstrasse ocupava uma suíte no terceiro andar. Eu ofeguei, bufei e pensei se ainda havia tempo de começar a caminhar ou fazer ginástica. Coelho bateu na porta.

A loura abriu. Ela ficou de lado. Era tão cordial quanto uma estátua. Seus olhos pareciam vazios.

Singe foi na frente. Eu a segui. A porta se fechou no rosto de Coelho. A garota passou o trinco e foi para o lado esquerdo da sala de estar. Ficou em posição de descansar, mas com as mãos cruzadas à frente. Vestia um traje diferente, sem o casaco. Mas o estilo continuava ruim.

– Ah, Sr. Garrett. Não estava certo de que aceitaria. Aprecio a cortesia. Verdadeiramente.

Esperei um instante.

– Senhor? Há algo errado?

O olhar que ela lançou na direção de Singe expressava fúria.

– Desculpe. Apenas impressionado.

À luz fraca ela lembrava minha futura sogra, uma das mulheres mais desagradáveis que já conheci.

Aquela era enorme, feia e também cheirava mal.

O cheiro era resultado da dieta e de hábitos pessoais questionáveis.

Seu sotaque era mais forte do que o de Rock, com um ritmo diferente.

– Venha, Sr. Garrett. Fique à vontade. Vamos conversar enquanto Squattle

prepara o jantar.

Ela falou lentamente. Cada palavra, embora isoladamente truncada, podia ser compreendida no contexto.

Eu me sentei. Singe permaneceu de pé. Não havia cadeiras adequadas para ela. A Srta. Grünstrasse não tirou o casaco, o que era uma guerra psicológica com a sobrinha. A loura mudou a posição depois que me acomodei.

– Agora, então, Sr. Garrett. Rock Truck Rose Purple o visitou hoje. Ele sem dúvida tem uma imaginação fértil. Atribuiu seus próprios crimes aos outros.

Rock era meu cliente, no entendimento dela. Não abri a boca.

– Então. Muito bem, senhor. Muito bem. Eliza e eu vimos à sua maravilhosa cidade recuperar uma preciosa relíquia.

– A Sombra.

– De fato. Exatamente. Então, Rose Purple não o desinformou inteiramente. Impressionante. Sim. A Sombra. De valor intrínseco mínimo, tem substancial valor moral para certas pessoas. Estamos aqui, em nome da Coroa Venageta, para recuperar a propriedade real – disse, me estudando com estreitos olhos suínos, enormes e verdadeiramente feios. – Isso não seria um problema, seria, senhor? Não irá me julgar apenas por ser venageta, não é?

– Não. Vencemos a guerra.

– Excelente. Excelente. Eu suportei minhas próprias dores naquelas tristes temporadas, lhe asseguro. Assim como todos. Bem, posso então contar com o senhor?

Franzi o cenho. Confesso que aquilo não fazia sentido.

– Não compreendo o que está pedindo.

– No espírito da nova amizade entre nossos povos, o senhor devolverá a Sombra a mim, a Mão de Begbeg.

Todos os governantes venagetas têm Beg em seu nome. Aquele que deixou de lutar chamou a si mesmo Begbeg, que significa Rei dos Reis ou Rei do Mundo.

– Não tenho sua bugiganga. Não sei onde está. Não reconheceria se ela me mordesse no tornozelo. E não dou muita importância.

– Senhor!

– Sei que alguém tentou invadir minha casa, outro alguém o deixou morto e um desses morreu posteriormente. A coisinha ali viu tudo do outro lado da rua. A senhorita provavelmente sabe mais do que eu.

– Mas Recide levou uma caixa até você.

– Levou? Singe, você viu uma caixa?

– Não vi – disse ela, distraída. Além do fedor da Srta. Grünstrasse, a suíte

estava repleta de odores incomuns.

– Realmente, Sr. Garrett. O senhor finge. Eliza viu a caixa.

Eu olhei para a loura, tão imóvel e perfeita quanto uma porcelana decorativa. Terá visto mesmo? Improvável. Por que então dizer isso?

– Ela deve ter olhos mágicos para ser capaz de ver dentro de minha casa do lugar onde estava.

– Perde seu tempo tentando provocá-la.

A coisinha não era meu alvo.

Alguém bateu na porta com grande entusiasmo.

Coelho chefiava a entrega do jantar. Ele estava soturno. Seus principais assistentes eram um garoto e uma garota no começo da adolescência. Penny era a garota. O garoto, presumivelmente Bottle, era mais desgraçada e perigosamente bonito do que ela insinuara. Também era abençoado com demasiada e maldita autoconfiança.

Dois outros funcionários levaram mesas dobráveis, uma para o jantar, outra para os garotos usarem como apoio. Uma velha triste que poderia ser a companheira de Coelho entrou apressadamente.

– Encontrei! – anunciou, desdobrando uma cadeira projetada para alguém dotado de rabo.

A equipe arrumou quatro lugares sobre uma toalha limpa. Eliza se sentou, mas não parecia satisfeita.

Comemos, basicamente em silêncio, pato e algumas outras coisas, nada memorável. Assim como não o era o vinho, embora fosse um TunFaire Gold. Singe era a única que sabia o que fazer com o arsenal de talheres.

Eliza comeu apenas o bastante para poder dizer que participara. Não falou em momento algum. Mas seus olhos observavam tudo.

Finalmente, quando havíamos chegado aos ossos, a Srta. Grünstrasse observou:

– Sentirei falta da comida daqui. Então, Sr. Garrett. O senhor espera ter alguma vantagem mantendo a Sombra. Como posso fazê-lo mudar de ideia?

– Não pode. Não tenho sua maldita coisa.

A mulher riu. Suas banhas tremeram.

– Muito bem, então. Muito bem. O que será necessário para encorajá-lo a encontrá-la?

– Não sei o que procurar. Mas Rock me ofereceu 4 mil nobres de prata por ela.

A Srta. Grünstrasse começou a estremecer.

– Rose Purple? Quatro mil? Aquele príncipe dos mentirosos! O último em uma procissão interminável de ladrões! Ele irá desaparecer por conta própria, onde quer que esteja!

Coisa estranha a se dizer. Houve um silêncio. Eliza pareceu especialmente interessada.

A Srta. Grünstrasse mudou a abordagem.

– Mal tocou seu vinho, Sr. Garrett. Algum problema com ele? O taverneiro me garantiu que é o melhor que TunFaire tem a oferecer.

– E ele estaria certo, mas eu sou um cervejeiro esnobe.

A moderna obsessão com suco de uva estragado é inexplicável. Como alguém observou certa vez, a cerveja é prova de que os deuses nem sempre querem apenas nos atormentar.

– Cerveja, senhor? Sei que TunFaire é famosa pela variedade e qualidade de suas cervejas. Tem uma preferida?

Por que não ser difícil?

– Weider Wheat com um toque de amora.

– Eliza, veja o que Squattle tem disponível.

A loura inclinou a cabeça, se levantou e deixou a suíte como se impulsionada por um mecanismo de relógio.

– Qual o problema dela? Pelo menos é humana?

– Ah, sim. Ela é, senhor. Sim, de fato. Minha sobrinha. Também minha estagiária. Concluindo sua formação básica. Uma criança impressionante. Brilhante para a idade. Será uma das grandes – disse, e virando-se de lado: – O que é isso, garota?

Penny colocara um prato diante dela.

– Pastel de abóbora temperada, madame. Especialidade do Benbow.

Ela me serviu e a Singe. Bottle a seguiu com um saco de confeitaria do qual serviu um xarope à base de rum.

Penny perguntou:

– Devemos preparar um para a pequena dama, madame?

A Srta. Grünstrasse ficou incomodada. Não estava acostumada a ser uma madame comum.

– Guarde na estufa. Ela talvez não queira. Não come muitos doces.

Perguntei sobre Ryzna, Venageta e a Sombra. A Srta. Grünstrasse mudou de assunto ou tentou me convencer da pura maravilha de ajudá-la a resgatar sua bugiganga desaparecida.

– Chegamos a um acordo, Sr. Garrett?

– Não ouvi uma só palavra sobre potenciais benefícios para mim e para os meus. Além deste belo jantar.

Ela não ficou satisfeita. Não era a resposta que considerava certa.

– Muito bem, senhor. Tenho de lembrá-lo de que estou fora daquele reino em que meus desejos têm o peso da lei. Muito bem. Traga-me a Sombra e pagarei uma taxa de descoberta de 800 nobres – disse, erguendo a mão para impedir a observação que esperava. – Legítimos nobres comerciais Full Harbor, não o ouro de fantasia da promessa ilusória de Rose Purple.

Eu parecia em dúvida.

– Vamos lá, Sr. Garrett. Prometo não testar sua virtude.

Ela tinha senso de humor?

Relaxe um pouco.

– Feche a porta. Para o caso de minha sobrinha retornar. Preferiria que ela não soubesse disso.

– Ela fala ou entende karentino?

A ignorância do idioma podia explicar seu desinteresse em se comunicar.

– Não que eu saiba, senhor. Mas a criança é cheia de surpresas. Poderia me ajudar?

Ela queria arrastar uma arca de sob a cama desfeita. A roupa de cama cheirava como a Srta. Grünstrasse, só que pior. Não pude deixar de especular se ela estaria sofrendo de algo maligno.

Colocamos a arca sobre a cama. Ela disse:

– Afaste-se enquanto desfaço a combinação.

O trinco da arca cintilava com uma trama de feitiços letais.

Fiquei pensando em se aqueles que importavam sabiam que tínhamos uma estrangeira peso-pesado entre nós. Uma venageta peso-pesado que, provavelmente, sobrevivera a nosso povo da Colina no Cantard.

– A guerra acabou, Sr. Garrett. E minha missão agora é mais importante do que qualquer vingança.

Ela abriu a arca e retirou uma bandeja que ocupava dois terços da profundidade dela. Abaixo havia moedas de prata, fila sobre fila, lado a lado, sobre as bordas. Centenas e centenas. Também havia ouro, mas ela não me oferecera ouro.

Oitocentos nobres é muito dinheiro. E era dinheiro de verdade.

– Pegue uma moeda. Qualquer moeda. Teste.

– Posso ver que são verdadeiras.

Elas tinham os sulcos Full Harbor para impedir falsificações.

– Ainda assim, pegue uma. Mande examinar – disse, e esperou enquanto eu me servia. – Oitocentos nobres, Sr. Garrett, e o restante para despesas e algumas compras antes de retornarmos à melancolia de Venageta.

Odeio quando vilões mostram uma faceta humana.

– Vamos lá, Sr. Garrett. Vamos retornar à sala de estar antes que sua assistente perca a compostura... Antes, porém, ajude-me com a arca.

Ela recolocou a bandeja. Refez os feitiços de trancamento, que cheiravam a morte. Ajudei a baixar a arca. Ela a recolocou com cuidado minucioso.

Estando na frente, perdi o olhar satisfeito que ela lançara sobre Singe, Penny e Bottle.

Nós nos acomodamos à mesa.

A Srta. Grünstrasse começou a franzir o cenho, se agitar e a cheirar pior, o que perturbou Singe. A mulher começou a murmurar:

– Onde está aquela garota? Por que ela faz isso?

Eu conhecera venagetas suficientes durante a guerra para entender aquilo. A Srta. Grünstrasse não estava satisfeita com sua aprendiz maravilhosa. Ela disse:

– Desculpe-me, Sr. Garrett. Eliza se distrai.

Eliza finalmente apareceu, carregando uma bandeja com oito canecas arrumadas em fila como soldados em formação. Colocou a bandeja ao meu lado. Eu disse:

– Você é um tesouro, Eliza.

Ela poderia ser um móvel.

Eu percebi umidade nos sapatos dela. As narinas e os bigodes de Singe se agitaram. Ela cheirava a algo que não estava ali antes.

Eu cheirei as cervejas, evidentemente, cada uma que Coelho tinha. Passei duas para Singe.

Penny entregou o pastel de abóbora de Eliza. Bottle colocou o molho. A garota remexeu, franziu o cenho, cheirou, provou e então quase sorriu. Devorou a coisa toda, dando mordidas delicadas. A Srta. Grünstrasse ficou impressionada.

– Vamos querer mais.

Penny e Bottle começaram a tirar a mesa. Penny sentiu uma mudança e queria sair na frente.

Singe começou a elogiar a seleção de cervejas da casa, fingindo estar embriagada. Estrangeiros não sabem que alguns ratos podem entornar um barril sem se alterar.

Assim que os garotos saíram, Singe começou a falar arrastadamente sobre precisar voltar logo para casa. Tínhamos um toalete que uma rata podia usar. Ela

não queria ficar constrangida.

A Srta. Grünstrasse deu um sorriso maternal.

– Por favor, considere minha oferta, Sr. Garrett.

– Está garantido. Vou me casar. O dinheiro me faria bem.

– Ficarei aqui até a Sombra aparecer.

– Farei uma reunião com meus parceiros assim que voltarmos para casa.

Foi o bastante para um grande sorriso. E depois:

– Estarei aqui.

Algo acontecia em um beco a poucos metros do Benbow. O tenente Scithe estava lá, tarde da noite, zumbindo como a mãe de todas as moscas.

Xeretei. Aquilo nos custou uma hora respondendo perguntas sem sentido sobre como Singe, Penny e eu podíamos estar envolvidos em mais um homicídio duplo.

As vítimas eram criaturas como aquelas que haviam invadido minha casa. A coisa que apanhara Recide Skedrin os pegara, mas eles estavam se dissolvendo mais lentamente. Peças de chumbo haviam penetrado no ponto onde o apodrecimento começara.

Singe apontou com seu guarda-chuva fechado.

Perguntei:

– Tenente, aquela caixa quebrada poderia ter alguma relação com isso?

A tal caixa era parecida com aquela recentemente incorporada à coleção do Homem Morto, mas revestida de camadas de metal. Havia sido arrombada.

– Estou com uma sensação estranha. Vamos ver o que os gênios da perícia farejam.

Singe deu sua própria farejada.

Scithe nos liberou. Quando não podia ser ouvida, Singe disse:

– Parou de chover enquanto estávamos lá dentro, mas o piso ainda está molhado. A garota cheirava a umidade quando voltou com as cervejas.

– E aquela caixa estava seca por dentro.

– Ela não disse nada à tia.

– Não. Vamos logo para casa.

Singe e eu estávamos ansiosos, mas Penny tinha outras coisas na cabeça. Disse que nos encontraria em casa. Ela e Bottle iam tomar uma gemada.

Singe não permitiu que eu fosse idiota.

– Aqui – disse, tirando a moeda que a gorda me fizera pegar. – Quero troco. E tome cuidado.

Penny riu, acenou com o nobre no ar e desapareceu.

Singe prometeu:

– Ela não vai gastar nada.

O Homem Morto sentiu nossa agitação enquanto destrancávamos a porta.

Venha diretamente para cá. Dean está bem.

Ele não fez perguntas. Mergulhou diretamente em nossas mentes, deslizou por elas. Não demonstrou qualquer preocupação com Penny. Eu perguntei:

– Eu não entendi nada? Ou aquela garota Eliza é uma assassina?

Considerando o que vocês trouxeram, o que eu peguei com Rock Truck e dependendo do que conseguir com Penny, sim. Ela não é o que parece. Preciso de um minuto para digerir.

Demorou cinco.

Por que a mulher mandou a garota para fora? Distraída o bastante para fazer isso em karentino?

Eu deixara passar isso.

A resposta pode derivar de sua falta de cheiro, sua ausência de presença e a náusea profunda que senti quando ela veio à porta.

– Grünstrasse a queria fora porque ela interfere com as mentes.

Excelente.

– E ela queria dar uma espiada dentro da minha cabeça.

O que ela conseguiu. Mas o talento dela não é páreo para o meu. Ela não conseguiu discernir detalhes ou pensamentos específicos, mas viu que você realmente não tem a Sombra. Viu que Penny estava com você. Pode ter sido alertada sobre minha existência.

Aquilo poderia não ser ruim. Ela iria querer manter distância.

Ela ficou desconfiada da garota? Ela percebeu o mesmo que você quando a criança voltou? Se Eliza não der uma explicação satisfatória, a tia ficará extremamente nervosa. Se ela souber do incidente na rua, poderia suspeitar de uma aliança repentina entre Eliza e Rock Truck.

Gostaria que ela estivesse aqui para uma consulta.

Eu não estava certo de como ele podia ligar Rock e Eliza, mas não apostaria contra. Ele extrai respostas certas de filamentos e poeira de fadas, se valendo de séculos de observação de como o comportamento humano ganha forma.

Prova dessa hipótese será o senhor Rock retornar aqui.

– Acha que ele entrará em pânico e virá até nós por não conhecer mais ninguém.

Sim.

– Ele é mortalmente idiota.

Isso ficou evidente desde o princípio.

– O que havia na caixa naquele beco?

Singe opinou.

– A mesma coisa que havia na nossa caixa aqui.

Ar. Sim. Quase certamente. Em algum lugar há um capitão morto, assassinado por nada. Rock Truck e a Srta. Grünstrasse estão caçando um fantasma. A Sombra nunca veio para TunFaire.

– Ingra Mah está morta?

Se ela enganou a criança para que matasse alguém em seu lugar ou se foi morta após ser roubada por terceiros, não importa. Eu, contudo, temo que logo terão início tempos terríveis em algum ponto entre Ryzna e Liefmold. Alguém tentará usar a Sombra e ela começará a usá-lo. Ou usá-la.

Pode ir dormir, Garrett. Terminamos por hoje.

– Não, até Penny voltar para casa não terminamos.

Que diversão demorada...

O Homem Morto começou a conversar com Singe. Fui ver Dean. O velho amigo estava dormindo normalmente. Tinha um olho roxo, mas provavelmente voltaria ao trabalho no dia seguinte.

Penny apareceu mais cedo do que eu esperava. Estava lívida.

– Quero que você faça picadinho daquele Bottle! – rosnou. – Aquele...! Aquele...!

Sua linguagem não passaria num teste da elegância.

– O que aconteceu?

– Fomos ao lugar que ele queria e ele não tinha dinheiro! De repente ele tinha quatro amigos com fome, um deles uma idiota chamada Tami.

– A vida é uma droga.

– Você está achando isso engraçado.

Estava. Mas ela não entenderia a piada. Que inferno, eu não iria escutar a conclusão antes de oito horas.

– Vá ver o Homem Morto.

– Ele já sugou tudo da minha cabeça. Vou chorar até dormir.

Rock Truck apareceu tão cedo que apenas Singe e o Homem Morto estavam

acordados. Rose Purple fugia. Estava molhado, sujo, aterrorizado e exausto. Singe o deixou entrar, o colocou em uma cadeira e ordenou:

– Não se mova.

Voltou à porta da frente, saiu e acenou.

Dollar Dan não estava lá, mas outro rato saiu de uma sombra. Ela deu instruções a ele. Então subiu para me acordar, como se a coisa toda não pudesse esperar uma hora civilizada.

Enquanto ela corria de um lado para o outro, para cima e para baixo, Rock de Ryzna soube que a palavra dela era uma ordem. Por mais que tentasse, não conseguiu se levantar daquela cadeira.

Singe estava fazendo chá preto forte quando, ainda sonado, entrei na cozinha.

– Não está pronto, Garrett. No meu escritório. Fale com o homem. Eu levo.

Ainda estava me arrastando pelos quilômetros daquele corredor quando o Homem Morto enviou: *Abra a porta.*

Desconcertado.

A batida surgiu quando eu soltava o primeiro trinco. Abri. Scithe hesitou. Eu disse:

– Chegou rapidamente.

– Ahn?

Ele não recebeu nossa mensagem.

– Casualidade?

Scithe recuou. Palavra grande. Podia ser perigosa.

– Singe enviou um mensageiro. Apanhamos um cara mau.

Isso apenas o deixou mais perplexo. Dei um passo para o lado. Scithe e seu capanga entraram. Singe saiu da cozinha com uma bandeja, meia dúzia de xícaras e chá ainda fervendo. Scithe disse:

– Nós vimos...

Seus olhos embaçaram.

Eu recebi uma mensagem, assim como Singe, que quase derrubou sua bandeja.

Scithe se aproximou de Rock e apoiou a mão no ombro direito dele.

– Este é o demônio? Quatro acusações de assassinato? Não parece o tipo – perguntou, a seguir se curvando para sussurrar. – Você está na merda, docinho.

Rock se contorceu. Uma súplica doía em seus grandes olhos castanhos.

Eu disse:

– Más notícias, Rock. Tudo isso por nada. A Sombra nunca veio para TunFaire.

Rose Purple fez ruídos como os de um homem tentando gritar com uma

mordança. Acho que ele estava chateado.

Scithe perguntou:

– Ele não vai a parte alguma, certo?

– Só se os outros vilões o resgatarem.

Risinhos gerais. Os outros vilões estavam prestes a ter problemas eles mesmos.

Scithe disse:

– Tenho de cuidar disso. Ah!

Penny havia descido. Parecia mais soturna do que eu normalmente me sentia em uma hora absurda como aquela. Pegou uma xícara. Singe serviu. Penny colocou um monte de açúcar.

– O que está rolando? Quer o quê de mim?

– Você esteve no Torah's Sweetness na noite passada – disse Scithe. – Ficou violento lá.

– E? Quer dizer alguma coisa com isso?

– Quero.

Eu disse:

– Ele quer, Penny. Todos lá acabaram como idiotas babando depois que você saiu.

– Ahn? Bosta. Você não vai me meter nisso.

Seus olhos ficaram opacos.

Ela se sentou na cadeira mais próxima.

– Devia haver uns vinte garotos lá. Eles não tinham nada a ver com disso. Por que alguém iria querer fazer algo assim?

– A Srta. Grünstrasse não estava atrás deles. Esperava que eu trouxesse aquela moeda para casa. Quando a maldição dela acertasse o alvo, Ossos Velhos e eu deixaríamos de ser a ameaça que nos tornamos quando ela descobriu que não estávamos com a Sombra.

– Ela também pegaria Singe, Dean e eu.

– Sim.

– Não está contente por não ter sido tão chato sobre eu sair com Bottle?

Mas ela não estava preocupada com aquilo.

– Estou. Aquilo funcionou bem.

Mas nem eu nem o Homem Morto atribuímos aquilo à sorte. Acreditamos em intuição. Algo lá no fundo me levou a dar aquela moeda.

Mas eu poderia ter feito um trabalho melhor do que fiz.

Scithe perguntou:

- Você vem comigo, Garrett?
- É um convite?
- Se você não atrapalhar e não abrir a boca.
- Eu concordo por ele – disse Singe. – Eu o acertarei caso saia da linha. Scithe a avaliou com as sobrancelhas erguidas.
- Também vou.
- Somos três – acrescentou Penny.
- Scithe suspirou. Civis...

Começamos depois que os Especiais chegaram. Três se encarregaram de Rock Truck. O restante foi ao Benbow conosco.

Coelho estava infeliz. A Srta. Grünstrasse desfizera acampamento durante a noite. A conta havia sido paga, mas ela deixara a suíte arrasada. Parecia ter havido uma briga.

Singe fez o relato.

- A gorda brigou com a sobrinha.
- Consegue rastreá-la? – perguntei.
- Sob a água. Estava extremamente perturbada. Não foi bom para ela.

A trilha levou primeiramente até onde a gorda interceptara os Especiais que levavam Rock para o quartel-general. Isso resultou em um sequestro, não um resgate. Testemunhas disseram que foi rápido e assustador, mas sem ajuda da criança. Sua trilha levou até o cais, terminou em um píer abandonado. O barco que estivera atracado ali sumira de vista, a corrente o levando para fora da jurisdição legal da Guarda.

Começou a chover novamente.

– Eles escapam com demasiada frequência – disse Scithe, se curvando para impedir que a água escorresse por seu pescoço.

– Eles vão cortar as gargantas uns dos outros.

A não ser que os Especiais os apanhassem antes. Eles não tinham limites em casos de assassinato.

– Talvez.

– Meu primeiro sargento de pelotão costumava dizer que em alguns dias você come o crocodilo e em alguns dias o crocodilo come você.

– É – disse ele, sorrindo amargamente. – A piranha deixou a garota para enfrentar as consequências. Vamos encontrá-la e cuidar disso.

Sem mistério, sem milagre

MELINDA M. SNODGRASS

O problema de abrir uma fenda no mundo é que você nunca sabe o que passará por ela. O que pode ser perigoso se seu trabalho for fechar aquela fenda novamente.

Escritora cuja obra abrange diversos meios e gêneros, Melinda M. Snodgrass escreveu roteiros para vários programas de televisão, incluindo *Jornada nas estrelas: a nova geração* (da qual também foi produtora por muitos anos). Foi roteirista e produtora de *Profiler*. Escreveu romances populares de ficção científica e foi uma das criadoras da longa série *Wild cards*, para a qual também escreveu e editou. Entre seus romances estão *Circuit*, *Circuit breaker*, *Final circuit*, *The edge of reason*, *Runespear* (com Victor Milán), *High stakes*, *Santa Fe* e *Queen's gambit declined*. Seu romance mais recente é *The edge of ruin*, continuação de *The edge of reason*. Entre seus romances de seriados estão *Double solitaire*, da série *Wild cards*, e *The tears of the singers*, da série *Jornada nas estrelas*. Também organizou a antologia *A very large array*. Ela mora no Novo México.

O chacoalhar das rodas sobre os trilhos era hipnótico. O luar penetrava entre as ripas do vagão de carga e, do lado de dentro, um lampião a querosene iluminava os rostos dos homens reclinados em suas trouxas. A luz dourada e quente dava um aspecto saudável à pele amarelada e áspera. A presença do lampião teria provocado a ira e os ataques de qualquer autoridade que passasse, mas felizmente nenhum policial ferroviário verificara o trem nas duas estações anteriores. Cross se apoiou nos fundos do vagão, escutou o zumbido grave de vozes masculinas e viu a magia que corria no sangue cintilar ao redor deles.

Ele deixara Nova York três meses antes, buscando o local de origem de um misterioso símbolo de vagabundos. Normalmente esses símbolos eram coisas simples; um código que vagabundos deixavam para outros de modo a orientá-los enquanto cruzavam um país arrasado pela depressão. Um círculo vazio significava que não havia nada ali. Um triângulo com duas linhas estendidas

como braços e quatro linhas menores como dedos significavam que se você escutasse uma pregação religiosa, conseguiria uma refeição grátis. Aquela tinha uma cruz, mas também uma serpente. A cabeça da cobra se encaixava no ângulo entre a parte de cima e os braços da cruz; a boca estava aberta, mostrando presas, e havia algo nos olhos que Cross achava assombrosamente familiar e perturbador.

Seu chefe, dono da Unique Investigations, suspeitava que isso marcava o lugar de uma incursão de outro universo e, após encher os bolsos com dinheiro, Conoscenza enviara Cross para investigar. Cross passara semanas em acampamentos de vagabundos, andando pelas estradas, pegando trens, conversando com vagabundos e sendo atacado, mas achava estar chegando ao final da jornada. O que o velho contara a ele em St. Louis parecia promissor.

O velho vira a marca em Buford Fork, uma cidadezinha perto de Tulsa, Oklahoma. Eles logo chegariam lá, Cross saltaria e iria em busca da fenda e da criatura que a abrisse. Era uma noite quente de junho, mas ainda assim Cross tremia e apertou o paletó ao redor de si. Enfrentara um do seu tipo na Virgínia Ocidental e isso o deixou exausto. Perdera dias se remontando e ainda estava extremamente frágil. Sentia que podia ter um colapso a qualquer momento, portanto temia o confronto que viria.

Cross soltou seu cantil da cintura e tomou um gole de conhaque. A Lei Seca aumentava o sofrimento de um país desesperado, mas Conoscenza o contrabandeara do Canadá e era de qualidade. Quando acabasse, Cross teria de encontrar um bar ilegal e comprar o lixo que estivesse à venda. Diferentemente de um humano, Cross não ficaria cego por tomar álcool ilegal ruim.

– Não foi culpa minha.

Os tons anasalados de Ed Bloom flutuaram de volta até Cross.

– Meus princípios administrativos eram bons... Não, melhor que bons, eram ótimos. Mas o dono não entendia isso e fechou a loja. Os empregados não tinham motivo para me culpar.

Era a décima nona vez que Bloom contava sua história desde que Cross, em St. Louis, subira a bordo daquele Pullman de porta lateral. Fazia Cross desejar ter usado suas economias e comprado um assento em vagão de passageiros, mas depois do que acontecera na Virgínia Ocidental, ele temia tentar. Se ele desmontasse em um vagão de carga em meio a um bando de vagabundos, ninguém os escutaria. Nenhuma autoridade levaria a sério uma história maluca de homens perdidos e esquecidos a respeito de um homem que se desfizera em centenas de fatias de luz multicolorida e voara em todas as direções. Mas se isso

acontecesse diante de cidadãos respeitáveis... Não, ele não podia correr o risco.

O trem desacelerou. Cross pegou sua trouxa, enfiou o chapéu de feltro no bolso do paletó, foi na direção da porta e a abriu alguns centímetros. O trem desacelerou novamente, as rodas dando um guincho metálico, e Cross saltou. Perdeu o equilíbrio, mas conseguiu amortecer a queda com o ombro. As cinzas junto aos trilhos estalaram e soltaram o cheiro de fuligem de carvão. Cross se levantou e saiu andando.

A noite caíra sobre a pequena cidade de Buford Fork, Oklahoma, de um modo que lembrou a Cross uma enorme boca se fechando. Também lembrou a ele por que odiava cidades do interior. Ele adorava o brilho das grandes cidades, com a eletricidade mantendo a escuridão distante. Olhava ansiosamente para o brilho de Tulsa no horizonte, mas deu as costas e continuou andando pela rua principal de Buford Fork. Viu à frente um oásis de iluminação pública, quatro lâmpadas a gás iluminando a fachada da prefeitura.

Havia uma lanchonete do outro lado da rua, mas estava fechada, provavelmente porque não valia a pena abrir se não havia fregueses. Um cardápio manuscrito na janela anunciava filé de frango frito com molho cremoso e bolinhos de milho. Cross se deu conta de que a pele que vestia sentia fome. Apertou a mão sobre a barriga e sentiu o volume do dinheiro. Ele devia continuar a se fazer passar por vagabundo ou oferecer dinheiro a alguma dona de casa em troca de comida?

Ele passou por um cinema. Ironicamente, o letreiro anunciava “*Luzes da cidade*, estrelando Charlie Chaplin”. Havia uma picape Ford Modelo A estacionada em frente, a cabine preta coberta de poeira. Os pneus banda branca eram como um lampejo de sorriso na escuridão. Havia dois Modelo T antigos e várias bicicletas apoiadas na parede. Cross pensou em entrar. Ele gostava de filmes, mas a bilheteria estava vazia.

Avançou e viu a silhueta negra de uma cruz contra o céu. Estava fincada no teto de uma casa e não de uma igreja. Uma missão, portanto. Caminhou até o portão na cerca de madeira branca desbotada. Um cartaz escrito à mão dizia: “Missão Sangue do Cordeiro.” Sombras perto da base dos postes do portão chamaram sua atenção. Ele se curvou, acendeu o isqueiro e ficou paralisado. O velho de St. Louis estava certo. O símbolo que ele perseguia estava gravado na madeira. O desenho era perturbador; o original era aterrorizante.

Ele lamentava ter sido frívolo no escritório de Conoscenza no Harlem. O grandalhão deslizara o desenho sobre a superfície encerada da mesa. Cross

estudara a cruz e a cobra, olhara nos olhos escuros do homem que oferecia a ele uma chance de conseguir o perdão e perguntara:

– Imagino que isso não signifique que há um médico lá dentro.

Conoscenza se ergueu, uma visão impressionante, já que ele tinha pelo menos 1,95 m e mais de 130 kg. Caminhou até a janela e cruzou as mãos às costas. A luz do sol brilhava em sua pele de ébano. Cross se juntou a ele e juntos olharam para a multidão de humanos caminhando apressadamente pela calçada.

– É um momento ruim – disse Conoscenza. – Talvez haja desespero suficiente para que eles finalmente consigam ultrapassar os limites entre as dimensões e retornar.

O “eles” se referia ao povo de Cross, criaturas que se disfarçavam como deuses e tinham como presas os habitantes deste mundo. Assim como Cross se disfarçava de humano, embora já não se alimentasse mais dos infelizes macacos da Terra.

– Já vimos pior. — Foi a resposta lacônica de Cross. – Depressão econômica e seca não se podem comparar com Peste Negra, Gengis Khan ou a Cruzada Albiginense. Se esta geração de humanos vai abraçar os antigos por causa disso, então eles são frouxos.

Naquele momento, encarando o símbolo, ele estava assustado. Seus adversários haviam encontrado morte, violência e dor suficientes para desmontar Cross. Apenas por causa de centenas de pequenos atos de gentileza ele havia sido capaz de se remontar. Apesar de devastadas pelo colapso econômico, muitas pessoas já estavam venerando a versão amorosa de Deus encarnada pelo mítico Jesus. Estavam aplicando os princípios que Conoscenza embutira no que antes era um culto assassino de um Deus da guerra.

Parte dessa gentileza era intrínseca ao homem – a evolução tendia a cultivar a empatia –, mas parte era fruto do trabalho de Conoscenza. Os Antigos podiam ter contaminado a humanidade com a religião, mas Conoscenza tentara guiá-la e moldá-la em algo que pudesse gerar o bem e Cross se juntara a ele nesse esforço porque, no passado distante, Eolas, como Conoscenza havia sido chamado, encontrara Cross, criado pela compaixão humana e enfraquecido pela crueldade humana, e Eolas/Conoscenza fizera uma proposta a Cross. Cross ajudaria a combater as criaturas alienígenas e, em troca, Eolas/Conoscenza ajudaria Cross a morrer. Mas parece que eles não chegaram à parte do morrer. Por um instante a existência esteve nos ombros de Cross como um peso esmagador.

Ele ergueu a cabeça e examinou o prédio. Havia uma agitação lá dentro que nada tinha a ver com fome. Se aquele era um ponto de contato entre os Antigos e

aquele mundo, Cross teria de lidar com a situação, mas estava fraco demais. Mais uma vez, desejou que tivessem um paladino, um humano que pudesse usar a velha arma e matar um Antigo. Em vez disso, ele tinha de usar sua força contra os seus. Respirou fundo e passou pelo portão. Grama morta, arrasada por anos de seca, estalou sob seus pés. Subiu os degraus até a ampla varanda com tela, com direito a porta de vaivém, e bateu na porta da frente. Esperava que o culto obrigatório estivesse encerrado e que ninguém na residência fosse realmente religioso. Quando as pessoas começavam a rezar, testemunhar e invocar Jesus, era um esforço terrível para ele manter os cabelos curtos e o rosto sem barba. Sua forma física tendia a refletir a visão dos crentes.

Uma mulher atendeu. Casa dos 30, bonita, cabelos castanhos presos no alto da cabeça. Vestia saia e blusa brancas e calçava sapatos vermelhos abertos na frente. Olhou para Cross por um longo momento, depois sorriu. Ele permitiu que um pouco de seu poder se projetasse e a tocasse. A magia cintilou ao redor dela e havia algo estranho com o grande anel de âmbar em sua mão direita. Ele estudou a fita de cabelo trançado e as sombras negras onduladas que fluíam para ele. Algo estava preso e ele temia que pudesse ser ela.

– Noite, madame – disse Cross. – Isto aqui é um estabelecimento de missionários?

– Sim... sim, é. Seja bem-vindo, entre. Sou a irmã Sharon.

Ela recuou e Cross passou pela porta. A mancha gordurosa da sua espécie permeava as paredes e pendia das cortinas. Os músculos de Cross se contraíram na preparação para um ataque, mas então ele se deu conta de que não havia perigo; o Antigo não estava mais presente.

– Você é nosso único hóspede esta noite. A maioria das pessoas parece estar viajando – disse ela, com uma voz clara e vibrante. Ela pegou a trouxa dele e a colocou junto à porta. – Caso esteja com fome, há um refogado no fogão e assei pão esta manhã.

– Sim, madame. Gostaria de comer.

Ela o conduziu à sala, que havia sido transformada em um refeitório com bancos e mesas sobre cavaletes. Cross se instalou em um banco; ela desapareceu por uma porta. Cross se levantou e correu de volta para a entrada. Ele tinha o poder de ver magia e a abertura entre as dimensões devia ser como uma chama. Virou a cabeça de um lado para o outro, tentando localizá-la, mas a campainha não parava de zumbir, interferindo com sua habilidade. Foi na direção de um conjunto de portas duplas e estava com a mão na maçaneta quando se assustou com uma voz seca.

– Ei, o que você está xeretando?

Cross se virou e encontrou o olhar irado de um homem baixo e gordo. De pé atrás dele estava um jovem corpulento na casa dos 20 anos. Os traços faciais embotados revelavam a síndrome de Down. Ele sorriu para Cross e balançou a cabeça alegremente.

– Desculpe, estava apenas pegando minhas coisas – disse Cross.

– Sem dúvida querendo nos roubar – bufou o homem. Ele esticou a mão, agarrou Cross pela orelha e o empurrou. – Vamos ver o que irmã Sharon tem a dizer.

O Down parecia preocupado, captando a raiva nas palavras do homem gordo.

– Se não soltar, perderá essa mão – disse Cross, sem se alterar.

O homem o olhou nos olhos e soltou a mão. Cross entrou no refeitório. Sharon estava saindo por outra porta com uma tigela de refogado em uma das mãos e pão na outra.

– Irmã, eu o encontrei xeretando.

As palavras tinham o típico ar de importância presumida encontrado apenas em eunucos de palácios e mordomos. O Down ficou junto à porta, balançando nervosamente de um pé para o outro e olhando para Sharon.

– Estou certa de que ele não pretendia causar mal algum – disse Sharon, pacificadora.

Cross se sentou em um banco e Sharon colocou a comida diante dele. Ele provou o refogado. Era denso, com pedaços de carne e tinha até mesmo alguns feijões entre as cenouras e batatas. Era muito melhor do que o que se encontrava na maioria dos estabelecimentos missionários. Sharon se sentou à sua frente. O homenzinho ficou atrás dela, olhando.

– Meu marido, Marshall, e meu enteado estão em uma cruzada – disse Sharon.

– Eles fazem a pregação, então não tenho estimulado as pessoas a vir, já que não tem havido culto.

– Você é uma pregadora tão boa quanto o irmão Hanlin – disse o homem. – O espírito a invade, irmã Sharon.

Ela sorriu para ele, que estufou o peito. Cross olhou para a escuridão que cercava o anel e pensou no que mais a invadiria.

– Você é muito gentil, Stanley.

– A falta de um clérigo provavelmente é uma atração para a maioria das pessoas – disse Cross, enquanto sugava uma colherada de refogado.

– Imagino que não seja um homem de Deus, senhor...

A ironia quase o fez engasgar. Deu uma risadinha breve.

– Cross – disse, fornecendo o sobrenome. – E sou mais de Deus do que você possa imaginar. Apenas sei que é somente unguento e pensamento positivo.

– Não acha que as pessoas precisam de consolo? Especialmente em momentos difíceis? – perguntou Sharon.

– Sou totalmente a favor do consolo. Se eles simplesmente parassem nisso, mas nunca param. As pessoas sempre decidem que todos os outros também precisam de consolo e é melhor que seja sua versão do consolo. E caso não seja, geralmente provam sua tese com a ponta de uma espada ou o cano de uma arma.

Sharon se levantou de um pulo, a agitação evidente em dedos se retorcendo enquanto ela abria e fechava as mãos.

– Talvez possamos dar uma caminhada ao ar livre e continuar nossa conversa, Sr. Cross.

– Certo.

Cross pegou um pedaço de pão e o levou enquanto a acompanhava até a porta de frente. O Down saiu do caminho apressadamente. Atrás dele, o mordomo emitia grunhidos.

Ela o conduziu para trás da casa, seguindo uma trilha que acompanhava a cerca de arame farpado. O ar quente da noite estava invadido pelo mugido baixo do gado e o cheiro de estrume e poeira. Ele começou a prestar atenção em onde pisava. Vagalumes dançavam entre as folhas de grama marrom como estrelas perdidas. A meia-lua quase se pusera atrás das montanhas.

À frente, uma linha sinuosa de árvores delineava o leito de um córrego. Eles atravessaram e chegaram a uma clareira onde uma ponte de madeira cruzava por cima das águas calmas. O vento mudou e Cross sentiu cheiro da fumaça de uma fogueira. Havia um acampamento de vagabundos por perto. Sharon olhou naquela direção por um longo tempo, depois se sentou na beirada da ponte, as pernas balançando, e fitou as ondas prateadas que passavam abaixo dela.

Finalmente perguntou:

– O que faz, senhor? Qual o seu ramo?

– Sou detetive particular, madame – respondeu.

Ela o examinou por um longo tempo.

– Então isso significa que ajuda as pessoas.

A voz era tão suave que ele teve de se inclinar para ouvi-la. O hálito dela soprou suavemente em sua bochecha.

– Você precisa de ajuda?

Ela não respondeu, mas desviou o rosto para contemplar o céu.

– Meu marido está a caminho de Chicago para a convenção.

Cross não precisava perguntar qual convenção. Os democratas haviam se reunido para escolher um candidato à presidência. Os republicanos se aferravam ao infeliz Hoover, de modo que era fundamental que os democratas escolhessem com sabedoria. *O que vai ser difícil*, era a opinião de Cross.

– Marshall é delegado suplente e levou Sean para que ele pudesse ver seu governo em funcionamento – continuou ela.

Isso deixou Cross um tanto desconfortável. Um pregador com um cargo oficial e a mancha de um Antigo podiam ser uma mistura tóxica.

– Eu fiquei para cuidar do estabelecimento dos missionários – continuou Sharon, girando o anel nervosamente. Os tentáculos de sombra se contorceram. Ficou em silêncio por um momento e então voltou o rosto para ele. – O Senhor me deu o dom da Visão e posso ver que é um bom homem. Acho que foi mandado aqui para me ajudar.

– Não sei quanto à primeira parte, madame, mas se estiver em apuros, eu talvez possa ajudar – respondeu Cross.

Ela olhou para a frente.

– Você vai achar que sou louca.

– Por que seria?

Ela esticou a mão.

– Este anel – sussurrou. – Meu marido me deu, mas não consigo tirá-lo.

– Deixe-me ver. – Ele estendeu a mão para ela.

A força pulsava através do anel como um batimento cardíaco. Ele reuniu sua própria força, agarrou o anel e deu um puxão. Houve um clarão de luz violeta, algo pareceu chutá-lo no peito e o mundo ficou preto.

A primeira impressão foi a de estar molhado. Sharon estava ali, colocando a cabeça dele no colo e acariciando sua testa.

– Sr. Cross. Sr. Cross. Está bem?

Ele abriu os olhos penosamente. Mesmo o luar pareceu um prego sendo enfiado em sua cabeça. Ele estava deitado com a metade inferior do corpo no riacho. O ataque do anel o jogara da ponte.

Os elos que sustentavam sua forma humana vibravam como um diapasão. Ele engoliu bile, fechou os olhos e respirou lenta e profundamente. *Não desmonte. Não desmonte. Não aqui. Não agora. Não tão pouco tempo depois da última vez.* Lentamente, assumiu o controle do corpo.

– Acha que consegue andar?

Ele assentiu e se esforçou, tentando se levantar. Sharon o ajudou, apoiando-o

sob um braço.

Eles se arrastaram de volta ao estabelecimento dos missionários.

– Vou colocá-lo no quarto de Sean. E tire essas roupas molhadas. Vou pendurá-las agora, para que estejam secas de manhã.

Ela o levou escada acima até um quarto estreito com uma cama igualmente estreita junto a uma parede. Havia uma estante com livros escolares e folhetos religiosos. Em cima dela uma coleção de pedras, um lagostim em um aquário, uma bola de futebol. Típico quarto de menino. Ela saiu. Cross esvaziou os bolsos e removeu o coldre. Tirou as roupas e, entreabrindo a porta, passou o fardo molhado.

Ele teve a presença de espírito de tirar o dinheiro e guardá-lo sob o travesseiro. Então olhou para a cama e caiu nu sobre o lençol.

Foi o sol poente batendo quente sobre suas pálpebras que o despertou. Cross encontrou suas roupas em uma pilha cuidadosamente dobrada aos pés da cama. A incongruência o intrigava. A pequena Senhorita Sentimental entrara no quarto de um homem nu que não era seu marido. Olhou para o relógio. O poder negro daquele anel o nocauteara por quase 24 horas. Cross estremeceu: algo passara pelas membranas entre as dimensões e parecia ser muito mais poderoso do que ele.

Nenhum dos seus objetos havia sido mexido, nem mesmo o revólver. Vestido, ele abriu rapidamente as portas dos outros dois aposentos do andar de cima. Um era um escritório, o outro, um quarto com cama de casal coberta com colcha de retalhos e repleto de perfume. E ele encontrou o que buscava. Não a verdadeira abertura entre as dimensões, mas a prova de que um Antigo residira naquela casa. O espelho da cômoda estava sem reflexo, resultado do contato com um Antigo.

Ele se sentou na beirada da cama e pensou. Um dos seus penetrara no mundo ali. O que significava que havia um buraco na realidade. Ele não podia cuidar da abertura; apenas um paladino poderia fechá-la. Precisava informar seu chefe e alertá-lo de que provavelmente o Antigo deveria ter ido para Chicago e que ele deveria ir também para lá, combatê-lo e talvez vencê-lo. A perspectiva da batalha vindoura o deixou trêmulo. Por outro lado, Conoscenza só pedira a ele para localizar a fonte. Cross fizera isso. Ele podia usar o dinheiro, comprar uma passagem no primeiro trem e apresentar seu relatório pessoalmente.

Cross foi até o alto das escadas e ouviu o rumor de vozes masculinas vindo do refeitório. Naquela noite a Missão Sangue do Cordeiro tinha clientes. Entrando

na sala de estar adaptada, ele examinou a situação. Todos os rostos estava com barba por fazer, pois navalhas e sabão eram caros. A maioria dos homens vestia macacão. Alguns, como Cross, usavam ternos, embora desgastados até o brilho característico do uso contínuo devido à pobreza. A sala cheirava a refogado, ovos mexidos, pão recém-assado e café reforçado com muita chicória. Sob os cheiros bons havia o fedor de odores corporais, halitose e fumaça de cigarro entranhada.

Sharon se movimentava entre as pessoas distribuindo pratos. O Down andava erratically atrás dela, carregando a bandeja com a louça. Normalmente as pessoas nessa condição são alegres e amorosas. Aquele abria e fechava a boca e continuava a olhar nervosamente para Sharon. E ele quase correria na noite anterior quando Sharon se aproximara. Talvez sentisse a presença negra no cerne de seu anel. Alguma coisa claramente o deixava nervoso. O bufão pretensioso estava junto ao ombro dela. Cross ficou pensando por que uma mulher bonita ficava com aqueles homens por perto.

Cross se acomodou na ponta de um banco. O homem ao lado grunhiu um cumprimento.

– Turma grande – observou Cross.

– É, estamos acampados junto ao silo. A garota apareceu e nos pegou – disse o homem, dando um sorriso que revelava gengivas demais e dentes de menos. – Acho que estava solitária.

Sharon chegou até sua mesa. Sorriu rapidamente para ele e colocou um prato na sua frente.

– Como está se sentindo? Melhor? – perguntou.

– Sim. Como você dá conta desse banquete?

Ela deu um sorriso de censura e colocou um dedo sobre os lábios.

– O Senhor providencia.

– Não pela minha experiência.

Ela deu um tapinha no seu ombro. Depois pegou um fio de cabelo castanho comprido do ombro dele e o enrolou no dedo.

– Bem, talvez eu ainda o transforme em um crente.

– Ah, eu creio – disse Cross. – Nunca duvide de que eu creio.

Ela se foi e ele comeu. A textura e os sabores de comida eram uma das experiências humanas de que ele realmente gostava. Ele limpou do prato os resíduos do refogado com um pedaço de pão, engoliu o resto do café, suspirou e tirou do bolso um maço de Lucky Strike. Os homens à mesa com ele olharam com olhos cobiçosos. Cross mal colocara o cigarro nos lábios quando o

homenzinho que se achava importante avançou, balançando o indicador.

– A irmã Sharon não gosta de fumo. Vá para fora.

Não valia a pena discutir; Cross deu de ombros e foi para a varanda. Abelhas-carpinteiras grandes como a ponta do seu polegar voavam entre os vãos do telhado e o calor parado do fim do dia fazia sua camisa molhada grudar nas costas. Aquela era uma experiência humana de que não gostava. Ele agitou o corpo para a camisa se soltar e o suor desapareceu. Enquanto olhava, o sol inchado e vermelho mergulhou atrás do horizonte.

Atrás dele, a porta de tela bateu ao se fechar. Cross olhou ao redor. Um grupo de homens, liderado por um de rosto duro com uma cicatriz de faca nas costas da mão, se juntara a ele. Um deles pegou no bolso um cigarro amassado já em parte fumado, acendeu-o com um fósforo e o passou de mão em mão.

– Harry diz que você tem um maço de cigarros – disse um dos homens.

Havia um zumbido raivoso nas últimas palavras.

O homem com a cicatriz de faca estava logo atrás dele. Cross o examinou; a luz nos olhos do homem denunciava a beligerância. Cross decidiu tentar evitar. Pegou o maço de Lucky Strike e ofereceu. O homem com a cicatriz colocou seu cigarro no bolso da camisa. Cross sacou o isqueiro e acendeu o seu. Os homens ficaram olhando espantados.

– Então, que porra é você? – perguntou Cicatriz de Faca. – E o que mais você tem, amigo, que possa estar disposto a partilhar?

Cross apoiou os ombros em uma coluna. Mosquitos zumbiam ao redor dele como uma esposa com raiva. Ele tragou lentamente, soprou a fumaça e disse:

– Você não vai querer ir para lá, amigo. Vai ser ruim para você.

Os outros homens, prevendo uma briga, formaram um círculo. Sua excitação e a violência mal reprimida tocavam os limites da consciência de Cross. Ele expulsou a fermentação intoxicante, estudou seu oponente e avaliou como lidar melhor com a situação. Ele ainda estava fraco por ter sido feito em pedaços e pelo que acontecera na ponte na noite anterior. Um Antigo também havia estado naquele local muito recentemente. Cross não gostava de brincar com seus poderes, para não chamar a atenção de um dos seus.

Seu oponente deslocou o peso de um pé para o outro e ergueu os punhos. Cross continuou apoiado enquanto terminava o cigarro. Então o soltou e esmagou com a ponta do pé. O homem corretamente interpretou a descontração de Cross como desprezo e sua raiva aumentou. A excitação dos espectadores também aumentou em resposta.

Cross se curvou e arrancou o cigarro do bolso do homem.

– E esse é o problema de querer mais, amigo. Você pode acabar sem nada.

Ele se empertigou e estudou o grupo. O círculo de espectadores se dissolveu como tinta na água corrente.

A porta de tela se abriu com força, batendo contra a parede, e Sharon saiu com seu factótum logo atrás. Colocou a mão nos quadris e disse:

– Não há briga neste lugar de paz.

Apontou para Cross.

– Você! Vá embora! Vá logo!

Cross deu de ombros e desceu os degraus da varanda, enquanto os outros homens voltavam para dentro do estabelecimento missionário. Sharon colocou o braço de Cicatriz de Faca sobre seu ombro e o apoiou ao passar pela porta.

– Vou colocá-lo no quarto de Sean – ele a ouviu dizer. – Pela manhã, você estará bem como chuva.

A porta de tela bateu, depois a pesada porta de madeira da frente foi fechada com firmeza.

Cross ficou de pé no crepúsculo olhando para aquela porta fechada e refletindo sobre o que vira enquanto a briga começava. Sharon, protegida pela tela, assistindo com fome nos olhos.

Ele precisava de um telefone. Precisava ligar para Conoscenza. Isso não podia esperar que voltasse a Nova York. Assim que seu chefe ouvisse seu relato, Conoscenza iria para Chicago. O que significava que Cross também teria de ir para lá. A última coisa que desejava fazer. O poder naquele anel o deixara nervoso.

Eram quase oito horas da noite. O posto dos correios fechara horas antes. Portanto, precisava de uma casa com um dono gentil e com padrão de vida para ter um telefone. Saiu da rua principal, entrando em uma área residencial e examinando as cercas e os portões em busca do símbolo do pássaro que significava telefone grátis. Demorou um pouco, mas encontrou uma casa. O nome na caixa de correio era Dr. Adam Grossman. Fazia sentido um médico ter telefone.

Estacionado na frente havia um Ford Modelo A, que havia sido cuidadosamente lavado e encerado. Cross parou atrás dele e pegou o dinheiro que levava consigo. Depois abriu o portão e caminhou até a porta. Sua batida foi atendida por um jovem de traços finos com cabelos pretos penteados para trás. O cheiro característico flutuou até as narinas de Cross. Ele usava o novo estilo elegante de calças com bainha virada e brincava com o vinco das calças com

dedos manchados de nicotina, enquanto com a outra mão levava os óculos de armação de metal para o alto do nariz. A imagem que Cross tinha do médico do interior gordo e grisalho desapareceu imediatamente.

– Dr. Grossman?

– Sim. Há alguém doente?

– Não. Preciso usar seu telefone – disse Cross, oferecendo uma nota dobrada que enfiara entre os dedos.

Os olhos do médico arregalaram à visão de US\$ 20.

– Em geral deixo as pessoas usarem o telefone de graça.

– Eu sei.

Grossman franziu o cenho.

– Como?

– Há um sinal no seu portão.

O médico olhou pela porta na direção da cerca e do portão de madeira brancos. Cross riu.

– Um sinal de vagabundos.

– Bem, estou condenado – disse Grossman, escancarando a porta. – Entre. Isso explica muito.

Cross passou pela porta e entrou em uma sala impecavelmente arrumada. Havia livros cuidadosamente empilhados em uma mesa ao lado de uma poltrona. As almofadas no sofá eram alinhadas como soldados imponentes. Não havia sinal de presença feminina. A sala gritava ex-militar e um maço de Army Club – The Front-Line Cigarette transformou a impressão em certeza. Soldados de infantaria que voltaram haviam fumado o cigarro inglês durante a Grande Guerra. A memória tocou seus sentidos. Por um instante Cross sentiu o odor de água malcheirosa, corpos sujos e cordite e se lembrou da lama escorregadia sob a sola das botas.

– O telefone fica no saguão – disse Grossman, quebrando o encanto do passado. Cross esticou a nota. Grossman ergueu a mão para recusar. – Guarde seu dinheiro.

– Não preciso dele, de verdade. Pegue. Use para comprar remédios ou dar um tratamento gratuito a alguém – disse Cross. Grossman hesitou, depois deu de ombros e pegou a nota.

O telefone ficava em um nicho na parede e na frente havia uma cadeira de madeira. Cross ergueu o gancho do telefone. Alguns segundos depois a telefonista entrou na linha. Deu a ela o número da cobertura de Conoscenza. Demorou um pouco para completar a ligação, mas finalmente começou a tocar e

o conhecido ronco grave de seu chefe encheu seu ouvido.

– Conoscenza.

– Oi, sou eu. Encontrei. Teve origem em Oklahoma. E você estava certo, foi uma incursão e um Antigo passou.

– Consegue lidar com ele?

– Não, porque sumiu da cidade, seguindo para Chicago e montado em um fundamentalista de segunda linha que por acaso é delegado suplente à convenção.

– Qual o nome? – perguntou Conoscenza.

– Hanlin.

Houve um silêncio por alguns minutos e Cross ouviu o ruído suave de páginas sendo viradas.

– Ele não está aparecendo nos jornais. O que sabe sobre ele? É um demagogo estimulando a raiva popular?

– Não sei dizer – disse Cross, fazendo uma pausa e a seguir perguntando: – Acha que você é o alvo? Uma forma de prejudicar seus planos para Franklin Roosevelt?

– Talvez, mas seja ou não, não podemos correr o risco. Melhor ir para Chicago.

– Talvez você não consiga chegar ao plenário – disse Cross, amargamente.

– Há alguns suplentes negros – argumentou Conoscenza. A grande gargalhada de abalar estruturas encheu o ouvido de Cross e pareceu ecoar no saguão. – E no que diz respeito aos líderes do Partido Democrata, a cor da minha pele é verde. Chegarei pelo menos até os salões enfumaçados. Você terá de ser meus olhos no plenário.

Um frio correu pelas costas de Cross. Então o outro me verá e eu não terei força para suportar um ataque. Era absurdo, mas ele se pegou lembrando-se do anúncio do Army Club: “Este é o cigarro do camarada com um grande trabalho a fazer. Quando você se sente abalado, ele acalma os nervos.” Cross ficou pensando se poderia pedir alguns ao médico.

– Cross? Ainda está aí?

Ele disfarçou a exaustão.

– É, estou aqui. O Antigo e o pregador colocaram algum tipo de feitiço poderoso em um anel e o deixaram no dedo da esposa. Eu preciso tirá-lo antes de sair da cidade. Vejo você em Chicago.

Cross desligou o telefone e encontrou o médico de pé no saguão, em silêncio.

– Que porra foi essa? Você é um anarquista?

– Não, exatamente o contrário – respondeu Cross.

– E o que é esse Antigo e um anel?

De pé, Cross ergueu a mão.

– Não tenho tempo para explicar e no caso de algumas coisas, é melhor viver na ignorância.

Grossman o seguiu até a porta da frente.

– Você parece estar fazendo acusações a Marshall Hanlin – disse Grossman. – Vou lhe dizer, embora eu seja membro de uma tribo diferente, Marshall Hanlin é um bom homem.

– Terei de aceitar sua palavra, doutor. Sei apenas que há alguma merda acontecendo no estabelecimento missionário dele – disse Cross, abrindo a porta. – Obrigado pelo telefone.

Cross enfiou a mão no dinheiro e tirou uma nota de cinquenta.

Grossman olhou para ela.

– Não posso...

– Pode, sim.

Ele enfiou a nota na mão do médico e abriu a porta de tela. Os vagalumes estavam de volta, disparando em meio à grama.

– Quem é você? De verdade?

A voz do homem o acompanhou na escuridão. Cross olhou para trás.

– Isso leva de volta à sua pergunta anterior e, como aquela, é complicado. Complicado demais para o tempo que temos – respondeu Cross, levando os dedos ao cenho em uma rápida saudação. – Cuide-se, doutor.

Estava descendo a rua quando uma onda de terror e dor se abateu sobre ele. Foi tão inesperado que o descontrolou e ele sucumbiu à avalanche de emoções. Sentiu outro consumidor igualmente aproveitando o banquete. Recuperou o controle, parou de pensar e perdeu a noção do outro. Começou a correr, a poeira da estrada girando ao redor dele, fez uma última curva na estrada e viu o estabelecimento missionário em chamas. Havia gritos desesperados dos homens presos do lado de dentro.

Proteções contra tempestade haviam sido colocadas sobre as janelas. Uma grande tábua bloqueava a porta da frente. Cross a levantou dos suportes e a jogou de lado. Abriu a porta e uma onda de calor queimou seu rosto, chamuscando bigode e cabelos. A distância, ouviu o sino agitado do carro de bombeiros. Estão atrasados demais, pensou. Seu poder pulsou. Ele nunca tentara usá-lo, para não abalar este mundo. Mas alguém ou alguma coisa estava se alimentando daquele incêndio. Se pudesse salvar os homens presos do lado de

dentro, confrontaria seu inimigo.

Estendeu seu poder e sentiu o abalo no mundo, sentiu a força do outro multiverso. Cross ignorou o canto da sereia e em vez disso chamou o fogo. Ele correu na sua direção como um cachorro obediente. Encheu o saguão e ele o transformou em uma bola, mantendo seu calor e poder de destruição afastados das paredes de madeira. Entrou no corredor calcinado, passando por cima de um corpo queimado. Nem todos seriam salvos. O fogo o seguiu, um balão cintilante. Cross abriu as portas duplas e descobriu uma capela improvisada. Filas de cadeiras, um palco elevado que tinha um púlpito e um velho piano, uma cruz de madeira no alto da parede.

A abertura ficava na parede dos fundos. Era pequena; o Antigo a deixara parcialmente aberta. Cross enfiou os dedos na madeira da parede, alargou um pouco mais a abertura e lançou o fogo para a outra dimensão. *Engula isso*, pensou ele, com alguma satisfação.

A conta do açougueiro não foi alta demais. Havia trinta homens no estabelecimento missionário. Quatro haviam morrido; dois não sobreviveriam às queimaduras. Os demais iriam se recuperar. Cross passou seis horas tensas na cadeia contando e repetindo sua história cuidadosamente articulada. Sua licença de detetive particular de Nova York não ajudava, e provavelmente era prejudicial, mas os policiais acabaram decidindo que não poderia ser acusado de incêndio criminoso.

Cross ficou por ali após ter sido liberado e tentou falar com alguns dos sobreviventes no ambulatório. Todos estavam dormindo e apenas alguns haviam acordado quando o incêndio começou. Sedados, pensou Cross, e ficou contente por seu metabolismo inumano não reagir à maioria das substâncias terrenas.

Claramente era um incêndio criminoso. O imóvel cheirava a gasolina e as proteções nas janelas, a barra na porta dos fundos e aquela que Cross retirara da porta da frente não deixavam dúvida. A polícia só precisava de um suspeito. Com Cross tendo o médico como álibi, os tiras farejaram e logo surgiu facilmente outro suspeito – o Down que trabalhava na missão e havia sido encontrado dormindo no barracão de ferramentas, cercado por latas de gasolina vazias. Não havia sinal da irmã Sharon e de seu factótum pretensioso.

Cross tentou mostrar que aquilo parecia conveniente demais. Que tipo de incendiário iria iniciar um incêndio e depois dormir no local do crime? Mas as autoridades ignoraram seus argumentos. O suspeito tinha problemas mentais. Claro que se comportaria de modo idiota. Ademais, era fácil e conveniente. O

idiota seria punido.

Cross tentou simplesmente dar de ombros, encontrar um quadro de horários de trens e seguir para Chicago, mas as orações, crenças e ações que o haviam separado da criatura que se tornara Iahweh, Alá e o Jesus das Cruzadas e da Inquisição o impediram de partir. Fazer o bem era um aborrecimento, mas estava em seu âmago e não era possível resistir.

Ele retornou às ruínas fumegantes da missão e vasculhou o barracão. As latas de gasolina haviam sido removidas e o chão de terra estava revirado com pegadas dos sapatos dos policiais e marcas de arrasto de onde haviam arrancado o Down. Havia várias ferramentas suspensas em ganchos instalados nas paredes de madeira cinza, uma pequena mesa com ferramentas de mão e potes cheios de pregos, parafusos e porcas.

Cross descobriu em um banco sob a mesa uma caneca pela metade com um líquido escuro terminando em uma beirada mais clara. Cheirou. Chocolate. Parecia que o Down guardara metade para depois. Procurou mais e encontrou outra pegada que não havia sido apagada pelos policiais. Ele se agachou e examinou a marca da ponta do pé e a depressão deixada por um salto alto.

Puxou o banco, se sentou e pensou na situação. Sharon o encorajara a tocar no anel. Ela fora ao acampamento dos vagabundos e levara os homens à missão. Precisava de corpos para o sacrifício? Expulsara Cross, embora soubesse muito bem que ele não começara a briga. E estivera no barracão de ferramentas. Para entregar o chocolate? E os homens dormindo na missão haviam sido sedados. Por que não também o Down?

Cross supusera que Sharon era vítima da feitiçaria do marido. Mas naquele momento surgia uma nova teoria mais soturna – a de que Sharon invocara o Antigo. Para provar isso, Cross precisava encontrar a mulher e ele tinha uma boa ideia de para onde ela estava indo. Mas primeiro precisava inocentar o Down. Restava apenas uma pergunta: será que o chocolate também havia sido adulterado? Ele conhecia um médico que poderia dar a resposta.

O Dr. Grossman foi lá. Ao chocolate havia sido misturado um sedativo. Suficiente para derrubar um cavalo, segundo Grossman. A palavra do médico foi o bastante para libertar o Down. Sabendo que a criança crescida morreria de fome sem cuidados, Cross deu ao médico duas notas de cem dólares e pediu a ele para contratar o homem. Então comprou uma passagem de trem em Tulsa e seguiu para Chicago. Pensara em encontrar um campo de aviação e alugar uma aeronave, mas o trem demorava mais, lhe dando tempo para descansar e se preparar para a batalha vindoura.

Os campos arrasados do Kansas deslizaram pelas janelas do trem. Deveriam estar cobertos por trigo, mas anos de seca haviam reduzido a um deserto as terras um dia verdejantes. Cross viu poeira soprada pelo vento na direção leste, escura como nuvens de tempestade. A poeira engoliu o trem, transformando o sol em brasa vermelha e o dia em um crepúsculo sobrenatural.

Que bom que ele não acreditava em presságios.

Chicago estava cheia de políticos, o que significava que estava cheia de vagabundas. Bares ilegais mal disfarçados aos montes e o jazz invadia a noite. Cross caminhou pela Madison Street na direção do Chicago Stadium. Era a maior arena fechada do mundo e a enorme estrutura de tijolos vermelhos lembrava a Cross um sapo cintilante agachado na paisagem. Delegados passavam pelas portas, prontos para ouvir outra rodada de discursos em apoio aos três principais candidatos: Al Smith, John Garner e Franklin Roosevelt.

As pessoas cintilavam com a magia que corria em suas veias, mas ele ainda não vira a que caracterizava Sharon Hanlin. Ele fora diretamente da estação para o estádio, pensando que poderia identificá-la na multidão e fazer...

O quê?

Remover o anel, para começar. Descobrir o que ele prendia, porque decididamente não era ela.

E como você vai fazer isso? Ele chutou seu traseiro na única vez em que tentou.

Decidiu abandonar a busca aleatória e se apresentar a Conoscenza. Cross acenou para um táxi e disse ao motorista para levá-lo a Palmer House. Não sabia como Conoscenza conseguira, mas reservara um quarto num hotel elegante. O saguão era cavernoso e dominado por uma pintura no teto retratando cenas da mitologia grega. Cross ergueu os olhos e se viu olhando para Zeus, um verdadeiro filho da puta. Apenas depois de conhecer Conoscenza, Cross descobriu o que havia acontecido com o Antigo. Um paladino recrutado por Prometeu (outra das identidades de Conoscenza) abatera o deus.

Um discreto porteiro negro perguntou se ele tinha bagagem. Cross balançou a cabeça. O ascensorista era um negro idoso com cabelos grisalhos. Quando Cross saiu do elevador, uma empregada negra, empurrando um carrinho de limpeza, se colocou rapidamente à parede, tentando parecer invisível.

Cross levantou a mão para bater, mas a porta se abriu e revelou Conoscenza e o rosto de maxilar pronunciado e a cabeça calva de Jim Farley, gerente de campanha de Roosevelt. Conoscenza sorriu, aprofundando as rugas em volta de

seus olhos escuros, e disse:

– Ah, meu caro Cross, como sempre no momento exato. Jim, poderia dar um jeito para que ele entre no plenário?

– Fico contente em conseguir. E obrigado novamente.

O homem bateu no bolso do peito e seguiu para os elevadores. Conoscenza chamou Cross para dentro da suíte.

Abotoaduras de ouro cintilavam em seus pulsos e uma corrente de relógio de ouro se estendia sobre seu peito robusto. A pequena empregada olhou para ele, chocada. Conoscenza deu um grande sorriso na direção dela e estendeu uma nota de dez dólares.

– Obrigado por cuidar tão bem do meu quarto.

– Sim, senhor. Obrigada, senhor – disse, fazendo uma pequena reverência. Conoscenza fechou a porta.

– Não se sente estranho? – perguntou Cross.

Os ombros enormes se ergueram e desceram em gesto de aceitação.

– Não seria nada diferente em um hotel de South Side. Os empregados ainda seriam negros. Pelo menos assim eu ao mesmo tempo marco uma posição e ofereço a possibilidade de um futuro diferente.

– Você apenas gosta de arrumar confusão – disse Cross. Foi na direção do sofá e se sentou.

– Isso também.

– Passe aquele cardápio do serviço de quarto.

– Não havia vagão-restaurant no trem? – perguntou Conoscenza.

– É, mas isso foi há horas e havia areia em minha comida.

Cross examinou o cardápio e pediu um bife com todos os acompanhamentos.

– E então, o que descobriu sobre Hanlin?

– Bem, não é mais suplente. Um delegado de Oklahoma ficou doente e ele o substituiu – respondeu Conoscenza.

– Conveniente, não? – disse Cross, se levantando e andando de um lado para outro. – A esposa preparou um pequeno auto de fé em Oklahoma. Talvez para dar a ele poder para adoecer o delegado. Acho que estão trabalhando juntos.

– Quando não está no plenário ele passa seu tempo pregando para grupos cada vez maiores. Fui uma vez e ele é muito carismático. Agora que a esposa se juntou a ele, a multidão da noite passada dobrou de tamanho e hoje há boatos de que vão escolher o Sr. Hanlin como possível candidato a vice-presidente.

– Bem, isso é assustador pra cacete, porque você sabe que se esse sujeito aparecer na cédula na segunda posição, não ficará nisso. Acabará presidente.

– Então você terá de garantir que isso não aconteça – disse Conoscenza.

Houve uma batida na porta. Assim que o funcionário recebeu a gorjeta, Cross se instalou na mesa de café e começou a devorar a comida. Com a boca cheia, perguntou:

– Como está indo a convenção?

– Roosevelt não tem votos suficientes. Alguns de nós estão trabalhando Garner, tentando fazê-lo desistir.

– Em troca de quê? – perguntou Cross.

– Muito cínico – disse Conoscenza, suspirando e estudando suas unhas. – Precisamos encontrar um modo de neutralizar Hanlin.

– Que não envolva assassinato?

Ele tentou fazer com que parecesse piada, mas Conoscenza olhou implacavelmente para ele.

– Você nunca facilita nada para mim – resmungou Cross, e terminou seu jantar.

O problema, refletiu Cross enquanto seguia para o teatro falido do qual Hanlin se apropriara, é que o tipo de pessoa que realmente venerava o Deus amoroso não tendia a liderar cruzadas contra descrentes, iniciar guerras, apedrejar piranhas ou decapitar adúlteras. O que deixava Cross em clara desvantagem, pois o que alimentava os Antigos eram ódio e medo. Seus irmãos se alimentavam do assassino e da vítima, do torturador e do torturado, enquanto Cross só podia se valer de caridade e amor e simplesmente não havia tantas pessoas boas no mundo. Não era culpa dos humanos. Saíram das árvores havia pouco tempo.

Tudo isso era um interessante exercício mental, mas não resolvia o problema de Cross de o que fazer a respeito de Hanlin e Sharon. Seu plano vago era aparecer, ver se alguém cometia um erro e esperar que esse alguém não fosse ele. Supunha que poderia se valer do Jesus completo, mas não era um truque que gostasse de usar com muita frequência e funcionara melhor em 1300. A invençõzinha de Edison tinha imagens se movendo em uma tela branca. Os irmãos Wright haviam garantido que os humanos pudessem voar, não apenas pássaros e anjos, e os cientistas estavam começando a desvendar os segredos da própria matéria. A humanidade se tornara menos crédula, mas ainda cheia de crenças e reações irracionais em volume suficiente para ser perigosa.

Ele se juntou à multidão que se encaminhava para o prédio. Pessoas agarravam bíblias e cruzes. *Eles acham mesmo que se eu tivesse sido crucificado em uma daquelas coisas iria querer ver uma delas novamente?* Ele afastou a divagação

tola. Estava indo enfrentar um de seu próprio tipo e não estava em forma para isso. Precisava de toda a sua objetividade e concentração.

O cenário era semelhante a Oklahoma. Piano, o factótum gordo tocando um hino. Um púlpito. Sharon vestindo uma túnica branca de coro e aqueles sapatos vermelhos incongruentes, sentada em uma cadeira junto ao púlpito. Um homem mais velho de túnica preta caminhava pelo palco de um modo que lembrava a Cross os grandes felinos no zoológico. O físico de predador se chocava inteiramente com sua aparência, já que estava ficando calvo, tinha os ombros ligeiramente curvos e começava a ficar barrigudo. Havia pessoas do lado de dentro entregando panfletos. Eles pareciam ter sido mimeografados apressadamente e a tinta estava manchada em alguns pontos. O título dizia:

UM LÍDER CRISTÃO PARA A AMÉRICA

Cross estudou o líder cristão e o que percebeu foi perturbador. A pele tinha poucos traços de capacidade mágica, mas o poder cintilava ao redor do homem. Cross olhou para Sharon. O anel reluzia sob as luzes; Sharon cintilava de poder e as sombras circulavam. As coisas se encaixaram em seus lugares. Era um esforço de equipe. Sendo mulher, Sharon não podia ser candidata, mas poderia usar seu poder para impulsionar o marido para o alto posto. Sentiu o gosto oleoso do Antigo em sua língua, mas não conseguiu definir sua localização. Estremeceu.

Houve um toque suave no cotovelo de Cross.

– Senhor, precisa se sentar. O culto já vai começar.

Cross se virou e viu um garoto à beira da idade adulta. Os olhos do garoto tinham uma borda branca e a tensão curvava seus ombros. Cross também viu as semelhanças físicas com o homem no palco.

– Você deve ser Sean – disse Cross, e ficou chocado quando o garoto engasgou, recuou um passo e se jogou de joelhos.

– Deus seja louvado! Você veio! Minhas preces...

Cross o agarrou ríspidamente sob o braço e o colocou de pé.

– Meu deus, garoto! Pare com isso – disse, com o canto da boca. O garoto pareceu confuso.

– Mas... Não é...

– Não.

– Mas você sabia meu nome...

– É... porque... deixe para lá. Saia.

Ele empurrou o adolescente na direção das portas. A música parou.

Cross olhou para trás na direção do palco e viu acima da congregação Sharon franzindo o cenho. Ela o viu e ficou rígida. Hanlin ficou paralisado, olhou diretamente para Cross e Cross então se deu conta de que a pele humana não continha um humano. Um Antigo rastejava dentro dela. O terror o fez engasgar. Ele apressou o garoto para fora do teatro.

Do lado de fora viu seu reflexo nas portas de vidro e desfez o disfarce. Odiava entrar em igrejas. Com a barba retirada e o cabelo encurtado, voltou-se para Sean.

– Certo, garoto, sobre o que você tem rezado?

– Você não deveria saber?

– Finja que não sei.

Jogando um braço sobre o ombro do garoto, Cross o levou pela rua. Atrás dele a porta se abriu e o gordo saiu correndo.

Cross acenou para um táxi apressadamente e colocou o garoto dentro.

– Pise fundo – ordenou ao motorista. Cross olhou pelo vidro traseiro para a figura do factótum, que diminuía.

– Para onde? – perguntou o motorista.

Cross olhou para o garoto.

– Está com fome? Claro que está com fome. Garotos da sua idade sempre estão com fome.

Os talheres faziam barulho nos pratos; a garçonete e o cozinheiro faziam um canto e contracanto com *Prato da casa, Pedido*. Cross se permitiu um pedaço de torta de cereja à moda, uma fatia de bolo de chocolate amargo e uma xícara de café, enquanto o garoto engolia o bife de panela, tomava uma Coca-Cola e contava sua história.

– Mamãe morreu há dois anos. Papai ficou muito triste. Então Sharon foi à missão e eles começaram a sair juntos. Eles se casaram há sete meses.

Cross se distraiu. Ele estava concentrado na maldita coisa usando o traje de gente. Pensando em como combatê-la. Pensando se conseguiria vencer. Pensando se tudo terminaria com ele desmontado e fraco novamente.

– ...faz com que escove seus cabelos.

Cross voltou a prestar atenção no garoto, que estava vermelho e parecia constrangido, o que fazia as espinhas em suas bochechas brilharem ainda mais.

– No quarto deles, quando papai está lendo no andar de baixo.

– Você estava mesmo escovando os cabelos dela ou isso é um eufemismo?

– Como?

– Outra forma de dizer *foder* – disse Cross.

O garoto ficou branco, depois vermelho novamente, então tomou um grande gole de refrigerante.

– N... não – gaguejou. – Só toquei nos cabelos dela.

– Fale sobre aquele anel.

– Ela tinha a pedra no engaste de prata quando apareceu...

Meu marido me deu. Cross retornou à conversa na ponte. *Não, não era dois por um. Hanlin é um otário. Eram Sharon e o Antigo apenas encontrando um marionete de carne adequado,* pensou.

– E ela fez a faixa com cabelos dela e de papai.

As palavras do garoto pareciam gravadas no ar.

Outra lembrança surgiu: *Sharon cuidadosamente retirando o cabelo de seu ombro.*

– O que ela fazia com o cabelo na escova?

O garoto pareceu perturbado tanto pela pergunta quanto pela intensidade com que foi feita.

– Ela retirava tudo, enrolava e guardava numa caixinha. Até me obrigava a pegar qualquer fio que caísse no chão.

– Ela trouxe a caixa com ela?

Sean assentiu. Cross reclinou e acendeu um cigarro. Era uma mágica clássica de cabelos e pele. Cross estava bastante certo de saber o que estava preso naquele anel. Ele jogou algumas notas na mesa.

– Você usa dinheiro?

– Uma novidade para você, garoto; aquela coisa toda de pães e peixes... Bobagem completa. E outra coisa. Eu conhecia seu nome porque sua madrasta me disse. Sem mistério. Sem milagre.

Sean ficou paralisado e olhou com desconfiança para Cross.

– Você não é meu salvador.

– Na verdade, garoto, provavelmente sou. Veja, eu sei que aquela coisa no palco não é o seu pai. É alguma outra coisa vestindo a pele dele.

O garoto deu um suspiro ruidoso e desabou. Sean era novamente uma criança. Cross deu seu lenço a ele. Após alguns minutos o garoto recuperou o controle. Limpou os olhos, que escorriam.

– Eu não podia contar a ninguém. Eles achariam que eu era maluco e ela... ela é minha madrasta.

– É, garoto, eu sei. É uma bosta quando um clichê se revela verdade. Agora

me leve até onde você está hospedado.

Sean não tinha a chave.

– Fique vigiando – ordenou Cross, enquanto sacava seu conjunto de arrombamento e se ajoelhava diante da porta. O hotel era um lugar modesto a alguns quarteirões do lago.

– Você vai arrombar?

– Não, vou soltar a tranca. Arrombar faria muito barulho.

Sean deu um risinho, traindo seu nervosismo.

– Você não é nada do que eu esperava.

– Não repita a negativa – corrigiu Cross automaticamente, enquanto as ferramentas delicadas travavam no mecanismo e a tranca se soltava. – Se você soa como um caipira, acaba sendo um caipira e acho que você é mais brilhante do que isso.

– Acha?

– É, eu acho.

Cross enfiou as ferramentas de volta no bolso e se levantou. Abriu a porta e ele e o garoto entraram no quarto.

Uma bolsa de tecido estava no chão sob o cavalete que sustentava uma mala aberta. Um estrado de ferro apoiado em uma parede e um gaveteiro instável na outra. Havia um espelho sobre a cômoda e o vidro estava sem reflexo por causa do Antigo. Uma cama de armar dobrada ocupava o restante do espaço no quarto pequeno.

O alto da cômoda era ocupado pelas várias poções misteriosas que compunham a pintura de guerra de uma mulher. Cross não viu uma caixa. Talvez a levasse com ela. Aquilo tornaria difícil coisas simples.

– Qual a aparência da caixa? – perguntou Cross.

– Metal, mas com furos, como uma espécie de rede.

Cross vasculhou as gavetas. Nada de caixa. Cross se virou para olhar o quarto e examinou os poucos móveis. Verificou sob o colchão, dentro da bolsa de tecido e na mala. Sean o olhava atentamente. Finalmente Cross foi até a cama de armar e enfiou a mão dentro do colchão dobrado. Sentiu metal. Tirou a caixa. Abriu e inspecionou os cabelos cor de chocolate dentro dela.

Fechou a caixa e a segurou com força. Pensou no que sabia. O Antigo habitava um corpo humano. Interessante que não tinha simplesmente construído um, como Cross fizera. Mas isso podia indicar que tinha poder limitado, o que era uma vantagem e uma grande merda. No estabelecimento dos missionários Cross

sentira que havia algo preso. Ele pensara, equivocadamente, que era Sharon, mas agora acreditava que eram os impulsos elétricos que formavam a essência de Marshall Hanlin.

Então tudo que ele precisava fazer era expulsar o Antigo. Devolver o marido a seu corpo. E lidar com o Antigo e Sharon.

Moleza.

– O que fazemos agora? – perguntou Sean.

Cross engoliu o bolo gelado que se formara em sua garganta.

– Vamos achar sua madrasta malvada.

O teatro estava vazio. Alguns panfletos voavam tristemente na sarjeta enquanto a brisa do lago soprava pela rua. Cross xingou. Tendo chegado ao ponto decisivo, ele queria resolver logo o caso. Confrontar sua força com a do outro Antigo. Acabar com o pesadelo do garoto ao seu lado.

O garoto olhou para ele com uma mistura de assombro e apreensão.

– Todos esses são palavrões?

– É, agora esqueça que um dia os ouviu. Para onde eles teriam ido?

– Provavelmente para a convenção. Sharon queria ver todas as pessoas famosas e ricas – respondeu Sean.

– Certo. Você quer ver pessoas famosas e ricas?

O garoto deu de ombros.

– Papai me levou no dia em que chegamos. Elas parecem com as pessoas comuns, apenas com roupas mais bonitas.

Cross esticou a mão e acariciou os cabelos do garoto.

– Você tem futuro, garoto.

Farley havia feito como prometido. Cross estava na lista dos que podiam entrar no estádio. Ele disse que Sean era seu filho. A declaração tinha feito o garoto ficar vermelho, depois branco e vermelho de novo.

– Qual o problema, cacete?

– Não posso ser seu filho! É sacrilégio.

– Não, é apenas mentira.

– Ainda assim não devia dizer. E mentir é errado.

Cross desistiu.

– Você está certo. Agora, por favor, podemos ir encontrá-los?

Estava quente no estádio, o ar pesado de cheiros – suor, loção pós-barba e brilhantina – disputando espaço. Homens em pequenos grupos conversando em tons baixos e urgentes. Gravatas haviam sido afrouxadas, colarinhos estavam

desabotoados. Nas arquibancadas ficavam as mulheres, se abanando, suas luvas brancas parecendo bandeiras de sinalização. Pareciam um bando de pássaros com seus chapéus adornados de penas.

Cross passou os olhos por elas, procurando por Sharon. Sean puxou sua manga.

– Meu pai está ali – disse, apontando. O Antigo em traje de pessoa conversava com Farley.

– Sharon é a chave. Ajude-me a encontrá-la. Tente do outro lado do estádio. – O garoto partiu com um último olhar ansioso para a carcaça do pai.

Cross esperava que extrair o Antigo não matasse o continente humano. Sean era um garoto legal e merecia um final feliz. Pena que eles fossem tão raros. Por que, na verdade, os universos cagavam para as vidas das criaturas que viviam dentro deles.

Cross seguiu na direção oposta e então a viu. Ou melhor, reconheceu os quadris oscilantes, as belas canelas e aqueles sapatos vermelhos entusiasmados subindo as escadas. Cross saltou a grade e subiu. Ela se virou, falando com as mulheres dos dois lados, e começou a se sentar. Então viu Cross, ficou rígida e permaneceu de pé.

Cross enfiou a mão no bolso e sacou a caixa. Fúria e preocupação passaram pelo semblante dela. Ele enfiou a mão lentamente no outro bolso, sacou seu isqueiro e deslizou o polegar pelo rolete de esmeril. A pedra faiscou e uma chama firme se acendeu. O pânico tomou conta do rosto dela. Desajeitada em sua pressa, Sharon tentou descer as escadas correndo na direção dele.

– Não! Não, não faça!

Ele abriu a caixa. Embora ela ainda estivesse a três metros, as mãos se esticaram na direção dele como se pudessem de algum modo arrancar a caixa. Cross levou a chama ao cabelo. Ele testemunhara muitas batalhas e muitos autos de fé em sua longa existência. Não era tanto do cheiro de carne humana assando que ele se lembrava, mas do cheiro doce/desagradável de cabelos queimando. O cheiro eliminou qualquer chance de que sentisse pena dela. Ela havia feito pactos com criaturas dispostas a causar sofrimento e morte aos humanos.

Sharon deu um grito de terror e dor. A luva em sua mão direita queimava. O material caiu e Cross viu chamas lambendo ao redor do anel de âmbar enquanto a fita trançada queimava como os cabelos na caixa. Sharon arrancou o anel e o jogou no chão. O restante dos seus cabelos se tornou cinzas. A caixa de metal estava quente na mão de Cross e o metal barato havia amolecido. Ele a esmagou e soltou.

Sharon soltou um grito penetrante, ajoelhou em um degrau e pegou a peça âmbar em seu engaste de prata. Cross projetou seu poder. As sombras que haviam girado ao redor do anel e dela tinham desaparecido. O interior do anel cintilava como se tivesse vagalumes capturados.

Houve um tumulto no plenário. Ele ouviu a voz de Sean, tomada de medo, gritando:

– Pai! Pai!

Cross subiu a escada correndo e arrancou a gema da mão de Sharon. Então correu na direção de Sean e do homem caído no chão, engasgando nos braços do filho. O Antigo estava se vingando, se alimentando da dor e do medo do filho e ficando mais forte a cada engolida psíquica.

Diante de tal poder Cross se sentiu desamparado. Ele não podia combater o outro. Fracassaria e seria desmontado. Seria um desastre para Conoscenza se isso acontecesse em um lugar tão público. E ele não se achava capaz de suportar a dor. Começou a recuar. O garoto olhou para ele, lágrimas embaçando seus olhos, mas sua expressão mostrava total confiança e segurança.

Cross interrompeu sua retirada, se projetou e tocou os sentimentos do garoto em relação ao pai. Bebeu profundamente aquelas emoções mais complicadas – respeito, amor, admiração. Examinou o anel e sentiu os impulsos elétricos que formavam o homem. Sentiu suas emoções – preocupação com o filho, tristeza por não vê-lo chegar à maturidade.

Cross reuniu cada grama de poder. Ele agarrou o Antigo e era como se garras de gelo o agarrassem de volta. Mas o pai do garoto começou a respirar novamente enquanto o Antigo voltava sua atenção para Cross. Depois Cross penetrou no anel e se apossou do homem. Cross sentiu as ligações que mantinham seu corpo unido enfraquecendo enquanto lutava para fazer a troca. O Antigo lutava com selvageria. Seria por um triz.

Então Cross oscilou ao ser atingido por um raio de poder. Olhando por sobre o ombro ele viu Sharon, cambaleando a caminho do plenário. Ele estava usando toda a sua energia para segurar o Antigo e Marshall Hanlin e se manter íntegro. Não lhe restava nada para falar. Cross revirou os olhos para Sean, que estava ajoelhado no chão segurando o pai nos braços. O garoto olhou de Cross para Sharon e para o pai abaixo.

Ele baixou o pai suavemente e se levantou. *Rápido!*, disse Cross mentalmente. Sean correu na direção de Sharon e deu um tapa forte nela. O ataque dela a Cross oscilou e morreu. Ele segurou mais apertadamente, reuniu sua força e fez a troca. A seus olhos, que podiam ver além das dimensões normais, era como se

o corpo de Marshall Hanlin fosse banhado por uma rede de eletricidade. E o interior do âmbar já não estava claro. Ele se agitava em sombras.

Lentamente, Hanlin se levantou e levou uma mão à testa.

– Sean? – disse, fracamente.

– Pai!

O garoto estava tentando conter as lágrimas, tentando ser homem. Correu para o pai e o abraçou.

Cross caiu sobre um joelho e arfou. *Sharon!* Ele se obrigou a levantar e procurou por ela. Mas, como qualquer pilantra, ela tinha instinto de sobrevivência. Desaparecera durante a confusão.

Dois dias depois Franklin Delano Roosevelt garantiu a indicação democrata à presidência, mas sem o voto do suplente de Oklahoma. O delegado original se recuperara e retornara à convenção. Hanlin não pareceu ficar muito aborrecido por a missão ter queimado. Ele e Sean haviam decidido seguir para a Califórnia e viver uma nova vida.

– Preferencialmente uma sem pregações – dissera Cross a Sean.

Tarde naquela noite Cross e Conoscenza estavam de pé na margem do lago Michigan, olhando ondinhas batendo na praia de pedras. Fumaça de charuto os circundava com halos cinzentos.

– Satisfeito? – perguntou Cross.

– Ficarei satisfeito quando ele vencer a eleição – foi a resposta. – E então, o que vai fazer com aquela coisa? – perguntou, apontando para o âmbar.

– Não faço a menor ideia – disse Cross, olhando para a gema fosca. – Jogar no lago?

– As coisas têm o hábito de ser pescadas. Eu o pegaria e colocaria em um cofre particular.

– E os bancos não quebram? – perguntou Cross.

– Não os meus bancos. E assim que você encontrar um novo paladino ele será destruído.

– Você precisa acrescentar aquela festança em Oklahoma à sua lista de afazeres.

– Registrado. Mas não é urgente. As notícias da Alemanha são... perturbadoras. Vou mandar você para a Europa.

– Na-nã-nã. Não imediatamente.

– Por quê? Tem alguma coisa mais urgente?

– Tenho de encontrar Sharon.

– E fazer o quê? – perguntou Conoscenza. – Sem um paladino não podemos remover sua habilidade para a mágica. E você não vai matá-la.

– Poderia.

– Mas não vai, ou nosso acordo chega ao fim.

Cross suspirou, deu uma última tragada no charuto e o jogou na água.

– Acho melhor colocar calções bávaros na mala.

A diferença entre um enigma e um mistério

M.L.N HANOVER

Detetives de polícia de cidade grande precisam se acostumar a lidar com assassinos, drogados e prostitutas. Lidar com demônios, porém, decididamente está um patamar acima.

O novo escritor M.L.N. Hanover é autor de *Unclean spirits* e *Darker angels*, os primeiros da série *Black sun's daughter*. O livro mais recente de Hanover é *Vicious grace*. Ganhador do prêmio International Horror Guild, Hanover mora no sudoeste dos Estados Unidos.

O cara não era o que o detetive Mason esperara. Considerando-se tudo referente ao caso, ele imaginara alguém com um grande sobretudo preto, talvez um colarinho de padre. Pelo menos um ar de mistério. Em vez disso estava com aquele sujeito roliço, na casa dos 40, meio careca, com uma expressão insegura que sustentava havia tanto tempo que estava gravada em sua pele. A camisa abotoada até o fim ficara bem nele sete quilos antes. O nó da gravata era tão apertado que provavelmente estava ali havia anos, retirado por sobre a cabeça e recolocado sem nunca ser refeito. Quando o sargento da recepção o levou, o sujeito esbarrara na mesa de Winehart com força suficiente para derramar o café da caneca. Depois se desculpou como se temesse que ela o esmagasse. Naquele momento estava sentado diante de Mason na mesa vazia de Anderson, as mãos entre os joelhos como um garoto na escola, sorrindo nervosamente.

– Então é o detetive Mason?

– Sou. E você é o exorcista.

O homem exibiu os dentes e balançou a cabeça.

– Não, na verdade, não. Eu não colocaria assim. Richard Scarrey. Como o escritor, mas com um “e” a mais.

– Quem?

– Escritor de livros infantis. Ilustrador também. O que escreveu os livros *Busytown*. Porcos de bermudas e suspensórios, coisas assim. Ele é soletrado com dois “r”, mas eu também tenho um “e”. No entanto, a pronúncia continua sendo

a mesma.

– Certo – disse Mason. – Sou o detetive Mason. O chefe falou sobre mim?

– Um pouco. Disse que você havia prendido um homem e que eu poderia ser de alguma ajuda.

– Nada além disso?

Scarrey balançou a cabeça negativamente, desta vez com mais firmeza. Mason se reclinou na cadeira e cruzou os dedos atrás da cabeça. O telefone de Winehart tocou, ela o tirou do bolso e saiu com uma das mãos sobre a orelha livre.

– Então, há cinco meses essa garota Sarah Osterman desapareceu – disse Mason. – Universitária. Teve uma briga com o namorado, saiu apressadamente de casa e nunca mais voltou. Ele está perturbado, mas parece ter sido apenas uma briga feia. Ninguém prestou muita atenção. Há cerca de um mês o corpo dela apareceu em um armazém perto do pátio da ferrovia. Estava morta havia uma semana, porém não se divertira nada antes disso.

– Lamento, detetive – comentou Scarrey, e o modo como usou as palavras fez com que parecesse que realmente lamentava. – Aprecio sua descrição profissional, mas vou precisar dos detalhes. Ela foi torturada?

– É.

– Ahn. Agredida?

– Quer dizer estuprada? Estou com o relatório do legista. O chefe disse que poderia querer.

– Obrigado, então, sim. Isso é bom. Continue.

– A cena tinha alguns elementos que nos fizeram suspeitar de que havia um ângulo de ocultismo. Escritos nas paredes. Cera de uma vela preta. Havia alguns respingos de sangue e os legistas disseram que existia um lugar limpo onde alguém talvez tivesse colocado uma cruz invertida e depois retirado.

Scarrey assentia para cada detalhe, a cabeça quase vibrando, mas naquele momento os olhos tremeluziam, se movendo no ar como se ele lesse. Era o que Mason via pessoas fazendo quanto tentavam se lembrar de algo. Quando estavam inventando as coisas os olhos ficavam fixos.

– Qual a idade da garota? – perguntou Scarrey.

– Vinte e três.

– Estava grávida?

– Não.

– Ou na regra?

– Como?

– Ela estava menstruada quando morreu?

– Não sei. Talvez esteja no relatório.
– Podemos perguntar caso não esteja. Lamento. Não queria interromper.
– Começamos a investigar. Soube-se que a garota havia sido vista com um cretino, Maury Sobinski, então descobrimos onde ele estava. Pressionamos. Ele é um daqueles babacas que leem um livro sobre policiais e acham que sabem tudo. Age praticamente como se fosse da polícia.

– Fala demais?

– Sabe aquela coisa de dar a um homem corda suficiente para ele se enforcar? Aquele filho da puta teria se enforcado com fio dental. Ele estragou tudo. Praticamente entregou o caso pronto sem sequer perceber que estava fazendo isso.

– Mas não uma confissão.

– Não. Apenas coisas idiotas. Dizer que não estava com a garota em um determinado dia quando ainda nem havíamos perguntado isso. Falando um monte de merda sobre como algumas pessoas pedem que coisas ruins aconteçam. Estava escrito “culpado” na testa dele. Pedimos uma amostra de DNA para fazer um exame e ele finalmente percebeu que não estávamos ali simplesmente por gostar da companhia dele e parou de falar. Não conseguia se lembrar de mais nada.

Winehart retornou à sua mesa, a expressão amarga. Ele tentou atrair seu olhar, mas ela não olhou para ele. Mason sentiu uma pontada de ansiedade. Teria sido Anderson? Ou, pior ainda, os babacas da Corregedoria?

– E então?

– Como? Ah, sim, conseguimos um mandado, revistamos a casa. Ele está com todas as coisas dela lá. Sabemos que a conhecia, mas não há nada conclusivo. Sem testemunhas, sem provas de laboratório que possamos levar a um júri. Sabemos que ele fez e precisamos de uma confissão. Então o trouxemos para cá.

– E ele quis um advogado?

– Solicitar um advogado – disse Mason, apontando um dedo para Scarrey. – Essa é boa. Também o tipo de expressão que ele usaria. Mostrar para nós que ele sabe como tudo funciona.

Scarrey corou e deu um risinho.

– Só uma coisa que ouvi. Televisão ou...

– Mas não – disse Mason. – Não pediu um advogado, quero dizer. Ele começou a falar engraçado. Começou a se mexer de modo estranho. Tínhamos uma câmera apontada para ele e não fazia apenas quando sabia que estávamos assistindo. Fazia o tempo todo. Chamava a si mesmo de Beleth, o Rei do

Inferno. De vez em quando parava de fazer a coisa de vodu, soava como se fosse ele novamente e dizia que era vítima de uma enorme conspiração satânica. Pediu que o ajudássemos. Implorou, chorou, xingou a si mesmo. Então Beleth apareceu novamente e...

– Ah.

– O chefe viu a cena, disse que esperasse por você. Disse que talvez pudesse ajudar e que eu deveria cooperar com você, mas talvez não oficializássemos nada. Deixássemos como algo informal.

– E você disse...?

– Eu disse: “Sim, chefe.”

Winehart, em sua mesa, se virou. Escreveu uma pergunta em um papel e colocou no vidro, atrás da cabeça de Scarrey. Mason tossiu um pouco para disfarçar. *É, é ele*. Winehart remexeu os dedos, como uma assombração. Scarrey suspirou e nesse momento Mason se deu conta de que o sujeito provavelmente podia ver o reflexo dela no vidro da janela. Mas o sujeito não falou nada.

– Posso falar com o prisioneiro?

– Você não precisa falar comigo – disse Scarrey. – Não é obrigado. Não sou policial, psiquiatra nem nada assim.

Além de grades, a cela tinha uma trama de metal estreita demais até para permitir a passagem de um dedo. O piso era de concreto, as três paredes de alvenaria pintadas com uma tinta creme de alto brilho que ficava limpa com um pouco de detergente e toalha de papel, não importando o que fosse jogado nela. O catre era uma prateleira de metal cravada na parede mais distante com o pequeno toalete de aço ao lado. A coisa toda não tinha mais de 1,80 x 2,40 m, na maioria dos dias, teria três ou quatro pessoas dentro.

Sobinski estava sentado no chão, de pernas cruzadas, olhando para fora. Os olhos estavam vermelhos, a boca flácida. Cachos de cabelos engordurados caíam sobre seu rosto, mas os olhos estavam alertas. Ele não estava desatento. Observava ambos. Mason recuou um passo, deixando o especialista fazer o que pretendesse. Scarrey esperou um bom tempo, então se sentou, do lado de fora da cela, olhando para Sobinski com a cabeça no mesmo nível da dele.

– Esperava poder conversar com você sobre o motivo de estar aqui – disse Scarrey. – Sobre o que aconteceu.

Os ombros de Sobinski se viraram para a lateral com um espasmo repentino, sua cabeça pareceu torcer no pescoço, colocando o rosto em um ângulo que dava a impressão de que partira algo importante em sua coluna. A voz era densa e

gordurosa. As sílabas se fundiam umas nas outras, deslizando e escorregando. Scarrey fez um pequeno ruído constrangido no fundo da garganta.

– Sim, lamento – disse Scarrey. – Gostaria de falar com Maury, por favor.

– Não há Maury – disse Sobinski, a voz soando como algo forçado para fora através de carne crua. Era grande demais para o corpo. Grande demais para o espaço. Fazia a pele de Mason formigar. – Sou Beleth, Rei do Inferno. Este corpo é minha propriedade, cedido a mim por direito.

– Compreendo – disse Scarrey. – E com todo o respeito, Sua Majestade, vim para falar com Maury, por favor.

O maxilar de Sobinski se abriu tanto que parecia correr o risco de se soltar. Sua língua se projetou, caindo na direção de suas pernas cruzadas.

– Quer que o pequeno Mo saia para brincar? – disse a voz novamente, cada sílaba úmida e raivosa. O tom era de deboche.

– Sim, por favor – disse Scarrey.

O prisioneiro deu uma risadinha. Seus ombros voltaram para o lugar, o rosto perdeu a expressão de prazer malévolo e o ângulo de pescoço quebrado de sua cabeça deslizou de volta ao normal. Sobinski olhou ao redor como se visse os dois pela primeira vez.

– Maury? – perguntou Scarrey.

O prisioneiro concordou, inseguro.

– Meu nome é Rich – disse Scarrey, sorrindo. – Queria falar com você um minutinho sobre por que está aqui. Tudo bem?

– Você é psiquiatra?

– Não – disse Scarrey. – Não sou ninguém em particular. Entendo que você tem sido possuído por um demônio?

Sobinski olhou de Scarrey para Mason e de volta. Sua pele era pálida e tinha aparência frágil. Ele engoliu em seco e assentiu. Quando falou, foi pouco mais do que um sussurro.

– Eles não acreditam em mim.

– Eu sei – disse Scarrey.

– Eu não matei Sarah. Nunca mataria Sarah. Nunca mataria ninguém.

– Certo.

– Os demônios. Eles estão em toda parte. Eles pegam pessoas e andam em seus corpos. Você não percebe. Ninguém percebe até eles se deixarem ver e então é tarde demais. Eles controlam tudo. O presidente? O papa? Você não sabe. Tem de acreditar em mim.

– Eu acredito. Como Beleth entrou em você, Maury? Pode me dizer o que

aconteceu?

Sobinski ficou de pé. Parecia alguém saindo de um leito de hospital pela primeira vez após uma cirurgia. Cada movimento era inseguro, cada tentativa de passo também. Como se estivesse esperando para ver até onde podia se curvar antes de doer novamente. Scarrey permaneceu sentado no chão.

– Foi talvez há uns cinco anos – disse Sobinski, esfregando a nuca com a mão.
– Estava trabalhando em um lugar em Detroit. Oficina de desmanche. Eles também vendiam drogas, mas eu ficava apenas nos carros. Havia um cara negro. Jamaicano. Eles o chamavam de John Zombie.

– John Zombie – repetiu Scarrey, anuindo.

– Ele era maluco. Se metia em todo tipo de merda esquisita. Eu não acreditava em nada daquilo, imaginei que só estava tentando parecer durão, sabe? Assustar as pessoas.

– Ele alguma vez mencionou Carrefour? Marinette?

– Sim. Ele usou esse nomes. Mas eu não posso... – disse Sobinski, e então, sem aviso, pulou na direção de Scarrey, gritando. O corpo do prisioneiro se chocou contra o metal, seu guincho como uma serra cortando carne. Mason sentiu a mão na coronha da pistola e se forçou a relaxar.

Sobinski estava gritando as mesmas sílabas estranhas de antes. Sua coluna fez uma corcunda e seus braços se contorceram em espasmos repulsivos. Gotículas de saliva molharam a malha da cela. Quando Sobinski bateu os punhos contra ela, o metal ressoou. Mason avançou.

– Certo, babaca, pode parar com isso agora – disse.

Scarrey se levantou, limpando saliva do nariz e da bochecha.

– Acho que terminamos por ora, detetive. Talvez eu volte mais tarde.

– Conheço você, homenzinho – disse Sobinski, em sua voz grave demoníaca.

– Conheço seu coração. Eu o encontrarei nos sonhos.

– Pode voltar se quiser – disse Mason, dando de ombros. – Isso é assim boa parte do tempo.

Scarrey anuiu educadamente para o homem que gritava e Mason o conduziu para fora dali. Deixando as celas para trás, Mason levou o homem para a sala de descanso e serviu uma xícara de café.

– Bem? – perguntou, enquanto Scarrey colocava creme e açúcar na caneca.

– Quero estudar os relatórios. Talvez também precise ver a cena do crime. Poderia me levar lá? Quanto ao homem, é cedo para dizer. Mas há alguns pontos interessantes. Esse John Zombie de que ele fala pode ser algo que mereça ser lembrado, mas...

- E aquela baboseira que ele continua falando?
 - Ahnn? Ah, sim. É aramaico.
 - É? Que tal o sotaque dele? – perguntou Mason.
- Scarrey ergueu os olhos, confuso. Então, entendendo a piada, sorriu.
- Péssimo.

Scarrey ajustou a cadeira de Anderson cinco ou seis vezes enquanto Mason trazia os relatórios. Havia tudo, desde a queixa original de desaparecimento que o ex-namorado fizera até o relatório do legista, passando pelo relatório de Mason sobre a prisão. Scarrey examinou como se tentasse tomar uma decisão de por onde começar no bufê.

- Precisa de mais alguma coisa? – perguntou Mason.
- Eu conseguiria algumas folhas de papel? Papel de impressora serve. Para fazer anotações.
- Claro – disse Mason.
- E uma caneta?

Assim que o sujeito havia se instalado, estudando a papelada com o rosto franzido em uma máscara cômica de concentração, Mason foi para a cozinha. Ter outra pessoa na mesa do seu parceiro era estranho demais, e de qualquer forma ele gostaria de um pouco de cafeína. Ainda estava lá, tomando o restante da borra preta, quando o chefe o encontrou.

Ele não era velho, mas vira muita coisa e mostrava isso no ângulo de seus ombros e no modo como mantinha as costas esticadas. Cumprimentou Mason ao entrar e se serviu de uma xícara de café.

- Ele está aqui?
- Está, senhor – respondeu Mason. – Dei os arquivos a ele. Acesso total. Exatamente como o senhor disse.
- Bom. Isso é bom.
- Senhor? Sobre Anderson...
- Não vou conversar sobre isso – disse o chefe, acrescentando creme ao café preto.
- Ele é um bom policial – insistiu Mason. – Trabalhei seis anos com ele e é o sujeito mais atento que temos na equipe. Se o perdermos por causa disso haverá pessoas ruins soltas.
- Não vou conversar sobre isso, Mason. Nem você. Quando a Corregedoria tiver terminado podemos...
- Foram US\$ 200 – disse Mason. – Este departamento gasta muito mais do

que isso em cappuccinos de graça toda semana.

O chefe pousou sua xícara, se apoiou no balcão e cruzou os braços. Sua expressão tinha a calma vazia que significava que Mason chegara perto demais do limite, mas ainda não o ultrapassara.

– Respeito sua preocupação com seu parceiro – disse o chefe. – Partilho sua alta avaliação do detetive Anderson. Falando como policial profissional e seu superior, estou dizendo neste instante que seremos impecáveis nisto. Qualquer coisa que a corregedoria queira saber, você conta. O que eles quiserem ver, você mostra.

– Sim, senhor.

– Quando o detetive Anderson for inocentado de todas as violações, não quero ninguém pensando que foi alguma espécie de detalhe técnico ou que enganamos a Corregedoria.

– Não, senhor.

– E, falando pessoalmente, não se preocupe. Estou cuidando disso.

Mason se esforçou para não sorrir.

– Obrigado, senhor.

– Não preciso de gratidão. Preciso de uma confissão de Sobinski.

– Certo, então.

O chefe pegou seu café e saiu.

De volta à sua mesa, Mason olhou para o especialista, que ainda franzia o cenho sobre os detalhes da garota morta, suspirou baixo e começou a preencher os relatórios da investigação da morte de um sem-teto que caíra, ou fora empurrado, de um prédio de apartamentos. Uma hora depois Scarrey apareceu, pigarreando como um pedido de desculpas.

– Encontrou o que precisava? – perguntou Mason.

– Não, não. Apenas o que esperava. Será que poderíamos dar um pulo na cena do crime? Talvez no apartamento de Sobinski?

– Certo. Mas entenda que a cena do crime não estará igual ao que era. Depois que os legistas terminam, nós a liberamos. Deixamos as pessoas voltarem a usar o lugar. Elas normalmente chamam o pessoal da limpeza rapidamente.

– Que mundo seria se fosse diferente – disse Scarrey, e então, vendo o olhar vazio de Mason, acrescentou: – Estava apenas pensando como seria se congelássemos um aposento sempre que alguém morresse nele. Ficaríamos sem lugar para comer e dormir. Guardar comida. Teríamos de encontrar alguma forma de limpar o espaço. Fazer o tempo começar de novo. Mas suponho que fazemos isso quando as equipes de legistas vão embora, não é? Tentamos tirar

uma sala, um beco ou outra coisa do mundo enquanto eles fazem seu trabalho e quando encerram, colocamos de volta.

– Certamente – disse Mason. – Acho.

– O poder do ritual – comentou Scarrey, satisfeito com a ideia. – Bem. Quer dirigir ou eu dirijo?

O armazém onde Sarah Osterman havia morrido era um dentre centenas, plantados no triângulo aproximado em que o rio e a ferrovia se tocam. O sol da manhã eliminava as sombras do concreto e do aço. Os únicos pedestres eram os sem-teto e o trânsito era exclusivamente de carretas e latas-velhas. Mason gostava do bairro por sua autenticidade. Era praticamente só o que tinha a oferecer.

No banco do carona, Scarrey cantarolava e se inclinava para fora, olhando para os endereços pelos quais passavam. Seus dedos gorduchos tamborilavam na lateral do banco, quase, mas não exatamente, no mesmo ritmo do canto. Por um lado Mason podia ligar o rádio, tentar abafar o sujeito. Por outro, se fizesse isso o sujeito poderia tentar cantar junto.

Eles estacionaram em frente ao escritório da gerente. Um quarteirão de prédios altos com portas de garagem de correr e baias de carga e descarga se estendendo para o sul. Três grandes carretas estavam estacionadas nas baias, mas nada entrava ou saía dos armazéns. A gerente, uma mulher dolorosamente magra, com uma cânula nasal ligada a um suprimento portátil de oxigênio, deu a eles o código de acesso e uma chave-mestra. Enquanto Mason caminhava pelas baias de carga, Scarrey trotava ao lado.

– A companhia estava alugando o armazém de forma legítima – disse Scarrey.

– Eles relataram alguma coisa estranha sobre o espaço desde então?

– Não. Nada acontecendo na noite. Pelo menos nada que tenham me dito.

– Ahn.

– Esperando alguma coisa?

– Bem, seria de se esperar que as pessoas pelo menos ficassem nervosas, não?

– respondeu Scarrey. – Algo terrível como isso acontece e as pessoas recuam ou avançam. É muito raro que não sejam afetadas. Claro que teria de ser algo significativo para merecer menção oficial.

– Soa como se você não achasse que nosso garoto estava realmente tentando invocar o diabo.

– Ah, eu não disse isso – rebateu Scarrey.

Mason parou junto à porta. M-15 estava pintado em preto sobre tinta amarela

descascando. Digitou a senha no painel ao lado da porta, colocou a chave da gerente e, com uma batida alta, a porta do armazém começou a subir. Scarrey passou agachado por baixo, entrando apressadamente. Mason esperou até poder entrar de pé.

O lugar parecia inofensivo. Simples. Inocente. As caixas e estantes que Sobinski havia colocado de lado estavam de volta aos seus lugares. O ar cheirava a escapamento de carro, não a incenso e sangue. As palavras e os diagramas escritos a giz haviam sido lavados do piso e das paredes. Mason jogou os ombros para trás, se esticando até algo em sua coluna estalar. Scarrey caminhava pelo lugar como um turista em Times Square, piscando e esticando o pescoço. Ele deu uma volta no lugar inteiro, as pontas dos dedos percorrendo as paredes, tocando as caixas de aparelhos de DVD baratos e o equipamento de som de terceira categoria, apertando os olhos para as lâmpadas fluorescentes azuladas no alto.

– Você a viu?

– Sim – respondeu Mason.

– Qual foi a sensação?

– Como?

– Bem, esse é o problema dos relatórios, não? Eles nunca trazem as partes realmente importantes. Eu sei que ela estava aqui – disse Scarrey, parando o mais perto do lugar certo que as estantes permitiam e erguendo os braços como se as correntes e os ganchos estivessem em sua própria carne. – E acho que suspensa daquela viga e do cano ali, certo?

– Isso mesmo.

– Esse é o tipo de coisa que os relatórios contam. Eles nunca dizem qual foi a sensação. Quando você a viu, isso o deixou feliz?

– Ela era uma garota – disse Mason. – Foi torturada e morta por um babaca doentio e chegamos tarde demais para ajudá-la. O que você acha?

– Não sei, mas isso é importante. Ver o corpo dela aqui o deixou feliz?

– Não.

– Sexualmente excitado?

– É – disse Mason, impassível. – Certamente. Tão duro que você poderia colocar alguma coisa em cima que não cairia.

– Não faça isso – disse Scarrey. Sua voz era baixa e muito séria. – Não brinque com isso. Sei que está brincando para disfarçar. O corpo o excitou sexualmente?

– Que porra, não – respondeu Mason.

– Bom. Bom, bom, bom.

- E quanto a você?
- Eu?
- O que aconteceu aqui deixa você feliz?
- Muitas coisas aconteceram aqui – disse Scarrey. – Algumas delas foram terríveis. Como o que aconteceu com aquela garota. Algumas delas foram bastante prazerosas.
- Como?
- Deixe-me encontrar o que espero encontrar.
- Que seria...?
- Scarrey sorriu e esticou os braços, apontando para as paredes, as caixas, a luz.
- Um armazém – disse.
- É – disse Mason. – Bem, fico feliz por termos resolvido isso. E agora?
- Almoço, espero. Gostaria de almoçar? Eu pago.

Não era o tipo de restaurante que Mason normalmente frequentasse. Ele em geral escolhia um bom mexicano ou uma churrascaria. Se parecesse o tipo de lugar onde teria de esperar por uma mesa, descartava. Quando passaram pelas portas de vidro e cromo Mason esperava que a maître perguntasse se desejavam fazer uma reserva para o mês seguinte, mas em vez disso ela os conduziu até uma saleta cor de creme nos fundos, com uma luminária art déco suspensa de fios sobre a mesa. Então talvez Scarrey conhecesse alguma coisa.

– O que é bom aqui? – perguntou Mason, estudando o cardápio. Sanduíche de bacon, tomate e alface de US\$ 14. Pernil de cordeiro de US\$ 40.

– Eu normalmente peço a salada com feta de acompanhamento – disse Scarrey.

– Certo.

– Há um filé com crosta de café que também é bom. Você poderia experimentar.

Mason tentou descobrir se o sujeito estava brincando e quase decidiu que não. E se estivesse, ele merecia por ter pedido.

– Certo. Vou tentar.

Scarrey acenou para o garçom e eles fizeram os pedidos. As bebidas chegaram logo. Scarrey pediu uma *lager* europeia. Mason se limitara a chá gelado, que para um chá gelado não estava ruim.

– Então – disse Mason. – Você acredita nessas coisas todas. Beleth, Rei do Inferno. Conspirações demoníacas. Assim?

– Definitivamente, sim – respondeu Scarrey. – Eu vi. Imagino que não

acredite.

– Eu vi muitas coisas – disse Mason. – Mas sou apenas o policial. Se você quer julgamento, procura um juiz.

– Não estou certo de que estar naquela cadeira dá a alguém maior compreensão espiritual.

– Amém – rebateu Mason, e desta vez Scarrey entendeu a piada imediatamente. A maîtresse se virou ao som da risada, sorriu e desviou os olhos.

– Nem sempre acreditei – disse Scarrey. – Mas esperava. Sempre esperei.

– Esperar? Que haja uma conspiração satânica global controlando o governo e a polícia de modo a que possa sacrificar bebês e adorar o diabo?

– Bem, não dito dessa forma. Mas eu esperava que houvesse um mundo mais mágico do que minha vida física, óbvia, mundana. Eu era assim quando jovem. Sempre procurando algo milagroso. Uma visita de Deus. Ou um sequestro por Óvnis. Eu quis ser um vampiro durante o ensino fundamental. Costumava ficar à janela toda noite e convidar os vampiros que por acaso estivessem por perto para que entrassem. Eles não podem entrar a não ser que você os convide, você sabe. Eu estava um pouco à frente do tempo nisso. Mas não era muito meticoloso. Só queria que acontecesse algo que virasse o mundo de cabeça para baixo.

– Parece que você precisava de uma namorada – disse Mason.

– Ah, sim – respondeu Scarrey. – Não, eu me deparei com os viajantes porque esperava por isso.

– Viajantes?

– É como o pessoal da área os chama. As coisas que vivem fora do mundo tentando entrar nele.

– Por que não simplesmente demônios?

Scarrey tomou um grande gole de sua cerveja, várias linhas se formando em sua testa. Ele estalou os lábios.

– Qual a diferença entre um anjo e um demônio? – perguntou.

– Um é bom, o outro é mau.

– Mas o que é bom? O que é mau? Quero dizer, sim, estou certo de que você e eu concordamos em quase tudo. Ferir pessoas que não merecem é ruim, ter compaixão é bom, e assim por diante. Provavelmente concordamos até em casos específicos. Mas mesmo se todos os homens, mulheres e crianças acabadas de sair dos ventres concordarem que algo é uma coisa errada a fazer, isso a torna verdade ou absoluta? Duvido que você consiga encontrar alguém que aprove a tuberculose pela tuberculose, mas não pedimos a opinião do bacilo.

– Então Beleth, Rei do Inferno, é um anjo? – perguntou Mason.

– Se você concorda com ele, por que não? Se ele destrói as coisas que você acha que devem ser destruídas e protege as coisas que deseja que sejam protegidas. Leia o Velho Testamento; verá que os anjos são coisas terríveis, assustadoras. Mas eles agem a serviço de Deus e como você está lendo a Bíblia, provavelmente acredita que Deus é bom, então... A diferença entre um anjo e um demônio é se os dois votam nos republicanos.

– E como você concordaria com algo como... Isso em que estamos metidos?

O rosto de Scarrey se acendeu. Por um momento toda a incerteza, as desculpas e a falta de jeito desapareceram. Mason sentiu como se estivesse vendo alguém diferente do homem que aparecera para ver o prisioneiro.

– Esse é o mistério, não? O mistério, não o enigma. Que tipo de homem invocaria aquilo para si? Um que odeia mulheres. Um que gosta de sadismo ou... de algum modo acha isso tranquilizador. Um que é levado a isso pelo medo.

– Ou é a porra de um maluco – disse Mason.

– Ah, detetive – reagiu Scarrey, dando um risinho –, se você não gosta de minhas ideias sobre bem e mal, não ficará satisfeito com minhas opiniões sobre sanidade.

A comida chegou. O filé estava negro como um pedaço de carvão, com uma casca grossa que borbulhava e chiava. Cenouras e flores de brócolis no vapor decoravam a lateral do prato, intercalados com a regularidade de soldados em formação. A colherada de purê de batatas cheirava a avelãs e manteiga. Mason deu uma mordida no filé e arregalou os olhos. A etiqueta de 40 dólares fazia mais sentido. O garçom colocou a salada de Scarrey diante dele e ao lado um prato de cristal trabalhado com feta em pedaços.

– Cavalheiros – disse o garçom –, a gerente pediu que lhes dissesse que hoje tudo é por conta da casa. Avisem caso desejem mais alguma coisa.

Scarrey deu um pequeno estalo com a língua nos dentes e balançou a cabeça.

– Diga que ela é extremamente gentil.

– Sim, senhor – respondeu o garçom, e recuou com graça profissional e bem treinada.

Mason reavaliou o homem à sua frente, mas acabava sempre retornando ao mesmo ponto. Mesmo ali, em seu território, ele mantinha os cotovelos ao lado do corpo e sorria inconscientemente, de maneira nervosa. Mas o chefe pedia favores a ele e os restaurantes elegantes do centro o alimentavam de graça. Não combinava.

– A gerente e eu frequentamos a mesma igreja – explicou Scarrey, pegando uma garfada de alface. – Seu chefe também vai aos cultos.

– Mesmo? – reagiu Mason. – Não achei que ele fosse do tipo religioso.

– Unitarista. Gostou do filé?

Mason deu outra mordida. O gosto de queimado da crosta de café, o sal e o suco da carne. O sangue.

– É ótimo.

O apartamento de Sobinski ficava no último andar de um prédio de quatro andares. O bairro era uma mistura de classe média baixa e dos estratos superiores dos pobres. Cachorros corriam soltos pela rua em um bando malcuidado que observava Mason e Scarrey com a desconfiança que locais sentem de estranhos. Enquanto eles subiam a escadaria de aço desgastada, os degraus tilintando, o cheiro de salsicha cozida chegava a eles vindo do apartamento abaixo.

Mason cortou o lacre, destrancou o apartamento e deixou Scarrey entrar. O lugar parecia igual a como estava na primeira vez em que Mason o vira. Cozinha apertada. O fogão não havia sido muito usado e a porta do micro-ondas estava coberta de manchas marrons. Sala estreita com uma grande TV de tela plana, que era o único equipamento sofisticado do lugar, um carpete bege que não escondia as manchas e um sofá floral com um rasgão do lado que deixava sair estofamento amarelado. Scarrey percorreu os aposentos lentamente, as mãos nos bolsos. Mason ficou pensando se pareceria diferente a ele e, caso positivo, como.

– Você o prendeu aqui?

– Sim – respondeu Mason. – Acho que ele sabia que eu estava vindo.

– E ele tentou correr?

– Pela janela dos fundos. Saída de incêndio. Nós o apanhamos no beco.

– Hum.

Scarrey percorreu os dois passos do corredor até o quarto. Cama de solteiro, desfeita. Cômoda com uma pilha de malas-diretas e contas. Meias no chão. Scarrey se agachou, olhando debaixo da cama.

– Foi onde você achou a caixa de coisas ocultistas?

– O roupão. Um punhado de DVDs malucos. Alguns livros. Está tudo no depósito de evidências, caso queira dar uma olhada.

– Tudo bem. Mas há outras caixas aqui embaixo.

– É. Só porcaria.

Scarrey ficou de quatro, esvaziando a caixa de papelão branca no quarto. Roupas velhas enroladas. Um livro sobre como conquistar garotas. Uma pilha de revistas pornográficas. Dois tijolos velhos. Uma pilha de brochuras amareladas

presas com um elástico branco. Uma coleção de DVDs ensinando mágica, malabarismo, a andar de monociclo. Scarrey correu os dedos por tudo como se virasse páginas de um livro. Ele parou, apertando os olhos.

– Está faltando – disse.

– O quê?

– Os discos de treinamento circense. Está faltando um – respondeu Scarrey.

Ele pegou o de malabarismo. Na caixa, um sujeito com maquiagem de palhaço sorria, um círculo desenhado de pontos e traços azuis enfeitando as bolas de malabarismo. Scarrey leu o texto no verso, os lábios se movendo. Deu um rosnado satisfeito.

– Algo?

– Nada inesperado. Contorcionismo.

Scarrey largou o disco novamente na caixa e pegou a pilha de brochuras.

– Contorcionismo? – perguntou Mason.

– É quando alguém...

– É, eu sei o que é.

– Mais precisamente, é o que ele perdeu. Ou do qual se livrou. Não sei se o retirou intencionalmente ou se apenas era algo que ele tirava com frequência suficiente para guardar no lugar errado, mas isso não importa. E estes, veja. De uma biblioteca de igreja. *Carruagem dos deuses, Libertando sua luz interior, Satanás entre nós*. Ah! Veja. *O verdadeiro significado do Novo Testamento*, do reverendo J. Linkless. Como se só houvesse um significado. Contudo...

O elástico se soltou com um estalo e Scarrey deixou o livro cair aberto. Mason viu trechos sublinhados passando.

– Aramaico? – perguntou Mason.

– Se o inglês era bom o bastante para nosso Senhor e Salvador... exceto, claro, que não era.

– Então é baboseira – disse Mason. – Aquela merda toda que Sobinski está dizendo. Ele não está possuído.

Scarrey ergueu os olhos do chão, chocado.

– Claro que não. Quero dizer, eu tinha de verificar o local do sacrifício para ter certeza absoluta, mas, vamos lá. John Zombie? – disse Scarrey, sorrindo e balançando a cabeça. – Linguagens semitas como o aramaico são afro-asiáticas, não afro-caribenhas. E Mait Carrefour e Marinette eram espíritos muito específicos, nenhum deles particularmente ligados à hierarquia de Jacob. Você estava bastante certo em relação ao homem, ele de fato não é muito bom. Não que seja malvado. Quero dizer, ele é malvado, matou aquela pobre garota, mas

ele não é muito bom no que faz.

– Espere um minuto, você sabia que ele não estava possuído?

– Claro.

– Então, me desculpe perguntar, mas que porra estamos fazendo aqui?

– Oh – disse Scarrey. – Lamento, detetive, não estou aqui para descobrir se ele está possuído. Estou aqui para descobrir por que ele finge estar.

– Para alegar insanidade – disse Mason.

– Não, não funcionaria. Para começar, na prática essa defesa nunca funciona. Mesmo que funcionasse, prisão perpétua não é muito diferente de detenção por tempo indeterminado em uma instituição mental, exceto que a prisão é mais agradável. Agora, considerando como ele fez todo o restante tão mal, talvez seu homem Sobinski não tenha se dado conta disso.

– Pura insanidade.

– Ele pode ter tido algum tipo de surto psicótico. Não a ponto de não ser capaz de planejar e levar a cabo um crime complexo. E ele parece não ter tido qualquer sinal de Beleth, o Rei do Inferno, antes de ter sido preso. Possivelmente ser apanhado induziu a psicose como uma forma de se distanciar da responsabilidade, mas...

– Mas?

– Bem, há alguns problemas com isso – disse Scarrey, suavemente. – Tenho alguma dificuldade de dizer que um homem que fez o que ele fez está mentalmente bem, mas acho que sei o que ele estava procurando.

– Já disse à polícia o que sei.

A dona do apartamento do andar de baixo era uma coreana de ossos grandes e de 40 e tantos anos chamada Anna. Sua cozinha era exatamente igual à de Sobinski, mas com menos luz e mais utensílios. Ela estava de pé junto ao fogão, mexendo uma panela de carne. O cheiro de cartilagem quente e sal era repulsivo. Scarrey não parecia incomodado.

– Não sou policial. Sobinski parecia ter muitos amigos?

Ela olhou feio para Scarrey, depois para Mason e finalmente para a comida cozinhando diante dela.

– Não teve nenhum por muito tempo. Ele era uma daquelas pessoas que conhecem alguém realmente bem por algum tempo, depois seguem em frente. Bebia demais. Estava sempre...

Ela balançou a cabeça. Scarrey olhou para suas próprias mãos cruzadas. Por um momento quase pareceu estar rezando.

– Assustado – disse.

Anna olhou para ele e assentiu.

– Digamos assim. Estava sempre falando sobre como os liberais iriam acabar com nossos direitos ou como George Bush na verdade estava trabalhando com os sauditas. Ele era muito igualitário em sua política. Tenho de reconhecer isso. Odiava todo mundo.

– Você o conhecia bem?

– Por algum tempo.

– Ele a assustava? – perguntou Scarrey.

– Não, nunca.

– Aquilo a assusta, considerando o que ele fez?

– Sim – disse, desligando o queimador sob a panela. – É, assusta.

Ela se virou para a geladeira e tirou um pão redondo não fatiado. O lugar era tão pequeno que ela não teve de virar os pés.

– Como vocês dois deixaram de se falar? – perguntou Scarrey.

Mason transferiu seu peso para o pé esquerdo. Anna pegou uma faca do descanso e fatiou o pão pela lateral. Ficou em silêncio tempo suficiente para Mason começar se questionar se ela havia escutado a pergunta e, caso positivo, se iria responder.

– Ele não me bateu – disse ela. – Sequer foi maldoso. Apenas se afastou. Não apareceu mais para jantar, então depois de algum tempo parei de cozinhar para ele.

Ela colocou um cacho de cabelos negros atrás da orelha, baixou a faca e curvou o pão aberto, a casca estalando sob seus dedos e a massa branca macia aparecendo.

– Eu ia confrontá-lo. Mas nunca tive a oportunidade. Fico pensando. Se eu tivesse...

– Ele se juntou a alguma outra mulher? – perguntou Scarrey.

– Não. Ele estava em uma banda. Aprendendo guitarra. Só durou mais ou menos um mês. Depois andou por um tempo com um bando de malucos de Jesus, até eles pararem de vir. Eu parei de prestar muita atenção depois disso. Não acho que ele fosse o tipo de homem que tenha tido muita paz.

– Diria que é deprimido?

Ela abriu a geladeira novamente, pegou um pote de margarina e a espalhou com a mesma faca que usara para cortar o pão.

– Não – disse. – Ele não era feliz, mas não era deprimido. Ele tinha... Fome? Medo? Merda, não sei como você chamaria. Tinha problemas. Infância ruim ou

algo assim. Estava sempre em busca de alguma coisa, sempre tinha um plano para como tudo daria certo daquela vez. Só que nunca dava.

Ela ainda estava franzindo o cenho, mas o ângulo dos seus ombros mudara. Estava baixando a guarda. Mason tentou manter a própria expressão serena e nada intimidadora. Não tinha muita prática nisso.

– Querem comer? – perguntou ela.

Jesus, não, pensou Mason.

– Por favor – disse Scarrey. – Seria adorável.

– Não para mim – disse Mason. – Já comi.

Ela colocou um prato na pequena mesa de laminado descascada. A carne era cinzenta com pontos marrons, cercada por uma mistura de cebola quase crua. O pão e a margarina enfiados na lateral.

– Só tenho água – disse.

– Água está ótimo – disse Scarrey, com um grande sorriso pateta. – O nutriente mais importante que existe. Hidratação.

Enquanto ela enchia um copo na torneira, Scarrey devorou a carne como se fosse a melhor coisa que vira o dia todo. Mason fez questão de não notar que Anna limpou o copo de água antes de enchê-lo. Quando o deu a ele, Scarrey agradeceu. Anna se sentou diante dele, os lábios apertados, como se oferecer comida a eles expusesse suas fraquezas e ela lamentasse isso.

– Sei que é uma pergunta estranha considerando tudo o que você disse sobre ele, mas tenho de perguntar – disse Scarrey, comendo uma garfada de salsicha com cebola. – Com todo o medo, a procura e o abandono, todas as ligações breves com as pessoas, as causas e tudo mais, ele lhe parecia esperançoso?

Anna franziu o cenho.

– É – disse ela. – É uma forma estranha de colocar, mas... sim.

– Ah – disse Scarrey, e seu sorriso fez com que parecesse satisfeito.

– O que quis dizer com o mistério, não o enigma? – perguntou Mason.

Eles seguiam de carro pela Central na direção da universidade. O tráfego vespertino começava a ficar pesado, o alerta prévio do engarrafamento da hora do rush.

– Já pensou na diferença entre os dois?

– Não posso dizer que sim – respondeu Mason.

– Deveria. É importante, considerando o que você faz.

– Solucionar mistérios?

– Algumas vezes – disse Scarrey. – Mas acho que com maior frequência são

enigmas.

– Certo, eu me rendo. Qual a diferença?

Uma van se colocou ao lado deles, forçou o motor e tentou ultrapassar. Mason acelerou só um pouco para impedir e a van desacelerou.

– Enigmas têm soluções – disse Scarrey. – Tem um guardanapo? Meus dedos estão...

– Há lenços umedecidos no porta-luvas – avisou Mason.

– Obrigado. Enigmas têm soluções. O cadeado se solta. A garrafa de vinho é aberta.

– Você descobre quem fez – acrescentou Mason. – Entendo isso.

– Mistérios não são assim. Com eles há um elemento de avaliação. Adivinhação. Não apenas chegar à solução, mas dentro da própria solução.

– Isso soa realmente profundo, mas não sei que porra significa.

– O que faz disso um mistério – disse Scarrey. Mason riu.

De volta ao escritório, Anderson estava a sua mesa, sorrindo e cumprimentando todos que passavam. Seu rosto largo e sua aparência bonita demais não tinham a expressão assustada que adquirira nas semanas anteriores. Mason sorriu.

– Bom ver você finalmente vindo trabalhar, preguiçoso – disse Mason.

– Fumei meu bagulho todo – respondeu Anderson, devolvendo a piada. – Achei que era melhor voltar e dar uma olhada no armário de evidências, né?

Do outro lado da sala Diaz resmungou:

– Por que não vão lá para fora? Estou tentando trabalhar aqui.

Mason ergueu as sobrancelhas, mas Anderson balançou a cabeça e apontou para a porta. Eles pararam no corredor, Scarrey olhando de um para o outro, confuso.

– O que há?

– O criminoso de Miawashi? É, sumiu. Não está na casa da mãe. Não está com a namorada.

– Sabe que estamos de olho nele – disse Mason. – Bem. Ele tem de estar em algum lugar.

– Faz disso um enigma – disse Scarrey, alegremente. Anderson olhou para Mason com uma expressão vazia. Ele não entendeu a piada.

– A Corregedoria acabou de triturar você?

– Não vou receber um pedido de desculpas por escrito, mas, sim. Acabou – disse ele. – E quanto a vocês? Tiveram um bom dia?

– Possivelmente excelente – respondeu Scarrey.

- Rastreamos a conspiração satânica global?
- Não iria tão longe – disse Mason – mas ficou bastante claro que Sobinski está cheio de merda.
- Mesmo com o... – disse Anderson, colocando os braços em uma pose desajeitada, imitando o prisioneiro.
- Mesmo assim – concordou Mason. – Estou pensando em pegar algumas das coisas que encontramos e usar na audiência antes do julgamento se o advogado tentar fazer com que ele seja declarado incapaz. Ainda não temos confissão, mas...
- Bem – concluiu Anderson, talvez impressionado, talvez fingindo estar impressionado. – Vá com Deus.
- Sim – disse Scarrey. – Contudo esperava poder ver o prisioneiro uma última vez. Se não for problema demais.
- Por mim, tudo bem – concordou Mason.
- Ahn – disse Scarrey, parecendo desconfortável e constrangido.
- Mason ergueu as sobrancelhas.
- Sim, mas estava pensando se poderia falar com ele a sós.

A sala de interrogatório não foi construída para ser confortável. Uma única mesa de metal chumbada no chão. Uma cadeira de plástico para o criminoso, leve o bastante para que mesmo se ele a jogasse em alguém não causasse danos de verdade. As paredes eram de um verde claro insalubre. A câmera do circuito fechado ficava no canto, de modo que a imagem no monitor era inclinada, como algo em uma casa de espelhos. Maury Sobinski olhou para a câmera no alto algumas vezes, como se tentando decidir se estava ligada ou não. Mason havia desligado o diodo vermelho na lateral meses antes. Os pulsos de Sobinski estavam algemados, os tornozelos presos e uma corrente passava ao redor da mesa chumbada. Se Scarrey ficasse ferido ali dentro não seria por Mason não ter tentado mantê-lo em segurança.

- Essa é uma má ideia, parceiro – disse Anderson.
- Se eu os deixasse na cela alguém poderia escutar, certo? – disse Mason. – Salas de interrogatório são à prova de som. Ninguém entra ou sai sem fazer barulho suficiente para que se saiba que está vindo. Se o convidado do chefe quer privacidade, eu dou privacidade.
- Exceto pela parte em que você o colocou onde pode ficar xeretando.
- É, exceto por isso.
- Essa é uma má ideia.

– Shh. Ele está vindo.

À mesa, Sobinski se sentou mais empertigado. Mason aumentou um pouco o volume do monitor. Os passos de Scarrey foram ouvidos antes que o homenzinho surgisse na tela. As posições relativas de Scarrey e da câmera significavam que Mason só podia ver a nuca dele, e por cima. Ângulo perfeito para ver como o sujeito estava ficando calvo. A cabeça de Sobinski se virou para a estranha posição quase quebrada que ele tinha. Sua voz era perfeitamente clara no monitor. O que antes parecera assustador e agourento soava teatral e pretensioso naquele momento.

– Você volta, homenzinho. Veio por causa de Maury, mas não o terá.

– Isso não é absolutamente verdade – disse Scarrey. – Pode parar. Está tudo bem. Eu entendo.

O riso de Sobinski chacoalhou suas correntes e arrastou a cadeira pelo chão.

– Você se curvará diante do Rei do Inferno – ameaçou Sobinski. – Beleth comerá seu coração, homenzinho. Basta se abrir. Deixá-lo entrar. Tudo terminará para você.

– Maury, deveria parar com isso. É indigno.

– Eu sou o anjo no portal! – gritou Sobinski, seus ombros torcendo de formas que pareciam improváveis e dolorosas. – Eu sou o arconte dos últimos dias!

– Você é Maury Sobinski. E é uma pessoa muito ruim. Vim aqui para consertar isso.

Anderson se inclinou para a frente, a mão no ombro de Mason.

– Mason? O que ele quer dizer com consertar isso?

Mas Sobinski já se lançara em uma gargalhada maníaca. Na tela, Scarrey deu de ombros. Sua voz era baixa, quase suave, mas se erguia acima do pandemônio do prisioneiro.

– Por favor, pare.

Eles estavam distantes 1,5 m, talvez um pouco mais. Mas Sobinski tossiu, engasgou como se alguém apertasse sua garganta. Seus olhos estavam fixos em Scarrey e a encenação de demônio parara.

– Não sei o que aconteceu a você – disse Scarrey. Suas mãos estavam nos bolsos da calça. – Você foi perseguido quando menino? Agredido, talvez? É assim com algumas pessoas. Ou apenas nunca encontrou um lugar no mundo. Foi assim comigo.

– Do que ele está falando? – perguntou Anderson. Estava sussurrando, embora não houvesse como Scarrey pudesse escutá-lo. Mason sussurrou de volta sem pensar.

– Não faço ideia, cacete.

– Vampiros. Você já quis ser um vampiro? Eu quis. A coisa interessante neles é que precisam ser convidados – disse Scarrey. – Acho que você foi como eu. Nunca se sentiu à vontade em sua pele. Não consegue manter amigos por muito tempo. Não consegue se concentrar. Há uma grande possibilidade de que tenha uma doença mental não diagnosticada. Mas isso não importa. Eis o que importa. Você matou aquela garota porque queria algo. Você queria esquecer, certo? Queria que outra pessoa assumisse as partes difíceis. Queria estar protegido do mundo?

– O que você quer? – perguntou Sobinski.

– Nada que não esteja disposto a dar. O que me diz? Apenas se abrir? Você irá para a prisão, claro, mas isso será muito mais fácil com nossa ajuda. E, depois, podemos cuidar das coisas para você. Impedi-lo de ferir alguém sem intenção. Impedir que você se perca. E estaremos lá, com você. É o que está procurando. E o preço é muito, muito pequeno. Considerando-se.

– Quem é você?

– Somos legião – disse Scarrey, quase pedindo desculpas. – Mas temos de ser convidados.

– Venha – disse Sobinski.

Scarrey assentiu.

– Isso vai doer, mas não irá durar muito.

– Qual jogo ele está fazendo? – sussurrou Anderson, e Sobinski gritou, se curvou para trás e desmaiou. Mason já estava na metade do caminho para a sala de interrogatório antes mesmo de tomar alguma decisão. A porta estava aberta quando ele chegou lá. As costas amplas de Scarrey desciam pelo corredor, as mãos nos bolsos, o passo descontraído e sereno.

– Ei! – chamou Mason.

Scarrey se virou para olhar por sobre o ombro, sorriu e acenou como um homem vendo um velho amigo. Não parou. Mason entrou na sala de interrogatório. Sobinski estava sentado no chão; sua cadeira deslizara para longe. Parecia tonto. Mason foi até ele, a barriga apertada. Deixara um civil ferir um suspeito sob custódia, aquilo seria um inferno. Mas ele já não achava que era o que havia acontecido.

– Está bem? – perguntou Mason.

– Oi, detetive – disse o prisioneiro. Ele parecia sem fôlego, como se tentasse se recuperar. – Bom que esteja aqui.

– Precisa de um copo de água ou algo assim?

– Não, não – respondeu Sobinski, com um estranho sorriso voltado para baixo.
– Tudo bem. O que eu queria dizer é que matei Osterman. Foi uma idiotice, mas, enfim. De qualquer forma, fui eu. Oficialmente. Sabe o que preciso fazer para me confessar culpado?

– Você está confessando?

– Certamente – disse Sobinski.

– Por quê?

– Porque eu fiz.

Quando o homem sorriu, pareceu Scarrey.

Mason se sentou à escrivaninha. O fim de semana havia sido movimentado. Dois cadáveres em um hotel junto ao rio no que poderia ter sido um negócio de drogas que dera errado ou um caso amoroso homossexual que dera mais errado ainda. Um menino de 6 anos morto no Hospital Presbiteriano cujos ferimentos na cabeça não combinavam com a história que o pai contara. Uma mulher que vivia perto do Country Club tivera a cabeça afundada por ladrões e acabara de pedir divórcio. Além disso, o criminoso de Miawashi ainda estava foragido.

A semana iria ser um inferno.

– Ei – disse Winehart. – Diaz e Roper estão pegando a coisa do hotel. Você e Anderson querem o garoto ou a piranha rica?

Antes que Mason pudesse responder o chefe entrou. Ele parecia velho. Parecia cansado. Parecia humano. Mason imaginou que parecia exatamente como queria parecer. Seus olhos se encontraram por um momento, ambos querendo que o outro desviasse o olhar. Ambos sabiam que Mason tinha visto algo que não deveria ver. Sabia algo que não deveria saber. A questão era o que ambos iriam fazer em relação a isso.

– Como está, detetive? – perguntou o chefe, com cautela.

– Apenas mais um dia fazendo o trabalho dos anjos, chefe – respondeu Mason. Winehart pareceu confusa quando o chefe riu. Ela não entendeu a piada.

O curioso caso do Deodand

LISA TUTTLE

Lisa Tuttle vendeu seu primeiro texto em 1972 para a antologia *Clarion II*, após fazer a oficina Clarion, e em 1974 havia ganhado o prêmio John W. Campbell de Melhor Novo Escritor do Ano. Ela se tornou uma das escritoras mais respeitadas de sua geração, ganhando em 1981 o prêmio Nebula – que se recusou a aceitar, em uma decisão polêmica – o British Science Fiction Award em 1987 e o International Horror Guild Award em 2007, todos por contos. Entre seus livros estão uma parceria com George R.R. Martin, *Windhaven*; os romances *Familiar spirit*, *Gabriel*, *The pillow friend*, *Lost futures*, *The mysteries* e *The silver bough*, bem como vários livros infantis, as obras de não ficção *Heroines* e *Encyclopaedia of feminism* e, como organizadora, *Skin of the soul: new horror stories by women*. Seus contos foram reunidos em *A nest of nightmares*, *A spaceship made of stone*, *Memories of the body: tales of desire and transformation*, *Ghost and other lovers* e *My pathology*. Nascida no Texas, ela se mudou para a Grã-Bretanha em 1980 e hoje mora na Escócia com a família.

Aqui ela nos apresenta a uma jovem dama típica do século XIX prestes a experimentar um novo papel, de “Watson” de um excêntrico tipo ao estilo Sherlock Holmes – e que descobre uma surpreendente aptidão para essa função antes mesmo que seu primeiro caso chegue ao fim.

Assim que ficou claro que eu não podia mais trabalhar com a Srta. G.F., deixei a Escócia e retornei a Londres, onde esperava conseguir emprego. Eu não possuía conta bancária, bens, nem nada de valor para penhorar ou vender e após pagar a passagem de trem, tinha pouco mais de 12 xelins comigo. Embora possuísse amigos em Londres que me receberiam em suas casas, eu estava determinada a não ser um fardo. Portanto, era uma questão de absoluta urgência conseguir um emprego: enfatizo isso para justificar o que poderia parecer uma decisão precipitada.

Tendo chegado tão cedo a King’s Cross, parecia bastante lógico partir imediatamente, a pé, até o escritório de empregos para damas na Oxford Street.

A bolsa que havia parecido suficientemente leve quando desci do trem ficava mais pesada a cada passo, de modo que com frequência era obrigada a parar e pousá-la por algum tempo. Um desses descansos aconteceu em frente à loja de um jornaleiro e enquanto recuperava o fôlego e massageava meu braço dolorido vi os avisos colocados na vitrine. Entre as descrições de animais de estimação perdidos e ofertas de quartos para alugar, um deles chamou minha atenção.

DETETIVE CONSULTOR
PROCURA ASSISTENTE
PRECISA SER ALFABETIZADO, CORAJOSO, SOCIÁVEL, COM BOA MEMÓRIA E
DISPOSTO A TRABALHAR A QUALQUER HORA.
PROCURAR PESSOALMENTE
J. JESPERSON,
203-A GOWER STREET

Ao mesmo tempo em que meu coração disparava, eu me censurei por ser uma garota tola. Certamente era incisiva e corajosa, abençoada com boa saúde e constituição sólida, porém, objetivamente, era uma mulher, pequena e fraca. Qual detetive aceitaria tal desvantagem?

Mas o cartão não falava nada sobre armas ou força física. Li novamente, então ergui os olhos do número no cartão – 203A – para o número pintado acima da loja: 203.

Havia duas portas. Uma, à esquerda, levava à lojinha, mas a outra, pintada de preto reluzente, tinha uma placa de latão gravada *Jesperson*.

Minha batida foi atendida por uma dama no começo da meia-idade, refinada demais em trajes e aparência para ser confundida com uma empregada.

– Sra. Jesperson? – perguntei.

– Sim?

Disse que estava lá em resposta ao anúncio e ela me deixou entrar. Havia um cheiro de bacon frito e pão torrado que me lembrou que não comera nada desde a tarde anterior.

– Jasper – disse ela, abrindo outra porta e me chamando. – Seu anúncio já deu frutos! Eis uma dama... Srta...?

– Sou a Srta. Lane – respondi, entrando.

Entrei em um lugar quente, lotado, agitado, confortável e alegre. Relaxei com a atmosfera geral, com os cheiros conhecidos de livros, tabaco, torrada e tinta que a compunham, fazendo com que me sentisse em casa mesmo antes de ter oportunidade de olhar ao redor. O aposento obviamente combinava escritório e sala de estar em um só. As estantes do chão ao teto, abarrotadas de volumes,

davam a ele uma aparência de escritório, assim como a mesa grande muito abarrotada, com pilhas de papéis e periódicos. Mas também havia poltronas perto da lareira – fria naquela manhã cálida de junho; a prateleira tão cheia com uma variedade tal de objetos que simplesmente não consegui absorver tudo em um relance – e uma mesa com os restos de um café da manhã para dois. Essa rápida impressão foi o que tive tempo de absorver antes que o homem, pulando de seu lugar à mesa, prendesse minha atenção.

Eu digo homem, mas a primeira palavra que me veio à mente foi garoto, pois a despeito do tamanho – de fato, depois soube que ele tinha 1,90 metro – o rosto suave, claro, levemente sardento sob uma coroa de cachos vermelho-dourados, era o de uma criança angelical.

Ele cravou olhos azuis penetrantes em mim.

– Como vai, Srta. Lane? Então, se imagina detetive?

Sua voz decididamente era de homem; grave e bem modulada.

– Não diria isso. Mas o senhor pediu um assistente, alguém alfabetizado, corajoso, sociável, com boa memória e disposto a trabalhar a qualquer hora. Acredito ter todas essas qualidades e estou em busca de... um emprego interessante.

Houve uma faísca entre nós. Não foi aquela paixão romântica que poetas e romancistas sentimentistas consideram a única ligação que merece ser abordada entre um homem e uma mulher. Foi mais um elo, um reconhecimento de compatibilidade de mente e espírito.

O Sr. Jespersion anuiu e esfregou as mãos, os maneirismos de um homem mais velho.

– Bem, muito bem – murmurou consigo mesmo, antes de me fitar novamente com seu olhar penetrante. – Você, claro, já trabalhou antes em alguma função demandando percepção aguda, observação cuidadosa e espírito ousado, mas no momento está afastada...

– Jasper, por favor – interrompeu a Sra. Jespersion. – Pelo menos demonstre alguma cortesia básica para com a dama.

Colocando a mão suavemente sobre meu ombro, ela me convidou a sentar, indicando uma cadeira, e ofereceu chá.

– Eu adoraria, obrigada. Mas certamente esta é sua cadeira.

– Ah, não, não irei me intrometer mais – disse, e enquanto falava ergueu o belo bule de porcelana branco, avaliando o peso do conteúdo com um giro experiente do pulso. – Vou deixá-los por conta de sua entrevista enquanto faço mais chá. Gostaria de pão e manteiga, ou mais alguma coisa?

Uma dama sempre recusa comida quando não foi convidada para uma refeição, mas eu estava com fome demais para boas maneiras.

– Isso seria muito bem-vindo, obrigada.

– Gostaria de mais torrada, por favor, e geleia também seria bom, mãe.

Ela ergueu os olhos para o céu e suspirou enquanto saía.

Ele já havia voltado a atenção para mim.

– Você esteve nas Highlands, na terra natal de nossas famílias nobres. Esperava passar o resto do verão lá, até que um acontecimento... infeliz... levou ao encerramento abrupto de sua visita e você foi obrigada a partir de imediato, pegando o primeiro trem para Londres, onde você tem... uma irmã? Não, nada mais próximo do que uma tia ou prima, creio. E estava a caminho de lá quando, parando para descansar, vi meu anúncio.

Ele parou, me olhando com expectativa.

Eu balancei a cabeça para censurá-lo.

Ele ficou boquiaberto, desalentado.

– Estou errado?

– Apenas sobre algumas coisas, mas qualquer um com olhos poderia adivinhar que estive na Escócia, considerando a hora do dia e o fato de que não tomei café da manhã, mas não há adesivos estrangeiros em minha bagagem.

– E a partida repentina?

– Eu estava a pé, sozinha, não tendo havido tempo para uma carta avisando meus amigos, não há tia ou prima, de minha chegada.

– O emprego é seu – disse ele, de repente. – Não se preocupe com referências; você é a sua melhor referência. O emprego é seu, caso ainda o queira.

– Gostaria de saber mais sobre ele primeiramente – retruquei, pensando que deveria pelo menos parecer cautelosa. – Quais serão meus deveres?

– Deveres me parece a palavra errada. Seu papel, caso queira, será o de associada, me ajudando a solucionar crimes, ajudando na dedução e, bem, em tudo necessário. Leu as histórias de Sherlock Holmes?

– Claro. Deveria destacar que, diferentemente do Dr. Watson, não sou boa em uma luta. Tenho alguns conhecimentos básicos de enfermagem, de modo que poderia cuidar de seus ferimentos, mas não espere que reconheça os sintomas de dengue ou... ou...

Ele riu.

– Não peço nada disso. Minha mãe é a enfermeira. Sou ótimo atirador e também dominei certas habilidades importadas do Oriente que me dão uma vantagem em combate desarmado. Não posso prometer mantê-la inteiramente

fora de perigo, mas se o perigo não a assusta...

Ele leu a resposta em meu rosto e me deu um sorriso largo.

– Muito bem, então. Estamos de acordo?

Como desejei devolver aquele sorriso e pegar a mão que se oferecia a um aperto. Mas sem casa, e com apenas 12 xelins em minha bolsa, eu precisava de mais.

– Qual o problema?

– Isso é desconfortável – disse. – Diferentemente do Dr. Watson, não tenho um consultório médico que me garanta uma renda...

– Ah, dinheiro! – exclamou ele, com aquele tom descuidado possível apenas para pessoas que nunca precisaram se preocupar com a falta dele. – Como, claro, entendo que você precisa de algo mais desse negócio do que a emoção da caçada. Um homem precisa viver! Uma mulher também! Como é sua escrita? Nada demais, apenas apresentar os acontecimentos na devida ordem, de modo que qualquer um consiga compreender. Já tentou esse tipo de narrativa?

– Escrevi alguns artigos; recentemente, relatórios para a Sociedade de Pesquisa Psíquica, que foram publicados, embora não com meu próprio nome.

Ele arregalou os olhos quando eu mencionei a Sociedade e disse, excitado:

– Era onde estava? É a “Srta. X”?

Eu devo ter parecido aflita, pois ele se desculpou rapidamente.

Eu não queria explicar como ouvir o nome dela – um de seus pseudônimos bobos – quando me sentia tão distante dela, tão segura e confortável, me perturbava, então observei apenas que ficara assustada com sua dedução rápida e precisa.

– “Srta. X” foi o nome atribuído como autoria de meus relatórios, porém na realidade eu era sua... sua assistente, até ontem, quando uma divergência sobre alguns acontecimentos na Sociedade levaram à minha partida abrupta. Mas como tomou conhecimento? A sindicância está incompleta e não foi publicado nenhum relatório.

Sem desviar os olhos do meu rosto – e que segredos ele leu ali não quero saber – Jespersion acenou com a mão de dedos compridos na direção da mesa coberta de papéis e periódicos.

– Embora não seja pessoalmente membro da Sociedade, tenho grande interesse em suas descobertas. Eu li a correspondência, soube que havia uma sindicância interna planejada para este verão.

Ele continuou:

– Sou um homem inteiramente racional e moderno. Se idolatro algo, seria o

deus que chamamos de Razão. Sou um materialista que não dá valor a superstição, mas em meus estudos me deparei com muitas coisas que a ciência não consegue explicar. Não desprezo aqueles que frequentam sessões espíritas em busca de fantasmas; acho que seria tolice ignorar o inexplicado como não sendo digno de investigação. Tudo deve ser questionado e explorado. O importante não é a crença, mas os fatos.

– Concordo – disse, em voz baixa.

Ele se inclinou na minha direção por cima da mesa posta, seu olhar sincero e curioso.

– Já viu um fantasma, Srta. Lane?

– Não.

Mas ele percebera uma pequena hesitação.

– Não? Tem certeza? Teve experiências que não podem ser explicadas racionalmente?

– Muitas pessoas tiveram experiências assim.

– Sim – observou com voz arrastada e se reclinou, com um olhar distante. Mas só por um momento. – Diga-me: você possui algum daqueles talentos ou sentidos estranhos geralmente chamados de psíquicos?

Apesar das muitas vezes em que me fizeram essa pergunta, ainda tenho dificuldade com a resposta.

– Em certos momentos tenho a consciência de atmosferas às quais os outros parecem imunes e eventualmente recebo impressões... Algumas vezes tenho conhecimento de coisas sem ser capaz de explicar como sei. Mas não alego nada; não descarto os efeitos de uma imaginação poderosa aliada à percepção aguda e uma boa memória. Quase todo dito médium psíquico que já conheci podia obter seus resultados vendo, escutando e lembrando, sem necessidade de guias espirituais.

Ele concordou pensativamente.

– Eu mesmo fiz truques de leitura de mentes. Não me sinto obrigado a explicar como era feito, imagino que poderia ganhar dinheiro com isso. Então, como explica os fantasmas? Não são espíritos?

– Não sei. Concordo com a ideia de que os fantasmas que as pessoas veem ou sentem são fotogênicos, semelhantes a fotografias ou algum tipo de memória registrada. Emoções fortes parecem deixar para trás uma impressão, em certos lugares, mais poderosa do que em outros. Os objetos também têm suas memórias, se é que podemos colocar assim. Eventualmente um objeto inanimado libera vibrações, de má vontade ou desespero, então parece projetar um tipo de

imagem mental da pessoa que o possuiu.

Ele me olhou fascinado, o que considerei uma experiência nova. Mesmo cavalheiros bastante idosos na Sociedade não me acharam tão interessante, mas claro que eu tendia a vê-los na companhia da Srta. X, que estava acostumada a ser o centro das atenções.

Eu decidi que era hora de voltar aos negócios e lembrei a ele sua pergunta original.

– Perguntou se eu escrevia. Presumo que estava pensando que eu poderia escrever seus casos com vistas a publicação?

– Certamente os mais interessantes. A publicação teria dois objetivos úteis. Por um lado, faria meu nome conhecido do público e atrairia novos clientes. Por outro, forneceria a você uma fonte de renda.

Fiquei desalentada. Eu tinha amigos que sobreviviam da escrita, então estava plenamente ciente de quanto tempo e esforço eram necessários para chegar perto de uma existência modesta. Mesmo que o Sr. Jesperson solucionasse um caso interessante e excitante toda semana (o que parecia improvável) e eu vendesse toda história que escrevesse... Ainda estava me esforçando para descobrir quanto teria de escrever, por três pence a linha, de modo a ganhar o suficiente para pagar cama e comida em uma pensão decrépita quando ele disse algo que me animou.

– Claro que sei que nem todos os casos seriam passíveis de publicação. Menciono isso apenas para que não pense que teria de viver apenas de sua percentagem.

– Qual percentagem?

– Isso dependeria do grau de sua contribuição. Poderia ser qualquer coisa de 10% a 50% do que o cliente me pagar.

A Sra. Jesperson entrou na sala enquanto ele falava e eu a ouvi respirar fundo imediatamente antes de colocar na mesa a bandeja que carregava.

– Jasper? – disse ela, em uma voz trágica.

– Não posso pedir que a Srta. Lane trabalhe sem remuneração, mãe.

– Você não pode pagar um assistente.

A despeito de meu desconforto, intervim.

– Por favor, não vamos discutir por dinheiro. Devo admitir que ainda não está claro pelo que o Sr. Jesperson estaria me pagando, afora o tipo de apoio intelectual e companheirismo que qualquer amigo ofereceria de graça. E gostaria de ser esse amigo.

Agora eu tinha toda a atenção deles.

– Como deduziu, Sr. Jespersion, deixei meu emprego anterior de forma bastante abrupta, sem ser paga por meu trabalho. Vim para Londres buscar não minha fortuna, mas simplesmente um trabalho honesto com o qual me sustentar.

Fiz uma pausa para tomar fôlego, esperando que um deles dissesse algo, e olhei rapidamente a sala para lembrar a mim mesma que mesmo que a Sra. Jespersion achasse que não podiam pagar uma assistente, ainda assim tinham tudo aquilo – a bela porcelana, a prataria, os livros encadernados em couro e mobília substancial, toda uma casa cheia de coisas – em contraste com o conteúdo de minha única bolsa bastante gasta.

– Se pudesse, proporia um período de teste não remunerado, talvez um mês, para descobrir o valor de minha contribuição ao seu trabalho. Infelizmente, sequer posso alugar um quarto...

– Mas você ficará aqui! – exclamou a Sra. Jespersion, franzindo o cenho para o filho. – Não explicou?

O Sr. Jespersion estava servindo chá serenamente.

– Achei que teria deduzido a partir da redação de meu anúncio. A parte sobre trabalhar a qualquer hora. Claro que meu assistente precisa estar aqui, pronto para qualquer eventualidade. Não é bom se eu precisar escrever uma carta sempre que desejar sua opinião ou enviar um mensageiro ao outro lado de Londres e esperar por sua resposta.

– Há um quarto no andar de cima, bem mobiliado e à espera – disse a Sra. Jespersion, me dando um prato de pão branco fatiado fino e com muita manteiga, depois uma pequena tigela de vidro com geleia de framboesa. Vi que a bandeja também continha um prato de torrada com manteiga e um pote de mel. – E três refeições diárias.

O quarto no andar de cima de fato era muito agradável, suficientemente espaçoso para servir de quarto de dormir e sala de estar e muito mais bem decorado do que qualquer outra acomodação pela qual pagara em Londres. Nenhuma reprodução de Landseer ou gravura apática pendurada nas paredes, mas havia uma atraente paisagem em aquarela e algumas estranhas gravuras interessantes de uma cultura que não reconhecia. A mobília era básica, mas almofadas e retalhos de tecidos de estampas brilhantes a tornavam mais atraente, e imediatamente me senti em casa ali, acalmada e inspirada pelo ambiente, assim como na grande sala abarrotada do térreo.

Antes de me deitar para descansar, passei algum tempo retirando a bagagem, arrumando minhas poucas coisas e escrevendo cartas informando a amigos meu

novo endereço. Não dormira muito no trem, porém com um novo emprego fixo – mesmo que fosse quase tão problemático em termos de remuneração quanto o anterior – me senti suficientemente confortável para mergulhar em um sono profundo e revigorante.

O jantar foi um delicioso curry de vegetais preparado pela própria Sra. Jespersion. Eles não podiam pagar uma cozinheira, embora tivessem uma diarista para o trabalho doméstico mais pesado. Naquela noite, quando estávamos juntos, aprendi um pouco sobre a história recente deles, sem ser verdadeiramente sincera sobre a minha própria.

Jasper Jespersion tinha 21 anos e era filho único. Mal tendo completado 15 quando o pai morrera, ele acompanhou a mãe à Índia, onde morava um irmão dela. Mas ficaram apenas um ano antes de seguir para a China e, depois, para as ilhas dos mares do Sul. Uma oferta tentadora os levara de volta a Londres mais de um ano antes, todavia não havia sido como esperado (ele disse que me contaria a história completa em outro momento) e posteriormente ele decidira que a melhor aplicação para suas habilidades e seus interesses seria se estabelecer como detetive consultor.

Até o momento ele concluía três serviços com sucesso. Dois haviam sido demasiadamente fáceis e não renderiam histórias interessantes; o terceiro era bastante diferente e eu deveria escrever sobre ele em outro momento. Foi após esse caso que testara tanto suas habilidades que decidira colocar um anúncio pedindo um assistente.

Seu quarto caso, e meu primeiro, começaria na manhã seguinte, com a chegada de um novo cliente.

– Leia esta carta e saberá tanto sobre o caso quanto eu – disse Jespersion, me passando, por cima de sua escrivaninha, uma página dobrada.

A folha tinha o timbre de um clube de cavalheiros em Mayfair e era assinada por William Randall. Embora alguns movimentos de pena apressados e manchas pudessem sugerir que o autor estava dominado por forte emoção, poderiam também significar que ele estava acostumado a ditar sua correspondência.

Caro Sr. Jespersion:

Seu nome me foi indicado por um amigo do Ministério das Relações Exteriores com a sugestão de que se alguém poderia solucionar um assassinato que ainda desorienta a polícia seria o senhor.

Alguém próximo a mim acredita que corro o risco de um ataque assassino do mesmo criminoso desconhecido de cuja vítima ela na época

estava noiva.

Explicarei tudo quando nos encontrarmos. Caso seja possível, farei uma visita às dez horas da manhã de quarta-feira. Caso isso seja inconveniente, por favor responda pelo mesmo mensageiro indicando um horário mais adequado.

Atenciosamente etc.

Eu dobrei a carta e a devolvi a Jespersion, que olhava para mim com olhos brilhantes, ansioso.

Ele quis saber:

– Alguma pergunta?

– Relações Exteriores?

– Não se preocupe com isso. Apenas meu tio tentando me conseguir trabalho. Não quer saber o que deduzi sobre o autor desta carta? Qual crime não solucionado afeta tão de perto esse homem? Acredito saber.

– Acho que preferiria esperar e primeiramente ouvir o que o Sr. Randall tem a dizer. Caso esteja certo, muito bom, mas caso esteja errado irá apenas me confundir.

Ele pareceu um tanto frustrado, me fazendo pensar em um garotinho que não fora autorizado a demonstrar sua inteligência. Então eu disse:

– Pode me contar depois caso esteja certo.

– Mas você pode não acreditar em mim. Ah, bem, não importa.

Eu ouvi a mãe murmurar.

– Brincadeiras de salão.

Mas se ele ouviu, pelo menos não demonstrou, permitiu que eu mudasse de assunto e o restante da noite transcorreu de forma muito agradável.

O Sr. William Randall chegou assim que o relógio portátil na prateleira (recém-limpa) da lareira batia dez horas. Era um jovem elegante com bigode voltado para baixo, os traços comuns transformados de meramente boa aparência para algo impressionante graças a um par de grandes olhos escuros que alguém mais romântico do que eu chamaria de emocionais.

Ele recusou qualquer bebida, sentou-se e começou sua história após o rápido aviso hesitante de que “provavelmente é um grande absurdo”, mas sua noiva estava preocupada.

– A dama que pretendo tornar minha esposa é a senhorita Flora Bellamy, de

Harrow.

O nome não significava nada para mim, mas ambos vimos Jesperson se empertigar.

– Sim, acho que deu para entender. Ela, claro, era noiva do Sr. Archibald Adcocks, o financista proeminente, na época de sua morte terrível. Então ela acha que a morte dele estava relacionada ao fato de estarem noivos? E que agora o senhor está em perigo?

– Ela acha.

– Curioso! Quais são os motivos dela?

Ele suspirou e ergueu as mãos vazias.

– “O coração tem razões que a razão desconhece”. As mulheres, vocês sabem, pensam mais com seus corações do que com suas cabeças. É tudo circunstancial demais para me convencer, uma questão de pura coincidência, ainda assim... Ela está muito certa.

Ouvi-los era frustrante, então fui forçada a interromper.

– Desculpe-me, mas se importaria de contar os fatos da morte do Sr. Adcocks?

Jesperson se virou para mim com um sorriso de secreto triunfo. “Eu poderia ter contado na noite passada”, dizia sua expressão, mas ele apenas observou:

– Saiu tudo nos jornais há um ano.

– Quinze meses – corrigiu Randall. – Ele foi atacado a caminho da estação ferroviária, pouco depois de ter dito boa-noite a Flora. Ela queria que ele pegasse um táxi, pois havia pouco antes machucado o pé, mas ele insistiu em que poderia dar a pequena caminhada facilmente com a ajuda de uma bengala.

Ele hesitou, depois disse:

– Ele pegou uma bengala emprestada no descanso junto à porta.

– O ferimento devia ser muito recente – sugeri, e Randall concordou.

– Pouco depois do jantar, naquela mesma noite. Ele tropeçou no saguão e bateu com o pé, contudo, embora tivesse sido bastante doloroso, insistiu em que era pouco demais para merecer cuidados.

– Ele era durão?

– Não era um fraco. E totalmente capaz de cuidar de si. Uma espécie de pugilista amador.

– Mas alguém o atacou, sem ser provocado.

– Assim devemos supor. Foi encontrado caído no caminho, a cabeça sangrando de um golpe terrível. Estava quase morto, incapaz de falar, e morreu do ferimento na mesma noite, sem conseguir contar o que havia acontecido. Talvez não soubesse, o ataque covarde tenha sido pelas costas.

– Ninguém nunca foi preso – me disse Jesperson. – Não houve suspeitos. Eu franzi o cenho.

– Alguém sugeriu um motivo?

– Em geral imaginou-se que teria sido um crime por impulso, não planejado, já que a arma do assassinato foi própria bengala dele.

– Não dele – objetou o Sr. Randall. – Apanhada emprestada da casa de Flora.

– Ainda assim. Ele talvez tenha sido atacado por uma gangue de desordeiros que o consideraram um alvo fácil por mancar. Mas se pretendiam roubá-lo, ninguém conseguiu explicar por que não pegaram sua carteira, recheadas de notas de libras, seu relógio de ouro ou qualquer outra coisa. Ele foi encontrado pouco após ter caído, em espaço aberto, perto de um poste de iluminação, e não havia esconderijos óbvios próximos. Embora uma testemunha tenha dito que escutou um grito, ninguém foi visto correndo em fuga ou se comportando de forma suspeita.

– O Sr. Adcocks tinha inimigos? – perguntei.

– Ele parece ter sido estimado por todos que o conheceram, incluindo aqueles com quem fazia negócios. Ninguém foi obviamente beneficiado pela sua morte.

– Quem herdou seus bens?

– A mãe.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Jesperson retomou:

– Sr. Randall, o senhor sugeriu que a Srta. Bellamy acreditava que a morte dele era resultado do noivado, ou pelo menos tinha relação com ele.

– Ninguém mais pensou assim.

– O que a família dela pensa disso?

Ele suspirou e balançou a cabeça:

– Ela não tem família. Desde que ficou órfã com pouca idade a Srta. Bellamy vive na casa de seu tutor, um homem chamado Rupert Harcourt.

Embora o tenor suave de sua voz não tivesse mudado, eu estremeci quando ele pronunciou esse nome e soube que havíamos chegado ao cerne da questão.

– Os pais dela nomearam esse homem como tutor? – perguntou Jesperson.

O Sr. Randall balançou a cabeça.

– Eles não o conheciam. Não tinha nenhuma relação com a família. Quando o Sr. Bellamy morreu a pequena Flora ficou totalmente sozinha no mundo. Um estranho completo, lendo sobre sua situação em um jornal, ficou tão apiedado que ofereceu um lar a ela.

– O senhor acha isso estranho – disse eu, notando o tom dele.

Seus olhos, com toda sua emoção, ainda eram capazes de um olhar penetrante.

– Certamente é incomum um homem solteiro de mais de 30 anos, sem filhos, se dar o trabalho de adotar um bebê indesejado. Na verdade ele nunca adotou Flora de fato, mas estabeleceu algum tipo de arranjo legal durando até que ela se casasse ou atingisse os 21 anos, uma data que só chegará em oito meses.

– Ela tem dinheiro?

– Muito pouco. Justiça seja feita, Harcourt nunca tocou em sua pequena herança, mas ela nunca careceu de nada: brinquedos e doces, roupas e refeições, livros e aulas de música foram pagas por ele do próprio bolso. O dinheiro do pai foi colocado para render juros. Imagino que esteja perto das mil libras.

Parecia muito para mim, acostumada a viver com menos de 30 libras por ano, mas não era o tipo de fortuna que inspirasse uma trama sinistra de duplo assassinato.

– Houve algum atentado contra sua vida? – perguntou Jespersion de repente, e vi o Sr. Randall estremecer e levar a mão à cabeça antes de responder.

– Ah, não, dificilmente... Não, de modo algum.

Jespersion reagiu exasperado à sua falsidade.

– Ah, vamos lá! Algo aconteceu para assustar sua noiva, seja lá o que o senhor pense disso. Não tente esconder.

Com um suspiro, Randall ergueu o cacho de cabelo que escondera parcialmente seu rosto e baixou a cabeça para revelar uma contusão, obviamente bastante recente, onde os cabelos começavam.

Explicou que alguns dias antes jantara com Flora e seu tutor. Após a refeição os dois homens haviam ido ao escritório de Harcourt, um grande aposento na frente da casa, com charutos e conhaque, e ali Randall pediu permissão para se casar com a Srta. Bellamy.

– Na verdade era uma formalidade, já que ela aceitara, mas o homem ainda era o seu tutor legal e parecia a coisa certa a fazer.

– A reação dele?

– Ele disse de forma bastante grosseira que as jovens sempre tomam suas próprias decisões, mas que não tinha objeções. Então perguntou se eu sabia que ela havia sido noiva uma vez antes. Eu disse que sim, ele deu uma risada desagradável e me perguntou se isso não me fazia pensar duas vezes. Não sei o que desejava insinuar, mas a intenção pareceu ofensiva. Tentando não me ofender, disse a ele que amava Flora e como ela havia sido boa o bastante de me aceitar, nada menos do que a morte faria com que me afastasse dela. E foi nesse momento dramático que um livro caiu de uma prateleira alta em minha cabeça.

Ele estremeceu.

– Parecia pior do que era, ferimentos no couro cabeludo sangram profusamente, mas foi bastante doloroso. Nunca imaginara um livro como uma arma letal.

– Onde Harcourt estava quando isso aconteceu?

– Estava olhando para mim, de pé, longe das estantes. Antes que pergunte, eu podia vê-lo claramente e embora suponha que ele poderia ter planejado aquilo, não tive consciência de ele ter feito nada que pudesse ter deflagrado a queda. De qualquer forma, ele pareceu sinceramente chocado e quase tão preocupado com seu livro quanto com minha cabeça. Eu provavelmente diria mais. Caso quisesse me ferir, acho que ele não teria arriscado nenhuma parte de sua coleção.

– Ele é colecionador de livros?

– É uma coisa estranha – respondeu. – Na verdade, é por causa da coleção que Flora raramente coloca os pés naquele aposento. Acha a atmosfera mórbida mais desagradável do que o cheiro de nossos charutos.

– R.M. Harcourt, de Harrow – disse Jespersion.

– Conhece-o?

– Não havia juntado as coisas até este momento. Ele escreveu sobre a coleção, pelo menos certas aquisições recentes, em um periódico que assino.

Virando-se para mim, Jespersion explicou que o Sr. Harcourt tinha um especial interesse por assassinato e ao longo dos anos conseguira adquirir um bom número de armas – facas, armas de fogo e uma variedade de instrumentos afiados ou pesados que haviam causado a perda de vidas humanas: um alfinete de chapéu feminino, um pedaço de tijolo, uma espada japonesa, um atizador de ferro de aparência comum. Além disso, reunira uma biblioteca temática de crime, bem como o que poderia ser descrito como lembranças de assassinatos, peças variadas que estiveram de alguma forma relacionadas a algum crime famoso ou infame: fios de cabelo das cabeças de assassinos ou suas vítimas, roupas sujas de sangue, fotografias de cenas de crime, cartas incriminadoras. Ele possuía anéis de venenos, frascos, tubos de ensaio, garrafas e até a própria xícara na qual a Sra. Maybrick misturara o arsênico em pó com o qual matara o marido.

– Ele se orgulha muito dela – comentou Randall. – Ocasionalmente pessoas vão à casa ver a coleção ou oferecem novos itens na esperança de que ele compre. Eu era educado, mas francamente nunca compreendi o apelo de objetos tão horrendos. Depois do acidente Flora ficou histérica e me fez prometer que nunca entraria novamente naquele aposento. Depois decidiu que não era suficiente e que eu não deveria voltar à casa. Também sugeriu que não anunciássemos nosso noivado e esperássemos que ela completasse 21 para nos

casarmos.

– Ela suspeita de seu tutor? – perguntou Jespersion, em voz baixa.

O Sr. Randall hesitou, depois balançou a cabeça.

– Ela diz que não. Mas sente que corro perigo por causa de minha ligação com ela e se ela não está certa em relação a isso, quem mais poderia estar?

– Desculpe-me, mas... Não há pretendentes rejeitados?

– Flora me disse que recebeu dois pedidos de casamento em toda a vida e nunca mencionou ninguém, eu nunca ouvi falar de outro homem que poderia ter sentimentos tão fortes por ela – respondeu. – Mas, de qualquer forma, ela está errada. Naturalmente, o assassinato de Adcocks afetou seus nervos. Ela vê perigo, um assassino desconhecido se escondendo em toda parte; uma força do mal por trás de cada acidente.

Ele fez uma pausa para respirar fundo.

– Pouco depois do ferimento no escritório eu por acaso tropecei em um objeto no saguão e poderia ter caído e batido com a cabeça uma segunda vez se Flora não estivesse lá para me segurar. Foi o mesmo objeto no qual Adcocks havia batido com o pé e essa coincidência foi demais. Ela não tem os nervos fortes. Como poderia? Sofreu demais, perdeu todos que já amou; foi quando insistiu para que eu partisse imediatamente e não voltasse. Ela imaginou perigo onde não havia nenhum.

– Ainda assim, mesmo que o senhor não esteja em perigo, alguém matou o Sr. Adcocks – disse Jespersion, com grande ênfase.

– Precisamente. E se o senhor puder solucionar aquele crime, espero que ela deixe de lado os medos.

Depois que o Sr. Randall havia partido, Jespersion enviou uma carta rapidamente ao Sr. Harcourt.

– Acho melhor que Harcourt não tenha motivos para nos relacionar com sua protegida ou seu noivo – me disse ele. – Portanto, pretendo me apresentar como um companheiro interessado em assassinato. E enquanto ele me mostra sua coleção, talvez se traia caso saiba algo sobre a morte de Adcocks.

– Ele não ficará especulando como você tomou conhecimento dela?

– De modo algum. É bem conhecida em certos círculos.

Ele mal parou de escrever enquanto respondia, esticando a outra mão e fazendo-a correr pelas lombadas de uma pilha de periódicos na mesa a seu lado, como se fosse um cego lendo com as pontas dos dedos.

Retirando um número, ele parou para folhear as páginas até encontrar o que

desejava que eu visse.

Era uma página de cartas, com a manchete “Mais soluções para os assassinatos do Estripador”. A carta que ele apontava com o dedo era assinada por *R.M. Harcourt, The Pines, Harrow*. Outra, terminando na coluna seguinte, levava o nome de J. Jesperson, Gower Street.

– Então ele talvez saiba quem você é?

– Como pode ver pela data, o número tem um ano. Eu na época não passava de um estudioso de crime e detecção, desconhecido do público.

Terminando, ele lacrou o envelope e o deu a mim.

– Leve isso aos correios – começou, se interrompendo com uma expressão de desconforto. – Desculpe-me.

– Por quê? Sou sua assistente.

– Meu tom foi peremptório demais. Eu deveria...

Eu o interrompi.

– Se vamos trabalhar juntos, você precisa parar de pensar em mim como uma mulher que ficará mortalmente ofendida caso se esqueça de dizer por favor.

– Não é isso.

Eu esperei.

– Eu coloquei um anúncio de assistente, não de empregado. Espero que possamos trabalhar juntos como iguais.

– Entendido – respondi, não revelando o quão satisfeita me sentia. – Também fica entendido que quando o tempo for essencial, a gentileza pode ser deixada de lado. E a única razão pela qual ainda estou de pé aqui com esta carta na mão em vez de a meio caminho da agência dos correios mais próxima é não saber onde ela fica.

O Sr. Harcourt respondeu com um convite, também pelos correios, de modo que o dia seguinte nos encontrou no trem sacolejando pelos subúrbios a noroeste de Londres, em certo momento uma viagem familiar para mim. Embora não tivesse ido a Harrow havia mais de dez anos, era o cenário de minha infância. Meu pai tinha sido professor dos clássicos na Harrow School até sua morte precoce.

Contudo, havíamos morado na aldeia na colina, enquanto a casa do Sr. Harcourt ficava a 1,5 km de distância, em um dos novos condomínios surgidos depois da extensão da Linha Metropolitana.

Jesperson não dissera nada em sua carta sobre ter companhia e havíamos decidido que meu papel seria o de Parente Inconveniente do Sexo Feminino. Naturalmente eu não teria qualquer interesse na coleção – de fato, se soubesse o

que era ficaria chocada – de modo que enquanto os homens estivessem trancados, eu estaria livre para fazer minha própria investigação. Randall dissera à Srta. Bellamy que me esperasse.

The Pines era uma coisa falsamente Tudor escondida da rua pelos dois pinheiros que a batizavam e lhe davam um ar um tanto secreto e lúgubre. Mas isso não era nada comparado com o interior da casa. Assim que atravessei o umbral, fui tomada pelo pânico. Sou sensível a atmosferas, não importa o quanto tente atribuir isso à imaginação, e o que senti naquele corredor era tão ruim quanto uma casa assombrada. Mas é difícil descrever para alguém que nunca experimentou essas coisas. Caso estivesse descrevendo um cheiro, poderia comparar a um curtume, um abatedouro ou um esgoto. Apenas alguém sem olfato suportaria viver ali.

Lutando contra o pânico, olhei ao redor em busca de distrações. Um grande e atraente vaso chinês verde e amarelo havia sido instalado para servir de descanso de guarda-chuvas e bengalas. Entre as empunhaduras curvas de madeira que se amontoavam, acima da abertura, a bengala de arremate de prata se destacava, chamando atenção não apenas por sua aparência diferente, mas pelo soturno ar de ameaça que transmitia, como um sibilar baixo e mortal.

Claro que soube imediatamente o que era e fiquei chocada. Como poderiam ter guardado? Por que não havia sido quebrada e destruída, a madeira reduzida a cinzas, a prata derretida para ser transformada em algo novo?

Desviando meu olhar aterrorizado, vi a hedionda gárgula de pedra agachada como um demônio perto do sopé da escada e estremeci diante de seu olhar maligno, antes que o toque suave de meu parceiro em meu ombro me trouxesse de volta ao presente enquanto me apresentava ao dono daquelas coisas.

O Sr. Harcourt era um homem imponente e ligeiramente calvo com um bigode exuberante e bem cuidado e – pelo menos para mim – um olhar frio de peixe. Houve mais calor e um indício de sorriso no cumprimento que fez a Jespersion, me deixando sem qualquer dúvida de que minha presença não era bem-vinda.

O alívio surgiu rapidamente na forma de uma jovem descendo as escadas. Esbelta e de cabelos escuros, com um rosto que era mais agradável do que bonito, estava vestida como uma comerciária ou escriturária, com uma camisa branca engomada e saia escura lisa. Mesmo sorrindo calorosamente para dar as boas-vindas, tinha uma expressão séria, os olhos atormentados de preocupação.

– Flora! No momento preciso, como sempre. Embora caso esperasse ter companhia teria colocado um de seus belos vestidos, espero – disse Harcourt.

Ele fez apresentações apressadas e se retirou rapidamente com Jespersion para

trás de uma porta sólida de carvalho, nos deixando sozinhas no saguão com sua atmosfera sinistra.

– Talvez gostasse de ver o jardim – disse a Srta. Bellamy, tocando meu cotovelo para me guiar por um corredor comprido na direção dos fundos da casa. Quando passei pela porta, saindo da casa, o cheiro do ar livre foi quase embriagador.

– Você é sensível – observou ela, seguindo para longe da fria parede dos fundos da casa, atravessando um caramanchão e caminhando por uma trilha até um jardim de rosas cercado.

– Não alego ter poderes especiais – disse – mas a atmosfera naquela casa é... extraordinária. Fico pensando em como consegue viver ali.

Ela anuiu ligeiramente.

– Ainda assim, sabe, a maioria das pessoas não sente nada. O Sr. Adcocks nunca sentiu. A disposição do Sr. Randall muda quando em visita e tenho consciência de seu desconforto, mas ele não admite.

Embora não tivesse dito isso a Jespersion, eu brincava com a ideia de que a própria Srta. Bellamy poderia ser a assassina que procurávamos. A morte do Sr. Adcocks parecia indicar um ataque de um homem forte e brutal, um ato impossível para a maioria das mulheres; ainda assim, eu descobrira que os homens tendiam a subestimar o sexo feminino tanto quanto o idealizavam e conseguia imaginar uma noiva enlutada que na verdade era uma assassina a sangue-frio.

Mas aquela ideia desapareceu assim que coloquei os olhos nela, uma garotinha. Enquanto nos sentávamos uma ao lado da outra em um banco curvo em uma área verde ensolarada, o perfume das rosas e o zumbido caloroso das abelhas enchendo o ar ao redor de nós, fiquei absolutamente certa de que aquela mulher gentil de fala suave, tão preocupada com os sentimentos dos outros, era incapaz de matar outro ser humano, por quaisquer meios.

– Como consegue viver naquela casa? – perguntei.

– Não se esqueça de que vivi ali quase a vida toda – respondeu. – As pessoas conseguem se acostumar a quase tudo. Imagine alguém que tem de trabalhar em um matadouro todo dia.

– Imagino que uma pessoa assim seria brutalizada e degradada por seu trabalho – retruquei. – Se a comparação fosse com alguém que tem de viver em um matadouro... Bem, não consigo imaginar muitos que suportariam muito tempo. Fico surpresa de você nunca ter fugido. Como foi quando veio para cá pela primeira vez? Ficou aterrorizada?

Ela pareceu pensativa.

– Não consigo me lembrar de nada antes de vir para cá. Eu ainda não tinha 2 anos. E na época a coleção do Sr. Harcourt era pequena. Ela cresceu comigo. Ao longo dos anos, à medida que ele acrescentava itens, me contou a história de cada um. Então, desde pequena me acostumei a histórias de morte violenta e maldade humana. Não sentia qualquer atração por aquelas coisas, mas aceitava sua existência. Imagine uma criança crescendo em um hospício ou uma prisão. Até mesmo as situações mais estranhas se tornam normais se você não conhece outra coisa.

– Mas agora você finalmente pode escapar – eu disse. – Marcou uma data para seu casamento?

Ela olhou para mim.

– William não contou? Acho que é melhor nem mesmo pensar em casamento antes que chegue à maioridade e possa sair daqui.

– Acredita que seu tutor não deseja que você se case?

Ela deu um risinho sem humor.

– Ah, eu acredito que ele gostaria de me ver casada! Uma esposa e uma viúva no mesmo dia o deixariam muito contente!

Não havia sentido em fazer rodeios.

– Acha que ele matou o Sr. Adcocks?

Ela não recuou.

– Não. Apesar de seu fascínio pelo tema, o Sr. Harcourt não é um assassino.

– Suspeita de mais alguém?

Ela não respondeu. Mas eu vi algo encurralado e furtivo em sua expressão.

– Srta. Bellamy – disse, suavemente. – Por mais doloroso que seja, não podemos ajudar se não me contar do que suspeita, ou teme, não importa quão desimportante ou estranho. Estava lá, viu alguma coisa quando o Sr. Adcocks foi atacado?

Ela balançou a cabeça.

– Dei boa-noite a ele e subi para meu quarto. Achei que ele estava seguro...

– E seu tutor?

– Estava trancado em sua sala, como sempre.

Olhei na direção da casa, mas o térreo era protegido de minha visão por arbustos e folhagem.

– Há outra saída? Da sala dele?

– Não. E eu não teria deixado de ouvir qualquer barulho caso ele saísse da

casa.

– Quem matou o Sr. Adcocks? – perguntei de repente.

– Ninguém.

– Mas ele está morto.

– Ele foi morto por um golpe forte na cabeça. O golpe foi de uma bengala. Isso pode ser chamado de assassinato, é um crime mesmo sem intervenção humana?

Eu vira objetos levitar, flutuar, se mover, até mesmo disparar pelo ar como se arremessados com grande força embora não houvesse ninguém por perto. Normalmente havia truques envolvidos; mas nem sempre. Eu vira o que acreditava ser o efeito da mente sobre a matéria e também testemunhara o que era chamado de atividade de *poltergeist* – palavra alemã para “espírito barulhento”. No entanto suspeitava profundamente de tudo atribuído à ação de “espíritos”. Ainda não encontrara nada que não fosse mais bem explicado pelo poder da mente humana.

– O que está dizendo? – perguntei a ela, delicadamente. – Acredita que a bengala, um objeto inanimado, se moveu e matou um homem por vontade própria?

E no momento em que perguntei a lembrança do poder maligno que sentira naquela bengala apenas alguns minutos antes me deixou muito menos segura de estar certa.

– Já ouviu falar em um *deodand*?

– Não conheço a palavra.

– É uma expressão do antigo direito inglês: *deo*, de deus, *dandum*, o que tem de ser dado. Referia-se a qualquer posse que era causa imediata da morte accidental de uma pessoa. O objeto era então transferido para a Coroa, para ter um uso devoto.

Não consegui pensar em nada a dizer sobre isso e ela sorriu.

– Aquela bengala é um *deodand*. Não oficialmente; não é tão antiga. Mas foi a causa provável da morte de um jovem há quase setenta anos; ou pelo menos meu tutor me contou. E a desagradável gárgula de pedra ao lado da escada? Caiu da torre onde havia sido colocada muitos séculos antes e matou mãe e filho. Meu tutor coleciona tais coisas, com suas lembranças de assassinatos de verdade. Ele deu aquela bengala a Archie sabendo o que era e imaginando o que iria fazer.

Ela parou e passou a mão sobre o cenho.

– O que estou dizendo? Claro que ele não suspeitava. Por que suspeitaria? Nenhum deles nunca o feriu ou a mim. Nem mesmo quando eu era uma criança que brincava com tudo o que queria; ele não me deixava tocar em nada perigoso,

claro, nada afiado ou frágil. Eu sussurrava segredos no ouvido da gárgula, até mesmo costumava beijá-la, e era aquela gárgula.

Ela parou, levando a mão à boca. Esperei que continuasse.

– Estava no lugar errado, perto demais da escada. Achei que quando a empregada lavou o chão talvez tivesse empurrado, mas ela insistiu em que não o havia feito. Ainda assim, não estava onde costumava ficar e por isso Archie tropeçou nela e torceu o tornozelo. Aconteceu novamente há poucos dias com Will. Ele caiu por cima dela e se eu não o tivesse segurado, ele poderia ter batido com a cabeça, poderia ter sido morto, exatamente como Archie!

– Alguém a moveu – disse eu, tentando introduzir uma dose de racionalidade.

– Se não a empregada, então seu tutor ou um estranho misterioso. E se o tropeço do Sr. Randall tivesse resultado em um ferimento sério, até mesmo morte, teria sido um acidente; ninguém poderia chamar a isso de assassinato, mesmo se alguém tivesse movido a gárgula. Mas aquela bengala... Eu realmente não consigo imaginar que uma bengala, segura pelo Sr. Adcocks, poderia ter causado sua morte sem a intervenção de outra pessoa. Se você acha que seu tutor a estava controlando, disposto a golpear...

– Não! Por que ele faria isso? Mesmo se tivesse a habilidade, por que iria querer matar meu noivo quando ansiava ver como eu iria causar a morte dele?

Ela ficara branca, a não ser por duas manchas vermelhas febris nas bochechas. Balancei a cabeça.

– Não entendo.

– Claro que não. Porque você não entende que também eu sou um *deodand*. Sou a gema da coleção dele. Minha história explica por que ele me adotou. Eu matei toda a minha família antes de ter 2 anos.

Eu agarrei as mãos dela.

– Srta. Bellamy...

– Eu sou totalmente sã – disse ela, calmamente. – Não estou histérica. Esses são os fatos. Ao nascer eu causei a morte de minha mãe.

– Isso não é exatamente...

– Único? Eu sei. Escute. Nove meses depois, meu pai estava levando seus filhos sem mãe em férias quando nos envolvemos em um acidente ferroviário. No choque, meu irmão, uma criança de 2 anos, foi jogado ao chão, assim como eu. Eu caí em cima dele, algo que pode ter me salvado de ferimentos, mas causou sua morte. Nunca soube se ele morreu sufocado ou se meu peso quebrou o pescoço dele.

– Ninguém poderia dizer que foi culpa sua – argumentei, tentando não me

deter na imagem.

– Sei disso – respondeu, retirando as mãos. – Acredite, não sou tão tola de pensar que foi qualquer outra coisa que não um enorme azar. Tive muitos anos para fazer as pazes com meu passado. Não preciso de sua piedade. Digo isso para que possa compreender o interesse do Sr. Harcourt em mim.

Ela continuou:

– Meu pai ficou ferido no acidente. Alguns meses depois ele ainda estava em uma cadeira de rodas, precisando da ajuda de um enfermeiro para se sentar e se levantar e para empurrá-lo. Havíamos saído para uma caminhada; e quando digo “nós” me refiro a meu pai em sua cadeira empurrado por um enfermeiro, um jovem, e eu em meu carrinho empurrado pela minha, uma bela jovem. Paramos no mirante para admirar a vista. Minha enfermeira me colocou sobre um cobertor na grama, perto de meu pai, que cochilava ao sol, então suponho que eles tenham parado de prestar muita atenção a qualquer coisa que não eles mesmos enquanto flertavam. Eu ainda não aprendera a andar, mas estava ficando de pé com a maior facilidade e enquanto me erguia sobre os pés usando a cadeira de meu pai como apoio, de algum modo devo ter soltado a trava, que o enfermeiro talvez não tivesse colocado direito, e enquanto ele rolava para longe eu apenas o vi seguir, ganhando velocidade, até ver a cadeira com meu último parente vivo cair pela beirada do despenhadeiro e levá-lo para a morte nas rochas abaixo.

Desisti de consolá-la.

– Então o Sr. Harcourt a considera uma espécie de arma carregada que está em sua posse? Pronta para disparar quando é amada?

– Ele nunca disse isso, mas foi o que eu entendi a partir de um brilho em seus olhos e algum interesse assim que cheguei à idade de casar. Foi ele quem se esforçou para me apresentar a vários homens jovens e ricos, até Archibald Adcocks morder a isca. E ele me pressionou a aceitar, embora eu estivesse propensa a esperar.

– Independentemente daquilo em que o Sr. Harcourt acredita...

– Eu sei. E você está certa, eu mesma não acredito nisso. Por ter se mantido tão friamente distante, rejeitando meu afeto natural, e me enviado para uma escola em tempo integral, em vez de se arriscar a que eu me apegasse a alguma governanta, o Sr. Harcourt imagina que eu nunca fui amada e nunca amei ninguém desde que meu pai morreu. Mas havia uma garota na escola... Meu tutor não deve ter ideia de com que paixão as garotas podem amar umas às outras, mas estou certa de que você tem – disse ela, com um olhar que deveria

me fazer corar. Em vez disso, me fez sorrir.

Nós nos olhamos como conspiradoras.

– Imagino que sua amiga continua viva e bem?

– De fato, e ainda é minha querida amiga, embora agora estejamos mais comedidas em nossas emoções... Ou pelo menos na expressão delas. Então, como vê, eu sei que meu afeto não é perigoso.

– E ainda assim você parece pensar que ao se tornar seu noivo o Sr. Adcocks assinou a sentença de morte dele. E que o Sr. Randall é ameaçado pela mesma razão.

– Sim – disse, parecendo pensativa. – Mas não por meus sentimentos por ele, ou dele por mim. É outra coisa. Casar com alguém me afastaria desta casa, me retiraria da coleção de meu tutor. É isso – disse, e se levantou.

– O que é?

– Ele acha que o casamento é a única forma pela qual pode me perder. Nunca pensou que eu poderia simplesmente decidir partir.

Eu também me levantei para encará-la.

– Não entendo.

– O Sr. Harcourt não é exatamente são no que diz respeito à sua coleção. Ele não suporta a ideia de perder uma única peça dela. Ele é mais feliz quando se delicia com ela sozinho e sempre que tem uma oportunidade de acrescentar algo novo. Embora admita compradores potenciais, ele só deseja sua inveja e admiração enquanto contemplam seus objetos; ele nunca concordará em vender um só item, não importa quanto dinheiro seja oferecido. E embora ele fale sobre meu casamento desde que eu tinha 16 anos, tenha começado a me empurrar para solteiros disponíveis no meu aniversário de 18 anos, movido pelo que pensa que acontecerá quando mais uma vez for parte de uma família, cobiçosamente imaginando como sua coleção crescerá depois da violenta morte accidental de meu marido, ele sabe que isso só será possível se me deixar partir. Em sua mente pervertida, eu sou parte de sua coleção e a ideia de me perder, mesmo que temporariamente, e com o objetivo de ganhar mais, é terrível para ele.

– A mente dele é dividida?

– Lamento, Srta. Lane. A senhorita não deveria ter sido arrastada para isto. Não havia a necessidade de William buscar a ajuda de um detetive. Eu deveria ter me dado conta de que sou a única capaz de acabar com essa loucura.

Ela começou a voltar para a casa e eu a segui. Embora não tivesse ideia do que ela pretendia, senti que uma crise se aproximava.

Ela ergueu o punho para bater no carvalho pesado, mas ao primeiro golpe a

porta se abriu.

Harcourt estava na extremidade oposta do aposento, junto à janela, mostrando a Jespersion algo em uma caixa baixa de madeira. Ambos se viraram rapidamente quando entramos. Harcourt se assustou e ficou aborrecido. Ele obviamente não nos esperava e eu só podia imaginar que não tivera o cuidado de fechar bem a porta.

– O que significa essa perturbação? – cobrou ele, fechando a caixa apressadamente.

– Tenho de falar com você.

– Depois. Temos companhia.

– Fico feliz de ter testemunhas – disse ela, respirando fundo. – Não vou me casar.

Eu me retesara contra a atmosfera negativa ao entrar na casa e relutara especialmente em entrar no escritório de Harcourt, esperando que fosse o epicentro, mas à medida que avancei mais para dentro descobri que o que havia sido desagradável e conflitante era agora harmonioso. Usando a metáfora olfativa, pense em fumaça de fogueira. Uma grande lufada no rosto é horrível, mas a distância certa o cheiro de folhas e madeira queimando é agradável.

– Você entrou correndo aqui para dizer isso? Não consigo entender por quê – retrucou Harcourt friamente. – Sua mudança de disposição não me interessa. Sugiro que escreva ao Sr. Randall.

– Você não entendeu. Quero dizer que nunca me casarei.

Ele arregalou os olhos.

– Você enlouqueceu?

De repente ele se virou para mim.

– O que você disse? Que tipo de idiotice louca disse para que ela mudasse de ideia?

– A Srta. Lane não tem nada com isso – retrucou, Flora, rapidamente. – Tenho refletido nos últimos dias e apenas agora decidi contar a você...

– Ah, muito conveniente!

Ele estava lançando um olhar venenoso na minha direção, mas então se virou friamente para Jespersion.

– Temo que deva pedir que leve essa mulher embora daqui imediatamente.

Eu podia ver que meu parceiro estava perdido: deveria me defender, inventar desculpas ou simular uma solidariedade masculina que deixasse a porta aberta para futuras visitas? Embora não quisesse deixar Flora sozinha com Harcourt, não sabia o que poderíamos conseguir tentando ficar, então deixei o aposento no

instante em que Flora exigia:

– Não posso ter meus próprios amigos?

– Enquanto eu for seu tutor, Flora, fará o que eu digo. Você não tem mais nada a fazer com aquela mulher e não vai romper seu noivado. Esqueceremos que disse qualquer coisa sobre isso. Sr. Jespersion, por favor!

Quando eles saíram, com Flora à frente, fiquei surpresa ao ver um indício de sorriso no seu rosto. Ela piscou para mim antes de se voltar novamente para seu tutor.

– Então devo ser seu objeto e humildemente permitir que sua vontade prevaleça em tudo até que meu aniversário de 21 anos mude tudo?

– Isso não mudará nada – disse ele, com desprezo. – Você imagina que será algo diferente do que é agora? Do que sempre foi?

Ela se contorceu, mas resistiu.

– Aos olhos da lei.

– A lei – bufou ele. – A lei é nada. Não tem nada a dizer sobre você. Não tem ideia de quem você é.

O olhar dele sobre ela era horrendo.

– Eu posso muito bem partir agora – disse ela, em voz baixa.

– Partir? Do que está falando?

– Você tem razão que alguns meses não mudarão nada. Você está satisfeito com a situação; eu não estou. Então, devo partir.

Ela olhou de mim para Jespersion, dizendo:

– Se não for muito trabalho...

Ele entendeu o significado rapidamente.

– Claro, venha conosco. Qualquer ajuda que pudermos dar...

Eu ouvi o chacoalhar e vi que o vaso chinês sacudia violentamente para frente e para trás, até se inclinar demais e tombar, estilhaçando no piso duro e espalhando seu fardo de guarda-chuvas e bengalas.

Apenas uma das bengalas não pousou no chão com as outras, disparando através do ar diretamente na direção de Jespersion.

Caso tivesse acertado no ponto para o qual estava apontada, não tenho dúvida de que o teria matado, mas ele foi rápido. Quase como se esperasse o ataque, ele se colocou ligeiramente de lado, o braço se levantando leve e graciosamente para apanhar a bengala.

Diferentemente de um objeto arremessado, a bengala continuou a se mover após ter sido apanhada, se contorcendo e puxando para escapar, enquanto ele agarrava com mais força, franzindo o cenho ao procurar um fio ou cabo e ao

tentar descobrir o truque.

Certa de que não havia fio invisível, eu me virei para Harcourt. Sua expressão não era nada como as que eu vira nos rostos de médiuns ou parapsicólogos; ele parecia totalmente perplexo e excitado. Se provocara a atividade da bengala, era por um poder escondido de sua mente consciente, algo de que não suspeitava e que não podia controlar.

Então outro movimento, captado com o canto do olho, chamou minha atenção e quando me virei para olhar ouvi o terrível ruído de raspar e esmagar feito pela gárgula de pedra que se arrastava pesadamente pelo piso. Embora ninguém estivesse perto o bastante para correr o risco de tropeçar, ainda assim gritei um alerta.

Flora olhou e gritou:

– Pare! Pare agora mesmo!

A gárgula parou de se mover, assim como a bengala, embora Jesperson continuasse a segurar firme e olhar atentamente.

Harcourt deu um passo hesitante à frente, os olhos ainda fixos na bengala.

– Dê... dê para mim, por favor, Sr. Jesperson – disse ele. – Essa... essa é a arma que matou o pobre Sr. Adcocks e antes dele um jovem em Plymouth. Não fosse por seus reflexos excepcionalmente rápidos, o senhor teria sido sua terceira vítima.

Após uma pausa relutante, Jesperson entregou a bengala, perguntando:

– Esperava que isso fosse acontecer?

– Nunca – respondeu o homem, engasgado, olhando para a bengala em suas mãos com uma mistura contraditória de luxúria e medo. – Quem imaginaria que o instinto assassino seria inerente?

– Você imaginou que fosse inerente a mim – disse Flora. – Uma força assassina ignorante tão poderosa que poderia me usar, um ser vivo inteligente, sem considerar meu livre arbítrio?

– Não, não, certamente não – negou ele, sem convicção. – Você era apenas um bebê, sem a capacidade de pensar ou agir sozinha, quando o destino a usou para eliminar as vidas de três almas inocentes. É muito diferente agora.

Ele estava olhando para ela, mas a atração do objeto em suas mãos se provou mais forte e ele logo voltou a olhar para ele como um amante fascinado.

– Você sempre me considerou outra peça de sua coleção – disse Flora, amargamente. – Uma coisa sem inteligência e sem alma e sequer sua preferida.

– Flora, querida, não seja ridícula. Sei que você não é uma coisa. Você tem sido como uma filha para mim. Eu não cuidei de você sempre o melhor que

pude? Comprei tudo que seu coração desejou? Minha única preocupação sempre foi ver você casada em segurança e feliz com o homem de sua escolha, quando chegasse o momento.

Embora minha simpatia estivesse com Flora, eu reconhecia que para alguém de fora ela pareceria a histérica, enquanto Harcourt seria o são.

– Mas você deve ter pensado – disse Jespersion, como se despreocupadamente.
– Ahn, Harcourt? Certamente deve ter especulado sobre se sua protegida era designada pelo Destino à felicidade familiar. Talvez tenha visto seu primeiro noivado como uma experiência científica. O resultado não foi o que você esperava, mas talvez o que temia?

Eles trocaram olhares, de homem para homem, e embora Harcourt tenha balançado a cabeça dolorosamente, eu vi a satisfação cruel sob o olhar solene.

– Você é desprezível – murmurou Flora. Ela pigarreou e anunciou: – Nunca me casarei. Não colocarei outra vida em risco.

Desta vez Harcourt não protestou. Ele deu de ombros, suspirou e disse:

– Eu nunca a obrigaria a agir contra a vontade, não importando quão tolo isso me pareça.

– Não é tudo. Estou deixando sua coleção hoje, Sr. Harcourt...

– Ah, vamos lá. Não seja infantil. Você não pode me culpar pelo que é!

– Não pelo que sou; apenas pelo que você tentou fazer de mim. A atmosfera nesta casa é hedionda, não por causa dos objetos, mas por causa de seu fascínio prazeroso por assassinato e morte violenta. Estou partindo. Não colocarei os pés nesta casa novamente enquanto você estiver vivo.

Após anunciar sua intenção, ela se dirigiu diretamente para a porta.

Eu senti o estremecimento que percorreu a casa antes mesmo de sua mão tocar a maçaneta; foi uma sensação tão sutil, e ainda assim tão profunda, que de início achei que poderia estar doente.

Harcourt gritou. Seu nariz sangrava; a bengala voltara à vida novamente em sua mão e parecia determinada a espancá-lo até a morte. Ele conseguiu colocá-la a um braço de distância e lutou para controlá-la. Também a gárgula voltava à vida com tremores e, a julgar pela variedade de rangidos, grunhidos e sons de asas, igualmente outras peças da coleção.

– Mova-se – disse Jespersion com urgência, me empurrando para a frente. – Saia da casa! Há mais alguém?

Ao ouvir os gritos, a pequena empregada que nos deixara entrar reapareceu e, embora parecesse totalmente perturbada, também permitiu que ele a empurrasse para fora.

Nós encontramos Flora no portão da frente e nos viramos para olhar para a casa.

– Onde está Harcourt? – cobrou Jesperson. – Estava logo atrás de mim.

– Ele não vai deixar sua coleção – disse Flora. – Voltou para ela. Costumava se preocupar em voz alta com o que salvaria primeiro se a casa pegasse fogo.

– Mas a ameaça é a própria coleção!

Eu por mim teria entregado Harcourt ao seu destino, mas quando meu parceiro correu de volta para dentro senti que era minha obrigação acompanhá-lo. Saltando os degraus da frente, consegui ver através da janela do escritório e o que vi me deixou imóvel.

O pálido e imponente Sr. Harcourt estava saltando e rodopiando como um dervixe, segurando a bengala de castão de prata afastada do corpo como uma varinha mágica, enquanto lutava para impedir que um jorro de pequenos objetos o atingisse. Ocasionalmente, em seus esforços ele inconscientemente levava o braço mais para perto do corpo, permitindo que a bengala desferisse um golpe seco em uma perna ou um ombro, quando então guinchava de dor ou raiva.

Livros e outras coisas continuavam a cair das prateleiras. Muitos simplesmente caíam, mas outros pareciam lançados com força diretamente contra ele e esses desferiam uma série de golpes de raspão no corpo, na cabeça e nos membros. Uma vitrine sacudiu violentamente, como se apanhada em um terremoto, até se quebrar, soltando tudo que havia dentro. Um grande enxame maligno composto de pequenas garrafas, jarras, agulhas, alfinetes, navalhas e muitas outras coisas que não consegui reconhecer envolveu o homem, cujos gritos se tornaram um constante uivo aterrorizado enquanto era atacado.

Nauseada, eu me virei de lado e entrei com meu parceiro, que lançava o corpo contra a sólida porta de carvalho, como se imaginasse poder abri-la. Ao me ver ele parou e massageou o ombro, parecendo um tanto embaraçado.

Dei a ele um de meus grampos de cabelo, supondo que saberia como usá-lo.

Enquanto ele escarafunchava a fechadura, escutei os sons horríveis que acompanhavam a violência do outro lado: batidas e quedas, guinchos, uivos e resmungos e então um chocante sibilado líquido, seguido por um gargarejo, depois o baque mais pesado de todos, e então silêncio.

Quando Jesperson conseguiu abrir a porta tudo havia terminado. Harcourt morrera. Seu cadáver espancado e ensanguentado estava caído sobre o carpete, cercado pelos restos de sua coleção assassina. Qualquer que fosse a vida que eles tinham, havia expirado juntamente com a dele. Havia um pungente cheiro acre na sala – imagino que do conteúdo das várias garrafas quebradas – mas nada tão

fétido quanto a atmosfera que isso substituíra.

– Ácido sulfúrico – disse Jespersion. – Não olhe.

Mas eu já tinha visto o que restara do rosto do dono da casa e não era mais chocante do que os sons haviam me levado a imaginar.

Enquanto eu saía para dar a notícia a Flora e mandar a empregada chamar a polícia, já sabia que aquele não era um caso sobre o qual eu poderia escrever para ser publicado.

E, do modo como se desenrolou, ficou pior.

Foi bastante bom que Jasper tivesse alguns parentes influentes que viviam nos círculos do poder, pois do contrário acho que a polícia teria gostado de acusá-lo de assassinato na ausência de suspeitos mais prováveis e, caso ele não o tivesse feito, eu era a segunda opção.

Embora pudéssemos argumentar que havíamos salvado sua vida, nosso cliente não ficou nada satisfeito com o resultado de nossas investigações e se recusou a pagar qualquer coisa. O que o incomodou mais não foi a morte de Harcourt, mas a insistência da Srta. Bellamy em dispensá-lo de seu compromisso. Ela não deu motivo melhor para a mudança de ideia do que dizer que estava reconsiderando como deveria passar a vida e estava propensa a buscar alguma espécie de emprego com o qual se sustentar “como a Srta. Lane”.

Flora nunca mais colocou os pés em The Pines. Embora seu tutor estivesse morto, ela preferiu não correr riscos e contratou outras pessoas para esvaziar a casa antes de vendê-la. Em seu testamento Harcourt deixara tudo para a protegida, com apenas uma advertência: embora ela pudesse decidir se iria manter a coleção ou se livrar dela, teria de fazer isso em sua totalidade, não a fragmentando.

Ela decidiu ignorar essa determinação.

– Talvez esteja errada – me disse ela da última vez em que a vi –, mas acredito que poderia ser perigoso. Objetos isolados são apenas coisas, mas quando reunidos eles se tornam algo mais; primeiramente na imaginação do Sr. Harcourt e depois na realidade. O conceito legal do *deodand* era que algo que um dia fizera o mal poderia ser transformado em algo útil, até mesmo sagrado, por intermédio de boas ações. Isso não foi permitido a nada na coleção do Sr. Harcourt; o uso que ele fez daquelas coisas era oposto ao bem; ele venerava as más ações.

Sua forma de conseguir a redenção foi doar tudo que restava na casa para uma boa causa. Cautelosamente, ela escolheu uma tão longe que não correria o risco de um encontro acidental com seus antigos bens e fez com que tudo fosse

enviado para uma colônia de leprosos do outro lado do mundo.

E achei muito bom que ela não tenha se sentido obrigada a se sacrificar da mesma maneira. Pelo contrário, ela decidiu dividir um apartamento com sua amiga de escola e iniciou um curso de biblioteconomia e administração.

Jespersion e eu, claro, discutimos os detalhes do caso – que começara com um assassinato não solucionado e terminara com dois – longamente quando sozinhos e também com a Sra. Jespersen, mas nunca concordamos a que atribuir a culpa pelos assassinatos. Todos concordamos que Adcocks e Harcourt foram assassinados, mas também concordamos com que se não havia assassino, assassinato não poderia ter sido cometido.

Espero que nosso próximo caso seja menos curioso.

Lorde John e a peste de zumbis

DIANA GABALDON

A autora Diana Gabaldon, sucesso de vendas do *New York Times*, é ganhadora do prêmio Quill e do prêmio de ficção Corine International. É autora da série *Outlander*, que se tornou muito popular, e também de best-sellers internacionais, que incluem *Outlander* (publicado como *Cross stitch* no Reino Unido), *Dragonfly in amber*, *Voyager*, *Drums of autumn*, *The fiery cross*, *A breath of snow and ashes* e *An echo in the bone*, e ainda uma *graphic novel*, *The exile*, baseada em *Outlander*. Os romances do lorde John Grey são um detalhamento da série *Outlander* e integram o conjunto, porém concentram-se no personagem lorde John e são parcialmente estruturados como mistérios históricos. A série *Lord John* inclui os romances *Lord John and the private matter*, *Lord John and the brotherhood of the blade* e *Lord John and the scottish prisoner*, e uma coletânea de novelas, *Lord John and the hand of devils* (incluindo “*Lord John and the hellfire club*”, “*Lord John and the succubus*” e “*Lord John and the haunted soldier*”). Diana Gabaldon também escreveu *The outlandish companion*, um volume de não ficção que oferece ao leitor o histórico, conhecimentos gerais e fontes, bem como artigos sobre a redação e pesquisa da série.

Aqui, lorde John leva uma força armada à bela, embora também sinistra, ilha paradisíaca da Jamaica, onde recebe a ordem de esmagar uma incipiente revolta de escravos. O levante é o último de seus problemas, considerando-se que ele enfrentará assassinato, canibalismo, aranhas, cobras e outras criaturas mortais. Inclusive, é claro, zumbis.

Havia uma cobra na mesa da sala de desenho. Uma cobra pequena, mas ainda assim uma cobra. Lorde John Grey ficou pensando se deveria dizer algo. Então, o governador pegou um decantador de cristal bisotado a menos de 15 cm do réptil, parecendo ignorá-lo. Talvez fosse de estimação, ou talvez os habitantes da Jamaica estivessem acostumados a manter uma cobra domesticada em casa para matar ratos. A julgar pelo número de ratos que vira desde que deixara o navio, aquilo parecia sensato. Embora aquela cobra específica não parecesse grande o

suficiente para apanhar nem mesmo um rato mediano.

O vinho era decente, mas servido à temperatura ambiente, e parecia passar diretamente da garganta de Grey para seu sangue. Não comera nada desde antes do amanhecer e sentiu os músculos da base das costas começando a formigar e relaxar. Pousou o copo; queria manter a cabeça limpa.

– Não consigo expressar, senhor, o quanto fico contente por recebê-lo – disse o governador, pousando seu copo vazio. – A situação é crucial.

– Foi o que o senhor disse em sua carta ao lorde North. A situação não mudou desde então?

Quase três meses haviam se passado desde que a carta fora escrita; muito podia mudar em três meses.

Grey teve a impressão de que o governador Warren estremeceu, apesar da temperatura no aposento.

– Piorou – disse o governador, pegando o decantador. – E muito.

Grey sentiu os ombros se retesarem, mas falou calmamente:

– Em qual sentido? Houve mais... – começou, hesitando e buscando a palavra certa – ... demonstrações?

Aquela era uma palavra leve para descrever incêndios em canaviais, saques de latifúndios e libertação geral dos escravos.

Warren deu uma gargalhada cínica. Seu belo rosto estava coberto de suor. Havia um lenço amassado no braço de sua cadeira e ele o pegou para enxugar a pele. Não fizera a barba naquela manhã, nem, muito provavelmente, no dia anterior; Grey podia ouvir o leve atrito de sua barba escura com o tecido.

– Sim. Mais destruição. Eles queimaram um engenho mês passado, embora ainda nas áreas mais remotas da ilha. Mas agora...

Ele parou, lambendo os lábios secos enquanto se servia de mais vinho. Fez um movimento apressado na direção do copo de Grey, mas ele balançou a cabeça.

– Eles começaram a ir na direção de King's Town – disse Warren. – É intencional, é possível perceber. Uma fazenda após a outra, em uma linha reta desde a montanha – falou, suspirando. – Eu não deveria dizer linha reta. Nada neste maldito lugar é reto, a começar pela paisagem.

Aquilo era verdade; Grey admirara os picos verdes que se erguiam no centro da ilha, um pano de fundo irregular para a água impressionantemente azul e o litoral de areia branca.

– As pessoas estão aterrorizadas – continuou Warren, parecendo recuperar a compostura, embora seu rosto estivesse novamente molhado de suor e sua mão tremesse no decantador. Ocorreu a Grey, com um leve choque, que o próprio

governador estava aterrorizado. – Eu recebo comerciantes e suas esposas em meu escritório, todos os dias, implorando, cobrando proteção contra os negros.

– Bem, pode garantir a eles que essa proteção será dada – disse Grey soando o mais tranquilizador possível.

Tinha com ele meio batalhão – trezentos soldados de infantaria e uma companhia de artilharia equipada com pequenos canhões. O suficiente para defender King's Town, caso fosse necessário. Mas as ordens que recebera de lorde North não eram apenas de defender e garantir os comerciantes e os embarques de King's Town e Spanish Town; nem mesmo dar proteção aos maiores latifúndios de cana-de-açúcar. Ele havia sido encarregado de esmagar totalmente a rebelião escrava. Capturar os líderes da revolta e acabar com a violência.

A cobra na mesa se moveu de repente, se desenrolando de modo lânguido. Isso assustou Grey, que começara a pensar que aquilo se tratava de uma escultura decorativa. A cobra era delicada: apenas 15 ou 18 cm de comprimento e um belo amarelo-claro marcado com marrom, uma leve iridescência em suas escamas, como o brilho de um bom vinho de Reno.

– Mas agora foi mais longe – continuou Warren. – Não são apenas incêndio e destruição de propriedade. Agora é assassinato.

Aquilo trouxe Grey de volta com um espasmo.

– Quem foi assassinado? – cobrou.

– Um fazendeiro chamado Abernathy. Assassinado em sua própria casa, semana passada. Garganta cortada.

– A casa foi queimada?

– Não. Os escravos fugidos a saquearam, mas foram expulsos pelos escravos de Abernathy antes que pudessem incendiar o lugar. A esposa sobreviveu mergulhando em uma fonte atrás da casa, escondida por juncos.

– Entendo – disse. Ele podia imaginar perfeitamente a cena. – Onde fica a fazenda?

– A cerca de 15 km de King's Town. É chamada Rose Hall. Por quê?

Um olho injetado se voltou na direção de Grey e ele se deu conta de que o copo de vinho que o governador o convidara a dividir não era o primeiro do dia. Nem, provavelmente, o quinto.

Grey ficou pensando se o homem seria um bêbado inato. Ou seria apenas a pressão da situação do momento que o levava a se lançar à garrafa de modo tão evidente? Avaliou disfarçadamente o governador; o homem estava provavelmente com 30 e tantos anos, e embora completamente bêbado no

momento, não apresentava nenhum dos sinais de vício. Ele tinha constituição forte e era atraente; sem inchaço, sem barriga flácida forçando a cinta de seda, sem varizes nas bochechas e nariz...

– Tem um mapa do distrito?

Certamente não passara despercebido a Warren que, se de fato os escravos fugidos estavam queimando seu caminho na direção de King's Town, seria possível prever qual seria o alvo seguinte e esperar por eles com várias companhias de soldados de infantaria armados. Ele virou a taça e ficou sentado, ofegando levemente por um momento, olhos fixos na toalha de mesa, depois pareceu se recompor.

– Mapa – repetiu ele.

– Sim, claro. Dawes... meu secretário... ele... ele conseguirá um.

Um movimento chamou a atenção de Grey. Para sua surpresa, a pequena cobra, depois de se virar de um lado para outro, a língua sentindo o ar, havia começado a se deslocar pela mesa de um modo objetivo, embora ondulante, bem na sua direção. Por reflexo ele preparou a mão para apanhar a coisinha, pelo menos para colocá-la no chão.

O governador viu, deu um guincho alto e se afastou da mesa. Grey olhou para ele espantando, a pequena cobra se enrolando em seus dedos.

– Não é venenosa – disse Grey, o mais suavemente que conseguiu. Pelo menos era o que ele pensava. Seu amigo Oliver Gwynne era filósofo natural e louco por cobras. Gwynne lhe havia mostrado todos os pontos altos de sua coleção durante uma tarde de arrepiar os cabelos, e ele parecia recordar de Gwynne dizendo que não havia répteis venenosos na ilha da Jamaica. Ademais, as repulsivas tinham cabeças triangulares, enquanto as inofensivas eram arredondadas, como aquela.

Warren não estava disposto a ouvir uma palestra sobre a fisionomia das cobras. Trêmulo de terror, ele recuou até a parede.

– Onde? – perguntou ele, engasgando. – De onde ela veio?

– Estava na mesa desde que entrei. Eu... ahn... pensei que fosse...

Bem, claramente não era um animal de estimação, muito menos parte intencional da decoração da mesa. Ele tossiu e se levantou, pretendendo jogar a cobra fora pelas portas duplas que levavam ao terraço. No entanto, Warren não entendeu o objetivo e, ao vê-lo se aproximar, com a cobra se contorcendo entre seus dedos, saiu ele mesmo em disparada pelas portas, cruzou o terraço em um salto louco e desceu rapidamente pela calçada de pedras, a barra do casaco tremulando como se o próprio diabo o perseguisse.

Grey ainda olhava para ele, incrédulo, quando uma tossida discreta vinda da

porta de dentro fez com que se virasse.

– Gideon Dawes, senhor. – O secretário do governador era um homem baixo e gordo com um rosto redondo e rosado que provavelmente era alegre por natureza. No momento tinha uma expressão de profunda preocupação. – É o tenente-coronel Grey?

Grey achou improvável que houvesse um excesso de homens vestindo o uniforme e a insígnia de um tenente-coronel dentro da King's House naquele instante, mas ainda assim fez uma reverência, murmurando:

– Seu servo, Sr. Dawes. Temo que o Sr. Warren tenha sido... ahn... – disse, apontando com a cabeça para as portas duplas. – Talvez alguém devesse ir atrás dele?

O Sr. Dawes fechou os olhos com uma expressão de dor, depois suspirou e os abriu novamente, balançando a cabeça.

– Ele ficará bem – disse, embora seu tom carecesse de verdadeira convicção. – Eu estava discutindo suprimentos e alojamento com seu major Fettes; ele pediu que o informasse que todos os preparativos foram feitos.

– Ah. Obrigado, Sr. Dawes.

A despeito da natureza perturbadora da partida do governador, teve uma sensação de prazer. Ele mesmo havia sido major durante anos; impressionante como era agradável saber que outra pessoa tinha o fardo da administração dos soldados. Tudo o que ele tinha de fazer era dar ordens.

Sendo assim, ele deu uma, embora formulada como um pedido educado, e o Sr. Dawes prontamente o conduziu pelos corredores da grande casa até uma pequena dependência perto do escritório do governador, onde mapas lhe foram fornecidos.

Grey pôde ver imediatamente que Warren estava certo em relação à natureza irregular do terreno e à trilha dos atacantes. Um dos mapas estava marcado com os nomes das fazendas e pequenas anotações indicavam onde haviam acontecido ataques de escravos fugidos. Não era de modo algum uma linha reta, mas ainda assim ficava evidente uma noção de direção.

A sala era quente e ele podia sentir o suor escorrendo por suas costas. Ainda assim, um dedo frio lhe tocou a base do pescoço quando ele viu o nome Twelvetrees no mapa.

– Quem é o dono desta fazenda? – perguntou, mantendo o volume de voz enquanto apontava para o papel.

– Como? – reagiu Dawes, que mergulhara em uma espécie de transe, olhando através das janelas para o verde da floresta. Então, piscou e levantou os óculos,

se curvando para olhar o mapa. – Ah, Twelvetrees. É propriedade de Philip Twelvetrees, um jovem que herdou o lugar de um primo recentemente. Morto em um duelo, dizem. O primo, quero dizer.

– Ah, que lamentável – disse Grey, com o peito em um aperto desagradável. Ele não precisava daquele complicador. – O primo, por acaso, se chamaria Edward Twelvetrees?

Dawes pareceu levemente surpreso.

– Acredito que fosse esse o nome. Mas não o conheci; ninguém aqui o conheceu. Era um proprietário ausente; administrava o lugar por intermédio de um supervisor.

– Entendo.

Grey queria perguntar se Philip Twelvetrees viera de Londres para tomar posse de sua herança, mas não o fez. Não queria chamar atenção parecendo selecionar a família Twelvetrees. Haveria tempo suficiente para isso. Fez mais algumas perguntas relativas ao momento dos ataques, ao que o Sr. Dawes respondeu prontamente, mas no que dizia respeito a uma explicação para as causas que levaram à rebelião, o secretário de repente deixou de ser útil; o que Grey achou interessante.

– Na verdade, senhor, não sei quase nada sobre essas questões – protestou o Sr. Dawes quando pressionado sobre o tema. – Seria melhor se o senhor falasse com o capitão Cresswell. Ele é o superintendente encarregado dos escravos fugidos.

Grey ficou surpreso.

– Escravos fugidos? Eles têm um supervisor?

– Oh! Não, senhor – disse Dawes, parecendo aliviado por ter uma questão mais objetiva com a qual lidar. – Não são escravos fugidos. Ou melhor, eles tecnicamente são escravos fugidos, mas essa é uma distinção sem sentido. Eles são descendentes de escravos que fugiram no último século e ocuparam as terras altas das montanhas. Têm assentamentos lá em cima. Mas não há como identificar um dono atual...

E como o governo carecia de meios para localizá-los e arrastá-los de volta, a Coroa sabiamente nomeara um superintendente branco, como era habitual no trato com populações nativas. O trabalho do superintendente era ficar em contato com os fugidos e cuidar de qualquer questão que surgisse e pudesse dizer respeito a eles.

Isso levantava uma questão, pensou Grey: por que aquele capitão Cresswell não havia sido levado imediatamente para um encontro com ele? Grey comunicara sua chegada assim que o navio atracara à luz do dia, a fim de não

apanhar Derwent Warren de surpresa.

– Onde está o capitão Cresswell neste momento? – perguntou ele, ainda educado.

O Sr. Dawes pareceu angustiado.

– Eu, ahn, temo não saber, senhor – disse, baixando os olhos por trás dos óculos. Houve um breve silêncio, durante o qual Grey pôde ouvir o canto de um pássaro na selva próxima.

– Onde ele normalmente fica? – perguntou Grey, ligeiramente menos educado. Dawes piscou.

– Não sei, senhor. Acredito que ele tenha uma casa perto do desfiladeiro Guthrie; há uma pequena aldeia lá. Mas ele, claro, sobe até os assentamentos escravos de tempos em tempos para se encontrar com os... – Dawes vacilou, agitando uma mão pequena e gorda, tentando encontrar uma palavra adequada, até se decidir. – Chefes. Ele comprou um chapéu novo em Spanish Town no começo deste mês – acrescentou, com o tom de alguém que fazia uma observação útil.

– Um chapéu?

– Sim. Ah, mas é claro que o senhor não teria como saber... É costume entre os escravos fugidos, no momento de fazer um acordo importante, que as pessoas ao fechar o acordo troquem chapéus. Então, como vê...

– Sim, eu vejo – disse Grey, tentando não deixar sua voz transparecer o aborrecimento. – Poderia fazer a gentileza, Sr. Dawes, de enviar alguém ao desfiladeiro Guthrie, ou a qualquer outro lugar onde ache que o capitão Cresswell poderia ser encontrado? Preciso falar com ele o mais rapidamente possível.

Dawes assentiu de maneira vigorosa, mas, antes que pudesse falar, o som vibrante de um pequeno gongo subiu de algum ponto da casa. Como se fosse um sinal, e o estômago de Grey roncou alto.

– Jantar em meia hora – anunciou o Sr. Dawes, parecendo mais alegre do que Grey o vira até então. Ele quase passou correndo pela porta, com Grey atrás.

– Sr. Dawes – disse ele, o alcançando no alto das escadas. – O governador Warren. Acha que ele...

– Ah, ele estará presente no jantar – garantiu Dawes. – Estou certo de que já se recuperou; esses pequenos surtos de excitação nunca duram muito.

– O que os provoca?

Um cheiro saboroso, com passas, cebola e especiarias subiu pela escadaria, fazendo Grey apressar o passo.

– Ah... – disse Dawes, se apressando com ele e o olhando de lado. – Não é nada. É só que Sua Excelência tem um... ahn, fascínio mórbido em relação a répteis. Viu uma cobra na sala de visitas ou ouviu algo em relação a alguma?

– De fato, sim, embora uma particularmente pequena e inofensiva.

Grey ficou pensando vagamente no que teria acontecido à cobrinha amarela. Provavelmente a soltara na agitação da saída abrupta do governador e esperava que não a tivesse machucado.

O Sr. Dawes pareceu perturbado e murmurou algo que soou como “Ora, veja; ora, veja”, mas simplesmente balançou a cabeça e suspirou.

Grey seguiu para seu quarto, a fim de se refrescar antes do jantar; o dia estava quente e ele cheirava muito a navio – algo composto em partes iguais de suor, enjoo e esgoto, bem marinado em água salgada – e cavalo, tendo cavalgado do porto até Spanish Town. Com alguma sorte, seu valete teria roupas limpas para ele àquela altura.

A King’s House, como eram conhecidas todas as residências dos governadores reais, era uma mansão em ruínas, fincada em terreno elevado nos limites de Spanish Town. Havia planos de se construir um imenso prédio novo ao estilo de Palladio no centro da cidade, mas se passaria pelo menos mais um ano antes de a obra começar. Enquanto isso, haviam sido feitos esforços para aumentar a dignidade de Sua Majestade com o uso de cera de abelhas, prata e toalhas imaculadas, mas o papel de parede sujo descolava dos cantos dos aposentos e a madeira escurecida abaixo exalava um cheiro de mofo que fazia Grey querer ficar de pé sempre que entrava.

Contudo, uma característica boa da casa era ser cercada dos quatro lados por um terraço amplo e protegida por grandes árvores esparsas, que lançavam sombras rendadas sobre as pedras do piso. Alguns dos aposentos davam diretamente para o terraço, como o de Grey, de modo que era possível sair e respirar ar puro perfumado pelo mar distante ou as selvas altas igualmente distantes. Não havia sinal de seu valete, mas havia uma camisa limpa na cama. Ele retirou o casaco, trocou de camisa e então escancarou as portas duplas.

Ficou por um momento no centro do quarto, o sol do meio da tarde passando pelas portas abertas, desfrutando da sensação de uma superfície sólida sob seus pés após sete semanas no mar e sete horas a cavalo. Grey desfrutava ainda mais da sensação passageira de estar só. O comando tinha seu preço, e parte dele era uma perda quase total da solidão. Portanto, ele a agarrava quando conseguia, sabendo que não duraria mais que alguns momentos, mas a valorizando ainda mais por isso.

Certamente não durou mais que dois minutos dessa vez. Após ouvir uma batida no batente da porta, falou “Entre” e, se virando, foi atingido por uma sensação de atração visceral como não experimentara em meses.

O homem era jovem, talvez 20 anos, e esbelto, mas com ombros largos que indicavam força, e cabeça e pescoço que poderiam estar em uma escultura grega. Talvez por causa do calor, não vestia peruca e seus cabelos crespos estavam cortados tão baixos que ficava aparente a bela modelagem de seu crânio.

– Seu servo, senhor – disse ele a Grey, se curvando respeitosamente. – O governador manda seus cumprimentos e o jantar será servido em dez minutos. Posso conduzi-lo à sala de jantar?

– Pode – disse Grey, esticando a mão com pressa na direção do casaco. Ele não duvidava de que conseguiria achar a sala de jantar sem ajuda, mas a oportunidade de ver aquele jovem caminhar...

– Pode assim que eu arrumar o cabelo de sua senhoria – corrigiu Tom Byrd, entrando com as mãos cheias de instrumentos de limpeza e fitando Grey com um olhar ameaçador. – O senhor não irá jantar assim, meu senhor, nem pense. Sente-se ali.

Tom apontou secamente para um banco e o tenente-coronel Grey, comandante das forças de Sua Majestade na Jamaica, obedeceu humildemente às determinações de seu valete de 19 anos. Ele nem sempre dava rédea solta a Tom, mas naquelas circunstâncias ficou contente por ter uma desculpa para ficar sentado quieto na companhia do jovem empregado negro.

Tom colocou todos os seus instrumentos organizadamente na penteadeira – um par de escovas de cabelo de prata, uma caixa de pó, um par de pinças de cachear – com o cuidado e a atenção de um cirurgião dispondo suas facas e serras. Escolhendo uma escova, ele se inclinou, olhando para a cabeça de Grey, e então engasgou.

– Meu senhor! Há uma aranha enorme subindo por sua têmpora!

Grey bateu na têmpora por reflexo e a aranha em questão – uma coisa marrom claramente visível com pouco mais de 1 cm de comprimento – subiu no ar, batendo no espelho com um ruído audível antes de cair na superfície da penteadeira e correr para salvar a vida.

Tom e o empregado negro deram gritos de horror idênticos e avançaram na direção da criatura, se chocando diante da penteadeira e caindo em uma pilha agitada. Grey, contendo uma vontade quase irresistível de rir, passou por cima deles e mandou a aranha em fuga para longe com as costas da outra escova.

Ele colocou Tom de pé e o limpou, permitindo que o empregado negro se

levantasse sozinho. Também dispensou todas as desculpas, mas perguntou se a aranha era mortal.

– Ah, sim, senhor – garantiu fervorosamente o empregado. – Se uma dessas o morder, senhor, sentirá dores excruciantes imediatamente. A carne ao redor do ferimento apodrece, o senhor começa a ter febre em uma hora e, muito provavelmente, não vive até o amanhecer.

– Ah, entendo – disse Grey suavemente, sua pele arrepiando. – Bem, então, você se importaria de tomar conta do quarto enquanto Tom faz seu trabalho? Caso tais aranhas andem em companhia?

Grey se sentou e deixou Tom escovar e alisar seus cabelos, olhando para o jovem enquanto ele vasculhava cuidadosamente sob a cama e a penteadeira, puxava a arca de Grey, levantava as cortinas e as sacudia.

– Qual seu nome? – perguntou ao jovem, percebendo que os dedos de Tom tremiam muito e esperando distraí-lo do pensamento na vida selvagem hostil de que a Jamaica sem dúvida estava repleta. Tom era destemido nas ruas de Londres e inteiramente disposto a encarar cães ferozes ou cavalos espumando. Mas aranhas eram algo muito diferente.

– Rodrigo, senhor – disse o jovem, parando de balançar as cortinas para se curvar. – Seu servo, senhor.

Parecia totalmente à vontade na companhia deles e conversou sobre a cidade, o clima – previu com segurança chuva à noite, por volta das dez horas –, levando Grey a pensar que ele provavelmente havia sido empregado de boas famílias por algum tempo. Seria um escravo ou um homem livre?

Ele garantiu que a admiração que sentia por Rodrigo era a mesma que teria por uma escultura maravilhosa, uma pintura elegante. De fato, um de seus amigos tinha uma coleção de ânforas gregas decoradas com cenas que davam a ele o mesmo tipo de sensação. Grey se ajeitou levemente no assento, cruzando as pernas. Logo iria jantar. Decidiu pensar em grandes aranhas peludas, e estava fazendo algum progresso no tema quando algo enorme e preto caiu pela chaminé e saiu apressado da lareira sem utilização.

Todos os três homens gritaram e se colocaram de pé, batendo os pés loucamente. Dessa vez foi Rodrigo quem derrubou o invasor, o esmagando sob um sapato pesado.

– Que diabo foi isso? – perguntou Grey, se curvando para olhar para a coisa, que tinha quase 8 cm de comprimento, era preta reluzente e ligeiramente ovoide, com horrendas antenas compridas se movendo.

– Apenas uma barata, senhor – garantiu Rodrigo, limpando o suor da testa

ébano com a mão. – Elas não lhe farão mal, mas são desagradáveis. Se sobem em sua cama, se alimentam em suas sobancelhas.

Tom deu um gritinho abafado. A barata, longe de ter sido destruída, havia sido apenas incomodada pelo sapato de Rodrigo. Estava esticando pernas espinhosas, se erguendo e cuidando da vida, embora em um ritmo mais lento. Grey, com os pelos dos braços arrepiados, pegou a pá de cinzas entre as ferramentas da lareira e, colhendo o inseto com a lâmina, abriu a porta e lançou a criatura nojenta o mais longe que conseguiu, o que, levando em conta seu estado de espírito, foi uma distância considerável.

Tom estava pálido como creme quando Grey retornou, mas pegou o casaco do empregador com mãos trêmulas. Contudo, o derrubou, e murmurando desculpas se inclinou para pegá-lo novamente, antes de dar um guincho sufocado, soltá-lo e correr para trás, batendo na parede com tanta força que Grey ouviu madeira e gesso se partindo.

– Que diabo? – disse, se curvando e esticando a mão cuidadosamente na direção do casaco caído.

– Não toque, senhor! – gritou Tom, mas Grey vira qual era o problema: uma pequena cobra amarela deslizou para fora das dobras carmim, a cabeça se virando de um lado para outro com curiosidade.

– Bem, olá – disse, esticando a mão e, como antes, a cobrinha provou sua pele com uma língua rápida e depois subiu para a palma da mão. Ele se levantou, a embalando com cuidado.

Tom e Rodrigo estavam de pé como homens de pedra, olhando para ele.

– Ela é inofensiva – garantiu a eles. – Pelo menos acho que é. Deve ter caído em meu bolso mais cedo.

Rodrigo estava recuperando o equilíbrio. Ele avançou e olhou para a cobra, mas recusou uma oferta de tocá-la, levando as duas mãos firmemente às costas.

– A cobra gosta do senhor – disse ele, olhando com curiosidade da cobra para o rosto de Grey, como se tentando descobrir uma razão para aquela estranha particularidade.

– Possivelmente.

A cobra se movera e se enrolara em dois dos dedos de Grey, apertando-os com força impressionante.

– Por outro lado, acredito que ela possa estar tentando me matar. Sabe qual seria o alimento natural dela?

Rodrigo riu disso, exibindo belos dentes brancos, e Grey teve uma visão daqueles dentes, aqueles macios lábios de amora, aplicados a... ele tossiu com

força e desviou o olhar.

– Ela come qualquer coisa que não tente comê-la primeiro, senhor – garantiu Rodrigo. – Foi provavelmente o ruído da barata o que a fez sair. Ela caça.

– Que cobra admirável. Será que conseguiríamos encontrar algo para ela comer? Quero dizer, para encorajá-la a ficar?

O rosto de Tom sugeriu fortemente que se a cobra ficasse ele não ficaria. Por outro lado... Olhou para a porta, por onde a barata havia saído, e estremeceu. Com grande relutância, enfiou a mão no bolso e tirou um pãozinho bastante amassado, com presunto e pickles.

Com o objeto colocado no chão diante dela, a cobra o inspecionou cuidadosamente, ignorou pão e pickles, mas, se enrolando cuidadosamente em um pedaço de presunto, o esmagou ferozmente até que ficasse triturado, e então, abrindo a boca até um tamanho impressionante, engoliu sua presa, sob aplausos gerais. Até Tom bateu palmas, e, embora não empolgado com a sugestão de Grey de que a cobra fosse acomodada no espaço escuro sob a cama a fim de preservar suas sobranceiras, também não fez objeções ao plano. Com a cobra sendo cerimoniosamente instalada e deixada a digerir sua refeição, Grey estava prestes a fazer a Rodrigo mais perguntas sobre a fauna natural da ilha, mas foi impedido pelo som leve de um gongo distante.

– Jantar! – exclamou ele, pegando seu casaco.

– Meu senhor! Seus cabelos sequer foram empoados!

Grey se recusou a colocar uma peruca, para desalento de Tom, mas concordou em se submeter ao pó. Com sua toalete concluída apressadamente, ele se enfiou no casaco e fugiu antes que Tom pudesse sugerir outros refinamentos em sua aparência.

O governador apareceu, como o Sr. Dawes previra, calmo e digno à mesa do jantar. Todos os sinais de suor, histeria e embriaguez haviam desaparecido, e, além de um rápido pedido de desculpas pelo seu desaparecimento repentino não houve qualquer referência à sua saída mais cedo.

O major Fettes e o assistente de Grey, capitão Cherry, também estavam à mesa. Um olhar rápido para eles garantiu a Grey que tudo estava bem com a tropa. Fettes e Cherry não podiam ser mais diferentes fisicamente; o último lembrando uma doninha e o primeiro, um bloco de madeira, mas ambos eram extremamente competentes e estimados pelos homens.

Houve pouca conversa inicialmente; os três soldados haviam passado semanas comendo biscoitos de marinheiro e carne salgada. Dedicaram-se ao banquete

diante deles como formigas presenteadas com um pedaço de pão; a magnitude do desafio não teve efeito sobre sua sincera disposição. Porém, à medida que a voracidade aos pratos desacelerava, Grey começou a instigar conversas; uma prerrogativa sua como convidado principal e oficial comandante.

– O Sr. Dawes me explicou a posição de superintendente – disse, mantendo sua postura superficialmente simpática. – Há quanto tempo o capitão Cresswell ocupa essa posição, senhor?

– Aproximadamente seis meses, coronel – respondeu o governador, limpando migalhas do lábio com um guardanapo de linho. O governador estava bem composto, mas Grey espiava Dawes com o canto do olho e achou que o secretário ficara um pouco tenso. O que era interessante; ele deveria ficar novamente sozinho com Dawes e discutir mais longamente essa questão de superintendentes.

– E havia um superintendente antes do capitão Cresswell?

– Sim... Na verdade houve dois, não é mesmo, Sr. Dawes?

– Sim, senhor. O capitão Ludgate e o capitão Perriman – informou Dawes, que assiduamente evitava os olhos de Grey.

– Gostaria muito de falar com esses cavalheiros – disse Grey de forma simpática.

Dawes deu um pulo como se alguém houvesse enfiado um alfinete de chapéu em seu traseiro. O governador terminou de mastigar uma uva, engoliu e disse:

– Lamento, coronel. Tanto Ludgate quanto Perriman deixaram King's Town.

– Por quê? – perguntou Fettes secamente. O governador não esperava por isso, e piscou.

– Creio que o major Fettes deseje saber se eles foram substituídos em seus postos por causa de desvio de recursos ou corrupção – disse Bob Cherry simpaticamente. – E se esse foi o caso, eles foram autorizados a deixar a ilha em vez de enfrentar um processo? E nesse caso...

– Por quê? – repetiu Fettes secamente.

Grey reprimiu um sorriso. Se houvesse paz em grande escala, e uma carreira no Exército não fosse mais possível para eles, Fettes e Cherry poderiam facilmente ganhar a vida no teatro com um número de bate-boca. Como interrogadores, eles podiam levar quase qualquer suspeito a incoerência, confusão e confissão.

Porém, o governador Warren parecia ser feito de um material mais resistente que o malfeitor de regimento comum. Ou isso ou ele não tinha nada a esconder, pensou Grey, observando-o explicar com uma paciência cansada que Ludgate se

aposentara por problemas de saúde e Perriman herdara algum dinheiro e retornara à Inglaterra.

Não, pensou ele, vendo a mão do governador se contorcer e pairar indecisa sobre a tigela de frutas. Ele tem algo a esconder. Assim como Dawes. Será a mesma coisa? E terá algo a ver com os problemas atuais?

O governador poderia facilmente estar escondendo seus próprios desvios de verba ou corrupção, e provavelmente estava, pensou Grey com calma, vendo a exagerada exibição de prataria no aparador. Essa corrupção, dentro de certos limites, era considerada mais ou menos inerente ao cargo. Mas, se fosse o caso, não era problema de Grey, a não ser que estivesse de alguma forma relacionada aos escravos fugidos e sua rebelião.

Por mais divertido que fosse ver Fettes e Cherry trabalhando, ele os cortou com um gesto seco de cabeça e devolveu a conversa ao tema da rebelião.

– Qual comunicação recebeu dos rebeldes, senhor? – perguntou ele ao governador. – Pois acho que nesses casos a rebelião normalmente é fruto de alguma fonte clara de revolta. Qual é ela?

Warren olhou para ele, queixo caído. Fechou a boca lentamente e refletiu um momento antes de responder. Grey ficou pensando que ele devia estar avaliando o quanto Grey poderia descobrir por outros caminhos.

Tudo o que eu puder, pensou Grey, adotando uma expressão de interesse neutro.

– Bem, quanto a isso, senhor... O incidente que iniciou as... ahn... dificuldades... foi a prisão de dois jovens fugidos, acusados de roubar um armazém em King's Town. Os dois haviam sido açoitados na praça da cidade e levados à prisão, depois do que...

– Após um julgamento? – interrompeu Grey. O olhar do governador pousou nele, avermelhado, mas sereno.

– Não, coronel. Eles não tinham direito a um julgamento.

– Mandou que fossem açoitados e presos com base na palavra de... quem? O comerciante afrontado?

Warren recuou um pouco e ergueu o queixo. Grey viu que havia feito a barba, mas uma área de pelos havia sido negligenciada; aparecia na bochecha como uma imperfeição, uma mancha peluda.

– Eu não fiz isso, senhor – disse ele friamente. – A sentença foi imposta pelo magistrado em King's Town.

– Que é?

Dawes havia fechado os olhos com uma pequena careta.

– Juiz Samuel Peters.

Grey agradeceu.

– O capitão Cherry irá visitar o Sr. Peters amanhã – disse ele, simpático. – E também os prisioneiros. Imagino que ainda estejam sob custódia.

– Não, não estão – disse o Sr. Dawes, de repente emergindo de seu disfarce de arganaz. – Eles fugiram uma semana depois da prisão.

O governador olhou rapidamente, irritado, para seu secretário, mas assentiu com relutância. Com um pouco mais de estímulo foi admitido que os fugidos haviam enviado, por intermédio do capitão Cresswell, um protesto contra o tratamento dispensado aos prisioneiros. Mas, tendo os prisioneiros escapado antes do recebimento do protesto, não parecera necessário fazer algo em relação a ele.

Grey pensou um pouco em qual patrono conseguira a posição para Warren, mas deixou isso de lado em benefício de mais investigações. Foi dito a ele que a primeira violência se deu sem aviso prévio, com a queima de canaviais em uma fazenda isolada. A notícia chegou a Spanish Town vários dias depois, quando outra fazenda sofrera depredação semelhante.

– O capitão Cresswell foi imediatamente investigar o caso, claro – disse Warren, lábios apertados.

– E?

– Ele não voltou. Os fugidos não exigiram resgate por ele, nem deram notícia de que estaria morto. Ele pode estar com eles; ou não. Simplesmente não sabemos.

Grey não conseguiu evitar olhar para Dawes, que parecia angustiado, mas deu de ombros levemente. Não cabia a ele contar mais do que o governador queria que fosse contado, cabia?

– Deixe-me entender, senhor – disse Grey, não se preocupando em disfarçar a irritação na voz. – O senhor não se comunicou com os rebeldes desde o protesto inicial? E não tomou nenhuma atitude para conseguir isso?

Warren pareceu ficar um pouco irritado, mas retrucou em tom sereno.

– Na verdade, coronel, eu tomei. Mandeí chamar o senhor – disse ele, sorrindo muito levemente, e estendendo a mão na direção do decantador.

O ar da noite pairava úmido e denso, reverberando com trovões distantes. Não conseguindo mais suportar a pressão sufocante de seu uniforme, Grey o arrancou, sem esperar o auxílio de Tom, e ficou nu de pé no centro do quarto, de olhos fechados, desfrutando do toque do ar do terraço em sua pele despida.

Havia algo marcante no ar. Embora quente, e, mesmo em ambiente fechado, tinha um toque sedoso que remetia a mar e água azul-clara. Ele não podia ver a água de seu quarto; mesmo que ela fosse visível de Spanish Town, seu quarto era virado para uma encosta coberta de selva. Mas podia senti-la, e teve um anseio súbito de atravessar a espuma e submergir no limpo frescor do oceano. O sol quase se pusera e os gritos dos papagaios e outros pássaros se tornavam intermitentes.

Ele espiou sob a cama, mas não viu a cobra. Talvez estivesse mais ao fundo, nas sombras; talvez tivesse saído em busca de mais presunto. Ele se levantou, se espreguiçou prazerosamente, depois se sacudiu e ficou de pé, piscando, se sentindo idiota de tanto vinho e comida e falta de sono – ele mal dormira três horas nas 24 anteriores, com a chegada, o desembarque e a viagem até King’s House.

Sua mente parecia ter desertado por um momento; não importava, ela voltaria logo. Mas, enquanto isso, sua fuga deixara seu corpo no comando; nada responsável pelos acontecimentos.

Ele se sentia exausto, porém inquieto, e ficou coçando preguiçosamente o peito. Os ferimentos ali estavam totalmente curados, vergões róseos levemente elevados sob seus dedos, atravessando sob os pelos louros. Um passara a menos de três centímetros de seu mamilo esquerdo; tivera sorte de não perdê-lo.

Havia uma enorme pilha de gaze sobre sua cama. Devia ser o mosquiteiro descrito a ele durante o jantar pelo Sr. Dawes, um aparato drapejado concebido para cercar toda a cama, protegendo assim seu ocupante dos ataques de insetos sedentos de sangue.

Ele passara algum tempo depois do jantar com Fettes e Cherry fazendo planos para o dia seguinte. Cherry visitaria o Sr. Peters e conseguiria detalhes dos fugitivos que haviam sido capturados. Fettes enviaria homens a King’s Town em busca do paradeiro do aposentado Sr. Ludgate, antigo superintendente; se pudesse ser encontrado, Grey gostaria de conhecer a opinião desse cavalheiro sobre seu sucessor. Quanto a esse sucessor... se Dawes não conseguisse descobrir o capitão Cresswell até o final de amanhã... Grey bocejou involuntariamente e depois sacudiu a cabeça, piscando. Chega.

Os soldados já estariam todos instalados naquele momento, alguns tendo conseguido o primeiro momento de liberdade em meses. Ele deu uma espiada no pequeno maço de mapas e relatórios que recebera do Sr. Dawes mais cedo, mas aquilo podia esperar até a manhã, quando teria mais luz. Pensaria melhor após uma boa noite de sono.

Grey se apoiou no batente da porta aberta, após uma olhada rápida para o terraço ter mostrado que os quartos próximos pareciam desocupados. Nuvens começavam a vir do mar e ele se lembrou do que Rodrigo dissera sobre a chuva à noite. Achou que talvez pudesse sentir um leve frescor no ar, fosse de chuva ou da noite que chegava, e os pelos de seu corpo se arrepiaram.

Dali ele não conseguia ver nada além do verde profundo de uma encosta tomada pela selva, brilhando como uma esmeralda sombria ao crepúsculo. Mas do outro lado da casa ele vira, ao sair do jantar, Spanish Town se espalhando abaixo, um quebra-cabeça de ruas estreitas e perfumadas. As tavernas e os bordéis estariam fazendo grandes negócios naquela noite, ponderou.

Esse pensamento trouxe junto um raro sentimento de algo que não era exatamente ressentimento. Qualquer um dos soldados que ele trouxera, do mais baixo soldado raso ao próprio Fettes, podia entrar em qualquer bordel de Spanish Town – e havia muitos, Cherry contara – e aliviar o estresse causado por uma longa viagem, sem provocar qualquer comentário nem mesmo atrair a menor atenção. Não ele.

Sua mão baixara enquanto contemplava a luz morrer, preguiçosamente massageando sua carne. Havia acomodações para homens como ele em Londres, mas muitos anos haviam se passado desde que recorrera a um lugar assim.

Ele perdera um amante para a morte, outro para a traição. O terceiro... Seus lábios se contraíram. Seria possível chamar de amante um homem que nunca tocava você – que se recolhia com a simples ideia de tocá-lo? Não. Mas ao mesmo tempo, como chamar um homem cuja mente tocava a sua, cuja amizade constrangida era um presente, cujo caráter, cuja própria existência, ajudava a definir a sua própria?

Pela primeira vez, e certamente não pela última, ele desejou que Jamie Fraser estivesse morto. Mas era um desejo automático, imediatamente afastado da mente. A cor da selva se tornara cinzenta e insetos começavam a zumbir pelos seus ouvidos.

Ele entrou e começou a arrumar as dobras da gaze em sua cama, até Tom entrar para tomar a tarefa para si, pendurar a rede de mosquitos e prepará-lo para a noite.

Grey não conseguiu dormir. Fosse a refeição pesada, o lugar estranho ou simplesmente a preocupação com seu comando novo e até então desconhecido, sua mente se recusou a se acomodar, e da mesma forma seu corpo. Mas ele não perdeu tempo se revirando inutilmente; levava vários livros. Ler um pouco de *The story of Tom Jones, A foundling* iria distrair sua mente e deixar o sono tomar

conta dele.

As portas francesas estavam cobertas por cortinas, mas a lua estava quase cheia, e havia luz suficiente para encontrar castiçal, pederneira e vela. A vela era de cera de abelha de qualidade, e a chama se ergueu pura e brilhante; instantaneamente atraiu uma pequena nuvem de moscas, mosquitos e pequenas mariposas inquisitivas. Ele a pegou, pretendendo levá-la para cama consigo, mas mudou de ideia.

Era preferível ser mordido por mosquitos ou incinerado? Grey refletiu sobre isso por três segundos, então recolocou a vela acesa na escrivaninha. A rede de gaze queimaria em um piscar de olhos se a vela caísse na cama.

Ainda assim, ele não precisava enfrentar a morte por hemorragia ou ficar coberto de calombos coçando, simplesmente porque seu valete não gostava do cheiro de gordura de urso. De qualquer forma, ele não iria se enfiar em roupas. Arrancou a camisola e se ajoelhou para vasculhar sua arca, olhando culpado por cima do ombro. Mas Tom estava seguramente escondido em algum lugar no sótão ou em prédios anexos à King's House, e quase certamente dormindo pesado. Tom sofrera muito com enjoos e a viagem havia sido difícil para ele.

O calor das Índias também não fizera nenhum bem à gordura de urso; a banha rançosa quase superava o cheiro do hortelã e das outras ervas misturadas a ela. Ainda assim, raciocinou, se era repulsiva a ele, quanto mais aos mosquitos? Então a esfregou em toda a pele que conseguiu alcançar. A despeito do fedor, ele não a achou desagradável. Havia suficiente do cheiro original para lembrar a ele de como usara a coisa no Canadá. Suficiente para fazê-lo recordar de Manoke, que a dera. Manoke untou-o com a gordura em uma noite azul e fresca em uma ilha de areia deserta no rio St. Lawrence.

Ao terminar, ele pousou a lata e tocou seu cacete, que subia. Não achava que veria Manoke novamente. Mas se lembrava dele. Vividamente.

Um pouco depois, estava deitado arfando na cama sob o mosquiteiro, o coração batendo lentamente em contraponto aos ecos de sua carne. Abriu os olhos, se sentindo agradavelmente relaxado, a cabeça finalmente clara. O quarto estava fechado; os empregados haviam fechado as janelas, claro, para deixar de fora o perigoso ar da noite, e suor cobria seu corpo, mas ele se sentia preguiçoso demais para se levantar e abrir as portas que davam para o terraço; faria isso em um momento.

Fechou os olhos novamente – e então os abriu de repente e saltou da cama, procurando o punhal que colocara na mesa. O empregado Rodrigo estava colado na porta, o branco dos olhos se destacando no rosto negro.

– O que você quer? – perguntou Grey baixando o punhal, mas ainda com a mão sobre ele, o coração acelerado.

– Tenho uma mensagem para o senhor – disse o jovem. Ele engoliu audivelmente.

– Sim? Venha para a luz, onde possa vê-lo.

Grey pegou seu roupão e o vestiu, ainda de olho no homem.

Rodrigo desgrudou da porta com evidente relutância, mas fora lá para dizer algo, e iria dizer. Avançou para o círculo fraco da luz da vela, as mãos ao lado do corpo, agarrando ar nervosamente.

– Senhor, sabe o que é um *Obeah-man*?

– Não.

Aquilo claramente desconcertou Rodrigo. Ele piscou, torceu os lábios, obviamente sem saber como descrever sua entidade. Finalmente, deu de ombros, desamparado, e desistiu.

– Ele avisa para ter cuidado.

– Mesmo? – disse Grey secamente. – Com algo específico?

Aquilo pareceu ajudar; Rodrigo assentiu vigorosamente.

– Não fique perto do governador. Fique longe, o máximo que puder. Ele vai... Quero dizer... Algo ruim pode acontecer. Logo. Ele...

O empregado parou de repente, aparentemente se dando conta de que poderia ser demitido, ou algo pior, por falar do governador daquela forma relaxada. Mas Grey estava mais do que curioso e se sentou, gesticulando para que Rodrigo pegasse o banco, o que ele fez com óbvia relutância.

O que quer que fosse *Obeah-man*, pensou Grey, claramente tinha considerável poder para forçar Rodrigo a fazer algo que ele evidentemente não queria. O rosto do jovem brilhava de suor e suas mãos agarravam o tecido do casaco sem que se desse conta.

– Conte-me o que o *Obeah-man* disse – pediu Grey, se inclinando para frente, atento. – Prometo que não contarei a ninguém.

Rodrigo engoliu em seco, mas concordou. Baixou a cabeça, olhando para a mesa como se fosse encontrar as palavras certas escritas nos veios da madeira.

– Zumbi – murmurou ele, quase inaudível. – O zumbi vem atrás dele. Atrás do governador.

Grey não tinha ideia do que poderia ser um zumbi, mas a palavra foi dita em um tom capaz de arrepiar sua pele, repentino como um raio distante.

– Zumbi – disse ele cuidadosamente. Pensando na reação do governador mais cedo, ele perguntou: – Um zumbi seria talvez alguma espécie de cobra?

Rodrigo engasgou, mas então pareceu relaxar um pouco.

– Não, senhor – disse ele, sério. – Zumbis são pessoas mortas.

Ele então se levantou, fez uma mesura abrupta e saiu, tendo transmitido a mensagem.

Previsivelmente, Grey não adormeceu logo após aquela visita.

Tendo encontrado bruxas alemãs e fantasmas indianos, e passado um ano ou dois nas Highlands escocesas, ele conhecia superstições pitorescas melhor que a maioria. Embora não tendesse a dar crédito instantâneo a costumes e crenças locais, também não tendia a descartá-las de imediato. A crença levava as pessoas a fazer coisas que de outro modo elas não fariam e, tivesse a crença substância ou não, as consequentes ações certamente tinham.

Deixando de lado *Obeah-men* e zumbis, claramente havia alguma ameaça ao governador Warren; e ele achava que o governador sabia o que era.

Mas quão urgente era a ameaça? Grey apagou a chama da vela com os dedos e ficou sentado na escuridão por algum tempo, deixando os olhos se acostumarem, depois se levantou e foi suavemente até as portas duplas pelas quais Rodrigo desaparecera.

Os quartos de hóspedes da King's House não passavam de uma sequência de caixas, todas voltadas para o terraço comprido, e abrindo diretamente para ele por portas envidraçadas duplas. Elas haviam sido cobertas com cortinas para a noite, compridas pregas de calicó de algodão puxadas sobre elas. Ele parou um instante, mão no tecido; se alguém estivesse vigiando seu quarto veria a cortina ser puxada de lado.

Em vez disso, ele se virou e foi para a porta interna do quarto. Ela dava para um estreito corredor de serviço, naquele momento totalmente às escuras e vazio, confiava em seus sentidos. Fechou a porta de maneira silenciosa. Pensou que seria interessante se Rodrigo tivesse ido para a porta da frente, por assim dizer; dessa forma poderia ter se aproximado de Grey sem ser visto.

Mas ele dissera que o *Obeah-man* o mandara. Ele claramente queria que fosse visto que havia obedecido à ordem. O que por sua vez significava que alguém provavelmente observava para confirmar isso.

A conclusão lógica seria que o mesmo alguém, ou alguéms, observava para descobrir o que Grey faria a seguir.

Seu corpo já chegara às suas próprias conclusões, e estava pegando calças e camisa antes mesmo de decidir que, se algo estivesse prestes a acontecer a Warren, claramente era seu dever impedir, com ou sem zumbis. Passou pelas

portas duplas para o terraço, movendo-se claramente.

Havia um soldado de infantaria em posição nas duas extremidades do terraço, como ele esperara; Robert Cherry era bastante meticoloso. Por outro lado, os malditos sentinelas obviamente não haviam visto Rodrigo entrar em seu quarto, e ele não estava nada satisfeito com isso. Mas recriminações podiam esperar; o sentinela mais próximo o viu e desafiou com um rude “Quem vem lá?”.

– Sou eu – disse Grey secamente e, sem cerimônia, enviou o sentinela com ordem de alertar os outros soldados dispostos ao redor da casa e depois enviar dois soldados para dentro, onde deveriam esperar no saguão até serem chamados.

O próprio Grey voltou para o quarto pela porta de dentro, seguindo pelo escuro corredor de serviço. Descobriu um empregado negro cochilando atrás de uma porta na extremidade, cuidando do fogo sob a fila de enormes recipientes de cobre que forneciam água quente à casa.

O homem piscou e ficou olhando quando sacudido, mas acabou assentindo em resposta ao pedido de Grey de ser levado aos aposentos do governador, e o conduziu até a ala principal da casa, subindo uma escada escura iluminada apenas pela luz da lua que penetrava pelas janelas altas. Tudo estava silencioso no andar de cima, a não ser pelo ronco baixo e regular que vinha do que o escravo disse ser o quarto do governador.

O homem estava cambaleando de cansaço; Grey o dispensou com ordens de deixar entrar os soldados que no momento deveriam estar à porta e mandá-los para cima. O homem deu um enorme bocejo e Grey o viu cambalear ao descer a escada até o breu do saguão abaixo, esperando que ele não caísse e quebrasse o pescoço. A casa estava muito silenciosa. Grey estava começando a se sentir um tanto tolo. Ainda assim...

A casa parecia respirar ao redor dele, quase como se fosse algo consciente e atento. Achou a fantasia perturbadora.

Ficou pensando se deveria acordar Warren. Alertá-lo. Questioná-lo. Não, decidiu. Não fazia sentido perturbar o descanso do homem. As perguntas poderiam esperar até a manhã.

O som de pés subindo as escadas eliminou sua sensação de desconforto e ele deu suas ordens em voz baixa. Os sentinelas deveriam montar guarda junto à porta até serem rendidos pela manhã; a qualquer som de tumulto do lado de dentro, deveriam entrar imediatamente. Do contrário...

– Fiquem alertas. Caso vejam ou ouçam qualquer coisa, quero ser informado.

Ele parou, mas Warren continuou a roncar, então deu de ombros e desceu as

escadas, saindo para a noite sedosa e de volta a seu próprio quarto.

Sentiu o cheiro primeiro. Por um instante achou que tinha deixado a lata de unguento de banha de urso destampada; então o fedor de podridão adocicada o pegou pela garganta, seguido instantaneamente por um par de mãos que saiu do escuro e lhe agarrou o pescoço.

Grey reagiu com pânico cego, golpeando e chutando furiosamente, mas o aperto em sua traqueia não diminuiu e luzes brilhantes começaram a cintilar na periferia do que seria sua visão caso ele tivesse uma. Com uma força de vontade tremenda, ele se obrigou a relaxar. O peso repentino surpreendeu seu agressor e Grey se libertou do aperto na garganta enquanto escorregava. Caiu no chão e rolou.

Maldito inferno, onde estava o homem? Isso se era um homem. Pois ao mesmo tempo em que sua mente buscava apelar à razão, suas faculdades mais viscerais recordavam a declaração de Rodrigo antes de partir: “Zumbis são pessoas mortas, senhor.” E o que quer que estivesse ali no escuro com ele parecia estar morto há vários dias, a julgar pelo cheiro.

Grey podia ouvir o arrastar de algo que se movia silenciosamente em sua direção. Estaria respirando? Ele não podia dizer, por causa de sua própria respiração, rascante na garganta, e do martelar sanguíneo de seu coração nos ouvidos.

Ele estava deitado ao pé de uma parede, as pernas parcialmente sob o banco da penteadeira. Havia luz no quarto, agora que os olhos haviam se acostumado; as portas duplas eram retângulos pálidos na escuridão, e ele podia distinguir a forma da coisa que o estava caçando. Tinha forma de homem, mas estranhamente corcunda, e balançava cabeça e ombros de um lado para o outro, quase como se tentando farejá-lo. O que não demoraria mais de dois segundos, no máximo.

Ele se sentou de repente, agarrou o pequeno banco estofado e o arremessou com toda força nas pernas da coisa. Ela fez um barulho chocado de *ops!* que era inegavelmente humano e cambaleou, balançando os braços para recuperar o equilíbrio. O barulho o tranquilizou e ele se apoiou em um joelho e se lançou contra a criatura, gritando xingamentos incoerentes.

Grey a atingiu à altura do peito, sentiu-a caindo para trás, depois foi na direção da sombra onde achou que a mesa ficava. Estava lá, e tateando freneticamente sobre a superfície, encontrou seu punhal, ainda onde o deixara. Ele o pegou e se virou bem a tempo de encarar a coisa, que se aproximara dele imediatamente, fedendo e fazendo um desagradável barulho de gargarejo. Golpeou e sentiu a

faca cortar o antebraço da criatura, raspando no osso. Ela gritou, lançando um jorro de mau hálito diretamente em seu rosto, depois se virou e correu na direção das portas duplas, abrindo-as em uma chuva de vidro e algodão.

Grey correu atrás dela pelo terraço, berrando para os sentinelas. Mas os sentinelas, como ele recordou com atraso, estavam na casa principal, vigiando o governador, para que seu merecido descanso não fosse perturbado por... O que quer que aquilo fosse. Zumbi?

Fosse o que fosse, desaparecera.

Ele se sentou de repente nas pedras do terraço, trêmulo da reação. Ninguém aparecera em resposta ao barulho. Certamente ninguém podia dormir com tudo aquilo; talvez não houvesse ninguém instalado naquele lado da mansão.

Ele se sentia doente e sem fôlego, e apoiou a cabeça nos joelhos durante algum tempo antes de levantá-la para olhar ao redor, para o caso de alguém o estar espreitando. Mas a noite estava parada e agradável. O único barulho era um farfalhar agitado de folhas em uma árvore próxima, que por um momento, chocado, ele pensou que poderia ser a criatura, subindo de galho em galho em busca de refúgio. Depois ouviu trinados suaves e guinchos sibilados. Morcegos, disse a parte serenamente racional de sua mente; o que restava dela.

Respirou fundo, tentando levar ar puro aos pulmões para substituir o fedor repulsivo da criatura. Ele fora soldado a maior parte de sua vida; vira os mortos nos campos de batalha e também os cheirara. Enterrara em trincheiras camaradas caídos e queimara os corpos de seus inimigos. Sabia como era o cheiro de túmulos e carne apodrecida. E a coisa que tivera as mãos ao redor de seu pescoço quase certamente saíra de uma cova recente.

Grey tremia violentamente, a despeito do calor da noite. Esfregou a mão no braço esquerdo, dolorido da luta; havia sido ferido com gravidade ali três anos antes, em Crefeld, e quase perdera o braço. Ele funcionava, mas ainda estava bastante mais fraco do que gostaria. E, olhando, ficou chocado. Manchas escuras marcavam a manga clara de sua camisa, e, virando a mão direita, descobriu que estava molhada e viscosa.

– Jesus – murmurou, levando-a cautelosamente ao nariz. Não havia como confundir aquele cheiro, mesmo abafado pelo fedor de túmulo e o cheiro incongruente de jasmim da noite das plantas que cresciam em bacias no terraço. Começava a cair uma chuva pungente e doce, mas nem mesmo isso conseguia obliterar o cheiro.

Sangue. Sangue fresco. Não dele.

Ele retirou o resto do sangue de sua mão com a barra da camisa, e o horror frio

dos últimos minutos desapareceu em uma brasa de fúria que queimava na boca do estômago.

Grey havia sido um soldado a maior parte da vida; ele matara. Vira os mortos nos campos de batalha. E de uma coisa tinha certeza. Homens mortos não sangram.

Fettes e Cherry tinham de saber, claro. Também Tom, já que o caos em seu quarto não podia ser explicado como resultado de um pesadelo. Os quatro se reuniram no quarto de Grey, conferenciando à luz de velas enquanto Tom arrumava a bagunça, inteiramente pálido.

– Vocês já ouviram falar em zumbi ou zumbis? Não sei sequer se é plural ou singular.

Cabeças balançaram ao redor. Uma grande garrafa quadrada de um excelente *scotch* sobrevivera aos rigores da viagem no fundo de sua arca e ele serviu doses generosas dele, incluindo Tom na distribuição.

– Tom, poderia interrogar os empregados amanhã? Cautelosamente, claro. Beba isso, lhe fará bem.

– Ah, serei cuidadoso, meu senhor – garantiu Tom fervorosamente. Tomou um gole obediente do uísque antes que Grey pudesse alertá-lo. Seus olhos se arregalaram e ele fez um barulho como o de um touro que se sentasse em um zangão, mas de alguma forma conseguiu engolir. Depois ficou de pé, imóvel, abrindo e fechando a boca de modo atônito.

A boca de Cherry se contorceu, mas Fettes manteve a habitual impassividade sólida.

– Por que o ataque ao senhor, consegue imaginar?

– Se o empregado que me alertou sobre o *Obeah-man* estava certo, só posso supor que foi consequência de ter colocado sentinelas montando guarda ao governador. Mas você está certo.

Ele concordou com sugestão de Fettes.

– Isso significa que quem foi responsável por isso – continuou, apontando para indicar a desordem de seus aposentos, que ainda cheiravam ao invasor recente, a despeito do vento com aroma de chuva que entrava pelas portas quebradas e do cheiro de mel queimado do uísque – ou vigiava a casa atentamente ou...

– Ou mora aqui – concluiu Fettes, dando um gole meditativo. – Dawes, talvez?

Grey ergueu as sobrancelhas. Aquele homenzinho gorducho e simpático? Mas ele conhecera alguns homenzinhos malvados.

– Bem – disse, lentamente –, não foi ele quem me atacou, isso posso garantir.

Quem quer que tenha sido, era mais alto que eu e bastante esguio, de modo algum corpulento.

Tom fez um ruído de hesitação, indicando que tivera uma ideia e Grey assentiu para ele, autorizando-o a falar.

– Está bem certo, meu senhor, de que o homem que o atacou... ahn... não estava morto? Porque, pelo cheiro, ele passou uma semana enterrado, pelo menos.

Todos estremeeceram, mas Grey balançou a cabeça.

– Positivamente – disse com a maior firmeza possível. – Era um homem vivo, embora certamente bastante peculiar – acrescentou, franzindo o cenho.

– Devemos revistar a casa, senhor? – sugeriu Cherry.

Grey balançou a cabeça, relutante.

– Ele, ou aquilo, veio do jardim e partiu na mesma direção. Deixou pegadas claras.

Não acrescentou que se passara tempo suficiente para que os empregados, caso estivessem envolvidos, escondessem quaisquer vestígios da criatura. Caso houvesse algum envolvimento, ele achava que o empregado Rodrigo era o melhor caminho para investigar – e não serviria aos seus propósitos alarmar a casa e chamar atenção para o jovem antes do tempo.

– Tom – disse ele, virando-se para o valete. – Rodrigo parece ser abordável?

– Ah, sim, meu senhor. Ele foi amistoso comigo no jantar – garantiu, escova nas mãos. – Quer que fale com ele?

– Sim, se puder. Além disso – disse, esfregando o rosto com a mão, sentindo a barba crescida no maxilar –, acho que vamos continuar com os planos para amanhã. Mas, major Cherry, conseguiria algum tempo para questionar o Sr. Dawes? Pode contar a ele o que se passou aqui esta noite; acharei muito interessante ver a reação dele a isto.

– Sim, senhor – respondeu Cherry, levantando-se e terminando o uísque, tossindo e se sentando por um momento, piscando, antes de pigarrear. – O... ahn... governador, senhor...?

– Falarei com ele eu mesmo – anunciou Grey. – E depois sugiro cavalgar montanha acima, para visitar duas fazendas, de olho em posições defensivas. Pois devemos ser vistos tomando medidas imediatas e decisivas. Caso sejam necessárias medidas ofensivas contra os fugidos, isso terá de esperar até que descubramos o que estamos enfrentando.

Fettes e Cherry assentiram; soldados por toda vida, eles não tinham urgência em entrar em combate.

A reunião terminou. Grey se sentou com um novo copo de uísque, bebendo enquanto Tom terminava seu trabalho em silêncio.

– Tem certeza de que deseja dormir neste quarto, meu senhor? – perguntou ele, devolvendo o banco da penteadeira ao seu lugar preciso. – Tenho certeza de que conseguiria encontrar outro lugar.

Grey sorriu para ele com afeto.

– Estou certo de que conseguiria, Tom. Mas também conseguiria nosso amigo recente, espero. Não, o major Cherry colocará guarda dupla no terraço, bem como na casa principal. Ficarão totalmente segura.

E mesmo que não ficasse, a ideia de se esconder, fugindo do que quer que fosse a coisa que o visitara... Não. Não permitiria que eles, fossem quem fossem, pensassem que o haviam abalado.

Tom suspirou e balançou a cabeça, mas enfiou a mão dentro da camisa e tirou uma pequena cruz, tecida de ramos de trigo e um tanto gasta, pendurada em um cordão de couro.

– Certo, senhor. Mas pelo menos usará isto.

– O que é isto?

– Um encanto, meu senhor. Que Ilsa me deu, na Alemanha. Ela disse que me protegeria do mal, e assim foi.

– Ah, não, Tom; você certamente tem de ficar...

Com a boca em uma expressão de obstinação que Grey conhecia bem, Tom se inclinou e passou o cordão de couro sobre a cabeça de Grey. A boca relaxou.

– Isso, meu senhor. Agora eu posso dormir, finalmente.

O plano de Grey de falar com o governador no desjejum foi frustrado, pois o cavalheiro mandou dizer que estava indisposto. Grey, Cherry e Fettes se entreolharam à mesa do jantar, mas Grey se limitou a dizer:

– Fettes? E o senhor, major Cherry, por favor.

Eles anuíram, uma expressão de satisfação contida circulando entre os dois. Grey escondeu um sorriso; adoravam interrogar pessoas.

O secretário, Dawes, estava presente ao desjejum, mas disse pouco, dedicando toda a atenção aos ovos com torradas em seu prato. Grey o estudou cuidadosamente, porém ele não deu qualquer sinal, nem de excursões noturnas, nem de conhecimento clandestino. Grey olhou para Cherry. Os olhos dele e de Fettes brilharam perceptivelmente.

Naquele momento o caminho de Grey estava claro. Precisava fazer uma aparição pública, assim que possível, e agir de modo a não deixar dúvida para o

público de que a situação estava sob controle, e deixar claro para os fugidos que estava prestando atenção e que seus atos de destruição não mais permaneceriam impunes.

Depois do desjejum, ele convocou um de seus outros capitães e ordenou uma escolta. Doze homens deveriam ser suficientes para uma demonstração, decidiu.

– E para onde pretende ir, senhor? – perguntou o capitão Lossey, estreitando os olhos enquanto fazia cálculos mentais de cavalos, mulas de carga e suprimentos.

Grey respirou fundo e reuniu coragem.

– Uma fazenda chamada Twelvetrees – disse. – Cerca de 30 km planalto adentro acima de King’s Town.

Philip Twelvetrees era jovem, talvez na metade da casa dos 20 anos, e de boa aparência, de uma forma robusta. Ele não provocou Grey pessoalmente, mas ainda assim Grey sentiu uma tensão percorrer seu corpo enquanto apertava a mão do homem, estudando seu rosto atentamente em busca de qualquer sinal de que Twelvetrees reconheceria seu nome ou atribuíra qualquer importância à sua presença além da situação política em questão.

Nenhum vestígio de desconforto ou suspeita surgiu no rosto de Twelvetrees e Grey relaxou um pouco, aceitando a oferta de um refresco, uma mistura de sucos de frutas e vinho; amargo, porém refrescante.

– Chama-se sangria – observou Twelvetrees, erguendo seu copo para que a luz suave brilhasse através dele. – Significa sangue. Em espanhol.

Grey não falava muito espanhol, mas sabia isso. Contudo, sangue parecia um *point d’appui* tão bom quanto qualquer outro no que dizia respeito ao que o interessava.

– Então acha que podemos ser os próximos? – perguntou Twelvetrees, empalidecendo perceptivelmente sob o bronzeado. Mas tomou um gole de sangria apressadamente e esticou os ombros. – Não, não. Tenho certeza de que ficaremos bem. Nossos escravos são leais, sou capaz de jurar.

– Quantos tem? E poderia confiar armas a eles?

– Cento e dezesseis – respondeu Twelvetrees automaticamente.

Ele evidentemente estava pensando na despesa e no risco de armar cerca de 50 homens, uma vez que pelo menos metade de seus escravos devia ser de mulheres ou crianças, e basicamente deixar esses homens armados em liberdade em sua propriedade. E a visão de um número desconhecido de fugidos, também armados, saindo de repente da noite com tochas. Bebeu um pouco mais de sangria.

– Talvez... O que tinha em mente? – perguntou de repente, pousando o copo.

Grey acabara de apresentar sua sugestão, que implicava a instalação de duas companhias de infantaria na fazenda, quando um movimento de musselina à porta fez com que erguesse os olhos.

– Ah, Nan! – disse Philip, colocando a mão sobre os papéis que Grey espalhara sobre a mesa e dando um olhar de alerta. – O coronel Grey veio nos fazer uma visita. Coronel, minha irmã Nancy.

– Srta. Twelvetrees.

Grey se levantara imediatamente e no momento dava dois ou três passos na direção da mulher, curvando-se sobre sua mão. Ouviu um ruído atrás dele enquanto Twelvetrees apressadamente juntava mapas e diagramas.

Nancy Twelvetrees partilhava com o irmão a simpática robustez. De modo algum bonita, ela tinha olhos escuros inteligentes – e eles se estreitaram perceptivelmente quando da apresentação feita pelo irmão.

– Coronel Grey – disse ela, gesticulando para que voltasse ao seu assento enquanto pegava um para si. – Teria alguma ligação com os Grey de Ilford, em Sussex? Ou talvez sua família seja da região de Londres...?

– Meu irmão tem uma propriedade em Sussex, sim – disse ele apressadamente, deixando de acrescentar que era seu meio-irmão Paul, que na verdade não era um Grey, e sim fruto do primeiro casamento de sua mãe. Deixou de mencionar também que seu irmão mais velho pelos dois lados era o duque de Pardloe, e o homem que matara um Nathaniel Twelvetrees 20 anos antes. O que logicamente denunciaria o fato de que o próprio Grey...

Philip Twelvetrees obviamente não queria que a irmã ficasse alarmada com qualquer menção à situação atual. Grey concordou, indicando entender, e Twelvetrees relaxou visivelmente, se acomodando para uma conversa social educada.

– E o que o traz à Jamaica, coronel Grey? – Finalmente quis saber a Srta. Twelvetrees. Sabendo que essa pergunta seria feita, Grey concebera uma resposta de cautelosa generalidade, relativa à preocupação da Coroa com transporte. Mas na metade de sua dissimulação a Srta. Twelvetrees olhou para ele diretamente e cobrou:

– Está aqui por causa do governador?

– Nan! – disse o irmão, chocado.

– Está? – repetiu ela, ignorando o irmão. Seus olhos estavam muito brilhantes e as faces ruborizadas.

Grey sorriu para ela.

– O que a faz pensar que esse poderia ser o caso, se posso perguntar, madame?
– Porque se você não veio para afastar Derwent Warren de seu cargo, alguém *deveria*!

– Nancy! – exclamou Philip, que estava quase tão ruborizado quanto a irmã. Ele se inclinou para frente, segurando o pulso dela. – Nancy, por favor!

Ela pareceu que iria se soltar, mas então, vendo o rosto suplicante, se contentou com um simples “Humf!”, e se sentou, a boca apertada em uma linha fina.

Grey gostaria muito de saber o que estava por trás da animosidade da Srta. Twelvetrees para com o governador, mas não poderia perguntar diretamente, então mudou o rumo da conversa suavemente, questionando Philip sobre as operações da fazenda e a Srta. Twelvetrees sobre a história natural da Jamaica, pelo que ela parecia ter algum interesse, a julgar pelas aquarelas bastante boas de plantas e animais penduradas pela sala, todas elegantemente assinadas *N.T.*

A tensão na sala se dissipou gradualmente e Grey teve consciência de que a Srta. Twelvetrees estava concentrada nele. Não exatamente flertando; não era feita para o flerte. Mas definitivamente se esforçando para que ele a visse como mulher. Ele não sabia exatamente o que tinha em mente. Era bastante apresentável, mas não achava que estivesse atraída por ele. Não fez qualquer tentativa de impedi-la; se Philip os deixasse sozinhos ele poderia conseguir descobrir por que ela dissera aquilo sobre o governador Warren.

Um quarto de hora depois, um mulato em um terno bem-feito enfiou a cabeça pela porta da sala de estar e pediu para falar com Philip. Ele olhou para Grey com curiosidade, mas Twelvetrees não fez menção de apresentá-los, em vez disso, pediu desculpas e levou o visitante – que, imaginou Grey, devia ser alguma espécie de supervisor – para o extremo oposto da grande sala arejada, onde conversaram em voz baixa.

Ele imediatamente aproveitou a oportunidade de voltar sua atenção para a Srta. Nancy, com a esperança de conduzir a conversa para o que lhe interessava.

– Compreendo que conhece o governador, Srta. Twelvetrees? – perguntou. Ao que ela reagiu com um riso breve.

– Melhor do que gostaria, senhor.

– Realmente? – disse, no tom o mais convidativo possível.

– Realmente – respondeu, com um sorriso desagradável. – Mas não vamos perder tempo discutindo sobre uma... pessoa de caráter tão vil.

O sorriso mudou e ela se inclinou na direção dele, tocando sua mão, o que o surpreendeu.

– Diga-me, coronel, sua esposa o acompanha? Ou permanece em Londres com medo de febres e revoltas de escravos?

– Infelizmente não sou casado, madame – informou, pensando que ela provavelmente sabia muito mais do que seu irmão gostaria.

– Realmente – disse mais uma vez, em um tom inteiramente diferente.

Seu toque permaneceu na mão dele, uma fração de segundo demorado demais. Não longo o suficiente para ser óbvio, mas longo o bastante para um homem normal perceber; e os reflexos de Grey nessas questões eram muito mais desenvolvidos que os de um homem normal, por necessidade.

Ele mal pensou conscientemente, mas sorriu para ela, depois espiou o irmão, e então novamente para ela, dando um mínimo levantar de ombros de lamento. Não acrescentou o sorriso persistente que teria dito “Mais tarde”.

Ela sugou o lábio inferior por um momento, depois o soltou, molhado e vermelho, e deu um olhar sob pálpebras semicerradas que dizia “Mais tarde” e muito mais. Ele tossiu, e pela simples necessidade de dizer *algo* completamente livre de sugestões, perguntou de maneira súbita:

– Por acaso sabe o que é um *Obeah-man*, Srta. Twelvetrees?

Os olhos dela se arregalaram e ela retirou a mão do braço dele. O coronel conseguiu sair do alcance dela sem de fato parecer jogar a cadeira para trás e pensou que ela não havia percebido; ainda estava olhando para ele com grande atenção, mas a natureza dessa atenção mudara. As linhas verticais precisas entre suas sobrancelhas haviam se transformado em um onze profundo.

– Onde encontrou essa expressão, coronel, se posso perguntar? – A voz era quase normal, o tom leve, mas ela também olhou para as costas do irmão e falou em voz baixa.

– Um dos empregados do governador mencionou. Vejo que está familiarizada com o termo; imagino que diga respeito a africanos?

– Sim – disse, mordendo o lábio superior, mas a intenção não era sexual. – Os escravos koromantyn, sabe quais são?

– Não.

– Negros da Costa do Ouro – explicou, mais uma vez colocando a mão em sua manga, levantando-o e conduzindo-o um pouco mais para longe, na direção da extremidade da sala. – A maioria dos fazendeiros os quer, porque são grandes e fortes, e normalmente bem constituídos.

Seria sua imaginação? Não, decidiu, não era sua imaginação; a ponta da língua se projetara para fora e tocara o lábio uma fração de segundo antes que ela dissesse “bem constituídos”. Pensou que seria melhor que Philip Twelvetrees

arrumasse um marido para a irmã, e logo.

– Vocês têm escravos koromantyn aqui?

– Uns poucos. A questão é que os koromantyn tendem a ser intratáveis. Muito agressivos e difíceis de controlar.

– Não é uma característica desejável em um escravo, imagino – disse, se esforçando para evitar qualquer insinuação em seu tom.

– Bem, pode ser – disse ela, surpreendendo-o. E sorriu rapidamente. – Se seus escravos são leais, e os nossos são, eu juro, você não se incomoda em que sejam um pouco sanguinários para com... qualquer um que possa vir e causar problemas.

Grey ficou suficientemente chocado com a linguagem de modo que demorou um tempo para absorver o significado. A ponta da língua se projetou novamente, e se ela tivesse covinhas, certamente as teria usado.

– Entendo – disse ele com cautela. – Mas estava prestes a me contar o que é um *Obeah-man*. Seria alguma figura dotada de autoridade entre os koromantyn?

O flerte desapareceu de repente e ela voltou a franzir o cenho.

– Sim. *Obi* é como eles chamam sua... religião; imagino que deva ser chamada assim. Embora, pelo pouco que sei dela, nenhum ministro ou padre daria esse nome.

Gritos altos subiram do jardim, abaixo, ele olhou para fora e viu um bando de pequenos papagaios de cores brilhantes entrando e saindo de uma grande árvore rendada com frutos avermelhados. Com precisão, duas crianças negras pequenas, inteiramente nuas, saíram dos arbustos e apontaram estilingues contra os pássaros. Pedras passaram inofensivas entre os galhos, mas os pássaros subiram em um vértice emplumado de agitação e fugiram para longe, guinchando suas queixas.

A Srta. Twelvetrees ignorou a interrupção, retomando a explicação assim que o barulho diminuiu.

– Um *Obeah-man* fala com os espíritos. Ele, ou ela, pois também há *Obeah-women*, é a pessoa que você procura para... acertar as coisas.

– Que tipo de coisas?

Um leve indício do flerte anterior reapareceu.

– Ah, para fazer alguém se apaixonar por você. Para ter filhos. Para não ter filhos – e nesse ponto ela olhou para ver se o chocara novamente, mas ele apenas assentiu –, ou para amaldiçoar alguém. Para dar azar ou doença. Ou morte.

Aquilo era promissor.

– E como isso é feito, se posso perguntar? Causar doença ou morte?

Nesse ponto, ela balançou a cabeça.

– Não sei. Realmente não é seguro perguntar – acrescentou, baixando a voz ainda mais, e seus olhos ficaram sérios. – Diga-me, o empregado que falou com você; o que disse?

Tendo consciência de como as fofocas se espalham em regiões rurais, Grey não iria revelar que haviam sido feitas ameaças ao governador Warren. Em vez disso, perguntou:

– Já ouviu falar em zumbis?

Ela ficou pálida.

– Não – respondeu abruptamente.

Era um risco, mas ele tomou sua mão para impedir que se afastasse.

– Não posso contar por que preciso saber, mas, por favor, acredite em mim, Srta. Twelvetrees, Nancy – disse em voz muito baixa, apertando a mão dela sem emoção –, é extremamente importante. Qualquer ajuda que possa me dar será... Bem, eu apreciaria muito.

A mão dela estava quente; os dedos se mexeram um pouco nos dele, e não em um esforço de se afastar. Ela estava recuperando a cor.

– Eu verdadeiramente não sei muito – disse, com a voz igualmente baixa. – Apenas que zumbis são pessoas mortas que foram acordadas por magia para fazer a vontade da pessoa que as criou.

– A pessoa que as criou; esse seria um *Obeah-man*?

– Ah! Não – disse ela, surpresa. – Os koromantyn não fazem zumbis; na verdade eles acham que é uma prática impura.

– Concordo inteiramente com eles – garantiu. – Quem faz zumbis?

– Nancy!

Philip havia encerrado sua conversa com o supervisor e ia na direção deles, um sorriso hospitaleiro em seu largo rosto suado.

– Será que não podemos comer alguma coisa? Tenho certeza de que o coronel deve estar faminto, e eu mesmo estou extraordinariamente esfaimado.

– Sim, claro – disse a Srta. Twelvetrees, com um rápido olhar de alerta para Grey. – Avisarei o cozinheiro.

Grey apertou por um momento os dedos dela, que sorriu para ele.

– Como estava dizendo, coronel, você deveria procurar a Sra. Abernathy em Rose Hall. Ela seria a pessoa mais preparada para informá-lo.

– Informá-lo?

Twelvetrees, maldito seja, escolheu aquele momento para se tornar inquisitivo.

– Sobre o quê?

– Costumes e crenças dos ashanti, meu querido – disse a irmã suavemente. – O coronel Grey tem um interesse especial nessas coisas.

Twelvetrees bufou rapidamente.

– Ashanti o escambau. Ibo, fulani, koromantyn. Batize todos como verdadeiros cristãos e não ouviremos mais falar sobre sabe-se lá quais crenças pagãs trouxeram com eles. Pelo pouco que *eu* sei, o senhor não vai querer ouvir sobre esse tipo de coisa, coronel. Porém, caso queira – acrescentou apressadamente, lembrando-se de que não cabia a ele dizer o que devia fazer o tenente-coronel que estaria protegendo a vida e a propriedade de Twelvetrees –, então minha irmã está certa; a Sra. Abernathy seria a pessoa em melhor posição de aconselhá-lo. Quase todos os seus escravos eram ashanti. Ela... Ahn... Diz-se que ela... Ahn... Tem certa curiosidade.

Era interessante para Grey observar como o rosto de Twelvetrees ficou muito vermelho, e ele mudou de assunto rapidamente, fazendo a Grey perguntas banais sobre a exata disposição de suas tropas. Grey evitou respostas diretas, além de garantir a Twelvetrees que duas companhias de infantaria seriam despachadas para sua fazenda assim que pudessem ser enviadas a Spanish Town.

Grey desejou partir imediatamente, por vários motivos, mas se sentiu obrigado a ficar para um chá, uma refeição desconfortável com comida pesada e sem graça, ingerida sob o olhar quente da Srta. Twelvetrees. Achava que no geral havia lidado com ela com tato e delicadeza, mas ao final da refeição ela começou a mandar beijinhos. Ninguém podia, ou devia, perceber com clareza, mas viu Philip piscar para ela uma ou duas vezes, perturbado.

– Claro que não posso me dizer autoridade em relação a qualquer aspecto da vida na Jamaica – disse ela, lançando um olhar incompreensível. – Estamos aqui há menos de seis meses.

– De fato – disse ele educado, um pedaço de bolo Savoy não digerido assentando pesadamente em seu estômago. – A senhora parece muito em casa, e que casa adorável é esta, Srta. Twelvetrees. Percebo seu toque harmonioso por toda parte.

Essa tentativa atrasada de bajulação foi recebida com o desprezo que merecia; o onze estava de volta, endurecendo o seu cenho.

– Meu irmão herdou a fazenda de nosso primo, Edward Twelvetrees. Edward vivia em Londres – disse, apontando para ele um olhar que parecia o cano de um mosquete. – O senhor o conhecia, coronel?

E o que a maldita mulher faria se contasse a verdade? Ela claramente achava saber algo, mas... Não, pensou, olhando-a atentamente. Ela não podia saber a

verdade, mas ouvira algum boato. Então aquela provocação era uma tentativa bastante desajeitada de levá-lo a dizer mais.

– Conheço vários Twelvetrees superficialmente – disse, de forma muito amigável. Mas se conheci seu primo, não acho que tenha tido o prazer de conversar com ele muito tempo.

“*Seu maldito assassino!*” e “*Sodomita desgraçado!*” não exatamente constituem uma conversa, na opinião de Grey.

A Srta. Twelvetrees piscou, surpresa, e ele se deu conta do que deveria ter visto muito antes. Estava bêbada. Ele achara a sangria leve, refrescante, no entanto bebera apenas um copo. Não a notara enchendo novamente o seu, mas a jarra estava quase vazia.

– Minha querida – disse Philip muito gentilmente. – Está quente, não? Você parece um pouco pálida e indisposta.

Na verdade ela estava ruborizada, seus cabelos começavam a cair atrás de orelhas bastante grandes, porém de fato parecia indisposta. Philip tocou o sino, se colocando de pé, e assentiu para a empregada negra que apareceu.

– Não estou indisposta – disse Nancy Twelvetrees com alguma dignidade. – Estou... simplesmente... quero dizer...

Mas a empregada negra, evidentemente acostumada àquele trabalho, já levava a Srta. Twelvetrees na direção da porta, embora com habilidade suficiente para fazer parecer que apenas ajudava sua senhora.

Grey se levantou, por força das circunstâncias, e tomou a mão da Srta. Nancy, curvando-se sobre ela.

– Seu servo, Srta. Twelvetrees – disse. – Espero...

– Nós sabemos – disse, olhando para ele com olhos grandes de repente cheios de lágrimas. – Está me escutando? Nós sabemos.

E então desapareceu, o som de seus passos instáveis como uma batida de tambor irregular no piso de tacos.

Houve um rápido silêncio desconfortável entre os dois homens. Grey pigarreou no mesmo instante em que Philip Twelvetrees tossia.

– Eu realmente não gostava do primo Edward – confessou ele.

– Oh – disse Grey.

Eles caminharam juntos até o pátio onde o cavalo de Grey pastava sob uma árvore, suas laterais sujas de cocô de papagaio.

– Desculpe Nancy, por favor – disse Twelvetrees em voz baixa, sem olhar para ele. – Ela teve... um desapontamento em Londres. Achei que poderia superar mais facilmente aqui, mas... Bem, eu cometi um erro e não é fácil desfazê-lo.

Ele suspirou e Grey sentiu uma súbita vontade de dar uns tapinhas simpáticos em suas costas. Em vez disso, fez um ruído indeterminado com a garganta e montou.

– Os soldados chegarão aqui depois de amanhã – disse ele. – Você tem a minha palavra.

Grey pretendia retornar a Spanish Town, mas, em vez disso, parou na estrada, sacou o mapa que Dawes lhe dera e calculou a distância até Rose Hall. Isso significaria passar a noite acampado na montanha, e eles estavam preparados para isso; além do mais, tinha o desejo de ouvir em primeira mão os detalhes de um ataque de fugidos; e estava mais do que curioso para falar com a Sra. Abernathy sobre zumbis.

Chamou seu ajudante de ordens, escreveu instruções para que soldados fossem despachados para Twelvetrees, depois mandou dois homens de volta a Spanish Town com a mensagem e mais dois na frente para encontrar um bom local de acampamento. Chegaram lá quando o sol começava a se pôr, reluzindo como uma pérola flamejante em um céu rosa suave.

– O que é aquilo? – perguntou ele erguendo os olhos abruptamente da xícara de chá verde que o cabo Sansom lhe dera. Sansom também pareceu assustado e olhou para a colina de onde viera o som.

– Não sei, senhor – disse ele. – Soa como algum tipo de corneta.

Soava. Não como um trompete ou algo de natureza militar padrão. Mas definitivamente um som de origem humana. Os homens ficaram em silêncio, esperando. Um momento ou dois, e o som foi ouvido novamente.

– Esse foi diferente – disse Sansom, parecendo alarmado. – Veio de lá, não é? – perguntou, apontando para o alto da colina.

– Sim, veio – confirmou Grey, distante. – Silêncio!

A primeira corneta soou novamente, um toque sofrido que quase se perdeu em meio ao barulho dos pássaros se preparando para a noite, e então parou.

A pele de Grey se arrepiou, os sentidos alertas. Não estavam sozinhos na selva. Alguém – alguéns – estava lá na noite que se avizinhava, sinalizando um para o outro. Em silêncio, ele deu ordens para a construção de uma fortificação improvisada, e o campo imediatamente se entregou ao trabalho de organizar a defesa. Os homens com ele eram em sua maioria veteranos e, embora cautelosos, de modo algum entraram em pânico. Em pouco tempo havia sido erguido um reduto de pedra e arbustos, sentinelas haviam sido colocados em duplas ao redor do campo e as armas de todos os homens estavam carregadas e dotadas de

detonadores, prontas para um ataque.

Mas ele não ocorreu, e embora os homens tenham passado a noite de prontidão, não houve mais sinal de presença humana. No entanto, aquela presença estava lá; Grey podia sentir. Eles. Vigiano.

Ele fez sua refeição e se sentou com as costas apoiadas em uma projeção rochosa, punhal na cintura e mosquete carregado à mão. Esperando.

Mas nada aconteceu, e o sol nasceu. Eles desfizeram acampamento de forma ordeira, e se cornetas soaram na selva, o som se perdeu em meio aos gritos e cantos dos pássaros.

Grey nunca estivera na presença de alguém que o repelisse tão fortemente. Ficou pensando em por que era assim; não havia nada explicitamente ofensivo ou feio nela. Era uma bela escocesa de meia-idade, cabelos claros e roliça. Ainda assim, a viúva Abernathy o deixava arrepiado, a despeito do calor do ar no terraço que ela escolhera para recebê-lo em Rose Hall.

Notou que ela não trajava luto nem fez qualquer menção à morte recente do marido. Vestia musselina preta com bordado azul na bainha e nas mangas.

– Creio que devo parabenizá-la por ter sobrevivido, madame – disse ele, tomando o assento que ela indicara. Era uma coisa um tanto insensível a se dizer, mas ela parecia dura como pregos; ele achava que isso não a aborreceria, e estava certo.

– Obrigada – agradeceu, recostando-se em sua cadeira de vime e olhando francamente para ele de cima a baixo de um modo que o deixou perturbado. – Estava terrivelmente frio naquela primavera, se quer saber. Gostaria de ter morrido eu mesma, congelada ali.

Ele inclinou a cabeça educadamente.

– Acredito que não tenha sofrido consequências duradouras da experiência. Além, claro, da lamentável morte de seu marido – apressou-se em acrescentar.

Ela deu uma risada rouca.

– Estou feliz de me livrar do desgraçado.

Sem saber o que responder a isso, Grey tossiu e mudou de assunto.

– Ouvi dizer, madame, que tem interesse em alguns dos rituais praticados pelos escravos.

Seu olhar verde um tanto embaçado se tornou penetrante.

– Quem lhe disse isso?

– A Srta. Nancy Twelvetrees – respondeu. Afinal, não havia razão para manter em segredo a identidade do informante.

– Ah, a pequena Nancy, é mesmo? – disse, parecendo se divertir com isso, e o olhou de esguelha. – Creio que ela tenha gostado de você, não?

Ele não podia entender como a opinião que a Srta. Twelvetrees tinha dele poderia ter relação com o assunto, e disse isso, educadamente. A Sra. Abernathy se limitou a dar um risinho, fazendo um gesto com a mão.

– É, bem. O que quer saber, então?

– Quero saber como zumbis são criados.

O choque eliminou o sorriso do rosto, e ela piscou estupidamente para ele por um momento antes de pegar seu copo e virá-lo.

– Zumbis – disse, e olhou para ele com certo interesse cauteloso. – Por quê?

Ele contou a ela. De diversão despreocupada, sua postura mudou, o interesse aumentando. Ela o fez repetir a história de seu encontro com a coisa no quarto, fazendo perguntas diretas relativas particularmente ao cheiro.

– Carne estragada – disse. – Você reconheceu como é aquele cheiro, não é?

Devia ter sido seu sotaque o que trouxe de volta o campo de batalha em Culloden, e o fedor dos cadáveres queimando. Grey estremeceu, não conseguindo se conter.

– Sim – disse abruptamente. – Por quê?

Ela contraiu os lábios, pensando.

– Há diferentes formas de fazer isso, certo? Uma forma é dar pó de *afile* à pessoa, esperar que caia e então enterrá-la sobre um cadáver recente. Você só espalha a terra levemente por cima – explicou, olhando para ele. – E tenha certeza de colocar folhas e varetas sobre o rosto antes de espalhar a terra, para que a pessoa ainda possa respirar. Quando o veneno se dissipa o bastante para que ela se mova novamente e sinta as coisas, ela vê que está enterrada, sente o fedor e então compreende que deve estar morta.

A mulher falava com objetividade, como se lhe desse sua receita pessoal de torta de maçã ou bolo de melado. Estranhamente, aquilo o equilibrou, e ele conseguiu falar apesar de sua aversão, de maneira calma.

– Veneno. Seria o pó de *afile*? Que tipo de veneno é, sabe?

Vendo a centelha no olho dela, ele agradeceu pelo impulso que o levava a acrescentar “sabe?” àquela pergunta; não fosse por orgulho, pensou, ela poderia não contar. Mas ela deu de ombros e respondeu sem pensar.

– Ah... Ervas. Ossos moídos, pedaços de outras coisas. Mas a coisa principal, a coisa que você precisa ter, é o fígado de um peixe baiacu.

Ele balançou a cabeça, não reconhecendo o nome.

– Descreva, por favor.

E ela o fez; pela descrição, Grey pensou que devia ser um dos peixes estranhos que se enchem como bexigas quando perturbados. Tomou a decisão silenciosa de nunca comer um deles. Contudo, durante a conversa, algo estava ficando claro.

– Mas o que está me dizendo, com seu perdão, madame, é que na verdade um zumbi *não* é de modo algum uma pessoa morta? Que estão apenas drogados?

Os lábios dela se curvaram; ele percebeu que ainda eram cheios e vermelhos, mais jovens do que o rosto sugeria.

– Que valia uma pessoa morta tem para alguém?

– Mas certamente a crença disseminada é de que zumbis são mortos.

– Sim, claro. Os zumbis acham que estão mortos, assim como todos mais. Não é verdade, mas é efetivo. Assusta muito as pessoas. Já quanto ao “apenas drogados” – disse, balançando a cabeça –, eles não retornam disso, percebe? O veneno danifica seus cérebros e seus sistemas nervosos. Podem seguir instruções simples, mas não têm mais qualquer capacidade real de pensar; e basicamente se movem rígida e lentamente.

– Mesmo? – murmurou ele.

A criatura – bem, o homem, ele agora tinha certeza disso – que o atacara não era de modo algum rígida e lenta. Argh...

– Ouvi dizer, madame, que a maioria de seus escravos é ashanti. Algum deles saberia mais sobre esse processo?

– Não – disse de forma abrupta, enrijecendo um pouco. – Aprendi o que compreendo com um *houngan*, que seria uma espécie de praticante, imagino que ele diria. Mas não era um dos meus escravos.

– Um praticante exatamente do quê?

Ela passou a língua lentamente pelas pontas dos dedos afiados, amarelados, mas ainda firmes.

– De magia – disse, e riu suavemente, como se consigo mesma. – Isso, magia. Magia africana. Magia escrava.

– Acredita em magia? – perguntou ele, mais por curiosidade que por qualquer outro motivo.

– Você não?

Ela ergueu as sobrancelhas, mas ele balançou a cabeça.

– Não. E na verdade, pelo que acabou de me contar, o processo de criar, se essa é a palavra, um zumbi na verdade *não* é magia, apenas a administração de um veneno por um período de tempo, somada a sugestão.

Outra ideia lhe ocorreu.

– A pessoa consegue se recuperar desse envenenamento? Você diz que isso

não a mata.

Ela balançou a cabeça.

– Não o veneno. Mas eles sempre morrem. Passam fome, para começar. Perdem toda a vontade própria, e não podem fazer nada a não ser o que o *houngan* manda que façam. Gradualmente se desgastam totalmente e... – disse estalando os dedos silenciosamente.

Ela continuou de modo prático:

– Mesmo se sobrevivessem, as pessoas os matariam. Quando uma pessoa é transformada em zumbi, não há caminho de volta.

Durante a conversa, Grey foi percebendo que a Sra. Abernathy falava com um conhecimento muito mais íntimo da noção do que seria possível adquirir com um interesse relaxado por filosofia natural. Ele queria se afastar dela, mas se forçou a ficar sentado, quieto, e fazer mais uma pergunta.

– Sabe de algum significado especial atribuído a cobras, madame? Na magia africana, quero dizer.

Ela piscou, de certa forma surpresa com aquilo.

– Cobras – repetiu lentamente. – Sim. Bem... Eles dizem que as cobras têm sabedoria. E alguns dos *loas* são cobras.

– *Loas*?

Ela esfregou a testa distraída e ele viu, com um pouco de nojo, os pontos leves de uma irritação de pele. Já vira aquilo antes; o sinal de infecção sifilítica avançada.

– Suponho que os chame de espíritos – disse, e o avaliou. – Vê cobras em seus sonhos, coronel?

– Se vejo? Não. Não vejo.

Ele não, mas a sugestão era indizivelmente perturbadora. Ela sorriu.

– Um *loa* conduz uma pessoa. Fala por intermédio dela. E eu vejo uma grande, enorme cobra deitada em seus ombros, coronel.

Ela se colocou de pé de forma abrupta.

– Melhor tomar cuidado com o que come, coronel Grey.

Eles retornaram a Spanish Town dois dias depois. A viagem de volta deu a Grey tempo para pensar, a partir do qual ele chegou a certas conclusões. Entre essas conclusões estava a convicção de que na verdade fugidos não haviam atacado Rose Hall. Grey conversara com o supervisor da Sra. Abernathy, que pareceu relutante e evasivo, muito vago nos detalhes do suposto ataque. E depois...

Após sua conversa com o supervisor e com vários escravos, Grey voltara à

casa para se despedir formalmente da Sra. Abernathy. Ninguém respondera ao seu chamado e ele contornara a casa à procura de um empregado. O que ele encontrou foi um caminho descendo a partir da casa, com um vislumbre de água no fundo.

Grey seguiu o caminho por curiosidade e encontrou a fonte infame na qual a Sra. Abernathy supostamente buscara refúgio dos invasores assassinos. A Sra. Abernathy estava na fonte, nua, nadando com tranquilidade de um lado para outro, cabelos claros com faixas brancas se estendendo atrás dela.

A água era cristalina; ele podia ver o bombear carnudo de suas nádegas, se movendo como fole que impulsionava seus movimentos, e vislumbrar o vazio arroxado de seu sexo, exposto pela flexão. Não havia touceiras de juncos ou outra vegetação que a escondesse; ninguém poderia deixar de ver a mulher se tivesse estado na fonte, e claramente a temperatura da água não a dissuadia.

Desse modo, ela havia mentido sobre os fugidos. Ele tinha uma certeza fria de que a Sra. Abernathy assassinara o marido ou arranjava para que isso fosse feito – mas havia pouco que pudesse fazer com essa conclusão. Prendê-la? Não havia testemunhas — ou nenhuma que pudesse legalmente testemunhar contra ela, mesmo querendo. E ele achava que nenhum dos seus escravos iria querer isso; aqueles com os quais falara haviam demonstrado extrema reticência em relação à sua senhora. Fosse isso fruto de lealdade ou medo, o resultado era o mesmo.

O que a conclusão realmente significava para ele era que os fugidos na verdade provavelmente não eram culpados do assassinato, e isso era importante. Até então todos os relatos de malfetorias envolviam apenas danos à propriedade – e apenas a campos e equipamentos. Casas não tinham sido incendiadas, e embora vários donos de fazendas houvessem alegado que seus escravos haviam sido levados, não existia prova disso; os escravos em questão poderiam simplesmente ter se valido do caos de um ataque para fugir.

Isso transmitia a Grey certa dose de cuidado da parte de quem liderava os fugidos. Quem seria? Pensou. Que tipo de homem? A impressão que estava tendo não era a de uma rebelião, não tinha havido uma declaração, e ele esperaria isso, mas uma antiga frustração latente finalmente explodindo. Ele tinha de falar com o capitão Cresswell. E esperava que o maldito secretário tivesse conseguido encontrar o superintendente quando chegasse à King's House.

Grey chegou a King's House muito depois de escurecer e foi informado pelo mordomo do governador, surgido como um fantasma negro em sua camisola,

que todos dormiam.

– Tudo bem – disse ele, cansado. – Chame meu valete, por favor. E pela manhã diga ao empregado do governador que pedirei para falar com Sua Excelência após o desjejum, não importando qual seja seu estado de saúde.

Tom ficou tão contente de ver Grey inteiro que não protestou por ter sido acordado, e o lavou, vestiu e colocou sob seu mosquitoireiro antes que os sinos da igreja de Spanish Town batessem meia-noite. As portas do quarto haviam sido consertadas, mas Grey fez com que Tom deixasse a janela aberta, e adormeceu com um vento sedoso acariciando suas bochechas e sem pensar no que a manhã lhe apresentaria.

Foi acordado de um sonho erótico atipicamente realista por batidas agitadas. Tirou a cabeça de sob o travesseiro, a sensação de pelos vermelhos ásperos ainda em seus lábios, e sacudiu a cabeça violentamente, tentando se localizar no tempo e no espaço. Bang, bang, bang, bang, bang! Que maldição...? Ah. A porta.

– O quê? Entre, pela graça de Deus! Que diabos... Ah. Não, espere um momento.

Grey se esforçou para se soltar do emaranhado de roupas de cama e camisola descartada – Cristo, ele realmente estivera fazendo o que sonhara estar fazendo? –, e jogou seu roupão sobre a carne que desintumescia rapidamente.

– O quê? – perguntou, finalmente abrindo a porta. Para sua surpresa, Tom estava lá, de olhos arregalados e trêmulo, ao lado do major Fettes.

– Está bem, meu senhor? – começou ele, cortando as primeiras palavras do major Fettes.

– Pareço estar jorrando sangue ou não ter algum membro necessário? – cobrou Grey, bastante irritado. – O que aconteceu, Fettes?

Agora que tinha os olhos devidamente abertos, viu que Fettes parecia quase tão perturbado quanto Tom. O major, veterano de 12 grandes campanhas, condecorado por valor e conhecido por sua frieza, engoliu em seco visivelmente e contraiu os ombros.

– É o governador, senhor. Acho melhor que venha e veja.

– Onde estão os homens designados para protegê-lo? – perguntou Grey calmamente, saindo do quarto do governador e fechando a porta com suavidade atrás de si. A maçaneta escorregou de seus dedos, molhada sob a mão. Sabia que a umidade era de seu próprio suor, e não sangue, mas seu estômago contraiu e ele esfregou os dedos convulsivamente sobre a coxa de suas calças.

– Desapareceram, senhor – disse Fettes, que recuperara o controle, se não de

suas expressões, pelo menos de sua voz. – Mandei homens vasculharem o terreno.

– Bom. Poderia, por favor, reunir os empregados? Preciso interrogá-los.

Fettes respirou fundo.

– Eles também desapareceram.

– O quê? Todos eles?

– Sim, senhor.

Também respirou fundo, e soltou novamente, rápido. Mesmo fora do quarto o fedor era nauseante. Podia sentir o cheiro, grosso em sua pele, e esfregou os dedos nas calças mais uma vez, com força. Engoliu em seco e, prendendo a respiração, moveu a cabeça na direção de Fettes – e Cherry, que se juntara a eles, balançando a cabeça silenciosamente em resposta à sobrancelha erguida de Grey. Nenhum sinal dos sentinelas desaparecidos, então. Maldição; teria de ser feita uma busca pelos corpos. A ideia o deixava gelado, a despeito do calor crescente da manhã.

Desceu as escadas, com seus oficiais bastante contentes de segui-lo. Quando chegou ao fim pelo menos havia decidido por onde começar. Parou e se virou para Fettes e Cherry.

– Certo. A ilha está sob lei militar a partir deste momento. Notifique os oficiais, mas diga a eles que ainda não haverá um anúncio público. E não diga por quê.

Considerando a fuga dos empregados, era mais que provável que a notícia da morte do governador chegasse aos habitantes de Spanish Town em poucas horas, caso já não houvesse chegado. Porém, se houvesse a mínima chance de a população continuar ignorando o fato de que o governador Warren havia sido morto e parcialmente devorado em sua própria residência, quando sob a proteção do exército de Sua Majestade... Grey iria aproveitá-la.

– E quanto ao secretário? – perguntou ele abruptamente, lembrando-se de repente. – Dawes. Ele também sumiu? Ou morreu?

Fettes e Cherry trocaram olhares culpados.

– Não sei, senhor – disse Cherry secamente. – Vou descobrir.

– Faça isso, por favor.

Grey concordou em resposta às saudações deles e foi para fora, estremecendo de alívio quando o sol tocou seu rosto, o calor atravessando o linho fino de sua camisa. Caminhou lentamente para seu quarto, onde Tom sem dúvida já conseguira reunir e limpar seu uniforme.

E agora? Dawes, caso o homem ainda estivesse vivo, e ele rezava a Deus que

estivesse... Um jorro repentino de saliva o engasgou e ele cuspiu várias vezes no terraço, incapaz de engolir com a lembrança daquele cheiro travando a garganta.

– Tom – disse ele com urgência, entrando no quarto. – Teve uma oportunidade de falar com os outros empregados? Com Rodrigo?

– Sim, meu senhor – disse Tom, gesticulando para que fosse até o banco e ajoelhando-se para colocar as meias. – Todos sabiam sobre zumbis; disseram que eram pessoas mortas, como Rodrigo disse. Um *houngan* é um... ahn... Bem, não sei muito bem, mas as pessoas têm bastante medo dele. De qualquer forma, é um desses que ataca alguém, ou é pago para fazer isso, acho; pega a pessoa e a mata, e depois a ergue novamente, para ser sua serva, e é um zumbi. Eles todos morriam de medo da ideia, meu senhor – disse ele com sinceridade, olhando para cima.

– Eu não os culpo. Algum deles sabia sobre meu visitante?

Tom balançou a cabeça.

– Disseram que não; acho que sabiam, meu senhor, mas não iriam dizer. No entanto, eu apanhei Rodrigo sozinho; ele admitiu que sabia, mas que não achava que tinha sido um zumbi que viera atrás do senhor, porque contei como o senhor lutou com ele e como seu quarto ficou uma bagunça.

Ele olhou apertado para a penteadeira com seu espelho rachado.

– Realmente? O que ele achava que era?

– Ele na verdade não queria dizer, mas eu o atormentei um pouco e ele finalmente soltou que poderia ter sido um *houngan* apenas fingindo ser um zumbi.

Grey digeriu essa possibilidade por um momento. Será que a criatura que o atacara pretendia matá-lo? Caso positivo, por quê? Mas, caso contrário... O ataque só poderia servir para abrir caminho para o que acontecera agora, fazendo parecer que havia zumbis em profusão cercando a King's House. Isso fazia algum sentido, salvo pelo fato...

– Mas me disseram que zumbis são lentos e rígidos em seus movimentos. Assim, um deles poderia ter feito o que... foi feito ao governador? – perguntou, engolindo em seco.

– Não sei, meu senhor. Nunca encontrei nenhum – disse Tom, sorrindo brevemente para ele, levantando-se após ter prendido as fivelas de joelho. Era um sorriso nervoso, mas Grey sorriu de volta, comovido.

– Suponho que teremos de ir e ver o corpo novamente – disse, levantando-se. – Vem comigo, Tom?

Seu valete era jovem, mas muito observador, especialmente em questões

relativas ao corpo, e já havia sido de ajuda na interpretação de fenômenos *post mortem*.

Tom empalideceu perceptivelmente, porém engoliu em seco e, esticando os ombros, seguiu lorde John para o terraço.

A caminho do quarto do governador, eles encontraram o major Fettes, desalentadamente comendo uma fatia de abacaxi roubada da cozinha.

– Venha comigo, major – ordenou Grey. – Pode me contar quais descobertas você e Cherry fizeram em minha ausência.

– Posso contar uma, senhor – disse Fettes largando o abacaxi e limpando as mãos no colete. – O juiz Peters foi para Eleuthera.

– Para que diabos?

Aquilo era um aborrecimento; ele esperava descobrir mais sobre o incidente original que incitara a rebelião, e como obviamente não iria saber nada por intermédio de Warren... Acenou para Fettes; pouco importava por que Peters partira.

– Certo. Bem, então...

Respirando pela boca o máximo possível, Grey abriu a porta. Tom, atrás dele, fez um ruído involuntário, mas entrou cuidadosamente e se agachou junto ao corpo.

Grey agachou ao lado.

Podia ouvir uma respiração pesada atrás.

– Major – disse, sem se virar. – Se o capitão Cherry encontrou o Sr. Dawes, ele poderia fazer a gentileza de trazê-lo aqui?

Eles estavam compenetrados quando Dawes entrou, acompanhado por Fettes e Cherry, e Grey ignorou todos.

– As marcas de mordidas são humanas? – perguntou, virando cuidadosamente uma das pernas de Warren na direção da luz que entrava pela janela. Tom concordou, limpando a boca com as costas da mão.

– Estou certo disso, meu senhor. Fui mordido pelos meus cachorros; não é nada como isso. Além do mais – disse, enfiando o antebraço na boca e mordendo com força, a seguir exibindo os resultados a Grey. – Vê, meu senhor? Os dentes fazem um círculo, como aqui.

– Sem dúvida – concordou Grey, levantando-se e olhando para Dawes, cujos joelhos estavam tão fracos que o capitão Cherry era obrigado a sustentá-lo. – Sente-se, por favor, Sr. Dawes, e me dê sua opinião sobre este assunto.

O rosto redondo de Dawes estava manchado, os lábios pálidos. Ele balançou a

cabeça e tentou recuar, mas foi impedido pela pressão de Cherry em seu braço.

– Não sei nada, senhor – disse, engasgando. – Absolutamente nada. Por favor, posso sair? Eu... Eu... Realmente, senhor, eu estou ficando tonto!

– Tudo bem – disse Grey simpaticamente. – Pode se deitar na cama caso não consiga ficar de pé.

Dawes olhou de relance para a cama, ficou branco e se sentou pesadamente no chão. Viu o que estava no chão ao seu lado e se levantou apressado, oscilando de um lado para o outro e engolindo.

Grey apontou com a cabeça para um banco e Cherry empurrou o pequeno secretário para lá, sem muita pressa.

– O que ele contou, Fettes? – perguntou Grey virando-se novamente na direção da cama. – Tom, vamos enrolar o Sr. Warren no lençol, colocá-lo no chão e enrolá-lo no tapete. Para prevenir vazamentos.

– Certo, meu senhor.

Tom e o capitão Cherry se dedicaram delicadamente a esse processo, enquanto Grey se aproximava e ficava olhando para Dawes, abaixo.

– Basicamente alegou ignorância – disse Fettes, juntando-se a Grey e olhando de modo inquisitivo para Dawes. – Ele nos contou que Derwent Warren havia seduzido uma mulher chamada Nancy Twelvetrees em Londres. Mas a abandonou e desposou a herdeira da fortuna Atherton.

– Que teve a sensatez de não acompanhar o marido às Índias Ocidentais, correto? Ele sabia que a Srta. Twelvetrees e seu irmão haviam herdado uma fazenda na Jamaica e pensavam em imigrar para cá?

– Não senhor.

Era a primeira vez que Dawes falava e sua voz era pouco mais que um coaxado. Ele pigarreou e falou com maior firmeza.

– Ele ficou totalmente surpreso ao encontrar os Twelvetrees na sua primeira assembleia.

– Acredito que sim. A surpresa foi mútua?

– Foi. A Srta. Twelvetrees ficou pálida, a seguir vermelha, e então tirou o sapato e agrediu o governador com o salto.

– Gostaria de ter visto isso – disse Grey, lamentando de maneira sincera. – Certo. Bem, como pode ver, o governador não precisa mais de sua descrição. Eu, por outro lado, necessito de sua loquacidade. Pode começar me contando por que ele tinha medo de cobras.

– Ah – disse Dawes, mordendo o lábio inferior. – Não posso ter certeza, o senhor compreende...

– Fale, cretino – rosnou Fettes, curvando-se ameaçadoramente sobre Dawes, que se encolheu.

– Eu... Eu... – gaguejou. – Sinceramente, não sei os detalhes. Mas tinha... Tinha a ver com uma jovem. Uma jovem negra. Ele, o governador, as mulheres eram uma fraqueza dele...

– E? – estimulou Grey.

Aparentemente a jovem era uma escrava da casa. E nada disposta a aceitar as investidas do governador. O governador não estava acostumado a aceitar um não como resposta – e não aceitou. No dia seguinte a jovem havia desaparecido, fugido, e não fora recapturada até aquele momento. Mas no dia seguinte um homem de turbante e pano amarrado na cintura foi à King's House e solicitou uma audiência.

– Ele não foi recebido, claro. Mas também não foi embora – contou Dawes, dando de ombros. – Simplesmente se acorou aos pés dos degraus da frente e esperou.

Quando Warren enfim saiu, o homem se levantou, avançou e comunicou ao governador em tom formal que ele estava amaldiçoado.

– Amaldiçoado? – perguntou Grey, interessado. – Como?

– Bem, neste ponto meu conhecimento chega ao seu limite, senhor – respondeu Dawes, que havia recuperado parte de sua autoconfiança e se empertigara um pouco. – Tendo feito o anúncio, ele começou a falar em uma língua desconhecida; embora ache que parte poderia ser espanhol, não era na íntegra. Devo supor que estava... ahn... administrando a maldição, por assim dizer?

– Certamente não sei.

Àquela altura Tom e o capitão Cherry haviam concluído sua tarefa desagradável e o governador repousava em um inócuo casulo de tapete.

– Lamento, cavalheiros, mas não há empregados que possam nos ajudar. Temos de levá-lo até o barracão do jardim lá embaixo. Venha, Sr. Dawes; poderá ser assistente de carregador de caixão. E no caminho nos contar como as cobras entram nisso.

Ofegando e gemendo, eventualmente quase deixando cair, eles levaram o fardo desajeitado escada abaixo. O Sr. Dawes, agarrando o tapete de forma ineficiente, foi estimulado pelo capitão Cherry a falar mais.

– Bem, eu achei ter ouvido a palavra “cobra” na fala do homem – disse. – Vivora. É a palavra espanhola para víbora. E então... As cobras começaram a aparecer.

Cobras grandes, cobras pequenas. Uma cobra foi encontrada no banho do governador. Outra apareceu sob a mesa de jantar, para horror da mulher de um comerciante que jantava com o governador e teve um ataque histérico na sala de jantar antes de desmaiar pesadamente sobre a mesa. O Sr. Dawes parecia achar isso um tanto engraçado, e Grey, suando profusamente, lançou um olhar que o fez retomar seu relato de modo mais sóbrio.

– Aparentemente todo dia, e em lugares diferentes. Vasculhamos a casa muitas vezes. Mas ninguém conseguia, ou iria, talvez, identificar a origem dos répteis. E embora ninguém fosse mordido, a pressão nervosa de não saber se você iria virar as cobertas e descobrir algo se contorcendo entre as roupas de cama...

– Um tanto desagradável. Ugh!

Eles pararam e baixaram o fardo. Grey enxugou a testa na manga.

– E como o senhor estabeleceu a ligação, Sr. Dawes, entre essa praga de cobras e o abuso da garota escrava pelo Sr. Warren?

Dawes pareceu surpreso e ergueu os óculos para o alto do nariz suado.

– Ah, eu não contei? O homem, e mais tarde me disseram que era um *Obeah-man*, seja lá o que isso for, disse o nome dela no meio de seu encantamento. Era Azeel.

– Entendo. Tubo bem, prontos? Um, dois, três, agora!

Dawes não fingira ajudar, mas seguiu apressado pela trilha do jardim à frente deles para abrir a porta do barracão. Perdera o que restava de reticência e parecia ansioso para fornecer todas as informações que pudesse.

– Ele não me contou diretamente, mas acredito que havia começado a sonhar com cobras, e com a garota.

– Como... Sabe? – resmungou Grey. – Esse é o meu pé, major!

– Eu o ouvi, ahn... Falando sozinho. Começara a beber bastante, entende? Bastante compreensível naquelas circunstâncias, não acha?

Grey gostaria de poder beber bastante, mas não lhe restava fôlego para dizer isso.

De repente houve um grito chocado de Tom, que entrara no espaço vazio do barracão e os três oficiais soltaram o carpete pesadamente, procurando armas que não existiam.

– Meu senhor, meu senhor! Veja o que encontrei, se escondendo no barracão!

Tom saltava pela trilha na direção dele, o rosto iluminado de contentamento, com o jovem Rodrigo seguindo cautelosamente atrás. O coração de Grey acelerou com a visão e ele sentiu um sorriso bastante incomum tocar seu rosto.

– Seu servo, senhor – disse Rodrigo, muito timidamente, fazendo uma mesura.

– Fico muito contente em vê-lo, Rodrigo. Diga-me; viu alguma coisa do que aconteceu aqui na noite passada?

O jovem estremeceu e virou o rosto.

– Não, senhor – disse em uma voz tão baixa que Grey mal conseguiu escutar. – Foram zumbis. Eles... Comem pessoas. Eu os ouvi, mas sabia que não devia olhar. Corri para o jardim e me escondi.

– Você os ouviu? – perguntou Grey sem emoção. – O que exatamente você ouviu?

Rodrigo engoliu em seco. E se fosse possível surgir um tom verde em uma pele como aquela, ele sem dúvida alguma teria ficado da cor de uma tartaruga marinha.

– Pés, senhor – disse ele. – Pés descalços. Mas eles não andam como uma pessoa, passo a passo. Apenas se arrastam. *Chh-chh, chh-chh*.

Ele fez com as mãos pequenos movimentos de empurrar e Grey sentiu os cabelos da nuca se arrepiando levemente.

– Consegue dizer quantos... homens... eram?

Rodrigo balançou a cabeça.

– Mais de dois, pelo som.

Tom avançou um pouco, o rosto redondo concentrado.

– Acha que havia mais alguém com eles? Quero dizer, alguém com um passo comum?

Rodrigo pareceu chocado, depois horrorizado.

– Quer dizer, um *houngan*? Não sei – disse, dando de ombros. – Talvez. Não ouvi sapatos. Mas...

– Ah. Porque... – começou Tom antes de se interromper de repente, olhar para Grey e tossir. – Ah.

Apesar de mais perguntas, aquilo foi tudo o que Rodrigo pôde oferecer, então o carpete foi levantado de novo – dessa vez com a ajuda do empregado – e depositado em seu local de repouso provisório. Fettes e Cherry pressionaram Dawes um pouco mais, mas o secretário foi incapaz de fornecer mais informações relativas às atividades do governador, muito menos especular sobre qual força maligna provocara sua derrocada.

– Já tinha ouvido falar em zumbis antes, Sr. Dawes? – perguntou Grey, enxugando o rosto com o que sobrara de seu lenço.

– Ahn... sim – respondeu o secretário com cautela. – Mas o senhor certamente não acredita no que o empregado... Ah, certamente não!

Grey lançou um olhar desalentado para o barracão.

– Zumbis realmente são conhecidos por devorar carne humana?

Dawes recuperou sua palidez doentia.

– Bem, sim. Mas... Ora vejam!

– Amarre tudo muito bem – murmurou Cherry em voz bem baixa. – Então imagino que não pretenda fazer um anúncio público do falecimento do governador, senhor?

– Você está certo, capitão. Não quero criar pânico com uma grande praga de zumbis em Spanish Town, seja esse o caso ou não. Sr. Dawes, acho que não precisamos perturbá-lo mais para o momento; está dispensado.

Ele viu o secretário cambalear para fora antes de chamar seus oficiais mais para perto. Tom se afastou um pouco, discreto como sempre, e levou Rodrigo com ele.

– Descobriram mais alguma coisa que poderia ter relação com a circunstância atual?

Eles se entreolharam e Fettes assentiu para Cherry, chiando um pouco. Cherry lembrava muito uma cereja, mas, sendo mais jovem e esbelto que Fettes, tinha mais fôlego.

– Sim, senhor. Fui procurar Ludgate, o antigo superintendente. Não o encontrei; dizem que partiu para o Canadá, mas escutei muita coisa sobre o atual superintendente.

Grey ficou algum tempo tentando lembrar do nome.

– Cresswell?

– Ele mesmo.

“Corrupção e desvio de verbas” pareciam resumir muito bem a gestão do capitão Cresswell como superintendente, segundo os informantes de Cherry em Spanish Town e King’s Town. Entre outros delitos, ele negociara o comércio entre os fugidos do planalto e os comerciantes abaixo na forma de penas de pássaros, peles de cobra e outros itens exóticos; madeira das florestas do planalto e assim por diante. Mas, de acordo com os relatos, recebera em nome dos fugidos dinheiro que deixara de entregar.

– Ele teve alguma participação na prisão dos dois fugidos acusados de roubo?

Os dentes de Cherry se mostraram em um sorriso.

– Curioso que tenha perguntado, senhor. Sim, eles disseram, ou pelo menos alguns disseram, que os dois jovens haviam descido para se queixar do comportamento de Cresswell, porém o governador não os recebeu. Foram ouvidos declarando que iriam recuperar sua mercadoria pela força, e então, quando uma parcela substancial do conteúdo de um armazém desapareceu,

imaginou-se que o haviam feito. Eles, os fugidos, insistiram em que não tinham tocado nas coisas, mas Cresswell aproveitou a oportunidade e os prendeu por roubo.

Grey fechou os olhos, desfrutando do frescor momentâneo de uma brisa marinha.

– Você disse que o governador não recebeu os jovens. Há algum indício de uma relação imprópria entre o governador e o capitão Cresswell?

– Ah, sim – disse Fettes, revirando os olhos. – Ainda não há provas, mas também não procuramos muito.

– Entendo. E ainda não sabemos do paradeiro do capitão Cresswell?

Cherry e Fettes balançaram as cabeças juntos.

– A conclusão geral é que Accompong o estrangulou – disse Cherry.

– Quem?

– Ah. Perdão, senhor – desculpou-se Cherry. – Esse é nome do líder dos fugidos, dizem. *Capitão Accompong* é como ele se identifica.

Os lábios de Cherry retorceram levemente.

Grey suspirou.

– Certo. Nenhum relato de mais destruição pelos fugidos, qualquer que seja o nome?

– Não, a não ser que conte o assassinato do governador – respondeu Fettes.

– Na verdade – disse Grey lentamente –, não acho que os fugidos sejam responsáveis por esta morte específica.

Ele ficou um tanto surpreso de se ouvir dizer isso, mas descobriu que de fato pensava assim.

Fettes piscou, sendo isso o mais perto que chegava de uma expressão de espanto, e Cherry pareceu abertamente cético. Grey escolheu não entrar no assunto da Sra. Abernathy nem explicar no momento sua conclusão acerca do desinteresse dos fugidos pela violência. Estranho, pensou. Ele ouvira o nome do capitão Accompong momentos antes, mas com aquele nome seus pensamentos começaram a girar em torno de uma figura sombria. De repente, havia uma mente ali, alguém com quem poderia se relacionar.

Em batalha, a personalidade e o temperamento do oficial comandante era quase tão importante quanto o número de soldados que comandava. Então, precisava saber mais sobre o capitão Accompong, mas isso poderia esperar um pouco.

Ele fez um gesto com a cabeça para Tom, que se aproximou respeitosamente, tendo Rodrigo atrás.

– Diga a eles o que descobriu, Tom.

Tom pigarreou e entrelaçou as mãos junto ao peito.

– Bem, nós.... Ah... Despimos o governador...

Fettes estremeceu e Tom pigarreou novamente antes de prosseguir.

– ... E demos uma boa olhada. E o resumo disso, senhor; e senhor – disse para Cherry –, é que o governador Warren foi esfaqueado nas costas.

Os dois oficiais ficaram perplexos.

– Mas, o lugar está coberto de sangue, sujeira e nojeira – protestou Cherry. – Cheira como aquele lugar onde colocam os inchados que pegam no Tâmis!

– Pegadas – disse Fettes, lançando um olhar levemente acusador na direção de Tom. – Havia pegadas. Grandes pegadas ensanguentadas nuas.

– Não nego que algo questionável esteve presente naquele quarto – comentou Grey secamente. – Mas quem, o ou quê, mastigou o governador provavelmente não o matou. Ele quase certamente estava morto quando o... ahn... dano posterior ocorreu.

Os olhos de Rodrigo estavam enormes. Fettes foi ouvido observando em voz baixa que não acreditava naquilo, mas ele e Cherry eram bons homens e não discutiram as conclusões de Grey mais do que obedeceram à sua ordem de esconder o corpo de Warren – entendiam perfeitamente o interesse de eliminar boatos de uma praga de zumbis.

– A questão, cavalheiros, é que após vários meses de incidentes, não aconteceu nada no último mês. Talvez a morte do Sr. Warren possa ser uma provocação; mas se isso não foi obra dos fugidos, a questão passa a ser: o que os fugidos estão esperando?

Tom ergueu a cabeça, os olhos arregalados.

– Bem, meu senhor, eu diria que estão esperando pelo *senhor*. O que mais?

De fato, o que mais. Por que ele não percebera isso imediatamente? Claro que Tom estava certo. Os protestos dos fugidos não haviam sido respondidos, suas queixas não foram solucionadas. Então, decidiram chamar atenção da forma mais evidente – mesmo que não a melhor – que restava a eles. O tempo passou, nada foi feito em resposta, e então ouviram falar que soldados estavam a caminho. O tenente-coronel Grey havia aparecido. Naturalmente estavam esperando para ver o que iria fazer.

O que ele fizera até então? Mandara soldados para proteger as fazendas que eram os alvos mais prováveis de um novo ataque. Aquilo dificilmente levaria os fugidos a abandonar seu plano de ação, embora pudesse levá-los a voltar seus

esforços para outro ponto.

Grey andou de um lado para outro em meio à natureza do jardim da King's House, pensando, mas havia poucas alternativas.

Convocou Fettes e o informou de que, até ordem em contrário, ele, Fettes, era o governador em exercício da ilha da Jamaica.

Fettes pareceu um bloco de madeira ainda mais que de hábito.

– Sim, senhor – disse. – Se posso perguntar, senhor... Para onde vai?

– Vou conversar com o capitão Accompong.

– Sozinho, senhor? – disse Fettes, chocado. – Certamente não pretende ir até lá em cima sozinho!

– Não estarei só – garantiu Grey a ele. – Levarei meu valete e o empregado. Precisarei de alguém que traduza para mim caso necessário.

Vendo a expressão recalcitrante no cenho de Fettes, suspirou.

– Ir para lá com grande força, major, é pedir uma batalha, e não é isso o que desejo.

– Não, senhor – disse Fettes, inseguro. – Mas certamente uma escolta adequada...

– Não, major – rebateu Grey educadamente, porém com firmeza. – Quero deixar claro que estou indo falar com o capitão Accompong, e nada mais que isso. Vou sozinho.

– Sim, senhor.

Fettes passou a parecer um bloco de madeira que alguém começara a trabalhar com martelo e cinzel.

– Como queira, senhor.

Grey assentiu e se virou para entrar na casa, mas antes parou e se voltou.

– Ah, há uma coisa que poderia fazer por mim, major.

Os olhos de Fettes brilharam ligeiramente.

– Sim, senhor?

– Consiga um chapéu particularmente excelente, sim? Com bordados de ouro, se possível.

Eles cavalgaram por quase dois dias antes de ouvir a primeira corneta. Um som agudo e melancólico na penumbra, parecia distante, e apenas uma espécie de nota metálica deixou Grey certo de que não era o grito de algum grande pássaro exótico.

– Fugidos – constatou Rodrigo em voz baixa, se agachando um pouco, como

se tentando passar despercebido, mesmo na sela. – É como falam uns com os outros. Cada grupo tem uma corneta; cada uma soa diferente.

Outra nota longa, decrescente e triste. Grey ficou pensando: seria a mesma corneta? Ou uma segunda, respondendo à primeira?

– Você diz que falam uns com os outros. Sabe o que estão dizendo?

Rodrigo se empertigara um pouco na sela, automaticamente levando a mão às costas para equilibrar a caixa de couro que continha o chapéu mais chamativo disponível em Spanish Town.

– Sim, senhor. Estão dizendo uns aos outros que estamos aqui.

Tom murmurou algo baixo que soava como “eu mesmo poderia ter dito isso”, mas não quis repetir nem se estender sobre seu sentimento quando convidado a fazê-lo.

Eles acamparam para passar a noite sob o abrigo de uma árvore, tão cansados que se limitaram a ficar sentados em silêncio enquanto comiam, acompanhando a tempestade noturna que se aproximava pelo mar, depois engatinharam para dentro da barraca de lona que Grey levava. Os jovens adormeceram instantaneamente com o barulho da chuva.

Grey permaneceu mais algum tempo acordado, lutando contra o cansaço, sua mente se projetando para cima. Ele colocara o uniforme, embora não completo, então sua identidade seria evidente. E até o momento sua jogada havia sido aceita; não tinham sido desafiados, muito menos atacados. Aparentemente o capitão Accompong iria recebê-los.

E depois? Não estava certo. Esperava conseguir recuperar seus homens – os dois sentinelas que haviam desaparecido na noite do assassinato do governador Warren. Seus corpos não tinham sido encontrados, nem seus uniformes ou equipamento; e o capitão Cherry revirara toda Spanish Town e King’s Town na busca. Mas se houvessem sido levados com vida, isso reforçaria a impressão que tinha de Accompong – dando-lhe alguma esperança de que aquela rebelião pudesse ser resolvida de alguma forma que não envolvesse uma prolongada campanha militar travada entre selva e pedras, e terminando com correntes e execuções. Mas se... o sono o derrotou e ele mergulhou em sonhos incongruentes com pássaros coloridos cujas penas raspavam em suas bochechas enquanto voavam silenciosamente.

Grey acordou de manhã sentindo o sol no rosto. Piscou por um momento, confuso, depois se sentou. Estava sozinho. Inteiramente só.

Ele se levantou agitado, coração acelerado, buscando seu punhal. Estava em sua cintura, mas era a única coisa que ainda estava onde deveria. Seu cavalo

desaparecera – todos os cavalos. Assim como a barraca. Assim como a mula de carga com as cestas. Assim como Tom e Rodrigo.

Viu isso imediatamente. Os cobertores nos quais haviam deitado na noite anterior continuavam lá, jogados nos arbustos, mas ainda assim chamou por eles, repetidamente, até sua garganta doer de tanto gritar.

Escutou uma das cornetas em algum ponto bem acima dele, um toque prolongado que parecia de deboche.

Entendeu a mensagem instantaneamente. Você pegou dois dos nossos; nós pegamos dois dos seus.

– E você acha que não vou buscá-los? – gritou para cima na direção do perturbador mar de verde oscilante. – Diga ao capitão Accompong que estou indo! Levarei meus jovens de volta, e de volta em segurança, ou ficarei com a cabeça dele!

O sangue lhe subiu ao rosto e ele achou que fosse explodir, mas teve o bom-senso de não socar nada, o que era sua grande vontade. Estava só; não podia se permitir ficar ferido. Tinha de chegar aos fugidos com tudo o que ainda lhe restava se queria resgatar Tom e solucionar a rebelião; e pretendia resgatar Tom, custasse o que custasse. Não se importava se aquilo podia ser uma armadilha; ele estava indo.

Grey se acalmou um pouco, com força de vontade, andando em círculos e pisando firme com os pés calçando apenas meias até ter esgotado a maior parte de sua raiva. Foi quando as viu, arrumadas uma ao lado da outra sob um espinheiro.

Eles haviam deixado suas botas. Esperavam que Grey fosse.

Grey caminhou durante três dias. Não se preocupou em tentar seguir uma trilha; não era um rastreador especialmente habilidoso e de qualquer forma descobrir qualquer sinal entre as pedras e a vegetação densa era uma esperança vã. Simplesmente escalou, descobrindo passagens onde podia, e escutou as cornetas.

Os fugidos não haviam deixado suprimentos, mas isso não importava. Havia numerosos córregos e poças e, embora sentisse fome, não passava fome. Encontrara aqui e ali árvores do tipo que vira em Twelvetreets, carregadas de pequenos frutos vermelhos. Raciocinou que se os papagaios os comiam, os frutos deviam ser minimamente comestíveis. Eram bastante azedos, mas não o envenenaram.

Os toques de corneta haviam aumentado de frequência desde o amanhecer. Havia três ou quatro deles, dando sinais de um lado para outro. Claramente

estava chegando perto. Não sabia do quê, mas perto.

Parou, olhando para cima. O terreno começara a se nivelar ali; havia trechos abertos na selva e em uma dessas pequenas clareiras ele viu o que evidentemente eram plantações: montes de trepadeiras enroladas que podiam ser inhame, apoio para pés de feijão, as grandes flores amarelas de abobrinha ou abóbora. Na extremidade mais distante do campo, uma pequena espiral de fumaça subia, destacando-se contra o verde. Estava perto.

Ele tirara o chapéu grosseiro que tecera com folhas de palmeira para se proteger do sol forte e enxugou o rosto na fralda da camisa. Era o máximo de preparação que podia fazer. O extravagante chapéu bordado a ouro que trouxera provavelmente ainda estava em sua caixa, onde quer que estivesse. Recolocou o chapéu de folhas de palmeira e mancou na direção da espiral de fumaça.

Enquanto caminhava, teve a visão de pessoas ganhando forma lentamente. Pessoas de pele escura em roupas esfarrapadas, saindo da selva para olhá-lo com grandes olhos curiosos. Encontrara os fugidos.

Um pequeno grupo de homens o levou mais para o alto. Faltava pouco para o pôr do sol e a luz dourada e lavanda penetrava pelas árvores quando eles o conduziram até uma grande clareira, onde havia um complexo constituído por várias cabanas. Um dos homens que acompanhavam Grey gritou, e da maior cabana saiu um homem que se anunciou sem maiores cerimônias como o capitão Accompong.

O capitão Accompong foi uma surpresa. Era muito baixo, muito gordo e corcunda, o corpo tão distorcido que praticamente não andava, avançava com uma espécie de arrasto lateral. Vestia os restos de um casaco esplêndido, já sem botões e com metade dos bordados dourados caídos, os punhos desgastados.

Ele olhou de sob a aba caída de um chapéu de feltro puído, os olhos brilhando nas sombras. Seu rosto era redondo e muito enrugado, com muitos dentes faltando, mas transmitindo a impressão de grande astúcia, e talvez bom humor. Grey esperava que sim.

– Quem é você? – perguntou Accompong, erguendo os olhos para Grey como um sapo sob uma rocha.

Todos na clareira conheciam muito bem sua identidade; eles oscilaram de um pé para outro e se cutucaram, sorrindo. Mas Grey não prestou atenção e se curvou muito adequadamente a Accompong.

– Sou o homem responsável pelos dois jovens que foram levados na montanha. Vim para levá-los de volta; juntamente com meus soldados.

Seguiu-se alguma dose de vaias de desprezo e Accompong deixou que

continuassem por algum tempo antes de erguer a mão.

– É o que diz? Por que acha que tenho algo a ver com esses jovens?

– Não disse que tem. Mas conheço um grande líder quando vejo um. E sei que pode me ajudar a encontrar meus jovens. Caso deseje.

– Pff! – fez Accompong, franzindo o rosto em um sorriso banguela. – Acha que pode me bajular para que o ajude?

Grey podia sentir algumas das crianças menores se movendo atrás dele; ouviu risinhos abafados, mas não se virou.

– Peço sua ajuda. Contudo não ofereço em troca apenas minha opinião.

Uma mão pequena se meteu sob o casaco e beliscou seu traseiro com força. Houve uma explosão de risos e uma correria atrás dele. Ele não se moveu.

Accompong mastigou lentamente alguma coisa no fundo de sua boca espaçosa, um olho apertado.

– Sim? O que oferece então? Ouro? – disse, erguendo um canto de seus lábios grossos.

– Tem alguma necessidade de ouro? – perguntou Grey. As crianças sussurravam e riam atrás, mas ele também ouviu sussurros de algumas das mulheres; estavam ficando interessados. Talvez.

Accompong pensou um momento, depois balançou a cabeça.

– Não. O que mais oferece?

– O que deseja? – retrucou Grey.

– A cabeça do capitão Cresswell! – disse uma voz de mulher, muito claramente. Houve agitação e uma batida, uma voz de homem censurando em espanhol, um estalar acalorado de vozes de mulher em resposta. Accompong deixou que continuasse por um minuto ou dois, depois ergueu a mão. O silêncio foi imediato.

Ele se prolongou. Grey podia sentir a pulsação nas têmporas, lenta e difícil. Deveria falar? Já havia ido como suplicante; falar naquele momento seria perder moral, como dizem os chineses. Ele esperou.

– O governador está morto? – perguntou Accompong finalmente.

– Sim. Como sabe disso?

– Quer dizer que eu o matei? – retrucou, os olhos amarelados bulbosos se apertando.

– Não – disse Grey pacientemente. – Quero dizer: como soube que ele morreu?

– Os zumbis o mataram.

A resposta foi imediata, e séria. Não havia qualquer indício de humor naqueles

olhos.

– Sabe quem criou os zumbis?

Um tremor extraordinário percorreu o corpo de Accompong, de seu chapéu puído até as solas calejadas de seus pés descalços.

– Você sabe – disse Grey com suavidade, erguendo a mão para impedir a negação automática. – Mas não foi você, não é? Conte.

O capitão deslocou o peso desconfortavelmente de uma nádega para outra, mas não respondeu. Seus olhos se voltaram para uma das cabanas e após um momento ergueu a voz, dizendo algo no dialeto dos fugidos, no meio do que Grey achou ter ouvido a palavra “Azeel”. Ficou momentaneamente confuso, achando a palavra familiar, no entanto sem saber por quê. Então a jovem saiu da cabana, se agachando sob a passagem baixa e ele lembrou.

Azeel. A jovem escrava de quem o governador abusara, cuja fuga da King’s House pressagiara a praga de serpentes.

Olhando para ela enquanto avançava, não pôde deixar de perceber o que inspirara a lascívia do governador, embora não fosse uma beleza que apelasse a ele. Era pequena, porém não banal. Com proporções perfeitas, tinha pose de rainha e seus olhos queimavam quando virou o rosto na direção de Grey. Havia raiva em seu rosto, mas também algo como um terrível desespero.

– O capitão Accompong diz que devo lhe contar o que sei; o que aconteceu.

Grey se curvou a ela.

– Ficaria muito grato de ouvir, madame.

Ela olhou duro, evidentemente suspeitando de deboche, mas ele era sincero, e ela percebeu isso. Assentiu brevemente, de modo quase imperceptível.

– Bem, então. Você sabe que aquele animal – disse, quase cuspidando no chão – me obrigou? E eu deixei sua casa?

– Sim. Quando então você procurou um *Obeah-man*, que lançou uma maldição de cobras sobre o governador Warren, estou correto?

Ela olhou fixamente para ele e concordou.

– A cobra é sabedoria e aquele homem não tinha nenhuma. Nenhuma!

– Acho que está bastante certa quando a isso. Mas e os zumbis?

A multidão inteira respirou fundo. Medo, desagrado – e algo mais. A garota apertou os lábios e lágrimas cintilaram em seus grandes olhos escuros.

– Rodrigo – disse, engasgando com o nome. – Ele e eu...

Ela trincou os dentes; não conseguia falar sem chorar, e não iria chorar na frente dele. Grey baixou os olhos para o chão de modo que ela tivesse alguma privacidade. Podia ouvi-la respirando pelo nariz, um suave ruído chiado.

Finalmente, ela respirou fundo.

– Ele não ficou satisfeito. Procurou um *houngan*. O *Obeah-man* o alertou, mas... – disse, o rosto inteiro contorcido no esforço de esconder seus sentimentos. – O *houngan*. Ele tinha zumbis. Rodrigo pagou a ele para matar o animal.

Grey sentiu como se tivesse levado um soco no peito. Rodrigo. Rodrigo, se escondendo no barracão do jardim ao som de pés descalços arrastados na noite – ou Rodrigo, alertando seus colegas empregados a partir, então destrancando as portas, acompanhando uma horda silenciosa de homens arruinados em trapos sujos escada acima... Ou subindo antes deles, aparentemente alarmado, convocando os sentinelas, os levando para fora, onde poderiam ser apanhados.

– E onde está Rodrigo agora? – perguntou Grey secamente. Houve um silêncio profundo na clareira. As pessoas sequer olhavam umas para as outras; todos os olhos estavam fixos no chão. Ele deu um passo na direção de Accompong.

– Capitão?

Accompong despertou. Ergueu o rosto deformado para Grey e uma das mãos na direção de uma das cabanas.

– Não gostamos de zumbis, coronel – disse ele. – Eles são impuros. E matar um homem se valendo deles... É muito errado. Compreende isso?

– Sim, compreendo.

– Esse homem, Rodrigo – continuou Accompong, depois hesitando, procurando as palavras. – Ele não é um de nós. Ele vem de Hipaniola. Eles... fazem essas coisas lá.

– Coisas como criar zumbis? Mas supostamente isso também acontece aqui.

Grey falou automaticamente; sua mente estava trabalhando com fúria à luz daquelas revelações. A coisa que o atacara em seu quarto – não seria um grande esforço um homem se sujar com terra de túmulo e vestir roupas apodrecidas...

– Não entre nós – disse Accompong, com grande firmeza. – Antes que eu diga mais, meu coronel; acredita no que ouviu até agora? Acredita que nós, que eu, não tivemos nada com a morte de seu governador?

Grey pensou naquilo por um momento. Não havia evidências; apenas a história da jovem escrava. Mas... Ele tinha evidências. As evidências de suas próprias observações e conclusões relativas à natureza do homem sentado diante dele.

– Sim – disse abruptamente. – Então?

– Seu rei acreditará?

Bem, não; dito assim, não, Grey pensou. A questão teria de ser conduzida com

tato... Accompong bufou levemente, vendo os pensamentos cruzarem seu rosto.

– Esse homem, Rodrigo. Ele nos causou grande mal conduzindo sua vingança pessoal de uma forma que... que... – disse, procurando a palavra.

– Que os incrimina – concluiu Grey. – Sim, entendo isso. O que fez com ele?

– Não posso lhe entregar o homem – disse Accompong enfim. Seus lábios grossos se apertaram por um momento, mas olhou Grey nos olhos. – Ele está morto.

O choque atingiu Grey como uma bala de mosquete. Um impacto que o desequilibrou e a nauseante compreensão do mal irrevogável cometido.

– Como? – perguntou, seco e breve. – O que aconteceu a ele?

A clareira ainda estava silenciosa. Accompong ficou olhando para o chão à sua frente. Após um longo momento, um suspiro, um murmúrio, veio da multidão.

– Zumbi.

– Onde? – rosou. – Onde ele está? Traga-o até mim. Agora!

A multidão se afastou da cabana, e uma espécie de gemido os percorreu. Mulheres pegaram os filhos, recuaram com tanta pressa que pisaram nos pés dos companheiros. A porta se abriu.

– Anda! – disse uma voz do lado de dentro. “Caminhe”, em espanhol. A mente anestesiada de Grey mal registrara isso quando a escuridão dentro da cabana mudou, e uma forma surgiu à porta.

Era Rodrigo. Mas, então... não era. A pele reluzente se tornara pálida e enlameada, quase de cera. A boca firme e macia estava caída, e os olhos; ah, Deus, os olhos! Eram fundos, vítreos e não demonstravam qualquer compreensão, qualquer movimento, qualquer consciência. Eram os olhos de um homem morto. E ainda assim... ele caminhava.

Aquilo era o pior de tudo. Havião desaparecido todos os traços da graça ágil de Rodrigo, sua elegância. Aquela criatura se movia de maneira rígida, desajeitada, arrastando os pés, quase cambaleando de pé em pé. Suas roupas pendiam de seus ossos como os trapos de um espantalho, sujas de argila e cobertas de líquidos medonhos. O cheiro de putrefação chegou às narinas de Grey e ele engasgou.

– Alto – disse a voz com brandura, e Rodrigo parou de repente, braços caídos como os de uma marionete. Grey olhou para cima, depois para a cabana. Um homem alto e escuro estava na passagem, olhos ardentes fixos em Grey.

O sol quase se pusera; a clareira estava mergulhada em sombras profundas, e Grey sentiu um tremor convulsivo se apossar dele. Ergueu o queixo e, ignorando a coisa horrenda rigidamente de pé diante de si, se dirigiu ao homem alto.

– Quem é o senhor?

– Pode me chamar de Ishmael – disse o homem, com um estranho sotaque animado. Ele saiu da cabana e Grey observou um recuo generalizado, todos se afastando do homem, como se sofresse de algo mortalmente contagioso. Grey também quis recuar, mas não o fez.

– Você fez... isso? – perguntou Grey, balançando a mão para o que restava de Rodrigo.

– Fui pago para fazer isso, sim – disse Ishmael, os olhos se virando para Accompong, e depois de volta para Grey.

– E o governador Warren... Você também foi pago para matá-lo, não? Por este homem? – continuou apontando para Rodrigo com a cabeça; não suportava olhar diretamente para ele.

Os zumbis acham que estão mortos, assim como todos os outros.

Ishmael franziu o cenho e, com isso, aproximou suas sobrancelhas, e com a mudança de expressão Grey percebeu que o rosto do homem era coberto de cicatrizes, aparentemente feitas de propósito, longos canais abertos em bochechas e testa. Ele balançou a cabeça.

– Não. Este – e apontou com a cabeça para Rodrigo – me pagou para trazer meus zumbis. Ele me diz que deseja aterrorizar um homem. E zumbis fazem isso – acrescentou com um sorriso lupino. – Mas quando eu os levei ao quarto e o *buckra* se virou para fugir, este – um gesto de mão para Rodrigo – se lançou sobre ele e o apunhalou. O homem caiu morto e Rodrigo então me ordenou – e seu tom de voz deixava claro o que pensava de alguém ordenar que fizesse algo – que fizesse meus zumbis se alimentarem dele.

Ele deu de ombros.

– Por que não? Ele estava morto.

Grey se voltou para o capitão Accompong, que ficara sentado em silêncio durante aquele depoimento.

– E então você pagou a esse... Esse...

– *Houngan* – ajudou Ishmael.

– ... para fazer isso?!

Ele apontou para Rodrigo e sua voz falhou com horror ultrajado.

– Justiça – disse Accompong com uma dignidade simples. – Não acha?

Grey se viu temporariamente sem palavras. Enquanto tentava encontrar algo para dizer, o líder se virou para um lugar-tenente e disse:

– Traga o outro.

– O outro – começou Grey, mas, antes que pudesse falar mais, houve nova

agitação na massa e de uma das cabanas saiu um fugido conduzindo outro homem por uma corda amarrada ao pescoço. O homem tinha olhos arregalados e estava sujo, as mãos amarradas às costas, mas as roupas haviam sido muito finas. Grey balançou a cabeça, tentando dissipar o resto do horror que se agarrava à sua mente.

– Capitão Cresswell, imagino? – disse.

– Salve-me! – bufou o homem, se jogando de joelhos aos pés de Grey. – Eu imploro, senhor, seja lá quem for, salve-me!

Grey esfregou o rosto denotando cansaço e baixou a cabeça para o antigo superintendente, depois olhou para Accompong.

– Ele precisa ser salvo? – perguntou. – Eu não quero, eu sei o que ele fez, mas é meu dever.

Accompong apertou os lábios, pensando.

– Você sabe o que ele é. Se eu o entregar a você, o que irá fazer com ele?

Finalmente havia uma resposta a uma pergunta.

– Acusá-lo de seus crimes e mandá-lo à Inglaterra para julgamento. Se for condenado, será preso, ou possivelmente enforcado. O que aconteceria a ele aqui? – perguntou, curioso.

Accompong virou a cabeça, olhando pensativamente para o *houngan*, que sorriu de modo desagradável.

– Não! – foi o grito sufocado de Cresswell. – Não, por favor! Não deixe que ele me leve! Eu não posso... Eu não posso... Ai, DEUS!

Ele olhou, chocado, para a figura rígida de Rodrigo, depois caiu de rosto no chão aos pés de Grey, chorando convulsivamente.

Anestesiado pelo choque, Grey pensou por um instante que isso provavelmente iria resolver a rebelião... Mas não. Cresswell não podia, nem ele.

– Certo – disse Grey, engolindo em seco antes de se virar para Accompong. – Ele é inglês e, como disse, é meu dever garantir que ele se submeta às leis inglesas. Portanto, devo pedir que o coloque sob minha custódia e aceite minha palavra de que garantirei que a justiça seja feita. Nosso tipo de justiça – acrescentou ele, retribuindo o olhar maldoso do *houngan*.

– E se não fizer isso? – perguntou Accompong, piscando para ele de forma simpática.

– Bem, então suponho que terei de lutar com você para consegui-lo – respondeu Grey. – Mas eu estou terrivelmente cansado, e não quero.

Accompong riu disso e Grey acrescentou rapidamente.

– Eu, claro, irei nomear um novo superintendente, e considerando a

importância do cargo, trarei o novo superintendente aqui, para que o conheça e o aprove.

– E se eu não aprovar?

– Há um monte de ingleses na Jamaica – disse Grey, com impaciência. – Você gostará de algum deles.

Accompong riu alto, sua pequena barriga redonda sacudindo sob o casaco.

– Gostei de você, coronel. Quer ser o superintendente?

Grey reprimiu a resposta natural a isso, dizendo:

– Infelizmente tenho uma obrigação para com o Exército que me impede de aceitar a oferta, por mais impressionantemente generosa que seja – respondeu, depois tossindo e concluindo: – Mas tem a minha palavra de que encontrarei um candidato adequado.

O alto lugar-tenente que estava de pé atrás do capitão Accompong ergueu a voz e disse em dialeto algo cético que Grey não entendeu mas, pela postura do homem, seu olhar para Cresswell e o murmúrio de concordância com que a observação foi recebida, não teve dificuldade em deduzir o que havia sido dito.

O que vale a palavra de um inglês?

Grey lançou a Cresswell, que rastejava e lamuriava a seus pés, um olhar de profundo desgosto. Então sentiu um leve fedor de apodrecimento saindo da forma imóvel de Rodrigo e estremeceu. Não, ninguém merecia aquilo.

Deixando o destino de Cresswell de lado por um momento, Grey se voltou para a questão que estava em sua mente desde que ele vira pela primeira vez a espiral de fumaça.

– Meus homens – disse. – Quero ver meus homens. Traga-os até mim, por favor. Imediatamente.

Ele não ergueu a voz, mas sabia como fazer uma ordem soar como uma.

Accompong inclinou a cabeça levemente para um lado, como se pensando, mas então acenou com a mão relaxadamente. Houve uma agitação na multidão, uma expectativa. Cabeças se virando, depois corpos, e Grey olhou na direção das rochas que eles fitavam. Uma explosão de gritos, vaias e risos, e os dois soldados e Tom Byrd saíram do desfiladeiro. Estavam amarrados juntos pelos pescoços, tornozelos presos e mãos atadas, e se arrastavam desajeitadamente, esbarrando uns nos outros, virando as cabeças de um lado para o outro como galinhas em um esforço inútil de evitar as cusparadas e a terra jogada sobre eles.

O ultraje de Grey com esse tratamento foi superado por seu alívio de ver Tom e seus soldados bastante assustados, mas ilesos. Ele avançou imediatamente, para que o vissem e seu coração ficou apertado com a expressão de alívio

patético que surgiu em seus rostos.

– E então – disse, sorrindo. – Não acharam que iria abandoná-los, não é?

– Eu não achei, meu senhor – respondeu Tom bravamente, já puxando a corda ao redor de seu pescoço. – Disse a eles que o senhor viria, no instante em que calçasse as botas!

Ele olhou furioso para os garotinhos, vestindo apenas camisas, que dançavam ao redor dele e dos soldados, gritando “*Buckra! Buckra!*” e fingindo, mas não muito, acertar seus genitais com varas.

– Pode fazer com que parem com essa provocação suja, meu senhor? Estão fazendo isso desde que chegamos aqui.

Grey olhou para Accompong e ergueu as sobrancelhas educadamente. O líder rosnou algumas palavras de algo que não era exatamente espanhol, e os garotos relutantemente pararam, embora continuassem a fazer caretas e a gesticular rudemente com os braços.

O capitão Accompong estendeu a mão a seu lugar-tenente, que colocou o pequeno líder gordo de pé. Limpou com cuidado as barras de seu casaco, depois caminhou devagar ao redor do pequeno grupo de prisioneiros, se detendo em Cresswell. Fitou o homem, que estava encolhido em uma bola, então ergueu os olhos para Grey.

– Sabe o que é um *loa*, meu coronel? – perguntou em voz baixa.

– Sei sim – respondeu Grey, cauteloso.

– Há uma fonte aqui perto. Ela vem do fundo da terra, onde vivem os *loa*, e algumas vezes eles se apresentam e falam. Para que você leve de volta seus homens, peço que vá até lá e converse com qualquer *loa* que o encontre. Assim teremos a verdade e poderei decidir.

Grey ficou parado por um momento, olhando para aquele ancião gordo, Cresswell, as costas sacudindo com soluços silenciosos, e a jovem Azeel, que virara a cabeça para esconder as lágrimas quentes que corriam por suas faces. Ele não olhou para Tom. Não parecia haver muita escolha.

– Tudo bem – disse, dando as costas a Accompong. – Então vou agora.

Accompong balançou a cabeça.

– Pela manhã – falou. – Você não vai querer ir lá à noite.

– Sim, eu quero – disse Grey. – Agora.

“Aqui perto” aparentemente era uma expressão relativa. Grey achou que deveria ser quase meia-noite quando chegaram à fonte – Grey, o *houngan* Ishmael e quatro fugidos com archotes e armados com grandes facas de bambu chamadas

machetes.

Accompong não dissera que era uma fonte *quente*. Havia uma projeção rochosa e o que parecia uma caverna abaixo, de onde subia vapor como se fosse o hálito de um dragão. Seus ajudantes – ou guardas, dependendo de como se escolhia ver – pararam de uma só vez, a uma distância segura. Ele olhou esperando instruções, mas ficaram em silêncio.

Estava pensando em qual seria o papel do *houngan* naquela tarefa peculiar. O homem carregava um cantil amassado; ele o desarrolhou e deu a Grey. Tinha um cheiro quente, embora a lata do cantil pesado estivesse fria em suas mãos. Rum puro, pensou ele. Pelo cheiro docemente causticante que tinha – e sem dúvida algumas outras coisas.

... Ervas. Ossos amassados; pedaços de outras coisas. Mas a coisa principal, a coisa que você precisa ter, é o fígado de um baiacu (...). Eles não voltam disso, sabe. O veneno danifica seus cérebros.

– Agora bebemos – disse Ishmael. – E entramos na caverna.

– Os dois?

– Sim. Eu invocarei o *loa*. Sou um sacerdote de Damballa.

O homem falava sério, sem nada da hostilidade ou dos sorrisinhos que exibira antes. Mas Grey percebeu que seus acompanhantes mantinham uma distância segura do *houngan*, e os olhos atentos nele.

– Entendo – disse Grey, embora não entendesse. – Esse... Damballa. Ele ou ela?

– Damballa é a grande serpente – explicou Ishmael, e sorriu, os dentes cintilando brevemente à luz dos archotes. – Ouvi dizer que as cobras falam com você.

Ele apontou com a cabeça para o cantil.

– Beba.

Reprimindo a ânsia de dizer “Você primeiro”, Grey levou o cantil aos lábios e bebeu, lentamente. Era rum muito puro, com um gosto estranho, docemente acre, um pouco como o gosto de fruta que amadureceu até quase apodrecer. Tentou deixar fora da cabeça qualquer pensamento sobre a descrição casual da Sra. Abernathy do pó de *afile*; afinal, ela não havia mencionado qual seria o gosto da coisa. E certamente Ishmael não iria simplesmente envenená-lo. Ele esperava que não.

Ele bebeu o líquido até uma leve mudança na postura do *houngan* lhe dizer que era suficiente, então passou o cantil para Ishmael, que bebeu dele sem hesitar. Achou que deveria considerar isso reconfortante, mas sua cabeça estava

começando a nadar de um modo desagradável, sua pulsação claramente audível em seus ouvidos e alguma coisa estranha acontecia à sua visão; ficava intermitentemente escura, depois voltava com um breve clarão de luz, e quando olhou para um dos archotes, tinha ao redor um halo de anéis coloridos.

Grey mal ouviu o *clunk* do cantil jogado no chão, e olhou, piscando, enquanto as costas vestidas de branco do *houngan* adejavam diante dele. Um rosto escuro borrado quando Ishmael se virou para ele.

– Venha – disse o homem, desaparecendo no véu de água.

– Certo – murmurou Grey. – Bem, então...

Ele retirou as botas, soltou as faixas de joelho de suas calças e descalçou as meias. Então arrancou o casaco e pisou cautelosamente na água que soltava vapor.

Estava quente o suficiente para fazê-lo engasgar, mas em alguns instantes havia se acostumado à temperatura e seguido por um reservatório raso fumegante na direção da boca da caverna, cascalho duro se movendo sob seus pés nus. Ele ouviu sussurros de seus guardas, mas nenhum ofereceu sugestões alternativas.

Água caía da projeção acima, mas não como uma queda-d'água de verdade; fluxos mais finos, como dentes irregulares. Os guardas haviam cravado os archotes no chão na beirada da fonte; as chamas dançavam como arco-íris na névoa da água que caía quando ele passou sob a projeção.

O ar quente e úmido apertava seus pulmões e tornava difícil respirar. Após alguns momentos, Grey não conseguia mais sentir diferença entre sua pele e o ar úmido em meio ao qual andava; era como se houvesse se fundido à escuridão da caverna.

E *estava* escura. Completamente. Um brilho fraco vinha de detrás, mas não conseguia ver nada à frente, e era obrigado a sentir o caminho, uma das mãos na parede de pedra irregular. O som de água caindo ficou mais fraco, substituído pelas batidas pesadas de seu próprio coração, lutando contra a pressão no peito. Parou uma vez e pressionou os dedos nas pálpebras, obtendo conforto com os padrões coloridos que surgiram ali; então não estava cego. Mas, quando abriu os olhos novamente, a escuridão era total.

Achou que as paredes se estreitavam. Consequia tocar dos dois lados esticando os braços. Houve um momento de pesadelo em que pareceu sentir que se lançavam sobre ele. Ele se obrigou a respirar, um trago profundo e explosivo, e expulsou a ilusão.

– Pare aqui – disse um sussurro. Ele parou.

Houve silêncio, pelo que pareceu um longo tempo.

– Avance – ordenou o sussurro, de repente parecendo muito perto dele. – Há terra seca logo à sua frente.

Ele avançou, sentiu o piso da caverna se elevando abaixo e pisou cuidadosamente em rocha nua. Avançou lentamente até a voz mais uma vez o mandar parar.

Silêncio. Pensou que podia ouvir alguém respirando, mas não estava certo; o som de água ainda podia ser ouvido de leve a distância. *Certo*, pensou. *Venha, então*.

Não havia sido exatamente um convite, mas o que veio à sua mente foram os olhos verdes atentos da Sra. Abernathy olhando para ele enquanto dizia: “Vejo uma grande, enorme cobra deitada em seus ombros, coronel.”

Com um tremor convulsivo, se deu conta de que sentia um peso em seus ombros. Não um peso morto, mas algo vivo. Ele se moveu, apenas um pouco.

– Jesus – sussurrou, e achou ter ouvido um fantasma de um riso vindo de algum ponto da caverna. Ficou rígido e lutou contra a imagem mental, pois certamente não passava de sua imaginação, alimentada pelo rum. A ilusão de olhos verdes certamente desapareceu, mas o peso continuava sobre ele, embora não conseguisse dizer se repousava em seus ombros ou em sua mente.

– Então – disse a voz baixa, parecendo surpresa. – A *loa* já veio. As cobras *realmente* gostam de você, *buckra*.

– E se gostarem? – perguntou. Falou em um tom de voz normal, mas as palavras ecoaram nas paredes ao redor.

A voz deu um risinho breve e ele sentiu, mais que ouviu, um movimento próximo, um raspar de membros e uma batida macia como se algo tocasse o chão perto de seu pé direito. Sua cabeça parecia imensa, latejando com o rum, e ondas de calor passavam por ele, embora as profundezas da caverna estivessem frescas.

– Veja se essa cobra gosta de você, *buckra* – convidou a voz. – Levante-a.

Ele não conseguia ver nada, mas moveu o pé lentamente, sentindo o caminho no piso instável sob seus pés. Seus dedos tocaram algo e ele parou de repente. O que quer que tivesse tocado se moveu de repente, afastando-se. Então sentiu o pequeno toque de uma cobra em seu dedo, provando-o.

Estranhamente, a sensação o acalmou. Com certeza não era sua amiga, a pequena constritora amarela, mas uma serpente muito parecida com aquela de tamanho padrão, pelo que podia dizer. Nada a temer dela.

– Levante-a – convidou a voz. – A *krait* nos dirá se você fala a verdade.

– Realmente dirá? – perguntou Grey secamente. – Como?

A voz riu e ele achou ter ouvido mais dois ou três risos atrás, mas talvez fosse apenas o eco.

– Se você morrer, você mentiu.

Ele deu uma bufadela de desprezo. Não havia cobras venenosas na Jamaica. Ele colocou a mão em concha e flexionou os joelhos, mas hesitou. Venenosa ou não, ele tinha uma aversão instintiva a ser mordido por uma cobra. E como ele saberia o que o homem – ou os homens – sentado nas trevas pensaria se a coisa *de fato* o mordesse?

– Eu confio nessa cobra – disse a voz. – A *krait* veio comigo da África. Há muito tempo.

Os joelhos de Grey se esticaram de repente. África. Agora ele reconhecera o nome e isso fez sua testa suar frio. *Krait*. Uma porra de uma *krait africana*. Gwynne tinha uma. Pequena, não maior que a circunferência do dedo mínimo de um homem. “Terrivelmente mortal”, cantarolara Gwynne, acariciando as costas do animal com a ponta de uma pena de ganso; uma atenção que a cobra, uma coisa esguia e de um marrom banal, parecera ignorar.

Aquela estava se contorcendo langorosamente sobre a ponta do pé de Grey. Ele tinha de reprimir o anseio de chutá-la para longe e esmagá-la. Que diabo ele tinha que atraía cobra, de todas as coisas impuras? Supunha que podia ser pior, poderiam ser baratas... Instantaneamente teve uma sensação de que algo se arrastava por seus antebraços, e os esfregou com força, em um reflexo, vendo – sim, ele as viu, inferno, ali no escuro, pernas articuladas espinhosas e antenas curiosas que se remexiam raspando em sua pele.

Ele devia ter gritado. Alguém riu.

Se pensasse, não conseguiria fazer. Ele se curvou, agarrou a coisa e, levantando-se, a lançou na escuridão. Houve um ganido, um arrastar e então um breve grito chocado.

Ficou ofegante e tremendo com a reação, verificando repetidamente sua mão, mas não sentia dor e não conseguiu encontrar nenhuma marca de furo. O grito havia sido sucedido por uma sequência baixa de xingamentos ininteligíveis, pontuados pelos engasgos de um homem aterrorizado. A voz do *houngan* – se era isso – parecia urgente, seguida por outra voz, incerta, temerosa. Atrás dele, diante dele. Não tinha mais noção de direção.

Algo passou esbarrando nele, o peso de um corpo, e ele caiu sobre a parede da caverna, arranhando o braço. Gostou da dor; era algo a se aferrar, algo real.

Mais urgência nas profundezas da caverna. Silêncio repentino. E então uma

batida chispada, como algo batendo com força em carne, e o cheiro de cobre rasgado de sangue fresco se tornou mais forte que o cheiro de rocha quente e da água corrente. Sem outros sons.

Ele estava sentado no piso lamacento da caverna; podia sentir a terra fria abaixo de si. Apertou as mãos sobre ela, se recuperando. Após um momento, se colocou de pé e esperou, cambaleando e tonto.

– Eu não minto – disse ele para a escuridão. – E eu vou pegar meus homens.

Pingando de suor e água, ele se virou na direção dos arco-íris.

O sol mal havia nascido quando retornou ao complexo na montanha. A fumaça de fogo de cozinha se erguia entre as cabanas e o cheiro de comida fez seu estômago se contrair dolorosamente, mas tudo aquilo podia esperar. Caminhou a passos largos o melhor que pôde. Seus pés tinham tantas bolhas que ele não conseguira calçar as botas e voltara descalço, sobre pedras e espinhos, até a maior cabana, onde o capitão Accompong estava sentado placidamente esperando por ele.

Tom e os soldados também estavam lá; não mais presos juntos, mas ainda amarrados, ajoelhados junto ao fogo. E Cresswell, um pouco afastado, parecendo infeliz, mas pelo menos ereto.

Accompong olhou para um de seus lugares-tenentes, que avançou com uma grande faca de bambu e cortou as amarras dos prisioneiros com uma série de golpes despreocupados, mas felizmente precisos.

– Seus homens, meu coronel – declarou ele, magnânimo, apontando a mão gorda para eles. – Eu os devolvo.

– Estou profundamente agradecido, senhor – disse Grey, se curvando. – Mas falta um. Onde está Rodrigo?

Houve um silêncio repentino. Mesmo as crianças que gritavam pararam instantaneamente, desaparecendo atrás das mães. Grey podia ouvir água pingando na rocha, distante, e a pulsação em seus ouvidos.

– O zumbi? – perguntou Accompong enfim. Ele falou suavemente, mas Grey sentiu algum desconforto em sua voz. – Ele não é seu.

– Sim – disse Grey com firmeza. – Ele é. Veio à montanha sob minha proteção e sairá da mesma forma. É meu dever.

A expressão do líder atarracado era difícil de interpretar. Ninguém na multidão se moveu ou murmurou, embora Grey pudesse vislumbrar com o canto dos olhos cabeças se virando levemente, à medida que as pessoas faziam perguntas silenciosas umas às outras.

– É meu dever – repetiu Grey. – Não posso partir sem ele.

Cuidadosamente omitiu qualquer sugestão de que poderia não ser sua escolha partir ou não. Mas por que Accompong devolveria os homens brancos se planejasse matar ou prender Grey?

O líder franziu os lábios carnudos, depois virou a cabeça e fez alguma pergunta. Houve um movimento na cabana de onde Ishmael saíra na noite anterior. E um intervalo considerável, mas o *houngan* saiu novamente.

Seu rosto estava pálido e um dos pés enrolado em um tecido ensanguentado, amarrado com força. Amputação, pensou Grey com interesse, lembrando-se da batida metálica que parecera ecoar por sua própria carne na caverna. Era a única forma segura de impedir que a peçonha de uma cobra se espalhasse pelo corpo.

– Ah – disse Grey com voz leve. – Então a *krait* gostou mais de mim, não é mesmo?

Ele achou que Accompong havia rido baixo, mas na verdade não prestou atenção. Os olhos do *houngan* lançaram ódio na sua direção e ele lamentou a brincadeira, temendo que isso custasse a Rodrigo mais do que já havia sido tirado dele.

Mas, a despeito do seu choque e horror, ele se aferrava ao que a Sra. Abernathy dissera. O jovem não estava realmente morto. Ele engoliu em seco. Será que Rodrigo poderia ser trazido de volta? A escocesa dissera que não, mas talvez estivesse errada. Rodrigo claramente não era um zumbi por mais que alguns dias. E ela disse que a droga desaparecia com o tempo... Talvez...

Accompong falou secamente e o *houngan* baixou a cabeça.

– Anda – disse ele, soturno. Houve um movimento trôpego na cabana e ele se colocou de lado, empurrando Rodrigo para a luz, onde parou, olhando para o chão com olhos vazios, a boca aberta.

– Você quer isso? – perguntou Accompong apontando com a mão para Rodrigo. – Para quê? Ele certamente não serve a você. A não ser que queira levá-lo para a cama; ele não vai dizer não!

Todos acharam aquilo muito engraçado; a clareira estremeceu com as gargalhadas. Grey esperou que terminassem. Com um canto do olho ele viu a garota Azeel o fitando com algo como uma esperança temerosa nos olhos.

– Ele está sob minha proteção – repetiu. – Sim, eu o quero.

Accompong respirou fundo, apreciando os cheiros combinados de mingau de abóbora, banana frita e carne de porco fritando.

– Sente-se, coronel, e coma comigo – disse.

Grey se abaixou lentamente ao lado dele, o cansaço latejando em suas pernas.

Olhando ao redor, viu Cresswell sendo arrastado para longe, mas deixado sentado no chão recostado em uma cabana, sem ser incomodado. Tom e os outros dois soldados, parecendo tontos, estavam sendo alimentados junto a uma das fogueiras. Então viu Rodrigo, ainda de pé como um espantalho, e se esforçou para levantar.

Pegou o homem pela manga esfarrapada e disse:

– Venha comigo.

Para sua surpresa, Rodrigo fez isso, virando-se como um autômato. Grey conduziu o jovem, sob os olhos da multidão, até a garota Azeel e mandou que parasse. Ele ergueu a mão de Rodrigo e a ofereceu à garota, que, após um momento de hesitação, a segurou com força.

– Cuide dele, por favor – disse Grey a ela. Só quando se virou se deu conta de que o braço que segurava estava enrolado em uma bandagem. Homens mortos não sangram.

Retornando à fogueira de Accompong, encontrou esperando por ele uma travessa de madeira de comida fumegante. Baixou novamente para o chão, grato, e fechou os olhos; depois os abriu, assustado, como se sentisse algo descer sobre sua cabeça e se viu olhando de sob a aba caída do chapéu de feltro puído do líder.

– Ah – disse ele. – Obrigado.

Grey hesitou, olhando ao redor, procurando a caixa de chapéu de couro ou seu chapéu desfiado de folha de palmeira, mas não viu nenhum dos dois.

– Não se preocupe – disse Accompong e, inclinando-se para frente, deslizou as mãos cuidadosamente sobre os ombros de Grey, as palmas para cima, como se erguendo algo pesado. – Em vez disso, vou ficar com sua cobra. Acho que já a carregou por tempo demais.

Cuidado com a cobra

Um conto SPQR

JOHN MADDOX ROBERTS

John Maddox Roberts é mais conhecido por sua aclamada série de mistérios em doze volumes SPQR, contando as aventuras de um jovem aristocrata romano que continua se envolvendo com assassinatos e outros atos nefandos no submundo soturno da antiga Roma. A série SPQR consiste de *The king's gambit*, *The Catiline conspiracy*, *The temple of the muses*, *The river god's Vengeance* e outros oito romances. Além dos livros SPQR, o prolífico Maddox escreveu séries de fantasia, como a sequência em cinco volumes *Stormlands* (que consiste de *The islander*, *The black shields* e três outros), séries de ficção científica, como a sequência em dois volumes *Spacer* (*Space angel*, *Window of the mind*), e a série em três volumes *Cingulum* (*The cingulum*, *Cloak of illusion*, *The sword, the jewel and the mirror*); romances de detetive contemporâneos (*A typical american town*, *The ghosts of saigon*, *Desperate highways*), oito romances de *Conan*, um romance *Dragonlance*, romances em parceria com Eric Kotani e sob o pseudônimo de Mark Ramsay, além de livros isolados, como *Cestus dei*, *The strayed sheep of charun*, *Hannibal's children* e *King of the wood*. Seu último romance é *The year of confusion*, seu novo mistério SPQR.

Todos sabem que algumas cobras podem ser mortais. Como Decius Caecilius descobre no conto SPQR que se segue, algumas vezes o problema é *reconhecê-las* quando as vemos.

O jovem Herodes certa vez me disse que seu povo detesta serpentes. Parece ter algo a ver com a derrocada do povo de uma espécie de época de ouro, na qual a serpente está milagrosamente implicada. É o tipo de superstição primitiva que se deve esperar de bárbaros. As pessoas civilizadas, por outro lado, valorizam as cobras. Nós as reverenciamos e estimamos. As cobras ampliam as profecias dos oráculos e facilitam o contato com os deuses do mundo inferior. É difícil imaginar a vida civilizada sem cobras. Reis egípcios tinham cobras em suas

coroas, enquanto Mercúrio e Esculápio levam báculos com serpentes enroladas. O próprio espírito de um lugar é simbolizado por um pilar com uma cobra enrolada.

É verdade que eventualmente são encontradas cerastas, víboras e najas, que levam peçonha mortal, mas esse é apenas o modo que os deuses têm de nos lembrar de que seus dons com frequência têm duas facetas. Isso deixa os mortais alertas e impede que relaxem demais.

Também é verdade que certas pessoas levam essa reverência às serpentes longe demais. Algumas famílias, incluindo várias muito respeitáveis, têm uma cobra em casa e a consultam sobre todas as questões importantes. Pessoalmente, considero isso uma prática muito pouco romana. É mais como algo que gregos fariam. Mas ninguém na Itália é tão louco por cobras quanto os marso, o povo das montanhas que vive ao redor do lago Fucinus, a leste de Roma.

O que nos leva ao dia em que o sacerdote dos marso apareceu.

– Temos razões para crer que nossa cobra está em Roma.

O homem vestia uma toga açafraão com fita da mesma cor na testa.

– Entendo. Imagino que não tenha coleado até aqui por conta própria.

– Claro que não! Ela foi roubada e a queremos de volta.

Desse modo, o gênero da cobra havia sido definido. Já estávamos fazendo progressos. Olhei de relance para a carta de recomendação que o sacerdote trouxera. A mensagem era tipicamente objetiva e lacônica.

Decius Caecilius, o portador desta carta é Lucius Pompaedius Pollux, alto sacerdote do templo de Angitia. Ele é meu cliente, tem um problema e não consigo pensar em homem mais adequado que você para solucioná-lo.

Abaixo do texto breve havia, em vez de um selo, a assinatura *Caesar, Pontifex Maximus*. Como ele invocava seu posto de *pontifex*, aquela devia ser tratada como uma questão religiosa.

– Houve um pedido de resgate? – perguntei.

– Resgate? – retrucou Pompaedius, parecendo escandalizado. – Acha que é alguma espécie de sequestro?

– Não vejo por que não. Com frequência personagens distintos são mantidos presos para gerar resgates. As pessoas fazem isso desde Homero. Não há motivo para que o mesmo não possa ser feito com uma cobra amada.

– Senador, a Serpente de Angitia é um ser sagrado da maior importância religiosa, não alguma espécie de... de *animal*!

– Nunca sugeriria tal coisa – garanti a ele. – Simplesmente posso ajudá-lo mais se conseguir definir algum motivo para esse roubo único. O motivo para roubo

costuma ser lucro de um tipo ou de outro. Se não dinheiro, então o quê?

Ele refletiu sobre isso por algum tempo.

– Poder.

– O quê? – perguntei, animado.

– O que vocês, romanos, dizem dos marso? – Quis saber ele.

Eu podia pensar em várias coisas que dizíamos sobre os marso, todas elas nada lisonjeiras, mas sabia a que ele se referia.

– Que nunca triunfamos sobre vocês, e nunca triunfamos sem vocês.

– Precisamente.

Ele parecia pensar que tinha respondido algo.

Nos velhos tempos havíamos travado várias guerras com os marso, e eles nos fizeram lamentar isso. Certamente um povo muito duro, disciplinado, militarizado. Nós preferíamos muito tê-los como aliados. Eles se uniram a nós rapidamente contra as incursões dos gauleses e não vacilaram quando Aníbal quase destruiu Roma. Nosso último confronto contra os marso fora uma geração antes daquela, quando eles se juntaram às cidades rebeldes aliadas da Itália na exigência de direitos de cidadania. A guerra fora sangrenta, mas, assim que os rebeldes perceberam que não tinham como vencer, o Senado reconheceu a justiça de suas exigências e concedeu cidadania a eles. Eu pensei nos soldados marso que vira com nossas legiões. Usavam capacetes distintos, normalmente adornados com serpentes encolhidas e enroladas de forma elegante, com frequência em número de três.

– Está me dizendo que essa serpente encarna o valor marcial de seu povo? – arrisquei.

– Em grande medida. Quando os marso se tornaram um povo e fundaram Marruvium no lago, rezaram e fizeram sacrifícios a Angitia, pedindo a ela um sinal de sua aprovação e sua proteção a nossa cidade e nosso povo. No décimo dia dos ritos, uma grande serpente emergiu do lago. O povo construiu um templo a Angitia naquele local e ergueu um santuário para a serpente em sua cripta. A serpente é a protetora do povo. Enquanto ela estiver em seu santuário, e saudável, Marruvium está segura e os marso serão vitoriosos. Caso corra a notícia de que ela *sumiu*...

– Quer dizer que os habitantes de Marruvium e os marso em geral ignoram que sua cobra foi furtada? – perguntei.

– Sim. Se seu desaparecimento for conhecido, temo que haverá pânico disseminado. Nestes tempos de agitação, com tantos de nossos homens servindo nos exércitos, isso poderia ser um desastre. Até o momento, apenas os sacerdotes

do templo sabem.

– De que espécie ela é? Qual sua aparência?

– A Serpente Sagrada de Angitia pertence a uma espécie conhecida apenas perto do lago, chamada víbora do pântano. São pretas na cabeça e nas costas, com barriga branca. Claro que nossa serpente é um espécime especialmente magnífico, com cerca de 1,5 m de comprimento e com a circunferência de seu braço.

– Uma víbora? Então é venenosa?

– Decididamente. A víbora do pântano é mais mortal que qualquer naja egípcia ou cerasta.

– Um ladrão corajoso, portanto.

Ele deu de ombros.

– É fácil lidar com serpentes venenosas quando se tem a habilidade.

– E por que acha que sua Serpente Sagrada está em Roma?

– Quando o roubo foi descoberto, pedi silêncio e segredo a todo o pessoal do templo, então busquei um sinal da deusa.

– Imagino que isso envolveu cobras – constatei.

– O que mais? – disse ele, aparentemente perplexo.

– O que mais, de fato? E como a deusa respondeu à sua consulta?

– Primeiramente reunimos várias cobras das terras adjacentes ao templo, todas elas de linhagens conhecidas por nós há gerações.

– Ninguém iria querer se consultar com cobras estrangeiras – concordei.

– Claro que não. Após jejuar um dia e uma noite, fizemos todos os sacrifícios devidos e cantamos as preces no idioma marso original, que não é falado há muitas gerações. Então...

Conheço bem demais o tédio de ouvir um homem explanando sobre seu tema preferido, que não interessa ao outro, portanto interrompi.

– E que presságio receberam?

– Ah. Bem, no momento em que o ritual foi concluído, todos ficaram em silêncio expectante e imediatamente houve um trovão alto de Oeste. A deusa claramente desejava que procurássemos a oeste para encontrar nossa serpente, e Roma fica a oeste de Marruvium.

– Não poderia ser mais claro – concordei. – Mas permanece a questão de quem surruiu sua cobra, e exatamente por quê. Quais são as circunstâncias que cercam seu desaparecimento? Em que tipo de confinamento era mantida? Presumo que não podia simplesmente colear livre pela área.

Ele mais uma vez pareceu sentir dor.

- Ela tem um santuário sob o altar.
- Como é? Qual o tamanho?

Ele pareceu confuso com essas perguntas. As pessoas costumam ficar quando as interrogo. Meu método de reunir evidências em pequenos acréscimos, a partir do maior número possível de fontes, para chegar à essência do que de fato aconteceu deixava a maioria das pessoas totalmente confusa. Os mais caridosos opinavam que eu havia inventado uma nova escola de filosofia; aqueles com disposição mágica achavam que é uma espécie de feitiçaria. Eu simplesmente considero bom-senso, mas consigo convencer poucos dos meus pares de que assim é.

- É circular, com base de terra, claro, mas coberto com casca de cedro perfumada. Há várias estátuas dos reverenciados ancestrais da atual serpente, em pequenos pedestais.

Senti a tentação de perguntar a ele como cada nova cobra sagrada era escolhida, já que as cobras não têm um filhote de cada vez, mas tive medo de que ele respondesse.

- E como é o acesso ao santuário?
 - Por uma única passagem, bastante estreita, que desce a partir de uma abertura na escadaria que ascende até pórtico e altar.
 - E é a única entrada ou saída à disposição tanto para serpente quanto para um ser humano?
 - É.
 - E o acesso é por uma escadaria ou por uma rampa inclinada?
 - É um piso inclinado. Não há degraus. Isso tem alguma importância?
- Ele estava ficando impaciente. Eu estava acostumado a isso.

- De fato tem. Uma cobra poderia ter dificuldade de subir uma escada, mas não uma rampa. Será que ela não poderia ter simplesmente saído por conta própria? Deve ser terrivelmente tedioso lá embaixo. Não se pode passar o tempo todo apenas contemplando as imagens dos ancestrais. Sei disso. Em meu próprio átrio estão as máscaras mortuárias de dezenas de meus ancestrais Metellan e é difícil imaginar um bando de vilões patrióticos de expressões mais amargas. Se eu tivesse de ficar olhando para eles o tempo todo...

- Senador! – sibilou Pompaedius, como seu réptil desaparecido. – Precisamos encontrar a sagrada Serpente de Angitia! Acho que não está compreendendo a gravidade da situação.

Algumas vezes, se provoco alguém suficientemente consigo levá-lo a dizer algo destemperado, algo mais revelador do que pretendia. Não dessa vez,

aparentemente.

– Lucius Pompaedius, vou encontrar sua cobra. Compreendo plenamente como isso é crucial, não por causa da importância dos marso, ou por causa de sua deusa e seu consorte reptiliano, mas porque fui instruído a fazê-lo por Caius Julius Caesar, e deixar Caesar contente é de maior importância para todos os romanos sãos.

Naquela noite consultei minha própria autoridade doméstica em religião, minha esposa Julia.

– Angitia? – disse ela. – É aquela a quem fazer um sacrifício no caso de ter sido mordido por uma cobra.

– Se você consegue ir de Roma até seu templo no lago é porque iria se recuperar de qualquer forma – observei.

– Ela tem um santuário aqui em Roma – disse Julia, pensando na questão por algum tempo enquanto brincava com o jantar. – Acho que deveríamos ter uma cobra doméstica. Algumas das melhores famílias têm. Os Cláudio sempre tiveram cobras.

– Os Cláudio são uma família de criminosos insanos hereditários – observei.

– Appius Claudius, o Censor, não era insano ou criminoso – objetou.

– Uma única exceção que se destaca em uma regra inflexível – argumentei. O estimado Appius havia sido irmão de meu velho inimigo Clodius, que era tanto criminoso quanto insano, apenas para começar. – Nada de cobras para nós. Nem os Cecílio nem os Juliano são apreciadores de serpentes. De qualquer forma, acho inadequado que ícones sagrados rastejem para fora de pântanos. Sinais sagrados devem cair dos céus, como o Paládio e os escudos sagrados de Marte.

– Apenas um dos escudos sagrados caiu do céu – destacou Julia. – Os outros são contrafações para enganar ladrões e deuses ciumentos.

– Estamos nos afastando do problema em questão – disse eu. Minha cabeça começava a doer. – Seu tio Caius Julius quer que eu encontre uma cobra. Roma é uma cidade bastante grande e onde me parece que deve ser muito fácil esconder uma cobra. Qualquer espaço ou recipiente comprido e estreito bastaria. Cobras podem se acomodar em voltas apertadas, então uma cesta ou um jarro serviriam. Por onde começar?

– Um bom lugar seria o mercado de cobras – sugeriu Julia.

– Por que não pensei nisso? – Fiquei imaginando.

Então, na manhã seguinte, Julia e eu, acompanhados de uma de suas garotas e meu liberto Hermes, partimos para esse exótico destino. Como Julia iria, precisávamos de uma liteira, claro, em vez de caminhar sobre nossos pés

perfeitos. Bem, meus pés não estavam exatamente perfeitos naquela época. De fato, simplesmente andar pela cidade já era um grande esforço para mim.

O mercado de cobras ficava ao lado do Forum Boarium, perto da extremidade norte do Circo Máximo. O velho fórum estava repleto de animais vivos. Onde quer que você olhasse havia cercados para gado, cavalos, ovelhas, cabras e burros, e gaiolas cheias de coelhos. Eram belos espécimes para sacrifícios, e outros menos atraentes para alimentação, alguns deles especialmente engordados com azeitonas. Havia um setor de aves: pavões, galinhas, gaiolas de pássaros canoros. Um setor era dedicado a animais exóticos: macacos, gazelas, íbis do Egito, chitas e assim por diante. Estava na moda entre os ricos a decoração de suas propriedades com tais criaturas. Era um lugar barulhento e fedorento, e eu estava grato por nossa casa ficar do outro lado da cidade.

– Acho que é em algum ponto desta rua – disse, orientando os escravos carregadores de liteira. Eu conhecia intimamente minha cidade natal, mas ainda havia algumas partes dela que nunca visitara, e o mercado de cobras era uma. Isso porque nunca fora ao mercado por causa de uma cobra.

– Ah, aqui estamos.

Havíamos chegado a uma grande loja com um toldo listrado acima do pórtico. Um mosaico no umbral anunciava: *Sergius Poplicola, fornecedor de cobras finas*.

O dono daquele nome imponente nos cumprimentou à porta, os olhos se arregalando à visão de nosso belo transporte e de minha insígnia de senador.

– Bem-vindo, senador! Bem-vinda, senhora!

Tomei as duas mãos dele no exuberante aperto de mãos de um político.

– Meu amigo Sergius, vim aqui vê-lo por causa de uma cobra.

– Claro, claro, por favor, entrem.

Ele entrou agitado, batendo palmas e acordando seus escravos. O interior era espaçoso e fresco, com claraboias abertas. Aqui e ali no chão havia pequenos buracos, os fundos cobertos de raspas de cedro. Pairava acima de tudo o cheiro do cedro perfumado, mas abaixo havia um odor almiscarado leve, no entanto desagradável. Cobras, sem dúvida. Enquanto os escravos armavam cadeiras e uma mesa e serviam refrescos, examinei um grande pote de argila de onde vinha um ruído suave. Espiei dentro dele e vi que estava pela metade com grãos, aparentemente cevada e trigo, e infestado de ratos.

Peguei uma das cadeiras e aceitei uma taça de vinho. Revelou-se um vinho de Creta atipicamente bom, forte o bastante para deixar qualquer um com disposição de comprar.

- Estou procurando uma cobra muito específica – comecei.
- Naturalmente – disse Sergius. – Quer necessite de uma cobra para adivinhação, para se comunicar com os deuses do mundo inferior, para manter a despensa livre de ratos, para comer ou qualquer outro objetivo, fique tranquilo, que tenho a cobra certa para o senhor, e tantas quanto precisar.
- Para comer? – perguntou Julia.
- Algumas de nossas cobras africanas são apreciadas como iguarias – garantiu.
- Ah, já estivemos em banquetes egípcios – disse a ele. – Apenas não é o que se espera encontrar em Roma.
- Roma é uma cidade muito cosmopolita – lembrou-me ele.
- De fato é. Não, cobras de mesa não estão em minha agenda de hoje, nem para a despensa. Mas uma cobra para o altar é algo diferente. Por acaso teria uma víbora do pântano em sua loja?
- Uma víbora do pântano? – disse, parecendo surpreso. – Tem certeza de que não preferiria uma naja? Temos muitas delas, de vários tipos, na verdade.
- Quem compra najas? – perguntou Julia, aparentemente intrigada.
- O culto de Ísis está se tornando bastante popular em território romano, minha senhora. Najas são uma necessidade absoluta para os rituais de Ísis. Se tivesse visitado o Egito, teria visto que a naja, juntamente com o abutre, é representada com destaque na coroa uraeus dos faraós, desde que adotada pelos Ptolomeu. A deusa cobra, Wadjet, tem sido a padroeira da família real desde a Antiguidade.
- Ele era outro homem prestes a iniciar um discurso sobre seu tema preferido, então agi rápido para detê-lo.
- Há algum problema com a víbora do pântano? Afinal, ela é nativa da Itália, não uma raça exótica. Ouvi dizer que muito prolífica ao redor do lago Fucinus.
- Decididamente. Há uma razão pela qual os marso precisam de sua própria deusa apenas para mordida de cobra. O quanto sabe sobre serpentes venenosas, senador?
- Apenas que não gosto muito delas.
- Bem, as pessoas acham que najas e cerastas são criaturas terrivelmente mortais. Na verdade, elas são evitadas com bastante facilidade, e sua peçonha, embora muito perigosa, dificilmente matará um adulto saudável. Suas vítimas normalmente são os bem novos, os bem velhos e os enfermos. Com frequência pessoas mordidas por cobras morrem por causa do medo, por acreditar que todas as cobras são mortais.
- Mesmo? – reagi. Aquilo era fascinante.
- Definitivamente, senador. Sei de muitos casos em que pessoas morreram

após terem sido mordidas por cobras totalmente inofensivas. Por essa razão, as comedoras de ratos que os fazendeiros mantêm em seus celeiros para controle de pestes provavelmente mataram mais pessoas que todas as najas do Egito.

– Entendo. Mas a víbora do pântano realmente justifica sua reputação?

– Sem dúvida. Sua peçonha é poderosa o suficiente para matar um homem em alguns instantes. De fato, os marso têm um ritual anual no qual um touro é sacrificado ao ser colocado em um poço com uma grande víbora do pântano. É um poço bem pequeno, então não demora muito para que o touro incomode a víbora e seja mordido. Os sacerdotes de Angitia recolhem muitas previsões para o ano vindouro de acordo com o local da mordida ou mordidas no touro, se ele cambaleou por algum tempo, se teve convulsões violentas ou se simplesmente caiu morto. O melhor sinal é quando o touro cai morto no mesmo instante graças a uma única mordida.

– O que isso significa? – perguntou Julia.

– Que nada acontecerá no ano seguinte. Os marso consideram isso uma boa previsão.

– Como todos deveríamos – afirmei. – A serpente usada nesse ritual é o espécime sagrado mantido no templo de Angitia?

– Ah, não. Há um risco muito grande de a cobra ser ferida ou morta, como algumas vezes acontece quando o touro cai. Se isso ocorre, é um acontecimento grave, e significa tragédia vindoura. Não, uma víbora selvagem é capturada no pântano por uma equipe especialmente treinada para essa atividade perigosa. Se ela sobrevive, é solta novamente no pântano, levando as preces das pessoas, juntamente com mensagens para seus mortos.

– Entendo. Imagino então que o senhor não tenha uma víbora do pântano. – disse.

Ele balançou a cabeça.

– Nem eu nem minha equipe somos tão corajosos. Sabia que quase todos os encantadores de serpentes encontrados nos mercados e festas são marso? Eles nunca usam víboras do pântano em suas apresentações. Nunca tocam em uma a não ser com objetivos religiosos. O senhor não está pretendendo comprar uma, está, senador?

– Não, eu só queria saber mais sobre elas. Questões de Estado entre Roma e os marso, de fato.

– Na verdade – disse Julia –, eu estou bastante interessada em comprar uma cobra doméstica, para consultas familiares, embora imagine que não seria nada mal se ela também apanhasse ratos. Poderia nos mostrar seu estoque?

Desnecessário dizer que voltamos para casa com uma cobra, uma pequena criatura verde sem qualquer grande distinção que eu pudesse perceber. Veio com um estoque de raspas de cedro e instruções detalhadas sobre cuidados e alimentação, dentro de uma cesta egípcia artisticamente trançada com fibra de papiro. Julia parecia quase tão encantada com a cesta quanto com a cobra.

– Aprendemos algo? – perguntou Hermes enquanto seguíamos nosso caminho de volta para Subura.

– Além de que sou um marido indulgente?

– Já sabíamos disso, querido – disse Julia, deliciada com sua aquisição.

– Estou um pouco confuso – comentei, repassando algumas coisas de cabeça.

– Pompaedius agiu como se lidar com serpentes venenosas fosse algo simples, mas Poplicola nos contou que é necessária uma equipe de marso especialmente treinada apenas para apanhar uma para o sacrifício do touro.

– Talvez apanhar uma no pântano seja a parte difícil – disse Hermes. – Talvez elas vivam em bando lá. A cobra sagrada parece domesticada.

– Pompaedius – pensei. – Esse não era o nome do homem que liderou os marso na Guerra Social?

– Quintus Pompaedius Silo – disse Julia. – Ele teria segurado Catão pelos calcanhares de uma janela alta, quando Catão tinha cerca de 10 anos de idade.

– Deveria ter jogado o pequeno sodomita de cabeça – observei. – Agora estou me lembrando da história. Ele estava em Roma buscando apoio para os direitos de cidadania dos marso, e o pequeno Catão se recusou a fazer um juramento ou algo assim. Sempre achei que era algo inventado pelos partidários de Catão para fazer com que parecesse patriótico em vez de apenas um pequeno tolo grosseiro insuportável.

– Acha que isso é significativo? – perguntou Hermes. – Pelo que sei, Pompaedius é um nome tão comum na terra dos marso quanto Cornelius é em Roma.

– Provavelmente não – disse. Porém, na verdade, eu não estava tão seguro. Religião e política são inseparáveis, motivo pelo qual os fundadores da República sabiamente transformaram sacerdócio e recebimento de augúrios em cargos públicos. Assim isso pode ser mantido sob controle, em alguma medida. Mas o próprio Caesar decidira que aquela tolice devia ser investigada. Claro que ele era obrigado por antigos costumes a ajudar um cliente que estivesse em Roma com um problema. – Como um marso chamado Pompaedius se tornou cliente de Caesar? – pensei em voz alta.

– Se bem me lembro – disse Julia –, a maioria dos marso era cliente de Livius

Drusus. Mas ele foi assassinado.

– Ele defendeu os aliados italianos no Senado, não?

Eu estava recordando. Drusus tentara conseguir a cidadania para todos os nossos aliados italianos, mas correu a informação, verdadeira ou não, de que todos haviam jurado em segredo prestar obediência a ele caso tivesse sucesso em fazer deles cidadãos. Isso o tornaria poderoso demais, e seus inimigos garantiram que fosse assassinado. A política típica daquela geração. De qualquer geração, verdade seja dita.

– Isso mesmo – concordou Julia. – Mas na Guerra Social seu irmão foi morto liderando um exército romano contra os marso, e os Livio repudiaram o voto de fidelidade.

O conhecimento que Julia tinha das grandes famílias era mais completo que o meu.

– Depois que toda a confusão terminou e eles se tornaram cidadãos, os marso juraram fidelidade à família Pompeio, e quando Pompeu Magno foi morto Caesar ofereceu proteção a eles. Seu apoio naquela parte da Itália era fraco, então ele cortejou os marso. Com eles entre seus clientes, os outros povos do distrito montanhoso central os seguiram.

– Isso é típico de Caesar – constatei eu. – Eles enviaram muitos jovens bons para servir em suas legiões. Fico imaginando o que lhes prometeu em troca.

– Nada além das devidas obrigações mútuas entre protetor e cliente, tenho certeza – disse Julia. Ela provavelmente acreditava nisso.

Hermes falou.

– Não disse que Angitia tinha um santuário em Roma?

Eu havia me esquecido completamente.

– Onde fica, Julia? Precisamos descobrir se alguém lá sabe de algo.

– É só um lugarzinho perto do mercado de grãos – respondeu. – Não sei sequer se tem pessoal permanente. Acontece alguma espécie de cerimônia na época das marciais e as pessoas deixam oferendas lá para ter proteção contra mordidas de cobras. É tudo o que sei.

As marciais eram uma festa da colheita, marcando o encerramento do ano agrícola. Um bom momento para pedir os favores de uma deusa cobra a fim de proteger os silos de ratos. Fazia sentido. Disse aos carregadores de liteira para nos levar até o mercado de grãos e eles obedeceram com expressões amargas. Escravos de liteira sempre acham que toda direção é uma subida.

Passamos pela grande praça dos mercadores de grãos com sua espetacular estátua de Apolo, entramos em uma ruazinha lateral. Além de uma pequena

fonte na entrada, nada a distinguia de milhares de outras ruelas de Roma.

– Como você sabia deste lugar? – perguntei a Julia.

– Minha avó me trouxe aqui quando eu era garotinha. Foi quando Caesar partiu para a Síria. Aurélia acreditava que todo o Oriente é atapetado com serpentes venenosas e veio aqui oferecer um sacrifício para a proteção dele.

– Ela era uma mulher devota – concordei. – Quando estive com Caesar na Gália, ela costumava escrever longas cartas detalhando os sacrifícios que fizera para protegê-lo de inimigos, de afogamento, acidente, fofocas grosseiras e difamação, e assim por diante. Caesar disse que ele sozinho sustentava todos os vendedores de animais e sacerdotes de Roma.

– Isso é um exagero – protestou Julia.

– Não muito. Eu costumava ler essas cartas para ele. Ele se queixava de que estava prejudicando a visão com todos os seus escritos, de modo que não sobrava nada para gastar com as cartas da mãe. Ela tinha uma caligrafia inacreditavelmente pequena. Por mais pródiga que fosse com sacrifícios, era avarenta com papel e colocava o máximo que podia em uma única folha. Até hoje sinto dores nos olhos ao pensar naquelas cartas.

– Você nunca carece de coisas das quais se queixar – observou ela.

– Eu tive uma vida trágica – falei, enquanto os escravos de liteira nos abaixavam, bufando profusamente, a despeito do pouco esforço que tinham feito.

O santuário ficava na extremidade da rua, que por sua vez não era muito mais que uma travessa entre dois armazéns de grãos. As poucas portas nos prédios que a ladeavam pareciam não ter sido abertas em anos. A porta do santuário era ladeada por pilastras em baixo relevo com cobras esculpidas ao redor. A pintura estava desbotada e descascando. A porta propriamente dita encontrava-se aberta. No modo habitual dos templos e santuários italianos, o pórtico ficava no alto de cerca de 12 degraus estreitos e altos.

– Tinha uma aparência melhor quando vim aqui com Aurélia – disse Julia.

– Todos nós tínhamos aparência melhor há trinta anos – disse a ela. Estava prestes a entrar quando Hermes colocou a mão em meu ombro e se virou para Julia.

– O que há do outro lado desta porta? – perguntou.

Eu sabia que estava ficando velho. Aquela era uma precaução elementar que deveria ter tomado sem pensar conscientemente. Quando era mais jovem, e minhas faculdades, mais afiadas, teria mandado Hermes entrar na frente.

– Não entrei – disse ela. – Fiquei aqui fora com algumas escravas enquanto

vovó entrou. Não sei se havia um sacerdote ou se ela apenas fez seu sacrifício e saiu.

Sacrifícios de sangue normalmente são feitos em um altar diante do templo, não dentro dele. Mas não havia altar na frente da entrada. Algumas vezes oferendas de comida eram deixadas aos pés da imagem da divindade, incenso era queimado, esse tipo de coisa.

– Há alguém aí? – gritei.

O interior permaneceu silencioso. Olhei para Hermes e apontei para a porta com a cabeça. Ele colocou a mão no punho da espada que levava escondida sob suas roupas e atravessou a passagem. Não ouvindo sons de violência, eu o segui. Algo naquela porta aberta me incomodava. Ladrões não hesitariam em roubar o santuário de uma deusa estrangeira.

Tudo estava quieto do lado de dentro, que cheirava como os templos costumam cheirar – a muitos anos de incenso e fumaça de lanternas, archotes e velas. Nenhum fogo queimava naquele momento, mas havia outros aromas sob o de fumaça e incenso. A sombra de Julia entrou pela passagem.

– Não entre ainda! – pediu a ela. – Está sentindo o cheiro?

– Há algo morto aqui – observou Hermes.

– E sinto cheiro de cedro – falou Julia.

– Certo – disse eu. – Há uma cobra em algum lugar aqui, e se for uma dessas malditas víboras do pântano, temos um problema. Julia, que tipo de sacrifício Aurélia trouxe naquele dia?

Eu podia ver a incerteza em sua voz.

– Isso foi há muito tempo. Ela tinha uma pequena gaiola, ou cesto de algum tipo.

– Ela estava trazendo ratos – eu disse. – É como você faz sacrifícios a Angitia, alimenta sua cobra. Deve haver algum poço ou cripta de algum tipo aqui, como aquele no grande templo do lago Fucinus. A cobra sagrada saiu daquele. Esta também pode fazer o mesmo.

– Alguma coisa está morta – insistiu Hermes. – Talvez seja uma cobra morta.

– Sempre podemos ter esperança.

Meus olhos estavam se acostumando à penumbra. Movi os pés com cautela. Mesmo uma cobra letárgica e inofensiva dará um bote e morderá se algo a tocar inesperadamente. O santuário era pouco mais que uma sala comprida e estreita. Na extremidade oposta havia uma estátua de uma mulher de expressão benevolente, os ombros com cobras penduradas e mais cobras enroladas em seus pés. A estátua era pouco menor que o tamanho natural. Menor que o tamanho

natural de uma mulher mortal, pelo menos. Com deusas nunca se sabe.

– O cheiro está vindo daqui – disse Hermes, apontando para uma abertura quadrada no chão diante da estátua. Com muita apreensão, fui até a beirada daquela abertura ameaçadora. Tinha talvez 3 m de lado, com a borda ligeiramente elevada. A penumbra deixava o fundo quase totalmente obscuro. Eu conseguia perceber algum tipo de massa disforme no piso, 1,5 ou 2 m abaixo.

– Hermes – chamei. – Vá pegar tochas. Tome cuidado. Essa cobra pode estar em qualquer parte.

– Nem precisa dizer – respondeu Hermes com muita sinceridade. Ele retornou lentamente até a entrada, arrastando os pés como se pudesse espantar a víbora do pântano. Depois que chegou à porta, ouvi o barulho de suas sandálias enquanto corria para conseguir alguma espécie de iluminação.

– O que há lá embaixo? – perguntou Julia.

– Já vamos descobrir. Não quero que você entre. Aquela cobra pode estar em qualquer parte.

– O sacerdote disse que havia uma rampa levando à cripta da Serpente Sagrada – lembrou ela. – Não vejo uma rampa assim aqui. As laterais parecem lisas.

– O que isso tem a ver com tudo? – reagi, exasperado. – Não quero que você entre! Isso é pedir demais?

– Sim, é – respondeu ela. Bem, ela era uma Caesar.

Hermes retornou com elogiável celeridade, acompanhado por dois carregadores de tochas. Esses jovens normalmente dormiam durante o dia de modo a poder passar as noites iluminando o caminho dos cidadãos pelas ruas escuras de Roma. Hermes não os alertou para tomar cuidado com a cobra. Qualquer cobra que mordesse um dos portadores de tochas não o estaria mordendo, imagino.

– Melhor assim – disse Julia.

Com um pouco de luz, o pequeno santuário ficou muito mais alegre. As paredes eram cobertas por velhos afrescos sujos de fumaça, com cenas, presumi, dos mitos de Angitia e das outras divindades dos marso. Desnecessário dizer que as cobras tinham grande destaque.

Acenei para os garotos.

– Venham aqui. Segurem suas tochas acima deste poço e tenham muito cuidado.

Confusos, eles fizeram como ordenado. Quando sua luz banhou o poço, um dos garotos engasgou e teria soltado a tocha se eu não agarrasse sua mão.

– Calma. É apenas um homem morto. Você já viu muitos deles.

– Não como esse! – disse o outro garoto, um pouco mais velho. Os garotos de rua de Roma não ficavam facilmente chocados, mas fui obrigado a reconhecer que aquilo era um pouco mais que o cadáver habitual dos becos.

Julia se virou e sentiu ânsia de vômito, e ela era tão imperturbável quanto o restante da família. Quando finalmente recuperou a compostura, perguntou:

– Foi o sacerdote que o procurou para falar da cobra?

– A toga e a faixa de cabeça amarelas são iguais – constatei. – Fora isso é difícil dizer.

– Acho que açafrão é mais laranja que amarelo – retrucou ela, totalmente no controle.

O homem caído no carpete de casca de cedro e raspas de madeira estava inchado e quase roxo. A pele se encontrava coberta de bolhas gigantescas do tamanho de um punho, bolhas semitransparentes. Mas o cheiro inconfundível de morte era bastante leve.

– Não está morto há muito, embora tenha uma aparência bastante ruim – observei.

– Devo ir buscar Asklepiodes? – perguntou Hermes, compreensivelmente ansioso para ir embora.

– Acho que não – respondi. – A especialidade dele são ferimentos e morte causada por armas. Venenos e peçonha não são o seu forte.

– Poplicola, então? – arriscou, esperançoso.

– Ele acabou de tentar vender a Julia outra cobra. Vamos rever o que temos aqui. Um sacerdote de Angitia vem do país dos marso me pedir para encontrar sua cobra. Hoje, no santuário de Angitia, encontramos um sacerdote de Angitia, possivelmente o mesmo homem, morto pelo que parece ser a mordida de uma serpente que justifica plenamente sua fama – falei, ponderando por um momento e continuando. Corrigindo: temos um cadáver com as roupas de um sacerdote de Angitia. Poderia ser quase qualquer um.

– Você é um homem muito cansativo quando fica assim, querido – lembrou Julia.

– Estamos em um santuário sagrado, lidando com uma deusa e cobras sagradas – disse eu. – Essa é uma questão religiosa. Hermes, procure Caesar e pergunte se ele seria gentil o bastante de vir aqui para uma questão de alguma urgência. Diga que solicito sua experiência como *pontifex maximus*. Ele provavelmente está no Domus Publica.

– Acha que Caesar será capaz de ajudar? – perguntou Julia depois que Hermes havia saído em disparada.

– Provavelmente não, mas quero que ele veja isto. Não é todo dia que temos um assassinato incomum como este em Roma.

– Assassinato? Isso certamente foi um acidente.

– Então onde está a cobra? – perguntei. Ela não rastejou para fora dali sem ajuda após morder o infeliz sacerdote, ou seja lá quem for este homem.

Olhei ao meu redor. Entre as pequenas tochas e com meus olhos se acostumando à penumbra, podia ver razoavelmente bem. Era um espaço bastante pequeno, apenas uma sala, sem outro acesso que não a porta estreita. O piso era totalmente nu e as paredes, vazias, a não ser por algumas pinturas desbotadas retratando o que imaginava ser cenas do culto a Angitia. Eu não conhecia os mitos, mas havia uma mulher parecida com a estátua, um touro e muitas cobras.

– Poderia estar sob o corpo – destacou Julia. – Poplicola disse que o touro algumas vezes cai sobre a cobra.

– Pressagiando tragédia – observei. – Fico pensando se ser esmagado por um sacerdote em queda é um presságio igualmente terrível. Caso positivo, é assim apenas para os marso ou para qualquer um nas redondezas?

Estávamos a uma pequena distância do Domus Publica no fórum, então, pouco tempo depois, ouvimos o estrépito de 24 lictores precedendo o ditador com grande pompa. Fomos à entrada e vimos que o grande homem de fato chegara, seguido por uma malta de vagabundos do fórum boquiabertos (alguns deles meus colegas senadores). Multidões sempre seguiam Caesar naqueles dias, apenas para ver se algo iria acontecer, suponho. Ele vestia seus trajes pontifíciais, juntamente com sua coroa de louros dourada habitual e o manto do triunfante. Hermes estava de pé atrás de Caesar, mas o homem à sua direita fez Julia engasgar.

– É Pompaedius! – sussurrou ela. – Está vivo!

Eu não estava totalmente surpreso.

– Lamento ter perturbado seu dia, Caesar, mas as questões aqui exigem sua presença.

– Absurdo, Decius Caecilius – disse Caesar jovialmente. – Você sempre encontra os assassinatos mais bizarros para nossa diversão. O que é desta vez?

– Se puderem entrar, Caesar e Pompaedius, mas, por favor, ninguém mais. Já é bastante apertado.

Caesar entrou.

– E como vai minha sobrinha preferida? – disse ele a Julia, como sempre muito cortês.

– Um tanto aborrecida, temo. O sacerdote morto está em condições

deploráveis.

– Sacerdote? – perguntou Caesar, se inclinando sobre o poço. Os garotos com as tochas ficaram boquiabertos com o esplendor do ditador. Eles certamente estavam tendo um dia movimentado.

– Bem, achamos que era um sacerdote – explicou Julia. – Pelo menos está usando os trajes do sacerdócio de Angitia. De fato, achamos que era Lucius Pompeidius aqui. Vejo agora que estávamos enganados.

Caesar se empertigou.

– Posso saber qual o significado disto?

– É exatamente o significado que estou tentando descobrir – disse a ele. – Talvez seu cliente Pompeidius possa nos iluminar.

– Este homem morreu da mordida de uma víbora do pântano – disse o sacerdote. – Isso é claro. Deve ter sido quem se apossou da Serpente Sagrada. Todos são testemunhas de como a deusa o puniu pelo sacrilégio.

– E sua identidade? – perguntei.

– Apenas algum impostor – respondeu Pompeidius. – Todos os sacerdotes de Angitia vestem a toga açafraão, mas apenas eu, o sumo sacerdote, tenho o direito a isto – anunciou, tocando a faixa amarela contornando sua testa.

– Entendo – disse Caesar, voltando-se para mim. – Decius, como deveria saber, em minha função de *pontifex maximus*, eu profiro julgamento sobre todas as questões relativas à religião do Estado. Traga-me um problema envolvendo Júpiter, Juno, Saturno, Marte e posso resolvê-lo para você. Quirino e Jano estão ao alcance da minha autoridade. Não me pronuncio sobre questões concernentes a divindades estrangeiras. Para isso, normalmente deve-se consultar os *quinquidecemviri*, que por sua vez consultam os livros sibilinos. Isso costuma ser feito quando o destino do Estado está envolvido, e não consigo ver isso aqui.

Caesar sabia usar o sarcasmo quando queria.

– Na verdade, Caesar, temo que tenha apelado a um subterfúgio – admiti. – Sua presença aqui é necessária em sua posição de magistrado supremo.

Caesar parecia aborrecido e começava a replicar quando Julia disse:

– Todos absolutamente imóveis.

– Ahn? – disse eu com minha perspicácia habitual.

Julia ergueu o braço muito lentamente e apontou para os pés da estátua.

– Uma daquelas cobras está viva.

– Por Júpiter, assim é – constatei, olhando com fascínio horrorizado a forma que se contorcia lentamente. – A luz aqui é muito ruim para determinar a coloração, mas estou disposto a arriscar o palpite de que aquela é uma víbora do

pântano.

– Alguém mate aquela coisa – ordenou Caesar com desagrado na voz. Ele nunca gostou de cobras.

– Caesar, não pode! – protestou Pompaedius. – Essa é a Sagrada Serpente de Angitia!

– Isso nos deixa com um problema – disse Caesar. – Não gostaria que meus soldados marso me considerem responsável por matar sua cobra sagrada.

– Por favor, não há perigo – anunciou Pompaedius de forma satisfeita.

Com grande solenidade, ele caminhou ao redor do poço, ficando a um passo da estátua, à qual ele se curvou, murmurando algo em voz baixa e estendendo as mãos com as palmas para baixo. Aquilo me mostrou que Angitia era idolatrada como uma divindade do mundo inferior. Eu estava recebendo uma bela educação sobre questões religiosas naquele dia.

Concluindo sua devoção, Pompaedius voltou suas atenções para a cobra. Esticou os braços na direção dela e começou a remexer os dedos ritmadamente, aproximando-se com pequenos passos. A cobra olhou para as mãos dele e pareceu encantada. Acompanhei com uma mistura de fascínio e repulsa. Sempre me deixa desconfortável ver alguém fazer mágica.

Muito lentamente os dedos da mão direita diminuíram de velocidade, então pararam de se mexer. A esquerda continuou com o feitiço. Ele então levou a mão direita paulatinamente na direção da cabeça da cobra até estar atrás da base do crânio em forma de cunha. Julia engasgou quando ele agarrou a coisa pelo pescoço. Pelo menos estou bastante certo de que foi Julia. Não creio que tenha sido eu.

Pompaedius se esticou. A cobra, que de fato era um espécime enorme e gordo, tentou se enrolar, mas ele de alguma forma a arrumou em curvas graciosas pendendo de seus ombros, com uma curva final ao redor da cintura. Murmurou no ponto em que uma cobra não tem orelha e a criatura pareceu relaxar.

– E eu achei que pregar uma toga corretamente era uma tarefa difícil – observei.

– Estão vendo? – disse Pompaedius, me ignorando. – Está tudo bem. A justiça divina foi feita. Levarei a Serpente Sagrada de volta a seu lar junto ao lago e a sorte dos marso será restaurada.

– Com uma boa dose de prestígio cabendo a você – observei.

– Bem – disse ele modestamente –, isso certamente não me fará mal algum. Devo agradecer ao senhor, senador, por localizá-la tão conscienciosamente. Estou em dívida para com o senhor, assim como todos os marso. Quanto a você,

Caesar...

– Caesar – disse eu. – Gostaria que prendesse este homem.

– O quê! – gritou Pompaedius. – O que significa tal ultraje?

– Este homem é o impostor. É Lucius Pompaedius no poço.

Caesar olhou confuso para o cadáver repulsivo.

– Mas eu sou Lucius Pompaedius!

– De fato é – concordei.

– Decius Caecilius – disse Caesar –, paradoxos filosóficos nunca foram seu estilo. Não poderia falar claramente?

Peguei a carta de Caesar no lugar de minha toga onde guardo coisas e a desenrolei.

– Caesar, ontem, quando este homem me procurou, fiquei impressionado com o nome.

– Pompaedius? – reagiu o sacerdote. – Meu ancestral de fato foi um líder do levante contra Roma, mas temos sido cidadãos leais por muitos anos, e igualmente leais a Caesar.

– Não seu nome de família, mas o nome agregado, Pollux.

Os olhos dele se viraram brevemente na direção da porta.

– Os *dioscuri* são padroeiros de Roma, e meus pais me deram o nome como prova de nossa lealdade.

– Desejável – disse eu. – Mas também é costumeiro chamar meninos gêmeos de Castor e Pollux. Pollux sempre é dado ao gêmeo mais velho, já que Pollux era o irmão imortal dos dois, filho de Zeus com Leda, enquanto Castor era filho de Tindareus e, portanto, mortal.

– Essa é uma versão do mito. Há outras – replicou Caesar, que algumas vezes resvalava no pedantismo.

– Não falo do mito, mas do hábito em relação aos nomes. O homem morto aqui é Lucius Pompaedius Pollux, primogênito dos gêmeos. Este homem que assumiu esse nome é Lucius Pompaedius Castor.

– Mas por quê? – quis saber Julia.

– Ele disse quando foi me ver ontem – continuei. – Poder. Prestígio. Ele planejava retornar a Marruvium como um verdadeiro triunfante. A esta altura seus sacerdotes espalharam a notícia de que a Serpente Sagrada foi roubada e todo o interior de Marsia estará bastante agitado por causa disso. Ele voltará a cavalo, com a cobra pendendo dele como o manto roxo de Caesar, e tomará o lugar do irmão, sem dúvida com uma história horripilante sobre como seu irmão ciumento Castor tentou trair os marso roubando sua cobra, antes que Angitia,

sem dúvida ajudada por ele mesmo, derrubasse o criminoso por causa de seu sacrilégio.

– Como ele atraiu o irmão para cá de modo a matá-lo? – perguntou Julia.

– Ele não fez isso. Ele o matou no santuário de Angitia, no lago. Bastante fácil para um homem especialista em cobras venenosas como este. Ele só precisou distrair o irmão, fazer com que olhasse na direção errada e então enfiar a cabeça da serpente em algum ponto vulnerável. Realmente muito engenhoso. Pompaedius, você realmente usou a Serpente Sagrada para isto ou apanhou um cúmplice escamoso no pântano?

Eu estava bastante curioso. Novos métodos de homicídio sempre me fascinaram.

– Como quer que tenha sido – continuei –, ele colocou o corpo que inchava em uma carroça e o trouxe para Roma. A distância não é grande demais. Este santuário e esta travessa são tão obscuros que ele pode descarregar o cadáver facilmente à noite sem ser visto. Deixou a cobra entre suas companheiras esculpidas, sabendo que enquanto não sentisse fome não deixaria seu santuário fresco e escuro com seu cheiro conhecido de cedro. Dessa forma, sabia que poderia impressionar seus amigos romanos em altos postos com sua habilidade de encantador de cobra. E, de fato, todos nós ficamos impressionados. Isso feito, ele fez sua visita a Caesar, que o enviou a mim.

– Ele é louco! – sibilou Pompaedius. – Qual prova tem?

– Eu não preciso de prova – disse a ele. – A questão é: eu convenci Caesar?

– Ele está certo – disse Caesar. – Você não será julgado diante de um júri. Sou um ditador e posso mandar executá-lo aqui mesmo se decidir fazê-lo. Prenda-o, Decius Caecilius.

Estiquei a mão na direção do sacerdote sem pensar e comecei a repetir a velha fórmula.

– Lucius Pompaedius Castor, venha comigo para...

E então ele lançou a cabeça da cobra na minha direção.

Julia me contou depois que saltei para trás com um grito, como uma menina assustada, mas não me lembro de tal coisa. Pompaedius começou a recuar, sibilando à sua moda reptiliana, segurando a cabeça mortal à distância de um braço, ameaçando quem se aproximava.

– Lictores! – gritou Caesar. Instantaneamente a passagem se encheu com seus protetores, segurando seus *fasces* como armas.

– Cuidado! – gritou Julia. – Ele tem uma cobra! E irá usá-la!

Os lictores se colaram nas paredes, olhos arregalados.

Pompaedius disparou na direção da porta. Assim que passou por ela um pé se projetou, acertando-lhe o tornozelo. Dando um grito, o sacerdote rolou. Eu vi as solas de suas sandálias por um instante, depois mais nada. Houve um baque pesado e então um uivo de agonia horrorizada.

– Tropeção feio – observei. – Aqueles degraus são altos.

– Não acho que a queda o tenha feito berrar assim – disse Caesar. – Vamos ver.

Fomos à passagem, e de lá para o pórtico. Hermes estava massageando um tornozelo machucado.

– Não fazia isso desde que era garoto, mas ainda funciona – disse.

Pompaedius ainda tinha convulsões e se retorcia, mas provavelmente já estava morto. Sua carne inchava e escurecia, a pele começando a apresentar bolhas enormes. As pessoas, que estavam boquiabertas, entraram em pânico e congestionaram a travessa com seus corpos, tentando fugir. Acharam que aquela deveria ser uma nova e horrível doença e não queriam fazer parte daquilo. Vários foram pisoteados, mas acho que nenhum mortalmente.

Ficamos olhando perturbados por algum tempo. Podíamos ver metade da cobra se projetando sob o corpo, se contorcendo fracamente. Depois ficou imóvel.

– Sempre tem a ver com poder, não é mesmo, Caesar? – eu disse. – Seja em política, legiões, dinheiro ou cobras, poder é poder.

Hermes pegou emprestado a *fascas* de um lictor e virou o corpo.

– A cobra está morta. Ele a esmagou ao cair.

– Azar para os marso – observei.

– Vou ordenar um lustro e farei uma doação ao templo de Angitia – anunciou Caesar. – Isso os convencerá de que a maldição foi suspensa.

– Mas a cobra sagrada deles está morta – disse Julia.

Caesar deu de ombros.

– Eles encontrarão outra. Sempre há outras cobras no pântano.

Essas coisas aconteceram aos dois dias do ano de 709 da cidade de Roma, durante a terceira ditadura de Caius Julius Caesar.

De vermelho, com pérolas

PATRICIA BRIGGS

Frequentedora da lista dos mais vendidos do *New York Times*, Patricia Briggs talvez seja mais conhecida pela série Mercy Thompson, contando as aventuras paranormais de um mecânico de automóveis que se transforma em coioete metido em um mundo de vampiros, lobisomens e *gremlins*, e pela série relacionada Alpha and omega. Mas ela também escreveu séries de fantasia tradicionais, como a sequência em quatro volumes Sianim (*Masques*, *Wolfsbane*, *Steal the dragon*, *When demons walk*), a série em dois volumes Hurog (*Dragon bones*, *Dragon blood*) e o duplo Raven (*Raven's shadow*, *Raven's strike*), bem como o romance independente *The Hob's bargain*. Seu livro mais recente é *River marked*, um novo romance Mercy Thompson.

No *thriller* que se segue, acompanhamos o investigador particular lobisomem Warren Smith, conhecido dos leitores da série Mercy Thompson, enquanto corre para solucionar um caso envolvendo zumbis, bruxas e advogados. Apenas mais um dia de trabalho.

Sou realmente muito bom em esperar. Acho que foi por causa de todo o tempo que passei pastoreando vacas quando garoto. Kyle diz que é o lobisomem em mim, que os predadores precisam ser pacientes. Mas Kyle não sabe nada sobre pastorear vacas. Eu diria que também não sabe nada sobre predadores. Mas ele é advogado.

Estiquei as pernas e coloquei os saltos das botas na mesa de Angelina, a Recepcionista e Ditadora de Todas as Coisas Relativas a Brooks, Gordon e Howe, Advogados. Angelina teria tido um ataque se visse meus pés colocados onde alguém poderia entrar e notar.

– Imagine, *hijo* – disse ela quando comecei a trabalhar para o escritório. Eu meio que gostei quando ela me chamou de *hijo*; embora fosse muito mais velho que qualquer dos filhos que ela pudesse ter, mas ela não sabia isso.

Angelina me dera um olhar de desaprovação.

– Tem tudo a ver com imagem. Sua aparência deve ser tal que faça com que os clientes gastem seu dinheiro, Warren. Eles gostam de escritórios caros, advogados de terno e detetives particulares de chapéu de feltro e gravatas; isso diz a eles que somos bem-sucedidos, que temos as habilidades para ajudá-los.

Eu disse a ela que usaria um chapéu de feltro quando as vacas fossem para casa vestindo tangas e boás de plumas. Mas concordei em usar gravatas para trabalhar e me comportar bem durante o expediente, e ela em grande medida ficou contente com isso.

O horário do expediente terminara oficialmente havia um bom tempo, a gravata estava no meu bolso de trás e Angelina fora embora. Eu também teria ido embora, mas uma das clientes de Kyle entrara muito aborrecida; ele a levava ao escritório e conversava com ela para acalmá-la.

Kyle costumava ser o último a deixar o escritório. Dessa vez era uma cliente soluçante que decidira que o cretino que dormira com sua melhor amiga na verdade era o amor de sua vida e ela não queria se divorciar, apenas ensinar uma lição a ele. No dia seguinte haveria uma pilha de papéis que ele só levaria alguns minutos para ajeitar, e alguns minutos se transformavam em algumas horas. Ele tendia a ser *workaholic*.

Eu não me importava. Valia a pena esperar por Kyle. De qualquer forma, como disse, sou bom em esperar.

Um barulho no saguão me fez tirar os pés da mesa, pouco antes de a porta de entrada se abrir e uma jovem, em um vestido vermelho justo com um grande colar de pérolas ao redor da garganta, entrar no escritório em uma névoa de Chanel nº 5; ela era impressionante.

– Oi – disse com um grande sorriso e uma voz grave e ofegante. – Você é Kyle Brooks?

Ela também tinha brincos de pérolas. As mãos estavam nuas, mas era possível ver que usara uma aliança até recentemente. Sair com um advogado de divórcios me faz perceber esse tipo de coisa.

– Não, senhora. O expediente já terminou. Melhor tentar amanhã – respondi.

Ela se curvou sobre a mesa de Angelina e o vestido decotado fez aquilo para o que vestidinhos justos são projetados nessas circunstâncias. Se eu seguisse esse caminho, poderia considerar aquilo um encanto para os olhos.

– Tenho de encontrar Kyle Brooks.

Ela estava tão perto que seu hálito tocava minha face. Principalmente o creme dental de hortelã. Principalmente.

– Vamos lá – disse, levantando-me lentamente e contornando a mesa como se

a achasse muito interessante. O que de repente achava. – O que você quer com Kyle, querida?

O sorriso murchou e ela pareceu preocupada.

– Preciso encontrá-lo. Preciso. Pode me ajudar?

O escritório de Kyle ficava nos fundos, descendo o corredor. Eu podia ouvir a mulher com quem ele estava falando, o que fazia havia meia hora.

– Acho que posso – anunciei, e a conduzi na direção oposta, para a grande sala de conferências na extremidade oposta dos escritórios. – Fique aqui dois minutos. Ele virá logo – disse.

Ela me seguiu docilmente e parou onde mandei. Fechei a porta e fui apressado até o escritório de Kyle.

Abri a porta sem bater e ignorei seu cenho franzido.

– Poderia me fazer um favor? – pedi, jogando meu celular sobre ele. – Ligue para Elizaveta, o nome dela está em w.

De *witch*, bruxa, como ele iria imaginar. Era um homem inteligente.

– Diga que tivemos um incidente, um tipo *feminino* de incidente, e precisamos de alguma ajuda. Desculpe-me, madame – pedi, inclinando meu chapéu inexistente na direção de sua cliente indignada antes de me virar novamente para Kyle. – Pode ser o tipo de coisa pela qual devamos limpar os escritórios.

– Seu tipo de coisa? – perguntou Kyle desconfiado. Ele se referia a algo sobrenatural.

– Isso mesmo.

Saí rapidamente do escritório e corri de volta à sala de conferências.

– Um minuto e dezessete – informou a mulher bonita quando me juntei a ela.

Ela parou de contar quando a porta se abriu, o corpo tenso. Quando me viu, franziu o cenho.

– Preciso de Kyle – disse.

– Sei que sim – respondi. – Ele logo estará aqui.

Com sorte não antes de conduzir sua cliente para fora em segurança e ligar para Elizaveta Arkadyevna, a bruxa contratada pela minha matilha de lobos.

Ouvi a porta da frente do escritório ser fechada e achei que também deveria ter feito alguma coisa para fazer Kyle sair. Mas não sabia quanto tempo nossa convidada teria ficado quieta – pelo que parecia, provavelmente exatamente “dois minutos”. Não havia tempo suficiente para Kyle fazer nada além de ligar para Elizaveta – o que ele acabara de fazer, pois ouvi a voz irritada dela; meu telefone a distorcia o suficiente para que, com a porta entre nós, não se pudesse saber o que ela estava dizendo.

Não fui o único a ouvir. A zumbi virou sua cabeça para a porta.

Minha primeira pista sobre o que aquela mulher era fora seu hálito, que cheirava fresco e rico em oxigênio, em vez de abafado como seria o de alguém que realmente estivesse respirando. Um vampiro fazia a mesma coisa, mas ela não cheirava a vampiro, nem mesmo sob o aroma forte do Chanel. A segunda foi que ela obedeceu ao que eu mandara que fizesse. Zumbis tendem a ser bastante cooperativos, desde que aquilo que você diz a eles não contradiga o que seu mestre mandou.

– Sim – confirmou Kyle no corredor, aproximando-se da sala de conferências.
– Aqui é Kyle Brooks. Estamos em meu escritório. Sim, obrigado.

A porta se abriu com força.

– O que...

A zumbi se lançou sobre ele.

Eu sabia o que iria acontecer assim que Kyle dissesse seu nome. Estava pronto quando ele abriu a porta. Sou muito rápido e achei que poderia cuidar daquilo, mas aquela coisa era mais rápida do que achei que seria. Eu a agarrei pelo ombro e a puxei para trás, de modo que ela errou o alvo. Em vez de acertar a garganta de Kyle, travou em sua clavícula.

– Shh! – gritou ele, recuando.

– *Fique imóvel* – disse a ele secamente, e ele ficou paralisado, os olhos fixos em mim e não na zumbi que o mordia.

Não costumo usar esse tom de voz com ninguém, e não estava certo se funcionaria com um humano. Mas se ele tentasse se soltar só iria causar mais danos a si mesmo.

Tentei não pensar no sangue que molhava a camisa dele, porque não sabia se a bruxa precisava da zumbi ainda ativa e se movendo para contar quem a mandara atrás de Kyle.

E eu certamente iria atrás de quem a mandara atrás de Kyle.

Se eu não podia estraçalhar a zumbi, tinha de evitar olhar para o sangue de Kyle. Ele ajudou. Não parecia um homem sentindo dor; parecia alguém totalmente aborrecido.

– Tire-a daqui – pediu com dentes trincados, enquanto ele mesmo tentava fazer isso. Ele pode não ser tão forte, mas é durão, é Kyle. A coisa no entanto travara bem o maxilar, e Kyle não conseguia se soltar.

Eu sempre imaginara que lutar contra um zumbi era em grande medida como lutar contra um humano – um que fosse incansável e não reagisse à dor, mas basicamente humano. Quando ela se lançou sobre Kyle, se moveu muito mais

rápido do que eu vira qualquer humano comum se mover, e também estava provando ser mais forte.

Ela não tentou se afastar de mim mais do que tentou se aferrar a Kyle. Eu imaginara que isso faria com que fosse mais fácil de subjugar. Finalmente consegui passar um braço sobre os ombros, apertando-a com força contra mim. Depois, pude usar minha outra mão para tentar abrir os dentes dela. Os dentes *daquilo*. O maxilar se partiu no processo, e fui mordido de leve no polegar.

Kyle cambaleou para trás, branco como uma folha de papel, mas tirou a camisa e a apertou sobre o buraco que a criatura abriu nele.

– O que é ela? – perguntou. – Por que não está sangrando mais?

Ele olhava para aquilo em espiadas rápidas. Eu entendia. Não era mais bonita com o maxilar caído pela metade.

– Zumbi – expliquei a ele meio sem fôlego. Estava tentando se afastar de mim e isso tornava as coisas um pouco mais difíceis, mas pelo menos eu não estava tentando soltá-la de Kyle.

– Então é coisa sua? – ele perguntou.

Normalmente eu concordaria; nem mesmo advogados ousados como Kyle seriam tão exóticos de alegar assassinato por zumbi – era exuberante demais, exagerado demais. As bruxas e os sacerdotes do sobrenatural capazes de criar zumbis nunca se esconderam do modo como os lobisomens costumavam fazer, tendo vivido entre os paranormais, seguidores de Wicca e crentes na Nova Era, onde os vigaristas e os iludidos ofereciam muita cobertura para alguns poucos verdadeiros praticantes de magia. Eles não abriam mão dessa proteção por pouca coisa. Alguém teria pagado muito por um assassinato por zumbi.

Eu balancei a cabeça.

– Não sei. De qualquer forma, parece dirigido a você de forma medonha.

A zumbi não conseguira soltar sequer um membro nos últimos segundos, então me arrisquei a voltar minha atenção para Kyle. Seu ferimento me preocupava.

– Pegue o uísque de qualidade de Howard – disse. – Ele guarda a chave atrás do terceiro livro na prateleira do alto à esquerda. Limpe o ferimento com ele. A coisa provavelmente tem de tudo na boca.

Eu não sabia muito sobre zumbis, mas sabia sobre o dragão de Komodo, que não precisa de veneno para matar sua presa porque as bactérias em sua boca fazem muito bem esse trabalho.

Kyle não discutiu e saiu da sala de conferências. Assim que ele desapareceu de vista, a zumbi começou a gritar algo. Poderia ser o nome de Kyle, porém era

difícil garantir tendo ela o maxilar tão danificado.

Continuei a prendendo – e conseguira uma posição que a impedia de me atingir de forma eficaz ou de se soltar. Isso me dava a oportunidade de me preocupar com outras coisas. Kyle fechara a porta suavemente atrás de si. Tentei não imaginar sua reação, tentei enrolar o pânico e enterrá-lo onde não pudesse causar mal. Ele já vira coisas estranhas antes, embora nenhuma delas lhe tivesse tirado sangue.

Poderia ter destruído a zumbi e a deixado na sala de conferências para ser resgatada posteriormente sem ninguém saber; poderia ter escondido tudo aquilo do meu amante, como costumava fazer. Mas havia sido diferente com Kyle desde o início. As mentiras que contara sobre quem e o que era, mentiras que a necessidade determinara e o tempo tornara conhecidas, deixaram um gosto ruim em minha língua quando ditas a ele. Agora ele conhecia minhas verdades, e eu não iria me esconder dele novamente. Se ele não pudesse conviver com quem e o que eu era, que assim fosse.

Contudo, nada daquilo era útil, então forcei minha atenção de volta à questão imediata. Quem mandaria um zumbi para matar Kyle? Seria algo dirigido a mim? A zumbi era uma evidência bastante forte de que esse alguém pertencia ao meu mundo, meu mundo de coisas que vivem em cantos escuros, e não ao de Kyle; ele era totalmente humano.

Ainda assim, eu não conseguia pensar em ninguém que se sentisse tão ofendido que pudesse transformar Kyle em um alvo. Nem, com a possível exceção da própria Elizaveta – que, como Winston Churchill dissera de sua mãe Rússia, era “uma charada enrolada em um mistério dentro de um enigma” –, conseguia imaginar sequer quem pudesse criar um zumbi nas Três Cidades. O leste do estado de Washington não era uma chocadeira de magia e vodu.

Talvez alguém tivesse contratado aquilo. Contratado um assassino, e o assassino escolhera o método da morte?

Kyle tinha muito mais inimigos do que eu. Quando escolhia usar, seu dom especial, conseguia fazer com que as partes adversárias em um tribunal parecessem criminosos violentos ou idiotas completos – e algumas vezes ambos. Alguns deles tinham bastante dinheiro, suficiente para contratar um matador, com certeza.

Talvez não fosse culpa minha.

Mas um assassinato zumbi era caro, muito mais caro do que alguém como Kyle normalmente exigiria. O que significava que provavelmente era culpa minha.

Ouvi Elizaveta chegar e percorrer o saguão em passos largos até a sala de conferências. A falta de diálogo me levou a acreditar que Kyle ainda estava se limpando.

Elizaveta abriu a porta da sala de conferências e entrou como o *Queen Mary* chegando ao porto em uma névoa de ervas e hortelã, em vez de água salgada, mas com o mesmo domínio régio, uma realeza acompanhada de tecidos e cores suficientes para fazer justiça a uma cigana no inverno – e do lado de fora estava mais quente que o pecado.

Eu sempre achara que ela devia ter sido bonita quando jovem. Não uma beleza convencional, algo muito mais poderoso que isso. Agora seu nariz parecia aquilino e seus olhos eram duros demais, mas o poder ainda estava ali.

– Warren, meu pãozinho de canela, o que você encontrou?

Ela nunca falava comigo em russo, como falava com Adam, que entendia; em vez disso, traduzia as expressões afetuosas que temperavam sua fala – provavelmente porque me deixavam constrangido. Por que você iria comparar um homem adulto a um pão doce?

Respondi à sua entrada exagerada como normalmente fazia, recorrendo ao meu sotaque de infância, temperado por um pouco de faroestes de Hollywood.

– Suponho que seja uma zumbi, madame, mas acho que deveria dar uma espiada primeiro.

Ela sorriu.

– O que isso estava fazendo quando o encontrou?

– Isso me encontrou, madame. Procurava por Kyle.

– E você lhe deslocou o maxilar por causa disso, meu coelhinho do Texas? – perguntou desconfiada.

– Não – disse Kyle, que estava na porta.

A camisa reserva estava jogada sobre os ombros, dobrada para trás para evitar contato com o sangue da toalha de papel bastante encharcada que ele segurava na clavícula. Ele cheirava a uísque, mas nem mesmo um ataque de zumbi podia deixá-lo deselegante ou arrasar totalmente com sua compostura.

– Ele partiu seu maxilar quando a arrancou de mim. Você deve ser Elizaveta Arkadyevna Vyshnevetskaya. Sou Kyle Brooks.

Elizaveta baixou os olhos para ele. Ela é quase tão alta quanto eu. Seu rosto estava virado para longe de mim, mas Kyle adotara sua expressão de advogado, de modo que eu duvidava de que a expressão dela fosse amigável. Os barulhos da zumbi aumentaram, assim como seu esforço. A bruxa se virou para olhar para ela, sem se dirigir a Kyle.

– Pare de brincar e mate-a – disse friamente. – Quebrar seu pescoço deve bastar.

Elizaveta nunca ficara feliz colocando humanos em coisas que ela achava que deveriam ignorar. Acho que estava tentando ensinar uma lição a ele e a mim;

Não gosto de fazer o jogo dela, mas se ela não precisava da zumbi operando, Kyle ficaria mais seguro com ela morta.

Não olhei para Kyle quando torci o pescoço da coisa. A coluna partiu facilmente sob minha mão – era o que ela queria que Kyle visse. Pousei o corpo flácido na mesa de conferência com o máximo cuidado possível, puxando o vestido sobre as coxas da mulher morta.

Elizaveta voltou suas atenções para o cadáver e finalmente percebi que ela não estava só. O dom de Nadia se fundia – parte daquilo era magia. Estivera ocupado com a zumbi, Kyle e Elizaveta, mas ainda assim deveria tê-la notado.

– Nadia, obrigado por vir – disse.

De toda a numerosa família de Elizaveta, eu gostava mais de Nadia; era silenciosa, competente e inteligente. Também entendia ser um dos três da família que eram aprendizes honestos em vez de operários que cumpriam as ordens de Elizaveta.

Descobriu-se que o neto da mulher, que supostamente herdaria o negócio da família, começara sua carreira de um modo que Elizaveta considerou constrangedor. Ele desapareceu discretamente. Imagino que em algumas centenas de anos alguém irá descobrir seus restos em um pote no porão de Elizaveta.

Eu não derramara lágrimas por ele. Conspirara para assassinar Bran Cornick, o *marrok* que comandava os lobos naquela parte do mundo – o homem que fizera com que ser um lobisomem fosse menos um pesadelo do que poderia ser. Elizaveta ainda estava furiosa com Bran por revelar os lobos – eu sempre ficara pensando em segredo se ela também tomara parte naquela confusão, no mínimo como cúmplice.

Nadia ergueu dois profundos olhos cinzentos para mim e sorriu, leves pés de galinha eliminando a ilusão de juventude que sua pele de poros pequenos e seus cabelos castanhos-escuros sem fios brancos lhe davam. Mas a aparência de juventude não era uma grande perda, porque seu sorriso era grande e doce.

– Warren – disse. Ela nascera nas Três Cidades e não havia nenhum sinal de sotaque russo em sua voz. – Você parece...

– Vestido? – cortei, baixando os olhos para minhas calças. – Estou trabalhando para o escritório de Kyle, e eles são chiques. Mas pude ficar com as botas. Desde

que me lembre de encará-las de vez em quando.

Ela corou um pouco.

– Não quis ser indelicada, desculpe. Não sabia que era advogado.

– Não. Kyle é o advogado – expliquei a ela, apresentando-o. Ela tomou a mão que ele estendeu e murmurou seu cumprimento. – Eu sou o faz-tudo – falei, respondendo a pergunta que ela ainda não havia feito.

– Detetive particular – corrigiu Kyle.

– A tinta está tão fresca que pode manchar – comentei para as sobrancelhas levantadas de Nadia.

– Sobrinha, pare de flertar com o homem e me diga o que vê – pediu Elizaveta secamente, sem erguer os olhos.

Nadia corou, não por que estivesse flertando, mas porque a tia-avó a constrangera, e voltou sua atenção para o corpo na mesa. Após respirar para se acalmar, ficou totalmente séria.

– Conheço o rosto dela – informou, com alguma surpresa. – Essa mulher esteve nos jornais. Desapareceu quando saiu para correr na manhã do sábado passado. Não me lembro do nome...

– Toni McFetters – informou Kyle. – Você está certa. Não a havia reconhecido antes.

– Nada estranho nas circunstâncias – continuou Nadia, claramente prestando mais atenção ao corpo morto do que a qualquer um de nós; sua voz era clínica. – A forma mais fácil de se conseguir um corpo para erguer é matá-lo você mesmo.

– Está dizendo que ela foi morta apenas para isto? – reagiu Kyle, parecendo frio e composto, mas eu podia farejar a sua agitação.

– Provavelmente – respondeu Nadia, visto que a tia-avó não falara nada. – Esse tipo de magia funciona melhor em um corpo fresco. Inútil tentar em um que a funerária tenha enchido de fluido de embalsamar, e roubar um corpo de um necrotério de hospital é duro. Há pessoas demais em um hospital.

Ela olhou por sobre o ombro, viu Kyle e, claramente, a partir da consternação em seu rosto, repassou na cabeça os minutos anteriores de conversa.

– Lamento muito. Não estou acostumada a discutir meu trabalho com um leigo. Sei que é difícil para você. Quem fez isso pretendia matá-lo; imagino que assassinato não os incomode muito.

– Caso tivesse matado Kyle, isso teria morrido? – perguntei.

– Desanimado – disse Elizaveta rispidamente. – Já estava morta quando entrou aqui. Seria possível dar uma determinação a um desses e depois dissipar a magia quando a determinação tivesse sido cumprida.

– Então alguém teria entrado aqui e encontrado Kyle morto, por essa mulher, que também estaria morta – concluí. – Elizaveta, madame – continuei, tentando descobrir como fazer a pergunta que queria sem ofendê-la. – Há alguém nas Três Cidades que saiba como animar um corpo morto como o dessa mulher?

Elizaveta me deu um sorriso amarelo, então acho que ficou ofendida.

– Sim, meu coelhinho, eu mesma poderia ter feito isso, mas tenho um compromisso com o alfa da sua matilha e estou informada de seus laços com o advogado. Não aceitaria um contrato para matar Kyle – explicou, examinando meu rosto e vendo que não era suficiente para mim. Então disse claramente: – Não. Não matei esta mulher nem a transformei em um zumbi e a mandei atrás de seu amante.

– Minhas desculpas – disse a ela. – Mas tinha de perguntar.

– A magia os mantém quentes – murmurou Nadia na atmosfera tensa. Eu não sabia dizer se ela ignorava a tensão entre mim e Elizaveta ou se falava para dissipá-la. – Quase à temperatura corporal normal. A necrópsia não forneceria a hora certa da morte. Pareceria que ela teria morrido ao mesmo tempo em que ele. Talvez assassinato seguido de suicídio. Impossível dizer sem trabalhar mais, mas acho que foi morta com uma overdose de algo que esgotou seu coração. Cocaína, talvez. Algo desse tipo.

Não sei sobre Elizaveta, mas o que Nadia dissera me distraíra. Não haveria um zumbi para aterrorizar o público comum, apenas o mistério de por que eles teriam matado um ao outro. A utilização de um zumbi como arma assassina de repente fazia mais sentido. Ninguém saberia sobre a magia – e sem elementos para ligar o verdadeiro assassino ao crime.

Nadia continuou com sua análise.

– Tendo em vista o fato de que ela foi sequestrada enquanto corria, suas roupas são interessantes; ninguém corre usando um vestido como este. As pérolas são falsas; boas falsificações, mas nada de que alguma seguradora ou joalheria teria registro. O batom é de um tom comum. O vestido é mais interessante. Não é novo. Talvez tenha saído de um brechó; poderemos verificar isso.

– Não deveríamos chamar a polícia? – perguntou Kyle.

Todos olharam para ele.

– Temos um corpo morto de uma pessoa desaparecida em minha mesa de conferências. Alguém vai perceber – explicou.

– Ela desapareceu – argumentou Elizaveta, falando com ele pela primeira vez.

– Não há nenhuma vantagem em fazê-la reaparecer.

O rosto de Kyle endureceu.

– Ela tem família. Dois filhos e um marido. Merecem saber o que aconteceu a ela.

– Consegue dar um jeito nela? – perguntei a Elizaveta. – Consertar os danos que causei e deixá-la em algum lugar onde possa ser encontrada?

– É mais seguro e fácil eliminar inteiramente o corpo – respondeu Elizaveta, descartando.

– Bem, sim, madame – disse a ela, fazendo um gesto de mão sutil para impedir Kyle de falar mais alguma coisa. Se Kyle começasse a exigir coisas, estaríamos em um mato sem cachorro, e talvez com mais alguns corpos. Ele viu meu gesto e me deixou continuar. De todos os humanos que conheci, Kyle é o que mais sabe ler linguagem corporal.

– Mais fácil e seguro – concordou moderadamente com Elizaveta. A bruxa olhou para mim, desconfiada. – Mas se você *decidis*se colocar o corpo onde alguém pudesse encontrá-lo; você e eu sabemos que poderia fazer isso de modo a que ninguém nunca associasse isso a você, este escritório ou qualquer tipo de magia. Mais fácil se o dano que causei a ela, que poderia ser difícil de explicar, puder ser reparado.

– Não há contusões ao redor do local – disse Nadia. – Eu poderia juntar a carne, tia Elizaveta, de modo que eles nunca descobrissem.

A bruxa velha olhou para mim, dividida entre se ressentir de minha manipulação e ficar envaidecida por minha confiança em suas habilidades. Eu falara sério e me preocupei em que ela pudesse perceber isso em minha voz.

– Você sabe que gosta mais dos difíceis – provoquei. – Sumir com outro corpo é tedioso. Este é um desafio maior.

– *Outro* corpo – observou Kyle. Mas num tom bem baixo, e acho que eu fui o único a escutar. Um dos dons de Elizaveta era fazer corpos desaparecer – na área de uma matilha de lobisomens, mesmo uma matilha bem comandada como a nossa, sempre haverá alguns corpos que precisem desaparecer.

Os cantos da boca de Elizaveta se viraram para cima, seus ombros relaxaram e eu soube que havia vencido.

– Certo, meu menino. Você está certo. Nunca os legistas conseguirão desvendar o mistério que posso tecer. Se quiser que eles não saibam nada, nada é o que eles irão saber. Ainda assim – disse, sorrindo para mim, os olhos tomados de satisfação –, seria um desafio ainda maior mostrar a eles evidências que não existem. Você, meu detetive particular, ajudará a descobrir quem fez isso. Quando isso for sabido, colocarei a polícia no caminho certo.

– Obrigado – agradei baixando meus olhos, como devia ser. Quando fiz isso,

percebi que Kyle havia baixado a mão que segurava a toalha e não gostei da aparência do ferimento. Eu conhecia ferimentos de mordida; vira muitos deles. Ferimentos de mordida não ficam com bordas escuras meia hora após terem sido infligidos.

Aproximei-me um passo dele e baixei a toalha para ver melhor, e meu nariz se contorceu com o cheiro de podre se que instalara cedo demais.

– Madame? Poderia dar uma olhada nisto, por favor? – pedi.

Ela olhou para Kyle e apertou os lábios. Olhou novamente para mim e disse:

– Não é minha área. Leve-o a uma emergência.

Eu não rosnei para ela, mas apenas porque meu controle é muito, muito bom. Os pelos em minha nuca se arrepiaram quando o lobo dentro de mim decidiu que não havia gostado da resposta.

– Ele é – disse, olhando para ela. – Ele é meu parceiro, e isso faz dele um problema seu.

Classificar Kyle como meu parceiro era um grande passo – mas um com o qual meu lobo e eu ficamos satisfeitos. Senti a atenção de Kyle aumentar e ouvi a inspiração de Nadia, mas mantive os olhos no meu alvo. A concordância de Kyle seria necessária, mas não naquele momento, não para aquilo.

– Parceria implica procriação – disse Elizaveta em um tom afetado. – Os dois não podem ter filhos. Ele não é seu parceiro.

Ela não se importava nada que eu fosse gay, a despeito de suas palavras. Eu sabia por que ela estava se comportando assim. Eu vencera no caso do corpo e ela queria vencer uma das batalhas daquela noite. Escolhera a errada.

– Você pode discutir isso com Adam – disse eu suavemente. O lobo teria rasgado a garganta dela alegremente, embora isso não fizesse com que Kyle fosse consertado. – Kyle, ainda está com meu celular?

– Prefiro ir a uma emergência – disse ele.

– Não – falei secamente. – Nada de emergência.

Eu não podia permitir dividir a batalha entre eles.

– Elizaveta, quer que ligue para Adam?

Kyle, abençoado seja, parou de discutir.

– Vou me lembrar disso – avisou ela.

– Sem problema – disse, me esforçando para conter meu temperamento. – Lembre-se de que estou apenas esperando que cumpra ao pé da letra o acordo que fez com minha matilha.

Eu havia vencido. Hora de deixar que ela mantivesse seu orgulho, caso eu conseguisse. Um pouco de bajulação e um osso.

– Você sabe que médicos de emergência não poderiam fazer nada em relação a isto; posso sentir o cheiro de gangrena. Está além de suas capacidades. Se você não cuidar disso, ele morrerá.

Eu temia que fosse verdade, e deixei que ela ouvisse.

– Apenas por você, meu pãozinho de canela, apenas por você eu faria isso – disse, depois esticando a mão e dando um forte beliscão em minha carne. A carne do rosto.

Compenetrada, ela se colocou entre Kyle e eu, afastou a toalha e farejou.

– Uísque bom – constatou, trocando o sotaque russo por um toque de Grã-Bretanha. – Não tão bom quanto vodka russa, mas não era o pior que você poderia ter feito. Ainda assim nada poderia consertar isto. Para isto você precisa de mim.

Eu carregara o corpo até o carro de Elizaveta enrolado em um tapete. Sabia que era um clichê, mas um tapete é muito bom para disfarçar um corpo porque as pessoas esperam que seja desajeitado e pesado. Usei o tapete do escritório de Kyle e disse a Elizaveta para ficar com ele – o que a deixou contente, pois era um tapete caro. Kyle não iria querê-lo de volta.

Kyle não estava na área de recepção onde o deixara. Escutei e o localizei no seu escritório. Estava olhando pela janela para o tráfego abaixo. Estávamos no terceiro andar – bastante alto para as Três Cidades, onde ainda era possível se espalhar em vez de subir para escapar à pressão da expansão.

Eu não podia dizer no que estava pensando – mas ele não se virou quando entrei no escritório, o que não era um bom sinal.

– Kyle? Quer que o leve até a emergência?

O ferimento perdera o tom enegrecido, mas Elizaveta não era uma curandeira. Eu não achava que deixaria uma cicatriz permanente, no entanto ainda iria doer por algum tempo.

– Quero descobrir quem matou aquela mulher – anunciou. – Alguém a matou para me pegar, uma mulher que eu sequer conhecia.

Percebi raiva em sua voz. Ninguém mais teria percebido, mas tenho uma audição muito, muito boa.

Arrisquei-me e dei um passo em sua direção, colocando os braços ao redor e puxando-o para mim.

– Não é culpa sua – consolei-o. – Não é culpa sua.

– Sei disso – cortou ele, mas sem se afastar. Após um momento, ele se apoiou novamente em mim e colocou a cabeça nos meus braços, segurando-os. – Sei

disso, quem saberia melhor? Vejo isso o tempo todo. “Talvez se eu cozinhasse melhor ele não me bateria”, ou “Se eu pudesse ter comprado aquele carro que ela queria, não teria saído com meu melhor amigo”. *Não* é culpa minha que alguém a tenha matado; também não é sua culpa se por acaso tiver sido assim.

Eu apenas o abracei.

– Mas é como se fosse – disse, em um tom de voz muito diferente, a voz que ninguém mais escutou dele. Ele não se permitia ser vulnerável na frente de mais ninguém.

– Eu vou encontrá-lo – prometi a ele, e então me curvei e soprei em sua orelha, provocante. – Ou Elizaveta irá me transformar em um sapo.

Fomos jantar fora naquela noite. Kyle gosta de cozinhar, mas ele demora demais, e já passara bastante da hora do jantar. Ele não falou muito durante a refeição, eventualmente parando para olhar para o nada, como fazia quando trabalhava em um caso particularmente difícil em vez de ser mastigado por uma mulher morta.

Eu o havia perdido uma vez, quando descobriu o que eu era. Isso diz alguma coisa sobre Kyle; que não fora a parte lobisomem de mim o que o incomodara, mas as mentiras que contei para manter o lobo afastado dele. Eu não tivera escolha sobre as mentiras – acho que foi a única razão para ter me perdoado.

Eu o reconquistei, mas não o consideraria algo garantido novamente. A comida tinha gosto de serragem enquanto eu esperava que ele se desse conta de que não haveria zumbis tentando matá-lo se eu não fizesse parte de sua vida.

– Ei – disse ele, seu olhar de repente entrando em foco sobre meu rosto. – Você está bem?

– Tudo certo – falei, sorrindo para ele e dedicando-me à refeição com um pouco mais de esforço. Não iria desperdiçar a chance que conseguira remoendo a possibilidade de perdê-lo antes que isso acontecesse.

Claro que havia um bilhete na porta da casa de Kyle quando subimos a rampa de carro.

Kyle o arrancou e abriu.

– Ele está fazendo objeções à sua picape – me disse secamente enquanto lia, dando a versão resumida. – Enviou uma cópia à prefeitura. Com fotografias para ilustrar sua tese.

– Não há nada de errado com minha picape – rebati, indignado, e Kyle sorriu. Ele perdeu o sorriso assim que voltou os olhos para o bilhete.

Três meses antes a simpática família que morava ao lado da casa de Kyle se mudara para Phoenix e vendera o lugar para um aposentado. Não havíamos

pensado muito nisso na época, não até o primeiro bilhete. Algumas crianças (três garotos de rostos solenes que, com a mãe, estavam morando conosco até que o ex-marido da mãe parasse de ameaçá-los) haviam feito barulho demais na piscina de Kyle após as sete da noite, momento em que o Sr. Francis ia para a cama. Nós deveríamos garantir que todas as crianças estivessem em suas camas e em silêncio, de modo a não perturbar o Sr. Francis, se não quiséssemos que a polícia fosse chamada.

Havíamos achado que era uma brincadeira e rimos do modo como ele se referia a si mesmo como Sr. Francis em seus próprios bilhetes.

A parreira ao longo da sólida mureta de pedra de 2,5 m de altura estava caindo para o lado do Sr. Francis. Deveríamos podá-la para que ele não precisasse olhar para ela. Ele vira um cachorro no pátio (eu) e esperava que tivesse licença, coleira e vacinação. Uma fotografia do cachorro havia sido enviada à prefeitura para garantir que fosse desse modo. E assim por diante. Como a polícia e a prefeitura não deram satisfações, ele resolveu agir por conta própria, e eu encontrara carne envenenada lançada disfarçadamente nos arbustos do pátio de Kyle. Alguém jogara na piscina um balde de tintura vermelha que manchara o concreto. Consertar aquilo custaria muito dinheiro, e agora tínhamos câmeras de segurança no pátio dos fundos. Mas não as instalaríamos a tempo de salvar as parreiras.

O Sr. Francis havia sido alguma espécie de alto executivo obrigado a se aposentar quando o estresse originara úlceras e outros problemas médicos. Havia ido para lá, para as Três Cidades, porque gostava de regatas. Tenho certeza de que outras cidades tinham regatas. Talvez pudesse recomendar algumas a ele.

– Esse tipo de coisa deveria acontecer quando você mora em um apartamento – comentou Kyle, amassando o último bilhete. – Não em uma casa de 370 metros quadrados em um terreno de 3 mil metros quadrados.

– Precisamos fazer uma partida de paintball no pátio. Eu poderia convidar a matilha – disse a Kyle.

– Retaliação não é uma solução – respondeu Kyle, embora tivesse sorrido com a ideia. Ele vira algumas de nossas partidas de paintball. – Neste momento a prefeitura está do nosso lado. Quero que continue assim.

Desde que o Sr. Francis se mudara, o pessoal na prefeitura, no departamento de polícia, na comissão de zoneamento e na secretaria de obras nos conheciam pelo nome.

– Sei – resmunguei, destrancando a porta da frente. – Desde que nos comportemos como adultos não há nada que ele possa fazer contra nós.

Kyle me seguiu para o *foyer*. A casa havia sido o primeiro lugar no qual eu vivera que era grande o bastante para ter um *foyer*.

– Eu poderia me mudar – disse ele, relutante.

– Não – rebati, acariciando a cabeça dele afetuosamente; Kyle adorava sua casa. – Você sentiria saudades de Dick e Jane.

Dick e Jane eram as estátuas nuas em tamanho natural do *foyer*. A mulher estava naquele momento usando um pequeno boné Bo Peep que ele encontrara em algum lugar e um sári de seda verde que pertencera à sua avó. Dick ainda usava o gorro de tricô de lã comprido com bola na ponta em seu orgulho porque Kyle ainda não descobrira nada que achasse tão engraçado.

– Poderíamos voltar para seu apartamento.

Aquele apartamento era um tema de discussão. Ele disse que eu o mantinha por não acreditar que ele realmente entendia que estava dormindo com um lobisomem. Também disse que estava sendo idiota porque ele era meu, desde que nunca mais mentisse, lobisomem ou não. Kyle era um homem inteligente. Estava certo sobre o motivo pelo qual o mantinha – mas eu não tinha certeza de que estava certo sobre o restante. Então ainda não desistira do apartamento.

Para ele, sugerir mudar de volta mostrava que o Sr. Francis o estava afetando. Caso positivo, poderia ter chegado o momento de parar de ser simpático.

Meu celular tocou. Eu o tirei do bolso e olhei. Não era um número que conhecia, mas isso não era mais incomum – estava começando a receber trabalhos de pessoas não ligadas ao escritório de advocacia.

– Aqui é Warren – atendi.

– Aqui é Nadia – respondeu a sobrinha da bruxa. – Escute, tia Elizaveta quer que eu vá conversar com o marido da mulher amanhã. Posso fazer isso, mas achei que poderia ser útil se você fosse junto. Você é capaz de dizer quando alguém está mentindo, certo?

– Posso – concordei. – Mas não irá chamar a atenção das pessoas se você começar a interrogá-las? – Pessoas erradas, como a polícia. Achei que ela pretendia fazer um pouco de mágica forense deixando o interrogatório por minha conta.

– Essa é uma das coisas nas quais sou boa – explicou Nadia. – As pessoas não se lembram de eu ter perguntado coisas a elas caso eu não queira. Se ninguém lembrar, acabam até se esquecendo de que eu fui lá.

Pensei algum tempo naquilo, não inteiramente satisfeito com o que ela dissera.

– Posso fazer isso com você – disse ela, ansiosa. – Ou com qualquer um que esteja atento a isso. É um talento incomum; por isso tia Elizaveta me escolheu

como uma de suas alunas.

– Só estava pensando que também tenho de interrogar algumas pessoas – contei a ela. – E se eu fosse com você e depois levasse você comigo? Podemos fazer uma investigação colaborativa.

– Investigação colaborativa – repetiu ela. – Isso soa bem.

– Eu pego você – disse. – Se eu deixar minha picape aqui mais um dia provavelmente será rebocada ou terá os pneus furados.

Nadia riu, por achar que eu estava brincando e marcamos de nos encontrar na manhã seguinte.

A casa de Nadia era uma casa F em um mar de casas-alfabeto em Richland. O governo fizera um favor a Richland com todas as casas papel-carbono da Segunda Guerra Mundial: impedira que parecesse com todas as outras cidades prósperas que eu conhecera. Alguém de fora das Três Cidades teria toda razão para crer que aquela era a mais pobre das cidades, em vez de provavelmente a mais rica, pelo menos em valores absolutos dos imóveis. As casas F eram pequenas, de dois andares no estilo Federal que pareciam um tanto lamentáveis como as casas em um jogo de Banco Imobiliário.

Fiquei pensando se Nadia escolhera sua casa porque desaparecia na paisagem, como ela mesma fazia. Subi sua rampa estreita e irregular e ela saiu correndo pela porta.

– Tia Elizaveta não está feliz – informou-me ela um tanto ofegante enquanto colocava o cinto. – Espero que descubramos alguma coisa hoje.

Ela estava mentindo sobre a última parte, o que me deixou um pouco intrigado.

– O que há de errado com sua tia-avó? – perguntei, entrando no tráfego.

– Ela não conseguiu encontrar qualquer assinatura mágica no corpo ou nas roupas que a zumbi vestia, a não ser a minha e a dela. Isso significa que há por aí uma bruxa ou um sacerdote habilidoso o bastante para se esconder da minha tia.

Houve apenas uma insinuação de sorriso em seu rosto; imagino que não deveria ser fácil estar sujeito aos caprichos de Elizaveta. Talvez fosse divertido vê-la em dificuldades de vez em quando. Isso explicaria a mentira anterior.

– Onde vamos nos encontrar com o marido de Toni McFetters? – perguntei.

– Na casa dele. Está de licença – respondeu, dando o endereço. – Os filhos estão na casa dos sogros. Disse isso quando telefonei ontem e contei que estamos investigando o desaparecimento da esposa. Nosso interrogatório deve se fundir com o da polícia caso eu consiga conduzir direito. O fato de ele ser o único em

quem trabalhar ajuda.

A casa do marido de Toni ficava a apenas dois quarteirões da de Nadia, em um bairro mais novo, sem casas-alfabeto. Era uma casa grande, não tão rica quanto a de Kyle, mas também não era uma propriedade barata.

Encostei na frente e desliguei o motor da picape.

– Podemos encurtar isso. Só precisamos descobrir se ele a matou ou se sabe quem o fez. E se notou algo suspeito.

– Por que você não assume a conversa? – sugeri. – Vou trabalhar melhor se só tiver de fazer a magia.

Eu não gostava disso, dessa coisa de mexer com a mente de alguém, não gostava do mesmo jeito que eu não gostara de mentir para Kyle antes de ele saber que eu era um lobisomem. Mas perdera minha inocência muito tempo antes.

O homem que nos deixou entrar cheirava a desespero. Ele se equiparava à esposa em boa aparência – ou assim seria com algumas horas de sono a mais –, mas não exibia nenhum dos sinais de vaidade que muitos homens de boa aparência exibem, homens como Kyle, por exemplo. O corte de cabelo de McFetters era simples; suas roupas comuns, e lhe caíam de modo indiferente.

Antes que eu fizesse qualquer pergunta, já sabia que ele não tinha nenhuma relação com o desaparecimento da esposa.

– Sr. McFetters, obrigado por falar conosco – disse a ele, recusando seu convite de entrar e sentar. – Isto não vai demorar.

– Pode me chamar de Marc – respondeu. – Alguém descobriu alguma coisa?

– Não – declarei. Era uma mentira, mas por uma boa causa. – Aconteceu alguma coisa nas últimas semanas, antes que sua esposa desaparecesse, que tenha chamado sua atenção? Estranhos no bairro, alguém que sua esposa tenha notado enquanto corria?

Ele esfregou o rosto com as mãos como se para acordar sua memória.

– Não – respondeu, parecendo perdido. – Não. Nada. Eu normalmente corro com ela, mas acordei tarde naquela manhã; nós... De qualquer forma, ela tinha uma hora a mais antes de chegar ao trabalho. Ela diz que não consegue pensar sem sua corrida matinal.

– O que ela vestia? – perguntei, e ouvi uma descrição detalhada que provava que quem disse que homens heterossexuais não prestam atenção em roupas estava errado.

– Vestia um conjunto de corrida rosa que compramos em Vegas; era o preferido dela, embora o joelho direito tenha um buraco de uma queda que ela

sofreu há algumas semanas. Usava tênis Nike tamanho 37, prata com detalhes em roxo. Ela gosta mais dos tênis verdes, mas eles não combinam com o rosa. Estava com os brincos de topázio que dei no aniversário de casamento e a aliança... Ouro branco com uma safira yogo de um quarto de quilate que eu encontrei quando tinha 18 anos durante umas férias com a família.

Havia certa ansiedade desesperada em sua voz enquanto ele prosseguia descrevendo o roteiro de corrida habitual dela; como se acreditasse que, de alguma forma, se conseguisse dar detalhes suficientes, isso o ajudasse a encontrar a esposa.

Ele finalmente terminou, e, quase por acaso, seu olhar pousou em Nadia. Franziu o cenho.

– Eu a conheço de algum lugar, não é? Qual é mesmo o seu nome?

– Nadia – respondeu ela.

– Você estudou na Richland High?

Ele esfregou os cabelos novamente e tentou encontrar o protocolo social adequado.

– Juntamente com metade de Richland – disse ela com voz gentil. – Isso não é importante neste momento, Marc.

– Você tem alguma relação com o desaparecimento de sua esposa? – perguntei o mais gentilmente que pude, levando-o de volta às coisas que importavam. Ele não tinha, apostaria minha vida nisso, mas para Elizaveta eu precisava ter provas.

– Não – respondeu, piscando para mim, como se a ideia fosse estranha demais para ser considerada. Não estava com raiva ou ofendido, apenas perturbado. – Não. Eu amo Toni. Preciso encontrá-la, mas não sei onde procurar.

Perturbado e aterrorizado.

– Onde devo procurá-la?

Fechei a porta atrás de nós e esperei enquanto Nadia murmurava um pouco em voz baixa e jogava nos degraus algumas ervas que levava em uma bolsa.

– Bem? – perguntou ela, depois de subir no carro ao meu lado.

Dirigi para longe da casa de Toni McFetters antes de responder. Minhas tripas se contorciam com a compreensão de que, se eu não estivesse com Kyle na noite passada, quando a zumbi apareceu, estaria basicamente no mesmo estado de Marc McFetters.

– Precisamos descobrir quem fez isso. Aquele homem não merece a polícia pulando no seu pescoço.

– Ele não a matou – disse ela, mas era mais uma pergunta que uma afirmação. Eu não podia acreditar que ela estivera na mesma sala que eu e não reconheceria a inocência do homem. Bruxas não têm o faro de um lobo, imagino.

– Definitivamente não.

– Bom – retomou ela –, ele estava certo, frequentamos a mesma escola. Um CDF, mas bastante doce.

Ela se remexeu no assento como se estivesse desconfortável.

– Então, onde isso nos deixa?

A pergunta era um pouco precoce demais. Talvez ela tivesse gostado de Marc McFetters mais do que gostaria que eu soubesse. Ele parecia um bom homem.

– Vamos ter umas conversas com algumas pessoas que estão muito infelizes com Kyle.

Havia quatro pessoas que eu queria verificar. As pessoas que não o conheciam poderiam ficar surpresas por a lista não ser maior. Kyle não fazia amigos entre os adversários no tribunal. Contudo, ele era justo e honesto – significando que a maioria dos advogados adversários superava a raiva com grande rapidez.

Em algum momento, eu decidira que o animador de zumbis havia sido contratado para assassinar Kyle. Instintos viscerais sempre eram importantes para os detetives nos filmes, mas ainda mais para lobisomens. Na maioria, instintos viscerais são apenas pequenos fragmentos de informação que flutuam e se agrupam para construir a situação mais provável.

Isso significava que estávamos procurando duas pessoas diferentes. Aquela que contratou e a que foi contratada. Motivo. Minha licença podia ser nova, mas *eu* era velho. Sobrevivera porque compreendia o que movia as pessoas, por que elas agiam e por que não. Lobisomens velhos não são muito comuns; a maioria de nós que sobrevive à mudança morre em lutas contra outros lobisomens pouco depois, porque a maioria dos lobisomens não entende linguagem corporal. Eles também não pensam. Confiam em suas presas e garras – embora *outros* lobos também tenham presas e garras. Eu observei e aprendi.

Era mais fácil descobrir o motivo que o assassino de aluguel. Eu iria descobrir o homem que queria Kyle morto, e depois o assassino. Por isso, minha lista não era longa. Hoje tentaríamos as pessoas que odiavam Kyle e tinham condições de pagar um assassino após Kyle ter acabado com eles no tribunal. Se eu não encontrasse um suspeito provável, amanhã deixaria Nadia em casa, convocaria a alcateia e iria caçar alguém que me odiasse o bastante para matar o homem que eu amava.

Eu telefonara para o escritório de Sean Nyelund e marcara um encontro

usando o nome do alfa da minha matilha – Adam Hauptman – antes de buscar Nadia naquela manhã.

Nyelund trabalhava em um prédio comercial mais novo em Kennewick, ganhando dinheiro com a poupança de outras pessoas. Era bom nisso. Muito bom.

Ele não era bom em cuidar dos seus. Cuidara bem das posses, mas não tinha a preocupação com o bem-estar que deveria ter. A esposa escapara da casa dele em trajes menores e se escondera na garagem de um vizinho por três horas antes que a encontrassem. Era a primeira vez que ela saía de casa em dois anos. Agora ela vivia no Tennessee com a família, um bom pedaço do dinheiro que o marido ganhara durante a vida e um novo marido que era bom com armas.

Nyelund odiava Kyle, e certamente tinha dinheiro para contratar um assassino. A única questão era: tinha feito isso?

A recepcionista de Sean era uma coisinha bonita, recém-saída do secundário. Tinha um sorriso brilhante que combinava com a voz brilhante com a qual conversara ao telefone. Seus olhos eram assustados.

– Só um momento, vou anunciá-lo – disse-me, depois pegou o telefone. – O senhor Hauptman está aqui para vê-lo, senhor.

Um humano não teria ouvido o baixo “Mande-o entrar”.

Ele estava de costas para nós quando entramos no escritório, digitando rapidamente em um teclado. Era uma manobra que funcionou contra ele, porque fechei a porta e usei um pouco de magia de matilha para manter o ruído confinado à sala. Os lobos não têm muito mais magia além de se transformar, mas o que temos é bom para manter nossos negócios privados.

Ele se virou.

– Sr. Haupt... – e então viu quem eu era. Ficou subitamente tenso, a mão oculta sob a mesa, e depois percebeu Nadia. De repente as duas mãos puderam ser vistas no tampo da mesa. – Ah, entendo. Usando pseudônimos agora, Sr. Smith? Não sabia que tinha dinheiro suficiente para investir. Talvez a dama?

Nyelund parecia um tipo de sujeito ligeiramente acima do peso, de corpo e mente fracos, daquele que devia estar salvando filhotinhos na esquina. Tinha covinhas e bons modos. Eram seus olhos o que o denunciavam, frios e avaliadores. Se não fosse inteligente, já estaria na cadeia.

– Achei que isso pouparia algum tempo – disse. – Você encomendou a morte de Kyle Brooks?

– Por que faria tal coisa? – perguntou, estendendo as mãos. Um rapaz bonzinho, o velho Sean Nyelund. – Não sei de onde você tirou essa ideia.

Eu o interroguei durante uns vinte minutos e não consegui arrancar uma resposta direta dele. Isso poderia significar que ele tinha feito; poderia significar que estava pensando em fazer – ou que adorava me frustrar. Difícil dizer.

Ele finalmente disse:

– Vá embora, Sr. Smith. Você me entedia. Volte se tiver dinheiro para investir.

– Cuide-se – disse, inclinando meu chapéu imaginário. – Odiaria ver algo acontecer a você.

Ele resmungou e voltou para seu computador.

Nadia usou sua magia enquanto eu abria a porta e depois passamos pela recepcionista.

– Ele sacou uma arma para você – disse Nadia, colocando o cinto.

– Eu vi – disse a ela. – Você me salvou, querida.

Ela riu.

– Ou o tranquilizei de que você não estava prestes a atacar.

– Pode ser – reconheci, mas achei que Nyelund ficaria feliz em atirar em mim se tivesse a certeza de se safar. Algo para ter em mente.

– O que descobriu? – perguntou. – Não consegui dizer nada sobre ele.

– O júri está deliberando sobre Nyelund – disse. – Ele insistiu tanto em não responder que pode muito bem ser mentira.

– Ele sabe que você é um lobisomem? – perguntou. – E que lobisomens podem farejar mentiras?

Eu balancei a cabeça, relativamente certo de minha resposta. O público podia saber sobre lobisomens, mas eu não iria sair anunciando. Kyle sabia, mas ele era basicamente o único humano nessa posição. Usar o nome de Adam poderia deixar Nyelund desconfiado – Adam se tornara uma celebridade assim que correu a notícia de que era o alfa da matilha local. Mas, se eu fosse Nyelund, apostaria que a parte celebridade era exatamente o motivo pelo qual usara o nome de Adam, não a parte lobisomem alfa. E de qualquer forma, se pensasse que eu era um lobisomem, não poderia provar, e isso poderia simplesmente deixar Kyle um pouco mais seguro.

Se Nyelund era inteligente e sutil, Phillip Dean, o seguinte em minha lista, era um tipo diferente. Ele cumprira algum tempo após Kyle fazer sua mágica no tribunal – mas apenas porque ele *foi* idiota e garantiu seu lugar na cadeia ameaçando o juiz. Dean era um ignorante repulsivo que herdara o dinheiro do pai dois anos antes. O dinheiro não era realmente suficiente para contratar alguém, mas ele tinha contatos, e era só uma questão de tempo antes que matasse alguém. Quase conseguira isso com a ex-esposa e não se importaria nada de

fazer de Kyle Brooks sua primeira vítima.

Como descobri após alguns telefonemas, estava passando férias na Flórida: Disney World.

– Não significa que não tenha sido ele – disse a Nadia. – Mas ainda assim é forçar um pouco a barra. Ele não pensa muito à frente, porém é suficientemente hábil quando encurralado.

– E então? Para onde agora?

– Sra. Makenzie Covington.

– Uma mulher?

Sorri para ela.

– As mulheres são a maioria dos clientes de Kyle, mas ele também aceita casos de homens. A Sra. Covington é uma peça; tentou posar de esposa agredida para conseguir limpar o ex e não ficou feliz quando Kyle provou que ela causara os próprios ferimentos. Os ferimentos no ex-marido também eram obra dela. Perdeu direitos de visita; não que se importasse com os filhos, mas isso a humilhou diante dos amigos. Daqui a dois anos estaria atormentando o terceiro ou quarto marido, e não seria incluída na minha lista. Mas, seis semanas após o divórcio, a sua ira ainda está bastante concentrada em Kyle.

– Por que não no ex?

Sorri para ela de modo sinistro.

– Quando ela acabou com ele, só o que ele podia fazer era dizer “Sim, querida” e olhar para o chão. Foi Kyle quem a humilhou e protegeu sua vítima.

Makenzie Covington trabalhava em casa – que naquele momento ficava em um condomínio em South Richland. Ela era mais impressionante do que bonita. Cabelos e olhos escuros e traços fortes, parecia uma mulher apaixonada que desfrutava plenamente da vida. O que de certa forma era verdade. Não me reconheceu quando atendeu a campainha.

Fiz as apresentações: Nadia e eu.

– Nunca conheci um detetive particular antes – tentou me seduzir. – Não querem entrar?

Não demorei muito para descobrir que não era ela. Caso tivesse encomendado a morte de alguém, não teria dado as boas-vindas a uma dupla de investigadores particulares em sua casa e ficado quente e agitada com isso. Algumas vezes ser um lobisomem lhe dá noções interessantes das pessoas.

Ainda assim.

– Madame, não teria encomendado o assassinato de Kyle Brooks, teria?

– Não – respondeu ela imediata e sinceramente. – Mas se você encontrar

alguém que tenha feito, diga que eu pago metade.

Isso também era verdade.

– Farei isso – prometi a ela.

Demorou vinte minutos para conseguirmos sair do condomínio, ao final do que até mesmo Nadia descobriu o que a Sra. Covington queria de nós.

– Estou realmente feliz de ter trazido você comigo para isto – disse a Nadia.

Nadia deu uma risadinha. Ela sequer se preocupara em fazer qualquer magia. Não era necessário.

– Não acho que tenha sido de grande ajuda. Ela teria nos levado para cama, não é?

– Você, eu e o vira-lata do lado de fora, sim, senhora.

Entrei no trânsito. Talvez estivesse dirigindo um pouco mais rápido do que o normal.

– Nunca o vi desconcertado antes – disse ela. – Normalmente você apenas fala mais devagar e usa muitos *não* e *madame*.

– Agora sei como aquelas esposas de 60 anos se sentem quando seu marido de 40 anos volta do médico com um frasco cheio de comprimidos azuis.

Não estava tão nervoso quanto fingia, mas gostei do riso de Nadia. Ela não ria tanto quanto devia.

Harper Sullivan era um médico aposentado.

Divórcio é uma coisa nojenta e segredos costumam ser revelados. O segredo do bom médico era que ele gostava de diagnosticar seus pacientes com várias doenças mortais que não tinham. Isso, claro, significava que tinham de fazer tratamentos frequentes. Eventualmente (sobretudo quando estavam se preparando para pedir uma segunda opinião), ficavam milagrosamente curados, com o médico recebendo todos os créditos.

Kyle usara chantagem para conseguir um belo acordo para a ex-esposa do médico (que não era exatamente uma pessoa fantástica, já que ficara em silêncio sobre o que ele fazia durante vinte anos) e para obrigá-lo a se aposentar. Kyle me explicara que não havia provas, apenas rumores – o suficiente para arruinar a reputação de Sullivan e levar o caso ao Conselho de Medicina, mas ele provavelmente manteria sua licença. Chantagem era melhor porque impedia que mais pessoas fossem prejudicadas. Kyle eventualmente consegue ser pragmático como um lobo para garantir que a justiça seja feita.

O Dr. Sullivan estava cuidando de seu canteiro de azaleias quando chegamos. Não ergueu os olhos até eu pigarrear. Sempre me incomodara que ele se

parecesse com aquele médico do antigo seriado de TV *Marcus Welby, médico*.

– Doutor – disse eu. – Sou Warren Smith. Investigador particular. Esta é minha parceira hoje, Nadia Popov. Gostaria de fazer algumas perguntas.

– Claro – concordou ele, levantando-se e tirando as luvas de trabalho. – Mas está ficando quente. Por que não entramos e tomamos um chá gelado?

Eu o vi duas vezes e era improvável que ele não me conhecesse. Mas não deu qualquer sinal disso que eu conseguisse perceber, mesmo quando me apresentei.

Ele nos conduziu por fora até a porta dos fundos da grande casa de alvenaria, explicando que não queria deixar rastros de terra por dentro. Levou-nos até sua sala de estar, um espaço grande com piso de madeira de lei, tapetes persas de verdade e móveis antigos, alguns deles mais velhos do que eu. Mas a coisa que dominava o aposento era uma parede de janelas debruçadas sobre o rio Columbia.

Estávamos ambos apreciando a vista quando ele atirou em mim.

Não era de prata, e uma bala de chumbo não me mataria, mas dói muito. Eu me virei e rosnei, uma das mãos no ombro. Ele não era um bom atirador se errava meu coração a tão pouca distância.

Era a segunda vez que alguém sacava uma arma para mim hoje – eu esperara algo assim de Nyelund, mas acreditava que encontrá-lo em seu trabalho impedisse violência. Eu identificara o médico como alguém que terceirizaria o trabalho sujo. Pelo menos ele não era um atirador de elite.

– Opa – exclamou ele, ajustando a mira.

– PARE – ordenou Nadia.

Um dominante pode impor sua vontade a um lobo inferior. Eu fizera algo do tipo com Kyle ontem quando o obrigara a parar de fugir da mordida da zumbi. Mas aquilo era algo diferente, porque não apenas o médico ficou paralisado, mas também eu. E não era um tipo de hesitação – a perda de vontade de desobedecer que meu alfa podia me infligir –, meu corpo simplesmente se recusava a se mover.

Que foda.

Respirei bem fundo e conclamei o lobo, que afastou a magia como água que queria grudar onde não devia. Ele também curou um pouco o dano que a pistola havia causado. Dei um passo principalmente para provar que era capaz disso.

Ela sequer me notou; estava ocupada demais com Sullivan.

– Você não vai matar ninguém – disse a ele com aquela mesma voz de magia negra. – Deixará Kyle Brooks em paz.

Eu fiquei realmente contente por ter rompido o feitiço dela sobre mim antes daquilo.

– Você não vai se lembrar disso. Vai achar que aquilo sobre o que conversamos foi resolvido. Tudo está certo.

– Tudo certo – murmurou o médico e meu lobo viu que algo se partira dentro dele, algo que estava inteiro e bem quando havíamos entrado. Em um alce era o sinal de que o animal estava acabado; próxima nevasca, próximo predador, e ele não lutaria para sobreviver.

Nadia se virou e pareceu um pouco surpresa de me ver tão perto.

– Seu ombro?

– Curando – respondi. – Estou bem.

Algumas vezes, coisas como aquela levavam muito tempo para curar, e de vez em quando se fechavam imediatamente. Aquela era a de vez em quando. Olhei ao redor, mas surpreendentemente havia pouco sangue; a maior parte dele fora absorvida pelas minhas roupas.

A bala passara através de mim e da janela, deixando para trás uma teia de aranha de rachaduras. O médico parecia ter se esquecido de nós e saído com sua arma, murmurando para si mesmo:

– Está tudo bem. Tudo está bem.

Nadia apanhou uma toalha úmida na cozinha e limpou o sangue do piso de madeira, sem deixar qualquer vestígio. Depois pegou a toalha suja e a colocou sobre a janela quebrada.

O lobo sentiu a magia dela e recuou. Não assustado, apenas cauteloso. Quando ela retirou a toalha, estava livre do meu sangue e a janela, intacta.

– Não desperdice, não careça – disse ela. – Achei que teria de dar um pouco do meu para concluir, mas seu sangue é poderoso.

Peguei-a pelo braço.

– Vamos embora antes que ele se liberte – disse, embora não achasse que ele iria se libertar. A sugestão que ela havia plantado poderia desaparecer. Mas ela o quebrara e meus instintos diziam que era permanente.

Esse é o problema com bruxas; elas na verdade não se importam com ninguém que não elas mesmas. Seu poder vem de dor, sangue e sacrifício – dor, sangue e sacrifício de outras pessoas, quando elas conseguem. Se elas evitam fazer o mal, não têm qualquer poder. Então, outras bruxas tirarão vantagem disso e roubarão o pouco poder que você tem. Bruxas brancas são poucas, e tendem a ser paranoicas psicóticas. Elizaveta e sua família ficam no limite da magia negra de verdade, mas estão nesse limite e olham para o abismo com olhos abertos.

O lobo podia respeitar um predador assim, mas nenhum de nós ficava totalmente à vontade com isso. O que ela acabara de fazer ao médico era errado: teria sido mais gentil matá-lo.

– Lamento – disse ela suavemente enquanto eu cruzava o rio, dirigindo para o lado dela de Richland.

– Pelo quê? – perguntei. – Salvar minha vida?

– Você não gostou de eu ter roubado a vontade dele – explicou. – Admito que poderia ter sido mais cuidadosa. Mas ele atirara em você, e usei isso, usei sua dor. Isso me deu um pouco mais de poder do que estou acostumada. Ele ficará bem.

Se ela queria acreditar nisso, quem era eu para discordar? Talvez eu estivesse errado, mas não achava estar.

– Então – disse ela suavemente –, já terminou com isso? Descobriu o que precisa saber com o Dr. Sullivan? Está solucionado?

Abri a boca, pensei um pouco mais e disse:

– Sim, imagino que tenha terminado.

Não conversamos muito mais, porém quando ela saltou da picape depois que parei em sua casa, disse sem olhar para mim:

– Talvez possamos nos ver novamente? Faço uma ótima torta de cerejas.

Eu sorri.

– Talvez.

Ela relaxou, me deu um sorriso raro, beijou as pontas dos dedos e soprou o beijo na minha direção antes de correr para a casa, como se tivesse 16 anos.

Tudo vai ficar bem. Flexionei os dedos no volante.

Kyle e eu jantamos em um restaurante mexicano na diagonal de seu escritório. A música era alta o bastante para que ouvidos humanos não escutassem conversas particulares – uma das razões pelas quais eu gostava de comer ali.

– Você está assustadoramente quieto – constatou Kyle. – Descobriu alguma coisa?

Olhei para ele. Ele parecia cansado.

– Sim.

– Vai me contar?

Baixei os olhos para a comida.

– Vou. Mas não esta noite. Ainda tenho de verificar mais algumas coisas, umas duas coisas a fazer.

– Ilegais?

Dei a ele um meio sorriso.

- Como se eu fosse alertar você.
- Você apenas me torna cúmplice depois – resmungou.
- Tenho de fazer alguma justiça – disse.

Ele pensou nisso enquanto dava umas mordidas em sua tostada de peixe.

– Toni McFetters merece justiça. Tem certeza de que não pode fazer isso legalmente?

– Planejo usar caminhos legais para parte disso – falei. – Mas há uma parte que não é possível fazer assim.

Kyle acreditava no sistema de justiça – um dos poucos traços de otimismo em sua visão de mundo cínica. Contudo, como provou sua chantagem contra Sullivan, ele compreendia seus limites.

- Certo – disse ele. – Eu posso aceitar justiça. Vejo você em casa de noite?
- Chegarei tarde – respondi. – Talvez muito tarde.

Ele olhou sério para mim.

– Não seja apanhado. Não seja ferido, não pense que não percebi que você está usando uma camisa diferente daquela que vestiu de manhã e não está usando o braço direito para comer.

– Não – disse, sinceramente. – Tentarei não ser. Nunca tentaria fazer algo assim com você.

Ele riu, se levantou, se curvou sobre a mesa estreita e me beijou, ignorando os olhares que recebemos. As Três Cidades são bastante convencionais e dois homens se beijando em público não é uma visão comum.

A garota na mesa ao lado deu um assovio de lobo e disse:

- Posso beijar o cowboy depois?
- Certo, talvez nem todo mundo fosse tão convencional.

Kyle deu a ela um sorriso malicioso.

- Lamento. Esse cowboy é meu, você terá de encontrar um para você.

Ela suspirou.

- Eu tenho um, mas ele não fica assim quando enrubesce.
- Talvez ficasse se eu o beijasse? – provocou Kyle, erguendo uma sobrancelha.

Ela riu. E se algumas das pessoas pudessem se fazer de ofendidas com o beijo, ela aliviou o clima. Eu a beijei na face em agradecimento ao passar pela mesa na saída. O cowboy dela talvez não ruborizasse, mas ela sim.

Telefonei para Ben do escritório. Outro membro da matilha, Ben também era um rato de computador. Consigo me virar no computador, mas Ben faz com que eu

pareça um completo ignorante. Ele levou quase uma hora para descobrir as informações que eu havia pedido – eu teria precisado de uma semana ou mais. Aproveitei bem essa hora, reunindo as pistas que meus instintos diziam que lá estavam, tirando fotocópias de arquivos delicados e telefonando para mais algumas pessoas. Depois que Ben me ligou, telefonei para George e saímos para fazer umas investigações particulares.

Além de ser um lobisomem, George também era um policial de Pasco. Era minha ligação com os canais oficiais que prometera a Kyle.

George me encontrou em uma lanchonete a alguns quarteirões da casa de Sean Nyelund, em West Pasco. Ele dirigiu seu próprio carro e se vestia de modo descontraído, mas estava trabalhando a despeito do horário tardio. Pedimos algo para beber e nos sentamos. Estava quase na hora de fechar e não foi difícil encontrar um lugar onde ninguém iria nos escutar.

– Você disse que tem algo sobre Nyelund.

O tom dele era ansioso. Além de policial, ele integrava o mundo sadomasô, que era muito discreto ali. Durante o divórcio de Nyelund, ele admitira gostar de sadomasoquismo, e aquela fofoca virou manchete. George e seus amigos não gostaram nada daquilo. Nyelund não era um sadomasoquista elegante. Era um psicopata sádico que gostava de machucar as pessoas.

– Certo. Ele tem outra vítima – revelei a George, dando a ele o nome da recepcionista de Nyelund. – Estes arquivos você não tem – anunciei, dando cópias que tinha feito no escritório. – Coisas de confidencialidade advogado/cliente/médico. Eles mostrarão a você o que procurar. Mas prometi à vítima que apenas você veria.

Esperei enquanto ele folheava os registros médicos da primeira esposa de Nyelund e transcrições das sessões de terapia. Ela os dera a Kyle e dissera que não poderia usar. Eu telefonara e contara a ela sobre a pequena recepcionista de Nyelund. Precisara da maior parte daquela hora que passara esperando por Ben para convencê-la. Ela me disse que poderia mostrar a George, mas a mais ninguém.

Ele assoviou por entre os dentes.

– Pobre garota – disse.

Mas não estava surpreso. Sabia sobre o que era o caso, mas a recusa da ex-esposa de Nyelund de prestar queixa contra ele o deixara de mãos atadas. Apenas os detalhes eram novos para ele.

– Ele tem um bunker, um quarto secreto – disse, parecendo um garoto em uma

loja de doces. Quartos secretos eram bastante fáceis de farejar se a pessoa que faz a busca por acaso tivesse o olfato de um lobisomem. – E gosta de filmar coisas. Coisas ilegais. Muito gentil da parte dele.

– É útil?

– Preciso de uma justificativa para um mandado de busca.

Dei a ele um pen drive. Nyelund achava que seus cães de guarda impediriam as pessoas de tirar fotos através das janelas. Cães de guarda não latem para mim se eu não quiser, e Nyelund estivera ocupado demais para me notar. As luzes estavam acesas, então eu sequer precisara usar flash. Minha câmera registrara devidamente data e hora.

Dei um tapinha no drive.

– Você encontrará as fotos para causa provável. Pode até dar meu nome como o fotógrafo. Sou detetive particular, fui mandado para tirar fotos da esposa desse sujeito, mas peguei o endereço errado. Quando me dei conta do que estava fotografando, liguei para você.

Uma cobra não perde as manchas. Era só uma questão de tempo antes que Nyelund tentasse seus truques e uma nova vítima. Kyle e eu estávamos de olho nele, mas deixamos passar a recepcionista. Ben disse que trabalhava para ele havia uns dois meses – imediatamente após se mudar para as Três Cidades.

– Ela tem 17 anos – informei a ele.

George sorriu, os olhos furiosos.

– É mesmo, agora? E olhe para ele com aquela câmera. Embrulhado como um grande presente de aniversário. Obrigado, Warren.

– De nada.

Inclinei meu chapéu imaginário para ele. Se Nyelund não tivesse sido tão simpático, eu teria recorrido a uma testemunha com credibilidade, mas aquilo era melhor.

Já era bem tarde quando cheguei à minha escala seguinte. A porta dos fundos não estava trancada e entrei na cozinha. Esperei um minuto e escutei. Apenas uma pessoa na casa, e essa pessoa dormia.

Fui para a sala de estar, na direção das escadas que levavam aos quartos. Passara a noite toda pensando naquilo e ainda não me convencera do que iria fazer.

Instinto era uma coisa: provar o que eu sabia era outra questão totalmente diferente.

Planejara um pequeno trabalho de detetive, depois um interrogatório, mas

então os faróis de um carro de passagem iluminaram o topo de um gabinete de objetos onde havia um punhado de fotos. Uma delas chamou minha atenção, então fui até lá e a peguei.

Eu não precisava de luz para ver; uma das vantagens de minha condição é uma visão noturna soberba. Fiquei olhando para duas pessoas felizes por algum tempo, depois recoloquei a foto no lugar.

Fui ao quarto e fiz o que tinha de fazer. Nadia sequer acordou quando quebrei seu pescoço. Foi mais fácil que quebrar o pescoço do zumbi que ela fizera com a mulher que havia matado.

Vasculhei o quarto e encontrei algumas coisas. Do quarto, telefonei para a tia-avó de Nadia.

– Está ligando tarde, meu pãozinho doce. Encontrou algo que eu possa usar?

– Não – disse a Elizaveta. – Foi Nadia.

– Você está errado – declarou. – Nadia não tem a habilidade para animar os mortos.

Ela sempre subestimara Nadia. Todos subestimaram. Todos menos eu.

– Nove mil dólares foram transferidos para uma de suas conta-correntes há duas semanas, e outros semana passada. Dez mil ou mais e os federais começam a prestar atenção.

– Ano passado ela ganhou US\$ 110 mil; informou que sua profissão era a de artista. Pelos registros bancários, ganhou quatro ou cinco vezes mais este ano.

Elizaveta não iria considerar um problema a profissão de assassina de Nadia.

– Ela trabalhava exclusivamente para humanos. Há cópias de seus contratos. Todos os empregadores sabiam que ela era uma bruxa. Era seu diferencial.

Aquilo seria um problema. Pessoas comuns tendem a ficar assustadas quando descobrem ter monstros em meio a elas, e isso resulta em coisas como a Inquisição e as caças às bruxas que eliminaram a maioria das linhagens de bruxas da Europa há alguns séculos.

– Você está na casa dela.

– Sim, madame.

– Espere por mim aí. Não faça nada precipitado.

Eu olhei para o rosto de Nadia.

– Não, madame. Não faço nada precipitado.

Esperei no escuro, sentado na pequena cadeira de balanço do quarto de Nadia, até Elizaveta entrar.

Ela olhou para a sobrinha-neta por um momento e então disse em uma voz

gelada:

– Disse a você para não fazer nada precipitado.

– Já estava feito – informei a ela.

– Cabia a *mim* cuidar disso – disse ela.

– As pessoas acham que seu neto está morto – disse a ela.

Descobri que não estava. Como disse, as bruxas extraem seu poder do sofrimento, do sacrifício, como Nadia usando meu sangue para consertar a janela na casa do Dr. Sullivan. Eu não daria a Elizaveta mais ninguém para torturar.

Elizaveta olhou para mim, os olhos cinzentos penetrantes como os de uma harpia. Bruxas também não têm dificuldade em ver no escuro.

– Ela se voltou contra o que era meu – expliquei a ela. – Isso fez com que detê-la coubesse a mim. Sou um lobo, madame. Não um gato. Não brinco com minha presa.

Eu gostava de Nadia, pelo menos da Nadia que achava que ela era. Foi melhor que a tivesse matado rapidamente.

Estendi a mão e dei a ela o anel que encontrara na caixa de joias de Nadia.

– Esta é a aliança de casamento de Toni McFetters. Quando deixar o corpo para que a polícia o encontre, haverá menos perguntas se estiver usando esta aliança. As roupas que ela estava usando estão em um saco de papel no closet; um conjunto de corrida rosa. Talvez ela devesse morrer de causas naturais. Estou certo de que você pode pensar em algo.

Elizaveta a pegou e suspirou, a voz suavizando e o sotaque russo desaparecendo. Parecia velha.

– Sabe, é muito difícil criar uma bruxa para que não destrua a si mesma. Eu mesma tive seis irmãos, e apenas duas de nós sobrevivemos. Minha irmã não tem nenhum talento, as tentações são grandes demais.

Ela olhou para Nadia. Quando voltou os olhos para mim, o sotaque havia retornado.

– Ela gostava de você, meu coelhinho do Texas. Do contrário, não teria sido tão tola de fazer isso onde eu poderia descobri-la.

– Ela sabia que sou gay – disse a ela, chocado.

Ela riu.

– O fruto proibido é o mais doce, meu querido Warren. Ela achava que poderia mudar isso se você pelo menos olhasse para ela. Imagino que ser paga para matar seu namorado foi uma tentação forte demais para que ela resistisse.

Elizaveta sorriu docemente para mim, esperando que eu entendesse que tudo aquilo era culpa minha.

Acho que ela se importava com Nadia, mas se importava mais que eu tivesse roubado dela a oportunidade de ter mais poder. Talvez também estivesse irritada por ter percebido antes dela o que acontecia debaixo do seu nariz.

Odeio bruxas.

– Nadia fez suas escolhas – disse de repente, levantando-me. – Tenho de ir para casa.

Enquanto eu saía do quarto, Elizaveta falou:

– Diga a seu alfa que Nadia decidiu explorar o mundo. Ela já tem passagens para a França. Ninguém perceberá quando não voltar.

Significa que Elizaveta iria engolir que eu matara Nadia e não romperia o acordo que tinha com a matilha. Quando eu telefonara para Adam para alertá-lo sobre o que tinha de fazer, ele me dissera que era o que Elizaveta faria.

Não reduzi o passo nem respondi.

Apesar do que eu dissera a Elizaveta, tinha mais uma coisa para fazer. Para aquela eu seria o lobo. Demorou algum tempo para trocar minha forma humana pela do lobo, mais que o habitual. Talvez por ter sido baleado; fraqueza física tornava a transformação mais difícil para mim.

A janela do segundo andar, a do quarto, estava aberta, e pulei através dela desde o chão. Pousei com um baque, mas minha vítima, assim como Nadia, não acordou. Eu precisava daquela acordada. Então fiz mais barulho, raspando minhas garras no piso de madeira de lei.

Não foi difícil. Eu estava com muita, muita raiva.

– O que...

Ele acendeu a luz, mas eu já estava no corredor. Virando a quina. Fiz um pouco mais de barulho.

Ele resmungou.

– Malditos ratos.

Ele foi para o corredor onde eu esperava por ele.

Arrastei-me para a cama, exausto, esgotado até a alma.

– Warren? – perguntou, puxando-me mais para perto. – Querido, você está gelado.

Se ele perguntasse eu contaria.

– Consegue dormir?

Eu anui.

– Certo, fale sobre isso de manhã.

Aproveitei, agradecido, o conforto que ele oferecera.

Fomos acordados pela ambulância.

Kyle saiu para descobrir o que pudesse enquanto eu tomava uma chuveirada. Ele entrou enquanto me secava.

– O Sr. Francis morreu de um ataque cardíaco noite passada.

Ele tinha uma expressão estranha. Difícil não sentir certo alívio, imaginei, e ainda mais difícil não sentir culpa por isso.

– Acho que não irá deixar mais bilhetes – disse, franzindo o cenho para mim e depois adotando sua expressão de advogado. – Warren?

Entre os problemas de saúde com os quais nosso vizinho se aposentara estava um coração fraco. Muito mais fácil explicar um ataque cardíaco que uma morte por animais selvagens. Afinal era o século XXI, não o XIX.

– Eu teria ficado mais satisfeito se pudesse ter enfiado os dentes nele – contei a Kyle, esfregando os cabelos com a toalha com um pouco mais de força que o necessário. – Ele aparentemente decidiu que você nunca seria um proprietário que poderia assustar devidamente. Ele contratou Nadia, sobrinha de Elizaveta, para matá-lo.

– O Sr. Francis? – perguntou Kyle, incrédulo. Afastei a toalha do rosto para vê-lo de pé, ali, de queixo caído. – O Sr. Francis contratou uma bruxa para criar uma zumbi para me matar?

Após um momento ele superou o choque.

– Eu tinha certeza de que seria Nyelund.

– Covington disse que pagaria a metade se contássemos a ela quem contratara alguém para matar você – contei. – Foi Sullivan quem atirou em mim, mas ele não ameaçará mais ninguém.

Kyle olhou para a marca vermelha em meu ombro; era tudo o que restava do ferimento.

Nadia havia quebrado Sullivan, mas também dirigira aquela magia a mim. Eu não deveria mais pensar em Kyle, deveria encerrar a investigação com a sensação de que tudo daria certo. E não deveria lembrar da magia que ela fizera para garantir aquele resultado. Ela passara tanto tempo ensinando todo mundo a subestimá-la, que acabou se superestimando.

Kyle franziu o cenho.

– Conte.

Então contei a ele sobre Sean Nyelund enquanto me vestia. Andei de um lado para outro e contei sobre Nadia enquanto ele ficava sentado no banco aos pés da cama e me olhava.

– Foi feita justiça, Warren – constatou ele quando terminei. – Lamento que

tenha precisado ser você a fazê-la.

– Eu não – disse a ele. Apenas fizera o que precisava para proteger os meus. Faria novamente.

Ele sorriu um pouco como se soubesse algo que eu não sabia.

– Se você diz.

– Ela estava certa – disse eu.

– Quem?

– Nadia. Ela disse que o vestido vermelho poderia ser útil para descobrir quem matara Toni McFetters.

Ele estendeu a mão e pegou a minha, me fazendo sentar ao lado dele.

– Você gostava dela – disse.

– Ela tinha uma foto de formatura em casa, em cima do gabinete de objetos.

– O marido de Toni levava Nadia ao baile no ensino médio. Aquele vestido vermelho que Toni vestia? Era o vestido de baile de Nadia; assim como as pérolas e os sapatos, pelo que sei. Ele a levava ao baile, e mal se lembrava dela.

Mas ela se lembrava dele. Eu esperara ter de vasculhar a casa dela em busca dos pertences de Nadia ou, se isso não funcionasse, acordá-la e interrogá-la. Ela facilitara as coisas para mim.

– Elizaveta só se opôs por ela ter se exposto aos humanos como bruxa – disse Kyle. – Se você não tivesse dito isso, ela teria deixado Nadia em paz. Você não teria precisado matá-la – completou, colocando o braço ao redor de mim. – Diga que não é nisso que está pensando agora. Diga que não é o que o está incomodando.

Não era. Não totalmente. Estava pensando que ela atacara Kyle e que parte de mim teria ficado mais feliz se a comesse. Exigira mais força de vontade do que eu pensara não comer o velho da casa ao lado, que era ainda mais culpado que Nadia.

Olhei para Kyle. Sei que o lobo devia estar se mostrando, mas ele não recuou, não baixou os olhos.

– Ela estava piorando – comentou ele. – Matou por dinheiro e aprendeu a gostar disso. Matou Toni porque Toni e o marido passavam correndo pela casa dela todo dia e eram felizes. Tentou me matar porque somos felizes.

Ele achava que eu era um herói. Ele tinha de saber.

– Eu matei duas pessoas noite passada – confessei. – Assassinato premeditado. Engoli em seco, mas também contei a outra parte.

– Eu gostei disso.

Ele me beijou. Depois que terminou, me disse:

– Você é um lobisomem; um predador. Um assassino habilidoso, mas não indiscriminado. Da mesma forma eu. Se minha presa ainda está se mexendo quando termino, isso não faz de mim menos predador.

Olhei para ele, que me deu um sorriso maldoso.

– Pronto para se livrar daquele apartamento?

Eu ri e me apoiei nele.

– Talvez – respondi. – Apenas talvez.

A águia de Adak

BRADLEY DENTON

Ganhador dos prêmios World Fantasy, John W. Campbell Memorial e Theodore Sturgeon Memorial, Bradley Denton nasceu em 1958, foi criado no Kansas e estudou redação criativa na Universidade do Kansas. Vendeu seu primeiro conto em 1984 e logo se tornou colaborador regular de *The Magazine of fantasy and science fiction*. Seu primeiro romance, *Wrack and roll*, foi publicado em 1986, e a ele se seguiram *Buddy Holly is alive and well on Ganymede*, *Blackburn*, *Lunactics* e *Laughin' boy*. É provavelmente mais conhecido pela série de contos e romances *Blackburn*, sobre um assassino em série excêntrico, mas ganhou o prêmio John W. Campbell Memorial por seu romance *Buddy Holly is alive and well on Ganymede* e o Theodore Sturgeon Memorial pela novela *Sergeant chip*. Sua coletânea em dois volumes *A conflagration artist* e *The Calvin Coolidge home for dead comedians* ganhou o prêmio World Fantasy de Melhor Coletânea do ano, e seus contos também foram reunidos em *One day closer to death: eight stabs at immortality*. Ele mora em Austin, Texas.

Em “A águia de Adak”, Denton nos leva à paisagem congelada e varrida pelo vento das Aleutas para acompanhar um grupo de soldados protegendo uma rocha nua durante a Segunda Guerra Mundial, um dos quais você talvez reconheça, e para isso eles têm de enfrentar uma magia sinistra e os segredos ainda mais sinistros, e assassinos, do coração humano.

I

A águia fora torturada até a morte.

Era o que parecia. Havia sido cravada de costas nas montanhas, asas e pés estendidos, cabeça virada para um lado. Seu bico estava arreganhado, como se em um grito. O olho aberto estaria me encarando, não fosse um comprido prego de ferro cravado nele, prendendo a cabeça branca na terra. Outros pregos

mantinham as asas e os pés no lugar. Algumas penas soltas rodopiavam quando o vento soprava.

O pássaro era enorme, uns três metros e meio de uma ponta da asa à outra. Eu vira águias carecas nas Aleutas antes, mas nunca tão de perto. Aquela era maior que qualquer coisa que teria imaginado.

Considerando-se o que fizeram a ela, fiquei pensando se fora esticada até aquele tamanho. O corpo fora aberto no meio e as tripas puxadas para fora dos dois lados sob as asas. Ainda não cheirava mal, mas moscas começavam a aparecer.

Fiquei olhando para a águia por uns trinta segundos. Depois, saí da montanha o mais rápido que pude e descí para contar ao coronel. Ele ordenara que relatasse qualquer coisa incomum, e aquela era a coisa mais incomum que vira em Adak.

Foi dessa maneira que acabei conhecendo o cabo que eles chamavam de “Pop”.

E foi conhecendo Pop que acabei vendo o futuro.

Acredite em mim quando digo que você não quer isso. Especialmente se o futuro que você vê não é sequer o seu.

Porque, então, não há nenhuma maldita coisa que você possa fazer para mudá-lo.

II

Encontrei Pop em uma cabana de lazer. Já o vira por ali, mas nunca tivera motivo para falar com ele até o coronel ordenar que o fizesse. Quando o encontrei, ele estava concentrado em jogar pingue-pongue com um adversário suado e sem camisa uns trinta anos mais novo. Um garoto mais ou menos da minha idade.

Pop sabia o que o garoto ia fazer. Estava com o uniforme abotoado até em cima, mas não havia uma gota de suor no rosto. Tinha cabelos brancos, bigode castanho, era alto e magro como uma vara e não parecia atlético. Na verdade, parecia um pouco pálido e adoentado. Mas rebatia a bola com movimentos serenos e despreocupados do pulso, e a mandava ao outro lado da mesa como uma bala.

Era começo da manhã de uma quarta-feira e eles estavam sozinhos na cabana, a não ser por três sujeitos tristes jogando pôquer junto à parede dos fundos. Pop estava virado para a porta, e quando entrei olhou diretamente para mim. Seus

olhos se fixaram nos meus por um segundo e ele deve ter percebido que estava lá por sua causa. Mas continuou jogando.

Esperei até que o adversário errasse uma bola de tal modo que xingou e jogou a raquete no chão. Então me aproximei e disse:

– Com licença, cabo?

Os olhos de Pop se apertaram por atrás dos óculos.

– Você vai ter de ser mais específico – disse. Tinha uma voz que fazia soar como se tivesse nascido com um uísque em uma das mãos e um cigarro na outra.

– Ele está se referindo a você, Pop – comentou o sujeito suado, pegando sua camisa em uma cadeira junto à parede curva da cabana Quonset. – Não tem ninguém procurando por mim.

Pop sorriu rapidamente para ele. Tive um vislumbre da prótese dentária mal encaixada sob o bigode. Fazia Pop parecer ainda mais velho. E ele já parecia bastante velho.

– Desfrute dos momentos em que não há ninguém procurando por você – aconselhou Pop. – E não me chame de “Pop”. “Chefe” está de bom tom.

– Ah, eu gosto de “Pop” – respondeu o cara suado. – Faz você parecer um velho legal.

– Não sou nem uma coisa nem outra.

– Você está metade certo – disse o cara suado, colocando um casaco de trabalho e passando por mim. – Vou tomar café. Vejo vocês nas minas de sal.

Pop pousou a raquete.

– Espere. Vou com você.

O cara suado olhou para mim, depois novamente para Pop.

– Acho que vejo você mais tarde – concluiu, e saiu para a manhã cinzenta de Adak, que, em julho, não era muito diferente do cinza ligeiramente mais escuro da noite de quatro horas de Adak.

Pop se afastou de mim e deu um passo na direção dos três soldados que jogavam pôquer.

– Cabo – chamei.

Ele se virou e colocou as palmas das mãos na mesa de pingue-pongue, olhando para mim como um juiz em sua cadeira olhando para baixo. Um gesto que já vira antes, portanto não me incomodava.

– Você é um soldado – disse ele. Não era uma pergunta.

– Sim, senhor.

Ele fez uma expressão de censura, as sobrancelhas se juntando em um V apertado.

– Então deveria saber que não se chama outro homem sem patente de oficial de “senhor”. Normalmente não deveria sequer chamá-lo pelo posto, a não ser que seja “Sargento”. Somos todos soldados mijando nos mesmos barris aqui, filho. Quando o vento não os sopra de volta nas nossas caras.

– Então, como deveria chamá-lo?

Ele ainda estava com uma cara feia.

– Por que deveria me chamar de alguma coisa?

Eu tinha a sensação de que ele estava me acertando com palavras, como se eu fosse um criminoso de um de seus livros e ele o herói combativo. Mas naquela época eu só havia lido um pouquinho de um desses livros, aquele sobre a estatueta do pássaro. E só lera aquele pouquinho porque certo dia estava entediado depois do jantar e um dos caras na minha cabana por acaso tinha um exemplar em capa dura na cama. Eu não gostava muito de livros na época. Assim, não me importei tanto com como Pop era bom em golpear com palavras.

– Tenho de chamá-lo de algo – disse. – O coronel me mandou levá-lo em uma missão.

A expressão de Pop mudou de aborrecimento para desgosto.

– O coronel? – reagiu Pop, com desprezo na voz. – Caso esteja se referindo a quem eu imagino que esteja, ele é um escárnio vivo da expressão *oficial de inteligência*. E ainda está usando folhas de carvalho. Para seu próprio constrangimento, pelo que sei. Dessa forma, entendo que esteja se referindo ao *tenente-coronel*.

– Ele mesmo – respondi. Era o único coronel que eu conhecia. – Ele quer que você e eu demos uma volta. Se ainda não tomou café da manhã, tenho dois sanduíches de apresuntado no jipe. Eu os enfiei embaixo do banco para que os corvos não os pegassem.

Pop levantou as mãos da mesa, foi até as cadeiras junto à parede e pegou um casaco em uma delas. Ele o vestiu com movimentos abruptos e raivosos.

– Pode dizer a ele que não tenho tempo para essa besteira. Pode dizer a ele que vou fazer uma refeição quente e, depois disso, vou começar a edição de amanhã. Não estou interessado nos comentários editoriais dele, suas ideias de matérias ou suas ambições jornalísticas ou literárias. E se ele não gostar disso, pode se queixar ao general de brigada.

Balancei a cabeça.

– O general não está no campo. Partiu noite passada para algum grande encontro. Dizem que deve ficar fora uma semana ou mais. Então, se eu contar ao coronel o que você acabou de dizer, eu é que estarei fodido.

Pop bufou.

– Você está no Exército e estacionado nas Aleutas. Você já está fodido.

Ele tentou passar por mim, mas me coloquei na sua frente.

Pop não gostou daquilo.

– O que você vai fazer, garoto? Espancar um velho?

Ele estava novamente olhando por cima para mim, como um juiz. Mas dessa vez o juiz iria jogar o livro. O que era algo que eu também já tinha visto, então não me incomodava.

– Preferiria não – disse.

Pop espiou novamente os jogadores de pôquer. Imaginei que pensava que eles o ajudariam. Mas eles estavam olhando para as cartas com força suficiente para desbotar a tinta, e não iriam se mover.

– Viu as lutas de boxe ontem? – perguntei.

Pop olhou para mim novamente. Seus olhos haviam se estreitado de novo.

– Havia uma multidão – disse ele. – Mas, sim, eu vi a distância. Achei uma bela forma de festejar o Quatro de Julho; quebrar os narizes dos nossos companheiros de armas. Ouvi dizer que o homem da Marinha da segunda luta foi levado para o Station Hospital.

Dei de ombros.

– Ele baixou a esquerda. Tive de aproveitar a oportunidade.

Pop mostrou aqueles dentes falsos ruins.

– Agora eu reconheço você. Você o nocauteou. Mas ele acertou umas em você primeiro, não?

– Não que eu tenha percebido.

Graças ao coronel, eu tivera duas semanas inteiras em que minha única obrigação havia sido treinar para a luta. Consegui aguentar uns golpes.

– Então você é durão – disse Pop, a voz com um toque de desprezo. – A mim parece que um sujeito durão deveria estar matando japas pelo seu país em vez de fazer serviços para um idiota. Um sujeito durão deveria...

Ele parou. Então, ajustou os óculos e me olhou demoradamente. Quando falou novamente, a voz era baixa.

– Mas me ocorre que você talvez tenha estado em Attu ano passado. E nesse caso talvez já tenha matado alguns japas.

Eu não gostava que me lembrassem de Attu. Para começar, havia sido onde o coronel decidira me transformar em seu ajudante especial. Depois, fora um pesadelo gelado. E sete caras do meu pelotão não conseguiram voltar.

Contudo eu não deixaria Pop saber de nada disso.

– Alguns – disse. – E se os grandões pedissem minha opinião eu diria que ficaria feliz em ir e matar mais alguns. Mas os grandões não estão interessados na minha opinião.

Pop deu um suspiro cansado.

– Não, eles nunca estão – comentou, enfiando os dedos em sua cabeleira branca grossa. – Então, no que o tenente-coronel quer que eu ajude? Imagino que esteja relacionado a alguma “notícia” insípida que ele quer que publique em *The Adakian*?

Hesitei.

– Seria melhor se pudesse apenas mostrar a você.

Pop ergueu as sobrancelhas.

– Ah, tudo bem – disse, com um tom sarcástico. – Um mistério.

Ele apontou para a porta.

– Então, você primeiro, soldado.

Eu me senti como se ele estivesse me acertando de novo.

– Achei que você tinha dito que conscritos não chamam o outro pela patente.

– Estou fazendo uma exceção.

Tudo bem para mim.

– Então eu o chamarei de “cabo”.

Uma rajada de vento começou a soprar quando abri a porta, mas ainda assim ouvi a resposta de Pop.

– Eu prefiro “chefe” – disse.

III

Descemos a colina sobre calçadas escorregadias. Em Adak o vento sopra constantemente, porém os mais violentos, as rajadas, podem surgir de repente e quase arrancar o nariz do seu rosto. Aquela que soprou quando Pop e eu saímos da cabana de recreação não era tão forte, mas ainda assim pensei que um velho magro como ele poderia ser jogado na lama. No entanto ele segurou no corrimão onde havia corrimão, e na corda onde havia corda, e ficou bem.

Quanto a mim, eu era baixo e pesado o bastante para que as rajadas mais suaves não me incomodassem muito. Porém, enquanto olhava para baixo da colina, para a estrada enlameada que chamávamos de Main Street, vi um barril de aço rolando a 60 quilômetros por hora na direção de Navytown. E alguns dos postes grossos que sustentavam as linhas de telefone e os cabos elétricos que

cruzavam o campo balançavam como se feitos de bambu. Eu não conseguiria dirigir até o vento acalmar.

Assim, não protestei quando Pop pegou meu cotovelo e me puxou para o abrigo de uma cabana Quonset. Achei que ele só estava nos tirando do vento por um instante, mas então ele passou sob o telhado que protegia a porta e entrou. Fui atrás dele, imaginando que deveria ser onde ele dormia. Se meus olhos não estivessem cheios de água, teriam visto as palavras *THE ADAKIAN* escritas acima da porta.

Do lado de dentro, enxuguei os olhos e vi mesas, cadeiras, máquinas de escrever, duas grandes caixas de compensado com tampos de vidro, uma máquina cilíndrica com alavanca manual e dezenas de resmas de papel. O lugar tinha o cheiro denso de tinta de mimeógrafo. Duas das mesas tinham homens deitados, apagados para o mundo, os traseiros apoiados em máquinas de escrever coladas na parede. Um terceiro homem, um negro magro e claro, trabalhava em uma prancheta. Parecia estar desenhando um cartum.

Esse homem olhou com expressão intrigada.

– O que está fazendo já de volta, Pop?

Ele falou suavemente, então mal consegui escutar acima dos guinchos da ventania que soprava pela casca corrugada da cabana.

– Não sei quantas vezes tenho de dizer – exclamou Pop. – Não gosto de “Pop”. Prefiro “chefe”.

– Como quiser, Pop. Os ovos mexidos tinham acabado?

– Não sei. Meu café da manhã foi adiado – respondeu Pop, apontando um polegar para mim. – O soldado aqui está me levando em um servicinho para o tenente-coronel.

O cartunista ergueu os olhos para o teto.

– Sorte sua. Talvez leia uma das novelas dele.

– É o meu medo – rebateu Pop. – E eu simplesmente não tenho uísque suficiente.

Ele fez um gesto de “deixa para lá”.

– Mas interrompemos seu trabalho. Por favor, continue.

O cartunista voltou à sua prancheta.

– Sempre continuo.

Pop foi até uma mesa quase vazia, empurrou de lado algumas pilhas de papel e esticou as costas.

A pilha de papel mais perto de mim tinha no alto uma página com uma impressão grande dizendo: HAMMETT ATINGE MEIO SÉCULO – MEIO

SÉCULO ALEGA FALTA.

– Sente-se, soldado – convidou Pop. – Ou tente, caso consiga encontrar espaço – falou, fechando os olhos. – O próprio Deus está peidando lá fora. Talvez fiquemos algum tempo aqui.

Olhei ao redor, para o interior mal iluminado da cabana. A lâmpada pendurada acima da prancheta estava acesa, mas a única outra iluminação era a luz cinzenta das pequenas janelas da frente. Exceto pelo barulho do vento, tudo estava silencioso. Era o lugar mais pacífico em que estivera desde que entrara para o Exército.

– É aqui que vocês fazem o jornal?

– Você deveria ser detetive – respondeu Pop.

Olhei para os dois homens dormindo.

– Certamente parece um trabalho fácil.

Pop conseguiu fazer cara feia sem abrir os olhos.

– Soldado, você já viu *The Adakian*? Imagino que seja possível que não, já que há mais de 20 mil homens no campo, e produzimos apenas 6 mil exemplares por dia.

– Eu já vi – disse. – Vi aquele sobre a invasão da Europa, e talvez alguns outros.

Pop fez um ruído com a garganta.

– Então certo. Quando você viu?

– O pessoal normalmente está com ele na refeição da manhã.

Pop abriu os olhos.

– Isso porque minha equipe trabalha a noite toda para que esteja pronto *antes* da refeição da manhã. Começando por volta da hora do almoço de ontem, eles estiveram datilografando relatos por ondas curtas de nosso homem na estação de rádio, escrevendo artigos e resenhas, cortando e colando e fazendo tudo o mais necessário para produzir e mimeografar 6 mil jornais de seis páginas antes do sol nascer. Então, neste momento a maioria deles desmaiou em seus catres por algumas horas antes de começar a edição de amanhã. Não sei o que esses três ainda estão fazendo aqui.

Na prancheta, o cartunista negro falou sem erguer os olhos.

– Esses dois trouxeram cerveja para o café da manhã, então não conseguiram chegar até a porta. Quanto a mim, tive uma ideia para o cartum de amanhã e decidi desenhar antes que esquecesse.

– Qual é a ideia? – perguntou Pop.

– É sobre dois caras que tomaram cerveja no café da manhã.

Pop resmungou.

– Bastante adequado.

Depois ninguém falou mais nada. Assumi posição de descanso e esperei. Mas assim que ouvi o barulho do vento diminuir, entreabri a porta. A ventania se transformara em uma brisa constante; menos pior que uma rajada de derrubar vacas em Nebraska.

– Temos de ir, chefe – disse eu.

Pop não se moveu, mas o cartunista assoviou.

– Ei, Pop! Acorde, seu vermelho velho.

Pop se sentou e piscou. Com os cabelos brancos então despenteados, óculos redondos e nariz fino, ele parecia uma coruja irritada.

– Pare de me chamar de “Pop” – resmungou.

Do lado de fora, disse enquanto Pop e eu descíamos a colina novamente:

– Eis algo que eu nunca tinha visto antes.

– O quê? – perguntou Pop, elevando a voz para ser escutado acima do vento.

– Um negro fazendo trabalho de escritório com soldados brancos.

Pop me olhou de esguelha.

– Isso o incomoda, soldado? Certamente incomoda o tenente-coronel.

Pensei nisso.

– Não, não me incomoda. Só fico pensando em como aconteceu.

– Aconteceu porque eu precisava de uma porra de um bom cartunista e ele é uma porra de um bom cartunista.

Entendi aquilo.

– Gosto dos cartuns – afirmei.

Pop fez um barulho com a garganta novamente.

– Haveria algum problema, soldado, se não falássemos até sermos obrigados a isso?

Para mim, tudo bem. Já estávamos quase no jipe, e assim que eu ligasse aquilo, nenhum de nós conseguiria ouvir o outro mesmo. O silencioso tinha um buraco, então fazia quase tanto barulho quanto uma ventania.

IV

Parei o jipe na metade do caminho até o vulcão adormecido chamado monte Moffett, pouco mais de 1,5 km após lidar com os dois cretinos na cabine do posto da Marinha. A estrada ali mal era uma trilha de terra.

– Agora temos de andar – informei a Pop.

Pop olhou ao redor.

– Andar para onde? Não há nada aqui além de pedras e tundra.

Era verdade. Mesmo os corvos, que, encontrados por toda parte no campo e ao redor da pista de pouso, estavam ausentes ali em cima. A encosta da montanha era desolada, e eu por acaso gostava daquilo. Ou pelo menos tinha gostado antes de encontrar a águia. No entanto, podia entender que para um homem que gostava de estar entre pessoas aquele poderia ser o pior lugar da Terra.

– O pessoal da Marinha diz que a aparência é melhor quando há neve – disse.

– Eles esquiam aqui em cima.

– Fiquei pensando no que você estava discutindo com eles – falou Pop. – Não consegui ouvir uma palavra depois que você se afastou do jipe.

Decidi não repetir os comentários dos garotos da Marinha sobre o velho maluco para quem eu estava servindo de motorista.

– Bem, eles disseram que temiam que pudéssemos deixar sulcos que estragassem o esqui quando nevasse. Depois disso trocamos gentilezas sobre nossas mães. Então eles pegaram o fone e falaram com algum alferes ou oficial inferior, que disse que não se importaria se deixassem todo o maldito exército passar.

Encolhendo os ombros para me proteger do frio, saltei do jipe e comecei a subir a encosta. O clima estava cinza, mas pelo menos não fazia frio demais. O ar lembrava o final do outono em casa. E a tundra ali não era tão esponjosa quanto mais perto do campo. Mas as rochas e a lama escondidas ainda a tornavam um tanto insegura.

Pop me seguiu e achei que devia estar sendo difícil para ele manter o equilíbrio sendo velho e magro, mas não se queixou das condições. Isso estaria bem abaixo dele.

– Diga a verdade, soldado – ele falou, chiando. – Isto é uma punição, certo? O tenente-coronel me parou na Main Street há alguns meses e me convidou para jantar e ler um de seus contos. Mas meus garotos estavam comigo, então eu disse: “Certamente, se puder levar estes cavalheiros.” Nesse momento o convite evaporou. Aquele incidente o deixou puto, e por isso estamos aqui, não é mesmo?

Eu me virei para encará-lo, mas continuei a caminhar, de costas.

– Acho que não. Quando ele me mandou para cá esta manhã não tinha nada a ver com você. Eu deveria procurar uma velha cabana aleúte que há em algum lugar por aqui. O coronel disse que provavelmente está três quartos sob o solo, e

eu teria de me esforçar para descobrir.

Pop ainda estava chiando.

– É chamada de *ulax*. Uma boa proteção contra os elementos. Mas duvido que tenha existido uma tão alto na montanha, a não ser por algum motivo cerimonial. E mesmo que houvesse uma *ulax* aqui em cima, não consigo imaginar por que o tenente-coronel o enviaria para procurar.

– Ele tem um relatório de conscritos usando-a para beber e ter relações com algumas das enfermeiras do 179º – informei. – Quer que eu a localize para dar um fim nessas coisas.

Pop franziu o cenho.

– Alguém está mentindo. O 179º tem vinte enfermeiras aqui, no máximo. Qualquer uma delas que estivesse disposta a “essas coisas” teria uma dúzia de oficiais atrás delas no momento em que chegassem. Nenhum conscrito teria qualquer chance. Especialmente se a dama também precisasse escalar uma montanha e se meter em um buraco no chão.

– Não importa se é verdade – comentei. – De qualquer forma, não achei a cabana.

Eu me virei. Estávamos quase lá.

– Isso ainda não responde à questão de por que estamos aqui em cima – constatou Pop.

Dessa vez não respondi. Embora fosse um cabo, Pop não parecia compreender o fato de que um conscrito não deve pensar por conta própria. Se um oficial o convida para jantar, ou para uma pintura de latrinas, você simplesmente diz “Sim, senhor”. E se ele manda você escalar um vulcão, você diz a mesma coisa. Não faz sentido perguntar por que, pois terá de fazer de qualquer forma.

– Vamos subir a montanha inteira? – gritou Pop, chiando ainda mais. – Ou há um café da manhã em uma mesa de piquenique esperando atrás da próxima rocha? Caso haja, é melhor que não seja outro sanduíche de apresuntado.

– Você não precisava ter comido – disse eu.

Pop começou a responder, mas o que ele iria dizer se transformou em um acesso de tosse. Parei, me virei e o vi curvado com as mãos nos joelhos, tossindo tanto que achei que iria desmaiar.

Pensei em dar tapas nas suas costas, porém fiquei com medo que isso o matasse. Então simplesmente o vi vomitar e pensei que, se morresse ali, o coronel iria acabar comigo.

A tosse de Pop se transformou em um longo, sustentado barulho, que aumentou até ele cuspir uma gosma aguada preta na tundra. Ficou alguns

segundos parado, respirando pesadamente, depois vomitou novamente, produzindo uma segunda onda viscosa negra. Uma terceira vez produziu um pouco menos, e uma quarta foi quase seca.

Ele finalmente limpou a boca com a manga e se esticou novamente. O rosto estava pálido, mas os olhos eram penetrantes.

– Água – disse ele com uma voz rascante.

Corri de volta até o jipe, tropeçando e caindo uma vez, e voltei com um cantil. Pop o pegou sem dar uma palavra, bebeu e então fechou os olhos e respirou fundo.

– Melhor assim – constatou. Quase parecia ele mesmo de novo. Fechou o cantil e o devolveu sem abrir os olhos.

Peguei o cantil e me atrapalhei para pendurá-lo no cinto.

– O que foi aquilo? – perguntei. – O que aconteceu?

Fiquei surpreso com como minha voz soou abalada. Deus sabia que eu tinha visto coisas piores do que quando Pop vomitara.

Pop abriu os olhos. Parecia divertido.

– O que aconteceu? – perguntou. – Bem, isso é o que chamamos de tosse.

Desisti de prender o cantil no cinto e o fiquei segurando com a mão.

– Não, quero dizer, o que foi aquela coisa que saiu?

Eu ainda podia vê-la na tundra aos nossos pés. Parecia estar pulsando.

– Apenas sangue – respondeu Pop.

Balancei a cabeça.

– Não é não. Eu já vi sangue.

Eu tinha. Muito. Mas nenhum parecera tão preto.

Pop olhou para baixo.

– Você não viu sangue antigo – disse ele. – Se fosse vermelho, significaria que era fresco, e eu poderia ter um problema. Mas este não passa de notícia velha.

– Notícia velha? – perguntei.

– Tuberculose, garoto. Peguei durante a guerra *anterior* para acabar com todas as guerras. Mas não se preocupe. Você não pode pegar de mim.

Eu não estava preocupado com aquilo. Mas estava confuso.

– Se você esteve na Grande Guerra, e pegou TB, como o deixaram entrar para o Exército de novo?

Pop sorriu. Aqueles dentes falsos ruins estavam com manchas pretas.

– Porque eles não conseguem vencer sem mim – disse, apontando para frente. Vamos acabar com isso, soldado, seja lá o que for. Tenho de voltar e começar a estalar o chicote, ou não teremos jornal amanhã.

Então me virei e continuei a subir a encosta. Podia ver a elevação que eu havia marcado com pedras algumas dezenas de metros à frente. Esperava que Pop não tivesse outro acesso de tosse assim que passássemos por ela.

V

As sobrancelhas de Pop se ergueram quando ele viu a águia, mas fora isso não pareceu ter ficado perturbado.

– Bem, isto é algo diferente – comentou.

Eu anuí.

– Também foi o que pensei.

Pop deu uma risadinha.

– Tenho certeza de que sim, soldado.

Ele olhou para mim com seus olhos apertados, mas dessa vez estava mais intrigado que aborrecido.

– Quando perguntei o que era tudo isto, você disse que seria melhor me mostrar. Agora que me mostrou, então que inferno o tenente-coronel quer que eu faça? Escreva uma matéria para *The Adakian*?

– Acho que essa é a última coisa que ele quer. Diz que essa coisa pode abalar o moral.

Pop ergueu os olhos para o céu.

– Cristo, provavelmente foi moral baixo em forma de puro tédio o que produziu isto, para começar. Seres humanos são capazes de cometer todos os atos ensandecidos e sem sentido para se divertir. É exatamente o que temos aqui. A chefia disse que não podíamos atirar nos malditos corvos, então alguns garotos frustrados subiram até aqui e conseguiram cortar uma águia careca. E expressaram sua insatisfação pessoal com o serviço militar exibindo a carcaça como um deboche perverso do Grande Selo dos Estados Unidos.

– O quê? – perguntei.

Pop apontou para o pássaro.

– Não há ramo de oliveira ou flechas, mas fora isso é o que parece. O Grande Selo. Afora a evisceração, claro. Mas suponho que isso tenha sido apenas garotos sendo garotos.

– Acha que foi mais de uma pessoa? – perguntei.

Pop olhou para mim como se eu fosse maluco.

– Como eu saberia, cacete?

– Você disse “garotos”. Significa mais de um.
– Estava especulando, não tenho ideia se isto foi o projeto de um homem ou de vinte.

Fiquei jogando o cantil de uma mão para outra.

– Certo, bem, faça o que for necessário para descobrir quem foi.

Agora Pop olhou para mim como se eu fosse não apenas maluco, mas maluco e também idiota.

– Não há como saber quem fez isto. Ou mesmo por quê. Só é possível especular. O pássaro pode ter sido morto por tédio, por ódio ou mesmo por superstição. Não tenho ideia.

Nada daquilo parecia algo que eu pudesse relatar.

– Mas o coronel diz que você era detetive. Antes de escrever os livros.

Pop tirou os óculos e esfregou os olhos.

– Eu era um Pinkerton; não Sherlock Holmes. Um Pinkerton não consegue olhar para uma cena de crime e deduzir o nome de um culpado, sua ocupação e a cor de suas meias. Normalmente um Pinkerton simplesmente segue um elemento. Então, se tem sorte, o elemento se comporta mal e pode ser apanhado no ato.

Pop recolocou os óculos e estendeu as mãos vazias.

– Mas não há ninguém a seguir aqui, a não ser cada um dos 20 mil homens no campo. Você tem alguém em mente? Caso contrário, não há nada a fazer.

Baixei os olhos para a águia. Por maior e magnífica que pudesse ter sido em vida, não passava então de um pássaro morto. O que havia acontecido ali era estranho e feio, mas não era uma tragédia. Não era como se um ser humano tivesse sido empalado e estripado.

Contudo, à sua maneira, a águia me enervava quase tanto quanto as coisas que eu vira e fizera em Attu. Pelo menos tinha havido motivos para as coisas em Attu. Ali não havia razão alguma – a não ser que Pop estivesse certo e fosse apenas tédio. Se fosse o caso, eu não iria querer saber quais caras haviam ficado entediados o bastante para fazer aquilo. Porque, se soubesse, poderia ficar louco o bastante para machucá-los. E então haveria mais alguma coisa que eu teria de ver repetidamente durante o sono.

– Certo, Pop – disse, mantendo os olhos na águia. – Há uma lata de gasolina presa no jipe. E se disséssemos ao coronel que quando você e eu chegamos aqui encontramos a coisa queimada?

Pop pigarreou.

– Você estaria disposto a fazer isso, soldado? Mentir para o tenente-coronel?

Eu nunca antes desobedecera uma ordem. O coronel me obrigara a fazer algumas coisas idiotas e algumas coisas medonhas, mas aquela era a primeira vez que estava me obrigando a fazer algo sem sentido. Ademais, Pop era mais velho e inteligente que o coronel – até mesmo eu podia ver isso –, e se ele achava que a águia era perda de tempo, provavelmente era.

Além disso, éramos conscritos, e tínhamos de ficar juntos. Desde que não houvesse oficiais por perto para nos apanhar fazendo isso.

– Certamente – disse, erguendo os olhos para Pop novamente. – Já menti antes. Em casa, em Nebraska, eu menti até para um juiz.

Pop me deu um sorriso de lábios finos.

– O que você fez para comparecer diante de um juiz?

Eu fizera tantas coisas piores desde então que já não parecia grande coisa.

– Espanquei um garoto rico de Omaha por me chamar de húngaro idiota. Depois roubei o Hudson dele, levei para um pasto e persegui algumas vacas. Talvez tenha derrubado algumas cercas fazendo isso.

Pop deu um risinho.

– Isso não parece muito ruim. Alguns juízes poderiam até considerar justificado.

– Bem, também soquei o primeiro policial que tentou me prender. Mas acho que o que realmente deixou o juiz maluco foi quando disse que não era um húngaro idiota, mas um polaco estúpido.

– Por que isso deixaria o juiz com raiva? – perguntou Pop.

– Por que o juiz era polaco. Então ele me deu trinta dias, seguidos pelo alistamento imediato, do contrário seriam dois anos. Aquela parte tudo bem, já que eu iria me alistar mesmo. Mas os trinta dias foram ruins. Meu velho teve de fazer toda a colheita sem mim. Recebi uma carta da minha mãe semana passada, e diz que ele ainda planeja me dar uma surra quando eu voltar para casa.

Então percebi que o olhar de Pop mudara. Ele estava olhando a distância por sobre o meu ombro. Por isso me virei e vi a cabeça e os ombros de um homem acima do alto de outro monte a uns 50 m de distância. Vestia um casaco com gorro forrado de pele e seu rosto era da cor de cobre escuro. Parecia estar olhando para nós.

– Você o conhece? – perguntou Pop.

Estreitei os olhos.

– Acho que não – respondi. – Parece esquimó.

– Acredito que seja aleúte – disse Pop. – E os únicos nativos que vi no campo pertenciam aos Alaska Scouts, mais conhecidos como Castner's Cutthroats,

embora possa ser assim apenas por causa da aliteração. Não sei se eles realmente cortaram alguma garganta.

Eu ainda olhava para o homem a distância, que continuava a olhar de volta.

– Cortaram – afirmei.

– Então vamos cuidar de nossa própria... – começou Pop.

Ele não terminou por causa de um repentino som sibilante alto vindo de mais abaixo na montanha. Parecia vir de toda parte abaixo de nós, de uma só vez, e ficava mais alto a cada momento.

– Merda – exclamei. Acho que Pop também disse isso.

Ambos sabíamos o que era e podíamos dizer que seria violento. E não havia prédios ali para reduzir sua velocidade. Era um vendaval gigante varrendo a montanha e só tínhamos alguns segundos antes que o vento se juntasse ao som. O jipe estava a centenas de metros e não seria uma proteção mesmo que conseguíssemos chegar até ele. Nossa única opção era deitar na pequena depressão onde a águia morta estava pregada. Se tivéssemos sorte, a pele exposta de nossas mãos e faces poderia não descolar de nossa carne. E se tivéssemos ainda mais sorte, poderíamos respirar um pouco de ar algumas vezes antes que fosse levado pelo vento. Pensei que não era um bom momento para ter tuberculose.

Então, no instante em que estava prestes a gesticular para que Pop se jogasse no chão, vi o Cutthroat distante desaparecer. Sua cabeça e seus ombros pareceram mergulhar diretamente na terra atrás do monte. E em um dos meus raros momentos de agilidade mental, soube para onde ele tinha ido.

– Venha! – gritei para Pop, soltei o cantil e comecei a correr na direção do monte. Mas só havia avançado uns 20 m quando percebi que Pop não estava acompanhando, então corri de volta para agarrar seu braço e arrastá-lo.

Ele não ligava para aquilo e tentou se soltar de mim. Mas eu era mais forte, portanto ele só conseguia me xingar enquanto o puxava o mais rápido que podia.

Então, a ventania nos pegou, e ele não conseguiu sequer xingar. Nossos chapéus voaram para longe, como se fossem cápsulas de artilharia, e fiquei surdo e cego, com meus ouvidos tomados por um guincho e meus olhos cheios de terra e lágrimas. Minha face direita parecia estar sendo furada por mil pequenas agulhas.

Não conseguia ver para onde estávamos indo, mas continuei avançando, me inclinando contra o vento com todo o meu peso para ele não me tirar da direção. Pelo que sabia, estava saindo de curso de qualquer maneira. Não conseguia dizer se o terreno subia ou se já estávamos passando pelo alto da elevação. Mas se não

encontrasse o local onde o Cutthroat havia desaparecido, e bem rápido, teríamos de nos jogar no chão e correr o risco. Talvez conseguíssemos uma pausa e o vendaval não durasse o suficiente para nos matar.

Então, meu pé escorregou na tundra e eu caí de joelhos. Virei para tentar pegar Pop, para que ele não batesse com a cabeça no chão, e ambos deslizamos e caímos dentro de um buraco escuro na terra.

VI

O teto de grama da *ulax* estava basicamente intacto, mas tinha buracos. Então, depois que meus olhos tinham se acostumado, havia luz suficiente para que pudesse ver. Mas Pop pousara em cima de mim, e inicialmente eu só consegui ver seu bigode.

– Seu hálito não é tão bom, Pop. Importa-se de sair de cima de mim? – pedi.

Inicialmente achei que ele não tinha me escutado acima do guincho do vendaval. Mas então ele grunhiu, chiou e se afastou até estar sentado apoiado na parede de terra. Eu me sentei e deslizei para a parede ao lado dele.

Pop ergueu a mão e ajustou os óculos, que estavam tortos. Depois olhou para cima para o maior dos buracos no teto, que acho ter sido por onde entramos. Ficava uns 2,5 m acima do chão de terra.

– Obrigado por aparar minha queda – disse ele, erguendo a voz para ser ouvido acima do vento. – Espero não ter machucado você; embora você pudesse ter evitado isso me dizendo o que estava fazendo em vez de me arrastar.

Eu não respondi. Em vez disso, olhei ao redor do aposento basicamente subterrâneo. Tinha talvez 6 m de comprimento por 3 m de largura. No extremo oposto havia uma mistura de grama, madeira e ossos de baleia que pareciam com um pedaço de teto desabado. Mas o teto acima daquela área na verdade estava em melhores condições do que o resto. O restante era dividido igualmente entre terra velha e buracos esparsos. Algumas garrafas e latas vazias estavam espalhadas pelo piso e havia alguns cobertores sujos e enrolados em plataformas de terra que ficavam ao longo das duas paredes mais compridas.

Mas não havia nenhum Cutthroat. Eu o vira descer pelo mesmo buraco pelo qual Pop e eu havíamos caído. Tinha certeza de que era o que acontecera. Mas não o via ali.

– O que aconteceu ao esquimó? – perguntei.

Pop varreu o interior da *ulax* e franziu o cenho.

– Deve ter ido para outro lugar.
– Não há outro lugar – disse, quase gritando. Apontei para cima. – Escute aquilo. Este é o único abrigo aqui.

Pop balançou a cabeça.

– O homem que vimos era um nativo. Ele pode conhecer abrigos neste velho vulcão que não encontraríamos procurando por quarenta anos. Ou pode até ser tão acostumado a um vento assim que está olhando para ele e sorrindo.

Ergui os olhos para o grande buraco e vi o que parecia uma pedra de 20 kg passar voando.

– Eu o vi pular para cá. Foi como soube para onde ir. E acho que o teria visto saindo de novo. A não ser que ele possa desaparecer.

E então, o Cutthroat emergiu de detrás da mistura de grama e ossos de baleia na extremidade mais distante da *ulax*. Ele baixara o capuz, e os cabelos escuros brilhavam. Estava agachado, segurando uma faca de caça ao lado do corpo. Uma grande.

– Quem são vocês, cacete? – perguntou o Cutthroat. Sua voz era grave e rouca, mas ainda conseguia superar o uivo acima de nós. Aquele era um homem acostumado a falar acima do vento.

Pop deu uma única tossida. Então olhou para mim e disse:

– Bem, soldado, ele não parece ter desaparecido.

Quis socar Pop naquele instante, mas apenas porque estava assustado. Desejei que o Cutthroat realmente tivesse desaparecido. Não reconheci o rosto escuro de barba irregular, mas isso não significava nada. Não lembrava de muitos rostos vivos de Attu.

Todavia, eu me lembrava dos Cutthroats como grupo. Lembrava de como haviam aparecido e desaparecido na paisagem congelada como lobos do ártico.

E lembrava das suas facas.

– Fiz uma pergunta a vocês dois – ameaçou o Cutthroat, apontando para nós com a faca. – São policiais militares? E se não são, o que estão fazendo aqui?

Pop tossiu novamente. Dessa vez não foi uma tosse tuberculosa, mas uma espécie de pigarro educado. E eu me dei conta de que ele não entendia com que tipo de homem estávamos lidando. O que talvez fosse bom. Porque se tivesse visto os Cutthroats em ação, poderia ter ficado mudo como uma pedra, como eu. E um de nós precisava responder a pergunta antes que o Cutthroat ficasse maluco.

– Não somos policiais – respondeu Pop. – Portanto, se você fez alguma coisa que não devia, não precisa se preocupar conosco.

– Não fiz porra nenhuma – disse o Cutthroat. Embora o tom fosse grave, e embora estivesse xingando, sua voz claramente tinha um ritmo aleuta. Era quase musical. – Eu só vim aqui em cima porque um sujeito disse que havia uma águia morta. E achei que poderia pegar algumas penas. Sou um maldito nativo, como você disse.

Consegui desviar os olhos do Cutthroat tempo suficiente para espiar Pop. Ele tinha a mesma expressão no rosto de quando o vira pela primeira vez, quando estava dando uma surra no garoto forte sem camisa no pingue-pongue. Estava calmo e confiante. Havia até mesmo leves rugas de satisfação nos cantos dos olhos e boca, como se estivesse seguro e confortável em seu próprio espinheiro, e qualquer um que fosse atrás dele acabaria se machucando.

Era a mais maldita expressão para se ter quando sentado em um buraco do lado de um vulcão encarando um homem com uma faca enquanto um vento de 160 km/h zumbia acima de sua cabeça.

– Entendo perfeitamente – afirmou Pop. – Também viemos encontrar a águia, embora não tenhamos um motivo tão bom. Só estamos aqui por causa de um tenente-coronel idiota que não consegue pensar em outra forma de nos fazer dançar como marionetes. É uma missão idiota e sem sentido de um oficial idiota e sem sentido.

O Cutthroat piscou e então se ergueu da posição agachada. Baixou a faca.

– Malditos oficiais – resmungou ele.

– Você é quem diz – falou Pop.

O Cutthroat enfiou a faca em uma bainha no quadril.

– O coronel Castner não é tão ruim. Ele nos deixa fazer o que sabemos fazer. Mas o restante deles. Que foda, Jesus. Eles não nos escutaram em Attu, e continuam não nos escutando.

Eu sabia do que ele estava falando. Os Cutthroats haviam estudado Attu antes de nossa invasão, então haviam contado aos grandões quantos japas havia e o que esperar deles. Mas também haviam alertado que a geleira permanente de Attu tornaria os veículos sobre rodas praticamente inúteis, e que precisaríamos de boas botas e roupas para o clima frio. E comida extra. Porém fomos em jipes e caminhões, e vestindo equipamento padrão. A comida não passava de rações enlatadas e não muita. Havia sido uma bagunça completa e teria acabado em desastre se os Cutthroats não tivessem levado eles mesmos peixe seco e suprimentos extras para pelotão após pelotão.

Para não mencionar os atiradores de elite e operadores de metralhadora japas mortos que nós, soldados regulares, encontramos à medida que avançamos.

Aqueles cujas cabeças haviam sido quase arrancadas.

– Eu fui um dos autores de um folheto sobre a Batalha das Aleutas – informou Pop. – Mas claro que tinha de ser aprovado pelos figurões, então tivemos de deixar de fora o que sabíamos sobre seus erros. E também não pudemos mencionar os Alaska Scouts. Os generais aparentemente acharam que uma menção a uma unidade específica poderia ser considerada uma sugestão de que as outras unidades não haviam sido igualmente vitais.

O Cutthroat fez um ruído de cuspir.

– Algumas delas não foram – comentou, sentando-se com as costas para o entulho de terra e óleo de baleia. – Não importa. Eu estive lá, e matei alguns japas. Não importa muito o que é dito sobre isso agora.

O barulho do vendaval havia diminuído um pouco, e quando Pop falou novamente sua voz estava assustadoramente alta.

– Caso não se importe que eu pergunte, por que está em Adak? Ouvi dizer que os Scouts tinham voltado para Fort Richardson.

O Cutthroat contraiu o lábio superior e apontou com o dedo para a coxa direita.

– Fui ferido em Attu, e a maldita coisa está infeccionando há mais de um ano; está melhor agora, mas estava com pus quando os outros caras tiveram de ir. O capitão disse para eu ficar aqui até curar. Mas agora tenho de esperar por um transporte autorizado. E enquanto espero, me dizem que sou ajudante no hospital. Não foi para isso que me alistei. Então tentei me esconder em um barco que ia para Dutch Harbor há duas semanas, e os malditos policiais militares me botaram para fora.

– Imagino que isso signifique que agora está ausente do hospital sem autorização – concluiu Pop. – O que explica por que pensou que o soldado e eu podíamos ser da polícia.

O Cutthroat balançou a cabeça.

– Não. O oficial comandante do hospital está cagando para o que faço. Ele me deixou colocar uma cama de armar na cabana de suprimentos e basicamente me ignora. Eu sou o que vocês chamam de pessoal irrelevante – disse, apontando com um polegar por sobre o ombro. – Só achei que vocês podiam ser policiais por causa do sujeito morto ali atrás. Acho que é o mesmo cara que me falou sobre a águia, mas talvez não. Todos vocês são iguais.

Demorei alguns segundos para entender o que o Cutthroat tinha dito. Quando entendi, olhei para Pop. As sobrancelhas dele tinham se erguido levemente.

– Você se importaria se eu desse uma olhada? – perguntou Pop.

O Cutthroat deu de ombros.

– Por que me importaria? Ele não é *meu* sujeito morto.

Pop se levantou rígido, e eu também. Com o vendaval acima tendo se tornado um guincho um pouco mais baixo, caminhamos agachados até onde o Cutthroat estava sentado. Então pude ver que a *ulax* tinha uma segunda câmara menor, cuja entrada havia sido parcialmente escondida pela queda de grama e ossos.

Contornamos a pilha de entulho, passando pela entrada estreita ao lado da parede, e entramos na segunda câmara. Tinha cerca de 3 x 2,5 m, e o teto também era salpicado de furos que deixavam a luz entrar. Mas esses furos eram menores, e mudavam o tom do barulho de vento. O guincho se tornou um assovio agudo e penetrante.

Um homem corpulento estava caído de costas no chão, os olhos abertos voltados para os buracos pelos quais o vento passava gritando. Seus cabelos pareciam escuros e molhados, e o rosto era tão branco quanto um bloco de sal a não ser por um grande hematoma sob o olho esquerdo. A boca estava flácida. Vestia uma japonsa escura da Marinha, calças escuras e botas preto-lama. Suas mãos nuas e vazias estavam cerradas ao lado do corpo.

Pop e eu olhamos para ele por um bom tempo, sem falar.

Inicialmente não reconheci o homem, porque ele parecia muito diferente de como havia sido no dia anterior. Mas então me concentrei no hematoma sob o olho e soube quem era. Senti um nó nas tripas.

Bem atrás de mim, o Cutthroat disse:

– A parte de trás da cabeça está esmagada.

Assustado, me girei, erguendo os punhos.

A faca do Cutthroat disparou para fora da bainha e parou a 5 cm do meu nariz.

Então, a mão de Pop apareceu entre a lâmina e meu rosto.

– Calma, meninos. Eu sou o editor do campo. Vocês não querem os nomes de vocês no jornal.

Baixei os punhos.

– Desculpe – disse. Estava respirando acelerado, mas tentando parecer que não. – Foi apenas reflexo.

O Cutthroat também baixou a faca, porém mais lentamente.

– Agora eu o estou reconhecendo – disse, olhando atentamente para mim. – Você lutou boxe ontem. E estive em Attu. Certo, o meu também foi apenas reflexo.

Eu ainda não o conhecia, mas isso não significava nada. Os Cutthroats não tinham passado muito tempo no mesmo lugar quando eu os vira. E alguns deles

usaram seus capuzes forrados de pele o tempo todo.

Pop tirou a mão e então os três baixamos os olhos para o corpo. Abri a boca para falar, porém de repente fiquei sem voz. Nem Pop nem o Cutthroat pareceram perceber.

– Ele é da Marinha – afirmou Pop. – Ou Marinha Mercante. Homem jovem, como vocês.

A voz de Pop, embora alta o bastante para ser escutada acima do vento, tinha um leve tremor.

– Não se preocupe com isso, velho – consolou o Cutthroat. – Agora é só outro cara morto. Vi muitos deles.

Pop se ajoelhou ao lado do corpo.

– Não nesta ilha – disse. – Com exceção de baixas esporádicas produzidas por algumas bombas, Adak tem sido relativamente livre de mortes.

Ele tocou com cuidado o rosto do morto e o virou para o lado o suficiente para revelar a parte de trás da cabeça. O crânio havia sido esmagado por uma pedra grande que ainda estava embaixo dele. A coisa escura na pedra parecia com o que Pop havia tossido mais cedo.

Nauseado, me virei e olhei para o Cutthroat. Tentei ler o rosto dele, do modo que tentaria ler o rosto de um adversário em uma luta de boxe. Tinham me dito que você podia dizer o que outro lutador estava prestes a fazer, e às vezes até o que ele só estava pensando em fazer, pela expressão no rosto.

O Cutthroat olhou feio para mim.

– Não olhe para mim, garoto. Eu teria feito um serviço melhor que isso.

Pop abriu o casaco do morto, revelando uma camisa de trabalho azul da Marinha. Eu podia ver suas mãos tremendo lentamente.

– Acredito em você – afirmou ele. – O que aconteceu aqui foi descuido. Pode até ter sido um acidente.

Ele abriu o casaco o suficiente para expor o ombro direito.

– Sem insígnias. Era apenas um marinheiro – informou, a seguir abrindo o colarinho. – Também sem plaquinhas de identificação.

Depois enfiou a mão nos grandes bolsos fundos do casaco, primeiro o esquerdo, depois o direito. Ela saiu do bolso direito agarrando algo.

Pop a colocou sob um fecho de luz cinzenta que passava por um dos buracos do teto.

Era uma enorme pena marrom-escura, com talvez 35 cm de comprimento. Estava dobrada no meio.

– Aquele pássaro está se revelando um problema – constatou Pop.

VII

Deixamos o corpo onde estava e voltamos à câmara maior. O vento ainda estava furioso acima, de modo que continuaríamos presos ali. Pop e eu nos sentamos apoiados na parede mais distante e o Cutthroat se acomodou na prateleira de terra junto à parede comprida à nossa direita.

Pop não parecia bem. Estava pálido e tossia de vez em quando. Achei que tentava fingir que o morto não o incomodara. Ele provavelmente já tinha visto morte antes, mas não como o Cutthroat e eu.

No entanto, aquilo era diferente. Em batalha a morte é esperada. No campo, quando as batalhas foram para longe, é outra coisa. Eu mesmo estava um pouco abalado.

O Cutthroat não parecia nada abalado. E sua cabeça já estava em outras coisas.

– Esse maldito vendaval pode levar a águia embora – disse. – E se levar eu não consigo minhas penas. Deveria ter vindo pelo outro lado, como vocês. Eu os vi lá com ela, mas então senti o vento vindo. Não achei que vocês dois conseguiriam chegar aqui.

– Nem nós – rebateu Pop. – Mas se você quer uma pena de águia, pode ficar com a que tirei daquele jovem – falou, enfiando a mão no bolso.

O Cutthroat fez um gesto de dispensar.

– Esta está dobrada no meio. Não serve para mim. O poder também está dobrado agora.

– Que tipo de poder você consegue de penas? – perguntei. E lamentei imediatamente.

O Cutthroat me olhou de uma forma tão soturna que não podia ser elevada à categoria de desprezo.

– Não é da sua maldita conta. Na verdade, estava pensando no que você e seu maldito tenente-coronel queriam com a águia, para começar.

Pop tossiu.

– O soldado e eu não queremos absolutamente nada com ela. Mas o tenente-coronel parece curioso sobre quem a matou, estripou e prendeu daquele jeito. Ele equivocadamente supôs que eu poderia ajudá-lo a obter essa informação.

O Cutthroat se sentou.

– Alguém a matou de propósito?

– É o que parece – respondeu Pop. – Você não conseguiu ver daqui?

O Cutthroat franziu o cenho.

– Só vi vocês dois, e as asas da águia, e então o vento me atingiu antes que

pudesse chegar mais perto. Você disse que alguém a estripou.

– Sim – confirmou Pop, com uma cor melhor. – E a prendeu na terra com pregos. Isso significa alguma coisa para você?

O Cutthroat fez uma cara feia.

– É, significa que alguém é um filho da puta escroto. Nunca ouvi falar em nada assim – disse, coçando a barba rala. – A não ser que um xamã de uma tribo do continente estivesse aqui tentando fazer algum tipo de magia.

Pop se inclinou na direção do Cutthroat. Seus olhos brilhavam.

– Por que matar uma águia seria magia?

A mão do Cutthroat pousou no cabo da faca. Aquilo me deixou nervoso.

– As pessoas ao longo do Yukon contam uma história sobre águias – explicou o Cutthroat. – É o tipo de história que vocês, brancos, gostam de ouvir os selvagens como nós contar. Eu mesmo a contei a alguns oficiais certa noite em Attu. Desviou a cabeça do fato de que eles estavam tendo muitas mortes de garotos. Recebi a promessa de seis cervejas por ela. E eles pagaram – disse, olhando para Pop

Pop sorriu.

– Não tenho nenhuma cerveja aqui. Serve uma promissória?

O Cutthroat reagiu ao sorriso de Pop com um esgar sem humor.

– Não se surpreenda quando eu cobrar – disse, e se inclinou para a frente. – Certo. Há muito tempo, duas águias gigantes fizeram um ninho no cume de um vulcão. Estou falando de águias com nove, dez vezes o tamanho das que temos hoje. Elas pegavam baleias adultas e as levavam para alimentar os filhotes. E algumas vezes, quando não conseguiam achar baleias, se lançavam sobre uma aldeia e levavam alguns seres humanos. Isso durou muitos anos, com as águias gigantes tendo filhotes todo ano. Esses filhotes partiam para fazer ninhos em outros vulcões e atacar outras aldeias.

Pop pegou um Zippo e um maço de Camel do bolso do casaco.

– Assim, elas estavam se espalhando como os alemães e os japoneses.

O Cutthroat assentiu.

– É, acho que sim. De qualquer forma, certo dia uma das águias originais, a águia pai, estava caçando e não conseguiu encontrar renas, baleias, nada. Então, essa águia macho disse: “foda-se, os bebês estão com fome.” E desceu e pegou uma mulher que estava fora de casa. Levou-a de volta ao vulcão, arrancou seus membros, estripou-a e alimentou as pequenas águias gigantes.

O tom do vento diminuiu e o Cutthroat parou e escutou. Pop acendeu um cigarro e ofereceu o maço ao Cutthroat e a mim. O Cutthroat aceitou, mas eu

recusei. Havia prometido à minha mãe que não iria fumar.

O vento guinchou forte novamente enquanto Pop acendia o cigarro do Cutthroat, que depois continuou.

– Mas aquela pobre mulher era esposa do maior caçador da aldeia – disse ele, soprando fumaça. – E quando o caçador retornou e ouviu o que tinha acontecido, ficou furioso. Pegou seu arco e suas flechas e, embora todos dissessem que estava sendo tolo, escalou o vulcão.

– A maioria dos homens realmente corajosos é tola – comentou Pop, gesticulando para mim com o cigarro. Não sabia por quê.

– Não sei – disse o Cutthroat. – Nós, Scouts, tentamos ser furtivos em vez de corajosos. Funciona melhor. De qualquer forma, quando o caçador chegou ao ninho das águias, encontrou seis filhotes, cada um do tamanho de uma águia adulta de hoje. Estavam cercados por caiaques quebrados, costelas de baleia e ossos humanos. O caçador sabia que alguns daqueles ossos pertenciam à sua esposa, e que aqueles filhotes a haviam comido. Então disparou uma flecha através dos olhos de cada um e eles caíram mortos. Nesse momento ouviu um grito alto no céu, e era a mãe águia voltando. Ele a acertou sob a asa, quando estava prestes a agarrá-lo, e depois perfurou-lhe os olhos. Ela caiu da montanha e foi o seu fim. Então houve outro grito e era o pai águia...

– E claro que o caçador também matou o pai águia – disse Pop.

O Cutthroat olhou feio.

– Quem está contando a maldita lenda, velho? Não, o caçador não matou o maldito pai águia. A águia se lançou sobre ele repetidamente, e cada vez o caçador cravou uma flecha em uma diferente parte do corpo. Mas nunca acertou o pai águia no olho. Então, finalmente, toda crivada de flechas e com sua família morta, a águia gigante voou para longe pelo céu do norte e nem ele nem nenhum dos seus foi visto novamente. Mas dizem que as águias de hoje são as descendentes daquelas que voaram para longe no passado – contou o Cutthroat, dando um arroteio alto. – Pelo menos é o que diz a história.

Pop recostou novamente, olhando para os buracos no teto e soprando fumaça na direção deles.

– Não é ruim – disse. – Mas não tem muito suspense. Não estou certo se vale seis cervejas.

– Estou me lixando para o que você acha que vale – disse o Cutthroat, batendo a cinza do cigarro. – De qualquer maneira, não é minha história. Minha mãe a escutou há muito tempo de uns inuítes no continente, e me contou quando eu era garoto. Mas somos *unangan*. Não esquimós.

– Então você acha que um esquimó pode ter matado esta águia também? – perguntou Pop. – Pregada na terra? Estripada?

O Cutthroat franziu o cenho.

– Como disse, nunca ouvi falar de nada assim. Mas nunca ouvi falar de muita coisa. Alguns desses xamãs talvez ainda tenham ressentimento de águias. As pessoas podem ficar furiosas com uma coisa assim por quinhentos, seiscentos anos. Ou talvez alguém tenha achado que se matasse uma águia poderia tomar seu poder. E assim poderia ser um caçador melhor, ou pescador, ou guerreiro. Já ouvi isso. E vocês, brancos, também gostam dessas coisas. E isso eu conto de graça.

Pop estava olhando fixamente para o Cutthroat.

– Mas está dizendo que não foi você quem matou a águia. Ou qualquer outro *unangan*.

O Cutthroat balançou a cabeça.

– Duvido. Algumas vezes as águias nos mostram onde os peixes estão. E às vezes damos alguns a elas em troca. Nós convivemos bem.

Pop anuiu, se apoiou na parede de terra e fechou os olhos. Deu um longo trago no cigarro.

– Eu circulei pela base toda, tanto Exército quanto Marinha, muitas vezes. Mas vi muito poucos aleútes ou esquimós. Então, simplesmente pela probabilidade, duvido que um nativo seja nosso assassino de águia.

Por mais que odiasse dizer algo na frente do Cutthroat, não consegui mais manter minha boca fechada. Pop estava me deixando furioso.

– Há um homem morto ali! – gritei, apontando para a área do teto desabado. – Quem se importa com a águia agora?

Pop abriu os olhos e me fitou por entre uma nuvem de fumaça.

– Na verdade não me importo muito – disse ele. – Mas, por causa daquele homem morto, a águia se tornou ligeiramente mais interessante.

– Por quê? – perguntei, ainda furioso. – Só porque ele tinha uma pena no bolso? Isso não significa nada. Pode tê-la encontrado.

Pop ergueu as sobrancelhas.

– Não penso assim. Ele e a águia estão mortos há menos de um dia. Então, a coincidência de tempo, mais a pena em seu bolso, sugere uma ligação. Ou ele matou a águia e depois sofreu um lamentável acidente...

Ele fixou o olhar no Cutthroat novamente.

– ... ou quem matou a águia, ou ajudou a matá-la, pode tê-lo matado também.

O Cutthroat esmagou a guimba do cigarro.

– Já disse a vocês. Não fui eu.
– E ainda acredito em você – afirmou Pop. – Só estava pensando se teria alguma ideia de quem poderia ter sido.
– Não – disse o Cutthroat. Sem hesitar.
Pop recostou novamente na parede e olhou para os buracos no teto.
– Também não tenho qualquer ideia – disse Pop. – Mas acho que você estava certo sobre uma coisa.
– Ahn? – reagiu o Cutthroat. – Sobre o quê?
– Quem fez isso é um filho da puta escroto.
O vento pareceu gritar mais alto em resposta.

VIII

O vendaval finalmente diminuiu logo depois do meio-dia, deixando apenas rajadas repentinas. Os três nos espreguiçamos, com articulações e músculos rígidos, e nos levantamos na sala principal da *ulax*.

Pop e o Cutthroat haviam cochilado após terminar os cigarros, mas eu permanecera inteiramente acordado. Sabia quem era o homem morto, mas ainda não dissera a Pop por medo de que o Cutthroat me escutasse.

Isso porque, embora não reconhecesse aquele Cutthroat específico, eu também sabia quem ele era. Em Attu, os Alaska Scouts haviam salvado minha vida e as vidas de dezenas de companheiros meus, mas não fizeram isso por serem almas simpáticas e gentis. Fizeram isso como forma de se mostrar cruéis e impiedosos com nossos inimigos.

E eu sabia que um homem não podia se esquecer disso uma vez que não fosse mais necessário. Sabia isso como fato consumado.

Levantei Pop pelo buraco no teto por onde havíamos caído, e então o segui pulando da prateleira de terra elevada na lateral do espaço, agarrando um apoio de teto de osso de baleia e me erguendo. Juntei-me a Pop na elevação ao lado da *ulax*, piscando ao vento, e então olhei para trás e vi o Cutthroat já de pé atrás de mim. Era como se tivesse levitado.

– Então, essa coisa aqui não é problema nosso – disse o Cutthroat, falando acima do vento. – Todos concordamos com isso.

Pop anuiu.

– É o corpo de um homem da Marinha. Então o soldado e eu diremos aos rapazes do posto de controle da Marinha para vir ver. E se perguntarem nossos

nomes ou souberem quem sou, conseguirei lidar com eles. São garotos de 20 anos, de serviço em um posto de controle na base de um vulcão extinto. Então não são as mentes mais brilhantes em nosso esforço de guerra.

Eu não gostava do que Pop estava dizendo. Mas por ora fiquei de boca calada. O Cutthroat assentiu.

– Tudo certo, então.

Ele se virou e começou a descer a encosta.

– Temos um jipe – anunciou Pop.

O Cutthroat sequer olhou para trás. Então, Pop olhou para mim e deu de ombros, e começamos a retornar por onde tínhamos vindo. Alguns segundos depois, quando olhei novamente para baixo da encosta, o Cutthroat havia desaparecido.

Quando chegamos ao ponto onde a águia morta tinha sido pregada, pensei por um momento que tínhamos ido na direção errada. Mas então vi as pedras que usara para marcar o lugar e soube que estávamos onde achei que estivéssemos. A águia simplesmente desaparecera. Assim como os pregos. Assim como meu cantil.

– Estava certo – concluiu Pop. – O vento a levou.

Se me esforçasse, conseguiria identificar alguns pontos escuros no solo nu onde o pássaro havia sido pregado, e quando olhei para o alto da encosta achei que podia ver algumas penas espalhadas a distância. Mas a águia propriamente dita estava em algum lugar distante. Talvez no oceano. Talvez até mesmo em Attu.

– É uma coisa boa – disse Pop, continuando na direção do jipe. – Agora, quando contar ao tenente que a águia desapareceu, pode fazer isso de consciência limpa. Ou razoavelmente limpa. Ela certamente desapareceu agora. Esse fato deve me devolver ao meu jornal até que ele pense em algum outro modo de me atormentar.

Pop olhou para mim e sorriu com aqueles dentes falsos horríveis, como se eu devesse estar feliz pelo modo como as coisas estavam indo. Mas eu não estava contente com muita coisa.

– E quanto ao homem no abrigo? – perguntei.

Pop franziu o cenho.

– Vamos comunicar à Marinha.

– Sei disso – retruquei. – Mas o que devo dizer ao coronel?

Pop parou de falar e colocou a mão em meu ombro.

– Preste atenção, filho – respondeu ele, com olhos firmes e sérios. – Não estou

brincando sobre isso. Está prestando atenção?

Eu anuí rapidamente.

– Certo – disse Pop, respirando fundo pela boca e soltando o ar pelo nariz. – Quando você se encontrar com o tenente-coronel, não mencione o homem morto. Você me trouxe aqui para me mostrar a águia, como ordenado, e ela havia desaparecido. Isso é tudo. Entende?

Eu entendia. Mas não gostava daquilo.

– Isso não é certo – argumentei.

Os olhos de Pop ficaram mais que sérios. Ficaram soturnos.

– Sim, nós descobrimos um homem morto. E a águia estripada perto, mais a pena no bolso do morto, levantam algumas questões. No entanto são questões que não podemos responder. A explicação mais simples? A morte do marinheiro foi um acidente. Ele veio até aqui em cima, sozinho ou com camaradas, ficou bêbado e bateu com a cabeça quando desmaiou. Mas mesmo que tenha sido homicídio culposo ou doloso, ele era da Marinha, e o culpado provavelmente também é da Marinha. Portanto, vamos contar à Marinha. Depois disso, está fora de nossas mãos. Além disso, soldado, o que você imagina que o tenente-coronel faria se você contasse a ele sobre isso?

Eu não respondi. Fiquei apenas olhando para os olhos soturnos de Pop.

– Vou dizer o que ele faria. Ele nos interrogaria repetidamente. Ele nos obrigaria a subir mais uma vez até aqui com policiais. Ele ordenaria que preenchêssemos relatórios em três vias. Ele me obrigaria a publicar uma matéria especulativa e sensacionalista em *The Adakian*, embora seja um problema da Marinha e não afete nossos rapazes de modo algum. E então ele nos interrogaria novamente e nos obrigaria a fazer mais relatórios. E tudo isso para quê? O que seria a conclusão?

Eu sabia a resposta.

– A conclusão seria que o homem continuaria morto – respondi. – E continuaria a ser um problema da Marinha.

Ele apontou um dedo para mim.

– Correto. E contar ao tenente-coronel não teria feito diferença alguma.

Olhei de volta para a *ulax*.

– Ainda assim não é certo – disse.

A frieza nos olhos de Pop suavizou.

– Não há nada certo na morte de um jovem. Especialmente quando foi por nada. Mas muitos jovens morreram nesta guerra, e alguns deles também morreram por nada. Então, a única coisa a fazer é simplesmente o que você sabe

que *tem* de ser feito, nada mais. Porque tentar fazer mais seria adicionar falta de sentido à falta de sentido – comentou, enfiando as mãos nos bolsos do casaco. – E neste caso o que temos de fazer é dizer à Marinha. Ponto final.

Assim, voltou a andar na direção do jipe. Mas não o seguiu.

– Isso não vai ser o fim – disse a ele.

Ele se virou e olhou feio para mim. Seus cabelos brancos se agitavam ao vento.

– Por que não? – gritou.

Apontei com o polegar para trás.

– Porque eu causei aquele hematoma no rosto dele.

Pop ficou ali olhando para mim por um longo tempo, seu corpo magro como uma vara balançando. Achei que ele não tinha entendido.

– Aquele é o cara que eu surrei no ringue ontem – expliquei.

Pop simplesmente ficou olhando para mim por mais alguns segundos. Então tirou a mão direita do bolso e a ergueu como se para ajustar os óculos. Mas parou quando viu que estava segurando a pena de águia dobrada que encontrara com o homem morto.

Vi seus lábios finos se movendo sob o bigode. Se ele estava falando em voz alta, era baixo demais para que o escutasse acima do vento. Mas vi as palavras.

– Nada além de um problema – repetiu.

IX

Dessa vez fiquei no jipe enquanto Pop falava com os garotos da Marinha no posto de controle. Achei que iriam implicar com ele, já que estiveram inclinados a fazer o mesmo comigo naquela manhã. No entanto Pop dera um riso fraco quando mencionei isso. Garantiu que não seria um problema.

Demorou uns vinte minutos ou mais. Mas Pop finalmente voltou para o jipe. Eu podia ver pela porta aberta do barracão um dos homens da Marinha pegando o fone e começando a falar com alguém.

– Vamos embora – disse Pop.

Eu ainda não achava certo. Eu conhecera o morto, mesmo que por apenas alguns minutos em um ringue de boxe. E embora tivesse visto o que acontecera com a parte de trás da cabeça dele, e soubesse que havia acontecido exatamente ali onde o encontramos, não conseguia afastar a ideia de que a surra que dera nele de alguma forma levava à sua morte.

Pop cutucou meu ombro:

– Eu disse vamos embora. Talvez tenhamos de responder algumas perguntas para quem for investigar, mas as chances disso são pequenas. Aqueles garotos me disseram que a *ulax* que encontramos é bastante conhecida de seus camaradas como cabana de lazer não oficial. Eles sequer ouviram falar em pessoal do Exército usando. Então realmente é um problema da Marinha.

Não respondi. Em vez disso, liguei o jipe, que chacoalhou e roncou enquanto nos levava de volta ao campo. Não tentei conversar com Pop no caminho. Sequer olhei para ele.

Ele também não me disse nada até ter parado o jipe na Main Street perto da base da calçada que levava colina acima até a barraca do *Adakian*. Eu não pretendia desligar o motor, mas ele morreu sozinho.

– Pode voltar ao trabalho – disse, olhando para as longas filas de cabanas Quonset na Main Street, intercaladas com eventuais prédios mal feitos de estrutura de madeira... Todos os homens se arrastando de um lado para o outro pela lama de julho... Os cabos dos postes telefônicos zumbindo e balançando... E os corvos pretos cruzando o céu cinzento acima de tudo. Eu continuava sem olhar para Pop. – Vou contar ao coronel que a águia foi um fracasso, como você disse.

Pop tossiu algumas vezes.

– E quanto ao homem morto? – perguntou. – Vai mencioná-lo ou seguir meu conselho e deixar isso a cargo da Marinha?

Finalmente olhei para ele. O que vi foi um homem velho macilento de aparência cansada. Ele podia ter 50, mas para mim parecia pelo menos 80 anos. E eu queria desgostar mais dele do que desgostava. Queria odiá-lo.

– Vou contar a ele que encontrei o corpo. Mas vou deixar você fora disso. Também vou deixar o Cutthroat fora disso, já que foi o que dissemos que iríamos fazer. Vou relatar apenas que identifiquei o abrigo e entrei para dar uma olhada, mas que você estava enjoado e voltou para o jipe. Vou contar a ele que encontrei o cara morto e contei a você, mas que você nunca o viu. E que descemos e contamos à Marinha.

As sobrancelhas de Pop se juntaram.

– Não é bom o bastante. Com uma história dessas ele vai querer brincar de detetive. Vai tentar me envolver de qualquer maneira.

Dei de ombros.

– É o máximo que posso fazer. Encontrei um homem morto enquanto fazia uma tarefa para o coronel, e tenho de dizer a ele. Especialmente porque ele

arranjou para que eu lutasse com esse mesmo sujeito. Então, mesmo que a Marinha cuide disso, ele vai ouvir falar. E assim que souber onde o encontraram, e quando, irá me perguntar sobre isso. Então tenho de contar. Será pior depois se não fizer.

Pop mordeu o lábio e eu vi seus dentes falsos se movendo quando fez isso. Ele os colocou de volta no lugar com o polegar. Então, olhou para a Main Street da mesma forma que eu fizera.

– Desde esta manhã eu estou confuso – disse em voz baixa. – Para começar, como um tenente-coronel está usando um soldado como ajudante? Oficiais acima do posto de capitão normalmente não interagem com conscritos abaixo de sargento. A não ser que o conscrito de posto inferior tenha outras utilidades, como eu.

– Então acho que também tenho outras utilidades – eu disse. – Ademais, não sou ajudante dele. Ele tem um tenente para isso. Mas quando voltamos de Attu ele disse que iria me transferir para um pelotão de manutenção para que estivesse disponível para outras coisas. Então faço serviços para ele. Engraxo suas botas. Levo mensagens. Luto boxe. E quando ele não precisa de mim, volto para meu pelotão e tento não prestar atenção nas merdas que os outros caras falam de mim.

Pop tossiu novamente. Ele não parecia nada bem, mas acho que estava acostumado a isso.

– Você na verdade não respondeu minha pergunta – observou ele. – Você explicou o que faz para ele. Mas não explicou como foi escolhido para isso. De todos os homens alistados disponíveis, o que fez com que ele prestasse atenção especificamente em você?

Ele estava me provocando de novo. Pensei em desalojar seus dentes falsos em caráter permanente.

Em vez disso, contei a ele. O máximo que podia suportar.

– Foi em Attu – disse, com minha voz tremendo em meu crânio. – Pouco depois dos japas terem feito seu ataque banzai. Àquela altura, alguns daqueles desgraçados não tinham nada além de baionetas amarradas em varas. Mas não paravam de avançar. Meu esquadrão foi empurrado para trás, até as linhas de apoio, antes de apanhar os últimos que conseguimos ver. Até capturamos um. Tinha uma espada, mas um de nós o acertou na mão, e então ele não tinha mais nada. Daí o nocauteamos, sentamos em cima dele e eu amarrei seus pulsos às costas com os cadarços da bota. Nosso sargento tinha morrido e éramos só eu e dois outros caras. Assim que tínhamos amarrado o japa, os caras me deixaram

com ele enquanto iam procurar o resto do nosso pelotão. Foi quando o coronel apareceu. Também tinha perdido sua unidade e queria que o ajudasse a encontrá-la. Mas eu tinha um prisioneiro. E então o coronel me deu uma ordem.

Pop pareceu confuso.

– E?

– E eu obedeci a ordem.

Os olhos de Pop se desviaram por um segundo, depois voltaram. Achei que ele iria pedir que fosse em frente e dissesse. Mas ele esfregou o maxilar, ergueu os olhos para o céu e suspirou.

– Certo – concordou ele. – Vou com você falar com o tenente-coronel. Não terá de dizer a ele que não vi o cadáver. Mas ainda temos de deixar nosso amigo do Alaska Scouts fora disso. E terei de ir a *The Adakian* primeiro, para garantir que os rapazes começaram a trabalhar na edição de amanhã. Não há ninguém ali acima de cabo e eles se recusam a receber orientação de qualquer dos outros a não ser que eu mande. Eu também sou cabo, claro, mas nosso amado general de brigada me deu autoridade divina em meu cantinho da guerra. Ele é um admirador. Assim como aqueles garotos da Marinha no monte Moffett, na verdade. Embora eu tenha tido a impressão de que um deles na verdade gosta do filme do Bogart, enquanto o outro acha que eu poderia apresentá-lo a Myrna Loy. No entanto ambos ficaram impressionados por eu realmente ter conhecido Olívia de Havilland quando estive aqui.

Pop gostava de falar sobre si mesmo um pouco mais do que me agradava. Mas se ele iria fazer a coisa certa, não me importava.

Saltei do jipe.

– Vou com você ao jornal. Para o caso de você se esquecer de voltar.

Pop também saiu.

– A esta altura, soldado, garanto que você se tornou inesquecível.

Após um desvio até a latrina mais próxima, subimos à cabana do jornal. Pop entrou na frente, mas parou de repente logo depois da porta. Quase bati nele.

– Mas que inferno? – disse.

Olhei além de Pop e vi nove homens em posição de sentido, incluindo os três que eu vira lá naquela manhã. Estavam como estátuas, olhando para a parede da frente. Seus olhos sequer desviaram na direção de Pop.

Alguém pigarreou à nossa esquerda. Reconheci o som.

Olhei para a mesa onde Pop cochilara naquela manhã e vi o coronel se levantar de uma cadeira. Seu ajudante estava de pé em posição de descanso pouco atrás dele, olhando feio para a equipe do *Adakian*. Tive a impressão de que eles

estavam em posição de sentido como punição por algo.

O coronel ajustou seu bibico, bateu com uma unha em sua folha de carvalho de prata, depois levantou o cinto sobre sua pequena pança e esticou as costas. Não era um homem grande, mas a espreguiçada o fez parecer mais alto do que era. Seus olhos escuros penetrantes pareciam cintilar enquanto anuía satisfeito e coçava o maxilar rosado e carnudo.

– Estava na hora, cacete – disse em seu sotaque rascante do Texas. Depois olhou para o ajudante. – Todos, exceto estes dois. Isso inclui você.

O ajudante estalou os dedos e apontou para a porta.

Pop e eu nos colocamos de lado enquanto a equipe de Pop saía. Todos olharam intrigados para ele e alguns tentaram falar. Mas o ajudante do coronel rosnou quando fizeram isso e eles saíram.

O ajudante foi na retaguarda e fechou a porta atrás dele, deixando apenas o coronel, Pop e eu na cabana. À direita de Pop, na prancheta, vi o cartum de dois soldados tomando cerveja no café da manhã. Um dos soldados dizia para o outro:

“Cevada aguada certamente é melhor que ovos aguados!”

As sobrançelas de Pop estavam coladas. Olhava com raiva para o coronel.

– Não sei quanto tempo os obrigou a ficar em posição de sentido – disse Pop.
– Mas vou levar isso ao conhecimento do general quando ele voltar.

O coronel deu um sorriso que era quase uma careta.

– Cruzaremos essa ponte quando chegar o momento. Por ora estamos no meio de outra. Recebi um telefonema de um comandante da Marinha que me diz que um marinheiro morto foi encontrado no monte Moffett. Diz que o corpo foi encontrado por você, cabo. Eu jogo cartas com o homem e ele é preciso. Então, acredito nele.

Pop se sentou no banco do cartunista, o que ainda o deixava vários centímetros mais altos que eu ou o coronel.

– É verdade – respondeu Pop. Ele ainda franzia o cenho, mas a voz relaxara e retornara ao habitual tom relaxado, superior. – A seu pedido, o soldado e eu fomos procurar a águia morta que ele havia encontrado mais cedo. Mas aparentemente ela foi soprada para longe. Então começou um vendaval e nos abrigamos em uma velha cabana aleúte. Foi onde encontramos o infeliz marinheiro.

O coronel se virou para mim.

– Entendo que foi o marinheiro com o qual você lutou ontem.

– Sim, senhor – respondi. Eu me colocara em posição de sentido

automaticamente.

– O que aconteceu? – perguntou o coronel. – Ele tentou acertá-lo novamente? Ainda estava sorrindo no que acho que ele pensava ser um jeito paternal.

– Foi defesa própria, soldado?

Era como se um pingente de gelo tivesse sido enfiado na minha nuca e espinha abaixo.

– Senhor – disse. Não sei como consegui impedir que minha voz tremesse, mas consegui. – Ele estava morto quando o encontramos, senhor.

O sorriso paternal do coronel desapareceu.

– Tem certeza disso? Ou foi o que o cabo disse que você deveria me contar?

Pop estava fitando o coronel por entre cílios semicerrados. E tinha seu próprio pequeno sorriso. Mas era um sorriso soturno e deliberado.

– Filho da puta – xingou.

O coronel se virou para Pop com fúria súbita. Seu rosto rosado ficou escarlate.

– Não estava falando com você, cabo! – cortou. – Quando precisar de um fracassado bêbado e doente que não escreve um livro há dez anos você será o primeiro a saber. Mas no momento conseguirei minhas respostas com o soldado.

Pop anuiu.

– Claro que sim. Ele é só um garoto e não tem um general de brigada no seu *corner*. Então você irá usá-lo da forma que o tem usado desde Attu. O que aconteceu lá, aliás?

– Nós vencemos – respondeu o coronel. – Não graças a tipos como você.

Pop ergueu as mãos.

– Nunca disse o contrário, na época eu estava no continente, tendo meus dentes arrancados, cortesia do Tio Sam.

O coronel se aproximou de Pop e por um segundo pensei que iria estapeá-lo.

– Você não passa de um cretino comunista pretensioso e privilegiado – rosnou o coronel. – O general pode não ver isso, mas eu vejo. Já li as matérias bajuladoras que você publica sobre as vitórias comunistas. Você poderia muito bem estar lutando ao lado dos japas.

Pop arregalou os olhos.

– Coronel, percebo agora que sua postura em relação a mim é inteiramente culpa minha. Retrospectivamente, desejaria ter aceitado seu convite para jantar. Contudo, em minha defesa, na época eu vira uma amostra de seus textos. E era atroz.

O rosto do coronel ficou roxo. Ele ergueu a mão.

Então, em vez de dar um tapa em Pop, ele esticou a mão para a prancheta,

pegou o novo cartum e o rasgou em pedaços. Soltou os pedaços no chão aos pés de Pop.

– Chega de piadas no jornal sobre cerveja – disse. – Elas abalam a disciplina. Especialmente se foram desenhadas por um crioulo.

Ele então olhou para mim e sua cor começou a recuperar o tom rosado.

– Soldado – chamou, baixando a voz. – Eu e você temos de conversar. Infelizmente, já vou almoçar, depois terei de me reunir com vários capitães e majores. O restante de minha tarde está tomado, assim como a maior parte da minha noite. Então você deverá se apresentar ao meu escritório às nove da noite. Nem antes nem depois. Entendido?

– Sim, senhor – respondi.

O coronel anuiu secamente.

– Bom. Nesse ínterim, o estou confinando aos alojamentos. Se precisar comer, faça isso. Mas depois vá para sua cama e não converse com ninguém. E enquanto estiver lá, sugiro que pense bastante no que aconteceu hoje e no que irá me contar sobre isso. Se foi em defesa própria, posso ajudá-lo. Do contrário, você poderá ter problemas.

Ele olhou para Pop, depois novamente para mim.

– E mantenha-se longe do cabo.

– Sim, senhor – respondi.

O coronel apontou para a porta, então me virei e marchei para fora. Tive um vislumbre do ajudante do coronel e da equipe do jornal de pé apoiados na parede da Quonset, então desci a calçada até a Main Street. O vento batia em mim, e estremeci. Eu ainda tinha de devolver o jipe à garagem. Depois comer um pouco. Depois ir para a cama. Uma coisa de cada vez. Jipe, comida, cama; jipe, comida, cama.

O coronel parecia pensar que eu matara o homem da Marinha. E que Pop me aconselhara a mentir sobre isso.

Jipe, comida, cama.

Claro, Pop *havia* me aconselhado a mentir, mas não sobre aquilo. Porque não acontecera.

Ou acontecera? Será que eu poderia ter feito algo como aquilo e depois esquecido? Por que não? Eu já não tinha feito coisas tão ruins quanto?

Jipe, comida, cama.

Eu só tinha certeza de que o coronel odiava Pop, e que eu estava em problemas desde que encontrara a águia.

Jipe, comida, cama. Não estava funcionando.

Como eu gostaria de nunca ter visto a águia. Ou a *ulax*.
Como eu gostaria de nunca ter encontrado outro Cutthroat após Attu.
Como eu gostaria de ter permanecido em minha unidade de combate.
Como eu gostaria de nunca ter conhecido Pop.
Como eu gostaria de nunca ter sido mandado para as Aleutas, para começar.
Como eu gostaria de nunca ter socado aquele garoto rico de Omaha e de ter ficado em casa tempo suficiente para ajudar meu velho com a colheita.

X

Tive a cabana Quonset só para mim enquanto esperava que a tarde se arrastasse. Não sabia que serviço o restante dos meus colegas de alojamento estava fazendo, mas não importava. Teria gostado de encontrar com eles e fazer algum trabalho para não precisar pensar. Contudo, recebera ordens de não me ausentar.

Além da verdade, não sabia o que iria dizer ao coronel quando desse nove horas. Mesmo se contasse todos os detalhes, incluindo aqueles que Pop e eu havíamos concordado em não contar, ainda assim não seria a história que o coronel queria escutar. E, qualquer que fosse a história, eu sabia que não era inteligente o suficiente para descobrir.

Eu não comeria nada. Meu estômago era uma bola dura e faminta, e sabia que deveria ter comido. Mas estava bastante certo de que não teria conseguido manter nada dentro de mim.

Eu certamente tivera problemas antes. Mas na época era apenas um garoto húngaro idiota que se metera em uma briga, furtara um Hudson e insultara um juiz. Nada daquilo tinha me incomodado. Mas nada daquilo havia sido como isto.

Eu sequer estava certo do que “isto” era. Todavia conhecia aquele outro garoto, um garoto exatamente como eu, com a diferença de que era da Marinha e tivera o crânio esmagado. E o coronel achava que eu poderia ser o cara que fizera isso.

Tudo passou pela minha cabeça várias vezes e o nó no meu estômago ficava cada vez maior. Deitei no meu catre e fechei os olhos, porém não consegui dormir. Do lado de fora, o vento das Aleutas assoviava e gemia, e eventualmente um ratatá breve de chuva batia na lataria da Quonset. Com frequência ouvia aviões rugindo ao pousar e decolar do campo de pouso. Tentei adivinhar quais eram, já que os bombardeios a partir de Adak basicamente tinham terminado

assim que retomamos Attu e Kiska. Mas nunca havia sido bom em reconhecer um avião a partir do barulho do motor. Se um motor não estava em um trator ou um jipe eu ficava perdido.

– As primeiras impressões podem enganar – disse uma voz baixa e suave.

Abri os olhos. Pop estava sentado em um banco ao lado do meu catre. Encontrava-se curvado, com os cotovelos nos joelhos, as mãos cruzadas sob o queixo, os olhos escuros me fitando acima da armação dos óculos. Não o ouvira entrar.

– Como você sabia qual era meu alojamento? – perguntei.

Pop ignorou a pergunta. E continuou:

– Nesta mesma manhã, soldado, você pareceu um jovem durão. Um lutador calejado. Mas aqui estamos nós, menos de nove horas depois, e você jogado aí como um saco de areia. Derrotado. Vencido.

– Não significam a mesma coisa?

Pop me deu um sorriso dos seus.

– O que quero dizer é: você está engolindo essa mentira. Não parece alguém que ousou socar um garoto rico de Omaha.

Desviei os olhos dele e me virei para o metal frio da parede da Quonset.

– Estou obedecendo a ordens – disse. – E não deveria estar conversando com você.

Pop deu uma longa risada seca que terminou no ataque de tosse habitual.

– Obedecendo a ordens? – perguntou em meio à tosse. – Como você acha que se meteu neste dilema confuso de corte marcial para começo de conversa? Você obedeceu a ordens, foi assim. Logicamente, portanto, a única forma de você sair da situação atual é desafiar ordens, só desta vez. São apenas 18h30, e o tenente-coronel não irá procurar por você antes de nove horas. Você já perdeu mais de duas horas se lamuriando aqui, então sugiro que não perca mais nenhuma.

Eu me virei para encará-lo.

– O que deveria fazer? Minha única escolha é contar a ele tudo o que aconteceu, e ao inferno com nossa promessa ao Cutthroat. E é o que irei fazer.

Pop balançou a cabeça.

– Você não pode contar tudo a ele, porque você não sabe tudo.

– E você sabe?

– Não – respondeu Pop, levantando-se e apontando o polegar para a porta. – Mas sei um pouco, e vou descobrir o que falta. Está vendo? Diferentemente de você, passei as duas últimas horas fazendo algo. Meu trabalho é descobrir as notícias, e boa parte disso envolve fazer as pessoas falarem. Então, nas últimas

duas horas as pessoas estão falando muito comigo e meus rapazes. Mas agora os rapazes têm de trabalhar no jornal. E meu cartunista tem de desenhar um novo cartum, o que me deixou com disposição vingativa.

– Então consiga sua vingança – disse. – O que isso tem a ver comigo?

Pop se curvou e olhou feio.

– Também é sua vingança. E não acho que posso descobrir o restante do que preciso saber se você não estiver comigo.

Eu me apoiei nos cotovelos e ergui os olhos para ele. Era verdade que seguir ordens realmente não funcionara para mim. Mas não compreendia como fazer o que Pop dissesse funcionaria melhor.

– Você diz que já sabe um pouco. Então, me conte – pedi.

Pop hesitou. Então, se virou, foi até o outro lado da cabana e se sentou em um catre vazio.

– Sei que o tenente-coronel fez uma aposta na sua luta ontem – disse Pop. – Grande. E sei que seu adversário tinha reputação de ótimo pugilista. Havia vencido dezoito lutas, seis por nocaute. Quantas você venceu?

– Duas – respondi. – Ontem foi minha segunda luta. A primeira foi com o sujeito em cuja cama você está sentado. Foi decisão por pontos.

Pop apertou os olhos.

– Então qualquer aposta lógica ontem teria sido no homem da Marinha. E eu vi a luta, soldado. Ele estava vencendo. Até o terceiro assalto, quando baixou a esquerda. Como você me disse esta manhã, você aproveitou. Quem não aproveitaria?

Eu me sentei na beirada da cama. Além do nó no estômago, agora sentia a nuca latejando.

– Você está dizendo que foi arranjado – disse.

– Se eu estivesse apostando, diria que sim – confirmou Pop, me mandando esquecer com um gesto. – Mas deixe isso de lado. E pense em mais algumas coisas. Primeiro, sabemos que a *ulax* que encontramos era usada por homens da Marinha para atividades extraoficiais. O homem morto é da Marinha. E os garotos da Marinha com os quais falamos disseram que não sabiam de ninguém além de marinheiros se divertindo lá em cima. Afinal, eles controlam o acesso àquela parte da ilha. Mas o tenente-coronel mandou você lá em cima porque, como alegou, recebera relatos de conscritos do Exército se divertindo com enfermeiras lá. O que não combina com a versão da Marinha.

– Isso é estranho, acho – disse eu. – Mas não é algo que você tenha descoberto nas últimas duas horas.

Pop olhou para o chão e cruzou as mãos novamente.

– Não – comentou. Eu mal conseguia ouvi-lo acima do barulho constante do clima nas paredes da Quonset. – Eu descobri mais duas coisas esta tarde. Uma foi que o tenente-coronel logo estará na fila da promoção a coronel. Novamente. Após ter sido preterido pelo menos uma vez antes. E sei que ele quer muito essa promoção. Talvez o bastante para fazer qualquer coisa para consegui-la.

Pop ficou em silêncio e continuou olhando para o chão.

Eu me levantei. Minhas entranhas doíam e também minha cabeça, e eu achava que sabia a resposta à minha pergunta seguinte. Mas ainda assim tinha de fazê-la.

– Você disse que descobriu duas coisas. Qual é a segunda?

Pop ergueu os olhos para mim. Sua expressão era mais suave do que tinha sido o dia todo. Ele parecia gentil. Simpático. Eu quisera socá-lo antes, mas não tanto quanto naquele momento.

– Não é exatamente algo novo. É o que você já me contou. Ou quase me contou. Mas claro que sei a ordem que o tenente-coronel lhe deu em Attu.

Cerrei os punhos. Talvez acabasse acertando o velho. Talvez não parasse de acertá-lo por um bom tempo.

– Não vou dizer em voz alta se você não quiser – observou Pop.

Eu me virei e fui na direção da porta. Não sabia para onde iria, mas sabia que iria me afastar de Pop.

Ele me seguiu e me deteve com a mão no meu ombro, então me virei com um gancho de direita. Ele se inclinou para trás no instante certo e os nós dos meus dedos raspavam seu bigode.

– Jesus Cristo, filho! – exclamou Pop.

Agarrei os braços magros dele e o empurrei. Ele cambaleou para trás, mas não caiu.

– Era um japa – expliquei. Estava tremendo. – Ele estava tentando me matar menos de cinco minutos antes. E foi uma ordem. Uma ordem de um maldito coronel.

Pop respirou fundo, trêmulo, e ajeitou os óculos.

– Foi uma ordem – repeti.

Pop anuiu.

– Eu sei, e agora preciso que você me escute novamente. Está prestando atenção, soldado?

Olhei para ele com raiva.

– Então lá vai – continuou Pop. – Ninguém, e digo ninguém mesmo, nem seu

capelão, nem o general, nem ninguém em casa, e definitivamente nem eu, ninguém o condenaria pelo que fez. Se as circunstâncias fossem opostas, aquele japa teria feito o mesmo a você, e não teria esperado uma ordem.

Eu ainda podia vê-lo caído ali, o sangue manchando a fina camada de neve com um repentino carmim. Ele era pequeno como uma criança. Seu uniforme parecia roupa de brincar suja.

Ele era um japa. Mas estava no chão. Com as mãos amarradas às costas. Sua espada sumira.

Pop não tinha terminado.

– O problema não foi você ter seguido a ordem. O problema é que dos 3 mil japas que vocês combateram em Attu, fizemos apenas 28 prisioneiros. Não estou dizendo que matar o resto foi ruim. Mas prisioneiros podem ser valiosos. Especialmente se são oficiais. E um homem com uma espada devia ser um oficial. Então, alguém gostaria de perguntar a ele coisas como qual sua patente, quem é seu superior imediato, onde estão seus mapas, quais eram suas ordens, qual a força de sua tropa em Kiska e onde Yamamoto vai dar sua cagada matinal. Esse tipo de coisa.

Pop estava falando muito, novamente. Aquilo gastava meu cérebro. E o avião de Yamamoto havia sido derrubado um mês antes de atacarmos Attu. Mas pelo menos eu tinha alguma outra coisa em que pensar.

– Quer dizer que precisamos de um suprimento de japas? – perguntei.

Pop deu seu sorriso fino.

– Quero dizer que um tenente-coronel da Seção de Informações fez uma coisa idiota. Ele não deveria sequer estar perto da luta. Mas aquela carga banzai chegou assustadoramente perto. Então, por fúria ou medo, ele esqueceu seu trabalho e ordenou que você destruísse um patrimônio de informação militar. Esse é um ato que poderia afetar negativamente suas chances de promoção – explicou Pop, apontando para mim novamente. – Se por acaso alguém testemunhasse.

Esfreguei a nuca, tentando eliminar a dor na base do meu crânio.

– Não entendo como qualquer coisa que você acabou de falar possa dizer respeito ao que vimos hoje – disse a ele.

Pop então apontou para além de mim, para a porta.

– Por isso é preciso descobrir mais, e por isso preciso que você me ajude. Havia outro homem na montanha conosco esta manhã. E como você e ele estavam gelando e lutando em Attu enquanto eu estava em outra parte, acho que ele estaria mais disposto a dar respostas se você estiver presente.

Aquilo fazia algum sentido. O Cutthroat não gostara de mim, mas talvez me respeitasse mais que a Pop.

Contudo ainda havia uma coisa que eu sabia que Pop deixara de fora do seu discurso.

– E quanto à águia? – perguntei.

Pop mostrou os dentes falsos.

– Esse é o segredo – respondeu. – Por isso temos de falar com o batedor novamente. Lembra do que ele falou sobre magia e poder? Bem, ele também disse que contara aquelas mesmas histórias a oficiais em Attu.

Ele passou por mim na direção da porta.

– E então, você vem?

Eu me virei para ir com ele, porém hesitei.

– Espere um minuto – pedi, ainda tentando clarear a cabeça. – Está dizendo que o coronel acredita em magia esquimó?

Pop ergueu as mãos.

– Não tenho ideia. Mas mágica e religião são baseadas em símbolos, que podem ser muito poderosos. Eu sei que o tenente-coronel acredita nisso. Afinal, há um símbolo que ele quer muito para si.

Eu ainda estava confuso com a maior parte do que Pop dissera. Mas aquela parte eu entendi de repente.

Um coronel pleno era chamado de “coronel pássaro”.

Porque a insígnia de coronel era uma águia.

Eu fui com Pop.

XI

O hospital da 179ª Estação não era apenas um prédio. Era um complexo de cabanas Quonset e construções de madeira, e tinha até mesmo um bunker subterrâneo. Quando Olívia de Havilland fora visitar Adak em março, passara um dia inteiro lá visitando doentes e feridos. Havia algumas centenas de pacientes todos os dias.

Mas nós só precisávamos encontrar o Cutthroat. Então, esperei do lado de fora do prédio principal enquanto Pop entrou e persuadiu quem precisou persuadir para descobrir o que queria saber. Eu estava começando a me dar conta de que havia algumas coisas, mesmo no Exército, que estavam acima do posto.

Quando Pop saiu novamente, as mãos nos bolsos do casaco, inclinou a cabeça

e começou a ir para os fundos. Eu o segui até três cabanas Quonset atrás do prédio principal. Ele parou sob o telhado da porta da primeira cabana e olhou para um lado e outro enquanto eu me juntava a ele. Havia alguns conscritos andando por perto sem objetivo aparente. Talvez, pensei, estivessem apenas tentando parecer ocupados de modo a não serem enviados ao Pacífico Sul.

– Está vendo algum conhecido? – perguntou Pop. – Alguém que possa contar ao coronel que estamos aqui?

Tentei dar uma boa olhada. Mas a luz cinzenta habitual estava diminuindo com a chegada da noite, fazendo com que todos os soldados também parecessem cinzentos.

– Acho que não. Mas todos estão começando a me parecer iguais.

Pop me fitou irritado.

– Você soa como o batedor – disse. Ele se afastou, foi rapidamente para a Quonset do centro e ficou sob o telhado da porta. Então entrou na cabana sem bater.

O Cutthroat estava em um pequeno espaço aberto no centro da cabana, cercado por prateleiras abarrotadas de caixas e latas. Estava sentado na beirada de um catre sob uma única lâmpada pendurada no teto, curvado sobre um bule amassado de café em um fogão de campanha. O cheiro não era apenas de café, mas de refogado de carne velho, alga marinha e lama. Meu estômago, ainda com um nó, se revirou.

O Cutthroat ergueu os olhos, e seus cabelos escuros lisos brilharam.

– Rapazes – disse, sem parecer surpreso. – Trouxeram minhas cervejas?

Pop e eu entramos mais, e fechei a porta atrás de nós. Havia dois bancos dobráveis do nosso lado do fogão de campanha.

– Trarei suas cervejas amanhã – prometeu Pop, indo até o banco da direita e se sentando. – Enquanto isso, quero que saiba que tanto o soldado quanto eu estamos nos esforçando para cumprir nosso trato desta manhã. Não mencionamos sua presença no monte Moffett a mais ninguém.

– Acredito em você – disse o Cutthroat.

– Mas temos um problema – continuou Pop. – Então talvez não possamos manter isso por muito tempo. Há um tenente-coronel que está tentando usar a morte daquele homem da Marinha para tornar nossa vida um inferno.

O Cutthroat voltou os olhos para seu fogão.

– É, eu sei – disse ele, esfregando a coxa direita. – Maldição, minha perna está doendo esta noite. Melhor não escalar mais nenhuma montanha por algum tempo.

Eu me sentei no banco da esquerda. A fumaça da coisa fervendo no bule era intensa.

– O que quer dizer com sabe? – perguntei. – Como poderia saber?

O Cutthroat ergueu os olhos para mim.

– Porque eu não tinha certeza de que podia confiar em vocês, então os segui. Você não dirigiu rápido. Eu estava do lado de fora da parede dos fundos da cabana do jornal quando vocês levaram a dura. Não consegui ouvir tudo, mas entendi a maior parte. Ele armou para os dois. E reconheci a voz dele.

Pop ergueu as sobrancelhas.

– Você foi bem furtivo.

O Cutthroat bufou.

– Eu me enfiei em ninhos de metralhadora dos japas, e eles sabiam que eu estava indo. Um bando de soldados de escritório que não me espera não é um desafio.

– Ainda assim – disse Pop –, respeito um homem que sabe seguir tão bem. Especialmente se sou eu quem ele está seguindo.

O Cutthroat esticou a mão para uma prateleira atrás dele e pegou três xícaras de lata.

– Querem café antes de começar a me incomodar com mais perguntas?

– Aquilo é isso? – perguntei.

O Cutthroat me deu um olhar quase tão sinistro quanto o que me dera na *ulax*.

– Você precisa dar um jeito em seus malditos modos.

Pop e eu aceitamos as xícaras e o Cutthroat serviu um líquido grosso e preto nas duas. Era alguma outra coisa que me lembrava o que Pop tossira naquela manhã.

Depois o Cutthroat se serviu e colocou o bule novamente no fogão de campanha. Tomou um grande gole e sorriu.

– Isso é bom – disse. – Essa coisa o ajudará a pensar melhor.

Pop também tomou um gole e eu provei o meu. O gosto não era tão ruim quanto o cheiro, então bebi um pouco mais. Havia um traço de mato podre. Mas pelo menos era quente.

– Obrigado – agradeceu Pop, tomando um grande gole. – Mas agora vou incomodá-lo, como você suspeitou. Como reconheceu a voz do tenente-coronel?

O Cutthroat soprou sua caneca e o vapor subiu ao redor do seu rosto.

– Porque já havia ouvido antes. Em Attu ele era um dos imbecis que não prestaram atenção aos nossos relatórios de batedor. Mas adorava nossas histórias animadas. Aqui em Adak tenho dado a ele e a seus colegas oficiais álcool e café

enquanto jogam pôquer bem aqui nesta cabana. E quando ficam bêbados, querem que conte mais histórias. Como disse, vocês não se cansam daquela baboseira do bom selvagem.

– Entre esses colegas de pôquer está um comandante da Marinha? – perguntou Pop.

– Acho que é o que ele é – respondeu o Cutthroat. – Ele e o tenente-coronel armaram as lutas de boxe de ontem à noite. Fizeram uma aposta no confronto Exército-Marinha. – Ele apontou para mim. – O tenente-coronel apostou neste sujeito.

– Eu sei – disse Pop. – Um monte de dinheiro, certo?

O Cutthroat franziu o cenho e tomou um grande gole.

– Talvez houvesse apostas paralelas em dinheiro. Mas a aposta entre o tenente-coronel e o oficial da Marinha foi por outra coisa. Sabe, o cara da Marinha tem amigos e parentes em altos postos. Como a porra do Congresso. Então, se o pugilista do Exército vencesse, o comandante prometeu pedir a esses amigos para puxar as cordinhas e ajudar em uma promoção.

– E se o homem da Marinha vencesse? – perguntou Pop.

O Cutthroat sorriu e balançou a cabeça.

– Nesse caso o comandante iria jantar com você, cabo. Foi o que o tenente-coronel prometeu. Você deve ser famoso, rico ou algo assim. Mas tenho de dizer, me pareceu uma aposta desequilibrada.

Pop virou sua xícara e a colocou no chão. Pareceu cambalear no banco ao fazer isso.

– De fato, muito desequilibrada, já que eu não faria um favor ao tenente-coronel nem se minha vida dependesse disso.

Eu estava tomando o café quente e escutando, mas então falei.

– E quanto à água?

O Cutthroat me deu um olhar sereno.

– Ainda não sei nada sobre isso. Não tenho certeza. Mas ninguém nunca tem certeza de nada. Não importa a quem você pergunte ou o que descubra, você nunca saberá nada do que já tenha passado.

A única lâmpada começou a piscar. O nó no meu estômago diminuía, mas então me vi meio tonto. Eu sabia que deveria ter comido um pouco.

– Então, estou dando a vocês a oportunidade de saber tanto quanto o tenente-coronel – observou o Cutthroat. – Contei a ele a lenda que contei a vocês. E uma vez ele me perguntou sobre tirar poder de animais. Disse que na verdade não podia explicar, já que eu mesmo não entendia. Mas se ele fizesse uma jornada

espiritual ou tivesse uma visão, como alguns xamãs, poderia ter uma chance de saber todos os segredos que queria. Ele poderia morrer e renascer. Poderia ser esfaqueado e refeito. Poderia encontrar seu animal totêmico e receber sua força. Poderia ganhar o que desejasse. Poderia até mesmo ver toda a sua vida do nascimento até a morte – explicou o Cutthroat, dando de ombros. – Ou poderia enlouquecer. Ou apenas desmaiar e dormir. Tudo depende do indivíduo.

O Cutthroat se levantou do catre e se dividiu em cinco homens diante de mim.

– Aqui – disseram todos os cinco em uníssono. Estenderam a mão para Pop e agarraram seus antebraços. – Você fica com o catre. Minha mãe pegou essa receita com as mesmas pessoas que contaram a ela a história da águia, e sempre disse que a parte mais importante era deitar, cacete. Há uns cogumelos e outras merdas nisso e você não quer saber o que precisei fazer para misturar certo. Mas quase nunca mata alguém.

Os cinco Cutthroats colocaram Pop no catre, e Pop se enrolou de lado. Parecia um brinquedo feito de limpador de cachimbo vestido de verde-oliva com uma cabeça de algodão. Eu podia ver seus olhos por trás dos óculos, e eram como ovos cozidos.

Então, o Cutthroat se condensou em um homem novamente e se estendeu na minha direção.

– Você terá de ficar no chão – informou. – Mas você é mais jovem. É justo.

Enquanto ele me agarrava, vi minha xícara de café de lata cair de meus dedos anestesiados. Ela saiu revirando, e gotas marrons giraram e a cercaram. A xícara se transformou no sol.

A luz brilhante está bem acima dos meus olhos. Eu podia vê-la entre os dedos de Pop.

– É o melhor que posso fazer por você – anunciou a voz do Cutthroat. Eu não podia mais vê-lo. Ele estava longe. – Seu inimigo fez essa viagem antes de você. Mas talvez você esteja mais pronto para ela. Não digo que isso significa que irá derrotá-lo ou que irá entender o que ele fez. Mas pelo menos terá a mesma magia. Então é uma luta justa. Você é bem-vindo.

A terra sacudiu com um barulho ensurdecedor e as costas da mão de Pop caíram sobre minha testa.

Então, em clarões brilhantes, em uma cacofonia de vozes, barulho e música, eu comecei a ver tudo.

Tudo.

Comecei a ver o passado e o presente de todo lugar aonde estive, cada objeto que havia tocado, toda coisa que havia feito. Era como se eu fosse uma câmera

no céu, olhando para baixo e vendo tudo.

Então, enquanto o passado e o presente disparavam e rugiam ao meu redor, eu também vi o futuro. E não apenas o meu.

O de Pop também.

Meu conselho. Nunca veja o futuro.

Não o de alguém.

Estou em minha trincheira quando os japoneses fazem sua investida. Tenho de pegar meu capacete, minha arma. Quando consigo sair da trincheira, corro para trás, atirando enquanto eles vêm na minha direção. Alguns continuam vindo mesmo depois que os acerto. Um chega muito perto e lança uma granada de mão, tentando matar a nós dois. Mas ele tropeça e cai, seu corpo a cobre e eu fico bem. Então, à minha esquerda, vejo meu sargento receber um golpe de baioneta. Atiro em quem fez aquilo. Mais é tarde demais.

Um Pop mais jovem, os cabelos ainda não inteiramente brancos, está à máquina de escrever. Ela estala e chacoalha, e o sino toca repetidamente. Ele coloca uma página após a outra. Fuma um cigarro após o outro e vira duas garrafas de uísque, mas não para de datilografar. Ele faz isso trinta horas sem parar. Quando finalmente para, eu posso ver seus olhos. E sei que ele se esvaziou. Não restou nada.

O coronel aponta para o homenzinho no chão e grita comigo. Olho para o homenzinho e sei que é um japa que acabou de tentar me matar. Porém agora está deitado de barriga para baixo, as mãos atrás das costas. Ele mal parece um japa agora. O coronel aponta e grita, e grita de novo, cada vez mais alto. Eu coloco o cano do M1 na base do crânio do homenzinho e aperto o gatilho.

Pop, muito, muito mais jovem, está vestindo um uniforme e entrando em um hospital. Ele se dobra de tossir enquanto sobe os degraus. Uma enfermeira bonita se apressa e coloca o braço sobre seus ombros.

Eu estou muito, muito mais velho, sentado em um emaranhado de metal e plástico, um jovem está usando uma enorme ferramenta de aço para afastar o metal e abrir um buraco para mim. “O senhor ficará bem”, diz ele. “Vou tirá-lo.” Consigo tirar um pequeno retângulo plástico do bolso. Ele tem pequenos botões quadrados. Eu aperto os botões e ligo para minha filha. “Você está certa”, digo a ela. “Eu não deveria dirigir mais.”

O coronel está em pé acima da águia morta. Está segurando uma faca. O marinheiro que lutou comigo aparece no monte ao lado do abrigo, e o coronel vai até ele. “Você tem de confiar em mim para uma promissória”, diz ele. “Vai

demorar um pouco para eu receber meus ganhos. Mas você foi bem. E obrigado pelo pássaro.”

Pop, parecendo apenas um pouco mais velho, mas vestindo um belo terno, está saindo de um ônibus escoltado por guardas armados. Eles o levam para a prisão e o colocam sozinho em uma cela. Ele passa seis meses na prisão. Escreve muitas cartas. Mas todos os seus livros saem de catálogo. O dinheiro do rádio acaba. Quando eles o deixam sair, está mais doente que nunca e parece vinte anos mais velho. Está quebrado e vai morar em uma pequena cabana de propriedade de amigos.

“Acho que não tenho escolha”, diz o marinheiro. “Mas sei que posso confiar no senhor. Ainda consigo o encontro com a enfermeira? A loura que limpou meu rosto e disse que eu era bonito para um marinheiro?”

Estou de pé no altar com meu irmão mais novo ao meu lado, olhando para o final do corredor quando o órgão de tubos começa a tocar e todas as pessoas dos dois lados do corredor se levantam. Uma mulher deslumbrante de branco aparece de braços dados com um homem mais velho, e eles caminham na minha direção, sorrindo. Não consigo esperar que eles cheguem para descobrir o nome dela.

“Você ainda tem o encontro”, diz o coronel, estendendo uma pena de águia dobrada. “Mostre isso a ela quando chegar. Está escuro lá embaixo e ela precisa saber que é você. Chegará daqui a pouco. Desça e espere.”

O pesado homem suado com cabelos gordurosos como vermes se inclina para a frente e olha para baixo de seu púlpito alto e comprido. “Gostaria de perguntar”, diz ele em voz gutural, “o sr. Budenz está dizendo a verdade quando nos disse que o senhor era comunista?” Então Pop também se inclina para a frente, na direção dos microfones na mesa onde o obrigaram a sentar, e diz: “Recuso-me a responder com base em que uma resposta poderia me incriminar.” Ele está fora da cadeia, e está pobre. Mas eles não o deixam em paz. Eles não o deixam pelo menos tentar escrever.

O marinheiro desce para o abrigo e o coronel se afasta para longe da águia. Outro marinheiro se aproxima. “Ele está lá dentro”, diz o coronel, apontando para o abrigo, atrás. “Onde vocês se divertem. Ele entregou a luta. Ele perdeu o seu dinheiro.”

Estou segurando um bebê. Os olhos dela parecem os meus. “Como isso foi acontecer?”, penso. “Como finalmente tivemos uma menina após todos esses anos? Depois de todas as coisas ruins que eu fiz, como minha vida acabou sendo tão boa?”

O segundo marinheiro para e olha para a águia. “Não se preocupe com isso”, diz o coronel. “É só um pássaro morto. Não é da sua conta. Vá falar com seu amigo. Ele entregou a luta.”

Na cama do hospital, Pop abre os olhos e vê a mulher. Houve dezenas de mulheres. Até mesmo uma esposa. Mas essa é ela. A única, realmente. Ela está inclinada sobre ele.

No abrigo, os dois marinheiros discutem. “Você nos vendeu”, acusa o segundo marinheiro. O primeiro responde: “Não, vou dividir o lucro. Ainda não tenho nenhum. Mas vou, Joe, calma. Joe, não”.

Minha filha bate palmas na primeira vez em que eu vou à caixa de correio e volto sem muletas. “Você é um pássaro velho durão”, diz ela. “Sim”, eu digo. “Sim, eu sou. Adivinhe que tipo de pássaro velho durão. Eu tenho sua pena em meu quarto. Já mostrei a você?”

A mulher curvada sobre Pop é ao mesmo tempo simples e bonita. Esse paradoxo foi a primeira coisa que o atraiu nela. E depois sua mente assustadoramente penetrante o manteve ali. Mais de trinta anos. Ela é sua melhor amiga, foi muitas vezes sua amante, sempre sua salvadora. Mas ele também foi para ela, então foi justo. Ela parece muito assustada. Por quê? Pop pensa, e sabe. Isso também o deixa assustado. E com raiva. Ele tem 66. Não é suficientemente velho para isso, é?

Os dois marinheiros brigam. O primeiro acerta o segundo com um soco no maxilar, mas o segundo o empurra para a pequena câmara atrás da pilha de grama e ossos. Ele o derruba e depois bate com sua cabeça. Faz isso novamente.

Pop fica assustado e com raiva por apenas um momento. Então afunda para longe, para um algodão negro quente, e só consegue ouvir os soluços da mulher de longe, bem longe. “Está tudo bem, Lilishka”, ele tenta dizer. “Está tudo bem.”

Meus pequenos neto e neta saem correndo e jogam os braços ao redor das minhas pernas, e eu derrubo a correspondência. Então ergo os olhos para minha filha na varanda e peço que chame sua mãe para me ajudar. Mas ela franze o cenho e diz: “Papai, não se lembra?”

“Eu, não.” Então ela começa a me contar.

Então, Pop está dando tapas em meu rosto, com força, para a frente e para trás nas duas bochechas.

– É o suficiente – disse ele. – É mais que suficiente, maldição. Levante-se. Levante-se imediatamente agora, soldado.

Ele agarrou meu colarinho e tentou me colocar de pé, mas não era forte o bastante. Então me deixou cair novamente. Minha cabeça bateu no piso de compensado e ele começou a me estapear novamente. A luz pendurada acima de nós brilhava ao redor de sua cabeleira branca desgrenhada como uma auréola.

Eu quase retornei às visões, mas Pop não parava de me bater. Finalmente saí do limbo o suficiente para agarrar seu pulso direito com minha mão esquerda. Meu punho direito cerrou.

– Bata novamente em mim, velho – ameacei, arrastando as palavras. – Bata novamente em mim e acabo com você.

Pop se sentou na beirada do catre e passou a mão pelos cabelos.

– Tudo bem – disse ele. – Gostaria de ver isso. Você tentou me acertar antes e só senti uma brisa fresca. Estou começando a pensar que você não é capaz de acertar ninguém que não tenha sido pago para dar um mergulho.

Eu me esforcei para ficar de joelhos, tentei levantar até os pés e caí em um dos bancos. Ele inclinou, mas Pop esticou a mão e agarrou minha manga, impedindo-me de cair.

Eu não disse obrigado. Estava furioso com ele por me bater. Minhas bochechas ardiam.

Pop soltou minha manga e depois sacudiu a cabeça como se tentasse clareá-la.

– Aquele deve ter sido o pior café que já tomei – disse ele.

Minha cabeça estava confusa e Pop entrava e saía de foco. Mas eu estava novamente na cabana de suprimentos do hospital. Estava aqui e agora. Olhei ao redor do aposento em busca do Cutthroat e não o vi em parte alguma.

– Ele já tinha ido embora quando acordei – comentou Pop, antecipando minha pergunta. – Então, ouvi você falando com pessoas que obviamente ainda não haviam nascido; aí, decidi que o que quer que estivesse experimentando, seria melhor não experimentar mais. Você é jovem demais para obrigações familiares.

Comecei a sentir menos raiva de Pop enquanto olhava para ele e me lembrava do que acabara de ver. Sua mão estivera tocando minha testa e eu vira tudo sobre ele.

Incluindo sua morte.

– Você... teve alucinações? – perguntei.

Pop olhou para seu relógio de pulso e levantou.

– Ambos sabemos que foram mais que alucinações. E acredito que eu e você vimos e ouvimos as mesmas coisas, até o ponto em que saí de cena. Mas são 18h30 e eu tenho de mijar como um puro sangue. Depois preciso ir até Navytown e perguntar sobre um certo comandante. Entendo que ele é um admirador meu. Você está bem para ir sozinho para sua cama, ou para a missa, ou para onde precisar ir?

Eu também me levantei, mas estava me sentindo consideravelmente mais tonto do que Pop parecia estar.

– Por que você não está abalado? – perguntei. – Se você tivesse visto algo como o que eu vi, estaria abalado.

Pop deu o seu sorriso fino.

– Eu vi muitas coisas, soldado. E todas elas me abalaram, mesmo quando não envolveram magia aleúte. Mas o segredo é se dar conta de que é tudo assim. Tudo é magia, tudo é insano. Então você compreende o pouco que pode, e se vale do álcool para o restante – disse, apontando para a porta. – E agora realmente tenho de ir.

– Tem certeza de que não quer que eu vá com você, Pop? – perguntei. – Não gosto da ideia de você lidando com aqueles capangas da Marinha sozinho. E não preciso estar no escritório do coronel antes de nove horas.

Eu realmente queria ficar com ele para manter minha cabeça longe daquele encontro. Ainda não tinha ideia do que iria dizer ao coronel. O que poderia contar a ele? Que tivera uma visão do que ele fizera? Duvidava que isso funcionasse bem com ele. Ou com uma corte marcial.

Pop balançou a cabeça.

– Não, soldado, não quero você comigo desta vez. Francamente, você não se dá tão bem com o pessoal da Marinha quanto eu. Mas enquanto eu estiver fora, gostaria que fizesse duas coisas por mim.

– O que quiser – respondi. – Manda.

Pop ergueu um indicador.

– Um. Não vá ao escritório do tenente-coronel às nove horas. Sei que ele ordenou que estivesse lá. Mas, mais uma vez, pergunte a si mesmo como as ordens dele funcionaram com você até agora. Fique em seu alojamento ou se esconda em algum lugar. De qualquer forma, com sorte estarei de volta antes de nove horas. E cuidarei de tudo isso.

Ele passou por mim e foi na direção da porta.

– Como, Pop? – perguntei. – Como você vai fazer isso? Não temos prova de nada. Só o que temos são alucinações.

Pop parou junto à porta e olhou para mim, atrás.

– Sem ofensa, soldado, mas isso é tudo o que você tem. Eu planejo retornar com consideravelmente mais.

Ele se virou e abriu a porta.

– Espere – pedi. – Você disse que queria que eu fizesse duas coisas, qual é a segunda?

Ele ergueu dois dedos e respondeu sem olhar para trás.

– Não me chame de Pop.

E a porta se fechou atrás dele.

Eu saí um momento depois e descobri que um denso nevoeiro das Aleutas descera. O vento, para variar, parara.

Olhei para além da terceira cabana de depósito. Mas com o nevoeiro e a luz fraca, só tive um vislumbre da forma fina e escura de Pop antes que ele desaparecesse.

XIII

Meu esquadrão havia retornado à nossa Quonset quando eu voltei, e fui comer com eles. Dois tentaram me provocar, perguntando que tipo de trabalho mole eu fizera naquele dia, mas sequer olhei pra eles. Em pouco tempo eles entenderam e me deixaram em paz.

Eu me obriguei a comer. Não me lembro do que era. Algum tipo de comida cinza de Adak que combinava com a névoa cinza de Adak lá fora. Eu não queria aquilo. Mas sabia que tinha de colocar alguma coisa no meu estômago caso não quisesse desmaiar. Não comera nada desde o sanduíche de apresuntado mais de doze horas antes. Além disso, queria algo para absorver o que restasse da gosma preta do Cutthroat. O que quer que fosse.

O pelotão inteiro tinha a noite de folga, significando que minha cabana estaria cheia de conversas e jogos de cartas. Eu não queria ter de suportar nada daquilo, então saí depois do rancho e me arrastei pela Main Street na direção norte, para o campo de pouso, sentido oposto de Navytown. Pop deixara claro que não me queria por perto. Então eu não queria ficar tentado a procurar por ele.

Sequer o conhecia antes daquela manhã, mas agora ele parecia o único amigo que tinha na ilha inteira. Eu havia considerado meu velho sargento um amigo, mas ele morrera em Attu. O mais perto que chegara de alguém desde então havia sido o pobre cara da Marinha na luta de boxe do Quatro de Julho. Mas

aparentemente não havia sido uma relação honesta.

De alguma forma, fui na direção leste até o litoral pedregoso da baía de Kuluk. A água cor de ferro encrespada se estendia além da névoa, e um vento gelado soprava e anestesiava meu rosto. Não havia sequer navios à vista, já que estavam todos ancorados ao sul, em Sweeper Cove. Assim, tinha a sensação de que me encontrava sozinho na beirada do mundo, e que tudo o que tinha de fazer era dar um passo dentro da água escura e fria para ser engolido, congelado e seguro.

Conferi meu relógio de pulso, que meu velho me dera quando partira para o treinamento básico. Era um relógio vagabundo e atrasava quase 15 minutos por dia. Naquele instante marcava 20h36, significando que a hora verdadeira era cerca de nove minutos antes das nove horas; que era quando o coronel ordenara que eu estivesse em seu escritório. Uma ordem que Pop dissera que eu deveria desobedecer.

Pensei nisso.

Então, comecei a retornar pelo caminho que viera, atravessando a lama o mais rápido que podia. Talvez Pop estivesse certo e eu fosse um obstáculo à promoção do coronel. Talvez fosse me culpar pela morte do marinheiro. Talvez fosse me mandar para a corte marcial. Ou talvez estivesse tentando apenas me assustar para que ficasse de boca calada, não importando o que qualquer outro me perguntasse.

Não importava. O que quer que fosse me acontecer agora, eu não iria contar com Pop para me livrar. Vira que ele teria seus próprios problemas em pouco tempo.

E sabia que minha vida ficaria bem. Eu também vira isso. Não vira todos os dias ou todos os detalhes. E sabia que também haveria tempos difíceis. Mas no geral eu me sairia melhor que o que a maioria das pessoas. Melhor do que merecia.

Seria melhor que aquilo que esperava por Pop, pelo menos.

Quando cheguei à pequena construção de madeira que abrigava o escritório e os aposentos do coronel, tive de parar e olhar desde o outro lado da rua. A beirada do telhado alto tinha uma fileira de corvos, imóveis, com exceção de algumas batidas de asa agourentas. Normalmente estariam dando rasantes e guinchando acima da minha cabeça; mas naquele momento estavam pousados no telhado do coronel, em silêncio. Devia haver uns cinquenta deles.

Alguns conscritos que caminhavam por ali olharam e um deles fez um comentário acerca “daqueles pássaros esquisitos”. Mas, exceto por isso, a Main Street estava quase vazia. E isso também era esquisito.

Atravessei o barro, subi os degraus de madeira e limpei os pés no carpete no alto. O tempo real era quase exatamente nove horas. Bati na porta e esperei que o ajudante do coronel me deixasse entrar.

Em vez disso, como se de uma grande distância, ouvi a voz do coronel dizer em um tom monótono rascante:

– Entre.

Abri a porta e entrei. A primeira sala pequena era o vestíbulo do ajudante do coronel. A luminária na escrivaninha estava acesa, mas o ajudante não estava lá. Além da escrivaninha, a porta do escritório do coronel estava entreaberta. Fui até lá e hesitei.

Atrás da porta, o coronel falou novamente.

– Mande entrar.

Abri a porta apenas o necessário e entrei no escritório do coronel. A sala era pequena e simples, e tomada por arquivos. A escrivaninha do coronel ficava bem no centro, com a luz do teto iluminando uma pequena pilha de papéis entre as mãos do capitão. Seu bibico, com a folha de carvalho de prata reluzindo, encontrava-se alisado cuidadosamente ao lado dos papéis. O rosto do coronel estava principalmente na sombra, com apenas a ponta do nariz brilhando à luz.

Avancei rapidamente até 30 cm da escrivaninha, na frente e ao centro, bati continência e fiquei em posição de sentido. Era a mesma coisa que havia feito todas as vezes que fora convocado até ali.

– Obrigado por vir, soldado – disse o coronel.

Eu quase ri. Ele nunca antes havia me agradecido por comparecer. Mas agradecera quase como se fôssemos iguais e eu lhe tivesse feito um favor. Agradecera como se eu não estivesse lá por causa de uma ordem direta envolvendo uma ameaça.

– Sim, senhor – respondi. – O prazer é todo meu.

Mantive meus olhos fixos em um ponto invisível logo acima da cabeça dele. Mas ainda assim podia ver tudo o que fazia.

O coronel tocou o alto da pequena pilha de papéis com as pontas dos dedos e empurrou a folha de cima por sobre a mesa na minha direção.

– Não perca seu tempo nem o meu, soldado – disse o coronel. – Esta é uma declaração de que esta manhã, 5 de julho de 1944, você ajudou seu amigo cabo em uma aventura ébria durante a qual matou uma águia careca americana e depois por negligência contribuiu para a morte acidental de um marinheiro da Marinha. Deve assinar no pé. Garanto pessoalmente que não cumprirá mais de um ano em uma detenção no continente, depois do que será dispensado sem

honras.

Ele colocou uma caneta-tinteiro sobre a folha de papel.

Sequer tentei pensar. Apenas permaneci em posição de sentido com os braços rígidos ao lado do corpo e meus olhos fixos no ponto invisível acima da cabeça dele.

– Senhor – me ouvi dizendo –, eu me recuso a assinar tal declaração com base em que assiná-la pode fazer com que me incrimine.

Eu ouvira palavras parecidas com aquelas apenas algumas horas antes. Mas ainda faltavam alguns anos para que elas fossem ditas.

O coronel rosnou. Ele pegou a caneta, empurrou a folha de papel seguinte e colocou a caneta sobre ela.

– Muito bem – disse. – A declaração seguinte é de que você não estava embriagado, contudo teve uma alteração com o marinheiro e cometeu homicídio culposo. E o cabo testemunhou.

– Senhor – me ouvi dizendo novamente –, eu me recuso a assinar tal declaração com base em que assiná-la pode fazer com que me incrimine.

O coronel se levantou, colocou as mãos na escrivaninha e se inclinou para a frente sob a luz como um juiz de Nebraska. Meus olhos se fixaram no alto de sua cabeça. Ele tinha o mesmo cabelo oleoso parecido a vermes que o homem no alto púlpito comprido em minha visão.

– Filho, é melhor prestar bastante atenção – rosnou o coronel, empurrando as três páginas restantes sobre as duas primeiras. – Tenho aqui cinco confissões, cada uma com uma versão ligeiramente diferente do que você e o cabo fizeram. Você pode assinar qualquer uma delas. As consequências variam dependendo de qual você escolher. Mas se você não escolher uma, eu escolherei por você. E você não gostará disso. Nem gostará do que acontecerá a você quando meu ajudante e eu jurarmos que testemunhamos as consequências de seus crimes, bem como sua assinatura.

Ouvi cada palavra que ele disse e sabia o que cada uma significava.

Mas o que disse em resposta foi:

– Senhor, eu me recuso a assinar com base...

Então, ouvi o som inconfundível de um percussor sendo puxado e meus olhos deixaram de se fixar no alto da cabeça do coronel. Baixei os olhos e vi sua automática .45 de serviço em sua mão. Apontava para minha barriga.

– Vou colocar de outra forma, soldado – afirmou. Seu sotaque do Texas se transformou em uma fala arrastada satisfeita. – Você pode assinar um destes papéis ou eu posso dizer ao juiz que você ficou furioso quando o confrontei com

provas. Posso dizer a ele que você atacou um oficial muito superior, especificamente eu mesmo, e que o oficial foi, portanto, compelido a se defender.

Olhei para o cano da .45 pelo que pareceu um tempo bastante longo. Então desviei os olhos novamente para um ponto acima e atrás da cabeça do coronel.

Talvez eu afinal não tivesse visto o futuro. Talvez aquilo fosse o futuro, ali mesmo. E talvez isso fosse justo.

Talvez isso me deixasse limpo novamente.

– Senhor – disse. – Eu me recuso a assinar. O senhor já sabe por quê.

O coronel deu um grunhido de desgosto.

– É uma péssima escolha, filho. Mas se é assim que você quer...

Outro percussor foi armado.

Este atrás de mim. Foi seguido por uma tosse grossa, seca, tuberculosa. Mas essa só durou um segundo.

Então ouvi aquela voz suave e sofisticada.

– Por falar em péssimas escolhas – disse Pop.

Baixei os olhos novamente para o coronel. Os olhos dele estavam arregalados e seu rosto se retorcia com uma mistura de fúria e medo.

Mas o medo venceu. Ele colocou o polegar esquerdo na frente do percussor da .45, soltou-o lentamente e pousou a pistola sobre a pilha de confissões.

– Adorável – comentou Pop, aparecendo à minha direita. Ele segurava uma garrafa de Johnnie Walker Red com a mão livre. Deus sabe onde ele a conseguira. – Agora, vamos tomar um drinque.

XIV

Pop sequer olhou para mim. Manteve os olhos no coronel, dando a ele o mesmo sorriso fino que eu vira o dia inteiro. Tinha um revólver .38 na mão direita e a garrafa de Johnnie Walker na esquerda.

– Você pode se sentar – disse ao coronel. – Mas ficaremos de pé.

O coronel se sentou. Olhou para Pop, acima, com uma contrafação do sorriso fino de Pop. Era um esgar repulsivo.

– Um cabo comunista apontando uma arma para um tenente-coronel – disse. – Isso não vai acabar bem para você.

Pop colocou a garrafa de uísque ao lado da pilha de confissões.

– Nada acaba bem para ninguém – disse. Ele pegou a .45 e a jogou em uma

cesta de lixo metálica no chão ao lado da escrivaninha. – Você tem copos? Eu preferia não circular a garrafa.

O coronel apontou com a cabeça para além do meu ombro.

– Na última gaveta do arquivo ao lado da porta. Mas não toque no meu conhaque.

Os olhos de Pop não se desviaram dele.

– Soldado, faria a gentileza?

Recuei alguns passos, bati no arquivo e me agachei para abrir a gaveta. Havia dois copos baixos e uma garrafa de bebida de vidro bisotado. Peguei os copos, fechei a gaveta e levei os copos para a escrivaninha.

– Precisamos de três – disse Pop.

Coloquei os copos ao lado das confissões.

– Não vou beber – disse. Minha mãe também me pedira para evitar o álcool.

Pop continuou de olhos fixos no coronel, mas sorriu. De repente seus dentes falsos não pareciam tão ruins.

– Você é um jovem divertido, soldado – disse ele.

O coronel cruzou os braços.

– Nenhum de vocês terá muita diversão assim que meu ajudante voltar. Ambos estão ferrados.

Pop deu de ombros.

– Estamos ferrados de qualquer forma. Além disso, eu por acaso sei que seu ajudante está no cinema com uma enfermeira minha conhecida. Continuará lá por pelo menos mais uma hora. Acredito que o filme de hoje seja *O intrépido general Custer*. O que não é muito surpreendente, já que Olívia de Havilland tem sido muito popular aqui ultimamente. Embora a história do último combate de Custer talvez não seja a escolha mais adequada para uma plateia de conscritos.

O coronel olhou furioso.

– Se você atirar em mim, isso será ouvido. Haverá dezenas de homens correndo para este prédio antes que você passe pela porta.

Pop finalmente olhou para mim. Seus olhos brilhavam e ele riu alto.

– Dá para acreditar neste palhaço? Agora ele está preocupado com um tiro ser ouvido.

Pop se voltou novamente para a escrivaninha, esticou a mão esquerda e desatarraxou a tampa do uísque. Soltou a tampa, pegou a garrafa e serviu uma grande dose em cada copo. Um pouco da bebida respingou nas confissões.

– Não tenho intenção de atirar em você – informou ao coronel. – Só trouxe a

arma para que você não atirasse em nós.

Ele inclinou a cabeça na minha direção.

– Isso mesmo, soldado. Sabia que estaria aqui. Você mal me escutou o dia todo.

– Lamento – disse. – Você não é um oficial.

Pop baixou a garrafa e pegou um dos copos.

– Eu bebo a isso – disse, e virou a coisa toda em três goles. Então o pousou e o encheu novamente. – Melhor tomar o seu, senhor. Está ficando para trás – disse, dando profundo sarcasmo ao *senhor*.

O outro copo ficou onde estava, intocado, o líquido âmbar tremendo.

O coronel mostrou os dentes.

– Não bebo essa coisa.

Pop pegou seu copo novamente.

– Ah. Mas eu sei de uma coisa que você bebe. Você tomou uma pequena dose de algo preparado por um de nossos Alaska Scouts, não é mesmo? Mas o que você não sabia é que alguns homens suportam suas poções místicas, e alguns homens, não. Veja, para fazer uma viagem espiritual, você precisa de uma porra de uma alma para começar. Do contrário, você apenas sofre com delírios de grandeza. Especialmente se essa já for a sua tendência.

Ele virou seu segundo copo de Johnnie Walker.

O coronel se inclinou para a frente.

– Tome outro, cabo – disse, em uma voz que era quase um sibilo. – Realmente gostaria que tomasse.

Pop serviu outro.

– Ahn, Pop... – falei.

Pop pegou seu copo uma terceira vez.

– Leite materno, filho. E não me chame de “Pop”.

Enquanto Pop virava a bebida, o coronel se jogou de lado e para baixo, esticando a mão na direção da cesta de lixo. Mas Pop a chutou para longe com o lado do pé, ao mesmo tempo esvaziando o copo sem derramar uma gota. Ele se moveu descontraída e suavemente, como se rebatesse uma bola de pingue-pongue.

O coronel caiu de quatro. Pop se abaixou e colocou o cano do .38 na sua nuca.

– Parece familiar? – perguntou Pop.

O coronel deu um gemido.

– Bang – fez Pop. Depois se empertigou, pousou o copo e foi até o arquivo onde a cesta de lixo havia parado. Ele a pegou, levou de volta e a pousou no

canto do tampo da escrivaninha.

O coronel se colocou novamente na cadeira desajeitadamente. Seu rosto estava afogueado e suado.

– Se você não vai atirar em mim, o que quer?

Pop coçou o queixo com o cano do .38 antes de apontá-lo novamente para o coronel.

– Acho que só quero ver seu rosto enquanto conto o que acredito saber – respondeu Pop. – Quero ver o quão perto estou da verdade. E depois vou devolver esta arma ao comandante. Sujeito simpático, por sinal. Ele diz que você fede no pôquer.

O tom vermelho no rosto do coronel começou a desaparecer. Mas o suor pareceu aumentar. Seu cabelo que lembrava vermes caía em cachos molhados na frente dos olhos.

– Enquanto você estava bebendo e jogando cartas – explicou Pop, sacudindo o .38 como se fosse um indicador em um gesto de censura –, escutou histórias contadas por nosso amigo batedor, algumas das quais ele havia lhe contado antes, em Attu. E você decidiu que deveria experimentar pessoalmente um pouco do que ele tinha dito. Bem, tudo certo para ele. Por que deveria se importar com o que um branco idiota queria fazer consigo mesmo? Fora isso, você é tenente-coronel. Se ele o desafiasse, você poderia tirá-lo de sua cabana atrás do hospital e colocá-lo para trabalhar cavando latrinas.

“Então ele deu a você a magia, e você bebeu. Mas, como eu disse, você e magia não se acertaram. Então seu desconforto generalizado se tornou uma nojeira insana mais específica. E decidiu que estava cansado de esperar por aquela promoção prometida. Decidiu fazer algumas coisas para que isso acontecesse.

“Você iria matar o símbolo de poder que desejava, dessa forma tornando sua a força dele. E enquanto esperava por essa oportunidade, fez amizade com um comandante da Marinha com outro tipo de poder. O poder das relações políticas.

“Finalmente, você iria eliminar alguns obstáculos e marcar alguns pontos. E iria usar a águia morta e uma luta arranjada para conseguir isso. Iria armar para cima do soldado que poderia testemunhar sobre sua besteira apavorada em Attu. E iria armar para o sujo cabo marxista de fama injusta que esnobara você e seu talento – e que também poderia lhe causar problemas por causa de seu hábito de conversar com cada conscrito do campo. Incluindo marinheiros ocasionais.”

Pop esticou a mão livre, pegou as confissões e as jogou na cesta de lixo sobre a .45. Então apontou o .38 para o peito do coronel.

– Há cópias carbono? – perguntou Pop. – Diga a verdade agora. Eu fui um Pinkerton.

O coronel, pálido e transpirando, balançou a cabeça.

Pop pegou o copo de uísque intocado do coronel e o virou na cesta de lixo.

– A única coisa que não consegui descobrir foi como você arranjou o momento e o assassinato – disse ele. – Sei como você fez com que seu marinheiro otário aparecesse na *ulax* esta manhã; dinheiro e sexo. Mas não sei como conseguiu fazer com que ele capturasse uma águia para você matar quase ao mesmo tempo. E não sei como podia ter certeza de que o segundo marinheiro, por mais furioso que estivesse por ter sido enganado, chegaria ao ponto de matar o pugilista.

Nesse momento o coronel, ainda pálido e suando, sorriu. Ele parecia feliz. Era a coisa mais assustadora que eu vira desde Attu.

– Eu vi o futuro – disse ele. Sua voz era grossa e soturna como lama vulcânica. – Foi assim.

Pop inclinou a cabeça.

– Ah. Bem, isso não teria feito sentido para mim ontem, mas já não é mais ontem – disse, enfiando a mão em um bolso do casaco e sacando seu Zippo. – Então você talvez também tenha visto isto.

Ele acendeu o Zippo e o jogou na cesta de lixo. Chamas azuis e amarelas subiram à metade da altura do teto, depois se acomodaram alguns centímetros acima da beirada da cesta, queimando constantemente.

– Vamos sair agora – disse Pop ao coronel. Ele pegou a tampa da garrafa e a recolocou no Johnnie Walker. – Você não nos irá incomodar mais. O soldado aqui não é mais seu escravo. E eu não tenho tempo nem estômago para ler seus contos.

Ele pegou a garrafa com a mão livre e recuou alguns passos na direção do vestibulo.

Hesitei, pensando em que talvez devesse apagar o fogo. Mas nem Pop nem o coronel pareciam preocupados com isso.

– Você não pode provar nada – disse o coronel. Sua voz era trêmula e furiosa. – Não tem nada que possa contar a alguém. Não pode fazer nada contra mim.

Pop parou, depois avançou novamente. Esticou a garrafa de uísque na minha direção. Eu a peguei.

Então, Pop desengatilhou o .38 e o deslizou para dentro do bolso direito do casaco. Ele se aproximou da escrivaninha novamente. Eu podia ver a luz das chamas dançando em seus óculos enquanto ele anuí para o coronel.

– Você está certo em parte – observou Pop. – Ninguém pode ir a uma corte

marcial e apresentar visões como evidências. Mas tenho algumas coisinhas que posso usar em outros contextos. Tenho um novo amigo na Marinha, um grande admirador de minha obra, que tem altas ligações. E dei a esse mesmo amigo o nome de um possível assassino. Um marinheiro chamado Joe. Não tive de dizer a ele por que ou como consegui esse nome. Minha reputação em questões de assassinatos, por mais ficcionais que possam ser esses assassinatos, pareceu suficientemente boa para ele.

“Agora, os investigadores navais podem não encontrar o Joe certo, e mesmo que encontrem, podem não conseguir provar o que Joe fez. Especialmente se ele for esperto o bastante para não confessar. Mas o Joe em questão é um pouco esquentado. Então, como aqueles rapazes da Marinha estarão interrogando todo marinheiro em Adak chamado Joe, é possível que um Joe raivoso revele que uma das lutas de boxe de ontem foi armada. E pode contar a eles quem mais sabe disso, e quem ele viu junto àquele pássaro morto esta manhã. E então aqueles rapazes da Marinha talvez venham conversar com alguns de seus colegas do Exército. Não acha?

O coronel começou a se levantar da cadeira novamente.

– Maldito comuna repulsivo... – começou.

Rápido como um ataque de cobra, Pop enfiou a mão no bolso direito do casaco e tirou a pena de águia dobrada. Ele a esticou por sobre a mesa e segurou a menos de 3 cm do nariz do coronel. E disse:

– Você. Não irá. Nos. Sacanear. Novamente.

Depois, Pop esticou a mão esquerda para a escrivaninha e pegou o bibico do coronel. Ele o jogou na cesta de lixo.

As chamadas aumentaram e algo dentro da cesta guinchou.

O queixo do coronel caiu. Seus olhos se arregalaram e olharam para o fogo sem piscar. Ele parecia uma estátua de cera. Ou um cadáver com *rigor mortis*.

Pop se virou e recolocou a pena no bolso. Então olhou para mim e apontou com a cabeça para a porta. Eu me virei e saí com ele.

Mas Pop olhou para o coronel uma última vez.

– Por falar nisso; se você alguma vez pensou em pedir transferência, este seria um excelente momento. Pelo que entendo, MacArthur quer voltar às Filipinas da pior forma. E estou certo de que ele poderia gostar da ajuda.

Então saímos. A névoa ainda era densa, mas conseguíamos ver para onde estávamos indo. Mesmo tão tarde, havia um sol brilhando em algum ponto além do véu cinzento. Era verão nas Aleutas.

Olhei para trás e vi que os corvos haviam partido.

XV

As luzes queimavam forte nas janelas da cabana de *The Adakian* quando Pop e eu subimos a colina. Estavam reluzindo através da névoa em fachos dourados. E à medida que nos aproximamos, eu podia ouvir o barulho metálico de máquinas de escrever e o murmúrio constante de vozes. A equipe de Pop estava trabalhando duro na edição de 6 de julho.

– Lamento que seu cartunista tenha de refazer o cartum – disse, enquanto subíamos os últimos 12 m.

Pop tossiu.

– Ele ficou chateado. Mas, aqui entre nós, não era o seu melhor trabalho. Suspeito de que ele tenha feito um melhor. Perdas injustas podem ser inspiradoras.

Quando chegamos ao telhado da porta, uma figura saiu de debaixo dele. Era o Cutthroat. Nem Pop nem eu nos assustamos.

– Por que demoraram tanto? – perguntou o Cutthroat. – O barraco do capitão não fica longe. Já estou aqui há cinco minutos. Achei que vocês poderiam estar mortos ou algo assim.

Pop e eu nos entreolhamos.

–Você estava escutando do lado de fora novamente, não é? – perguntei.

Ele olhou para mim como se eu fosse um idiota.

– O que acha? Eu queria saber o que iriam fazer. Não foi o que eu esperava, mas acho que tudo bem. Talvez tivesse sido melhor se você fosse em frente e atirasse nele – comentou, coçando o queixo. – Tem certeza que ele vai deixar vocês em paz? Mais importante, ele vai *me* deixar em paz?

– Suspeito de que não tenha escolha – respondeu Pop. – Veja, eu já pedi a meu novo camarada na Marinha para conversar com seus amigos em altos postos sobre uma transferência para o tenente-coronel. Então, peça ele ou não, uma logo será sugerida a ele. Supondo que ele não se veja em Dutch antes que isso aconteça. Pois quando o general voltar eu poderei ter uma conversinha com ele também.

O Cutthroat deu uma risada de desprezo.

– Você é um péssimo cabo.

– Isso eu sou – disse Pop. – E você faz a pior xícara de café que já tomei. Da próxima vez eu mesmo faço.

Mas o Cutthroat já estava descendo a calçada.

– Deixe minhas seis cervejas na frente da minha cabana – pediu. Ele brilhou

sob os fachos dourados de luz que saíam de *The Adakian* por algum tempo e então desapareceu.

Pop se virou para mim.

– Gentil de sua parte caminhar de volta comigo, soldado. Mas desnecessário. Posso parecer um velho frágil. No entanto, a despeito de meus cabelos brancos e de meus pulmões arrasados pela tuberculose, eu consigo me virar, não é mesmo?

– Sim, senhor – respondi.

– Jesus Cristo – disse Pop, apontando para mim com a garrafa de Johnnie Walker. – O que eu disse a você sobre “senhor” e conscritos?

Estendi a mão.

– Bem, estou absolutamente certo de que não vou bater continência.

Ele apertou minha mão rapidamente. Seu aperto era mais forte do que parecia ser.

– Foi um dia longo e muito interessante, soldado. E eu sinceramente espero, seu húngaro idiota, só encontrá-lo de passagem a partir de agora. Sem ofensa.

– Nenhuma.

Ele se virou para entrar.

– Boa noite, soldado.

Mas eu não podia deixar que terminasse assim.

– Aquele rapaz da Marinha está morto – soltei. – Foi culpa do coronel, e vamos deixá-lo se livrar dessa.

Pop parou sob o telhado.

– Talvez – disse, olhando para mim. – Mas algumas vezes o máximo que você pode fazer é ferir seu inimigo... E então deixá-lo escapar.

– Foi o que aconteceu? – perguntei. – Foi o que significou quando você mostrou a pena a ele?

Pop ergueu os olhos para o céu e sorriu com aqueles dentes ruins.

– Aquilo não significou algo para mim. Mas significou algo para *ele* – explicou, conferindo o relógio de pulso. – E agora realmente tenho um jornal para fechar. Mais alguma pergunta boba?

Havia uma.

– Como você consegue fazer isso? – perguntei.

Pop franziu o cenho.

– Como consigo fazer o quê?

Todo o caminho de volta do escritório do coronel eu estava lutando com as palavras na minha cabeça. Eu não era bom com palavras. E Pop já achava que eu era idiota. Então sei que não iria dizer do jeito certo. Mas tinha de tentar.

– Como você consegue voltar ao que fazia antes? Como consegue fazer alguma coisa agora que... – disse, cerrando o punho, como se pudesse arrancar da neblina o que queria dizer. – Agora que sabe o que acontece?

Os ombros de Pop murcharam e seus olhos se desviaram dos meus por um instante.

Mas apenas um instante.

Então seus ombros se ergueram e seus olhos encontraram os meus novamente. Estavam ferozes.

– Porque eu *ainda* não estou morto – disse, e se virou. – Nem você.

Ele abriu a porta com as palavras *The Adakian* gravadas. Ergueu a garrafa de uísque e um rugido de vozes o saudou. Então, a porta se fechou e o longo dia terminou.

Comecei a descer a calçada. Pensei que poderia voltar para a baía e apenas olhar para a água a noite toda. Provavelmente sentiria um frio desgraçado sem um casaco, mesmo em julho. Mas desde que não houvesse um vendaval, eu sobreviveria.

Pela manhã, durante o rancho, diria ao meu líder de esquadrão que era todo dele.

Epílogo

Houve agitação durante os dias seguintes com o assassinato na Marinha e acabei ouvindo que haviam prendido um marinheiro chamado Joe. Mas ninguém nunca me interrogou e eu jamais soube o que fizeram com ele. E não tentei descobrir.

Só vi o Cutthroat mais uma vez, a distância, apenas alguns dias depois do 5 de julho. Estava subindo a bordo de um navio no cais de Sweeper Cove. Não parecia estar se esgueirando. Então acho que provavelmente retornou a Fort Richardson e terminou a guerra com os Alaska Scouts. Mas não sei.

O tenente-coronel deixou Adak menos de duas semanas depois disso. Não ouvi dizer para onde foi enviado. Porém alguns anos depois do dia da vitória sobre os japoneses minha curiosidade foi mais forte e fiz algumas perguntas. Soube que havia ido para as Filipinas e morrido no começo da Batalha de Leyte em outubro de 1944. Um camicase atingira seu navio e ele queimara até a morte. Jamais recebeu sua promoção.

Nunca mais falei com Pop. Eu o vi durante todo o restante de julho e o começo de agosto, porque era difícil não vê-lo. Até passei por ele na Main Street algumas vezes. Uma vez ele acenou para mim, e fiz o mesmo.

Aquilo foi tudo o que se passou entre nós até Pop ser transferido para o continente. Todos soubemos o que estava acontecendo, já que ele era a celebridade do campo e houve muita discussão sobre se era uma coisa boa ou ruim que ele partisse. Mas ninguém parecia saber exatamente quando isso aconteceria.

Então, certa noite de agosto, voltei ao meu catre depois de um longo dia trabalhando em uma nova pista de pouso no aeródromo. E havia um envelope de papel pardo sobre o meu travesseiro. Encontrei dentro dele a pena de água dobrada e um bilhete datilografado:

JOGANDO O LIXO FORA. ACHEI QUE PODERIA QUERER ISTO.
VOCÊ ME DEVE UM ZIPPO.

P.S.: QUANDO SE VANGLORAR PARA OS FILHOS POR TER ME
CONHECIDO, NÃO ME CHAME DE “POP”.

D.H.

Não atendi ao pedido dele.

Já no final da guerra ouvi dizer que Pop havia sido promovido a sargento e transferido de volta para Adak no final de 1945. Mas eu já partira. Havia sido mandado para o Sul para retornar à minha antiga unidade de combate e treinar para uma invasão do arquipélago japonês.

Então veio a Bomba, e eu estava em Nebraska no Natal.

Agora, um velho, eu tiro a pena de águia dobrada do seu envelope todo dia 5 de julho. Mas só por um minuto.

Minha vida foi boa, porém não teve muitas surpresas. Vi a maior parte dela acontecendo há muito tempo.

Mas, então, Pop me acordou a tapas. Ele me acordou a tapas e me impediu de ver o fim.

Sempre fui grato a ele por isso.

Não sei se ele era comunista. Não sei se ele subverteu a Constituição, apoiou tiranos, mentiu ao Congresso ou fez qualquer das outras coisas que disseram que ele fizera.

Mas sei que ele vestiu o uniforme de seu país em duas guerras mundiais. E sei que está enterrado em Arlingtom.

Mais uma coisa.

Apenas hoje, décadas após ter visto aquele exemplar de capa dura no catre de outro cara...

Eu finalmente terminei de ler *O falcão maltês*.

E quer saber? Gostaria de poder dizer a Pop: É bom para cacete.

Créditos

Copyright © 2011 “Morte por Dahlia” by Charlaine Harris, Inc.

Copyright © 2011 “A sombra que sangra” by Joe R. Lansdale.

Copyright © 2011 “Coração faminto” by Simon R. Green.

Copyright © 2011 “Estige e pedras” by Steven Saylor.

Copyright © 2011 “Dor e sofrimento” by S. M. Stirling.

Copyright © 2011 “Sempre a mesma velha história” by Carrie Vaughn, LLC.

Copyright © 2011 “A dama grita” by Conn Iggulden.

Copyright © 2011 “Hellbender” by Laurie R. King.

Copyright © 2011 “Ladrões de sombra” by Glen Cook.

Copyright © 2011 “Sem mistério, sem milagre” by Melinda M. Snodgrass.

Copyright © 2011 “A diferença entre um enigma e um mistério” by M. L. N. Hanover.

Copyright © 2011 “O curioso caso de Deodand” by Lisa Tuttle.

Copyright © 2011 “Lorde John e a peste de zumbis” by Diana Gabaldon.

Copyright © 2011 “Cuidado com a cobra” by John Maddox Roberts.

Copyright © 2011 “De vermelho, com pérolas” by Hurog, Inc.

Copyright © 2011 “A águia de Adak” by Bradley Denton.